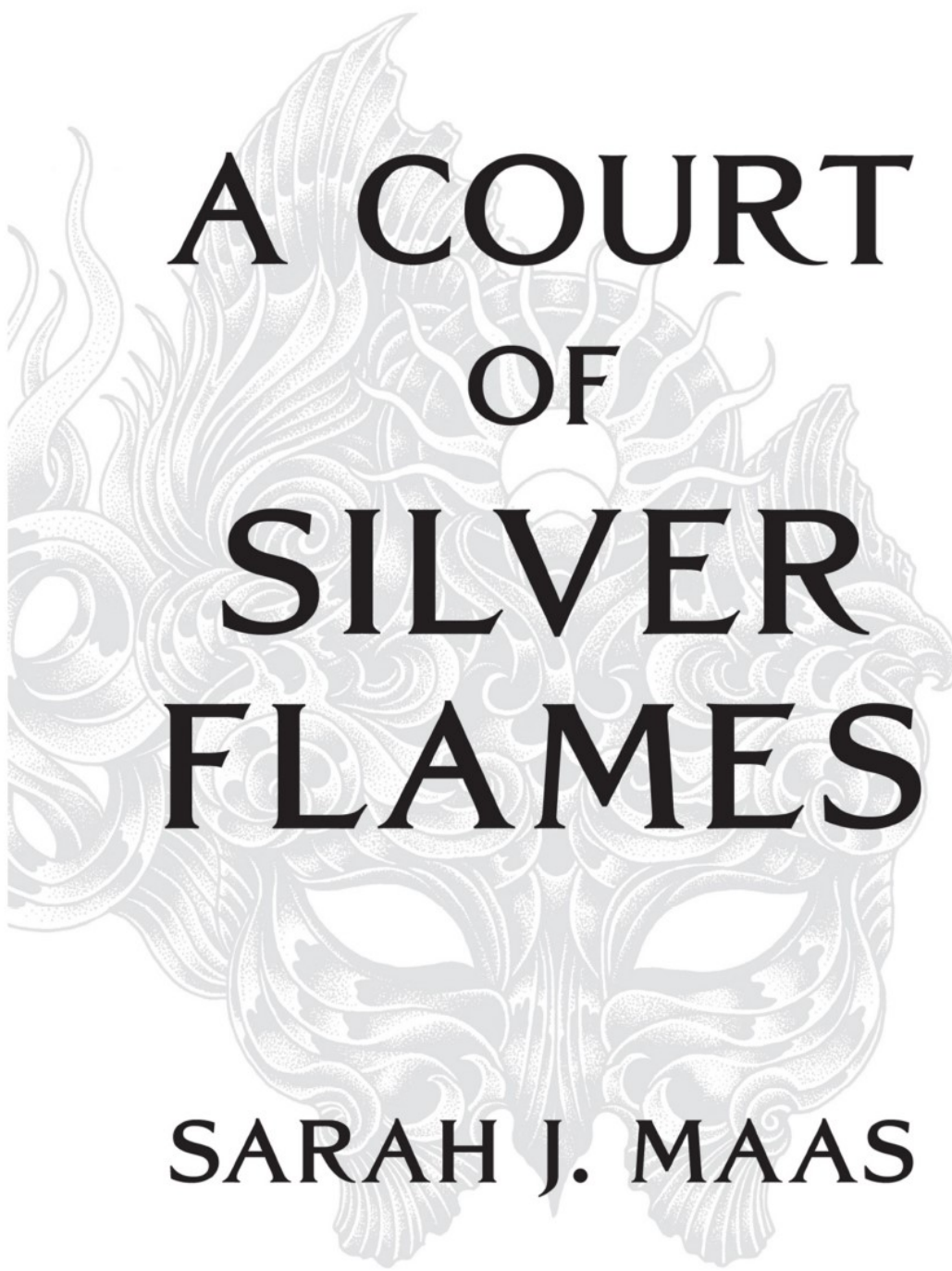


A COURT OF SILVER FLAMES

SARAH J. MAAS

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

BLOOMSBURY



A COURT OF SILVER FLAMES

SARAH J. MAAS

BLOOMSBURY PUBLISHING
LONDON • OXFORD • NEW YORK • NEW DELHI • SYDNEY

BOOKS BY SARAH J. MAAS

THE COURT OF THORNS AND ROSES SERIES

A Court of Thorns and Roses

A Court of Mist and Fury

A Court of Wings and Ruin

A Court of Frost and Starlight

A Court of Silver Flames



A Court of Thorns and Roses Coloring Book



THE CRESCENT CITY SERIES

House of Earth and Blood



THE THRONE OF GLASS SERIES

The Assassin's Blade

Throne of Glass

Crown of Midnight

Heir of Fire

Queen of Shadows

Empire of Storms

Tower of Dawn

Kingdom of Ash



The Throne of Glass Coloring Book



Sinopse

Nestha Archeron não é o que se chamaria de uma pessoa fácil: orgulhosa de quem se tornou, tem um temperamento implacável, pouca paciência. E desde que ela foi forçada a entrar no Caldeirão, tornando-se feérica contra sua vontade, tentou de tudo para se afastar de sua irmã e da Corte Noturna para encontrar um lugar para si em um mundo até então desconhecido, em que é obrigada a viver. O pior é que ela não parece não ter superado o horror da guerra com Hybern, ela certamente não se esqueceu de tudo o que perdeu por sua causa.

Para tornar sua situação ainda mais complicada, Cassian parece ter uma predisposição natural para fazê-la perder o controle. Toda oportunidade é boa para provocá-la, ao mesmo tempo, deixando mais evidente a natureza do laço ardente entre os dois, que apesar de não ser bem-vinda, unindo-os.

Enquanto isso, as quatro rainhas traiçoeiras, as quais durante a última guerra se refugiaram no continente, fizeram uma nova e perigosa aliança, que será uma grave ameaça à paz estabelecida entre os reinos. E a chave para evitar essa ameaça pode estar na capacidade de Cassian e Nestha em confrontar seus passados de uma vez por todas.

Em um mundo marcado pela guerra e atormentado pela incerteza, os dois feéricos tentaram se reconciliar com seu passado, tentando enfrentar os seus próprios monstros pessoais, e com a certeza de encontrar, um no outro, alguém que os aceite como são e que possa ajudá-los a aliviar seus sofrimentos e ajudá-los a curar todas as feridas.

A CORTE DE CHAMAS PRATEADAS

Para cada Nestha aqui fora,

escale a montanha.

E para Josh, Taran e Annie,

que são a razão pela qual

eu continuo escalando a minha.

Prólogo

A água negra que batia em seus calcanhares era fria.

Não foi o aperto do frio do inverno ou a ferroadada causada pelo gelo sólido, porém, algo mais forte. Mais profundo.

Era o frio do vazio entre as estrelas, o frio de um mundo antes da luz.

O frio do inferno, do verdadeiro inferno, ela entendeu enquanto tentava se opor às fortes mãos tentando empurrá-la para o Caldeirão.

O verdadeiro inferno, porque foi Elain quem estava deitada no chão de pedra com um macho feérico ruivo e de um olho só, pairando sobre ela. E porque eram orelhas pontudas aquelas que apareciam pela massa encharcada de cabelo castanho-dourado de sua irmã e um esplendor imortal irradiava pela pele clara de Elain.

O verdadeiro inferno, pior do que a mais profunda escuridão, abria-se a alguns centímetros de seus pés.

— Empurrem-na para baixo. — Ordenou o Rei feérico de semblante gélido.

E o som daquela voz, a voz do homem o qual tinha feito tudo isso à Elain...

Ela sabia que entraria no Caldeirão. Ela sabia que perderia aquela batalha.

Ela sabia que ninguém viria para salvá-la: nem Feyre que estava em prantos, nem o seu ex-amante traumatizado, nem seu atual parceiro, completamente devastado. Nem Cassian, quebrado e sangrando no chão. O guerreiro ainda estava tentando se levantar com os braços trêmulos. Para alcançá-la.

Foi o rei de Hybern quem fez tudo isso. Para Elain. Para Cassian. E para ela.

A água congelada mordeu a sola de seus pés. Foi um beijo envenenado, uma morte tão definitiva que fez seu corpo rugir em uma tentativa de resisti-la. Ela entraria no Caldeirão, mas não sem lutar. A água apertou seus tornozelos como mãos fantasmas, puxando-a para baixo. Ela se desvencilhou, libertando-se do braço do guarda que a mantinha parada.

E Nestha Archeron apontou. Um dedo... para o rei de Hybern. Uma promessa de morte. Um alvo do qual não iria se esquecer.

Mãos a empurraram entre as garras ansiosas daquele líquido. Nestha riu do medo que cintilou nos olhos do rei pouco antes da água devorá-la inteiramente.

No início

e no final

havia escuridão

e nada mais.

Ela não sentiu o frio enquanto afundava naquele mar de escuridão sem fundo, sem horizonte ou superfície. Em vez disso, ela sentiu uma queimação.

A imortalidade não era uma juventude serena.

Era ouro puro em suas veias, o qual queimou seu sangue humano até que permaneceu apenas vapor e forjou seus ossos quebradiços até que se tornaram aço.

E quando abriu a boca para gritar, quando a dor a partiu em dois, ela não estava lá, não havia som. Não havia nada naquele lugar além de escuridão e agonia e poder...

Eles pagariam por isso. Todos. Começando com aquele Caldeirão. Começando *imediatamente*.

Ela se virou na escuridão com suas unhas e dentes. E o rasgou. Dividiu-o. E o reduziu em pedaços. E a escura eternidade que a rodeava estremeceu. Resistiu. Debateu-se.

Ela riu quando a viu se afastar. Riu daquele pouco de poder que ela havia rasgado e engolido inteiramente; riu do punhado de eternidade que empurrou para o coração e para as veias.

O Caldeirão se mexeu como um pássaro sob as garras de um gato. Recusava-se a ceder. Tudo que ele lhe roubou, e de Elain, ela iria recuperar.

Envolvidos naquela eternidade negra, Nestha e o Caldeirão se entrelaçaram, brilhando na escuridão como uma estrela recém-nascida.

Parte Um

NOVATA

1

Cassian ergueu o punho em direção à porta verde na fraca luz do corredor, esperando.

Havia matado mais inimigos do que poderia se recordar, havia lutado em inúmeros campos de batalha com sangue até os joelhos sem nunca parar de avançar, havia feito escolhas que custaram a vida de muitos bons guerreiros, fora um general, um simples soldado, um assassino e, ainda assim... ali estava ele abaixando o punho.

Hesitando.

O edifício ao lado direito do rio Sidra precisava ser repintado. E de novos pisos, pelo tanto que estavam rangendo sob suas botas enquanto ele subia os dois lances de escadas. Apesar de tudo, o lugar estava limpo. Era repugnante para os padrões de Velaris, mas considerando que a cidade não tinha favelas, não significava muita coisa. Tinha visto e morado em lugares piores.

Nunca havia entendido por que Nestha insistia em morar ali. Presumia o motivo pelo qual Nestha não queria morar na Casa de Vento, era muito longe, e ela não podia voar nem atravessar. O que significava subir e descer todas as vezes dez mil degraus. Mas por que viver naquele lugar decadente se a casa da cidade estava livre? Desde a finalização da construção da grande mansão de Feyre e Rhys ao lado do rio, a casa da cidade estava liberada para qualquer amigo que quisesse ou precisasse. E, de fato, ele sabia que Feyre tinha oferecido um quarto para Nestha e ela havia recusado.

Ele franziu a testa para a pintura descascada na porta. Nenhum som saía pela fenda claramente perceptível que separava a porta do piso e que era tão

grande que até o mais gordo dos ratos poderia passar sem problemas; tampouco exalava qualquer perfume fresco pelo corredor estreito.

Se tivesse sorte, talvez ela estivesse fora, talvez estivesse dormindo embaixo de algum balcão do bar da noite passada. Mas se bem que neste caso seria pior, pois ele seria obrigado a ir até lá buscá-la.

Cassian ergueu novamente o punho, o carmim do seu sifão refletindo nas antigas luzes que estavam fixadas no teto.

— Covarde. Tenha bolas.

Cassian bateu uma vez. Duas.

Silêncio.

Cassian quase deu um suspiro de alívio. Graças à Mãe.

Passos rápidos e decididos soaram pela porta. Um mais furioso que o anterior.

Ele abaixou as asas, endireitou a coluna, e separou os pés. A tradicional postura de batalha aperfeiçoada por séculos de treinamento, já memorizada pelos seus músculos. Ele não queria pensar no motivo pelo qual o seu corpo o levava a se comportar assim.

O modo seco em que ela destrancou as quatro fechaduras poderia muito bem ser um tambor de guerra.

Cassian revisou a lista mental do que deveria dizer, e o modo em que Feyre havia sugerido dizê-la.

A porta se abriu, a maçaneta girando com fúria extrema, como se fosse o seu pescoço estivesse nas mãos, pensou Cassian.

Nestha Archeron estava visivelmente furiosa, mas pelo menos estava ali. Ela não parecia muito bem.

— O que você quer? — Ela perguntou, abrindo somente uma fresta da porta.

Quando foi a última vez que ele a tinha visto? Fora no final da festa de verão, naquele barco em Sidra, no mês anterior? Ela não parecia tão mal. Contudo, certamente passar uma noite se afogando em vinho e em licor nunca deixou ninguém com boa aparência no dia seguinte. Especialmente para...

— São 7 horas da manhã. — disse, examinando-o com aqueles olhos azuis acinzentados, que sempre o faziam amolecer.

Estava usando uma camisa de um macho. Pior, estava só com a camisa do macho.

Cassian se apoiou contra o batente da porta e lhe lançou um sorriso que sabia que a enfureceria. — Noite movimentada?

Ano movimentado, para ser sincero. O seu lindo rosto estava muito mais magro e pálido do que antes da guerra contra Hybern, lábios sem sangue e os olhos... frios e penetrantes, como uma manhã no inverno nas montanhas.

Sem alegria, sem riso nesse lugar. E muito menos nela.

A fêmea começou a fechar a porta com a mão.

Cassian enfiou a bota na fenda antes que ela quebrasse seus dedos. Uma onda de decepção surgiu nos olhos de Nestha.

— Feyre quer você em casa.

— Em qual? — ela perguntou, olhando para o pé de Cassian entre a porta — Eles têm cinco.

Ele evitou responder a ela. Aquilo não era um campo de batalha e eles não eram inimigos. Seu trabalho era escoltá-la até o local designado. E então torcer para que a graciosa casa para onde Feyre e Rhys acabaram de se mudar não fosse reduzida a escombros.

— A nova.

— E por que minha irmã não veio me buscar pessoalmente? — Cassian percebeu imediatamente o brilho de suspeita em seu olhar, o ligeiro endireitamento de suas costas. O instinto lhe disse para aceitar o desafio, empurrar e ver para onde eles iriam.

Desde o solstício de inverno, eles trocaram apenas algumas palavras. A maioria deles na festa no barco, um mês antes. Que foram:

— *Saia.*

— *Oi, Nes.*

— *Saia.*

— *Com prazer.*

Depois de meses, nos quais ele mal a tinha visto, eles não haviam dito mais nada. Ele não conseguia nem descobrir por que ela tinha aparecido na festa do barco, sabendo que ela ficaria presa no meio da água com eles por horas.

Provavelmente sua rara aparição foi devido a Amren e o pouco de influência que a mulher ainda exercia sobre ela.

No entanto, ao final da noite, Nestha estava na primeira fila para descer do veículo, seus braços apertados contra o peito, enquanto Amren, na outra extremidade da embarcação, refletia sobre o ocorrido em um evidente estado de raiva e nojo.

Ninguém perguntou o que havia acontecido entre elas, nem mesmo Feyre. O barco atracou e Nestha se foi; desde então ninguém mais havia falado com ela. Até aquele momento. Até aquela conversa que deveria ser a mais longa desde os dias das batalhas contra Hybern.

— Feyre é Grã-Senhora. Ela está muito ocupada governando a Corte Noturna.

Nestha inclinou a cabeça e seu cabelo castanho dourado caiu sobre seu ombro ossudo. Se fosse outra pessoa, esse movimento teria uma aparência contemplativa. Mas nela teve o efeito de aviso de um predador examinando sua presa.

— E minha irmã. — acrescentou ela com aquela voz monótona da qual se recusava a demonstrar qualquer tipo de emoção. — Julga necessária minha *presença imediata*?

— Ela sabia que você precisaria se limpar e queria lhe dar um pouco de tempo para isso. Você é esperada por volta das nove.

Ele esperava que ela explodisse depois de fazer as contas. Seus olhos ficaram em chamas.

— Eu pareço alguém que precisa de *duas horas* para ficar apresentável?

Cassian aceitou o convite para observá-la: longas pernas nuas, quadris curvos, a cintura delgada — realmente muito fina — os seios fartos e convidativos que faziam um estranho contraste com o novo formato de seu corpo.

Em qualquer outra mulher, aqueles seios magníficos o teriam impulsionado a cortejá-la instantaneamente. Porém, desde que ele conheceu Nestha, o fogo gélido de seus olhos representava uma tentação de um tipo muito diferente.

E agora que era uma Grã-Feérica, com toda a sua tendência inata para territorialidade e agressividade — e suas atitudes deploráveis — Cassian a evitou o máximo possível. Principalmente com o que aconteceu durante e depois da guerra contra Hybern. Ela tinha sido muito clara sobre seus sentimentos em relação a ele.

— Parece-me que um pouco de comida, um bom banho e roupas de verdade poderiam te fazer bem. — ele respondeu finalmente.

Nestha revirou os olhos, mas seu dedo tocou a bainha de sua camisa.

— Coloque esse babaca para fora e tome um banho, vou pegar um pouco de chá para você. — acrescentou Cassian.

Ela franziu as sobrancelhas imperceptivelmente. Cassian lhe deu um sorriso irônico.

— Você acha que não consigo ouvi-lo tentando se vestir silenciosamente e sair pela janela?

Como se em resposta, um baque abafado veio da sala. Nestha praguejou.

— Estarei de volta em uma hora para ver como está. — Cassian usou um tom em suas palavras que os soldados nunca ousariam responder... havia um motivo pelo qual eram necessários sete Sifões para manter sua magia sob controle. Mas Nestha não voava em suas legiões, não lutou sob seu comando e, certamente, não parecia se lembrar de que ele era quinhentos anos mais velho que ela...

— Não se preocupe. Estarei lá na hora certa.

Ele se afastou do batente e deu alguns passos para trás no corredor, abrindo suas asas — Não foi isso que me pediram. Eu tenho que te acompanhar de porta em porta.

Nestha enrijeceu.

— Vá se empoleirar em uma lareira.

Cassian fez uma reverência sem tirar os olhos dela. Ela tinha ressurgido do Caldeirão com... dons. Dons consideráveis, dons sombrios. Embora ele não os tivesse visto ou sentido desde a batalha com Hybern, quando Amren danificou o Caldeirão e Feyre e Rhys o tinham concertado. Elain também não havia mais mostrado suas habilidades de vidência.

Contudo, se o poder de Nestha ainda fosse forte o suficiente para arrasar campos de batalha inteiros até o chão... Cassian foi inteligente o suficiente para não se mostrar vulnerável a outro predador. — Você quer leite ou limão no seu chá?

Ela bateu à porta na cara dele. E fechou uma a uma das quatro travas de fechadura duplas.

Assobiando e se perguntando se o coitado do apartamento estaria realmente fugindo pela janela — principalmente para escapar dela — Cassian caminhou pelo corredor escuro para conseguir algo para comer.

Ela precisaria de muito sustento naquele dia. Ainda mais depois que Nestha descobrisse o porquê de Feyre o tinha enviado para buscá-la.



Nestha Archeron não sabia o nome do macho em seu apartamento.

Ela tentou vasculhar em sua memória ainda embriagada pelo vinho, enquanto caminhava de volta para o quarto, evitando pilhas de livros e de roupas, e conseguiu lembrar de olhares inflamados na taverna, o encontro quente e úmido de suas bocas, suor escorrendo de sua pele enquanto ela o fodia até que o prazer e o álcool a fizeram se esquecer de tudo; e o nome não fora uma exceção.

Quando Nestha chegou ao quarto escuro e estreito, o homem já havia escalado a janela e Cassian certamente estava lá embaixo apreciando o espetáculo daquela saída patética. A sua cama estava uma bagunça, os lençóis meio caídos no chão de madeira rangendo e descolando e a janela aberta batendo contra a parede com as dobradiças soltas. O macho se virou para ela.

Ele era bonito, com a beleza típica da maioria dos machos feéricos. Um pouco magro demais para o seu gosto, um menino comparado com a enorme massa de músculos que estava a sua porta um momento antes. Ele estremeceu quando a viu entrar e sua expressão foi de medo a envergonhado quando percebeu o que ela estava vestindo. — Eu... Isso é...

Nestha tirou a camisa e ficou completamente nua. Os olhos do macho se arregalaram, mas o cheiro de seu medo ainda era muito forte... não medo

dela, mas do feérico que ouviu na porta da frente. Medo, porque ele acabara de se lembrar quem era a irmã de Nestha. E quem eram os amigos da sua irmã.

Como se isso pudesse ter alguma importância.

Qual seria o cheiro de seu medo se ele descobrisse que ela o tinha usado, que ela dormiu com ele para se salvar? Para se manter distante aquela escuridão que borbulhava desde que ela emergiu do Caldeirão? Sexo, música, álcool, ela descobriu que eles a ajudavam no último ano. Não de tudo, mas eles

impediam o poder de assumir o controle. No entanto, ela ainda conseguia senti-lo, sufocando o seu sangue, rastejando e agarrando seus ossos com força.

Ela jogou a camisa branca para ele. — Agora você pode usar a porta da frente.

O homem passou a camisa pela cabeça.

— Ele... ele ainda está... — seu olhar se fixou em seus seios, exposto ao frio da manhã; sua pele nua; a culminação de suas coxas.

— Até logo. — Nestha entrou no banheiro da sua suíte, enferrujada e cheia de rachaduras. Todavia, pelo menos tinha água quente.

Às vezes.

Feyre e Elain tentaram fazê-la se mudar. Mas ela não se importou com seus conselhos. Assim como ela não ligaria para o que seria dito a ela naquele dia.

Ela sabia muito bem que Feyre estava planejando dar a ela um bom sermão. Talvez fosse pelo fato de que, ontem à noite, ela havia assinado sua conta ultrajante na taverna com o nome da irmã.

Nestha fez uma careta e abriu a torneira do chuveiro. O metal era gélido ao toque, o tubo rangeu, a água espirrou e caiu na banheira manchada e cheia

de rachaduras.

Esta era sua casa. Nenhum servo, ninguém para controlá-la ou lhe dar olhares de julgamento para cada ação, nenhuma companhia, a menos que ela o convidasse. Ou a menos que algum guerreiro ousado e intrometido considerasse seu dever visitá-la.

Demorou cinco minutos para a água esquentar o suficiente para pensar em encher a banheira. Houve dias no ano passado em que nem mesmo se preocupou em esperar. Dias em que ela ficou imersa na água congelada sem sentir o frio, mas sim as profundezas escuras do Caldeirão que a devorou.

Rasgando dela sua humanidade, sua mortalidade e a transformando *nisso*.

Levou meses para conter o pânico que tomava conta de seu corpo e fazia os seus ossos tremerem com a ideia de estar submersa. Ela foi forçada a encará-lo. Tinha aprendido a se sentar na água congelada, tremendo com o corpo tomado pela náusea, seus dentes cerrados; contudo, ela se recusou a se mover até que seu corpo soubesse que ela estava em uma banheira e não no

Caldeirão, até que soubesse que estava em seu apartamento e não no castelo de pedra além do mar, estava viva e imortal. Mesmo que seu pai não estivesse.

Não, seu pai se tornou cinzas ao vento, sua existência nada mais do que uma lápide em uma colina fora da cidade. Pelo menos foi o que lhe fora dito pelas suas irmãs.

— *Eu te amei desde o primeiro momento em que te segurei em meus braços.*

— Ele lhe disse em seus últimos momentos juntos. — *Não se atreva a colocar suas mãos imundas na minha filha.* — Essas tinham sido as suas últimas palavras, direcionadas ao rei de Hybern. Contra aquele merda de rei.

Seu pai. O homem que nunca lutou por suas filhas, exceto no fim. Quando chegou para salvá-las, para salvar os humanos e os feéricos, claro, mas especialmente suas filhas. Ela.

Uma perda enorme e sem sentido.

Dentro dela fluía uma força obscura e tenebrosa, todavia, não fora o suficiente. Não para evitar que o rei de Hybern quebrasse o seu pescoço.

Ela havia odiado o pai, odiado profundamente, e, ainda assim, ele, por alguma razão inexplicável, havia a amado. Não o suficiente para salvar as filhas da fome e da miséria. Mas o suficiente para levantar um exército no continente.

E partir para a batalha em um navio ao qual ele deu seu nome.

Nestha ainda odiava seu pai nos seus últimos minutos. E depois, quando o rei quebrou o seu pescoço - mas seus olhos ao morrer não estavam cheios de medo, mas sim daquele amor insano por ela.

Isso que seu olhar disse. E o ressentimento no coração de Nestha enquanto o pai morria por ela foi tão responsável por devorá-la como o poder que carregava dentro de si, tomando sua cabeça até que nenhum banho gelado teve mais sucesso em afastá-lo.

Ela poderia tê-lo salvado.

Foi culpa do rei de Hybern. Ela sabia. Mas também dela. Assim como foi sua culpa Elain ter sido capturada pelo Caldeirão, depois que Nestha percebeu a sua arte de ler o futuro; culpa dela que o rei de Hybern tivesse feito coisas terríveis para caçá-la como um cervo.

Houve dias em que puro medo e pânico paralisaram o corpo de Nestha, que ela não conseguia respirar. Nada poderia impedir que aquele poder tremendo ficasse cada vez mais forte dentro dela. Nada além da música naquelas tabernas, os jogos de cartas com aqueles estranhos, as inúmeras garrafas de vinho e sexo, que a fizeram sentir nada além de lhe oferecer um momento de paz daquele rugido incessante dentro de si.

Nestha terminou de lavar o suor e outras memórias da noite anterior. O sexo não tinha sido ruim, já havia tido melhores, mas definitivamente piores. Até

a imortalidade não era suficiente para alguns homens dominarem totalmente a arte do quarto.

Então ela aprendeu sozinha o que gostava. E depois pediu o tônico anticoncepcional, a ser tomado uma vez por mês, para o dono da mercearia local e levou o primeiro macho para casa. Ele não sabia que seu hímen estava intacto até ver os lençóis manchados. Seu rosto se contraiu de nojo e depois com medo de que ela reclamasse com a irmã sobre uma primeira vez insatisfatória. Ou relatasse isso a seu insuportável parceiro. Nestha não se preocupou em dizer a ele que ela fazia tudo para evitar ambos. E especialmente ele. Naquela época, do outro lado, Rhysand parecia feliz em fazer o mesmo.

Depois da guerra com Hybern, Rhysand lhe ofereceu vários empregos. Posições em sua corte. As quais ela recusou. Eram ofertas compassivas, tentativas modestas de envolvê-la na vida de Feyre, de lhe dar um compromisso gratificante. Contudo, o Grão-Senhor nunca gostou dela. Suas conversas eram educadas, mas, na melhor das hipóteses, frias.

Nestha nunca disse a ele que as razões pelas quais ela o odiava eram as mesmas que a levavam a viver ali. A tomar banhos frios em alguns dias. A esquecer de comer nos outros. Ela não aguentava os estalos e crepitações da lareira. E se afogava em vinho, música e prazer todas as noites. Cada maldita coisa que Rhysand pensava sobre ela era verdade. E ela sabia disso muito antes de ele aparecer pela primeira vez na sua velha casa.

Qualquer oferta que Rhysand fez a ela foi feita apenas por Feyre. Melhor passar o tempo como ela mais gostava. Eles continuariam bancando-a de qualquer maneira.

A batida na porta fez todo o apartamento tremer.

Ela olhou para a antessala, considerando a possibilidade de fingir que já havia partido, mas Cassian sem dúvidas a sentia, podia sentir seu cheiro. E se ele quebrasse a porta, o que provavelmente faria, Nestha não teria ganhado nada além da dor de cabeça de explicar o que aconteceu ao seu avarento senhorio.

Então ela colocou o vestido que havia jogado no chão na noite anterior e abriu as quatro fechaduras novamente. Ela as instalara no dia em que chegara.

Fechá-las todas as noites era quase um ritual. Mesmo enquanto o homem estava lá e sua mente estava nublada com vinho, Nestha sempre lembrava de fechá-las.

Como se isso bastasse para manter os monstros do mundo à distância.

Nestha abriu a porta apenas o suficiente para ver o sorriso atrevido de Cassian e a deixou entreaberta enquanto se afastava para pegar os sapatos.

Cassian foi atrás dela com uma xícara de chá na mão, provavelmente emprestada da loja da esquina. Ou talvez recebido de presente, dada a tendência das pessoas de beijarem o chão por onde caminhava com suas botas enlameadas. Ele sempre foi adorado naquela cidade, muito antes do conflito com Hybern. Seu heroísmo e sacrifício — feitos e realizados no campo de batalha — ganharam ainda mais respeito após o fim da guerra.

Nestha não julgava seus admiradores. Ela experimentou o puro prazer e terror de vê-lo lutar nos campos de batalha. Ela ainda acordava envolta em suor por aquelas memórias: como ela ficou sem fôlego enquanto ele lutava cercado por inimigos; e a sensação de quando o poder do Caldeirão se dissipou e ela soube que cairia exatamente onde o exército deles era mais forte, sobre ele.

Nestha não foi capaz de fazer nada para salvar os mil Illyrianos que caíram depois que ela salvou Cassian. Ela estava tentando apagar aquela memória.

Cassian deu uma olhada ao redor do apartamento e soltou um assobio.

— Você contratou alguém para limpar... não?

Nestha examinou a pequena sala de estar, um sofá carmesim meio quebrado, uma lareira de tijolos manchada de fuligem, uma poltrona floral comida pelas traças, uma velha cozinha com colunas penduradas de pratos

sujos. Onde ela havia jogado os sapatos na noite anterior? Ela continuou a buscá-los no quarto.

— Um pouco de ar puro seria bom, para começar. — acrescentou Cassian na outra sala. A janela rangeu quando ele a abriu. Nestha encontrou os sapatos em dois cantos opostos da sala. Um cheirava a vinho.

Ela se sentou na beira do colchão para colocá-los e começou a puxar os cadarços. Ela não prestou atenção aos passos de Cassian se aproximando, que então parou na soleira.

Ele respirou. Alto.

— Eu esperava que você pelo menos trocasse os lençóis entre um amante e outro, mas obviamente isso não a incomoda.

Nestha amarrou os cadarços do primeiro sapato. — Certamente não é da sua conta.

Ele encolheu os ombros, embora pela expressão tensa em seu rosto fosse claro que não era indiferente a isso de forma alguma.

— Se eu senti o cheiro de homens diferentes aqui, certamente aqueles que você convidar também sentem.

— Não acredito que isso os tenha impedido até agora. — respondeu Nestha, terminando de amarrar o outro sapato enquanto os olhos castanhos de Cassian seguiam cada movimento seu.

— O seu chá vai esfriar. — disse ele mostrando os dentes por um momento.

Nestha não deu atenção a ele e vasculhou a sala novamente com os olhos. O casaco...

— Seu casaco está no chão do lado de fora da porta da frente. — disse Cassian

— Hoje está frio, então traga um xale.

Nestha o ignorou novamente, no entanto, passou por ele tomando cuidado para não o tocar e recuperou seu casaco azul escuro exatamente onde ele havia dito a ela. Ela abriu a porta e gesticulou para que ele saísse primeiro.

Cassian sustentou seu olhar quando ela se aproximou, então estendeu a mão...

E agarrou do gancho na parede o xale azul celeste e creme que Elain lhe dera de aniversário naquela primavera. Ele o apertou em seu punho, balançando-a como uma cobra estrangulada e passou por ela.

Algo o estava devorando por dentro. Ele geralmente era melhor em manter o controle. Todavia, talvez tivesse algo a ver com o que Feyre queria falar na casa.

O estômago de Nestha se contraiu a cada fechadura que fechava.

Ela não era estúpida. Sabia que havia conflitos desde que a guerra acabou, tanto em suas terras quanto no continente. Sabia que sem a barreira da Muralha, alguns territórios feéricos estavam pressionando para expandir suas fronteiras o máximo possível e sabia como eles tratavam os humanos. E que aquelas quatro rainhas ainda estavam escondidas em seu palácio compartilhado, seus exércitos intactos e sem terem entrado em batalha.

Eram monstros, todas elas. Mataram a rainha de cabelos dourados que as traiu e venderam outra, Vassa, para o Lorde Bruxo. Não lhe admirava que a mais jovem das rainhas restantes tivesse sido transformada pelo Caldeirão em uma velha. Transformado em uma feérica de vida longa, sim, mas envelhecido em uma casca enrugada como punição pelo poder que Nestha roubou do Caldeirão. E pelo jeito que ela o quebrou quando ele transformou seu corpo mortal em algo novo.

Aquela rainha enrugada a culpou. Queria eliminá-la, teria se os capangas de Hybern tivessem dito a verdade antes de Bryaxis e Rhysand tivessem os matado por se infiltrarem na biblioteca da Casa do Vento.

Nos quatorze meses após o fim da guerra, eles não tiveram novas notícias da rainha. Mas se surgissem novas ameaças...

Nestha teve a impressão de que as quatro fechaduras riam dela enquanto ela caminhava atrás de Cassian para fora do jardim e para a cidade fervilhante na frente deles.



A "casa" em frente ao rio era um verdadeiro palácio, aliás tão nova, bonita e limpa que Nestha se lembrou dos sapatos cobertos de vinho rançoso assim que passou pelo arco de mármore e entrou no átrio luminoso, decorado com bom gosto em tons de marfim e areia.

Uma escadaria imponente dividia aquele imenso espaço em dois, enquanto um lustre de vidro feito à mão — feito pelos artesãos de Velaris — pendia do teto esculpido. As luzes de fada em cada globo em forma de ninho lançavam reflexos cintilantes nos pisos de madeira clara, interrompidos apenas por samambaias em vasos, móveis de madeira também feitos de Velaris e uma gama quase ultrajante de obras-primas. No entanto, Nestha não prestou atenção. Tapetes azuis macios cobriam o chão imaculado aqui e ali, um corredor comprido corria para o enorme átrio de cada lado e outro sob o arco da escada, direto para uma parede com janelas que dava para uma encosta gramada e o rio cintilante a seus pés.

Cassian seguiu para a esquerda, em direção às salas de reunião formais, como Feyre explicara a Nestha em sua primeira e única visita, dois meses antes.

Naquele dia ela estava meio bêbada e sentia ódio por cada segundo que passava naquela mansão, por cada cômodo perfeito.

Muitos machos presenteavam suas esposas ou parceiras com joias preciosas no Solstício de Inverno.

Rhys dera um palácio a Feyre.

Ou melhor, ele comprou o terreno dizimado pela guerra e deu carta branca à parceira para construir a residência dos seus sonhos.

E de alguma forma, Nestha se pegou pensando, enquanto seguia um Cassian incomumente calmo pelo corredor em direção a um escritório com a porta aberta, que Feyre e Rhys conseguiram tornar este lugar confortável e acolhedor. Um edifício enorme, mas mesmo assim uma casa. Até a mobília mais formal parecia desenhada para ser agradável e recepcionar uma refeição farta em boa companhia. Cada peça foi escolhida pela própria Feyre, com muitas pinturas suas, retratos de todos ali, de seus amigos... a nova família.

Nenhum de Nestha, é claro.

Até o maldito pai delas tinha um retrato pendurado na parede da grande escadaria: ele foi retratado com Elain, ao mesmo tempo feliz e sorridente, como antes de tudo ir pelo ralo. Eles se sentavam em um banco de pedra entre arbustos de hortênsias rosas e azuis. O jardim bem cuidado da primeira casa, a bela mansão à beira-mar. Não havia nenhum vestígio de Nestha e sua mãe.

E basicamente tinha sido assim: seu pai adorava Feyre e Elain; a mãe educou e valorizou Nestha.

Já durante a primeira visita, Nestha notou imediatamente que ela não estava presente em nenhum retrato. Nem a mãe. Obviamente ela não disse nada, contudo, aquilo a machucou.

E agora foi o suficiente para fazê-la cerrar os dentes, agarrar e puxar com força a correia invisível interna que mantinha o poder horrível dentro de si sob controle, quando Cassian entrou no escritório e se dirigiu a quem os esperava. — Ela chegou.

Nestha se preparou, mas Feyre apenas riu.

— Você chegou cinco minutos mais cedo. Estou muito impressionada.

— Talvez seja um sinal de que devemos apostar. Vamos para o Ritas — Cassian murmurou assim que Nestha entrou na sala forrada de madeira.

O escritório dava para um jardim exuberante. O espaço era aconchegante e ricamente decorado. Ela poderia ter admitido que achou lindas as estantes de livros que iam até o teto e o sofá de veludo safira em frente à lareira de mármore preto, se não fosse pela pessoa que os ocupava.

Feyre estava sentada no apoio de braço arredondado e usava um suéter branco pesado e calças justas. Rhys, como sempre de preto, estava encostado na lareira, os braços cruzados. Sem asas naquele dia.

E Amren, no costumeiro cinza que ela tanto amava, sentava-se de pernas cruzadas na cadeira de couro perto da lareira crepitante. Seus olhos prateados pousaram em Nestha com nojo.

Como as coisas mudaram entre elas.

Nestha viu a destruição chegando. Ela não queria pensar na briga que elas tiveram na festa de fim de verão na embarcação. Ou o silêncio que reinou entre elas desde então.

Sem mais visitas ao apartamento de Amren. Não havia mais conversa sobre quebra-cabeças. E sem dúvidas não havia mais lições de magia. Ela também se certificou disso.

Feyre finalmente sorriu para ela.

— Eu ouvi que você teve uma noite e tanto.

Nestha olhou para Cassian, que havia escolhido a poltrona na frente de Amren, depois para a cadeira vazia no sofá ao lado de Feyre e, finalmente, para Rhys, de pé junto à lareira.

Ela manteve as costas retas, o queixo erguido, furiosa por ter todos os olhos sobre ela enquanto se sentava no sofá ao lado de sua irmã. Furiosa, porque Rhys e Amren notaram seus sapatos sujos e provavelmente ainda percebiam o cheiro do macho em seu corpo, apesar de ter tomado banho.

— Você está horrível. — disse Amren.

Nestha não era estúpida o suficiente para não perceber... o que Amren havia se tornado. Agora era uma Grã-Feérica, sim, contudo, uma vez tinha sido algo diferente. Não era deste mundo. Sua língua, entretanto, ainda era afiada o suficiente para doer.

Como Nestha, Amren também não possuía magia de Grã-Feérica específica para aquela corte. Mas isso em nada diminuía sua influência sobre ela. Os poderes de Grã-Feérica de Nestha nunca se materializaram, ela só tinha o que tomou por conta própria, em vez de permitir que o Caldeirão o desse para ela, como havia feito com Elain. Ela não tinha ideia do que havia roubado do Caldeirão enquanto ele lhe roubava a humanidade, mas sabia que era algo que nunca entenderia ou governaria. O próprio pensamento fez seu estômago revirar.

— Mas aposto que é inevitável — Amren continuou — se alguém se embebedar até tarde da noite e transar com o primeiro que vier.

Feyre virou a cabeça para a imediata do Grão-Senhor. Rhys parecia inclinado a pensar como Amren. Cassian manteve a boca fechada.

— Eu não sabia que o que faço da minha vida estava sob sua jurisdição. — Nestha respondeu suavemente.

Cassian deixou escapar um murmúrio que soou como um aviso. Não estava claro para quem, mas Nestha não se importou.

Os olhos de Amren brilharam, um lembrete do poder que uma vez queimou dentro dela. Tudo o que restou dele. Nestha sabia que seu poder também podia brilhar assim, mas enquanto o de Amren havia se revelado leve e quente, o dela veio de um lugar muito mais frio e escuro. Um lugar antigo, mas completamente novo.

— Passa a estar sob nossa jurisdição a partir do momento que você gasta nosso ouro, e não pouco, em vinho. — Amren a desafiou.

Aliás, talvez Nestha tenha exagerado um pouco com a conta da noite anterior. Nestha se virou para olhar para Feyre, que assentiu.

— Então você me fez vir aqui para um sermão?

Os olhos de Feyre, uma cópia dos dela, suavizaram um pouco.

— Não, não se trata de um sermão. — Ela lançou um olhar penetrante para Rhys, ainda preso em um silêncio gelado perto da lareira, e depois para Amren, que estava lutando para conter a raiva na cadeira. — Veja mais como uma discussão.

Nestha ficou de pé. — Minha vida não é da conta de nenhum de vocês e não será o assunto de qualquer *discussão*.

— *Sente-se*. — Rhys rosnou.

O tom imperioso da voz, a força e superioridade absoluta...

Nestha congelou, tentando conter aquela odiosa parte feérica dentro de si que se curvava a tais coisas. Cassian se inclinou para frente na cadeira, pronto para pular entre eles. Algo parecido com dor passou por seu rosto.

Nestha sustentou o olhar de Rhys. E inseriu todo o desafio que podia, mesmo que seus joelhos *quisessem* se dobrar com a ordem.

— Você vai sentar. E você vai ouvir. — disse Rhys.

Nestha soltou uma risada baixa.

— Você não é meu Grão-Senhor. Não me dá ordens. — mas ela sabia o quão poderoso ele era. Havia visto e sentido. Ainda tremia por estar perto dele.

Rhys sentiu o cheiro de seu medo. Sua boca se curvou para o lado em um sorriso cruel.

— Você está procurando por briga, Nestha Archeron? — O Grão-Senhor da Corte Noturna fez um gesto para a encosta gramada fora das janelas. — Temos muito espaço lá fora para uma luta.

Nestha cerrou os dentes, gritando silenciosamente com seu corpo para não obedecer às ordens que *ele* estava dando. Ela morreria apenas para não se curvar a ele. Nenhum deles. Rhys estava ciente disso e seu sorriso se alargou.

— Já chega! — exclamou Feyre para Rhys. — Eu disse para você ficar fora disso.

Seu marido voltou os olhos brilhantes para ela e Nestha não pôde fazer nada além de desabar no sofá, seus joelhos agora incapazes de sustentá-la. Feyre inclinou a cabeça para o lado, as narinas dilatadas de raiva.

— *Vá ou fique*, mas de boca fechada. — disse a Rhysand.

Rhys cruzou os braços novamente, mas ficou em silêncio.

— Isso se aplica a você também. — disse Feyre para Amren. A fêmea limpou a garganta em protesto, mas depois se enrolou na cadeira. Nestha não fez nada para esconder sua complacência quando sua irmã se virou para ela e se ajeitou no sofá, apertando os travesseiros de veludo. Feyre engoliu em seco.

— Temos que fazer algumas mudanças, Nestha. — disse a ela — Você... Nós.

Onde diabos estava Elain?

— Eu assumo a culpa por chegar tão longe, por ter deixado as coisas ficarem tão ruins. Depois da guerra com Hybern, com tudo o que estava acontecendo... Você... eu deveria estar ao seu lado, ajudá-la e, em vez disso, eu não estava lá, mas agora estou pronta para admitir que em parte é minha culpa.

— Culpa *pelo quê*? — Nestha sibilou.

— Por você e pelas merdas que você faz. — disse Cassian.

Ele havia dito a mesma coisa no Solstício de Verão. E agora, como antes, Nestha endureceu com aquele insulto, aquela *arrogância*...

— Olha — continuou Cassian — não se trata de falhas morais, mas...

— Eu sei como você se sente, Nestha — Feyre interrompeu.

— Você não sabe *de nada*.

Feyre não se permitiu parar.

— É hora de fazer algumas mudanças. Começando agora.

— Mantenha o seu espírito de salvadora fora da minha vida.

— Você não tem uma vida. — disse Feyre. — E eu não vou sentar aqui e ver como você se destrói, sem fazer nada. — ela colocou a mão tatuada no coração, como se aquele gesto significasse algo. — Depois da guerra, decidi lhe dar tempo, porém foi a escolha errada. *Eu* estava errada.

— Ah é? — Essas palavras foram como uma adaga atirada entre eles.

Rhys ficou imediatamente alerta, mas não disse nada.

— É hora de parar. — Feyre murmurou com a voz trêmula. — A maneira como você se comporta, o apartamento e tudo mais, é hora de sair daqui Nestha.

— E para onde você acha que eu devo ir? — Nestha respondeu em um tom gelado.

Feyre olhou para Cassian. Que, pela primeira vez, não estava sorrindo.

— Você virá comigo. — disse o feérico. — Para treinar.

2

Cassian sentiu como se tivesse disparado uma flecha em um dragão adormecido que respirava fogo. Nestha, embrulhada em seu casaco azul, com seus sapatos manchados e seu vestido cinzento enrugado, olhou fixamente para ele e exigiu — *O quê?*

— No final deste encontro — esclareceu Feyre — Você irá se mudar para a Casa do Vento. — E apontou com a cabeça em direção ao palácio esculpido nas montanhas, no extremo leste da cidade. — Rhys e eu decidimos que todas as manhãs você treinará com Cassian no Acampamento Illyriano Refúgio do Vento. E depois do almoço, durante toda a tarde, trabalhará na biblioteca embaixo da Casa do Vento. O apartamento, as tavernas sujas... Acabou, Nestha.

Nestha apertou os dedos num punho no seu colo, mas permaneceu em silêncio.

Cassian deveria ter se posicionado ao seu lado, ao invés de permitir que a Grã-senhora se sentasse no sofá ao alcance de sua irmã. Mesmo que Feyre já tivesse um escudo ao redor dela, graças a Rhys - desde o café da manhã. *Parte do meu treinamento*, Feyre havia murmurado quando lhe perguntou sobre essas defesas tão espessas e sólidas que até mascaravam seu cheiro. *Rhys fez Helion o ensinar como criar escudos verdadeiramente impenetráveis. E eu tenho o prazer de ser a cobaia. Devo tentar quebrá-lo para ver se Rhys está seguindo as instruções de Helion corretamente. É um novo tipo de loucura.*

Mas uma que tinha se provado útil. Mesmo que não soubessem o que o poder de Nestha poderia fazer contra magia comum.

Rhys parecia pensar o mesmo, e Cassian se preparou para pular entre as duas irmãs. Seus Sifões brilhavam em aviso e o poder de Rhys trovejou. Cassian tinha a certeza de que Feyre podia defender-se bem contra qualquer adversário, mas Nestha...

Ele não tinha certeza absoluta de que ela revidaria se a sua irmã lançasse aquele poder horrível contra ela. E infelizmente, ele não sabia dizer se Nestha iria tão longe. Mas as coisas tinham ficado tão ruins que ele não podia descartar essa hipótese.

— Não vou me mudar para a Casa do Vento. — disse Nestha. — E eu não vou treinar naquele vilarejo miserável. Muito menos com ele. — Ela lhe deu um olhar venenoso.

— Você não tem escolha. — disse Amren, quebrando o juramento que tinha feito de ficar fora da discussão pela segunda vez em minutos. A mais velha das irmãs Archeron tinha o talento de irritar a todos. No entanto Nestha e Amren sempre tinham compartilhado um laço especial — um entendimento.

Até terem discutido na embarcação...

— Você quem pensa — Nestha a desafiou, mas ela nem sequer tentou levantar-se quando os olhos de Rhys brilharam em um aviso gélido.

— Seu apartamento está sendo esvaziado enquanto conversamos. — continuou Amren, retirando um fio de cabelo da sua blusa de seda. — Quando você voltar, já estará vazio. Suas roupas já foram enviadas para a Casa do Vento, embora duvide que serão úteis em seu treino no Refúgio do Vento. — e ela lançou um olhar severo ao vestido cinzento, que lhe caia muito mais solto do que antes. Nestha notou a sombra de preocupação nos olhos esfumaçados de Amren? Entendeu como era algo raro?

E acima de tudo, ela entendia que essa reunião não era para condená-la, mas que havia surgido por preocupação? Seu olhar furioso disse que ela simplesmente a considerava um ataque.

— Vocês não podem fazer isso comigo. Eu não sou um membro dessa corte.

— Mas não tem qualquer problema em gastar o dinheiro dessa corte. — refutou Amren. — Durante a guerra você aceitou a posição de Emissária. Você nunca se demitiu, portanto, a lei ainda a considera um membro da corte. — Um movimento quase imperceptível dos dedos de Amren e um livro voou em direção a Nestha antes de cair sobre as almofadas ao seu lado. Essa era a extensão de magia que Amren agora possuía magia comum e normal para um Grão-Feérico. — Página duzentos e trinta e seis, se quiser verificar.

Teria Amren olhado todas as leis da corte? Cassian nem sequer sabia que tal regra existia. Tinha aceitado a posição que Rhys lhe tinha oferecido sem questionar, sem se importar com o que estava aceitando, somente que ele e Rhys e Azriel estariam juntos. Que eles agora teriam uma casa que ninguém lhes podia tirar. Pelo menos até Amarantha.

Ele nunca deixaria de ser grato: pela Grã-Senhora a sua frente, que salvou todos de Amarantha, que devolveu seu irmão a ele e ajudou Rhys a sair da escuridão que o envolvia.

— Aqui estão suas opções, garota. — disse Amren, levantando o seu queixo delicado. Cassian notou o olhar entre Rhys e Feyre: a agonia aos olhos da Grã-senhora por aquele ultimato imposto a Nestha, a raiva mal contida de Rhys pela dor que sua parceria sentia devido a isso. Ele tinha visto a mesma troca de olhares uma vez antes daquele dia, e esperava nunca mais vê-la de novo.

Cassian estava tomando café com eles essa manhã quando Rhys tinha recebido a conta da noite anterior de Nestha. Ele tinha lido em voz alta todas as despesas. Garrafas de vinho fino, comidas exóticas, dívidas de jogo...

Feyre tinha olhado fixamente para o prato até que lágrimas silenciosas caíram em cima de ovos mexidos.

Cassian sabia que haviam tido conversas anteriores, até mesmo brigas, sobre Nestha. Se eles a dariam tempo para se recuperar, o que todos esperavam que acontecesse a princípio, ou se eles se intrometeriam. Mas quando Feyre se levantou da mesa, Cassian tinha percebido que era um tipo de derrota. Uma aceitação que toda a esperança havia falhado.

Cassian usou de todo o treino, toda a experiência acumulada ao longo de anos de horrores dentro e fora dos campos de batalha, para mascarar a própria tristeza em seu rosto.

Rhys tinha colocado uma mão na de Feyre para confortá-la, apertando-a suavemente antes de olhar para Azriel, depois para Cassian e expor o seu plano. Como se ele tivesse planejado isso há muito tempo.

Elain entrou na sala durante a explicação. Ela tinha trabalhado nos jardins da propriedade desde o amanhecer, e tinha mantido um comportamento solene quando Rhys a atualizou. Feyre não tinha sido capaz de dizer uma palavra.

Mas o olhar de Elain manteve-se firme enquanto escutava Rhys.

E depois ele convocou Amren do seu apartamento do outro lado do rio. Feyre tinha insistido que Amren, e não Rhys, comunicasse essa decisão a Nestha, para preservar um mínimo de relação entre eles.

Cassian não pensava que houvesse uma a ser preservada, mas Rhys tinha concordado, se ajoelhando ao lado de Feyre, enxugando suas últimas lágrimas, e a beijando na têmpora. Nessa altura, os outros já tinham partido para dar ao Grão-senhor e à Grã-senhora privacidade.

Cassian tinha ido aos ares pouco depois, deixando o rugido do vento apagar todos os pensamentos da sua cabeça e o ar fresco revigorar o seu coração. O encontro, e tudo o que estaria por vir — nada daquilo seria fácil.

Amren, todos eles tinham concordado, era uma das poucas pessoas que poderia entrar na cabeça de Nestha. Uma das poucas pessoas que Nestha parecia temer, pelo menos um pouco. Que de alguma forma conseguia compreender o que ela era, no fundo.

Ela era a única com quem Nestha tinha realmente falado desde a guerra. Não parecia coincidência que o comportamento de Nestha tenha se deteriorado tão acentuadamente desde a luta na embarcação. E que as coisas tinham chegado a esse ponto.

— Opção um. — disse Amren, levantando um dedo. — Você se muda para a Casa do Vento, treina com Cassian de manhã e trabalha na biblioteca à tarde.

Você não será uma prisioneira. Mas não terá ninguém para voar ou atravessar você para a cidade. Se quiser ir, vá em frente. Se tiver coragem de enfrentar os dez mil degraus da casa. — Os olhos de Amren brilhavam em desafio. — E se conseguir juntar dois tostões para comprar algo para beber. Mas se seguir esse plano, após alguns meses reavaliaremos onde e como você vai viver.

— E a outra opção? — Cuspiu Nestha.

Santa Mãe, aquela mulher-fêmea. Ela não era mais humana. Cassian poderia pensar em muitas poucas pessoas que desafiariam Rhys e Amren dessa forma.

E certamente não juntos na mesma sala. Certamente que não com todo aquele veneno.

— Você volta para as terras humanas.

Amren tinha sugerido um par de dias nas masmorras da Cidade Escavada, mas Feyre tinha apenas dito que o mundo humano seria uma prisão por si só para alguém como Nestha. E para alguém como a própria Feyre. E Elain. Todas as três irmãs eram agora grã-feéricas com poderes consideráveis, embora apenas os de Feyre fossem colocados em uso. Até Amren não fazia ideia se o poder das outras havia permanecido. O Caldeirão tinha dado a Elain e Nestha poderes únicos que eram diferentes dos outros grã-feéricos: o dom da visão para a primeira, e o dom da... Cassian não sabia como definir o dom de Nestha. Nem sequer sabia se podia ser chamado de dom — ou algo que ela havia roubado. O fogo prateado, a sensação de morte iminente, o poder puro que Cassian presenciara enquanto atingia o rei de

Hybern. O que quer que fosse, estava muito além dos poderes normalmente à disposição dos Grão-feéricos.

O mundo humano havia ficado para trás. As três nunca poderiam voltar.

Mesmo que todos ali fossem heróis de guerra, cada um à sua maneira, os humanos não se importariam. Ficariam longe, muito longe, desde que não fossem provocados à violência. Portanto, sim: Nestha poderia ter sido tecnicamente capaz de voltar para terras humanas, mas não encontraria companhia, nem acolhimento caloroso ou uma cidade que a aceitasse. E mesmo que fosse capaz de encontrar um lugar para viver, estaria de fato sob prisão domiciliar, confinada à sua própria casa por medo do preconceito vindo dos humanos.

Nestha voltou-se para Feyre, mostrando os dentes. — E essas seriam as minhas únicas opções?

— Eu... — Feyre se recuperou antes de falar o resto – *lamento* – e endireitou as suas costas. Ela transformou-se na Grã-senhora da Corte Noturna mesmo sem a coroa, usando apenas o casaco velho de Rhys. — Sim.

— Você não tem esse direito.

— Eu...

Nestha explodiu. — Foi *you* quem me arrastou para esta confusão, para este lugar horrível. É por sua causa que eu sou como sou, que estou *presa* aqui-Feyre encolheu. A raiva de Rhys era palpável, uma pulsação do poder beijado pela noite que arrepiava a coluna de Cassian e alertava seus instintos guerreiros.

— Já chega. — Feyre arfou.

Nestha piscou.

Feyre engoliu, mas não recuou. — Já chega. Você se mudará para a Casa do Vento, treinará e trabalhará, e eu não me interessa o veneno que cuspir.

Você vai fazer isso.

— Elain precisa ser capaz de me ver...

— Elain concordou conosco horas atrás. Ela está ocupada arrumando as suas coisas. Vai encontrá-la quando chegar.

Nestha recuou.

Feyre, no entanto, não cedeu. — Elain sabe como falar com você. E se quiser visitá-la na Casa do Vento, é livre para fazer isso. Um de nós a levará lá em cima sem problemas.

Aquelas palavras ficaram penduradas entre elas, tão pesadas e estranhas que Cassian se sentiu obrigado a intervir. — Prometo não morder.

Nestha curvou os lábios quando se virou para encará-lo. — Presumo que tudo isso seja tudo ideia *sua*...

— É sim. — mentiu ele com um sorriso. — Vamos nos divertir muito juntos.

Eles provavelmente se matariam.

— Quero falar com a minha irmã. A sós. — disse Nestha.

Cassian olhou para Rhys, que estava avaliando Nestha. Cassian tinha recebido esse olhar algumas vezes nos últimos séculos, e ele não a invejava nem um pouco. Mas o Grão-senhor da Corte Noturna assentiu — Estaremos no corredor.

Cassian cerrou os punhos ao insulto implícito que eles não confiavam nela o suficiente para ir mais longe que o corredor. Mesmo que o seu lado guerreiro mais racional não pudesse deixar de concordar. Os olhos de Nestha flamejaram, e ele sabia que ela também havia entendido.

E pela forma que Feyre apertou o maxilar, Cassian suspeitou que ela não estava nada contente com a provocação — não a ajudaria a convencer

Nestha de que eles estavam fazendo tudo isso por ela. Mais tarde ela daria a Rhys o sermão que ele merecia.

Cassian esperou que Rhys e Amren se levantassem antes de os seguir para fora. Fiel à sua palavra, Rhys entrou no átrio, longe das portas de madeira que vários feitiços protegiam dos ouvidos dos curiosos, e encostou-se a uma parede.

Fazendo o mesmo, Cassian disse para Amren. — Eu não sabia que tínhamos leis como esta na nossa corte.

— Não temos. — respondeu ela, mexendo com as suas unhas pintadas de vermelho.

Ele xingou baixinho.

Rhys deu um pequeno sorriso. Cassian, porém, franziu as sobrancelhas às portas fechadas da sala e rezou para que Nestha não fizesse nada estúpido.



Nestha manteve a sua coluna reta como uma vareta, as costas doendo com o esforço... Ela nunca tinha odiado ninguém tanto como todos eles naquele momento. Exceto, provavelmente, o rei de Hybern.

Eles haviam falado sobre ela, julgando-a incapaz, fora de controle, e...

— Você nunca se importou antes. — disse Nestha. — Por quê agora?

Feyre mexeu com a aliança de casamento prata e safira. — Eu te disse: não era que não me importasse. Nós-todos, quero dizer, tivemos várias conversas sobre isso... Sobre você. Nós... Eu tinha decidido que te dar um tempo e espaço era a melhor coisa.

— E o que Elain pensa sobre isso? — perguntou Nestha. Parte dela não queria saber.

Os lábios de Feyre ficaram tensos. — Não é sobre Elain que estamos falando. E pelo o que me lembro, você mal a via, também.

Nestha não tinha percebido que eles estavam prestando tanta atenção. Ela nunca tinha explicado a Feyre — nunca tinha encontrado as palavras para explicar — porquê ela colocava tanta distância entre ela e todos os outros.

Elain tinha sido raptada pelo Caldeirão e resgatada por Azriel e Feyre. No entanto ela ainda era dominada pelo terror, tanto acordada como dormindo: a memória de como tinha se sentido naqueles momentos depois de ouvir o apelo sedutor do Caldeirão e de perceber que era por Elain, não por ela ou por Feyre. Como ela se tinha sentido quando encontrou a tenda vazia de Elain, e tinha visto o manto azul abandonado no canto.

As coisas tinham piorado cada vez mais desde então.

Vocês têm suas vidas, e eu tenho a minha, ela havia dito a Elain durante o último solstício de Inverno. Ela sabia o quão profundamente aquilo ia magoar sua irmã. Mas ela não podia evitar — o terror esmagador que permanecia. As imagens daquele manto ou da água gelada do Caldeirão ou Cassian se rastejando em direção a ela ou ao pescoço do seu pai se partindo.

Feyre disse cuidadosamente. — A propósito, eu esperava que você melhorasse sozinha. Queria te dar espaço para fazer isso, já que você ataca qualquer um que se aproxima demais, mas você nunca nem *tentou*.

Talvez deveria tentar um pouco mais esse ano. As palavras de Cassian, pronunciadas numa rua gelada a alguns quarteirões de distância, ainda ressoaram na mente de Nestha após nove meses.

Tentar? Era a única coisa que ela podia pensar em dizer.

Sei que é uma palavra desconhecida para você.

E então sua raiva tinha rompido dela. *Porque deveria tentar fazer qualquer coisa? Fui arrastada para esse seu mundo, para essa corte*.

Então vá para outro lugar.

Ela tinha engolido a sua resposta: *Não tenho para onde ir.*

Era a verdade. Ela não tinha qualquer desejo de voltar ao reino humano. Ela nunca tinha se sentido em casa lá, não realmente. E aquele novo e estranho mundo feérico... Ela podia ter aceitado seu corpo diferente, alterado, aceitado que agora estaria diferente para sempre e que perdeu a sua humanidade, mas também não sabia onde pertencia naquele mundo. Era um pensamento que ela tentava afogar em bebidas, música e jogos de cartas, com a mesma frequência que usava essas coisas para aquietar aquele poder que se contorcia dentro dela.

— Tudo que você fez foi usar o nosso dinheiro. — continuou Feyre.

— O dinheiro do seu parceiro. — Outro lampejo de mágoa. O sangue de Nestha cantou com o golpe. — Agradeço muito por você ter tirado um tempo das suas tarefas domésticas e viagens de compras para se lembrar de mim.

— Eu preparei um quarto para você nesta casa. *Pedi* para você me ajudar a mobília-lo. Você me mandou pastar.

— Porque eu gostaria de ficar aqui? — Onde conseguia ver exatamente como estavam felizes, onde ninguém parecia ter as marcas da guerra como ela. Ela tinha chegado tão perto de fazer parte daquele mundo — daquele círculo.

Tinha dado as mãos a eles em pé, na manhã da batalha final e tinha acreditado que daria tudo certo.

E então ela aprendeu como tudo podia ser destruído sem misericórdia. Qual era o custo da esperança, da alegria e do amor. Ela nunca mais queria aquilo de novo. Nunca mais queria sentir o que tinha sentido naquela clareira, com o riso abafado do rei de Hybern, o sangue derramado por todo o lado. O seu poder não tinha sido suficiente para salvá-los naquele dia. E desde então ela o castigava por ter falhado, mantendo-o trancado dentro de si.

Feyre disse — Porque você é minha irmã.

— Sim, e você está sempre se sacrificando por nós, a sua pobre família humana...

— Você gastou quinhentas marcos de ouro ontem à noite! — explodiu Feyre, se levantando rapidamente e andando de um lado para o outro em frente à lareira. — Você tem alguma ideia de quanto dinheiro é isso? Tem alguma ideia de como fiquei *envergonhada* quando a conta chegou esta manhã, quando os meus amigos — *a minha família* — ouviram sobre ela?

Nestha odiava essa palavra. O termo que Feyre usava para descrever a sua corte.

Como se as coisas tivessem sido tão terríveis com a família Archeron que Feyre tinha sido levada a procurar uma nova. A escolher uma nova. Nestha cravou as unhas nas palmas das mãos, a dor mais intensa do que o aperto no peito.

Feyre continuou — E não se trata apenas do tamanho do gasto, trata-se também das coisas em que você *gastou*...

— Ah, então é sobre salvar a sua reputação.

— É sobre o impacto que pode ter em mim, no Rhys e na minha corte se a porra da minha irmã gasta todo o nosso dinheiro em vinho e jogos e não faz *nada* para contribuir para o bem-estar desta cidade! Se não podemos controlar você, então que direito temos de governar qualquer outra pessoa?

— Eu não sou algo que vocês precisam controlar. — disse Nestha. Tudo na sua vida, desde o momento em que nasceu, tinha sido controlado por outras pessoas. Coisas aconteceram *a* ela; sempre que tentava assumir o controle, era frustrada — e ela odiava isso ainda mais do que o rei de Hybern.

— É por isso que você vai treinar no Acampamento Refúgio do Vento. Vai aprender a se controlar

— Eu não vou.

— Vai sim, mesmo que tenhamos de te amarrar e arrastar para lá. Seguirá as lições de Cassian e fará o trabalho que a Clotho te pedir na biblioteca. — Nestha bloqueou a memória — das profundezas escuras daquela biblioteca, do antigo monstro que as habitava. Elas tinham se salvado dos capangas de Hybern, sim, mas... Ela se recusava a pensar nisso. — Mostrará respeito por ela, e pelas outras sacerdotisas, — disse Feyre. — E *nunca* dará qualquer problema. Pode passar qualquer tempo livre que tiver como achar melhor. Dentro da Casa.

Uma fúria fervente fluiu por suas veias, tão forte que Nestha mal conseguia ouvir o fogo verdadeiro da lareira perto de onde a irmã andava. Ficou grata pelo rugido na sua cabeça quando o som da lenha crepitando era tão semelhante ao do pescoço partido do seu pai que ela nunca acendeu a lareira em sua casa.

— Você não tinha o direito de fechar o meu apartamento, de levar as minhas coisas...

— Que coisas? Algumas roupas e um pouco de comida podre. — Nestha não teve tempo para perguntar como Feyre sabia disto, quando sua irmã adicionou. — Vou declarar o prédio todo inabitável.

— Não pode fazer isso.

— Já fiz. Rhys já visitou o senhorio. Vai ser demolido e reconstruído como um abrigo para as famílias ainda desabrigadas após a guerra.

Nestha tentou controlar a sua respiração ofegante. Uma das poucas escolhas que havia feito por si mesma, arrancada. Mas Feyre parecia não se importar.

Feyre sempre tinha sido seu próprio mestre. Tinha sempre conseguido o que queria. E agora, pelo que parece, ela também teria esse desejo realizado. — Nunca mais quero falar com você. — Nestha assobiou.

— Como quiser. Pode sempre falar com Cassian e as sacerdotisas.

Não havia maneira de a fazer desistir por meio de insultos. — Não serei sua prisioneira.

— Não. Você pode ir onde quiser. Como disse Amren, pode sair da Casa. Se conseguir descer os dez mil degraus. — Os olhos de Feyre brilharam. — Mas estou cansada de pagar para que você se destrua.

Para que você se destrua. O silêncio começou a zumbir nos ouvidos de Nestha, a trabalhar através das suas chamas, apagando aquela raiva insuportável. Um silêncio absoluto, glacial.

Ela tinha aprendido a viver com o silêncio que tinha começado no momento que seu pai morreu, o silêncio havia começado a esmagá-la no momento que entrou em seu escritório na sua mansão meio-arruinada dias depois e encontrou uma das suas patéticas esculturas em madeira. Ela queria gritar e gritar, mas havia tanta gente à sua volta. Ela tinha se segurado até ao fim da reunião com todos aqueles heróis de guerra. E então ela deixou-se cair.

Diretamente para aquele abismo de silêncio.

— Os outros estão à sua espera. — disse Feyre. — Elain já deve ter terminado.

— Quero falar com ela.

— Ela virá vê-la quando estiver pronta.

Nestha segurou o olhar da sua irmã.

Os olhos de Feyre cintilaram. — Acha que não sei porque você afastou até Elain?

Nestha não queria falar sobre isso. Sobre fato de que tinha sido *sempre* ela e Elain. E que agora, de algum jeito, tinha se tornado Elain e Feyre. Elain tinha escolhido Feyre e estas pessoas, e a deixou para trás. Amren tinha feito o mesmo. Ela tinha sido muito clara sobre isso na embarcação.

Nestha não se importava que durante a guerra com Hybern, seu próprio laço frágil tinha se formado com Feyre, forjado por conta de objetivos em comum: proteger Elain, salvar as terras humanas. Eram desculpas, Nestha

havia percebido, para encobrir o que agora fervia e se enraivecia no seu coração.

Nestha não se deu ao trabalho de responder, e Feyre não disse mais nada enquanto saía.

Não havia mais nada que as unia, agora.

3

Cassian assistiu Rhys mexer seu chá cuidadosamente.

Ele havia visto Rhys despedaçar inimigos com a mesma precisão fria que agora empregava à colher.

Eles sentaram no escritório do Grão-Senhor, iluminado por lâmpadas de vidro verde e um lustre de ferro pesado. O átrio de dois andares ocupava a extremidade norte da ala de negócios, como Feyre a chamava.

Havia o nível inferior, ocupado pelo escritório, adornado com tapetes azuis feitos à mão que Feyre fora comprar diretamente dos artesãos de Cesere, com as duas áreas de estar, a mesa de Rhys e duas longas mesas iguais ao lado das estantes. Na outra extremidade da sala, uma pequena elevação conduzia a uma grande alcova elevada flanqueada por mais livros e, no centro, um modelo mecânico maciço do mundo, rodeado por estrelas e planetas, e alguns objetos estranhos cuja uma vez lhe fora explicado a função; mas, Cassian começou a achar chato e não se interessou mais pelo assunto.

Azriel, é claro, estava fascinado. O próprio Rhys havia feito o modelo vários séculos antes. Seguia o movimento do sol, mas também mostrava a hora e o ajudava a refletir sobre a existência da vida além do mundo deles e outras coisas que Cassian havia esquecido imediatamente.

No mezanino, acessível por uma escada em espiral de ferro forjado, havia muito mais livros, milhares apenas naquele espaço, alguns pequenos armários cheios de objetos delicados dos quais Cassian mantinha distância — por medo de quebrar alguns deles com sua graciosidade de elefante, como Mor sempre dizia — e várias pinturas de Feyre.

Havia muitas pinturas no nível inferior também, algumas nas sombras e deliberadamente deixadas lá, outras expostas à luz refletida do rio que corria ao pé da encosta. A Grã-Senhora de Cassian tinha um modo de capturar o mundo que o fazia parar para pensar. Aquelas pinturas de certo modo o perturbavam. As verdades que elas representavam não eram sempre agradáveis.

Em algumas ocasiões ele foi vê-la pintar em seu estúdio e para sua surpresa, ela permitiu que ele ficasse. A primeira vez que ele foi visitá-la, ele a encontrou completamente focada em seu cavalete. Ela estava pintando uma caixa torácica cadavérica, tão magra que ele podia contar seus ossos.

Até que ele percebeu uma marca de nascença familiar em seu braço esquerdo igualmente fino, ele olhou para a mesma marca no meio da tatuagem no braço estendido de Feyre, com o pincel na mão. Ele acenou para ela, como se quisesse dizer que compreendia. Ele nunca tinha sido tão magro quanto Feyre, mesmo quando era pobre, mas reconhecia a fome em cada pincelada. O desespero. Aquela sensação de vazio penetrante similar àqueles tons de cinza, azul e branco pálido doentio. O desespero do abismo mais escuro atrás daquelas costas e daquele braço. A morte aproximando-se como um corvo à espera de uma carniça podre.

Ele ficou pensando bastante sobre aquela pintura pelos próximos dias, como o fazia se sentir — o quão perto eles chegaram de perder a sua Grã-Senhora antes mesmo de conhecê-la.

Rhys terminou de mexer seu chá e pousou a colher com uma gentileza assustadora.

Cassian olhou para o retrato pendurado atrás da enorme mesa de seu Grão-Senhor. As esferas de luzes feéricas na sala foram posicionadas de forma a parecerem vivas e brilhantes.

O rosto de Feyre, um autorretrato, parecia estar rindo atrás de suas costas. As costas do marido estavam voltadas para ela. Para que ela pudesse cuidar dele, dizia Rhys.

Cassian esperava que os deuses fizessem o mesmo. Rhys, depois de tomar um gole de chá, disse a ele. — Você está pronto?

Ele se acomodou melhor em sua cadeira. — Já endireitei muitos jovens guerreiros.

Os olhos violetas de Rhys brilharam. — Mas Nestha não é um jovem ligeiramente indisciplinado.

— Eu posso lidar com ela.

Rhys ficou olhando para o chá.

Cassian reconhecia aquela expressão. Aquela expressão séria e irritantemente calma.

— Você fez um ótimo trabalho derrubando os motins entre os Illyrianos nesta primavera.

Cassian estava preparado. Ele estava esperando essa conversa desde que passou quatro meses resolvendo conflitos entre guerrilheiros, certificando-se que as famílias deixadas sem pais, filhos e maridos recebessem a assistência correta, que soubessem que ele estava lá para ajudar e ouvir, e entendessem que, se eles se rebelassem contra Rhys, o custo seria alto.

O Rito de Sangue havia resolvido a maioria deles, inclusive o problemático Kallon, cuja arrogância não havia sido o suficiente para compensar seu péssimo treinamento quando ele foi morto alguns quilômetros abaixo nas encostas de Ramiel. O fato de ele ter deixado escapar um suspiro de alívio com a notícia da morte do jovem fez Cassian se sentir culpado por um tempo, mas os illyrianos pararam de reclamar rapidamente. Desde então, Cassian começou a reconstruir suas fileiras, supervisionando o treinamento de jovens guerreiros promissores e certificando-se que os mais velhos ainda estivessem em boa forma para lutar. O aumento do número de membros deu a eles algo em que se concentrar, e Cassian sabia que não havia muito mais que ele pudesse fazer além da inspeção ocasional e comparecer ao conselho.

Então os illyrianos estavam em paz, ou pelo menos tão pacíficos quanto uma sociedade de guerreiros poderia estar. Era o que Rhys estava planejando. Não apenas porque uma rebelião teria sido um desastre, mas por conta do que ele sabia que o amigo estava prestes a dizer.

— Acho que é hora de você assumir responsabilidades maiores. — Cassian fez uma careta. Agora eles chegaram até ao ponto. Rhys pigarreou. — Você não vai me dizer que não percebeu que isso com os Illyrianos foi um teste?

— Eu esperava que não fosse. — Cassian murmurou, apertando suas asas.

Rhys esboçou um sorriso, mas rapidamente voltou a ficar sério. — Nestha, por outro lado, não é um teste. Ela é... diferente.

— Eu sei — Ele tinha entendido isso antes mesmo dela ressuscitar. E depois daquele dia terrível em Hybern... Ele jamais esqueceria as palavras que o entalhador de ossos sussurrou para ele na masmorra. — *E se eu lhe contar o que a rocha e a escuridão e o mar além sussurraram para mim, Senhor do Derramamento de Sangue? Como estremeceram de medo, naquela ilha do outro lado do mar. Como tremeram quando ela emergiu. Ela levou algo... algo precioso. Arrancou com os dentes. O que você despertou naquele dia em Hybern, Príncipe dos Bastardos?*

Essa última pergunta havia assombrado seus sonhos em mais noites do que ele estava pronto para admitir.

— Não tivemos nenhum indício de seu poder desde o fim da guerra. — Cassian se forçou a dizer. — Pelo o que sabemos, pode ter se dissolvido com o rompimento do Caldeirão.

— Ou talvez esteja dormente, assim como o Caldeirão, que está agora adormecido e armazenado em segurança em Cretéia com Drakon e Miryam. Seu poder pode emergir a qualquer momento.

Um arrepio percorreu a espinha de Cassian. Ele confiava no príncipe Serafim e na mulher meia-humana para guardar o Caldeirão, mas não havia nada que eles ou qualquer outra pessoa pudesse fazer se seu poder fosse despertado.

— Mantenha-se alerta. — Rhys disse.

— Está quase parecendo que você tem medo dela.

— E eu tenho.

Cassian ficou surpreso.

Rhys levantou uma sobrancelha — Por que você acha que eu mandei você buscá-la essa manhã?

Cassian balançou a cabeça e não conseguiu conter a risada. Rhys sorriu, cruzando as mãos atrás da cabeça e recostando-se na cadeira.

— Você deveria exercitar-se mais. — Disse Cassian, olhando para o corpo poderoso de seu amigo. — Você não quer que sua parceira encontre nenhum ponto fraco, não é?

— Ela nunca faz isso, não se preocupe. — Replicou Rhys e Cassian começou a rir novamente.

— Você acha que Feyre vai fazer você pagar pelo o que disse agora?

— Eu já disse aos funcionários para tirar o resto do dia de folga assim que você levar Nestha para a Casa.

— Não seria a primeira vez que os funcionários ouviriam vocês brigando, eu presumo. — De fato, Feyre não hesitou em contar a Rhys diretamente quando ele estava exagerando.

Rhys deu a seu amigo um sorriso de canto. — Não é a briga que não quero que eles ouçam.

Cassian retribuiu o sorriso, embora uma pontada de ciúme apertasse o seu estômago. Ele não os invejava por suas relações físicas, de forma alguma. Em muitas ocasiões, ao ver a alegria pintada no rosto de Rhys, ele teve que virar-se para esconder sua emoção, porque seu irmão esperou tanto por aquele amor e ele o mereceu. Rhys lutou muito para defender seu futuro com Feyre.

Por tudo isso.

Às vezes, porém, Cassian via a aliança de casamento, o retrato atrás da mesa e aquela casa, e apenas... Ele desejava isso também.

O relógio bateu às dez e meia, e Cassian se levantou. — Aproveite a sua não-briga.

— Cassian.

Esse tom o congelou. O rosto de Rhys estava, deliberadamente, calmo. — Você não me perguntou quais responsabilidades maiores eu tenho em mente para você.

— Eu pensei que Nestha já era uma responsabilidade grande o suficiente.
— Brincou Cassian.

Rhys lançou-lhe um olhar astuto. — Você poderia ser muito mais.

— Eu sou o seu general, isso não é o suficiente?

— É o suficiente para você?

Sim, ele estava prestes a dizer. Mas ele hesitou.

— Oh, vejo que você hesita. — Disse Rhys. Cassian tentou reerguer seus escudos mentais, mas descobriu que eles estavam intactos. Rhys sorriu maliciosamente para ele. — Seu rosto ainda te trai. — Ele o provocou. Mas a diversão desapareceu rapidamente. — Az e eu temos boas razões para acreditar que as rainhas humanas estão tramando algo de novo. Eu preciso que você verifique. Preciso que você cuide disso.

— O que é isso? Uma troca de papéis? Agora é a vez de Az liderar os Illyrianos?

— Não seja estúpido. — Rhys disse friamente. Cassian olhou para o teto. Os dois sabiam que Azriel dispersaria as tropas e destruiria Illyria ao invés de ajudá-la. Convencê-lo de que os illyrianos mereciam ser salvos era uma batalha que os três ainda enfrentavam.

— Azriel já faz mais do que gostaria de admitir. Não vou sobrecarregá-lo com outra responsabilidade. Sua missão o ajudará. — Continuou Rhys com um sorriso desafiador. — Mostre-nos o que você é capaz de fazer.

— Você quer que eu seja um espião?

— Existem outras maneiras de obter informações além de espionar através do buraco da fechadura, Cass. Az não é um espião. Ele trabalha nas sombras. Mas eu preciso de alguém... Preciso que você... jogue limpo. Mor pode dar a você todos os detalhes. Ela estará de volta de Vallahan hoje, mais tarde.

— Eu também não sou um espião, você sabe. — O pensamento fez seu estômago torcer.

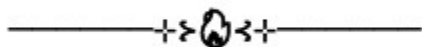
— Assustado?

Cassian deixou o Sifão nas costas das mãos reacender com fogo interno. — Então, terei que cuidar dessas rainhas enquanto treino Nestha?

Rhys se recostou na cadeira, seu silêncio como confirmação.

Cassian se dirigiu para as portas duplas fechadas, contendo uma série de palavras impróprias. — Então estaremos ocupados por vários meses.

Ele estava quase na porta quando Rhys disse baixinho. — Você certamente estará.



— Você ainda tem o seu uniforme de combate da guerra? — Cassian perguntou à Nestha como forma de saudação ao entrar no saguão. — Você vai precisar amanhã.

— Vou me certificar que Elain coloque nas malas dela. — Feyre respondeu do topo da escada, sem olhar para a irmã ainda rígida aos seus pés. Cassian se perguntou se a Grã-Senhora havia notado a falta dos funcionários.

O sorriso malicioso nos olhos de Feyre disse a ele que sim. E que ela sabia exatamente o que estava reservado para ela em alguns minutos.

Felizmente, ele já teria partido até então. Ele teria que voar até o mar para não ouvir os gritos de Rhys. Ou não sentir o seu poder quando ele... Cassian fez uma pausa antes de terminar esse pensamento. Ele e seus irmãos haviam colocado uma grande distância entre os jovens tolos que um dia foram — quando transavam com qualquer mulher que mostrasse o mínimo interesse, muitas vezes todos no mesmo cômodo — e os homens que eles se tornaram agora. E eles queriam manter dessa forma.

Nestha apenas cruzou os braços.

— Você vai nos atravessar? — Ela perguntou à Feyre.

— Eu vou. — Mor disse em resposta. E ela piscou para Feyre. — Ela tem uma reunião especial com Rhysie.

Cassian sorriu ao ver Mor vindo da ala residencial. — Achei que você só voltaria muito mais tarde. — Ele abriu os braços, puxou-a contra seu peito e a abraçou fortemente. Seu cabelo dourado na altura da cintura cheirava a mar frio.

Ela devolveu o aperto. — Não estava com vontade de esperar até a tarde.

Vallahan já está coberta de neve até os joelhos. Eu precisava de um pouco de sol.

Cassian a empurrou para longe, a fim de olhar seu lindo rosto, que era tão familiar para ele como o seu próprio. Apesar dessas palavras alegres, ele percebeu uma sombra em seus olhos. — O que está errado?

Feyre levantou-se percebendo que algo estava errado também. — Nada. — Disse Mor jogando o cabelo sobre o ombro.

— Mentirosa.

— Eu conto mais tarde. — Mor concordou mudando o olhar para Nestha. — Amanhã você terá que vestir o uniforme. Enquanto estiver treinando no

acampamento Illyriano Refúgio do Vento, você precisará dele para se proteger do frio.

Nestha fitou Mor com um olhar frio e entediado.

Mor sorriu como resposta.

Feyre aproveitou aquele momento para se colocar entre elas, o escudo de Rhys ainda forte como aço. Não importava se eles estariam juntos em pouco tempo. — Vou te dar tempo para se instalar na casa hoje, para que você possa desfazer as malas. E descansar, se quiser.

Nestha continuou em silêncio.

Cassian passou a mão pelo cabelo. Que o Caldeirão os poupasse. Rhys, realmente, esperava que ele lidasse com política quando nem mesmo conseguia lidar *com aquela situação?*

Mor deu-lhe um sorriso malicioso, como se tivesse lido sua mente. — Parabéns pela sua promoção. — Ela balançou a cabeça. — Cassian, o espião.

Nunca pensei que veria este dia.

Feyre riu baixinho. Nestha, por outro lado, pousou seu olhar em Cassian, surpresa e cautelosa. — Eu ainda sou um bastardo e um filho de ninguém, não se preocupe. — Ele disse apenas para atingi-la.

Os lábios de Nestha se apertaram em uma das linhas mais finas.

— Conversaremos em breve. — Feyre disse à ela.

Nestha, novamente, não respondeu.

Ela parecia ter parado de falar com a irmã. Mas, pelo menos, ela iria partir por conta própria. Ou quase.

— Devemos ir? — Disse Mor, oferecendo seu braço.

Nestha olhou para o chão, seu rosto pálido e magro, seus olhos em chamas.

Feyre encontrou o olhar de Cassian. Os seus olhos diziam tudo o que ele estava questionando.

Nestha passou por ele, agarrou o antebraço de Mor e fixou a vista em um ponto na parede. Mor olhou para Cassian, mas ele não teve a coragem de olhar de volta. Mesmo que Nestha não tivesse os observando, ele tinha certeza que ela via, ouvia e notava tudo.

Então, ele, simplesmente, segurou no outro braço de Mor e piscou para Feyre antes deles desaparecerem no vento e na escuridão.



Mor os atravessou para o céu logo acima da Casa do Vento.

Antes que ela pudesse absorver o salto que fez seu estômago embrulhar, Nestha se viu nos braços de Cassian, voando com as asas estendidas para a varanda de pedra. Fazia muito tempo que ela não era abraçada por ele daquele jeito. Muito tempo desde que ela vira a cidade tão pequena abaixo dela.

Cassian poderia levar os dois lá para cima, Nestha percebeu quando ele começou a descer e Morrigan desapareceu em uma queda mortal com um aceno. As regras da casa eram simples: ninguém poderia atravessar diretamente para dentro graças às suas maciças fortificações de defesa, então tudo que restava era subir todos os dez mil degraus ou transportar-se próximo à casa e se deixar cair na varanda, o que significava quebrar ossos do corpo, ou então atravessar até os limites das fortificações com alguém que possui asas e que poderia carregar a pessoa para dentro. Entretanto, estar nos braços de Cassian... Ela teria preferido arriscar quebrar todos os ossos de seu corpo ao pular na varanda. Felizmente, o voo terminou em alguns segundos.

Nestha saiu dos braços de Cassian no momento em que seus pés tocaram aquelas pedras gastas pelo tempo. O guerreiro a soltou, dobrou suas asas e parou próximo ao guarda-corpo.

Nestha havia ficado naquela casa por várias semanas no ano anterior, durante um terrível período, logo depois de ter sido transformada em Grã-Feérica e implorado à Elain para mostrar algum sinal de que queria viver. Ela mal dormia com medo de que sua irmã caísse da varanda ou se inclinasse demais para fora de uma das janelas, ou simplesmente se jogasse escada abaixo por dez mil degraus.

Sua garganta se apertou com essas memórias e a visão que se espalhou diante dela — o Sidra serpenteando seu caminho lá embaixo, o palácio de pedra vermelha construído na encosta daquela montanha de topo plano.

Nestha enfiou suas mãos nos bolsos, lamentando não ter aceitado as luvas quentes que Feyre tinha feito um grande esforço para persuadi-la a usar. Ela havia recusado. Ou melhor, ela recusou silenciosamente, já que não havia dito uma palavra à irmã desde que saíram do cômodo.

Em parte, porque ela estava com medo do que poderia acontecer se tivesse falado alguma coisa.

Por um longo momento, Nestha e Cassian se observaram. O vento soprava em seu cabelo escuro na altura dos ombros, mas ele poderia estar parado em um campo de verão pela reação que teve ao frio, que era bem mais nítido ali em cima, bem acima da cidade.

Era tudo que ela poderia fazer para impedir que seus dentes tremessem e saíssem pelo seu crânio.

Cassian finalmente disse — Você ficará em seu antigo quarto. — Como se ela tivesse algum tipo de reivindicação sobre este lugar. Ou sobre qualquer outro.

Ele continuou — Meu quarto está no andar de cima.

— Por que eu precisaria saber disso? — As palavras saíram antes que ela pudesse pensar.

Ele começou a caminhar em direção às portas de vidro que levam ao interior da montanha. — Caso você tenha algum pesadelo e precise de alguém para ler uma história. — Ele falou lentamente, com um meio sorriso dançando em seu rosto. — Talvez, um daqueles livros obscenos que você tanto gosta.

Nestha ficou furiosa. Mas ela passou pela porta que ele estava segurando aberta e um suspiro escapou dela ao sentir o calor acolhedor que enchia os corredores de pedra vermelha. Sua nova residência. A parte em que ela dormiria.

Aquele local não era sua casa. Nem seu apartamento. Nem mesmo a bela casa nova de seu pai, antes de Hybern destruí-la. Nem a cabana ou a mansão gloriosa antes dela. *Lar* era uma palavra que ela não conhecia.

Mas ela conhecia bem aquele andar da Casa do Vento: a sala de jantar à esquerda e as escadas à direita que a levariam até seu quarto dois andares abaixo, e a cozinha que ficava sob seu quarto. E a biblioteca que ficava muito, muito mais embaixo.

Não teria feito diferença alguma se ela ficasse lá ou em qualquer outro lugar, se não fosse pela pequena biblioteca particular no andar em que ela também residia. Foi onde ela encontrou aqueles livros obscenos, como Cassian os chamou. Ela devorou dúzias deles durante as semanas que passou ali, procurando desesperadamente por qualquer salvação que a impedisse de desmoronar, de gritar pelo que havia sido feito com seu corpo, com sua vida... com Elain. Elain que não comia, não falava, não fazia nada.

Elain, que em um momento, no entanto, se tornou aquela *curada* entre as duas.

Nos meses de guerra, e aqueles que imediatamente o precederam, Nestha teve sucesso. Ela conseguiu entrar naquele mundo, com aquelas pessoas, e começou a vê-lo... Um futuro.

Até que o Rei de Hybern e o Caldeirão a começaram a caçá-la. Até que ela percebeu que qualquer pessoa que ela amasse seria usada para machucá-la, quebrá-la, ou até mesmo, prendê-la. Até a última batalha, quando ela falhou em impedir que milhares de Illyrianos morressem e, ao invés disso, conseguiu salvar apenas um.

Ele. Ela faria de novo, se precisasse. E esse conhecimento... Ela não podia suportar aquela verdade.

Cassian se dirigiu para a escada indo para baixo, cada movimento dele preenchido com uma arrogância resoluta.

— Não preciso que você me conduza ao meu quarto. — Embora o quarto dele também fosse na mesma direção. — Eu sei o caminho.

Ele virou a cabeça e fez uma careta por cima do ombro musculoso, então tomou as escadas mesmo assim. — Eu só queria me certificar de que você chegaria lá inteira antes de ir para o meu quarto. — E com a cabeça, ele apontou para o patamar que eles haviam acabado de passar, o arco que levava ao corredor com seu quarto. Nestha já sabia disso, porque naquelas primeiras semanas como Grã-Feérica ela não tinha muito o que fazer além de vagar pelo lugar como um fantasma.

— O quarto do Az fica a duas portas do meu. — Acrescentou Cassian. Eles chegaram no andar onde ficava o quarto de Nestha e ele começou a descer o corredor. — De qualquer maneira, é improvável que você o encontre.

— Ele está aqui para me espionar? — Suas palavras ricochetearam na pedra vermelha.

— Ele disse que preferia estar aqui em cima do que na casa perto do rio. — Ele respondeu secamente.

Ele não era o único. — E por que isso?

— Não faço ideia. Você sabe como Az é, ele gosta de ter seu próprio espaço. — Ele deu de ombros, a luz feérica infiltrando-se através dos

castiçais de ouro contornando a borda áspera de suas asas. — Ele é reservado, então na maioria das vezes seremos apenas você e eu.

Nestha não se atreveu a responder. Considerando a implicação daquelas palavras... sozinha. Com Cassian. Naquele lugar.

Cassian parou em frente a uma porta de madeira muito familiar. Ele se encostou no batente, seus olhos castanhos observando-a a cada passo do caminho.

Ela sabia muito bem que essa casa pertencia a Rhys. Sabia que toda a existência de Cassian era financiada por Rhys, e que o Grão-Senhor sustentava todo seu Círculo Íntimo. Sabia que a maneira mais rápida de irritar Cassian e o machucar instantaneamente seria usar esse ponto como vantagem, fazê-lo duvidar do trabalho que estava fazendo e perguntar a si mesmo se realmente merecia estar ali. A raiva começou a se formar, uma onda crescendo mais e mais, cada palavra selecionada para golpear e ferir. Ela sempre teve um dom para aquilo, se é que poderia se chamar assim. Em qualquer caso, certamente não era uma maldição. Na verdade, isso a serviu muito bem.

Cassian parado na frente da porta do quarto examinou seu rosto.

— Vamos, Nes. Vamos ouvir o que você tem a dizer.

— Não me chame de Nes. — Ela pronunciou essas palavras como uma isca. O deixou pensar que estava vulnerável.

Mas ele abriu a porta, recuando suas asas para trás. — Você precisa de uma refeição quente.

— Não preciso.

— Por que?

— Porque não estou com fome.

Era verdade. O apetite foi a primeira coisa que a abandonou depois da batalha.

Apenas o instinto de sobrevivência e as obrigações sociais, a forçaram a mostrar interesse em algo, de vez em quando, a obrigavam a comer.

— Você não vai durar uma hora de treinamento amanhã sem comida no estômago.

— Eu não vou fazer nada naquele lugar horrível de qualquer maneira. — Ela odiou o acampamento Refúgio do Vento, desde a primeira vez que pôs os pés ali, com um frio congelante e cheio de pessoas estúpidas e com cara fechada.

O Sifão amarrado à mão de Cassian acendeu, um raio de luz vermelha se ramificando de sua mão ao redor da maçaneta. O metal abaixou e a porta se abriu no momento em que a luz se dissolveu como fumaça. — Você recebeu uma ordem, e também uma alternativa. Se deseja retornar às terras humanas fique à vontade.

Então vá em frente e parta.

Ele teria ordenado que aquela presunçosa Morrigan a despejasse do outro lado da fronteira como uma bagagem qualquer.

Nestha deveria expô-los, apenas... apenas ela sabia o que a aguardava no Sul.

A guerra havia feito pouco para suavizar a opinião dos homens sobre os Feéricos.

Ela não tinha para onde ir. Elain, por mais que lamentasse a vida que poderia ter tido com Graysen, descobriu seu lugar na corte, seu papel. Cuidando do jardim da bela casa ribeirinha de Feyre, ajudando outros residentes de Velaris com seus jardins destruídos; Elain havia encontrado seu propósito na vida e, conseqüentemente, felicidade e amigos: aquelas duas meio-espíritos que trabalhavam na mansão de Rhysand. Mas essas coisas sempre foram fáceis para sua irmã. E isso a tornava uma pessoa especial.

Nestha lutou o máximo que pôde para mantê-la segura a qualquer custo.

O Caldeirão entendeu isso. E o Rei de Hybern também.

Um fardo familiar antigo voltou, e ela desejou que pudesse esquecê-lo.

— Estou cansada. — Disse ela em um tom sem emoção.

— Tire o resto do dia de folga. — Cassian pediu a ela em voz baixa. — Mor ou Rhys nos atravessarão para o acampamento Refúgio do Vento amanhã depois do café.

Nestha não disse nada e Cassian prosseguiu — Vamos pegar leve no começo: duas horas de treino, depois almoço, após isso você será trazida de volta aqui para encontrar Clotho.

Nestha não teve forças para perguntar no que consistiria o treinamento ou o trabalho na biblioteca com a Sacerdotisa. Ela não se importou. Que Rhys, Feyre, Cassian e Amren fizessem o que quisessem com ela. Não mudaria nada.

Então, ela não se incomodou em responder antes de entrar pela porta de arco de seu quarto. Mas ela podia sentir o olhar de Cassian sobre ela, observando cada passo dela desde a soleira, a maneira que ela agarrou a borda da porta e cerrou os dedos antes de batê-la na cara dele.

Ela parou na frente do cômodo, um pouco cegada pela luz que entrava pela parede de janelas do lado oposto. O bater de botas na pedra disse a ela que ele havia se afastado.

Mas foi apenas quando os passos desapareceram que Nestha adentrou o quarto, idêntico a como ela o havia deixado, mas com a porta que conduzia ao aposento antigo de Elain agora trancada.

O espaço era grande o suficiente para acomodar confortavelmente uma enorme cama de dossel contra a parede à esquerda e uma pequena área de estar à direita, completa com um sofá e duas cadeiras. Uma lareira de mármore ocupava a parede diretamente oposta, felizmente apagada, e tapetes espalhados por toda a parte ofereciam abrigo contra o chão de pedra.

Mas ela gostou de outra coisa no quarto desde o início. O que estava diante dela naquele exato momento: a parede de janelas com vista para a cidade, o rio, as áreas planas e o mar brilhando no fundo. Toda aquela terra, todas aquelas pessoas, à distância. Como se o lugar estivesse pairando nas nuvens.

Em alguns dias a névoa era tão densa que bloqueava a visão e tocava as janelas, tanto que Nestha podia mergulhar os dedos nela.

Naquele momento, porém, não havia vestígio de neblina. As janelas não mostravam nada além de um dia claro de início de outono, o sol quase ofuscante.

Alguns segundos se passaram. Minutos.

Um rugido familiar cresceu em seus ouvidos. Um enorme vazio a arrastou para baixo, como se alguma criatura feérica colocasse seus dedos ossudos em volta de seu tornozelo e a puxasse abaixo de uma superfície escura. Assim como ela foi puxada sob a eterna água gelada do Caldeirão.

O corpo se tornou distante, estranho. Nestha fechou as pesadas cortinas de veludo cinza para bloquear a luz, envolvendo a sala na escuridão centímetro por centímetro. Ela ignorou as três malas e dois baús colocados ao lado da cama e se aproximou da cama.

Ela mal conseguiu tirar os sapatos antes de se enfiar sob as camadas de lençóis e cobertores de penas brancas. Feito isso, fechou seus olhos e respirou.

E respirou.

E respirou.

4

Mor havia conseguido uma mesa no café à beira do rio e agora sentava com um braço repousado na parte de trás de uma cadeira de ferro, a outra pousada graciosamente nos joelhos cruzados. Cassian parou a alguns passos do labirinto de mesas ao lado da calçada e sorriu quando a viu: seu rosto virado em direção ao sol, o cabelo solto brilhante e rodopiando ao seu redor como fogo derretido, seus lábios cheios curvados para aproveitar a luz.

Mor nunca parava de elogiar o sol. Mesmo quinhentos anos depois de deixar a prisão que ela uma vez chamou de lar e dos monstros que afirmavam ser seus parentes, seus amigos, irmãos praticamente, ela continuava a saborear cada momento que passava ao sol.

Cassian pigarreou enquanto caminhava até a mesa e sorriu cortesmente para os demais fregueses e para as pessoas que andavam na calçada, que o olharam perplexas ou retribuíram a saudação; quando ele se sentou, Mor estava rindo, seus olhos castanhos brilhando de diversão.

— Não comece. — ele avisou, dobrando suas asas em torno das costas da cadeira e acenando para o proprietário do café, que o conhecia bem o suficiente para saber que precisava levar água para ele, não o chá e os doces que Mor tinha na sua frente.

Mor sorriu, e seu sorriso era tão lindo que ele perdeu o fôlego. — Não posso aproveitar a visão do meu amigo sendo lisonjeado em público?

Cassian revirou os olhos e agradeceu ao proprietário quando uma jarra de água e um copo se materializaram na sua frente.

— Pareço me lembrar de uma época em que você gostava de coisas semelhantes também. — Mor disse quando o homem saiu para servir outras

mesas.

— Eu era um jovem idiota arrogante. — Ele franziu a testa ao se lembrar de como ele andou por aí após batalhas e missões vitoriosas, pensando que merecia o elogio de estranhos. Ele havia se deleitado com aquele comportamento estúpido por muito tempo. Foi preciso andar pelas mesmas ruas depois que Rhys foi preso por Amarantha — depois que Rhys se sacrificou tanto para proteger a cidade, e em face da decepção e do medo de tantas pessoas — para perceber que ele havia sido estúpido.

Mor pigarreou como se entendesse a direção que seus pensamentos estavam tomando. Ela não possuía toda a gama de talentos de Rhys, mas sobreviver à Corte dos Pesadelos a ensinou a decifrar até as expressões mais sutis. Um simples piscar de olhos, ela explicou a ele uma vez, poderia significar a diferença entre a vida e a morte naquela corte horrível. — Então, ela se acalmou?

Cassian sabia exatamente o que ela queria dizer. — Está tirando uma soneca.

Mor bufou.

— Não diga nada. — Os olhos de Cassian se voltaram para o brilhante Sidra a poucos metros de distância. — Por favor, deixe como está.

Mor tomou um gole de chá, o retrato de uma elegante inocência. — Devíamos ter enviado Nestha para a Corte dos Pesadelos. Lá ela teria prosperado.

Cassian apertou a mandíbula, porque aquelas palavras eram um insulto, mas também eram a verdade. — É exatamente o tipo de ambiente do qual estamos tentando mantê-la afastada.

Mor o estudou com um piscar de seus cílios grossos. — Claro que você se sente mal por vê-la assim.

— Essa coisa toda me deixa enojado. — Ele e Mor sempre tiveram esse tipo de relacionamento: sinceridade a qualquer custo, por mais difícil que

fosse.

Pelo menos desde a primeira e última vez que dormiram juntos, quando ele descobriu tarde demais que ela escondera dele as terríveis repercussões daquele ato. Quando ele viu seu corpo quebrado e percebeu que mesmo que ela tivesse mentido para ele, ele ainda tinha um papel a desempenhar.

Cassian suspirou, descartando aquelas memórias encharcadas de sangue que ainda assombravam sua memória depois de cinco séculos. — Fico enojado ao ver que Nestha se tornou... algo assim. Fico enojado ao ver que ela e Feyre estão sempre prontas para pular na garganta uma da outra. Fico enjoado ao ver Feyre sofrendo, e sei que é o mesmo para Nestha também. Fico enojado....

— Eu entendi. — A brisa enrugou o tecido quase transparente do vestido azul como o pôr do sol de Mor.

Cassian recuou para olhar seu belo rosto. Depois das consequências desastrosas para Mor após aquela noite, a briga com Rhys foi horrível e Azriel também ficou furioso, embora com seu jeito calmo de sempre, apagando qualquer desejo que Cassian ainda pudesse sentir por Mor. Assim, a paixão se transformou em afeto e todos os sentimentos românticos deram lugar a laços fraternos. Mas isso não o impediu de admirar sua beleza pura, assim como admiraria uma obra de arte. Mesmo sabendo que o que vivia dentro de Mor era ainda mais precioso e perfeito do que se via por fora.

E ele não podia deixar de se perguntar se ela também sabia disso.

— Conte-me o que aconteceu em Vallahan. — ele perguntou, retomando a bebida.

O antigo território montanhoso que pertencia aos feéricos além do mar do norte estava em conflito muito antes de a guerra com Hybern estourar, e havia sido tanto um aliado quanto inimigo de Prythian ao longo das eras. A pergunta agora era qual papel o impulsivo rei de Vallahan e seu povo desempenhariam na nova ordem mundial, embora muito parecesse

depende da presença agora frequente de Mor na corte, como emissária de Rhys.

Mor fechou os olhos. — Eles não querem assinar o novo tratado.

— Merda. — Rhys, Feyre e Amren passaram meses trabalhando naquele tratado, também seguindo conselhos de aliados em outras cortes e outros territórios, e especialmente de Helion, Grão-Senhor da Corte do Diurna e melhor amigo de Rhys, que foi quem mais se envolveu. Helion, O Quebrador de Feitiços, era incomparável em sua arrogância presunçosa, tanto que provavelmente foi ele que se deu esse apelido. Mas ele tinha milhares de bibliotecas e as disponibilizou para redigir o tratado.

— Passei semanas naquela maldita corte — disse Mor, dando um tapinha na massa folhada ao lado de sua xícara de chá. — congelando minha bunda e tentando beijar *a deles*. E agora o rei e a rainha recusam o tratado. Voltei hoje cedo porque sabia que quaisquer outras tentativas de pressão não seriam bem recebidas. Afinal, a minha era para ser uma visita amigável.

— Mas por que eles não querem assinar?

— Porque aquelas estúpidas rainhas humanas estão em crise e seu exército ainda não foi dissolvido. A Rainha de Vallahan perguntou-me qual seria a utilidade de um tratado de paz se outra guerra, desta vez contra os humanos, redesenharia as fronteiras muito a frente da Muralha. Não acho que Vallahan esteja interessado na paz. Nem em se aliar a nós.

— Então Vallahan quer outra guerra para expandir seu território? — Eles já haviam tomado muito mais do que deveriam após a guerra de cinco séculos atrás.

— Eles estão entediados — disse Mor com uma expressão de desgosto. — E humanos, apesar dessas rainhas, são muito mais fracos do que nós. Entrar em seus territórios é como colher frutos baixos. Montesere e Rask provavelmente vêm da mesma maneira.

Cassian revirou os olhos. Esse tinha sido o medo durante a última guerra: que aqueles três territórios do outro lado do mar pudessem se aliar a

Hybern. Se o fizessem, não haveria esperança de salvação. E mesmo agora, não importa o quão morto o rei de Hybern estivesse, seu povo continuava com raiva. Teria sido fácil reunir novamente um exército em Hybern. E se eles se aliassem a Vallahan, se Montesere e Rask se juntassem para expandir os territórios dos humanos... — Você já disse a Rhys.

Não era uma pergunta, mas Mor assentiu. — É por isso que ele pediu para você ficar de olho no que acontece entre as rainhas humanas. Vou tirar alguns dias de folga antes de voltar para Vallahan, mas Rhys precisa saber onde estão as rainhas nessa coisa toda.

— Então você deve convencer Vallahan a não travar uma nova guerra e eu devo fazer o mesmo com as rainhas humanas, certo?

— Mas você não chegará tão perto das rainhas. — disse Mor francamente. — Pelo que pude ver em Vallahan, acho que elas estão planejando algo. Mas não conseguimos descobrir o quê, ou porque os humanos são tão estúpidos a ponto de iniciar uma guerra que não têm chance de vencer.

— Eles podem ter algo em seu arsenal que lhes dê uma certa vantagem.

— Isso é o que você precisa descobrir.

Cassian bateu nas pedras da garagem com a bota. — Não me pressione.

Mor tomou um gole de chá. — Ser um cortesão não significa apenas roupas bonitas e festas chiques.

Cassian franziu a testa. Vários minutos se passaram em um silêncio amigável, embora ele pudesse ouvir o vento soprando sobre o Sidra, a conversa das pessoas ao redor deles, o tilintar de talheres contra os pratos. Feliz em deixá-lo imerso em pensamentos, Mor voltou-se para o sol.

Cassian ficou tenso. — Há uma pessoa que conhece essas rainhas de dentro para fora. E quem poderia nos dar alguns conselhos.

Mor abriu um olho e, em seguida, inclinou-se lentamente para a frente, o cabelo caindo em volta dela como um rio de ouro cheio de ondulações. —

O que você quer dizer?

— Vassa. — Cassian não havia tido muito contato com a rainha humana expulsa, a única boa sobrevivente, traída pelas outras rainhas quando a venderam para o Lorde Bruxo que lançou um feitiço contra ela: forçada a se transformar em um pássaro de fogo de dia, e somente à noite voltando a ser mulher.

Ela teve sorte: eles entregaram a outra rainha rebelde ao Ator. Que então a empalou em um poste de luz a algumas pontes de onde Cassian e Mor estavam naquele momento.

Mor assentiu. — Você está certo. Isso pode nos ajudar.

Cassian apoiou os braços na mesa. — Lucien mora com Vassa. E Jurian também. Ele deveria ser nosso emissário para as terras dos humanos. Deixe que ele lide com isso.

Mor mordeu a massa folheada. — Não podemos confiar mais em Lucien cegamente.

Cassian ficou pasmo. — Por quê?

— Embora Elain esteja aqui, ele está muito próximo de Jurian e Vassa. Ele decidiu se mudar para viver com eles, e não apenas como nosso emissário, mas como um amigo.

Cassian pensou em tudo o que tinha visto e ouvido durante seus encontros com Lucien desde a guerra, tentando vê-lo como Rhys e Mor o viam — Ele passou meses ajudando-os a reorganizar as idéias sobre quem governa os territórios de Prythian nas terras humanas. — murmurou Cassian — Portanto, Lucien não pode ser imparcial ao nos dar informações sobre Vassa.

Mor confirmou. — Lucien pode estar de boa-fé, mas todo relatório que nos dá, quer saiba disso ou não, pode inclinar-se a favor de Vassa. Precisamos de alguém fora de seu pequeno círculo que possa obter novas informações e

enviá-las para nós. — Ela comeu o último pedaço da massa folhada. — E esse alguém seria você.

Bem. Fazia sentido. — Por que ainda não contatamos Vassa para contar a ela sobre isso?

Mor dispensou a pergunta com um gesto, embora seus olhos sombreados desmentissem aquele movimento descuidado. — Porque estamos apenas juntando as peças agora. Mas você definitivamente deve falar com ela assim que tiver a chance. O mais rápido possível, para falar a verdade.

Cassian acenou com a cabeça. Ele não tinha nada contra Vassa, embora conversar com ela significasse se encontrar com Lucien e Jurian também.

Com o primeiro ele aprendeu a conviver, mas com o segundo... Nem mesmo o fato de ter descoberto que Jurian lutou do mesmo lado deles mudou as coisas. Aquele general humano, torturado por Amarantha por cinco séculos, traíra Hybern depois de ser ressuscitado pelo Caldeirão e ajudou Cassian e sua família a vencer a guerra. Mas, ainda não gostava dele.

Ele se levantou e estendeu a mão para bagunçar o cabelo brilhante de Mor. — Senti sua falta esses dias. — Ela esteve muito ausente ultimamente, e cada vez que voltava, havia uma sombra em seu olhar, uma sombra que ele não conseguia mitigar. — Você sabe que a teríamos avisado se Keir tivesse vindo aqui. — Seu pai idiota não tinha feito Rhys retribuir o favor: uma visita a Velaris.

— Eris me deu tempo. — As palavras de Mor foram afiadas.

Cassian tentou não acreditar, mas sabia que Eris o fizera de boa-fé. Ele havia convidado Rhysand a entrar em sua mente para ver exatamente por que convencera Keir a adiar indefinidamente sua visita a Velaris. Só Eris conseguia exercer esse tipo de influência no ambicioso Keir, e o que quer que seja que ele tivesse oferecido para persuadi-lo a não vir ainda era um mistério. Pelo menos para Cassian. Rhys provavelmente sabia. E pelo rosto pálido de Mor, ela se perguntou se também não sabia. Eris deve ter

sacrificado algo importante para salvar Mor da visita de seu pai, que com certeza seria planejada de uma forma que maximizasse seu tormento.

— Isso não importa para mim. — Mor encerrou a conversa com um aceno de mão. Cassian poderia ter jurado que havia algo mais a atormentando naquele momento. Mas ele esperaria que ela lhe contasse quando estivesse pronta. — Vá e descanse. — E ele saiu antes que ela pudesse responder.



Nestha acordou em completa escuridão.

Uma escuridão que ela não via há anos. Daquela cabana em ruínas que se tornou uma prisão e um verdadeiro inferno.

Sentando, ela abraçou o peito, ofegante. Foi tudo um sonho causado por uma febre em uma noite de inverno? Ela ainda estava naquela cabana, com fome, pobre e desesperada?

Não. O ar estava quente, e ela era a única pessoa na cama, ela não estava colada nas irmãs em busca de calor, não tentava se esquivar daquela que conquistara o lugar do meio, mais aconchegante, nas noites frias, ou as bordas nas noites mais quentes de verão.

E embora naqueles longos invernos ela tivesse se tornado toda pele e ossos...

Até esse corpo era novo para ela. Feérico. Poderoso. Ou pelo menos tinha sido.

Limpando o rosto, Nestha deslizou para fora da cama. Os pisos também eram aquecidos. Nada comparável às frias tábuas de madeira da cabana.

Ela caminhou até a janela, puxou as cortinas e se inclinou para olhar a cidade escura abaixo. As luzes estavam acesas nas ruas, dançando ao longo da faixa do rio Sidra. Além disso, apenas as estrelas iluminavam as terras planas com prata em frente ao mar frio e vazio.

Olhando para o céu, ainda não estava claro se estava perto do amanhecer e o silêncio na casa revelava que todos ainda dormiam. Os três que o ocuparam. Quanto tempo ela havia dormido? Eles chegaram às onze da manhã e ela adormeceu logo depois. Não tinha comido o dia todo e seu estômago estava protestando.

Mas ela não se importou e apoiou a testa contra o vidro frio da janela. Ela deixou a luz das estrelas acariciar sua cabeça, rosto e pescoço. Ela imaginou seus dedos luminosos descendo por sua bochecha como sua mãe havia feito com ela e somente com ela.

— *Minha querida Nestha. Elain vai se casar por amor e beleza, mas você, minha pequena rainha astuta... Você por grandes feitos.*

Sua mãe teria revirado no túmulo ao descobrir que Nestha, anos depois, estivera ali para se casar com o filho fraco de um lenhador que vira seu pai bater em sua mãe. Que ele levantou a mão para ela quando ela disse que queria terminar com ele. E que ele havia tentado tomar à força o que ela não queria mais lhe oferecer.

Nestha tentou esquecer Tomas. Houve momentos em que desejou que o Caldeirão tivesse deletado aquelas memórias dela, como fez com sua humanidade, mas o rosto do homem continuava a assombrar seus sonhos e até pensamentos quando ela estava acordada. Às vezes, ela ainda sentia suas mãos ásperas apertando-a, deixando hematomas. Às vezes, ela sentia o gosto amargo do sangue dele ainda envolvendo sua língua.

Nestha se afastou da janela e começou a estudar as estrelas distantes. Ela se perguntou se sabiam falar.

— *Minha Nestha* — sua mãe sempre a chamava, mesmo no leito de morte, pálida e devastada pelo tifo. — *Minha pequena rainha.*

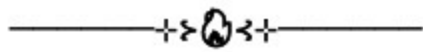
Antes, Nestha ficaria satisfeita com aquele título. Ela fizera o possível para levar uma vida que fizesse juz a ele, uma vida feroz, mas que se dissolveu quando os devedores chegaram e seus supostos amigos se mostraram nada mais do que covardes invejosos usando máscaras. Nenhum deles se ofereceu para salvar a família Archeron da pobreza. Todos os deram de

alimento para os lobos, as meninas e um homem que mal conseguia ficar de pé.

E então Nestha também se tornou um lobo. Ela havia se armado com dentes e garras invisíveis e aprendido a golpear mais rápido, mais profundo e mais mortal. Ela havia gostado. Mas quando chegou a hora de colocar o lobo de lado, ela descobriu que ele também a havia devorado.

As estrelas brilharam acima da cidade, como se estivessem de acordo.

Nestha cerrou os punhos e voltou para a cama.



Que o Caldeirão o amaldiçoe! Talvez ele não devesse ter concordado em levá-la ali.

Cassian ficou acordado em sua cama enorme, grande o suficiente para acomodar três guerreiros Illyrianos deitados lado a lado, com suas asas e tudo. Poucas coisas haviam mudado naquele cômodo nos últimos quinhentos anos. Mor ocasionalmente sugeria redecorar a Casa do Vento, mas Cassian gostava exatamente do jeito que estava.

Ele acordou com o som de uma porta sendo fechada e imediatamente colocou-se em alerta, seu coração disparando enquanto pegava a faca que continuava apoiada na mesinha de cabeceira. Duas outras estavam escondidas sob o colchão, outras ainda ao lado da porta, enquanto duas espadas foram colocadas respectivamente sob a cama e no guarda-roupa.

Esta era sua coleção. Apenas a Mãe sabia quantas armas Az mantinham em seu quarto.

Entre ele, Az, Mor e Rhys, era de se supor que eles haviam montado um arsenal tão rico nos cinco séculos em que usaram a Casa do Vento que poderiam equipar uma legião inteira. Eles haviam escondido, estocado e esquecido tantas armas que sempre havia a chance de se sentar em um sofá e ser picado por alguma coisa. Também era provável que muitas das armas

agora eram nada mais do que pedaços de ferro enferrujados em suas respectivas bainhas.

Mas Cassian manteve as que estavam em seu quarto bem oleadas e limpas.

Prontas para usar.

A faca brilhava na luz das estrelas, o Sifão pulsando vermelho enquanto ele examinava o corredor atrás da porta com seu poder.

Mas nenhum perigo veio, nenhum inimigo que cruzou as fortificações. Os soldados de Hybern haviam feito isso há mais de um ano e quase conseguiram colocar as mãos em Feyre e Nestha na biblioteca. Ele nunca tinha esquecido o terror no rosto de Nestha enquanto ela corria em sua direção com os braços estendidos.

Mas o som no corredor... Azriel, ele percebeu um momento depois.

E a julgar pelo barulho com que ele fechou a porta, era evidente que Az queria informá-lo de sua volta. Ele não queria falar, mas queria que soubesse que estava em casa.

E então Cassian ficou ali olhando para o teto, os Sifões pararam de brilhar e a faca foi embainhada e colocada na mesa de cabeceira. Pela posição das estrelas, ele sabia que já passava das três e que o amanhecer estava distante.

Ele deveria ter dormido pelo menos um pouco. Um dia difícil o esperava.

Como se seu apelo silencioso tivesse se espalhado pelo mundo, a doce voz masculina sussurrou em sua alma. *O que você está fazendo acordado a essa hora?*

Cassian esquadrinhou o céu além das janelas como se tivesse visto Rhys voar ali. *Eu poderia te perguntar a mesma coisa.*

Rhys riu com diversão. *Eu te disse: devo desculpas à minha esposa.* Um longo silêncio malicioso. *Estamos fazendo uma pausa.*

Cassian riu com vontade. *Dê um pouco de descanso à coitada.*

Foi ela quem começou. Satisfação masculina pura fluiu em cada palavra. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta.

Mas por que você está aqui me espionando a esta hora?

Eu queria ter certeza de que tudo estava bem. Não é minha culpa que você já esteja acordado.

Cassian bufou . Está tudo bem. Nestha foi para a cama logo após nossa chegada e não se levantou depois disso. Acho que está dormindo.

Você deve estar lá antes das onze.

Eu sei.

São três e quinze da manhã.

Eu sei.

O silêncio continuou e Cassian em um ponto se sentiu compelido a quebrá-lo.

Não interfira.

Eu não ousaria.

Cassian não desejava ter tal conversa, muito menos às três da manhã e menos ainda duas vezes no mesmo dia. *Vamos conversar amanhã à noite, após a primeira sessão.*

A pausa de Rhys foi novamente muito longa para ser ignorada. Mas o irmão disse: *Mor irá levá-los até o Acampamento Refúgio do Vento. Boa noite, Cass.*

A presença sombria em sua mente se dissolveu, deixando-o frio e vazio.

Amanhã ele teria que enfrentar um campo de batalha completamente novo.

E Cassian não pôde deixar de se perguntar quanto dele permaneceria intacto no final do dia.

5

— Se você não comer alguma coisa, irá se arrepender em trinta minutos.

Eles se sentaram à mesa longa na sala de jantar da Casa do Vento. Nestha levantou seus olhos do prato de ovos e batatas e da tigela com mingau fumegante. O sono ainda pesava sobre seus ossos e intensificava seu mau humor. — Eu não vou comer nada disso.

Cassian pegou sua porção. O dobro do tamanho da de Nestha. — Não há mais nada.

Nestha permaneceu perfeitamente imóvel em sua cadeira, dolorosamente ciente de cada movimento do uniforme de batalha que ela vestia. Ela não se lembrava mais como era vestir calças, a sensação de nudez em ter as coxas e sua bunda à vista.

Por sorte, Cassian estava muito ocupado lendo algum relatório para vê-la entrar e se acomodar em sua cadeira. Nestha olhou para a porta como se esperasse a chegada de um servo. — Vou comer alguma torrada.

— Você terá consumido tudo em dez minutos e então estará exausta. — Cassian apontou para o mingau. — Coloque um pouco de leite para torná-lo mais comestível. E não, não tem açúcar. — ele acrescentou antes que ela pudesse perguntar.

Nestha intensificou o aperto em sua mão. — Isso é uma punição?

— Mais uma vez, isso lhe dará energia por um curto tempo e então você vai entrar em colapso. — ele colocou os ovos na boca. — Você precisa manter seu nível de energia constante durante todo o dia, mas alimentos cheios de açúcar e uma fatia de pão só lhe dará um impulso temporário de força.

Carnes magras, grãos integrais, frutas e legumes, por outro lado, vai mantê-la cheia e seu nível de força bastante estável.

Ela bateu as unhas repetidamente na mesa polida. Ela havia se sentado lá inúmeras vezes antes com os membros da corte de Rhysand. Mas naquele dia, com apenas os dois presentes, parecia excessivamente grande.

— Há outras áreas da minha vida diária que o senhor pretende presidir?

Cassian deu de ombros enquanto continuava a comer. — Tente não me dar razões para adicionar mais à lista.

Desgraçado arrogante.

Cassian apontou para a comida novamente com um aceno. — Coma.

Nestha mergulhou sua colher na tigela, mas não a levantou.

— Faça o que quiser, então. — ele terminou o mingau e voltou para os ovos.

— Quanto tempo durará a sessão de hoje?

O amanhecer tinha revelado céus claros, mas ela sabia bem que as montanhas Ilyrianas tinham um clima próprio. Ela poderia apostar que estariam cobertos pela primeira queda de neve.

— Como te disse ontem, as sessões duram duas horas. Só até a hora do almoço. — ele colocou o prato embaixo da tigela e empilhou os talheres dentro. Eles desapareceram em um instante, levados pela magia da casa. — Que será a próxima vez que comeremos. — disse ele, olhando para a comida no prato de Nestha.

Ela se inclinou para trás contra as costas da cadeira. — Primeiro, eu não vou participar dessa sessão de treinamento. Segundo, eu não estou com fome.

Os olhos avelãs de Cassian se iluminaram. — Parar de comer não vai trazer seu pai de volta à vida.

— Não tem nada a ver com isso. — ela sibilou. — *Nada*.

Cassian cruzou os braços sobre a mesa. — Vamos enfrentar essa merda de uma vez por todas. Você acha que eu nunca passei por isso também? Você acha que nunca vi, fiz e ouvi algo assim antes? E que eu não vi aqueles que amo passando por tudo isso? Você não é a primeira e também não será a última. O que aconteceu com seu pai foi terrível, Nestha, mas...

Ela se levantou rapidamente. — Você não sabe *absolutamente nada*. — ela não pôde deixar de tremer. De raiva, ou outra coisa, ela não sabia exatamente. Ela cerrou os dedos em seus punhos. — Guarde a porra da sua opinião para você.

Cassian ficou surpreso com aquela grosseria, com a raiva que fez seu rosto brilhar. — Quem te ensinou a falar assim?

Nestha cerrou os punhos ainda mais forte. — Foi você. Você tem uma das bocas mais sujas que eu já vi.

Cassian estreitou os olhos evidentemente em divertimento, mas sua boca permaneceu uma linha fina.

— Vou manter a porra das minhas opiniões para mim mesmo se você decidir comer.

Nestha o encarou e tentou canalizar todo o veneno de seu corpo para seu olhar.

Cassian esperou. Tão imóvel quanto a montanha onde a casa foi construída.

Nestha sentou-se novamente, pegou a tigela de mingau e colocou uma colher cheia na boca. Ela quase vomitou com o gosto. Mas ela se forçou a engolir. Uma colher cheia. E mais outra. Até que a tigela estivesse completamente vazia. Então ela olhou para os ovos.

Cassian observou cada mordida com cuidado.

Quando não havia mais nada, Nestha pegou os talheres e a tigela e os empilhou sob o prato, o barulho dos talheres enchendo a sala.

Então ela se levantou novamente e foi até ele. Em direção à porta atrás dele.

E então Cassian se levantou também.

Ao passar por ele, Nestha teve a impressão de que Cassian estava prendendo a respiração. Ela estava tão perto dele que um movimento do cotovelo dela teria atingido o estômago dele.

— Eu não posso esperar para desfrutar do seu silêncio. — disse ela em um sussurro.

Incapaz de esconder o sorriso, ela se dirigiu para a porta. Mas um aperto no seu braço a deteve.

Os olhos de Cassian brilharam, o Sifão vermelho brilhando nas costas da mão com que ele a segurava. Um sorriso sarcástico e malicioso curvou seus lábios.

— Fico feliz em ver que você acordou pronta para brincar, Nestha. — sua voz era pouco mais que um estrondo baixo.

O coração de Nestha começou a bater descontroladamente com aquela voz, com o olhar desafiador em seus olhos, com sua proximidade e grandeza. Ela nunca foi capaz de evitá-lo. Uma vez, ela até permitiu que ele se esfregasse contra ela e lambesse seu pescoço.

Ela permitiu que ele a beijasse durante a batalha final. Foi apenas um beijo, tudo o que ele pôde fazer devido aos seus ferimentos, e ainda assim a abalou profundamente.

— *Não tenho arrependimentos na vida, exceto este. Que não tivemos tempo. Que eu não tive tempo com você, Nestha. Eu a encontrarei de novo, no próximo mundo, na próxima vida. E teremos esse tempo. Prometo.*

Nestha se lembrava desses momentos com mais frequência do que gostaria de admitir. A pressão de seus dedos quando ele apertou seu rosto, a maneira como sua boca a tocou e a provou, encharcada de sangue, mas ainda doce.

Ela não podia tolerar isso.

Cassian parecia impassível, embora afrouxasse o aperto em seu braço.

Ela se forçou a se controlar. Ela forçou seu sangue aquecido a virar gelo.

Ele estreitou os olhos novamente em diversão, mas a deixou ir. — Você tem cinco minutos antes de partirmos.

Nestha conseguiu se afastar. — Você é um bastardo.

Cassian acenou com a cabeça. — Nascido e criado.

Ela deu mais um passo. Se ela se recusasse a deixar a Casa, Morrigan, Cassian ou Rhys simplesmente a atravessariam para o Refúgio de Vento à força. E se ela se recusasse a fazer o que eles queriam, eles a jogariam nas terras dos humanos sem pensar duas vezes. O pensamento a fez enrijecer.

— Nunca mais coloque suas mãos em mim de novo.

— Anotado. — os olhos de Cassian brilharam de novo.

Nestha cerrou os punhos novamente. E ela escolheu palavras para dizer que fossem tão afiadas quanto lâminas.

— Se você acha que essa tolice de treinamento é uma maneira de vir para a minha cama, você está muito enganado. Prefiro levar um cachorro de rua para a cama. — ela acrescentou com um meio sorriso.

— Oh, não serei eu a rastejar para a sua cama.

Nestha deu uma risadinha satisfeita com aquela pequena vitória, e já estava quase alcançando as escadas quando ele gritou atrás dela — Você que vai vir para a minha.

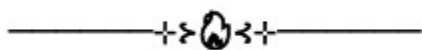
Nestha girou rapidamente, com um pé suspenso no ar. — Eu prefiro apodrecer no inferno.

Cassian deu a ela um sorriso debochado. — Veremos.

Enquanto ela ainda procurava novas palavras ásperas, ofensivas ou debochadas, o sorriso de Cassian continuou a crescer. — Você só tem três minutos para se arrumar.

Nestha pensou em jogar a coisa mais próxima nele, um vaso apoiado em um pequeno pedestal ao lado da porta. Mas ela não queria dar-lhe a satisfação de admitir que estava magoada com o que ele disse. Então ela apenas deu de ombros e saiu pela porta. Muito devagar. Fingindo não se incomodar com seu andar pomposo atrás dela.

Até parece que a Nestha iria para a cama dele.



Essas calças iriam matá-lo.

Completamente e brutalmente.

Cassian não tinha esquecido o espetáculo que era Nestha usando o uniforme de guerra Illyriano, nem um pouco. Mas comparado com meras memórias...

Pela Mãe.

Ele tinha perdido todo o seu discurso, esquecido todas as línguas que conhecia ao ver Nestha andar à sua frente, de costas eretas e sem pressa como qualquer mulher nobre que preside à sua casa.

Ele estava bem consciente de que a tinha deixado ganhar aquele confronto; tinha perdido a consciência no momento em que ela tinha lhe dado aquele pequeno encolher de ombros e tinha entrado no corredor, sem se importar com a visão que ela lhe tinha oferecido. E isso tinha apagado qualquer pensamento que não fosse mero instinto primordial.

Levou-lhe todos os três minutos que ela passou lá embaixo para se preparar a fim de recuperar a sua compostura. A Mãe sabia que ele tinha muito que fazer naquele dia, tanto com a sessão de Nestha como com todo o resto, e

não podia se entregar à ideia de tirar as calças dela e conquistar cada centímetro daquela bunda espetacular.

Ele não podia permitir-se tais distrações. Por pelo menos um milhão de razões.

Porém, porra quando foi a última vez que ele se divertiu na cama?

Certamente nenhuma desde o fim da guerra. Talvez nenhuma desde antes de Feyre ter libertado a todos da tirania de Amarantha. Que o Caldeirão o fervesse, deve ter sido antes de Amarantha cair. Com aquela mulher que tinha conhecido no Ritas. Num beco fora da casa de prazer. Contra uma parede de tijolo. Tinha sido rápido e bagunçado, tudo tinha acabado em poucos minutos, nem ele nem a mulher tinham querido mais do que uma aventura de uma noite.

Tinham se passado dois anos. Desde então, ele teve de se contentar com a sua própria mão.

Ele deveria ter encontrado uma maneira de superar o desejo antes de concordar em morar na Casa do Vento com Nestha. Ela estava ferida, fora de controle, e a última coisa que ela precisava era que ele babasse sobre ela. E agarrasse ela pelo braço como um animal incapaz de impedir a si mesmo de puxar-lá até ele.

Ela não queria ter nada com ele. Ela tinha deixado isso claro no solstício de Inverno.

— *Eu sei o que quero de você. Nada, nem uma maldita coisa.*

Ela tinha quebrado algo dentro dele, alguma resistência final e o último vislumbre de esperança de que tudo aquilo que tinham passado durante a guerra poderia resultar em algo de bom.

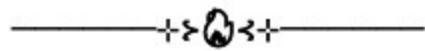
A esperança de que quando ele, deitado e morrendo no chão, tivesse aberto o seu coração a ela e que quando Nestha tivesse coberto o seu corpo com o dela, escolhendo morrer ao seu lado, ela de alguma forma também o tivesse escolhido.

Uma esperança tola, que ele deveria ter sido suficientemente esperto para conter. Assim, naquela noite no Solstício de Inverno, nas ruas cobertas de gelo, quando ele sabia muito bem que ela só tinha vindo à Casa da Cidade para obter o dinheiro que Feyre lhe tinha prometido em troca da sua aparição, quando ela tinha declarado que não queria ter nada a ver com ele...

Cassian tinha lançado o presente dela que ele tinha passado meses à procura, no Sidra congelado e tinha-se dedicado a acabar com o crescente conflito entre os Illyrianos.

Ele havia se mantido afastado de Nestha durante os nove meses seguintes.

Muito muito longe. Tinha chegado ao ponto de cometer um erro estúpido, de mostrar o seu próprio coração e deixá-lo ser arrancado de seu peito. Mal tinha conseguido afastar-se com alguma dignidade. Sobre o seu cadáver, ela iria fazer isso novamente.



Nestha regressou, o seu cabelo preso para trás numa trança e puxado envolta da sua cabeça como uma coroa. Cassian tentou arduamente não olhar para ela do pescoço para baixo. Não olhar para o seu corpo à vista de todos. Ela precisava de recuperar o peso que tinha perdido e ganhar alguns músculos, mas... aquele maldito uniforme.

— Vamos. — disse ele com voz fria e rouca. Ele teve de agradecer ao Caldeirão por isso.

Na varanda atrás da porta da sala de jantar Mor aterrissou, completamente calma como se cair os cerca de dez metros desde as defesas até a Casa não fosse grande coisa. E provavelmente não fora para ela.

Mor saltou de um lado para o outro, esfregando os seus braços e tremendo os dentes pelo frio. Ela deu-lhe um olhar rude. “Vai pagar por isto.”

Nestha franziu a sobrancelha, mas vestiu a capa, cada movimento lento e gracioso, e depois caminhou até onde Mor estava à espera deles. Cassian voaria com elas para além do alcance das defesas, depois Mor os atravessaria para o Acampamento Refúgio do Vento.

Onde ele encontraria uma forma de convencer Nestha a treinar.

Mas ele sabia que o mínimo que lhe seria exigido para o dia era concordar em ser conduzida até lá. Ela tinha sido sempre muito boa a lidar com esse tipo de batalhas mentais e emocionais. Ela teria sido uma boa general.

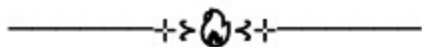
Talvez ela ainda pudesse ser.

Mas Cassian não tinha certeza se isso seria uma coisa boa. Transformá-la nesse tipo de arma.

Ela tinha apontado um dedo como uma ameaça de morte ao rei de Hybern antes de ser transformada numa Grã-feérica contra a sua vontade. Meses mais tarde, ela tinha carregado a cabeça dele na mão como um troféu e encarado seus olhos mortos.

E se o Entalhador de Ossos tivesse dito a verdade sobre a sua saída do Caldeirão ser algo a temer... Foda-se.

Ele nem sequer pegou a sua capa, foi logo abrir a janela, inalando o ar fresco de Outono em seus pulmões antes de se aproximar de Mor, que o esperava de braços abertos.



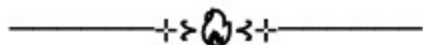
Ainda não havia gelo nem neve no abrigo do Acampamento Illyriano Refúgio do Vento, mas o frio extremo atingiu Nestha no rosto assim que chegaram.

Morrigan desapareceu com um aceno de cabeça para Cassian e um olhar de aviso para Nestha, deixando-os a observar o espaço diante deles.

Um punhado de pequenas casas de pedra ergueu-se à direita, e atrás delas algumas novas habitações de madeira. Uma aldeia, foi nisso que o lugar tinha se tornado no último período. Mas mesmo à sua frente, mesmo à beira daquele pico completamente plano, estavam as arenas de treinamento, cheias de armas, pesos e outro equipamento de treino. Havia uma variedade espantosa deles, Nestha não sabia o que eram além de alguns nomes: espada, punhal, flecha, escudo, lança, arco, uma bola afiada presa a uma corrente e com um aspecto muito ameaçador e assim por diante...

Do outro lado, havia pequenas fogueiras e as nuvens de fumaça chegavam aos animais num curral, ovelhas, porcos e cabras, todos um pouco desgrehados, mas bem alimentados. E, claro, os próprios Illyrianos. As mulheres estavam concentradas em panelas e frigideiras fumegantes à volta das fogueiras, mas todas elas pararam à vista de Cassian e Nestha. Assim como as dezenas de machos em formação. Ninguém sorriu.

Um macho de ombros largos de que Nestha se lembrou vagamente veio na sua direção, ladeado por duas filas de machos mais jovens. Todos eles mantiveram as asas fechadas, talvez para andar como uma unidade, mas quando pararam em frente ao Cassian abriram-nas lentamente.



Cassian manteve a sua posição aparentemente casual, como Nestha disse, ou seja, não abriu totalmente suas asas, mas também não as deixou tão próximo do corpo. Uma posição que transmitia a quantidade perfeita de facilidade e arrogância, prontidão e força.

O olhar familiar do macho parou em Nestha. — O que ela está fazendo aqui?

Nestha deu-lhe um pequeno sorriso de compreensão. — Feitiçaria.

Ele poderia ter jurado que Cassian dirigiu uma oração à Mãe antes de intervir.

— Quero lembrar-te, Devlon, que Nestha é a irmã da nossa Grã-Senhora e que terá de ser tratada com respeito. — foram palavras tão duras que até Nestha se virou para olhar para a cara fria de Cassian. Ele não ouvia esse tom rigoroso desde a guerra. — Ela veio aqui para treinar.

Nestha queria atirá-lo do penhasco.

A expressão no rosto de Devlon congelou. — Qualquer arma em que ela toque deve ser enterrada. Deixe-as de lado numa pilha.

Nestha estava confusa.

— Não vamos fazer tal coisa. — disse Cassian furiosamente.

Devlon farejou o ar, os seus amigos riram sob a respiração. — Você está sangrando, bruxa? Se assim for, não será permitida tocar em nenhuma arma.

Nestha fez uma pausa para pensar. Considerando qual foi a melhor resposta para fazer aquele homem convencido descer um ou dois degraus.

— Essas não são mais do que superstições ultrapassadas. Ela pode tocar nas armas estando menstruada ou não. — respondeu Cassian com considerável firmeza.

— Concordo — admitiu Devlon — mas as armas continuarão a ser enterradas.

O silêncio recaiu. Nestha reparou que o rosto de Cassian tinha escurecido enquanto observava Devlon.

— E como estão os novos recrutas? — perguntou ele, de repente.

Devlon abriu a boca para responder, depois fechou-a novamente, aborrecido com a falta de confronto.

— Bem. — assobiou ele, afastando-se com os soldados atrás dele.

A expressão de Cassian cresceu mais tensa a cada respiração e Nestha preparou-se, uma emoção que se acumulou no seu sangue ao pensar nele

atacando Devlon.

— Vamos. — disse Cassian simplesmente, em vez disso, dirigindo-se para uma arena de treinamento vazia. O olhar dos Illyrianos perdurou nas costas de Neshta como uma marca ardente.

Cassian, contudo, não se dirigiu a uma das prateleiras de armas espalhadas por toda a área. Ele parou na arena de treinamento mais longe e ficou ali, com as mãos nos quadris, à espera de Nestha.

Mas ela não tinha qualquer intenção de se juntar a ele. Ela estudou uma pedra desgastada ao lado de uma das estantes, que se tinha tornado muito suave, quer pelo tempo extremo, quer pelo incontável número de guerreiros que tinham se sentado em cima dela, tal como ela estava a fazer neste momento. A superfície gelada estava irritando a sua pele, apesar do seu uniforme muito espesso.

— O que estás fazendo? — a expressão no belo rosto de Cassian fazia lembrar o de um predador.

Nestha cruzou as suas pernas ao nível do tornozelo e ajustou a borda da sua capa como a cauda de um vestido. — Já lhe disse: Não irei fazer nenhum treino.

— Levante-se. — ele nunca lhe tinha dado ordens assim.

“Levante-se”, tinha dito ela entre grunhidos naquele dia diante do Rei de Hybern. “Levante-se”.

Nestha encontrou o olhar de Cassian. Ele queria parecer distante, calmo.

— Tecnicamente, estou participando do treino, mas você não me pode obrigar a fazer nada. — e com a mão apontou para a lama por todo o lado.
— Arraste-me por ali, se quiser, mas eu não levantarei um dedo.

Os olhares dos Illyrianos atingiam-os como pedras. Cassian ficou furioso.

Muito bem. Ela ia mostrar-lhe a pessoa destruída na qual tinha se tornado, que desgraça.

— Porra, levante-se. — A sua voz era pouco mais do que um rosnado baixo.

Devlon e o seu grupo tinham retornado, atraídos por aquela luta, e reuniram-se no perímetro da pista de treino. No entanto, os olhos de avelã de Cassian permaneceram fixos nela.

E havia neles uma ligeira nota de súplica.

“Levante-se”, sussurrou uma pequena voz na sua cabeça, nos seus ossos. “Não o humilhe desta maneira. Não dê a estes bastardos a satisfação de o ver assim.”

Mas o seu corpo se recusou a mexer. Ela tinha dado a si própria um limite para não ser atravessado, e ceder... a ele... a qualquer outra pessoa, seria...

Algo semelhante a repúdio pintou-se no rosto de Cassian. Desapontamento.

Raiva.

Bom. Apesar de algo dentro de Nestha lhe ter dito que estava tudo errado, ela não conseguia esconder o seu alívio.

Cassian desviou o olhar dela, desembainhou a espada que tinha nas costas, e sem uma palavra, sem sequer olhar para ela, começou os seus exercícios matinais.

Que ele a odiasse. Era melhor assim.

6

Cada um dos passos e movimentos realizados por Cassian era belo, preciso e mortal, e Nestha fazia de tudo para não ficar observando-o de boca aberta.

Ela nunca tinha sido capaz de tirar os olhos dele. Desde o momento em que se conheceram, ela desenvolveu uma consciência especial de sua presença em qualquer espaço, em qualquer lugar. Ela nunca tinha sido capaz de parar a si mesma, para bloquear esse sentimento, mesmo que ela sempre tivesse tentado fazer com que parecesse que ela tinha bloqueado esse sentimento.

— *Vá! — ele tinha implorado com ela no chão e à beira da morte.*

— *Não posso. — ela chorou. — Não posso.*

Ela não tinha ideia do que tinha acontecido com a pessoa que ela era antes. Ela não conseguia mais encontrar seu caminho de volta a ser aquela pessoa.

Mas mesmo sentada naquela rocha, com o olhar fixo nos pinheiros que cobriam as montanhas, ela observava Cassian pelo canto do olho, consciente de cada um de seus movimentos graciosos, sua respiração constante, seus cabelos escuros flutuando no vento.

— *Vejo que está trabalhando duro.*

A voz de Morrigan afastou o olhar de Nestha das montanhas e do guerreiro que parecia fazer parte delas. A linda fêmea sentou-se ao seu lado, seus olhos castanhos fixos em Cassian em uma admiração óbvia.

Não havia nenhum sinal de Devlon ou seus seguidores, como se eles estivessem longe. Teria realmente se passado duas horas? — Ele é muito bonito, não é? — disse Mor suavemente.

Nestha enrijeceu com a suavidade de seu tom. — Pergunte a ele.

O olhar de Morrigan, enquanto ela fitava Nestha, não era um olhar de divertimento. — Por que você não está treinando também?

— Estou fazendo uma pausa.

Mor observou seu rosto, observando a falta de suor em sua pele lisa, seu cabelo ainda com o penteado perfeitamente no lugar. — Meu voto teria sido para jogá-la diretamente nas terras humanas, você sabe. — ela lhe disse em uma voz calma.

— Ah, eu sei. — Nestha se recusou a aceitar esse desafio. — Digamos que ser irmã da Feyre tem suas vantagens.

Os lábios de Morrigan se curvam. Cassian, entretanto, tinha parado com seus movimentos suaves. Um fogo negro brilhou nos olhos de Mor. — Já conheci muitas pessoas como você. — Ela levou a mão ao abdômen. — Você não merece o benefício da dúvida que pessoas boas como ele lhe dão.

Nestha sabia muito bem disso, também. E ela também conhecia o tipo de pessoas a que Morrigan se referia, indivíduos que moravam na Corte de Pesadelos e na Cidade de Hewn. Feyre nunca tinha contado toda a história, Nestha só sabia alguns detalhes: os monstros que tinham torturado e brutalizado Morrigan antes de jogá-la para os lobos.

Nestha apoiou-se em suas mãos, com a pedra fria mordendo sua pele através das luvas. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas então Cassian chegou onde elas estavam, sem ar e com a pele brilhante de suor.

— Você chegou cedo.

— Eu queria ver como as coisas estavam indo. — E Morrigan olhou para longe de Nestha. — Acho que vocês tiveram um começo bem devagar.

Cassian passou as mãos pelo cabelo. — É verdade.

Nestha apertou a mandíbula tão forte que doeu.

Morrigan estendeu a mão em direção a Nestha. — Vamos?



Morrigan era uma intrometida.

Esse pensamento cruzou a mente de Nestha enquanto ela estava no porão da biblioteca abaixo da Casa do Vento. Uma inútil, manipuladora e hipócrita.

Cassian não tinha falado com ela desde que eles tinham retornado. E ela não esperou que lhe oferecessem o almoço antes de ir para seu quarto e tomar um banho quente para se aquecer.

Quando ela saiu do banho, descobriu que um bilhete tinha sido colocado embaixo da sua porta. Com uma letra grossa e ousada, ela foi ordenada a se apresentar à biblioteca há uma hora em ponto. Sem promessas, sem ameaças de enviá-la para as terras humanas. Como se ele não se importasse se ela obedeceria ou não.

Ótimo, ao menos lidar com ele estava sendo mais fácil do que ela esperava.

Então, ela foi à biblioteca, não por um desejo de obedecer a suas ordens ou as de Rhysand, mas porque a outra alternativa era simplesmente insuportável: ficar sentada em seu quarto silencioso com nada além dos rugidos em sua cabeça para preencher o silêncio.

Fazia mais de um ano desde a última vez que ela havia ido lá. Desde aqueles momentos terríveis em que os assassinos de Hybern haviam se infiltrado e perseguido ela e Feyre no coração escuro da biblioteca. Ela se inclinou sobre a grade de pedra, olhando para a escuridão. Não havia mais nenhuma criatura antiga dormindo lá, porém a escuridão permanecia. E no fundo estava o chão sobre o qual Cassian tinha aterrissado, procurando por ela. Havia tanta raiva no seu rosto quando ele viu o terror de Nestha.

Ela tentou esquecer desse pensamento. Ela afastou o tremor que permeava seu corpo e se concentrou na fêmea sentada numa escrivaninha, quase escondida por colunas de livros empilhados ali. As mãos da mulher foram

destruídas. Não havia uma forma educada de descrevê-las além disso. Ossos dobrados, dedos nos ângulos errados... Feyre havia mencionado uma vez que as sacerdotisas desta biblioteca tinham passados difíceis. Para dizer o mínimo.

Nestha não queria saber o que tinha sido feito a Clotho, a Alta Sacerdotisa da biblioteca, para torná-la assim. Para que sua língua fosse cortada e depois deliberadamente curada dessa maneira, para que o dano nunca fosse desfeito. Os machos a haviam machucado e...

Mãos empurrando-a para baixo, para baixo, para baixo da água gelada, vozes rindo e escarnecendo. Um rosto masculino brutal sorrindo enquanto antecipava o troféu que ela seria ao ser puxada para fora — Ela não conseguia parar. Não conseguiu salvar Elain, soluçando no chão. Não conseguia se salvar. Ninguém estava vindo para resgatá-la, e esses machos fariam o que quisessem, e seu corpo não era seu, não era humano — não por muito tempo. —

Nestha arrancou estes pensamentos de sua mente e forçou-se a voltar ao presente, fazendo reavivar a memória.

Seu rosto velado nas sombras sob seu pálido capuz, Clotho estava sentada em silêncio, como se ela tivesse visto os pensamentos através de Nestha, como se ela soubesse quantas vezes a memória daquele dia em Hybern havia a despertado. A pedra azul límpida que coroa o capuz do manto de Clotho cintilava como um sifão na luz fraca enquanto ela deslizava um pedaço de pergaminho sobre a mesa.

— Você pode começar hoje colocando os livros nas prateleiras do Nível três. Pegue a rampa atrás de mim para alcançá-la. Haverá um carrinho com os livros, que estão organizados alfabeticamente por autor. Se não houver autor, coloque-os de lado e peça ajuda no final do seu turno.

Nestha acenou com a cabeça. — Quando é o fim do meu turno?

Usando seus pulsos e as costas das mãos, Clotho puxou um pequeno relógio para si mesma. Apontando com um nó saliente de suas mãos para o marcador das seis horas.

Cinco horas de trabalho. Nestha podia fazer isso. — Certo.

Clotho a observou novamente. Como se ela pudesse ver o mar agitado e rugindo dentro dela, que se recusou a deixá-la sozinha por um momento, que se recusou a lhe conceder um segundo de paz.

Nestha baixou seus olhos para a mesa. Forçou-se a soltar a respiração que prendia. Mas com sua respiração saindo por seus lábios, aquele peso familiar a adentrou.

Eu não valho nada e não sou nada. Nestha quase disse. Ela não sabia por que as palavras borbulhavam, pressionando seus lábios para dar voz a elas. *Eu odeio tudo o que eu sou. E eu estou tão, tão cansada. Estou cansada de querer estar em qualquer lugar, menos em minha própria cabeça.*

Ela esperou Clotho gesticular, para fazer qualquer coisa para dizer que tinha ouvido os seus pensamentos. A sacerdotisa se dirigiu para a biblioteca acima e abaixo. Uma despedida silenciosa. Caminhando com passos pesados, Nestha fez seu caminho até a rampa.



A tarefa era simples, mas exigia concentração suficiente para que o tempo se passasse e sua mente se acalmasse até um nada abençoado.

Ninguém se aproximou de Nestha enquanto ela procurava por seções e prateleiras, passando os dedos sobre as espinhas dos livros enquanto ela procurava o lugar certo. Havia pelo menos três dúzias de sacerdotisas que trabalhavam, pesquisavam e se curavam aqui, embora fosse quase impossível contá-las quando todas usavam as mesmas vestes pálidas e tantas mantinham o capuz sobre seus rostos. Aquelas que deixavam os capuzes para baixo haviam oferecido a ela alguns sorrisos.

Este era o santuário delas, presenteado a elas por Rhysand. Ninguém podia entrar sem a permissão delas.

O que significava que elas tinham aprovado sua presença, por qualquer razão.

As mãos de Nestha estavam quase secas com a poeira quando um sino tocou seis pérolas prateadas por toda a biblioteca cavernosa, tocando desde seus níveis superiores até o poço escuro. Algumas sacerdotisas se levantaram de onde trabalhavam nas mesas e cadeiras de cada nível; algumas permaneceram.

Ela encontrou Clotho na mesma escrivaninha. Alguma vez ela levantava seu capuz? Ela precisava, para tomar banho, mas será que alguma vez havia mostrado o rosto a alguém?

— Já terminei por hoje. — anunciou Nestha.

Clotho deslizou outra nota pela escrivaninha.

Obrigado por sua ajuda. Nos vemos amanhã.

— Tudo bem. — Nestha guardou a nota em seu bolso.

Mas Clotho ergueu uma mão quebrada. Nestha assistiu, observando como uma caneta tinteiro, levantada no ar sobre um pedaço de papel, começou a escrever.

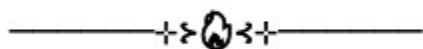
Use roupas que você não se importe de ficarem empoeiradas. Você vai estragar esse lindo vestido aqui embaixo. Nestha olhou de relance para o vestido cinza que ela havia vestido.

— Tudo bem. — repetiu ela. A caneta começou a se mover novamente, de alguma forma enfeitiçada para se conectar com os pensamentos de Clotho.

Foi um prazer conhecê-la, Nestha. Feyre fala muito bem de você.

Nestha virou as costas. — Ninguém gosta de uma mentirosa, Sacerdotisa.

Ela poderia ter jurado que um sopro de diversão tremulava por baixo do capuz da fêmea.



Cassian não veio para o jantar.

Nestha havia passado em seu quarto, apenas o tempo suficiente para lavar o pó das mãos e do rosto, e depois quase correu ao subir as escadas, sentindo o seu estômago roncar.

A sala de jantar estava vazia. O lugar na mesa preparado para uma pessoa confirmou que ela teria uma refeição solitária.

Ela olhava fixamente pela janela, para a cidade banhada pelo pôr-do-sol bem abaixo, os barulhos que ecoavam eram o do farfalhar de seu vestido e da sua cadeira rangendo.

Por que ela estava surpresa? Ela o tinha humilhado no Acampamento Refúgio do Vento. Provavelmente ele estava com seus amigos na Casa do Rio, gritando com eles para encontrar alguma outra maneira de lidar com ela.

Um prato de comida apareceu, jogado sem cerimônias no descanso de mesa.

Até mesmo a Casa a odiava.

Nestha, encarou com a cara feia a sala avermelhada. — Vinho.

Não apareceu nenhum. Ela levantou o copo diante dela. — *Vinho*.

Nada. Ela bateu com as unhas na superfície lisa da mesa. — Te disseram para não me dar vinho?

Conversando com uma casa: um novo ponto baixo em sua vida.

Mas, como se em resposta, o copo se encheu de água.

Nestha rosnou encostando suas costas na cadeira com força. — Engraçado.

Ela observou a comida: meio frango assado temperado com o que cheirava a alecrim e tomilho; purê de batata nadando em manteiga; e feijão verde salteado com alho.

Silêncio rugiu em sua cabeça, na sala.

Ela bateu com os dedos novamente.

Ridículo. Tudo aquilo, toda aquela interferência era ridícula. Nestha ficou de pé e foi em direção a porta. — Guarde seu vinho. Eu vou buscar o meu.

7

Sem a magia da muralha bloqueando o acesso às terras humanas, Mor atravessou com Cassian logo após o pôr-do-sol, diretamente para a antiga mansão que tinha se tornado casa e sede para Jurian, Vassa e, aparentemente, Lucien. Ainda mais do que um ano antes, a devastação deixada pela guerra ficou evidente em torno da propriedade: árvores caídas, manchas arenosas na terra onde a vegetação verde ainda não tinha retornado e um grande vazio sombrio que fazia a casa cinzenta parecer uma sobrevivente acidental. Sob a luz da lua, essa escuridão era ainda mais vazia, os restos de árvores pareciam oscilar, as sombras marcando a terra de forma mais profunda.

Cassian não sabia a quem a casa outrora pertencera e, aparentemente, nem os seus novos ocupantes sabiam. Feyre havia lhe dito apenas que eles chamavam a si próprios de o “Bando dos Exilados”. Cassian bufou em indignação com o pensamento. Mor não demorou a deixá-lo diante da porta de madeira arqueada da casa, sorrindo de forma a lhe dizer que mesmo que ele lhe implorasse por ajuda, ela não o ajudaria. Não, ela queria vê-lo brincar de cortesão, precisamente como Rhys havia pedido.

Ele não havia planejado iniciar esta missão hoje, mas depois da desastrosa tentativa de uma lição com Nestha, ele precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Nestha sabia exatamente o que estava fazendo ao se recusar a levantar daquela rocha. Como iria parecer ao Devlon e aos outros idiotas. Ela sabia, e fez de qualquer maneira.

Assim, logo que largou Nestha na Casa, ele se dirigiu a um penhasco no deserto, junto ao mar, onde o rugido das ondas afogou a raiva quente que permeava seus ossos.

Ele havia passado pela casa do rio para admitir o seu fracasso, mas Feyre havia se limitado a ferver com aborrecimento pelo comportamento de Nestha, e Rhys apenas lhe deu um olhar cauteloso e divertido.

Foi Amren que disse: *Deixe ela cavar a própria cova, rapaz. Então ofereça sua mão.*

Pensei que o ano passado tinha sido para isso, ele tinha argumentado.

Continue a estender a mão, tinha sido a única resposta de Amren.

Ele encontrou Mor pouco depois disso, explicou que precisava ser transportado, e aqui estava ele. Levantou o punho para a porta, mas a mesma foi puxada antes de que ele pudesse sequer tocá-la.

O rosto bonito de Lucien, marcado por cicatrizes, apareceu, seus olhos dourados pareciam zunir.

— Eu pensei ter sentido outra pessoa chegar.

Cassian entrou na casa, com as tábuas do chão rangendo debaixo das suas botas. — Acabou de chegar?

— Não. — Disse Lucien, e Cassian notou o aperto dos seus ombros sob o casaco cinzento escuro que usava, o silêncio esticado que emanava de cada pedra da casa. Analisou cada canto da casa, para o caso de precisar lutar para encontrar uma saída. O que, dado o desprazer que Lucien irradiava ao caminhar sob um arco à sua esquerda, parecia uma possibilidade distinta.

Sem se virar, Lucien disse. — Eris está aqui.

Cassian não vacilou. Não buscou a faca amarrada à sua coxa, embora tenha sido um esforço bloquear a memória do rosto espancado de Mor em sua mente. A nota pregada em seu abdômen, o seu corpo nu despejado como lixo nas fronteiras da Corte Outonal. Aquele bastardo a tinha encontrado e a deixado lá. Ela estava à beira da morte e...

Os planos de Cassian para o que ele um dia lhe faria iam muito além da dor infligida por uma faca. O sofrimento de Eris duraria semanas. Meses. Anos.

Cassian não se importou que Eris tivesse convencido Keir a adiar a sua visita a Velaris, aparentemente por qualquer resquício de bondade ainda nele. Não se importou que Rhys tivesse notado algo em Eris que tivesse ganho a sua confiança. Nada disso interessava ao Cassian, nem um pouco. A sua atenção centrou-se no macho ruivo sentado perto do fogo crepitante na surpreendentemente extravagante sala de estar. Sabia o suficiente para se manter a par da atual situação de um inimigo.

Eris estava espreguiçando sobre uma cadeira dourada, pernas cruzadas, o seu rosto pálido era o retrato de uma arrogância cortês.

Os dedos de Cassian se fecharam. Cada vez que ele havia visto o imbecil nos últimos cinco séculos, havia sido um esforço lutar contra isso. Essa raiva que o cegava à mera vista dele.

Eris sorriu, bem consciente disso. — Cassian.

O olho dourado de Lucien clicou, lendo a fúria de Cassian enquanto o aviso brilhava no seu olho restante. O macho tinha crescido ao lado de Eris. Tinha lidado com a crueldade de Eris e Beron. Tinha visto a fêmea que amara ser massacrada por seu próprio pai. Mas Lucien tinha aprendido a manter a calma.

Certo. Rhys tinha pedido a Cassian que fizesse isso. Ele devia pensar como Rhys, como Mor. Pôr de lado a fúria.

Cassian deu-se um segundo para conseguir pôr de lado a raiva, vagamente consciente de Vassa dizendo alguma coisa. Tinha notado e meio que desconsiderado os dois humanos na sala: o guerreiro de cabelo castanho — Jurian — e a jovem rainha de cabelos vermelhos.

Se Rhys e Mor estivessem aqui... Eles não diriam uma palavra sobre nada em frente a Eris. Iriam fingir que esta era uma visita amigável, para verificar como as terras humanas estavam indo. Mesmo que Eris fosse, muito provavelmente, seu aliado.

Não, Eris era seu aliado. Rhys tinha negociado com ele, trabalhado com ele.

Eris tinha cumprido seu papel em cada parte. Rhys confiava nele. Mor, apesar de tudo que havia acontecido, confiou nele. Mais ou menos. Então, Cassian supunha que devia fazer o mesmo.

Sua cabeça doía. Tantas coisas para calcular. Ele fazia isso em campos de batalha, mas esses jogos mentais e teias de mentiras... Por que que Rhys tinha lhe pedido para fazer isso? Ele tinha sido direto ao lidar com os Illyrianos: ele expôs o inferno que aconteceria a eles caso se rebelassem, e ofereceu ajuda com qualquer coisa que precisassem. Aquilo não era de modo algum comparável a isto.

Cassian piscou, e registrou o que Vassa tinha dito: *General Cassian. É um prazer.*

Ele curvou a cabeça em um movimento rápido. — Vossa Majestade.

Jurian tossiu, e Cassian olhou de relance para o guerreiro humano. Uma vez humano? Parcialmente humano? Ele não sabia. Jurian tinha sido cortado em pedaços por Amarantha, sua consciência, de alguma forma, presa dentro do seu olho, que ela havia colocado em um anel que foi usado durante quinhentos anos. Até que os seus ossos foram usados por Hybern para ressuscitar seu corpo e retornar aquela essência para essa forma, a mesma que havia liderado o exército nos antigos campos de batalha durante a Guerra.

Quem era Jurian agora? O *que* era ele agora?

De seu lugar no ridículo sofá rosa na parede mais distante, Jurian disse. — Só sobe à cabeça dela, quando você a chama assim.

Vassa se endireitou, seu casaco cobalto em contraste com o vermelho dourado de seu cabelo. Das três pessoas ruivas na sala, Cassian gostava mais dessa cor: o tom dourado da pele dela, os olhos grandes e azuis rodeados por cílios e sobrancelha escuros, e o sedoso cabelo vermelho, que ela tinha cortado na altura dos ombros desde a última vez que ele a havia visto.

Vassa respondeu à Jurian — Eu sou uma rainha, sabe.

Uma rainha à noite, e um pássaro de fogo durante o dia, vendida por suas companheiras rainhas humanas para um feiticeiro que a tinha enfeitiçado.

Amaldiçoado-a em se transformar em um pássaro de fogo e cinzas a cada alvorecer. Cassian esperou até o pôr do sol para visitá-los, para poder encontrá-la em sua forma humana. Ele precisava que ela fosse capaz de falar.

Jurian cruzou o calcanhar sobre o joelho, as botas enlameadas sujas sob a luz da lareira.

— Da última vez que ouvi, seu reino não era mais seu. Você ainda é uma rainha?

Vassa revirou os olhos, e então olhou para Lucien, que afundou no sofá ao lado de Jurian. Como se os machos feéricos houvessem tido discussões similares antes. Mas a atenção de Lucien estava sobre Cassian.

— Você veio com novidades ou ordens?

Intensamente consciente da presença de Eris perto da lareira, Cassian manteve seu olhar sobre Lucien.

— Nós lhe damos ordens como nosso emissário. — Ele apontou para Jurian e Vassa. — Mas quando você está com amigos, nós apenas damos sugestões.

Eris bufou. Cassian o ignorou, e perguntou a Lucien. — Como está a Corte Primavera?

Ele tinha que dar crédito a Lucien: o macho conseguia, de alguma forma, alterar entre seus três papéis — emissário para a Corte Noturna, aliado para Jurian e Vassa, e conexão para Tamlin — e ainda se vestir de forma imaculada.

O rosto de Lucien não revelava nada sobre como Tamlin e sua corte estavam. — Está bem.

Cassian não sabia por quê esperava uma atualização sobre o Grão-Senhor da Corte Primavera. Lucien apenas trazia essas informações à Rhys, de forma privada.

Eris bufou novamente pela forma que Cassian se atrapalhou e, não conseguindo se segurar, Cassian finalmente virou para ele.

— O que você está fazendo aqui?

Eris sequer se moveu em seu lugar.

— Dezenas dos meus soldados estavam em patrulha nas minhas terras vários dias atrás e ainda não retornaram. Não encontramos sinal de batalha. Até meus cães não conseguiram farejá-los depois de sua última localização conhecida.

As sobrancelhas de Cassian se juntaram. Ele sabia que não podia demonstrar nada, mas... aqueles cães eram os melhores em toda Prythian. Abençoados com magia própria. Cinzas e suaves como fumaça, eles podiam correr tão rápido quanto o vento, farejar qualquer presa. Eles eram tão importantes que a Corte Outonal proibiu eles de serem dados ou vendidos fora de suas fronteiras, e eram tão caros que apenas os nobres conseguiam tê-los. E eram tão raros que era extremamente difícil encontrar um. Eris, Cassian sabia, tinha doze.

— Nenhum deles sabia atravessar? — Cassian perguntou.

— Não. Apesar da unidade ser uma das minhas mais experientes em combate, nenhum dos soldados tinha muito conhecimento de magia, eram bastardos.

Ele disse *Bastardos* olhando Cassian com um sorriso sarcástico. Idiota.

Vassa disse — Eris veio para saber se eu conseguia pensar em qualquer motivo pelo qual seus soldados poderiam ter entrado em desavença com os humanos. Seus cães detectaram cheiros anormais no local do sumiço. Alguns pareciam humanos, mas eram... estranhos, de algum modo.

Cassian levantou as sobrancelhas e olhou para Eris.

— Você acredita que um grupo de humanos poderia matar seus soldados? Eles não podem ser tão experientes, então.

— Depende do humano — Jurian falou, o rosto do macho escurecido. O rosto de Vassa era um espelho.

Cassian torceu o rosto.

— Desculpe. Eu... Desculpe.

Grande espião, ele. Mas Eris deu de ombros.

— Eu acho que vários grupos estão interessados em começar outra guerra, e esse poderia ser o começo. Apesar de, talvez, sua Corte ter feito isso. Não me admiraria Rhysand atravessar meus soldados e plantar alguns cheiros estranhos para nos tirar da trilha.

Cassian deu um sorriso selvagem. — Somos aliados, lembra?

Eris deu um sorriso idêntico. — Sempre.

Cassian não conseguiu se controlar.

— Talvez você fez seus próprios soldados desaparecerem, se é que desapareceram, e só está inventando isso pelo mesmo motivo que acabou de falar.

Eris riu, mas Jurian se intrometeu.

— Tem havido tensões entre os humanos no que se refere a sua raça. Mas, até onde sabemos, até onde ouvimos das forças de Graysen, os humanos aqui mantêm as antigas marcas de delimitação, e não tem interesse em começar a criar problemas.

Ainda, ficou por ser dito.

Perguntar sobre as rainhas humanas no continente revelaria os planos de Rhys? A conversa tinha ido para esse lado, então ele podia trazer o tópico à tona de forma casual, e não como o real motivo de ter vindo aqui... Merda, sua cabeça doía.

— E quanto a suas... suas irmãs? — Ele assinalou para Vassa. — Elas não poderiam ter algo a ver com isso?

O olhar de Eris disparou para ele, e Cassian suprimiu um xingamento. Talvez tivesse falado demais. Ele desejou que Mor estivesse ali. Mesmo que tivesse que colocá-la no mesmo lugar que Eris... Não, ele a pouparia dessa miséria.

Os olhos de Vassa escureceram.

— Estávamos chegando nisso, na verdade. — Ela gesticulou para Cassian. — Você ouviu os mesmos rumores que nós: elas estão se movendo novamente além do oceano, e estão prestes a buscar problemas.

— Se são estúpidas o suficiente para de fato fazerem isso é a pergunta. — Jurian disse.

— Elas são tudo, menos estúpidas. — Lucien disse, chacoalhando a cabeça.

— Mas deixar um cheiro humano no local é uma pista tão óbvio que não parece improvável que tenha sido alguma delas.

— Qualquer movimentação delas é profundamente observada — Vassa disse, olhando para a parede de janelas mostrando as terras destruídas. — Apesar de que não consigo pensar no motivo pelo qual qualquer uma delas capturaria seus soldados. — ela disse para Eris, que parecia estar monitorando cada palavra que saía de suas bocas. — Há outros Feéricos no próprio continente, então por que se incomodar em atravessar o oceano para pegar ao seus? E por que não os soldados da Corte Primavera? Tamlin sequer notaria alguém desaparecido agora.

Lucien se encolheu, e Cassian, apesar de inclinado a sorrir ao pensamento daquele idiota sofrendo, se encontrou franzindo as sobrancelhas. Se a

guerra estivesse chegando, eles precisavam de Tamlin e suas forças lutando em plena forma. Precisavam de Tamlin preparado. Rhys estava visitando-o regularmente, garantindo que ele estaria ao lado deles e capaz de liderar.

Como Rhys conseguira não matar o Grão-Senhor da Corte Primaveril era algo que Cassian ainda não conseguia entender.

Mas era por isso que Rhys era o Grão-Senhor, e Cassian sua lâmina.

Ele sabia que se alguma vez conseguisse o nome do bastardo que havia colocado suas mãos em Nestha, nada iria impedi-lo de encontrar o homem.

Uma conversa que teve com Nestha, anos atrás, quando ela ainda era humana, estava constantemente no fundo de sua mente. A forma como ela travou ao seu toque, e ele sabia — sentiu e viu o medo nos olhos dela e soube — que um homem a havia machucado. Ou tentado. Ela nunca contou os detalhes, mas confirmou o suficiente ao se recusar a dizer o nome do homem.

Ele constantemente contemplava como iria matar o homem, se Nestha assim permitisse. Arrancar a pele de seus ossos seria um bom começo.

Os amigos dele iriam entender a ferida que pressionava. Quão longe a dor daquela ferida antiga o levaria. Um acampamento Illyriano destruído era tudo que restava da primeira e última vez que ele se deixou ser levado por aquele nível de raiva.

E Rhys havia pedido que ele fosse um cortesão. Que colocasse de lado a lâmina e usasse as palavras. Era uma piada.

Eris descruzou as pernas.

— Suponho que isso poderia ser para semear tensão entre nós. Fazer cada um olhar o outro com suspeita. Enfraquecer nossos laços.

— Hybern teria feito isso. — Jurian concordou. — Ele poderia ter ensinado alguma coisa ou duas.

Antes de ter sido decepado por Nestha.

Mas Vassa disse — As rainhas não necessitam de ensinamentos. Elas foram bem versadas em traição antes de sequer terem contatado Hybern. E lidaram com monstros muito piores que ele.

Cassian podia jurar que chamas atravessaram seus olhos azuis.

Ambos Jurian e Lucien encararam a rainha, o último com o rosto totalmente ilegível, e Jurian com uma expressão de dor. Cassian suprimiu seu choque. Ele devia ter perguntado a alguém, antes de vir, quando tempo Vassa ainda tinha antes de ser forçada a voltar para o continente — para a terra do feiticeiro que segurava sua coleira, e que tinha autorizado que ela o deixasse temporariamente, como parte de uma barganha que o pai de Feyre havia feito.

O pai de Feyre... e o pai de Nestha. Cassian bloqueou a lembrança do pescoço do homem sendo quebrado. Do rosto de Nestha no momento que isso ocorreu.

E, decidindo mandar a maldita cautela para o inferno, ele perguntou. — Qual das rainhas faria algo tão ousado assim?

O rosto dourado de Vassa se apertou. — Bryallyn.

A outrora jovem e humana rainha que tinha sido transformada em Feérica pelo Caldeirão. Mas tomado de raiva por qualquer que tenha sido o que Nestha roubou dele, o Caldeirão punira Briallyn. Ela foi feita Feérica imortal, sim, mas fora transformada em anciã. Condenada a ser velha por milênios.

E ela não fez de seu ódio por Nestha um segredo. Seu desejo por vingança. Se Briallyn fizesse qualquer movimento contra Nestha, ele próprio mataria a rainha.

Cassian tentou pensar além da besta gritando em sua cabeça que espremia todos os músculos em seu corpo, que apenas violência sangrenta poderia apaziguar.

— Calma. — Lucien disse.

Cassian rosnou.

— *Calma.* — Lucien repetiu, e chamadas chiaram em seu olho castanho avermelhado.

A chama, a dominância surpreendente nela, atingiu Cassian como uma pedra na cabeça, atirando-o fora da necessidade de matar e matar e matar qualquer coisa que pudesse ameaçar...

Eles estavam todos encarando. Cassian rolou seus ombros tensionados, alongando suas asas. Ele havia revelado muito. Como um bruto estúpido, ele havia deixado todos verem demais, saberem demais.

— Envie aquele seu encantador de sombras para rastrear Briallyn — Jurian ordenou, seu rosto grave. — Se ela for, de alguma forma, capaz de capturar uma unidade de soldados Feéricos, precisamos saber como. Rapidamente.

Falas de um general que Jurian outrora fora.

Cassian disse a Vassa — Você realmente acredita que Brillyan faria algo assim? Seria tão descuidada? Alguém deve estar nos enganando para ir atrás dela.

Lucien perguntou — Como ela conseguiria chegar aqui e desaparecer tão rápido? Cruzar o mar leva semanas. Ela precisaria atravessar para conseguir.

— As rainhas conseguem atravessar. — Jurian corrigiu — Elas atravessaram durante a guerra, lembra?

Mas Vassa respondeu — Apenas quando várias de nós estamos juntas. E não é atravessar como os Feéricos, mas sim um poder diferente. Semelhante ao modo como todos os sete Grão-Senhores podem combinar seus poderes para fazer milagres.

Bom, merda.

Eris disse — Tenho certeza que as outras três rainhas se espalharam pelos ventos. — Cassian guardou a informação e as questões que ela levantou.

Como Eris sabia disso? — Brillyan está residindo sozinha no palácio por semanas, agora. Muito antes dos meus soldados desaparecerem.

— Então ela não pode atravessar, afinal. — Cassian concluiu. — E, novamente, ela realmente seria tola o suficiente para fazer algo assim se as outras rainhas partiram?

Os olhos de Vassa escureceram.

— Sim. A partida das outras serviria para remover os obstáculos levantados às suas ambições. Mas ela apenas faria isso se tivesse alguém com imenso poder com ela. Talvez, puxando as cordas.

Até mesmo o fogo pareceu se aquietar.

O olho de Lucien clicou. — Quem?

— Você pergunta quem seria capaz de fazer uma unidade de soldados Feéricos desaparecer através do mar? Quem poderia dar a Brillyan poder para atravessar, ou atravessar por ela? Quem poderia auxiliá-la para que ela pudesse ser ousada o suficiente para fazer tal coisa? Olhe para Koschei.

Cassian congelou enquanto as lembranças voltavam a sua mente, tão certas quanto um dos quebra-cabeças de Amren.

— O feiticeiro que aprisionou você se chama Koschei? Ele é... ele é o irmão do Entalhador de Ossos?

Todos o encararam. Cassian esclareceu. — O Entalhador de Ossos mencionou um irmão para mim outrora, um imortal verdadeiro e um senhor da morte. Esse era o nome dele.

— Sim. — Vassa sussurrou. — Koschei é, era, o irmão mais velho do Entalhador de Ossos.

Lucien e Jurian a encararam com surpresa. Mas o olhar de Vassa estava fixo nele, mostrando medo e ódio, como se apenas a menção do nome do macho fosse abominável.

A voz dela estava rouca. — Koschei não é um mero feiticeiro. Ele está confinado ao lago devido a um feitiço antigo. Porque ele foi enganado. Tudo que faz é com a intenção de se libertar.

— Por que ele foi aprisionado? — Cassian questionou.

— A história é muito longa para ser contada. — Ela alertou. — Mas basta saber que Briallyn e as outras me venderam a ele não por seus termos, mas os dele. Pelas suas palavras, que ele plantou em suas Cortes, sussurradas nos ventos.

— Ele ainda está no lago — Lucien apontou cuidadosamente. Lucien esteve lá, Cassian lembrou. Tinha ido com o pai de Nestha até o lago onde Vassa estava em cativeiro.

— Sim — Vassa disse, com alívio em seus olhos. — Mas Koschei é tão velho quanto o mar. Mais velho, ainda.

— Há quem diga que ele é a própria Morte. — Eris murmurou.

— Eu não sei se isso é verdade. — Vassa disse — mas eles o chamam de Koschei, o Imortal, pois não há morte aguardando por ele. Ele é, de fato, imortal. E saberia de qualquer coisa que pudesse dar a Briallyn uma vantagem sobre nós.

— E você acredita que Koschei faria tudo isso — Cassian pressionou — não por simpatia pelas rainhas humanas, mas com o objetivo de se libertar?

— Certamente. — Vasse olhou as próprias mãos, os dedos flexionando. — Eu temo o que pode vir a acontecer se ele fosse capaz de se libertar do lago. Se ele vê esse mundo à beira do desastre e sabe que poderia atacar, e atacar de forma forte, e fazer de si mesmo o mestre. Como ele tentou outrora, muito tempo atrás.

— Essas são lendas que antecedem nossas Cortes. — Eris disse.

Vassa concordou. — É tudo que consegui recolher do meu tempo escravizada a ele.

Lucien olhou pela janela, como se pudesse enxergar o lago através do mar e do continente. Como se estivesse vendo seu alvo.

Mas Cassian ouvira o suficiente. Ele não esperou por suas despedidas antes de se dirigir ao arco de madeira, e o hall de entrada atrás dele.

Ele deu dois passos através da porta de entrada, inspirando o ar fresco da noite, quando Eris disse atrás dele. — Você é um péssimo espião.

Cassian se virou para encontrar Eris fechando a porta da frente e se inclinando sobre ela. Seu rosto estava pálido sob a luz da lua.

— O que você sabe?

— Tão pouco quanto você. — Cassian disse, oferecendo uma verdade que ele esperava ser considerada um engano aos olhos de Eris.

Eris inalou a brisa noturna. Então sorriu.

— Ela não podia se incomodar em entrar e dizer Olá?

Como ele havia detectado o cheiro remanescente de Mor, Cassian não sabia.

Talvez Eris e seus cães de fumaça tivessem mais em comum do que ele pensava.

— Ela não sabia que você estava aqui.

Uma mentira. Mor provavelmente havia sentido. Ele iria poupá-la de voltar aqui, e faria Rhys buscá-lo. Ele voaria em direção ao norte por algumas horas, até que estivesse sob o alcance do poder de Rhys, e então mandaria um pensamento em direção a ele.

O cabelo vermelho e longo de Eris se moveu ao vento.

— O que quer que seja que você esteja fazendo, o que quer que seja que está investigando, eu quero participar.

— Por que? E não.

— Porque eu preciso da vantagem que Briallyn tem, o que Koschei disse a ela ou mostrou.

— Para derrubar seu pai.

— Porque meu pai já prometeu suas forças a Briallyn e a guerra que ela deseja incitar.

Cassian parou. — O que?

O rosto de Eris se encheu de divertimento frio.

— Eu queria sentir Vassa e Jurian. — ele não mencionou o irmão, estranhamente. — Mas eles claramente não sabem muito sobre o que está acontecendo.

— Explique o que quer dizer com Beron *prometendo* suas forças a Briallyn.

— Exatamente o que parece. Ele descobriu sobre as ambições dela, e foi até seu palácio um mês atrás para encontrá-la. Eu fiquei aqui, mas enviei meus melhores soldados com ele.

Cassian se absteve de falar sobre a opção de Eris de se manter fora, especialmente depois das suas últimas palavras se assentarem.

— Esses não seriam os mesmos soldados que desapareceram, seriam?

Eris concordou, gravemente.

— Eles retornaram com meu pai, mas estavam... distantes. Indiferentes e estranhos. Eles desapareceram logo em seguida, e meus cães confirmaram que os cheiros na cena são os mesmos que estão nos presentes que Briallyn enviou para ganhar o favor de meu pai.

— Você sabia que era ela todo esse tempo? — Cassian acenou para a casa e as três pessoas lá dentro.

— Você não achou que eu iria apenas espalhar essa informação, achou? Eu precisava que Vassa confirmasse que Brillyan poderia fazer algo desse tipo.

— Por que Brillyan iria se aliar com seu pai apenas para sequestrar seus soldados?

— É o que eu gostaria de descobrir.

— O que Beron disse?

— Ele não tem conhecimento disso. Você sabe da minha relação com meu pai.

E essa aliança profana que ele fez com Briallyn vai apenas prejudicar a nós.

Todos nós. Vai se tornar uma guerra feérica por controle. Então quero encontrar respostas sozinho, ao invés de aceitar o que meu pai tenta me entregar como verdade.

Cassian analisou o macho, seu rosto sério.

— Então tiramos o seu pai.

Eris bufou, e Cassian sentiu um arrepio.

— Eu sou o único para quem meu pai expôs sua nova aliança. Se a Corte Noturna se mover, vai me expor.

— Então sua preocupação com a aliança de Brillyan com Beron é sobre o que significa para você, e não para o resto de nós.

— Eu apenas desejo defender a Corte Outonal de seus piores inimigos.

— Por que eu iria trabalhar com você nisso?

— Porque somos, de fato, aliados. — O sorriso de Eris se tornou feroz. — E porque eu não acredito que seu Grão-Senhor desejaria que eu fosse a outros territórios para pedir a eles ajuda contra Briallyn e Koschei. Para lembrá-los que, para garantir a aliança de Briallyn, o necessário seria apenas entregar uma certa irmã Archeron. Não seja estúpido o suficiente para acreditar que meu pai já não tenha pensado nisso, também.

A raiva de Cassian o fez ver vermelho. Ele já havia revelado essa fraqueza mais cedo. Deixou Eris ver o quanto Nestha significava, e o que ele faria para defendê-la.

Idiota, ele se xingou. Estúpido, inútil idiota.

— Eu poderia matá-lo agora mesmo e não precisar me preocupar com isso.
— Cassian refletiu.

Ele tinha gostado de bater no macho naquela noite no gelo com Feyre e Lucien. E ele havia esperado séculos para matá-lo, de qualquer forma.

— Então você certamente teria uma guerra em suas mãos. Meu pai iria direto a Briallyn, e Koschei, suponho, e então iria aos outros territórios descontentes, e você seria apagado no mapa. Talvez literalmente, considerando que a Corte Noturna seria dividida entre os outros territórios se Rhysand e Feyre morressem sem um herdeiro.

Cassian cerrou a mandíbula.

— Então você será meu aliado quer eu queira ou não?

— O bruto compreende, finalmente. — Cassian ignorou a farpa. — Sim. O que você sabe, eu quero saber. Eu irei notificá-lo de qualquer movimento da parte de meu pai no que se refere a Briallyn. Então envie seu encantador de sombras. E quando ele retornar, me encontre.

Cassian o encarou debaixo de suas sobrancelhas franzidas. A boca de Eris se virou para cima, e antes que ele atravessasse pela noite como um fantasma, ele disse — Fique lutando nas batalhas, General. Deixe a estratégia para aqueles capazes de jogar o jogo.

8

Nestha não se deu ao trabalho de ir para a adega. Ou para a cozinha. Estariam trancados.

Mas ela sabia onde estavam as escadas. Sabia que aquela porta em particular, pelo menos, não estaria trancada.

Ainda rosnando, Nestha escancarou a pesada porta de carvalho e espreitou pela escadaria íngreme e estreita. Uma escadaria em espiral. Cada um com um pé de altura.

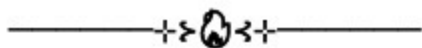
Dez mil degraus, girando e girando e girando. Apenas a ocasional janela cortada para oferecer uma lufada de ar e um vislumbre de progresso.

Dez mil degraus entre ela e a cidade - e no mínimo uma caminhada de quase um quilômetro desde o topo da montanha até a taberna mais próxima. E lá esperando, o abençoado esquecimento.

Dez mil degraus.

Ela não era mais humana. Este corpo de Grã-feérica conseguiria fazer isso.

Ela conseguiria fazer isso.



Ela não conseguiria fazer isso.

A tontura a atingiu primeiro. Girando continuamente, olhos pontados para baixo para evitar um deslize que a mataria, fazendo sua cabeça girar.

Seu estômago vazio se agitou.

Mas ela se concentrou, contando cada passo.

Setenta. Setenta e um. Setenta e dois.

A cidade abaixo mal se aproximava pelas ocasionais janelas com fendas pelas quais ela passava.

Suas pernas começaram a tremer; seus joelhos gemeram com o esforço de mantê-la em pé, equilibrando-se na queda íngreme de cada passo.

Nada além de sua própria respiração e o som de seus passos arrastados enchiam o espaço estreito. Tudo o que ela podia ver era o arco perfeito e infinitamente curvado da parede à frente. Nunca se alterando, exceto por aquelas janelas raras e minúsculas.

Girando e girando e girando e girando.

Oitenta e seis, oitenta e sete.

Para baixo e para baixo e para baixo e para baixo.

Cem.

Ela parou, sem janela à vista, e as paredes empurraram, o chão continuou se movendo.

Nestha encostou-se na parede de pedra vermelha, deixando sua testa absorver a frieza da pedra. Respirou.

Faltavam nove mil e novecentos passos.

Apoiando a mão na parede, ela retomou a sua descida.

Sua cabeça girou novamente. Suas pernas tremeram.

Ela deu mais onze passos antes de seus joelhos dobrarem tão repentinamente que ela quase escorregou. Apenas sua mão apoiada contra a

parede irregular a impediu de apagar.

A escada girou e girou e girou, e ela fechou os olhos contra a sensação.

Sua respiração irregular ricocheteou nas pedras. E no silêncio, ela não tinha defesas contra o que sua mente sussurrava. Ela não conseguia calar as palavras finais do pai para ela.

Amei você desde o primeiro momento que a segurei nos braços...

Por favor, ela havia implorado ao Rei de Hybern. *Por favor.*

Ele quebrou o pescoço de seu pai de qualquer maneira.

Nestha cerrou os dentes, soprando respiração após respiração. Ela abriu os olhos e esticou a perna para dar mais um passo.

Tremia tanto que ela não ousou fazê-lo.

Ela não se permitiu pensar nisso, enfurecer-se por isso, enquanto se virava. Nem mesmo se permitiu sentir a derrota. Suas pernas protestaram, mas ela as forçou a subir. Para longe.

Girando e girando novamente.

Subindo e subindo, cento e onze degraus.

Ela estava quase engatinhando nos últimos trinta, incapaz de respirar, o suor acumulando-se no corpete do vestido, o cabelo grudado no pescoço úmido. Quais eram as porras dos benefícios de se tornar Grã-Feérica se ela não aguentava isso? As orelhas pontudas, ela aprendeu a gostar. O ciclo menstrual infrequente, que Feyre avisou que seria doloroso, na verdade tinha sido uma bênção, algo com que Nestha ficava feliz em se preocupar apenas duas vezes por ano. Mas de que adiantava isso - tudo isso- se ela não conseguia conquistar essas escadas?

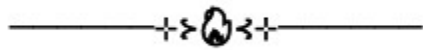
Ela manteve os olhos fixados em cada passo, ao invés da parede torcida e a sensação vertiginosa que isso trazia.

Essa Casa odiosa. Esse lugar horrível.

Ela grunhiu quando a porta de carvalho no topo da escada ficou finalmente visível.

Com os dedos cravando nos degraus com força o suficiente para que as pontas latissem de dor, ela se arrastou pelos últimos, deslizando de barriga para o chão do corredor.

Dando de cara com Cassian, sorrindo maliciosamente enquanto se encostava na parede adjacente.



Cassian havia precisado de um tempo para si mesmo antes de vê-la novamente.

Ele atualizou Rhys e os outros imediatamente ao retornar; eles tinham recebido a notícia com rostos severos e sombrios. No final, Azriel estava se preparando para alguma verificação sobre Briallyn enquanto Amren ponderava quais poderes ou recursos a rainha e Koschei poderiam possuir, se eles realmente tivessem capturado os soldados de Eris tão facilmente.

E então Cassian recebeu uma nova ordem: fique de olho em Eris. *Além do fato de que ele se aproximou de você.* Rhys havia dito. *Você é meu general. Eris comanda as forças de Beron. Esteja em comunicação com ele.* Cassin começou a protestar, mas Rhys direcionou um olhar a Azriel, e Cassian desistiu. Az já tinha muito para se preocupar. Cassian conseguiria lidar com aquele pedaço de merda do Eris sozinho.

Eris quer evitar uma guerra que o exponha. Feyre ponderou. Se Beron ficar do lado de Briallyn, Eris seria forçado a escolher entre seu pai e Prythian. O cuidadoso equilíbrio que ele atingiu ao jogar dos dois lados iria desmoronar. Ele quer agir quando for conveniente para seus planos. E esse conflito está ameaçando isto.

Mas ninguém foi capaz de decidir qual era a maior ameaça para eles: Briallyn e Koschei, ou a vontade de Beron de se aliar a eles. Enquanto a Corte Noturna estava tentando tornar a paz permanente, o bastardo estava fazendo o seu melhor para começar outra guerra.

Depois de um jantar excepcionalmente quieto, Cassian voou de volta para a Casa. E encontrou a porta de carvalho para as escadas aberta, com o cheiro de Nestha no local.

Então ele esperou. Contou os minutos.

Tinha valido a pena.

Vendo-a se arrastar até a entrada, ofegante, os cabelos ondulando com o suor escorrendo pelo seu rosto - valeu completamente o seu dia de merda.

Nestha ainda estava esparramada no chão do corredor quando ela sibilou: — Quem projetou aquelas escadas era um monstro.

— Você acreditaria que Rhys, Az e eu tínhamos que subir e descer elas como punição quando éramos meninos?

Seus olhos brilharam com irritação. Melhor do que o gelo vazio. — Por que?

— Porque éramos jovens e estúpidos, e testávamos os limites com um Lorde Supremo que não entendia piadas sobre nudez pública.— Ele acenou com a cabeça em direção às escadas. — Fiquei tão tonto na descida que vomitei em Az. Ele então vomitou em Rhys, e Rhys vomitou em si mesmo. Era o auge do verão e, na hora em que subimos de volta, o calor estava insuportável, todos cheirávamos mal, e o cheiro do vômito nas escadas havia se tornado horrível. Todos nós vomitamos novamente enquanto caminhávamos pela escadaria.

Ele poderia jurar que os cantos da boca dela estavam tentando se contrair para cima.

Ele não conteve o sorriso com a memória. Mesmo que eles ainda tivessem que subir e descer tudo de novo para limpar.

Cassian perguntou — Em que degrau você chegou?

— Cento e onze. — Nestha não se levantou.

— Patético.

Seus dedos empurraram no chão, mas seu corpo não se moveu. — Esta casa estúpida não quis me dar vinho.

— Imaginei que essa seria a sua única motivação para fazer você arriscar dez mil degraus.

Seus dedos cravaram no chão de pedra mais uma vez.

Ele deu a ela um sorriso torto, feliz pela distração. — Você não consegue se levantar, não é?

Seus braços se esticaram, os cotovelos se dobraram. — Voe para algum monte.

Cassian empurrou a parede e a alcançou em três passos. Ele colocou as mãos sob seus braços e puxou-a para cima.

Ela fez uma careta para ele o tempo todo. Encarou-o mais ainda quando ela cambaleou e ele a agarrou com mais força, mantendo-a de pé.

— Eu sabia que você estava fora de forma — observou ele, afastando-se quando ela provou que não estava prestes a desmaiar — Mas cem degraus? Sério?

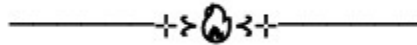
— Duzentos, contando a volta. — ela resmungou.

— Ainda patético.

Ela endireitou a coluna e ergueu o queixo.

Continue estendendo a mão.

Cassian deu de ombros, virando-se para o corredor e para a escada que o levaria até seus aposentos. — Se você se cansar de ser fraca como um gatinho chorão, venha treinar. — Ele olhou por cima do ombro. Nestha ainda ofegava, seu rosto estava vermelho e furioso. — E participe.



Nestha se sentou na mesa do café da manhã, grata por ter deixado seu quarto logo após o nascer do sol para fazer a caminhada até a sala de jantar.

Levou o dobro do tempo que normalmente levaria, graças às pernas rígidas e latejantes.

Sair da cama exigiu dentes cerrados e uma ladainha de xingamentos. Tudo só piorou depois disso. Dobrar as pernas para colocá-las nas calças, ir ao banheiro, até mesmo abrir a porta. Não havia uma única parte das suas pernas que não doíam.

Então, ela saiu do quarto cedo, não querendo dar a Cassian a satisfação de vê-la mancar e fazer careta até a sala de jantar.

O problema, claro, era que agora ela não tinha certeza se conseguiria ficar de pé.

Então ela demorou muito enquanto comia sua refeição. Estava engolindo o mingau quando Cassian entrou pelas portas da sala de jantar, deu uma olhada para ela e sorriu.

Ele sabia. De alguma forma, o idiota arrogante sabia.

Ela teria quebrado alguma coisa, talvez, mas Azriel entrou na sala atrás dele. Nestha se endireitou com a aparição do encantador de sombras, a escuridão agarrada ao seu ombro quando ele a ofereceu um pequeno sorriso.

Azriel era simplesmente lindo. Mesmo com aquelas mãos com cicatrizes e as sombras que fluíam como fumaça, ela sempre o achou o mais bonito dos três homens que se diziam irmãos.

Cassian deslizou para a cadeira em frente à dela, com sua comida aparecendo instantaneamente depois, e disse com alegria áspera — Bom dia, Nestha.

Ela lançou-lhe um sorriso igualmente meloso. — Bom dia, Cassian.

Os olhos castanhos de Azriel dançaram, mas ele não disse nada enquanto tomava graciosamente seu lugar ao lado de Cassian, um prato com sua própria comida aparecendo.

— Faz um tempo que não te vejo. — Nestha disse a ele. Ela não conseguia se lembrar da última vez, na verdade.

Azriel deu uma mordida nos ovos antes de responder — Digo o mesmo — O encantador de sombras acenou com a cabeça em direção às suas roupas. — Como está o treinamento? — Cassian lançou-lhe um olhar penetrante.

Nestha olhou entre eles. De jeito nenhum Azriel não sabia sobre ontem. Cassian provavelmente também havia se regozijado com o incidente com as escadas.

Ela tomou um gole de chá. — O treinamento está fantástico. Absolutamente fascinante.

A boca de Azriel se curvou no canto — Espero que você não esteja dando muito trabalho para o meu irmão.

Ela abaixou a xícara de chá. — Isso é uma ameaça, Encantador de Sombras?

Cassian deu um longo gole em seu próprio chá. Drenando até a última gota.

Azriel disse friamente — Não preciso recorrer a ameaças. — As sombras dançaram em torno dele, como cobras prontas para atacar.

Nestha deu-lhe um sorriso, mantendo seu olhar. — Nem eu.

Ela se recostou na cadeira e disse a Cassian, que estava franzindo para ambos: — Eu quero treinar com ele em vez de você.

Ela poderia jurar que Cassian ficou imóvel. Interessante.

Azriel tossiu no seu chá.

Cassian tamborilou os dedos na mesa — Acho que você vai descobrir que Az é ainda menos indulgente do que eu.

— Com esse rosto bonito? — ela murmurou — Acho difícil acreditar.

Azriel abaixou a cabeça, concentrando-se na sua comida.

— Você quer treinar com Az — disse Cassian com firmeza — então vá em frente — Ele pareceu pensativo por um momento, seus olhos brilhando antes de acrescentar — Embora eu duvide que você sobreviva a uma aula com ele, não quando você não consegue descer cem degraus sem estar tão dolorida na manhã seguinte ao ponto de não ser capaz de levantar da cadeira.

Ela apoiou os pés no chão. Ele lia cada tom de dor em seu rosto se ela se levantasse, mas deixá-lo ver que estava certo...

Azriel estudou os dois quando ela plantou as mãos na mesa, segurou um ganido de dor e se levantou apressadamente.

Cassian enfiou mais ovos na boca e disse em volta deles — Não conta quando você usa as mãos para fazer a maior parte do trabalho.

Nestha instruiu seu rosto para um total desdém, mesmo enquanto um silvo crescia dentro dela — Aposto que não é o que você tem dito a si mesmo à noite.

Os ombros de Azriel tremeram em risada silenciosa quando Cassian largou o garfo, seus olhos brilhando com desafio.

A voz de Cassian caiu uma oitava — É isso que aqueles livros obscenos te ensinam? Que é só à noite?

Demorou um segundo para as palavras fazerem sentido. E ela não conseguiu impedir a reação, o calor que subiu ao seu rosto, o seu olhar para as mãos poderosas dele. Mesmo com Azriel agora mordendo o lábio para não rir, ela não conseguia se conter.

Cassian disse com um sorriso malicioso — Pode ser a qualquer hora — à primeira luz do amanhecer, ou quando estou tomando banho, ou mesmo depois de um longo e duro dia de prática.

Ela não perdeu a ligeira ênfase que ele colocou em *longo e duro*.

Nestha não conseguiu impedir os dedos dos pés de se enrolarem em suas botas. Mas ela disse com um leve sorriso, caminhando para a porta, recusando-se a deixar qualquer desconforto em suas pernas doloridas à mostra — Parece que você tem muito tempo livre, Cassian.



— Você está fodido — disse Azriel suavemente para ele na varanda fria, enquanto Nestha colocava sua capa dentro da casa.

— Eu sei — murmurou Cassian. Ele não tinha ideia de como isso tinha acontecido: como ele passou de zombar de Nestha para zombar dela com seus próprios hábitos no quarto. Em seguida, imaginar a mão dela em volta dele, bombeando-o, até que ele estivesse a um segundo de explodir da cadeira e pular para o céu.

Ele sabia que Az estava bem ciente da mudança em seu cheiro. Como sua pele tinha ficado muito tensa com o jeito que ela disse seu nome, seu pau uma dor insistente esfregando contra os botões de sua calça.

Ele poderia contar em uma mão o número de vezes que ela se dirigiu a ele pelo nome.

O pensamento daquela mão o levou de volta para a mão dela, apertando-o com força e sem gentileza, do jeito que ele gostava.

Cassian cerrou os dentes e respirou o ar fresco da manhã. Desejou que o acalmasse. Focou-se na doce canção do vento matinal. O vento ao redor de Velaris sempre foi adorável, gentil. Não como a rajada cruel e implacável que governava os picos da Ilíria.

Azriel riu, o vento movendo as mechas de seu cabelo escuro. — Vocês dois precisam de uma dama de companhia aqui?

Sim. Não. Sim. — Eu pensei que você fosse a dama de companhia.

Az deu a ele um sorriso malicioso. — Não tenho certeza se sou o suficiente.

Cassian mostrou-lhe o dedo do meio — Boa sorte hoje.

Azriel partiria em breve para começar a espionar Briallyn — Feyre tinha decidido ontem à noite — embora Rhys tivesse pedido a Cassian para olhar para as rainhas humanas, o subterfúgio cairia para Az.

Os olhos castanhos de Azriel brilharam. Ele apertou o ombro de Cassian, sua mão um peso quente contra o frio — Boa sorte para você também.



Cassian não sabia porque pensou que Nestha entraria no ringue com ele hoje. Ela sentou sua bunda exatamente na mesma pedra do dia anterior e não se moveu.

Quando Mor apareceu para atravessá-los para o acampamento, ele já havia conseguido obter controle suficiente sobre si mesmo para parar de pensar sobre como seriam as mãos de Nestha e começou a considerar o que cobririam hoje. Ele havia pensado em manter a lição por uma hora, então deixá-la na antiga casa da mãe de Rhys enquanto ele fazia uma verificação padrão de como estava a reconstrução de fileiras dos bandos de guerra Illyrianos.

Ele não mencionaria que eles poderiam estar voando para a batalha em breve, dependendo do que Az descobrisse.

Ele também não disse a Nestha nenhuma dessas informações. Especialmente sobre Eris. Ela havia deixado seu desprezo pelos reinos feéricos perfeitamente claro. E ele não daria a ela mais uma arma verbal para empunhar contra ele, já que ela provavelmente veria a verdade, e perceberia que ele sabia que todos esses esquemas e planos políticos estavam muito além de suas habilidades.

Ele também não se permitiu considerar se era sensato deixá-la sozinha aqui, mesmo por uma hora.

— Então, voltamos a isso? — Cassian perguntou, ignorando como cada idiota no acampamento o observava. Observava a eles. A ela.

Nestha cutucou as unhas, mechas de seu cabelo trançado flutuando livremente com o vento. Ela havia se curvado sobre os joelhos, mantendo o corpo o mais compacto possível.

Ele disse — Você pararia de sentir tanto frio se se levantasse e se mexesse.

Ela apenas dobrou um tornozelo sobre o outro.

— Se você quiser se sentar nessa pedra e congelar pelas próximas duas horas, vá em frente.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

— Tudo bem.

— Boa, Nes. — Ele deu a ela um sorriso zombeteiro que ele sabia que a fazia ver vermelho, e caminhou até o centro da área de prática. Ele parou em seu centro, permitindo que sua respiração assumisse o controle.

Quando ela não respondeu, ele se deixou cair naquele lugar calmo e estável em sua mente, deixou seu corpo começar a série de movimentos que ele

executou por cinco séculos direto.

Os passos iniciais eram para lembrar seu corpo de que estava prestes a começar a funcionar. Se alongando e respirando, concentrando-se em tudo, desde os dedos dos pés até a ponta das asas. Acordando tudo.

Ficava mais difícil a partir daí.

Cassian cedeu ao instinto, ao movimento e à respiração, apenas vagamente consciente da fêmea observando daquela rocha.

Continue estendendo a mão.



Cassian estava sem fôlego quando terminou, uma hora depois. Nestha, para sua satisfação, estava imóvel com frio.

Mas ela não havia ido para outro lugar. Não havia sequer se mexido durante seus exercícios.

Enxugando o suor da testa, ele notou que os lábios dela tinham adquirido um tom azulado. Inaceitável.

Ele indicou a casa da mãe de Rhys — Vá esperar lá. Tenho negócios a tratar.

Ela não se mexeu.

Cassian revirou os olhos — Ou você fica sentada aqui pela próxima hora ou pode entrar e se aquecer.

Ela não era teimosa a esse ponto — ou era?

Felizmente, uma rajada de vento gelado atingiu o acampamento naquele exato momento, e Nestha começou a se mover em direção à casa.

Seu interior era realmente quente, com um fogo crepitante na lareira fuliginosa que ocupava grande parte da sala principal. Feyre ou Rhys devem ter acordado a casa para eles. Ele segurou a porta para Nestha enquanto ela entrava, já esfregando as mãos.

Lentamente, Nestha examinou o espaço: a mesa da cozinha diante das janelas, a pequena saleta que ocupava a outra metade da sala, a escada estreita que levava ao corredor exposto do andar de cima e aos dois quartos além. Um desses quartos era seu desde a infância — o primeiro quarto, a primeira noite dentro de uma casa, que havia tido na vida.

Esta casa foi o primeiro lar verdadeiro que ele teve. Ele conhecia cada arranhão e lasca, cada dente e marca de queimadura, tudo preservado com magia. Ali, o buraco na base da grade - foi onde ele quebrou a cabeça quando Rhys o derrubou durante uma de suas incontáveis brigas. Ali, aquela mancha no velho sofá vermelho: foi quando ele derramou sua cerveja enquanto os três estavam completamente bêbados em sua primeira noite sozinhos nessa casa aos dezesseis anos — a mãe de Rhys tinha partido para Velaris por uma rara visita a seu parceiro — e Cassian estava muito bêbado para saber como limpá-lo. Até mesmo Rhys, oscilando com a combinação de cerveja e licor, não conseguiu remover a mancha, sua magia acidentalmente eternizando-a em vez de tirá-la. Eles reorganizaram as almofadas para escondê-las de sua mãe quando ela voltou na manhã seguinte, mas ela viu imediatamente.

Talvez tivesse algo a ver com o fato de que eles ainda estavam bêbados, dedurados pelos soluços implacáveis de Az.

Cassian acenou com a cabeça para a mesa da cozinha — Já que você é tão boa em sentar, por que não se acomoda?

Quando ela não respondeu, ele se virou para encontrar Nestha em pé na frente da lareira, os braços firmemente cruzados, a luz bruxuleante dançando em seu lindo cabelo. Ela não olhou para ele.

Ela sempre ficava de pé com aquela imobilidade. Mesmo como humana. Isso só foi amplificado quando se tornou Grã-Feérica.

Nestha olhou para o fogo como se murmurasse para aquela alma ardente dela.

— O que você está olhando? — ele perguntou.

Ela piscou, parecendo perceber que ele ainda estava lá.

Uma tora no fogo crepitou, e ela se encolheu.

Não com surpresa, ele notou, mas com pavor. Medo.

Ele olhou para ela e para o fogo. Para onde ela havia ido, por aqueles poucos momentos? Que horror ela estava revivendo?

Seu rosto havia empalidecido. E as sombras escureciam seus olhos cinza-azulados.

Ele conhecia aquela expressão. Tinha visto e sentido tantas vezes que havia perdido a conta.

— Há algumas lojas na aldeia — ele ofereceu, de repente desesperado por qualquer coisa para remover aquele vazio dela. — Se você não quiser se sentar aqui, pode visitá-las.

Nestha não disse nada. Então ele deixou quieto, e saiu da casa em silêncio.

9

Nestha entrou na pequena loja e o calor a atingiu. O sino acima da porta tocou enquanto ela entrava.

O chão era de pinho fresco, todo polido e brilhante, um balcão combinando ocupava o fundo, uma porta aberta atrás dele revelando uma sala posterior. Roupas tanto para machos como para fêmeas ocupavam o espaço, algumas expostas em manequins, outras dobradas ordenadamente ao longo de mesas de exposição.

Uma fêmea de cabelo escuro apareceu do outro lado do balcão, o seu cabelo trançado para trás brilhando nas luzes. O seu rosto era impressionante — elegante e afiado, contrastando com a sua boca carnuda. Os seus olhos oblíquos e a sua pele castanha clara sugeriam uma herança de outra região, talvez um antepassado recente da Corte Crepuscular. A luz naqueles olhos era direta. Clara.

— Bom dia — disse a fêmea, a sua voz sólida e franca. — Posso ajudá-la?

Se ela reconheceu Nestha, não deixou transparecer. Nestha gesticulou para ela com o seu couro de combate.

— Estava à procura de algo mais quente que isto. O frio passa por ele.

— Ah — disse a fêmea, olhando de relance para a porta e para a rua vazia além. Preocupada que alguém a pudesse ver aqui dentro? Ou à espera de outro cliente? — Os guerreiros são todos tão tolos orgulhosos, que nunca reclamam que os couros são frios. Alegam que os mantêm perfeitamente quentes.

— São decentemente quentes — confessou Nestha, uma parte sua sorrindo à maneira como a fêmea tinha dito *tolos orgulhosos*. Como se ela

partilhasse o instinto de Nestha de não se impressionar com os machos no acampamento. — Mas o frio ainda me atinge.

— Hmmm — a fêmea contornou a divisória do balcão, entrando na sala de exposições propriamente. Ela examinou Nestha da cabeça aos pés. — Eu não vendo material de combate, mas pergunto-me se conseguiríamos couros revestidos de lã — ela acenou com a cabeça para a rua. — Com que frequência treina?

— Eu não estou treinando. Eu estou... — Nestha lutou pelas palavras certas. Honestamente, o que ela estava fazendo era ser uma miserável idiota. — Estou assistindo — disse ela com uma tonalidade patética.

— Ah — os olhos da fêmea brilharam. — Trazida aqui contra a sua vontade?

Não era da conta dela. Mas Nestha disse — Parte dos meus deveres para a Corte Noturna.

Ela queria ver se a fêmea se intrometeria, para ver se ela realmente não a conhecia. Se ela a julgaria por ser um miserável desperdício de vida.

A fêmea inclinou a sua cabeça, a trança escorregando sobre o ombro do seu simples vestido feito em casa. Suas asas se contorceram, o movimento atraindo o olhar de Nestha. Cicatrizes desciam por elas - o que não era habitual para os feéricos. Azriel e Lucien eram dois dos poucos que tinham cicatrizes, ambos de traumas tão terríveis que Nestha nunca se atreveu a pedir detalhes. Para que esta fêmea as tivesse também...

— As minhas asas foram cortadas — disse a fêmea. — O meu pai era um... macho tradicional. Ele acreditava que as mulheres deviam servir às suas famílias e ficar confinadas às suas casas. Eu discordava. Ele ganhou, no final.

Palavras curtas e afiadas. A mãe de Rhys, Feyre tinha dito-lhe uma vez, quase tinha sido condenada a tal destino. Apenas a chegada do pai dele tinha impedido que o corte tivesse ocorrido. Ela tinha sido revelada como

sua parceira, e suportou a união miserável principalmente por gratidão pelas suas asas ilesas.

Ninguém, ao que parecia, tinha estado lá para salvar esta fêmea.

— Sinto muito — Nestha mudou seu peso de um pé para o outro. A fêmea gesticulou com uma mão magra.

— Agora não tem consequências. Esta loja mantém-me tão ocupada que tem dias que esqueço que alguma vez poderia voar, em primeiro lugar.

— Nenhum curandeiro pode repará-las? — seu rosto se contraiu, e Nestha lamentou a pergunta.

— É extremamente complexo; todos os músculos, nervos e sentidos de ligação. Com a exceção do Grão-Senhor da Crepuscular, não tenho certeza se alguém conseguiria lidar com isso.

Thesan, Nestha recordou, era um mestre da cura — Feyre carregava seu poder nas veias. Tinha oferecido o usar para curar Elain do seu estupor depois de ter sido transformada em Grã-Feérica.

Nestha bloqueou a memória daquele rosto pálido, dos olhos castanhos vazios.

— De qualquer forma — disse a fêmea rapidamente — posso fazer perguntas aos meus fornecedores sobre se os couros poderiam ser mais quentes. Pode demorar algumas semanas, possivelmente um mês, mas enviarei notícias assim que souber.

— Está bem. Obrigada — Um pensamento ressoou em Nestha. — Eu... Quanto vai custar? — ela não tinha dinheiro.

— Trabalha para o Grão-Senhor, não trabalha? — a fêmea voltou a inclinar a cabeça. — Posso enviar a conta para Velaris.

— Eles... — Nestha não queria admitir quão baixo tinha caído, não para esta desconhecida. — Na verdade, não preciso das roupas mais quentes.

— Pensei que Rhysand pagava bem a todos.

— Ele paga, mas eu estou... — muito bem. Se a fêmea podia ser rude, ela também podia. — Fui cortada.

A curiosidade inundou os olhos da fêmea.

— Por quê? — Nestha enrijeceu.

— Não te conheço o bastante para te dizer isso. — a fêmea encolheu os ombros.

— Certo. Ainda posso fazer as perguntas. Faça um preço para si. Se está com frio lá fora, não deveria sofrer. — ela acrescentou pontualmente — Não importa o que o Grão-Senhor possa pensar.

— Eu acho que ele preferiria que Cassian me jogasse daquele penhasco.

A fêmea bufou. Mas ela estendeu uma mão em direção a Nestha.

— Eu sou Emerie. — Nestha pegou sua mão, surpreendida ao encontrar seu aperto como ferro.

— Nestha Archeron.

— Eu sei — disse Emerie, soltando a mão de Nestha. — Você matou o Rei de Hybern.

— Sim. — não havia como negar esse fato. E ela não podia mentir que não era nem um pouco presunçosa sobre isso.

— Bom — o sorriso de Emerie era uma coisa de beleza perigosa. Ela disse novamente — Bom.

Havia aço nesta fêmea. Não apenas em sua coluna e queixo retos, mas em seus olhos.

Nestha se virou para a porta e esperou com frio, sem saber o que fazer com a aprovação nua do que tantos outros haviam considerado com admiração,

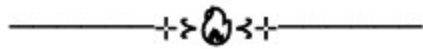
medo ou dúvida.

— Obrigada por sua ajuda.

Tão estranho, falar palavras educadas e normais. Estranho querer oferecê-las, e a ninguém menos que uma estranha.

Machos e fêmeas, crianças correndo entre eles, olharam para Nestha quando ela saiu para a rua. Alguns apressaram seus filhos. Ela encontrou seus olhares com uma fria indiferença.

Tem razão em esconder seus filhos de mim, ela queria dizer. Eu sou o monstro que vocês temem.



— A mesma tarefa de ontem? — Nestha perguntou à Clotho como forma de saudação, ainda meio arrepiada do acampamento do qual ela havia partido apenas dez minutos antes.

Cassian mal tinha falado ao voltar para a casa da mãe de Rhysand, seu rosto esticado com o que quer que tivesse lidado nas outras aldeias illyrianas, e Morrigan tinha ficado com a mesma cara de azedo quando ela apareceu para atravessá-los de volta à Casa do Vento. Cassian havia largado Nestha na varanda de pouso sem sequer um adeus antes de se deslocar para onde Mor se transportou. Em segundos, ele estava carregando a bela loira pelo vento forte.

Não deveria tê-la incomodado — vê-lo voando com outra fêmea em seus braços. Uma pequena parte dela sabia que não era remotamente justo sentir aquela irritação pela proximidade à vista. Ela o havia afastado repetidamente, e ele não tinha motivos para acreditar que ela o desejaria de outra forma. E ela sabia que ele tinha uma história com Morrigan, que eles tinham sido amantes há muito tempo.

Ela havia se virado daquela visão, entrando na Casa e passando pela sala de jantar, onde encontrou uma tigela de algum tipo de sopa de porco e feijão

esperando. Uma oferta silenciosa e atenciosa.

— Não estou com fome. — ela havia dito à casa antes de descer para a biblioteca.

Agora ela esperava enquanto Clotho escrevia uma resposta e entregava um pedaço de papel.

Nestha leu, *Há livros para serem colocados na prateleira do Nível Cinco.*

Nestha espreitou por cima do corrimão ao lado da mesa de Clotho, contando silenciosamente. Cinco estava... muito abaixo. Não dentro do primeiro anel da verdadeira escuridão, mas pairando na escuridão acima deste.

— Nada mais vive lá embaixo, certo? Bryaxis não voltou?

A caneta encantada de Clotho se moveu. A segunda nota dizia, *Bryaxis nunca fez mal a nenhum de nós.*

— Por quê?

A caneta riscou ao longo do papel. *Eu acho que Bryaxis teve pena de nós. Vimos nossos pesadelos se tornarem realidade antes de virmos para cá.*

Foi um esforço não olhar para as mãos deformadas de Clotho ou tentar perfurar as sombras sob seu capuz.

A sacerdotisa acrescentou à nota, *Posso atribuí-la a um nível superior.*

— Não — disse Nestha roucamente. — Eu vou me virar.

E assim foi. Uma hora depois, seus couros cobertos de poeira, Nestha caiu em uma mesa de madeira vazia, precisando de uma pausa.

A mesma tigela de sopa de porco e feijão apareceu sobre a mesa. Ela espreitou para o teto distante.

— Eu disse que não estou com fome.

Uma colher apareceu ao lado da tigela. E um guardanapo.

— Isto definitivamente não é da sua conta.

Um copo de água bateu ao lado da sopa.

Nestha cruzou seus braços, encostando-se para trás na cadeira.

— Com quem você está falando?

A voz feminina leve fez Nestha se contorcer, enrijecendo ao encontrar uma sacerdotisa nas vestes de acólito, de pé entre as duas prateleiras mais próximas. Seu capuz foi puxado para trás, e o brilho imortal dançou no castanho acobreado rico de seus cabelos lisos. Seus grandes olhos azuis esverdeados eram tão claros e profundos quanto a pedra geralmente em cima do capuz de uma sacerdotisa, e sardas se espalhavam sobre seu nariz e bochechas, como se alguém as tivesse jogado com uma mão descuidada. Ela era uma jovem quase alegre, com seus membros esbeltos e elegantes. Grã-feérica, e ainda assim... Nestha não conseguia explicar a maneira como sentia que havia algo mais misturado nela. Algum segredo sob o rosto bonito.

Nestha fez um gesto para a sopa e a água, mas elas tinham desaparecido. Ela fez uma careta para o teto, para a casa que tinha coragem de incomodá-la e depois a fazer parecer uma lunática. Mas ela disse para a sacerdotisa — Eu não estava falando com ninguém. — a sacerdotisa ergueu os cinco tomos em seus braços.

— Você terminou por hoje? — Nestha olhou para o carrinho de livros que ela havia deixado sem classificação.

— Não. Eu estava fazendo uma pausa.

— Você está trabalhando há apenas uma hora.

— Eu não percebi que alguém estava cronometrando — Nestha permitiu que cada pedacinho de desagrado aparecesse em seu rosto. Ela já havia

conversado com um estranho hoje, cumprindo sua cota de decência básica. Ser gentil com uma segunda pessoa estava além dela.

A acólita permaneceu não intimidada.

— Não é todos os dias que temos alguém novo em nossa biblioteca — ela jogou os livros no carrinho de Nestha. — Estes podem ser arquivados.

— Eu não atendo acólitos.

A sacerdotisa se elevou até sua altura máxima, que era ligeiramente mais alta que a média para as fêmeas feéricas. Um tipo de energia crepitante zumbia ao redor dela e o poder de Nestha resmungou em resposta.

— Você está aqui para trabalhar — disse a acólita, a voz dela calma. — E não apenas para Clotho.

— Você fala de forma bastante informal de sua suma Sacerdotisa.

— Clotho não reforça a hierarquia. Ela nos encoraja a usar seu nome.

— E qual é o seu nome? — ela certamente reclamaria com Clotho sobre a atitude desta acólita impertinente. Os olhos da sacerdotisa brilhavam de diversão, como se estivesse ciente do plano de Nestha.

— Gwyneth Berdara — inusitado, para estas feéricas usarem nomes de família. Mesmo Rhys não usava um, até onde Nestha sabia. — Mas a maioria me chama de Gwyn.

No nível acima, duas sacerdotisas caminharam pela grade em silêncio, cabeças encapuzadas e curvadas, e livros em seus braços. No entanto, Nestha poderia ter jurado que uma delas vigiava. Gwyn rastreou o foco de sua atenção.

— Estas são Roslin e Deirdre.

— Como você pode dizer? — com os capuzes colocados, elas pareciam quase idênticas, exceto por suas mãos.

— Seus cheiros — disse Gwyn de forma simples, e se voltou para os livros que ela havia deixado no carrinho. — Você planeja arquivá-los ou eu preciso levá-los para outro lugar?

Nestha nivelou um olhar indiferente para ela. Vivendo aqui embaixo, havia uma boa chance de que as sacerdotisas não soubessem quem ela era. O que ela tinha feito. Que poder ela carregava.

— Eu vou fazer isso — disse Nestha através de dentes cerrados.

Gwyn prendeu seu cabelo atrás de suas orelhas pontudas. Sardas pontilhavam as mãos dela também, como pedaços de ferrugem salpicados. Se marcas de trauma permanecessem, qualquer evidência era escondida por seu manto.

Mas Nestha sabia bem o quão invisíveis as feridas poderiam ser. Como elas podiam cicatrizar tão profunda e gravemente quanto qualquer ferida física.

E foi somente por esse lembrete que Nestha disse mais gentilmente — Vou fazer isso agora mesmo — talvez ela ainda tivesse um pouco de sua cota de decência. Gwyn notou a mudança.

— Eu não preciso de sua piedade

As palavras foram afiadas, tão claras quanto seus olhos azuis esverdeados.

— Não foi piedade.

— Estou aqui há quase dois anos, mas não fiquei tão desconectada dos outros que não posso dizer quando alguém se lembra por que estou aqui e altera seu comportamento — a boca de Gwyn se comprimiu em uma linha.

— Eu não preciso ser mimada. Apenas tratada como uma pessoa.

— Duvido que você vá gostar da maneira como falo com a maioria das pessoas — disse Nestha. Gwyn bufou.

— Tente.

Nestha olhou para ela por baixo das sobrancelhas novamente.

— Sai da minha frente.

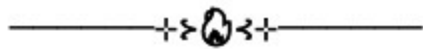
Gwyn sorriu, um sorriso amplo e brilhante que mostrou a maioria de seus dentes e fez seus olhos brilharem de uma forma que Nestha sabia que seus próprios nunca haviam brilhado.

— Oh, você é boa — Gwyn se voltou para as pilhas. — Realmente boa — ela desapareceu nas sombras.

Nestha olhou além dela por um longo momento, se perguntando se ela teria imaginado tudo isso. Duas conversas amigáveis em um dia. Ela não tinha idéia de quando tal coisa havia ocorrido pela última vez.

Outra sacerdotisa encapuzada passou por ela, e ofereceu a Nestha um aceno com o queixo em saudação.

Silêncio se instalou ao redor dela, como se Gwyn tivesse sido uma tempestade de verão que explodiu e se evaporou em um momento. Suspirando, Nestha reuniu os livros que Gwyn havia deixado no carrinho.



Horas depois, empoeirada e exausta e finalmente faminta, Nestha ficou diante da mesa de Clotho e disse — A mesma história amanhã?

Clotho escreveu, *Você não está satisfeita com seu trabalho?*

— Eu ficaria se seus acólitos não mandassem em mim como um criada.

Gwyneth mencionou que tinha cruzado com você antes. Ela trabalha para Merrill, minha braço direito, que é uma erudita ferozmente exigente. Se os pedidos de Gwyneth foram abruptos, foi devido à natureza urgente do trabalho que ela faz.

— Ela queria que eu arquivasse seus livros, não que encontrasse mais.

Outros estudiosos precisam deles. Mas eu não estou no cargo de explicar o comportamento de meus acólitos. Se você não gostou do pedido de Gwyneth, deveria ter dito. Para ela.

Nestha enrijeceu.

— Eu disse. Ela dá trabalho.

Alguns poderiam dizer o mesmo de você.

Nestha cruzou os braços. — Alguns podem.

Ela teria apostado que Clotho estava sorrindo debaixo de seu capuz, mas a sacerdotisa escreveu: *Gwyneth, como você, tem sua própria história de bravura e sobrevivência. Eu pediria que você lhe desse o benefício da dúvida.*

Um ácido que se assemelhou muito ao arrependimento queimou nas veias de Nestha. Ela deixou isso de lado.

— Anotado. E o trabalho é bom.

Clotho só escreveu: *Boa noite, Nestha.*

Nestha se arrastou pelos degraus e entrou na Casa propriamente dita. O vento parecia gemer pelos corredores, respondido apenas pelo estômago resmungão dela.

A biblioteca privada estava misericordiosamente vazia quando ela passou pelas portas duplas, relaxando instantaneamente à vista de todos aqueles livros amontoados perto, o pôr-do-sol na cidade abaixo, o Sidra uma faixa viva de ouro. Sentada na escrivaninha diante da parede de janelas, ela disse para a Casa — Tenho certeza de que você não vai fazer isso agora, mas eu gostaria daquela sopa.

Nada. Ela suspirou para o teto. Fantástico.

Seu estômago se torceu, como se fosse devorar seus órgãos se ela não comesse logo. Ela acrescentou forçadamente — Por favor.

A sopa apareceu, um copo de água ao seu lado. Seguiu-se um guardanapo e talheres de prata. Um fogo rugia para crescer na lareira, mas ela disse rapidamente — Nenhum fogo. Não há necessidade.

O fogo se transformou em nada, mas as luzes da sala brilharam mais forte.

Nestha estava alcançando sua colher quando um prato de pão fresco e crocante apareceu. Como se a Casa fosse uma mãe galinha agitada.

— Obrigada — disse ela ao silêncio e começou a comer.

As luzes tremeluziram uma vez, como se quisessem dizer: *de nada*.

10

Nestha comeu até não conseguir enfiar mais nenhum pedacinho em seu corpo, servindo-se três vezes da sopa. A Casa parecia mais do que feliz por fazê-la comer, e até tinha lhe oferecido uma fatia de bolo de chocolate duplo para terminar.

— Isso é aprovado por Cassian? — Ela pegou o garfo e sorriu para o bolo suculento e cintilante.

— Certamente não é — disse ele da entrada, e Nestha se virou, fazendo careta. Ele acenou em direção ao bolo. — Mas vá em frente.

Ela abaixou o garfo.

— O que você quer?

Cassian inspecionou a biblioteca da família.

— Por que está comendo aqui?

— Não é óbvio?

Seu sorriso era um corte de branco.

— A única coisa óbvia é que você está falando sozinha.

— Estou falando com a Casa. Que é consideravelmente melhor do que falar com você.

— Ela não fala de volta.

— Exatamente.

Ele bufou.

— Eu mereci essa — Ele caminhou pela sala, olhando o bolo que ela ainda não havia tocado. — Está mesmo... falando com a Casa?

— Você não fala com ela?

— Não.

— Ela me escuta — Nestha insistiu.

— Claro que escuta. É encantada.

— Até trouxe comida na biblioteca sem que eu pedisse.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Por quê?

— Eu não sei como sua magia feérica funciona.

— Você... *fez* alguma coisa para fazê-la agir dessa maneira?

— Se você está tirando uma página do livro de Devlon e perguntando se eu fiz alguma bruxaria, a resposta é não.

Cassian riu.

— Não foi o que eu quis dizer, mas tudo bem. A Casa gosta de você. Parabéns — Ela rosnou, e ele se inclinou sobre ela para pegar o garfo. Ela ficou rígida com sua proximidade, mas ele nada disse ao dar uma mordida no bolo. Ele soltou um gemido de prazer que viajou pelos ossos dela. E depois deu outra garfada.

— Isso era pra ser meu — ela resmungou, observando-o enquanto ele continuava a comer.

— Então o tire de mim — disse ele. — Uma simples manobra de desarmamento resolveria, considerando que meu centro de gravidade está

desequilibrado e estou distraído com este bolo delicioso.

Ela o olhou ameaçadoramente.

Ele deu uma terceira mordida.

— Estas são as coisas, Nes, que você aprenderia nas lições comigo. Suas ameaças seriam muito mais impressionantes se você pudesse sustentá-las.

Ela tamborilou os dedos na mesa. Olhou para o garfo em sua mão e se imaginou o apunhalando na coxa com ele.

— Você poderia fazer isso também — ele disse, lendo a direção de seu olhar. — Eu poderia te ensinar a transformar qualquer coisa em uma arma. Até mesmo um garfo.

Ela mostrou os dentes, mas Cassian apenas abaixou o garfo com precisão irritante e saiu, deixando o bolo comido pela metade para ela.



Nestha leu o romance deliciosamente erótico que havia encontrado numa estante na biblioteca privada até suas pálpebras ficarem tão pesadas que apenas sua vontade de ferro as mantinha abertas. Então ela se arrastou até o corredor de seu quarto e desmoronou na cama, sem se incomodar em trocar as roupas antes de se esparramar no colchão.

Ela acordou congelando na escuridão noturna, despertando-se o suficiente para despir os couros, e rastejou para debaixo dos lençóis, os dentes rangendo.

Um momento depois, fogo acendeu-se na lareira.

— Sem fogo. — ela ordenou, e ele desapareceu de novo.

Ela poderia ter jurado que uma curiosidade hesitante se enrolou à sua volta. Tremendo, ela esperou que os lençóis aquecessem a temperatura do seu

corpo.

Longos minutos se passaram, e então a cama aqueceu. Não por seu próprio corpo nu, mas algum tipo de feitiço. O próprio ar aqueceu também, como se alguém tivesse soprado um grande fôlego para o espaço.

Seu tremor parou e ela aninhou-se no calor.

— Obrigada. — murmurou.

A única resposta da Casa foi fechar as cortinas ainda abertas. Quando pararam de balançar, ela já estava dormindo de novo.



Elain havia sido roubada. Por Hybern. Pelo Caldeirão, que tinha visto Nestha observá-lo e a observara de volta. Tinha notado sua perscrutação com ossos e pedras e feito-a se arrepender.

Ela tinha feito isto. Trouxe isto a eles. Tocando seu poder, empunhando-o, tinha feito isto. E ela nunca se perdoaria. Nunca.

Elain seria certamente atormentada. Corpo e alma destruídos.

Uma rachadura partiu o mundo.

Seu pai estava diante dela, o pescoço torcido. Seu pai, com os seus suaves olhos castanhos, o amor por ela ainda brilhando neles à medida em que a sua luz se desvanecia.

Nestha acordou violentamente, náuseas a atravessando enquanto ela agarrava os lençóis.

No fundo de seu instinto, em sua alma, algo se torcia e se enrolava em volta de si mesmo, procurando uma saída, procurando um caminho para o mundo...

Nestha empurrou-o para baixo. Pisou em seu poder. Bateu nele todas as portas mentais que podia.

Sonho, ela o disse. Sonho e memória. Vá embora.

Seu poder retumbou em suas veias, mas obedeceu.

A cama havia ficado tão quente que Nestha chutou os lençóis para longe antes de esfregar as mãos sobre seu rosto encharcado de suor.

Ela precisava de uma bebida. Precisava de qualquer coisa que lavasse isso.

Ela se vestiu rapidamente, Sem realmente sentir o seu corpo. Não se importando realmente com que horas eram ou onde estava. Pensando apenas no obstáculo entre ela e aquele salão dos prazeres.

A porta para os dez mil degraus já estava aberta, as luzes feéricas no salão diminuídas até quase escuridão. Suas botas raspavam nas pedras à medida que se aproximava, olhando para trás para garantir que ninguém a seguia.

Com as mãos tremendo, ela começou a descida.

Girando e girando e girando.

Amei você desde o primeiro momento em que a segurei em meus braços.

Para baixo e para baixo e para baixo.

Aquele Caldeirão antigo abriu um olho para olhar fixamente para ela. Para prendê-la no lugar.

O Caldeirão arrastando-a para si, para o poço da Criação, tomando e tomando dela, impiedoso apesar dos seus gritos.

Girando e para baixo, exatamente como tinha sido puxada pelo Caldeirão, esmagada sob o seu terrível poder...

A náusea aumentou, o poder junto, e seu pé escorregou.

Ela teve apenas o tempo de um batimento cardíaco para se agarrar à parede, mas era tarde demais. Seus joelhos tropeçaram nos degraus, seu rosto batendo um segundo mais tarde, e então ela estava se contorcendo e derrapando, arrebentando-se contra a parede, ricocheteando e caindo degrau por degrau por degrau.

Ela atirou a mão cegamente, unhas se cravando na pedra. Faíscas explodiram enquanto ela gritava e se segurava.

O mundo parou de se mover. Seu corpo freou à queda.

Esparramada nos degraus, a mão agarrando-se à pedra, ela ofegou, grandes resfolegadas de ar que cortavam cada inalação. Ela fechou os olhos, saboreando a quietude, a total falta de movimento.

E, no silêncio, a dor se assentou. Dor latente por todas as partes do seu corpo.

O gosto acobreado do sangue encheu-lhe a boca. Algo molhado e quente deslizava pelo seu pescoço. Uma farejada lhe disse que era sangue também.

E suas unhas, as que agarravam os degraus de pedra...

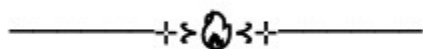
Nestha piscou para sua mão. Ela *tinha* visto faíscas.

Os seus dedos estavam incrustados na pedra, a rocha brilhando como se estivesse acesa com uma chama interior.

Arfando, ela retirou a mão, e a pedra ficou escura.

Mas as impressões digitais permaneceram — quatro sulcos enterrados na parte superior do degrau, um único buraco ao lado onde seu polegar havia pressionado.

Pavor gelado atravessou-a e a fez levantar em suas pernas machucadas, os joelhos gemendo enquanto ela corria para cima. Para longe daquela marca de mão. Para sempre gravada na pedra.



— Então, quem ganhou a luta? — Cassian perguntou na manhã seguinte, enquanto ela se sentava em sua pedra e o observava fazer os exercícios.

Ele não tinha perguntado no café da manhã sobre o olho roxo e o queixo cortado ou sobre a rigidez com que se movia. Nem Mor havia perguntado quando chegou. A permanência dos cortes e dos hematomas diziam a Nestha o quão ruim tinha sido a queda, mas como Grã-feérica, com a cura acelerada, eles já estavam sarando.

Como humana, ela achava, a queda poderia tê-la matado. Talvez este corpo de Feérico tivesse suas vantagens. Ser humana, ser fraca neste mundo de monstros, era uma sentença de morte. O seu corpo de Grã-Feérica era sua melhor chance de sobrevivência.

A reticência de Cassian tinha durado apenas uma hora em sua rotina. Estava no centro do ringue de luta, ofegante, suor correndo o rosto e pescoço.

— Que luta? — Ela examinou as unhas estragadas. Mesmo com... o que quer que ela tivesse lançado para se segurar, suas unhas haviam rachado. Ela não se deixou nomear o que tinha vindo de dentro dela, não se deixou reconhecer. Ao amanhecer, tinha sido estrangulado à submissão.

— Aquela entre você e as escadas.

Nestha o cortou com um olhar penetrante.

— Não sei do que você está falando.

Cassian começou a se mover novamente, desembainhando a espada e correndo em uma série de movimentos que pareciam todos projetados para cortar uma pessoa em duas.

— Você sabe: às três da manhã, você sai do seu quarto para se embriagar na cidade, e tem tanta pressa em descer os degraus que cai de uns bons trinta deles antes de conseguir parar.

Ele tinha visto o degrau? A marca da mão?

— Como você sabe disso? — ela exigiu.

Ele encolheu os ombros.

— Você está me *vigiando*? — Antes que ele pudesse responder, ela cuspiu

— Você estava observando e não veio ajudar?

Cassian encolheu os ombros novamente.

— Você parou de cair. Se tivesse continuado, alguém provavelmente a pegaria antes que você chegasse ao fundo.

Ela sibilou para ele.

Ele apenas sorriu e chamou com uma mão.

— Quer se juntar a mim?

— Eu deveria *lhe* empurrar daquelas escadas.

Cassian embainhou sua espada às costas em um movimento elegante. Quinhentos anos de treinamento — ele deveria ter desembainhado e embainhado aquela espada tantas vezes que agora era memória muscular.

— Então? — ele exigiu, algo afiado crescendo em sua voz. — Já que você tem esses gloriosos hematomas, pode muito bem dizer que vieram do treino e não de um tombo patético. — Ele acrescentou — Quantas escadas conseguiu desta vez?

Sessenta e seis. Mas Nestha disse — Eu não vou treinar.

À beira do ringue, machos os observavam novamente. Tinham observado Cassian primeiro, parcialmente com espanto e parcialmente com o que ela só podia assumir ser inveja. Ninguém se movia como ele. Ninguém sequer chegava perto. Mas agora os seus olhares se tornavam divertidos — zombando dele.

Ano passado, ela poderia ter ido até aqueles homens e tê-los despedaçado. Poderia ter deixado um pouco daquele terrível poder dentro dela aparecer para que acreditassem verdadeiramente que ela era uma bruxa que os amaldiçoaria e a mil gerações de seus descendentes caso eles insultassem Cassian novamente.

Nestha esticou as pernas, apoiando as palmas machucadas na pedra.

— Aproveite seus exercícios.

Cassian se eriçou, mas estendeu a mão de novo.

— Por favor.

Ela nunca o tinha ouvido dizer aquela palavra. Era uma corda atirada entre eles. Ele a encontraria no meio do caminho — deixaria-a vencer a batalha pelo poder, admitir derrota, se ela simplesmente saísse da pedra.

Ela disse a si mesma para se levantar, para pegar a mão estendida.

Mas ela não conseguia. Não conseguia fazer seu corpo se levantar.

Seus olhos avelã brilhavam com súplica sob o sol da manhã, o vento dançando em seu cabelo escuro. Como se ele fosse feito destas montanhas, trabalhado a partir do vento e da pedra. Ele era tão lindo. Não da forma como Azriel e Rhys eram bonitos, mas de uma forma bruta. Selvagem e implacável.

Na primeira vez que havia visto Cassian, não conseguia tirar os olhos dele. Ela se sentiu como se tivesse passado a vida rodeada de garotos, e então um homem — um macho, ela supôs — havia aparecido de repente. Tudo nele irradiava aquela masculinidade confiante e arrogante. Tinha sido inebriante e esmagador, e tudo o que ela queria, tudo o que ela queria durante tantos meses, era tocá-lo, cheirá-lo, prová-lo. Se aproximar daquela força e atirar tudo o que era contra ela, porque sabia que ele nunca se partiria, nunca enfraqueceria, nunca hesitaria.

Mas a luz em seus olhos diminuiu ao baixar a mão.

Ela merecia seu desapontamento. Merecia o seu ressentimento e nojo. Mesmo que arrancasse algo vital dela.

— Amanhã, então. — Cassian disse. Ele não falou com ela pelo resto do dia.

11

As portas da biblioteca privada estavam trancadas. Nestha mexeu na maçaneta, mas se recusou a abrir.

Ela disse calmamente — Abra a porta.

A Casa a ignorou.

Ela girou novamente a maçaneta, empurrando um ombro contra a porta. — Abra a porta.

Nada.

Ela continuou a bater com o ombro. — Abra esta porta agora mesmo!

A Casa continuou a não obedecer.

Ela rangeu os dentes, ofegante. Ela teve mais livros do que ontem para organizar, pois as sacerdotisas tinham aparentemente ouvido de Gwyn que Nestha iria ser a sua moça de recados.

Então começaram a despejar os seus tomos no seu carrinho - e algumas também pediram que ela recuperasse livros. Nestha tinha feito, apenas porque procurar os livros que elas pediam a levava a novos lugares da biblioteca, ocupando sua mente. Mas quando o relógio marcou seis horas, ela já estava exausta, cheia de poeira e com fome. Tinha ignorado o sanduíche que a Casa tinha preparado para ela à tarde, e isto tinha aparentemente irritado a Casa o suficiente para que agora recusasse a sua entrada na biblioteca privada.

— Tudo que eu quero — Nestha grunhiu alto — é uma refeição agradável e quente e um bom livro. — Ela tentou novamente abrir a porta. — Por favor.

Nada. Absolutamente nada.

— Tá bom. — Ela entrou para o corredor.

Somente a fome a levou até a sala de jantar, onde encontrou Cassian comendo e Azriel em frente a ele.

O rosto do Encantador de sombras era solene, e seus olhos desconfiados. Cassian, de costas para ela, com a coluna rígida, sem dúvida por sentir o cheiro de Nestha ou pelo barulho de seus passos.

Ela não falava enquanto ia em direção a uma cadeira posicionada no meio da mesa. Um prato de comida apareceu assim que ela chegou em seu lugar . A feérica teve a sensação de que se pegasse o prato e saísse, ele desapareceria de suas mãos antes de chegar à porta.

Nestha manteve silêncio enquanto sentava em sua cadeira, pegava o garfo enquanto comia sua carne e espargos assados.

Cassian limpou a garganta e disse a Azriel — Por quanto tempo você vai ficar ausente?

— Não tenho certeza — Os olhos do encantador de sombras escureceram antes de acrescentar — Vassa tinha razão em suspeitar de algo mortal. As coisas estão perigosas o suficiente por lá, seria mais sábio pra mim manter minha base aqui na Casa e atravessar indo e voltando.

A curiosidade bateu, mas Nestha não disse nada. Vassa — ela não tinha visto a rainha humana encantada desde que a guerra tinha terminado. Desde que a jovem rainha tinha tentado falar com ela sobre como o pai de Nestha tinha sido maravilhoso, como ele tinha sido um verdadeiro pai para ela, ajudando-a e conquistou-lhe esta liberdade temporária até os ossos de Nestha gritarem para ela fugir, o seu sangue começou a ferver em pensar que o seu pai tinha encontrado a sua coragem para alguém que não era ela e suas irmãs. Que ele tinha sido o pai que ela precisava — mas para outra pessoa. Tinha deixado a mãe delas morrer na sua recusa de enviar a sua frota mercante à procura de uma cura para ela, tinha caído na pobreza e as tinha deixado quase morrer de fome, mas tinha decidido lutar por esta

desconhecida? Esta rainha estranha a ele vendendo uma história triste de traição e perda?

Aquela coisa no fundo Nestha se mexeu, mas ela a ignorou, empurrou-a para baixo o melhor que pôde sem a distração da música, do sexo, ou do vinho. Ela tomou um gole de sua água, a deixando esfriar a garganta, a barriga, se fazendo acreditar que isso teria de ser suficiente.

— O que o Rhys disse sobre isso? — perguntou Cassian com sua boca cheia de comida.

— Quem você acha que sugeriu eu ir e voltar assim?

— Bastardo protetor — mas uma nota de afeto ressoou nas palavras do general.

O silêncio voltou a cair. Azriel acenou com a cabeça para Nestha. — O que aconteceu?

Ela sabia o que ele queria dizer: o olho roxo que finalmente se desvanecia. As suas mãos e queixo tinham sarado, juntamente com os hematomas no seu corpo, mas o olho ainda estava esverdeado. Amanhã de manhã, já teria desaparecido por completo. — Nada — disse ela sem olhar para Cassian.

— Ela caiu das escadas — disse Cassian, sem olhar para ela também.

O silêncio de Azriel foi longo antes de ele perguntar — Alguém a... empurrou?

— Idiota. — rosnou Cassian.

Nestha levantou os olhos do seu prato o suficiente para notar o divertimento no olhar de Azriel, apesar de nenhum sorriso ter agraciado a sua boca sensual.

Cassian prosseguiu — Eu disse a ela hoje cedo: se ela se preocupasse em treinar, teria pelo menos direito de se gabar sobre os roxos.

Azriel tomou um gole calmo de sua água. — Por que você não está treinando, Nestha?

— Eu não quero.

— Por que não?

Cassian murmurou — Não desperdice o seu tempo, Az.

Ela o olhou de relance. — Eu não quero treinar naquela aldeia miserável.

Cassian voltou a olhar fixamente. — Você recebeu uma *ordem*. Você sabe que terá consequências. Se não sair de cima da porra daquela pedra até ao final desta semana, o que acontece a seguir está fora do meu alcance.

— Então, você vai me dedurar pro seu precioso Grão-Senhor? — ela cochichou. — O grande e forte guerreiro precisa do todo-poderoso Rhysand para travar as suas batalhas?

— Não fale do Rhys com esse tom — rosnou Cassian.

— O Rhys é um idiota — Nestha estourou. — Ele é um *idiota* arrogante e prepotente.

Azriel se recostou em seu assento, com os olhos fervilhando de raiva, mas não disse nada.

— Isso é mentira — cuspiu Cassian, os Sifões nas costas das suas mãos queimando como chamas de rubi. — Você sabe que é, Nestha.

— Eu odeio ele — disse ela.

— Bom, ele também te odeia — respondeu Cassian. — Todos aqui te odeiam. É isso que você queria ouvir? Pois parabéns, conseguiu.

Azriel soltou um longo, longo suspiro.

As palavras de Cassian vieram como balas, uma após a outra. Bateram em algum lugar baixo e macio, com força. Os seus dedos se enrolaram em

garras, raspando embaixo da mesa enquanto ela lhe atirava de volta — E suponho que agora você vai me dizer que *você*

é a única pessoa aqui que não me odeia, e eu devo sentir algo como gratidão, e concordar com o treinamento.

— Eu vou te dizer que eu *cansei*.

As palavras ressoaram entre eles. Nestha piscou, o único sinal de surpresa que ela se permitiria mostrar.

Azriel ficou tenso, como se também estivesse surpreendido.

Mas ela cortou Cassian antes que ele pudesse continuar. — Será que isso significa que também já acabou de correr atrás de mim? Porque que *alívio* seria, saber que você finalmente entendeu.

O peito musculoso de Cassian se afundou quando sua garganta voltou a funcionar. — Você quer se afundar? Vá em frente! Se foda o quanto quiser! — Ele ficou de pé, sua refeição semi-acabada. — O treino era para te ajudar. Não te castigar. Não sei como é que você não *percebeu isso*.

— Eu te disse: Eu não vou treinar naquela aldeia miserável.

— Tudo bem.— Cassian saiu, o som de seus pés batendo no chão.

Sozinha com Azriel, Nestha mostrou-lhe os dentes.

Azriel a observou com aquele silêncio frio, mantendo-se totalmente imóvel. Como se ele tivesse visto tudo na cabeça dela. O seu coração machucado.

Ela não conseguia suportar. Então ficou de pé, tendo dado apenas duas garfadas da sua comida, e também deixou a sala.

Ela voltou para a biblioteca. As luzes brilhando tão intensamente como durante o dia, e algumas sacerdotisas andavam pelos níveis. Ela encontrou o seu carrinho, novamente cheio de livros que precisavam de ser arquivados.

Ninguém falou com ela, e ela não falou com ninguém quando começou a trabalhar, apenas com o silêncio estrondoso na sua cabeça para lhe fazer companhia.



Amren tinha se enganado. *Continuar estendendo a mão* foi uma grande merda quando a pessoa a quem sua mão foi estendida podia morder com força suficiente para arrancar os seus dedos.

Cassian sentou-se no topo plano da montanha na qual a Casa do Vento havia sido construída, espreitando para dentro do ringue de treinamento ao ar livre abaixo dele. As estrelas brilhavam por cima, e uma brisa brutal de outono que sussurrava com a mudança das folhas e noites crepitantes passavam por ele. Abaixo, Velaris era um brilho dourado, acentuado ao longo do Rio Sidra como um arco-íris colorido.

Ele nunca havia falhado em nada. Não desta maneira.

E ele tinha estado tão estupidamente desesperado, tão estupidamente esperançoso, que não tinha acreditado que ela realmente recusaria. Até hoje, quando ele a viu naquela rocha e soube que ela queria se levantar, mas a viu conter o instinto. Viu-a resistir a si mesma como aço.

— Você não é do tipo chato.

Cassian virou, movimentando sua cabeça para encontrar Feyre sentada ao seu lado. Ela balançou seus pés no vazio, seus cabelos castanhos dourados desgrehados pelo vento enquanto olhava para o ringue de treinamento. — Você voou para cá?

— Atravessei. Rhys disse que você estava "pensando alto". — A boca de Feyre se abriu em um sorriso de lado. — Achei que deveria ver o que estava acontecendo.

Uma fina pele de poder permanecia envolta em torno de sua Grã-Senhora, invisível a olho nu, mas resplandecente de força. Cassian acenou em

direção a ela. — Por que Rhysie deixou esse escudo de magia em você? — Era poderoso o suficiente para guardar toda Velaris.

— Porque ele é um chato. — disse Feyre, mas sorriu suavemente. — Ele ainda está aprendendo como funciona, e eu ainda não descobri como me livrar dele. Mas com as rainhas como uma ameaça renovada e Beron na mistura, especialmente se Koschei é o mestre fantoche deles, Rhys está perfeitamente feliz em deixá-lo.

— Tudo com essas rainhas é uma maldita dor de cabeça. — resmungou Cassian. — Esperemos que Az descubra o que elas realmente estão tramando. Ou pelo menos o que Briallyn e Koschei estão tramando.

Rhys ainda estava contemplando o que fazer com as exigências de Eris. Cassian supunha que ele receberia suas ordens nessa frente em breve. E então teria que lidar com o imbecil. De general para general.

— Parte de mim teme o que Azriel vai encontrar. — disse Feyre, encostada de costas em suas mãos. — Mor está indo para Vallahan novamente amanhã. Eu também me preocupo com isso. Que ela voltará com notícias piores sobre suas intenções.

— Nós vamos lidar com isso.

— Falou como um verdadeiro general.

Cassian bateu levemente no ombro de Feyre com sua asa, um gesto casual e afetuosos. Um gesto que ele nunca ousou fazer com as fêmeas de qualquer comunidade Illyriana. Os Illyrianos eram psicóticos num dia bom sobre quem tocava suas asas e como. E tocar nas asas fora do quarto, treinamento ou combate mortal era um enorme tabu. Mas Rhys nunca se importou, e Cassian precisava do contato. Sempre precisou do contato físico, ele tinha aprendido. Provavelmente, graças a uma infância passada com muito pouco contato físico.

Feyre parecia entender sua necessidade de um toque reconfortante, porque ela disse. — Quão ruim está isso?

— Ruim. — Era tudo o que ele conseguia admitir.

— Mas ela vai para a biblioteca?

— Ela voltou para a biblioteca hoje à noite. Ela ainda está lá embaixo, pelo que eu sei.

Feyre deu um hmm de contemplação, contemplando a cidade. Sua Grã-Senhora parecia tão jovem — ele sempre esqueceu como ela era realmente jovem, considerando o que ela já havia enfrentado e alcançado em sua vida. Aos vinte e um anos, ele ainda bebia e brigava e fodia, sem se preocupar com nada e com ninguém, exceto com sua ambição de ser o mais hábil dos guerreiros Illyrianos desde o próprio Enalius. Aos vinte e um anos, Feyre havia salvo seu mundo, encontrado seu parceiro, se casado e encontrado a verdadeira felicidade.

Feyre perguntou. — Nestha disse por que não quer treinar?

— Porque ela me odeia

Feyre bufou — Cassian, Nestha não te odeia. Acredite em mim.

— Ela age como se me odiasse.

Feyre balançou a cabeça. — Não, ela não odeia. — Suas palavras foram dolorosas o suficiente para que ele franzisse a sobrancelha.

— Ela também não te odeia. — disse ele calmamente.

Feyre encolheu os ombros. O gesto fez seu peito doer. — Por um tempo, eu pensei que ela não me odiasse. Mas agora eu não sei.

— Eu não entendo porque vocês duas não podem simplesmente... — Ele lutou pela palavra certa.

— Se dar bem? Serem civilizadas? Sorrir uma para a outra? — O riso de Feyre foi oco. — Sempre foi assim.

— Por quê?

— Não tenho ideia. Sempre foi assim conosco, e com nossa mãe. Ela só tinha interesse em Nestha. Ela me ignorava, e via Elain como pouco mais que uma boneca para se vestir, mas Nestha era *dela*. Nossa mãe se certificou de que nós soubéssemos disso. Ou ela se importava tão pouco com o que pensávamos ou fazíamos que não se preocupava em esconder isso de nós. — O ressentimento e a dor de longa data uniam cada palavra. Que mãe faria tal coisa com seus filhos... — Mas quando caímos na pobreza, quando eu comecei a caçar, a situação piorou. Nossa mãe tinha falecido e nosso pai não estava exatamente presente. Ele não estava completamente *ali*. Então éramos eu e Nestha, sempre na garganta uma da outra. — Feyre esfregou seu rosto — Estou muito cansada para explicar cada detalhe. É tudo apenas uma confusão.

Cassian se absteve de observar que ambas as irmãs pareciam precisar uma da outra — que Nestha talvez precisasse mais da Feyre do que ela imaginava. E de mencionar que esta confusão entre as duas fêmeas o machucou mais do que ele poderia expressar.

Feyre suspirou. — Essa é a minha maneira de dizer que se a Nestha te odeia... Eu sei como é o ódio dela, e ela não te odeia.

— Ela provavelmente me odeia depois do que eu disse a ela hoje a noite.

— Azriel me contou. — Feyre esfregou o rosto novamente. — Eu não sei o que fazer. Como ajudá-la.

— Três dias depois e eu já estou no meu limite. — disse ele.

Ambos ficaram em silêncio, o vento passando por eles. A névoa se reuniu no Sidra, bem abaixo, e plumas brancas de fumaça de inúmeras chaminés se levantaram para encontrá-la.

Feyre perguntou — Então o que fazemos?

Ele não sabia. — Talvez o trabalho da biblioteca seja suficiente para tirá-la dessa. — Mas mesmo quando ele falou as palavras, elas soaram falsas.

Feyre aparentemente concordou. — Não. Na biblioteca ela pode se esconder no silêncio e entre as prateleiras. A biblioteca foi feita para equilibrar o que o treinamento faria.

Ele balançou seus ombros. — Bem, ela disse que não vai treinar naquela aldeia *miserável*, então estamos em um impasse.

Feyre suspirou novamente. — Parece que sim.

Mas Cassian fez uma pausa. Pestanejou uma vez, e olhou para o ringue de treinamento diante deles.

— O quê?

Ele bufou, balançando a cabeça. — Eu deveria ter notado.

Uma tentativa de sorriso floresceu na boca de Feyre, e Cassian se inclinou para beijar sua bochecha. Ele só chegou a um centímetro do rosto dela antes de seus lábios se encontrarem com o escudo.

— Esse nível de proteção é loucura.

Ela alisou sua blusa creme espessa. — Rhys.

Cassian farejou, tentando e falhando em detectar o cheiro dela. — Ele também protegeu seu cheiro?

Feyre sorriu. — É tudo parte do mesmo escudo. Helion não estava brincando sobre ser impenetrável.

E apesar de tudo, Cassian sorriu de volta. A memória voltou a ele de quando ele a conheceu na sala de jantar vários níveis abaixo, a garota que se tornaria sua Grã-senhora. Ela estava tão terrivelmente magra naquela época, com olhos mortos e retraída que foi preciso todo o seu autocontrole para não voar até a Corte da Primavera e arrancar cada membro de Tamlin.

Cassian afastou o pensamento, concentrando-se na revelação que tinha diante de si.

Uma última vez. Ele tentaria uma última vez.

12

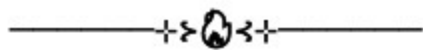
Nestha parou no ringue de treinamento no topo da Casa do Vento e fez uma careta. — Pensei que iríamos para o acampamento Illyriano.

Cassian caminhou até a escada de corda estendida no chão e endireitou um degrau — Mudança de planos. — Nenhum traço daquela raiva incandescente restava em seu rosto esta manhã quando ela entrou na sala de café da manhã. Azriel já havia partido e Cassian não havia dito uma palavra sobre o motivo de sua partida. Algo sobre as rainhas, provavelmente, a julgar pelo que ela ouviu na noite anterior.

Quando terminou seu mingau, ela procurou por qualquer sinal de Morrigan, mas a fêmea nunca apareceu. E Cassian a conduziu até ali, sem falar nada durante a subida.

Todo mundo te odeia. As palavras permaneceram, como um sino que não parava de tocar.

Ele finalmente esclareceu — Mor voltou para Vallahan e Rhys e Feyre estão ocupados. Portanto, não há ninguém para nos atravessar para o Acampamento Refúgio do Vento. Estaremos treinando aqui hoje. — Ele gesticulou para o ringue vazio. Livre de quaisquer olhos vigilantes. Ele acrescentou com um sorriso afiado que a fez engolir em seco. — Só você e eu, Nes.



Nestha havia dito na noite passada que não iria treinar no vilarejo. Ela disse isso várias vezes, Cassian percebeu. Ela não iria treinar *naquele vilarejo miserável*.

Ele deveria ter percebido dias atrás. Afinal, ele a conhecia melhor do que isso.

Nestha podia estar disposta a enfrentar o próprio Rei de Hybern, mas ela era terrivelmente orgulhosa. Parecer uma tola, mostrar-se vulnerável. — ela preferia morrer. Preferia se sentar em uma rocha congelante ao vento gelado por horas do que parecer uma idiota na frente de qualquer um, especialmente guerreiros convencidos predispostos a zombar de qualquer mulher que tentasse lutar como eles.

Para ele não importava onde ela iria treinar. Contanto que ela começasse o treinamento.

Se ela recusasse treinar hoje, ele não sabia o que iria fazer.

O sol da manhã batia forte, prometendo um dia quente, e Cassian tirou a jaqueta de couro antes de enrolar a manga da sua camisa. — Vamos? — ele perguntou, erguendo os olhos para o rosto dela.

— Eu...

A hesitação fez seu peito apertar de forma insuportável. Mas ele pisou fundo nessa esperança, dobrando lentamente a outra manga. Ele se perguntou se ela havia notado seus dedos tremendo ligeiramente.

Finja que tudo está normal. Não a assuste.

Não havia nenhum lugar para ela plantar aquela bunda linda aqui. Ele já havia movido as espreguiçadeiras que Amren — e às vezes Mor — gostava de usar para se bronzear enquanto os outros e ele treinavam.

Quando Nestha permaneceu na porta, Cassian se viu dizendo — Vou fazer um acordo com você.

Os olhos dela brilharam. Os acordos de Grão-Feéricos não eram uma coisa fútil. Ele sabia que Feyre já havia falado com Nestha sobre eles, quando sua irmã havia vindo pela primeira vez ali. Como precaução. Pelo olhar cauteloso de Nestha, ele sabia que ela se lembrava bem dos avisos de Feyre:

os acordos Grão-Feéricos eram vinculados por magia e marcados com tinta no corpo. A tinta não sairia até que o acordo fosse cumprido. E se o acordo fosse quebrado... a magia poderia exigir um preço terrível.

Cassian manteve uma postura casual. — Se você fizer uma hora de exercícios agora, eu vou ficar lhe devendo um favor.

— Eu não preciso de nenhum favor seu.

— Então me diga o que você quer. — Ele lutou para acalmar o coração acelerado. — Uma hora de treinamento para qualquer coisa que você queira.

— Isso é um péssimo negócio para você. — Seus olhos se estreitaram. — Eu pensei que você fosse um general. Você não deveria ser bom em negociações?

Sua boca se curvou para cima. Ela não estava lutando contra ele. — Para você, não tenho estratégias.

Ela o estudou com foco inabalável.

— Qualquer coisa que eu queira?

— Qualquer coisa. — Ele acrescentou ironicamente — Qualquer coisa, menos que você me mande cair do céu e quebrar minha cabeça no chão.

Ela não sorriu da maneira que ele esperava. Seus olhos se voltaram como lascas de gelo. — Vocês realmente acreditam que seja capaz de tal coisa?

— Não. — ele disse sem hesitação.

A boca dela se apertou. Como se ela não acreditasse nele. E — aquelas eram manchas roxas sob seus olhos. Até que horas ela havia trabalhado na biblioteca na noite anterior? Exigir saber por que ela ficou acordada até tão tarde não era uma boa ideia. Ele deixaria esta batalha para outra hora. Talvez para a próxima hora.

Ela o examinou novamente, e Cassian se obrigou a ficar parado, a parecer tranquilo e não como se seu próprio coração estivesse em suas mãos estendidas e ensanguentadas.

Ela disse finalmente — Tudo bem. Digamos que será um favor. De qualquer tamanho que eu desejar.

Era perigoso permitir isso. Mortal. Estúpido. Mas ele disse — Sim.

Ele estendeu a mão. Uma última vez.

Continue estendendo a mão.

— Um acordo. — Ele encontrou a expressão dela de aço com a sua. — Você treina comigo por uma hora, e eu devo a você um favor do tamanho que você desejar.

— Combinado. — Ela deslizou a mão na dele e apertou com firmeza.

A magia se espalhou entre eles e ela engasgou, recuando.

Cassian deixou que a sensação percorresse o seu interior, como uma debandada de cavalos a galope. Ele aguentou. Qualquer que fosse o poder dela, havia tornado o acordo mais intenso. Exigente.

Ele examinou suas mãos, seus antebraços nus, procurando qualquer indício de uma tatuagem além das Illyrianas que ele carregava para ter sorte e glória. Nada.

Tinha que estar em algum lugar.

Ele tirou a camisa e examinou os planos musculosos de seu torso. Ainda nada.

Ele se aproximou do espelho estreito encostado em uma das pontas do ringue, deixado ali para que estudassem sua técnica enquanto se exercitavam sozinhos. Parando diante dele, Cassian se virou, olhando por cima do ombro para suas costas tatuadas.

Lá, bem no centro da tatuagem Illyriana serpenteando por sua espinha, uma nova tatuagem apareceu. Uma estrela de oito pontas, cujas pontas do compasso irradiavam em linhas nítidas descendo e subindo pela ranhura de suas costas, entrelaçando-se com as marcas Illyrianas há muito pintadas ali. As pontas leste e oeste da estrela chegavam até as suas asas, o preto se misturando ao preto. Uma semelhante, ele sabia, estaria na coluna de Nestha. Ele tentou não pensar em sua extensão de pele nua, agora marcada com tinta preta, enquanto a encarava.

Os olhos de Nestha não estavam no espelho, no entanto.

Não, eles se fixaram em seu torso. No peito, nos músculos abdominais, nos braços nus. O pulso dela vibrava em sua garganta.

Ele não se atreveu a se mover, não enquanto o olhar dela se fixava no V de músculos que desciam sob a cintura de suas calças. Não quando seus olhos escureceram, seus cílios balançando enquanto a cor rastejava sobre sua pele pálida.

Seu sangue esquentou, a pele se apertando sobre os ossos e músculos, como se pudesse sentir o toque dos olhos azul-acinzentados dela, como se fossem seus dedos correndo sobre seu estômago. Mais baixo.

Ele sabia que não devia fazer um comentário provocador. Irrite-a e ela não apenas se recusaria a treinar, com acordo ou não, mas também pararia de olhar para ele assim.

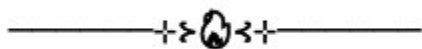
Lentamente, os olhos dela percorreram seu corpo, demorando-se em seus peitorais esculpidos e na tatuagem Illyriana que girava sobre um deles antes de descer pelo braço esquerdo. Talvez ele tenha flexionado. Um pouco. Com a voz grossa, ele conseguiu dizer — Pronta?

Que o Caldeirão lhe fervesse, ele sabia que a pergunta tinha mais significados do que ele gostaria de desvendar.

Pelo brilho em seus olhos, ele sabia que ela tinha entendido. Mas ela endireitou os ombros. — Tudo bem. Eu devo a você uma hora de treinamento.

— Você com certeza deve. — Cassian controlou sua respiração, afastando aquele desejo estrondoso. Ele caminhou até o centro do ringue, no entanto, optou por ficar sem camisa. Por causa do dia quente. E porque sua pele agora estava em chamas.

Ele gesticulou para o espaço ao lado dele e deu a ela seu sorriso mais largo.
— Vamos ver o que você sabe, Archeron.



Um acordo — com Cassian. Nestha não sabia como ela se permitiu concordar com aquilo, deixar aquela magia passar entre eles e marcá-la, porém...

Todo mundo te odeia.

Talvez fosse esse fato sozinho que havia feito ela concordar com essa insanidade. Ela não tinha ideia de que favor iria pedir dele, mas... Tudo bem. Aqui, neste ringue de treinamento, com seus muros altos, o céu como única testemunha — aqui, ela supôs, poderia deixá-lo fazer o pior que conseguia.

Não importava que Cassian estivesse sem camisa que beirava ao obsceno, mesmo com a coleção de cicatrizes salpicando sua pele marrom-dourada. A que estava em seu peitoral esquerdo era especialmente horrível — e uma que ela sabia que ele não tinha recebido durante a guerra com Hybern. Ela não queria saber o que tinha sido ruim o suficiente para deixar uma cicatriz no corpo dele que se cura com rapidez. Especialmente quando todas as evidências do ferimento devastador que ele recebeu durante a guerra desapareceram. Apenas músculos ondulantes e pele permaneceram.

Honestamente, havia tantos músculos que ela não conseguia contar todos. Músculos em suas malditas costelas. Ela nem sabia que as pessoas poderiam ter músculos lá. E aqueles que fluíram para suas calças, como uma flecha dourada, apontando exatamente para o que ela queria...

Nestha afastou o pensamento de sua cabeça enquanto se aproximava de Cassian no centro do ringue. Ele sorria como um demônio.

Ela parou a cerca de um metro de distância, o sol da manhã quente em seus cabelos e bochechas. Era o mais próximo que ela esteve dele sem discutir ou brigar em... muito tempo.

Cassian rolou seus ombros poderosos, sua tatuagem extensa mudando com o movimento. — Tudo bem. Vamos começar com o básico.

— Espadas? — Ela indicou o suporte de armas contra a parede à esquerda da arcada para a escada.

A boca dele formou um sorriso. — Você não vai pegar nas espadas por enquanto. Você precisa aprender a controlar seus movimentos, seu equilíbrio. Você desenvolverá a força básica e a consciência do seu corpo antes de pegar, até mesmo, em uma espada de madeira para praticar. — Ele olhou para suas botas amarradas. — Pés e respiração.

Ela piscou. — Pés?

— Especialmente os dedos dos pés.

Ele estava falando sério.

— O que tem os meus dedos dos pés?

— Aprender como agarrar o solo, equilibrar seu peso, construir uma base para tudo mais.

— Eu vou exercitar os dedos dos pés.

Ele deu uma risadinha.

— Você pensou que seriam espadas e flechas no primeiro dia?

Burro arrogante.

— Você jogou minha irmã naquele ringue de treinamento e fez exatamente isso.

— Sua irmã já possuía um conjunto de habilidades que você não tem, e também não tínhamos tempo para se dar ao luxo.

Caçar para mantê-los alimentados havia ensinado Feyre esse conjunto de habilidades. Caçando, enquanto Nestha ficava em casa, segura e aquecida, e deixava Feyre se aventurar naquela floresta sozinha. Essas habilidades que Feyre aperfeiçoou permitiram que ela sobrevivesse contra os Grão-Feéricos e todos os seus terrores, no entanto... Feyre só as tinha por causa do que foi forçada a fazer. Porque não foi Nestha quem fez. Tomar a iniciativa.

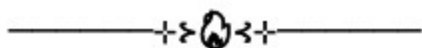
Ela encontrou Cassian olhando com atenção. Como se ele ouvisse esses pensamentos, sentisse seu peso sobre ela.

— Feyre me ensinou como usar um arco. — Apenas algumas aulas, e há muito tempo, mas Nestha se lembrava. Foi uma das poucas vezes em que ela e Feyre estavam unidas.

— Não um arco Illyriano. — Cassian gesticulou para uma prateleira de arcos enormes e aljavas ao lado do espelho. Os arcos eram quase tão altos quanto uma mulher adulta. — Demorou até a idade adulta para que eu tivesse força para até mesmo amarrar um desses.

Nestha cruzou os braços, tamborilando os dedos no bíceps. — Então, vou passar uma hora aqui, mexendo os dedos dos pés?

O sorriso de Cassian floresceu novamente. — Sim.



Em algum momento, Nestha começou a suar. Seus pés doíam, suas pernas viraram geleia.

Ela havia tirado as botas e feito algumas posições com Cassian, focando em cerrar os dedos dos pés, encontrar o equilíbrio e, em geral, parecer uma

idiota. Pelo menos ninguém estava por perto para vê-la de pé numa perna só enquanto se equilibrava sobre o quadril, a outra perna subindo atrás dela. Ou usando dois postes de madeira para se firmar enquanto balançava o pé de um poste a outro, subindo em cada um deles. Ou fazer um agachamento básico — que acabou sendo todo errado, seu peso fora do lugar e as costas muito arqueadas.

Todas coisas básicas e estúpidas. E todas as coisas nas quais ela falhou de modo completo.

Cassian não parecia nem remotamente impressionado quando ela se levantou do agachamento que ele a fez segurar, enquanto apoiava um pedaço de madeira acima de sua cabeça. — Fique em pé, levante a cabeça primeiro.

Nestha obedeceu.

— Não. — Ele acenou para que ela abaixasse de volta. — A cabeça primeiro. Não curve as costas nem se incline para a frente. Vá reto para cima.

— Estou fazendo isso.

— Você está se curvando. Empurre seus pés no chão. Segure com os dedos dos pés enquanto traz a cabeça para cima — Sim. — Ela olhou ferozmente enquanto se levantava. Cassian apenas disse — Faça outro desses, então nossa hora acabará.

Ela o fez, ofegante, os joelhos tremendo e coxas ardendo em dor. Quando ela terminou, apoiou-se com a vara que ela havia erguido sobre a cabeça. — É só isso?

— A menos que você queira negociar comigo por uma segunda hora.

— Você realmente quer me dever dois favores?

— Se isso vai mantê-la aqui para terminar a lição, com certeza.

— Não tenho certeza se consigo aguentar mais um desses alongamentos.

— Então vamos fazer um trabalho de respiração e, em seguida, um relaxamento.

— O que é um relaxamento?

— Mais alongamento. — Ele sorriu. Quando ela abriu a boca, ele explicou — É projetado para ajudar a trazer seu corpo de volta a um ritmo normal e limitar qualquer dor que você vá ter mais tarde.

Seu tom não tinha nenhuma condescendência. Então ela perguntou — E o que é trabalho de respiração?

— Exatamente o que parece. — Ele colocou a mão na barriga, bem sobre os músculos ondulantes, e respirou fundo, inspirando profundamente antes de soltá-lo lentamente. — Seu poder quando você luta vem de muitos lugares, sendo a respiração um dos maiores. — Ele acenou com a cabeça em direção ao graveto em suas mãos. — Empurre para frente como se estivesse espetando alguém com uma lança.

Com as sobrancelhas se erguendo, ela o fez, o movimento estranho e deselegante.

Ele apenas acenou com a cabeça. — Agora faça de novo, e enquanto você faz, inale.

Ela o fez, o movimento nitidamente mais fraco.

— E agora faça de novo, mas expire com o impulso.

Levou um ou dois segundos para orientar sua respiração, mas ela obedeceu, empurrando a vara para frente enquanto soltava um suspiro. O poder percorreu seus braços e seu corpo.

Nestha piscou para a vara. — Eu posso sentir a diferença.

— Está tudo conectado. Respiração, equilíbrio e movimento. Músculos volumosos como este — ele bateu na barriga absurdamente contornada — não significam nada quando você não sabe como utilizá-los.

— Então, como você aprende a controlar sua respiração?

Ele sorriu de novo, os olhos castanhos brilhando ao sol. — Desse jeito.

Então começou outra série de movimentos, todos tão simples quando ele demonstrava, mas quase impossíveis de coordenar em seu próprio corpo quando ela tentava replicá-los. Mas ela se concentrou em sua respiração, no poder dela, como se seus pulmões fossem os foles de alguma grande forja.

O sol arqueou mais alto, cruzando o espaço de treinamento, arrastando as sombras com ele.

Inspire. Expire. Respirações acentuadas por uma estocada profunda, agachamento ou equilíbrio em uma perna. Todos os exercícios que ela fez na primeira hora, mas agora revelados novamente com a camada adicional de respiração.

Inspirando e expirando, corpo e mente fluindo, sua concentração inabalável.

Os comandos de Cassian eram firmes, mas gentis, encorajadores sem serem enfadonhos. *Segure, segure, segure — e solte. Bom. De novo. De novo. De novo.*

Não havia uma parte de seu corpo que não estava escorregando de suor, não havia uma parte que não estava tremendo quando ele a mandou deitar em um tapete preto na extremidade do ringue. — Relaxamento — disse ele se ajoelhando e dando tapinhas no tapete.

Ela estava cansada demais para protestar, praticamente se jogando sobre o tapete e olhando para o céu.

O azul se estendia até o infinito, o sol ardendo contra o suor em seu rosto. Filetes de nuvens fluíam pelo azul deslumbrante, completamente sem se preocupar com ela.

Sua mente havia se tornado tão clara quanto o céu, a névoa e as sombras pressionantes haviam desaparecido. — Você gosta de voar? — Ela não sabia de onde havia surgido a pergunta.

Ele olhou para ela. — Eu amo voar. — A verdade ressoou nessas palavras. — É liberdade, alegria e desafio.

— Eu conheci uma dona de loja em Refúgio do Vento que teve suas asas cortadas. — Ela virou a cabeça do céu para olhar para ele. Seu rosto estava tenso. — Por que os Illyrianos fazem isso?

— Para controlar suas mulheres — disse Cassian com uma raiva silenciosa. — É uma tradição antiga. Rhys e eu tentamos acabar com isso tornando-a ilegal, mas a mudança demora um pouco entre os Grão-Feéricos. Para burros teimosos como os Illyrianos, leva ainda mais tempo. Emerie — suponho que foi ela quem você conheceu, já que ela é a única dona de loja — foi aquela que escapou pelas fendas. Foi durante o reinado de Amarantha, e... um monte de merda escapou pelas rachaduras.

Seus olhos ficaram assombrados, não apenas pelo que o pai de Emerie fez, Nestha poderia dizer, mas pelas memórias daqueles cinquenta anos. A culpa.

E talvez fosse para salvá-lo de reviver aquelas memórias, para banir aquela culpa injustificada em seus olhos, que ela se aninhou contra o tapete e disse — Relaxamento.

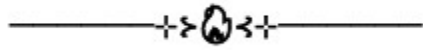
— Você parece ansiosa.

Ela encontrou seu olhar. — Eu... — Ela engoliu em seco. Odiava-se por hesitar e se forçou a dizer — A respiração faz minha cabeça parar de ser tão... — Horrível. Medonha. Miserável. — Barulhenta.

— Ah. — A compreensão tomou conta de seu rosto. — A minha também.

Por um momento, ela sustentou seu olhar, observando o vento puxar as mechas de seu cabelo na altura dos ombros. O instinto de tocar as mechas negras a fez pressionar as palmas das mãos no tapete, como se pudesse lhe restringir fisicamente.

— Certo. — Cassian pigarreou. — Relaxamento.



Ela se saiu bem. Muito bem.

Nestha terminou o relaxamento e se esparramou na esteira preta, como se precisasse se recompor. Reunir sua força.

Cassian a deixou, levantando-se e caminhando até a estação de água à direita do ringue. — Você precisa beber o máximo de água que puder — disse ele, pegando dois copos e os enchendo com o jarro da mesinha. Ele voltou para o lado dela, tomando um gole.

Nestha permaneceu deitada, membros soltos, olhos fechados, a luz do sol fazendo os seus cabelos e sua pele suada brilharem. Ele não pode evitar a imagem de surgir: dela deitada em sua cama assim, saciada, seu corpo mole de prazer.

Ele engoliu em seco. Ela abriu um olho, sentou-se lentamente e pegou a água que ele estendeu. Ela bebeu, percebeu como estava com sede e ficou de pé. Ele observou enquanto ela foi até o jarro, enchendo o copo e esvaziando-o mais duas vezes antes de finalmente pousá-lo.

— Você não me disse o que queria para a segunda hora de treinamento. — ele disse finalmente.

Ela olhou por cima do ombro. Sua pele estava rosada de uma maneira que ele não via há muito, muito tempo, seus olhos brilhantes. A respiração, ela disse, ajudou-lhe. Acalmou-lhe. Julgando pela ligeira mudança em seu rosto, ele acreditava.

O que aconteceria quando o efeito passasse ainda estava para ser visto. Pequenos passos, ele se assegurou. Pequenos passos.

Nestha disse — A segunda hora foi por conta da casa.

Ela não sorriu, nem mesmo piscou, porém Cassian sorriu. — Generoso de sua parte.

Ela revirou os olhos, mas sem seu veneno usual. — Eu tenho que me trocar antes de ir para a biblioteca.

Quando Nestha entrou na arcada, a escuridão da escada além dela, Cassian deixou escapar — Eu não quis dizer o que disse ontem à noite — sobre todos a odiarem.

Ela parou, seus olhos azul-acinzentados congelando. — É verdade.

— Não é. — Ele se atreveu a dar um passo mais perto. — Você está aqui porque nós *não* te odiamos. — Ele limpou a garganta, passando a mão pelo cabelo. — Eu queria que você soubesse disso. Que nós não... que *eu* não te odeio.

Ela pesou o que diabos que estivesse em seu olhar. Provavelmente mais do que era sensato deixá-la ver. Todavia, ela disse baixinho — E eu nunca odiei você, Cassian.

Com isso, ela entrou pela porta da Casa, como se não o tivesse acertado bem no estômago, primeiro com as palavras, depois usando seu nome.

Foi só quando ela desapareceu escada abaixo que ele soltou a respiração que estava prendendo.

13

Ela estava morrendo de fome. Era o único pensamento que ocupava Nestha enquanto ela arquivava livro após livro. Isso, e quão dolorido o seu corpo estava. As suas coxas queimavam a cada passo que ela andava para cima e para baixo da rampa da biblioteca. Os seus braços insuportavelmente rígidos com cada livro que ela carregava para o seu lugar de descanso.

Toda essa dor, apenas dos alongamentos e exercícios de equilíbrio. Ela não queria imaginar o que um treino como os que ela tinha visto Cassian fazer poderia afetar a ela.

Ela era patética por ser tão fraca. Patética por agora ser incapaz de dar um passo sem fazer careta.

— Tranquilo, uma ova — ela resmungou, levantando um volume nas mãos. Ela deu uma olhada no título e gemeu. Pertencia ao nível do outro lado deste — uma boa caminhada de cinco minutos através do átrio central e descendo pelo corredor interminável. As suas pernas latejantes poderiam muito bem ceder no meio caminho.

O seu estômago rugiu alto. — Lido com você mais tarde — disse ela ao livro, e analisou os outros títulos que permaneciam no seu carrinho. Nenhum, felizmente ou infelizmente, precisavam ser guardados na secção em que o livro pertencia. Levar o carrinho até lá seria cansativo — melhor levar apenas o volume, mesmo que fosse uma viagem sem sentido para guardar um livro.

Não que ela tivesse algo melhor para fazer com o seu tempo. Com seu dia. Com a sua vida.

Qualquer clareza que ela tivesse sentido na arena de treino estava a níveis de distância novamente. Qualquer calma e sossego que ela tivesse conseguido armazenar na sua cabeça tinha-se dissipado como fumaça. Apenas se movimentar a manteria afastada.

Nestha encontrou a prateleira seguinte — bem acima da sua cabeça, sem nenhuma banquetta à vista. Ela ficou nas pontas dos pés, as pernas gritando em protesto, mas era muito alto. Nestha era bem mais alta do que a maioria das fêmeas, era uns bons seis centímetros mais alta que Feyre, mas esta prateleira estava fora de alcance. Grunhindo, ela tentou encaixar o livro com a ponta dos dedos, com os braços esticados.

— Ah, que bom. É você — disse uma voz feminina familiar, no final do corredor. Nestha girou para encontrar Gwyn caminhando rapidamente na sua direção, braços carregados de livros e cabelos de cobre brilhando na penumbra da luz.

Nestha não se preocupou em parecer arrumada ao parar de se esticar para tentar pôr o livro na prateleira e retornar com os pés no chão.

Gwyn inclinou a cabeça, como se finalmente percebesse o que ela estava fazendo. — Não consegue usar magia para colocá-lo na prateleira?

— Não — A palavra soou fria e taciturna.

As sobrancelhas de Gwyn contraiu uma contra a outra. — Você quer dizer que esteve guardando tudo à mão?

— De que outra forma faria?

Gwyn estreitou os olhos azuis esverdeados. — Mas você tem poder, não tem?

— Não é da sua conta. — Não era da conta de ninguém. Ela não tinha nenhum dos poderes habituais dos Grão-Feéricos. O seu poder — essa *coisa* — era completamente estranha. Grotesco.

Mas Gwyn encolheu os ombros. — Muito bem. — Ela atirou os seus livros diretamente para os braços de Nestha. — Estes podem já podem ser guardados.

Nestha cambaleou com peso dos livros e a encarou.

Gwyn ignorou o olhar, em vez disso, olhou em volta antes de baixar a sua voz. — Você viu o sétimo volume de Lavínia de *A Grande Guerra*?

Nestha buscou na sua memória. — Não. Ainda não me deparei com este.

Gwyn franziu a sobrancelha. — Não está na prateleira.

— Então alguém está com ele.

— Era disso que eu tinha medo — Ela soltou um suspiro dramático.

— Porquê?

A voz de Gwyn abaixou para um sussurro conspiratório. — Eu trabalho para alguém que é muito... exigente.

Nestha buscou na memória. Alguém chamado Merrill, Clotho disse outro dia. Sua mão direita. — Presumo que você não seja muito afeiçoada a pessoa?

Gwyn encostou-se em uma das prateleiras, cruzando os braços com uma casualidade que desmentia os anos de mantos de sacerdotisa. Embora, ela não usasse nenhum capuz e nenhuma pedra azul no topo de sua cabeça. — Honestamente, enquanto eu considero muitas das mulheres aqui como minhas irmãs, há algumas que não são o que eu consideraria gentil.

Nestha bufou.

Gwyn novamente olhou para o final do corredor. — Você sabe por que estamos todas aqui. — Sombras cercaram seus olhos — a primeira que Nestha viu ali. — Nós todas enfrentamos... — Ela esfregou a têmpora. — Então eu odeio, odeio falar mal de qualquer uma das minhas irmãs aqui. Mas Merrill é desagradável. Para todo o mundo. Até Clotho.

— Por causa das experiências dela?

— Eu não sei — disse Gwyn. — Tudo que sei é que fui designada para trabalhar com Merrill e ajudar em sua pesquisa, e eu posso ter cometido um pequeno erro. — Ela fez uma careta.

— Que tipo de erro?

Gwyn soltou um suspiro em direção ao teto escuro. — Era para eu entregar o volume sete de *A Grande Guerra* para Merrill ontem, junto com uma pilha de outros livros, e eu poderia *jurar* que tinha entregue, mas esta manhã, enquanto estava em seu escritório, olhei para a pilha e vi que tinha entregue o volume oito em vez disso.

Nestha evitou revirar os olhos. — E isso é uma coisa ruim?

— Ela vai me matar quando ver que não está lá para ela ler hoje. — Gwyn pulou de um pé para o outro. — Que pode ser a qualquer momento. Eu corri no instante que pude para procurar, mas o livro não está na estante. — Ela parou de se mexer. — Mesmo se eu encontrasse o livro, ela me veria trocando-o da pilha.

— E você não pode contar a ela? — Gwyn não podia estar falando sério sobre ela lhe matar. Embora com os feéricos, Nestha supôs que poderia ser uma possibilidade. Apesar deste lugar ser um lugar de paz.

— Deuses, não. Merrill não aceita erros. O livro deveria estar lá, eu *disse* a ela que estava lá, e... eu errei. — O rosto da sacerdotisa empalideceu. Ela parecia quase doente.

— Por que isso importa?

A emoção se agitou naqueles belos olhos. — Porque eu não gosto de falhar. Eu *não posso*... — Gwyn balançou a cabeça. — Eu não quero cometer mais erros.

Nestha não sabia como agir com tal afirmação. Então ela apenas disse — Ah.

Gwyn continuou: — Essas mulheres me acolheram. Me deram abrigo, cura e família. — De novo, seus grandes olhos escureceram. — Não suporto falhar em nada. Especialmente com alguém tão exigente como Merrill. Mesmo que pareça algo trivial.

Admirável, embora Nestha relutasse em admitir. — Você já saiu desta montanha desde que você chegou?

— Não. Uma vez que entramos, não partimos, a menos que seja hora de partir — de volta ao mundo em geral. Embora algumas de nós permaneçam aqui para sempre.

— E nunca mais ver a luz do dia? Nunca mais sentir o ar fresco?

— Temos janelas em nossos dormitórios. — Com a expressão confusa de Nestha, ela esclareceu — Elas estão encantadas da vista na encosta da montanha. Somente o Grão-Senhor sabe sobre elas, uma vez que são seus feitiços. E agora você, eu suponho.

— Mas vocês não saem?

— Não — disse Gwyn. — Nós não saímos.

Nestha sabia que ela poderia deixar a conversa terminar aí, mas ela perguntou — E o que você faz quando não está na biblioteca? Pratica suas... coisas religiosas?

Gwyn soltou uma risada suave. — Em parte. Nós honramos a Mãe, o Caldeirão e as Forças que Há. Temos um culto ao amanhecer e ao anoitecer, e em todos os dias sagrados.

Nestha deve ter feito uma cara de desgosto porque Gwyn bufou. — Não é tão chato assim. Os cultos são lindos, as músicas tão bonitas quanto qualquer uma que você ouviria em um concerto musical.

Isso sim parecia bastante interessante.

— Eu gosto dos serviços noturnos — Gwyn continuou. — A música sempre foi minha parte favorita, sabe. Quer dizer, não aqui. Eu era uma

sacerdotisa — uma acólita ainda — antes de vir para cá. — Ela adicionou um tom baixinho — Em Sangravah.

O nome parecia familiar para Nestha, mas ela não conseguia identificá-lo.

Gwyn balançou a cabeça, seu rosto pálido o suficiente para que suas sardas se destacassem totalmente. — Eu preciso voltar para Merrill antes que ela comece a se perguntar onde estou. E inventar alguma história para salvar minha pele quando ela não conseguir encontrar aquele livro na pilha. — Ela apontou o queixo para os livros nas mãos de Nestha. — Obrigada por isso.

Nestha apenas acenou com a cabeça, e a sacerdotisa se foi, o cabelo castanho acobreado desaparecendo de vista.

Ela voltou para o carrinho com poucos estremecimentos e grunhidos, embora ter ficado imóvel por tanto tempo com Gwyn tornasse quase impossível para ela começar a andar novamente.

Algumas sacerdotisas passavam diretamente por ela ou em um dos níveis acima ou abaixo, completamente em silêncio. Todo este lugar era totalmente silencioso. O único pedaço de cor e som vinha de Gwyn.

Será que ela permaneceria aqui, trancada sob a terra, pelo resto de sua vida imortal?

Seria uma pena. Compreensível pelo que Gwyn deve ter suportado, sim — pelo o que todas essas mulheres suportaram e sobreviveram. Mas também uma pena.

Nestha não sabia por que ela fez isso. Por que ela esperou até que ninguém estivesse por perto antes de dizer no ar silencioso da biblioteca — Você pode me fazer um favor?

Ela poderia jurar que sentiu uma pausa na poeira e escuridão, um interesse aguçado. Então ela perguntou — Você pode pegar o volume sete de *A Grande Guerra*? De alguém chamado Lavínia. — A Casa não teve problemas para enviar comida para ela — talvez pudesse encontrar o livro.

Mais uma vez, Nestha poderia jurar que sentiu aquela pausa de interesse e, em seguida, um súbito vazio.

E então um baque soou em seu carrinho quando um livro encadernado em couro cinza com letras prateadas pousou no topo da pilha. Os lábios de Nestha se curvaram para cima. — Obrigada. — Uma brisa suave e quente soprou passando por suas pernas, como um gato passando entre elas em uma calorosa saudação e despedida.

Quando a próxima sacerdotisa passou, Nestha se aproximou dela. — Com licença.

A fêmea parou tão rapidamente que suas vestes claras balançaram com ela, a pedra azul em seu capuz brilhando na luz suave da luz feérica. — Sim? — Sua voz era suave, ofegante. O cabelo preto cacheado espiando do seu manto, e a rica pele castanha brilhava em suas lindas e delicadas mãos. Como Clotho, ela usava seu capuz sobre o rosto.

— O Escritório de Merrill — onde fica? — Nestha gesticulou para o carrinho atrás dela. — Eu tenho alguns livros para ela, mas não sei onde ela trabalha.

A sacerdotisa apontou. — Três níveis acima — no Nível Dois — no final do corredor à sua direita.

— Obrigada.

A sacerdotisa se apressou, como se até mesmo aquele momento de interação social tivesse sido demais.

Mas Nestha olhou para o nível três andares acima.



Seu corpo dolorido não facilitou o trabalho furtivo, mas Nestha misericordiosamente não encontrou ninguém subindo. Ela bateu na porta de madeira fechada.

— Entre.

Nestha abriu a porta para um cubículo retangular que servia de sala, ocupada por uma mesa do outro lado e duas estantes de livros revestindo ambas as paredes compridas. Um pequeno estrado estava à esquerda da mesa, um cobertor e travesseiro perfeitamente alinhados. Como se a sacerdotisa encapuzada de costas para Nestha às vezes não pudesse perder tempo para ir ao dormitório para dormir.

Nenhum sinal de Gwyn. Nestha se perguntou se ela já tinha sido dispensada por seu suposto fracasso.

Mas Nestha deu alguns passos para dentro da sala, examinando a prateleira à sua direita antes de dizer — Eu trouxe os livros que você pediu.

A mulher curvada sobre seu trabalho, o arranhar de sua caneta enchendo a sala. — Ótimo. — Ela nem mesmo se virou. Nestha examinou a outra prateleira.

Ali — volume oito de *A Grande Guerra*. Nestha deu um passo silencioso em direção a ele quando a cabeça da sacerdotisa se ergueu. — Não pedi mais livros. E onde está Gwyneth? Ela deveria ter voltado meia hora atrás.

Nestha perguntou da maneira mais branda e estúpida que pôde — Quem é Gwyneth?

Merrill se virou para isso, e Nestha foi saudada com um rosto surpreendentemente jovem e incrivelmente linda. Todos as Grã-Feéricas eram bonitas, mas Merrill fazia até Mor parecer monótona.

Cabelo branco como neve fresca contrastava com o castanho claro de sua pele, e olhos da cor de um céu crepuscular piscou uma, duas vezes. Como se fosse difícil focar no aqui e agora e não no trabalho que ela estava fazendo. Ela notou os couros de Nestha, a falta de qualquer manto ou pedra sobre seu cabelo trançado e perguntou — Quem é você?

— Nestha. — Ela ergueu os livros em seus braços. — Disseram-me para trazer isso para você.

O volume oito de *A Grande Guerra* estava a poucos centímetros de distância. Se ela apenas estendesse a mão para a esquerda, ela poderia arrancá-lo da prateleira. Trocá-lo pelo volume sete da pilha em seus braços.

Os olhos notáveis de Merrill se estreitaram. Ela parecia tão jovem quanto Nestha, mas uma espécie de energia zumbia ao seu redor. — Quem lhe deu essas ordens?

Nestha piscou, o retrato da estupidez. — Uma sacerdotisa.

A boca cheia de Merrill se apertou. — *Qual* sacerdotisa?

Gwyn estava certa em sua avaliação desta mulher. Ser designado para trabalhar com ela parecia mais como uma punição do que uma honra. — Não sei. Todas vocês usam esses capuzes.

— Estas são as roupas sagradas de nossa ordem, menina. Não *esses* capuzes. — Merrill voltou a atenção para os papéis.

Nestha perguntou, porque sabia que isso irritaria a mulher — Então você não pediu esses livros, Roslin?

Merrill jogou sua caneta e mostrou os dentes. — Você acha que eu sou *Roslin*?

— Disseram-me para trazer estes livros para Roslin, e alguém disse que o seu escritório — o dela era aqui.

— Roslin está no Nível *Quatro*. Eu estou no Nível *Dois*. — Ela disse isso como se isso implicasse algum tipo de hierarquia.

Nestha encolheu os ombros novamente. Ela talvez tenha gostado bastante disso.

Merrill ferveu, mas voltou ao trabalho. — Roslin — ela murmurou. — Insuportável, fútil Roslin. Tagarela *absurda*.

Nestha estendeu a mão furtivamente em direção à prateleira à sua esquerda.

Merrill girou a cabeça e Nestha puxou o braço para o lado. — Nunca me perturbe de novo. — Merrill apontou para a porta. — Saia e feche a porta atrás de você. Se você ver aquela idiota da Gwyneth, diga a ela que ela é esperada aqui *imediatamente*.

— Desculpe — disse Nestha, incapaz de manter o brilho de irritação longe de seus olhos, mas Merrill já estava voltando para sua mesa.

Tinha que ser agora.

De olho na sacerdotisa, Nestha se moveu.

Ela tossiu para encobrir o sussurro de livros em movimento. E quando Merrill girou a cabeça ao redor novamente, Nestha se certificou de que ela não estava olhando para a prateleira. Onde o volume sete de *A Grande Guerra* substituiu o volume oito, que agora estava sobre os outros livros nos braços de Nestha.

O coração de Nestha batia forte em todo o seu corpo.

Merrill sibilou. — Por que você está demorando? *Saia*.

— Desculpa — Nestha repetiu, curvando-se na cintura, e saiu. Fechando a porta atrás dela.

E só quando ela estava no corredor silencioso ela se permitiu sorrir.



Ela encontrou Gwyn da mesma forma que encontrou Merrill: perguntando a uma sacerdotisa, esta era mais quieta e retraída do que a outra. Tão trêmula e nervosa que Nestha havia usado sua voz mais gentil. E foi incapaz de sacudir o peso em seu coração enquanto caminhava para a primeira área de leitura do nível. Do outro lado do espaço cavernoso e silencioso, era fácil ouvir o canto suave de Gwyn enquanto ela corria de mesa em mesa, olhando para as pilhas de livros descartados. Tentando desesperadamente encontrar o livro que faltava.

As palavras da alegre canção de Gwyn estavam em um idioma que Nestha não conhecia, mas por um segundo, Nestha se permitiu ouvir — saboreando a voz pura e doce que subia e descia com sinuosa facilidade.

O cabelo de Gwyn parecia brilhar mais forte com sua música, a pele irradiando uma luz radiante. Atraindo qualquer ouvinte.

Mas o aviso de Merrill ecoou pela beleza da voz de Gwyn, e Nestha limpou a garganta. Gwyn girou em direção a ela, o brilho se apagando mesmo enquanto seu rosto sardento iluminava-se de surpresa. — Olá de novo — disse ela.

Nestha estendeu apenas o volume oito de *A Grande Guerra*. Gwyn engasgou.

Nestha lançou-lhe um sorriso malicioso. — Isso foi arquivado indevidamente. Eu troquei pelo livro certo.

Gwyn não parecia precisar de mais do que isso, felizmente, e apertou o livro contra o peito como um tesouro. — Obrigada. Você acabou de me salvar de uma terrível bronca.

Nestha arqueou uma sobrancelha para o livro. — O que Merrill está pesquisando, afinal?

Gwyn franziu a testa. — Muitas coisas. Merrill é brilhante. Horrível, mas brilhante. Quando ela chegou aqui, ela estava obcecada com teorias sobre a existência de diferentes reinos — mundos diferentes. Vivendo um em cima do outro sem nem mesmo saber. Se há apenas uma existência, a nossa existência, ou se é possível que os mundos se sobreponham, ocupando o mesmo espaço, mas separados pelo tempo e um monte de outras coisas que eu nem consigo explicar para você porque eu mesma mal os entendo.

As sobrancelhas de Nestha se ergueram. — Sério?

— Alguns filósofos acreditam que existem onze mundos assim. E alguns acreditam que existem *vinte e seis*, o último sendo o próprio Tempo, o que...
— A voz de Gwyn caiu para um sussurrar. — Honestamente, eu olhei para

algumas de suas pesquisas iniciais e meus olhos sangraram só de ler as teorizações e fórmulas.

Nestha riu. — Eu posso imaginar. Mas ela está pesquisando alguma outra coisa agora?

— Sim, graças ao Caldeirão. Ela está escrevendo uma história abrangente das Valquírias.

— As o que?

— Um clã de mulheres guerreiras de outro território. Elas eram melhores lutadoras do que os Illyrianos, até. O nome Valquíria era apenas um título, embora — elas não fossem uma raça como os Illyrianos. Elas eram todos os tipos de Féérico, geralmente recrutadas desde o nascimento ou na primeira infância. Elas tinham três estágios de treinamento: Noviça, Guerreira e finalmente Valquíria. Se tornar uma era a maior honra em sua terra. Seus territórios não existem mais agora, dominados por outros.

— E as valquírias também se foram?

— Sim. — Gwyn suspirou. — As valquírias existem há milênios. Mas a guerra — a de quinhentos anos atrás — eliminou a maioria delas, e as poucas que sobreviveram eram idosas o suficiente para desaparecer rapidamente na velhice e morrer depois. De vergonha, afirma a lenda. Elas se *deixaram* morrer ao invés de enfrentar a vergonha de sua batalha perdida e sobreviver quando suas irmãs não o fizeram.

— Nunca ouvi falar delas. — Ela sabia pouco sobre qualquer história Feérica, tanto por escolha quanto por causa da total falta de educação no mundo humano sobre o assunto.

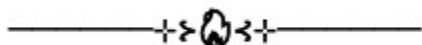
— A história e o treinamento das Valquírias foram em sua maioria orais, então todos os relatos que temos são tudo o que os historiadores, filósofos ou comerciantes que passavam anotaram. São apenas pedaços e peças, espalhadas em vários livros. Nenhuma fonte primária além de alguns pergaminhos preciosos. Merrill enfiou na cabeça alguns anos atrás que

queria colocar tudo em um volume. Sua história, suas técnicas de treinamento.

Nestha abriu a boca para perguntar mais, mas um relógio soou em algum lugar atrás delas. Gwyn se enrijeceu. — Eu estive fora por muito tempo. Ela ficará furiosa. — Merrill ficaria muito furiosa. Gwyn torceu em direção à rampa além da área de leitura. Mas ela fez uma pausa, olhando por cima do ombro. — Mas não tão furiosa como ela teria ficado com o livro errado. — Ela deu um sorriso para Nestha. — Obrigada. Eu estou em dívida com você.

Nestha mudou de pé. — Não foi nada.

Os olhos de Gwyn brilharam, e antes que Nestha pudesse evitar a emoção que brilhava lá, a sacerdotisa correu em direção aos aposentos de Merrill, as vestes voando atrás dela.



Nestha chegou ao seu quarto, sem desmaiar de pura exaustão e sem Merrill perceber que ela tinha sido enganada e vir matá-la, o que ela considerou ambos, grandes feitos.

Ela encontrou uma refeição quente esperando na mesa de seu quarto, e ela mal se sentou antes de cortar a carne, o pão e a mistura de vegetais assados. Ficar em pé novamente foi um esforço, mas ela conseguiu chegar ao banheiro, onde um banho quente já estava lhe esperando.

Entrar na banheira exigiu toda a sua concentração, levantando uma perna de cada vez, e ela gemeu de alívio quando o delicioso calor a inundou. Ela ficou lá até que seu corpo tivesse afrouxado o suficiente para se mover e caiu nos lençóis aquecidos sem se preocupar em colocar uma camisola.

Não haveria tentativa de enfrentar as escadas esta noite. Nenhum sonho a perseguiu acordada, também.

Nestha dormiu, dormiu e dormiu, embora pudesse jurar que sua porta se abriu em algum ponto. Poderia ter jurado que um cheiro familiar e atraente encheu seu quarto. Ela estendeu a mão para ele com uma mão pesada pelo sono, mas já havia sumido.

14

Cassian estava parado no ringue de treino, tentando não olhar fixamente para a porta vazia.

Nestha não tinha aparecido para o café da manhã. Ele deixou passar porque ela também não tinha aparecido para o jantar, mas isso se deu pelo fato dela estar apagada em sua cama. Nua. Ou quase.

Ele não tinha visto nada quando tinha enfiado a cabeça pela porta do quarto dela—ao menos, nada que pudesse ter mexido com sua mente ao ponto da inutilidade — mas o seu ombro nu já tinha sugerido o suficiente. Ele tinha debatido acordá-la para insistir que ela comesse, mas a Casa havia intervido.

Uma bandeja havia aparecido ao lado da porta dela, cheia de pratos vazios.

Como se a Casa lhe mostrasse precisamente o quanto ela tinha comido.
Como se a Casa estivesse orgulhosa do que lhe tinha dado para comer.

— Bom trabalho — murmurou para o ar, e a bandeja desapareceu. Ele fez uma nota mental para lembrar-se de perguntar a Rhys mais tarde — se a Casa tinha consciência. Ele nunca tinha ouvido seu Grão-Senhor mencionar aquilo em cinco séculos.

Considerando as coisas imundas que ele tinha feito no seu quarto, no seu banheiro — porra, em tantos quartos dali — a ideia da Casa estar *observando*... Que o Caldeirão o fervesse.

Então Cassian tinha deixado Nestha dormir durante o café da manhã, esperando que a Casa tivesse pelo menos levado a refeição para o seu quarto. Mas isso significava que ele não fazia ideia se ela iria aparecer. Ela

tinha feito um acordo com ele ontem, e ele tinha vindo hoje para ver se ela iria pelo menos o encontrar. Provar que ontem não tinha sido um acaso.

Os minutos se arrastaram.

Talvez ele fosse um tolo por ter esperança. Por pensar que uma lição poderia ser suficiente — Xingamentos abafados encheram a escada, além do arco de entrada. Cada arrastar de botas pareciam se mover lentamente.

Ele não se atreveu a respirar, não enquanto os xingamentos dela se aproximavam mais. Centímetro por centímetro. Como se ela estivesse demorando muito, muito tempo para subir as escadas.

E então ela estava lá, a mão apoiando-se na parede, o rosto como uma máscara de tanta miséria que Cassian riu.

Nestha fez uma carranca, mas ele apenas disse, com o alívio oscilando seus joelhos — Eu deveria ter percebido.

— Percebido o quê? — Ela parou a um metro dele.

— Que você chegaria atrasada porque está tão dolorida que não consegue subir as escadas.

Ela apontou para a escadaria. — Cheguei aqui em cima, não foi?

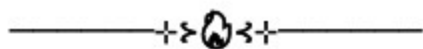
— Verdade. — Ele piscou o olho. — Vou deixar que isso conte como parte do seu aquecimento. Para aliviar os músculos das suas pernas.

— Preciso me sentar.

— E arriscar não conseguir mais levantar? — Ele sorriu, irônico. — Nem pensar. — Ele gesticulou para o espaço ao seu lado — Alongamentos.

Ela resmungou. Mas se colocou em posição

E quando Cassian começou a instruí-la através dos movimentos, ela escutou.



Duas horas mais tarde, o suor derramava do corpo de Nestha, mas a dor, pelo menos, havia cessado. *Você precisa tirar o ácido láctico dos músculos — é isso que está causando dor*, Cassian tinha dito depois dela se queixar sem parar durante os primeiros trinta minutos. Seja lá o que for que isso significasse.

Ela se deitou no tapete preto, ofegante novamente, analisando o céu nublado. Estava muito mais frio do que ontem, com gavinhas de névoa vagueando para além do ringue de treino.

— Quando eu paro de ficar dolorida? — perguntou ela a Cassian, sem fôlego.

— Nunca.

Ela virou a cabeça para ele, praticamente o máximo de movimento que ela conseguia completar.

— Nunca?

— Bem, melhora com o tempo — acrescentou, e se abaixou aos pés de Nestha. — Posso?

Ela não fazia ideia do que ele estava pedindo, mas acenou com a cabeça, concordando.

Cassian enrolou suas mãos levemente em torno do tornozelo dela, a pele dele em volta do tornozelo dela, a pele dele quente contra o seu pé, e levantou a perna. Ela sibilou enquanto um músculo na parte de trás de sua coxa gritava em protesto, ficando tão espremido que ela rangeu os dentes.

— Inspire quando eu empurrar a perna para cima. — ordenou ele.

Ele esperou ela exalar antes de levantar a perna ainda mais alto. O aperto na coxa era considerável o suficiente para que ela parasse de pensar nas mãos

calejadas e quentes de Cassian contra o seu tornozelo nu, na forma como ele se ajoelhou entre as pernas dela, tão perto que ela virou a cabeça para longe e fixou o olhar na pedra vermelha da parede.

— De novo. — disse ele, e ela exalou, ganhando mais um centímetro de alongamento. — De novo. Caldeirão, os seus músculos estão tensos a ponto de se partir.

Nestha obedeceu, e ele continuou a esticar a perna para cima, ganhando centímetro após centímetro.

—A dor fica mais fácil — disse Cassian após um momento, como se ele não estivesse segurando a perna dela quase em frente a seu peito. — Embora tenha muitos dias que eu mal consigo andar no fim. E depois de uma batalha? Preciso de uma semana para me recuperar só disso.

— Eu sei. — Os olhos dele encontraram os dela, e ela esclareceu — Quer dizer, eu vi. Durante a guerra.

Ela viu Cassian ser arrastado ao ponto da inconsciência, com as tripas para fora do corpo. Viu ele no céu, a morte correndo para encontrá-lo até que ela gritou por ele, salvou-o. Viu ele no chão, quebrado e sangrando, o Rei de Hybern prestes a matar ambos—

O rosto de Cassian assumiu um tom gentil. Como se ele soubesse quais memórias estavam invadindo sua mente. — Eu sou um soldado, Nestha. Faz parte dos meus deveres. Parte de quem eu sou.

Ela olhou para trás em direção a parede, e ele abaixou a perna dela antes de recomeçar os movimentos na outra. A tensão naquele músculo era insuportável.

— Quanto mais alongamentos fizer — explicou ele quando ela cerrou os olhos pela dor — mais mobilidade vai ganhar. — Ele acenou em direção à escada de corda estendida no chão do ringue de treino, onde ele havia feito ela correr para cima e para baixo, joelhos no peito, se mantendo dentro de cada quadrado, durante cinco minutos seguidos. — Seus pés são ágeis.

— Eu fiz aulas de dança quando era criança.

— Sêrio?

— Nem sempre fomos pobres. Até aos meus quatorze anos, o meu pai era tão rico quanto um rei. Chamavam ele de Príncipe dos Mercantes.

Ele abriu um sorriso hesitante. — E você era a princesa dele?

O gelo penetrou através dela. — Não. Elain era a sua princesa. Até Feyre era mais sua princesa do que eu jamais fui.

— E o que você era?

— Eu era a criatura da minha mãe. — Ela disse, com tanto gelo na voz que quase congelou a própria língua.

Cassian disse cuidadosamente — Como ela era?

— Uma versão ainda pior de mim.

As sobrancelhas dele franziram. — Eu...

Ela não queria ter esta conversa. Até mesmo a luz do sol falhou em aquecê-la. Ela arrancou a perna das mãos dele e sentou, precisando colocar uma distância entre eles.

E porque parecia que ele voltaria a falar, Nestha disse a única coisa em que conseguiu pensar.

— O que aconteceu com as sacerdotisas em Sangravah dois anos atrás?

Ele ficou totalmente imóvel.

Era aterrorizante. A quietude de um homem pronto para matar, para defender, para se sujar de sangue. Mas a sua voz estava terrivelmente calma ao perguntar — Por que?

— O que aconteceu?

Ele pressionou os lábios, e engoliu uma vez antes de dizer — Hybern estava à procura do Caldeirão na época, à procura dos pedaços dos seus pés. Um deles estava escondido no templo de Sangravah, o seu poder utilizado para alimentar os dons das suas sacerdotisas durante milênios. Hybern descobriu, e enviou uma unidade dos seus mais mortíferos e cruéis guerreiros para recuperar a peça. — Fúria fria encheu o rosto dele. — Eles massacraram a maior parte das sacerdotisas por esporte. E violaram as que achavam ser do gosto deles.

Horror, gélido e profundo, atravessou o corpo dela. Gwyn tinha...

— Conheceu uma delas — perguntou ele — na biblioteca?

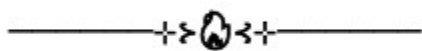
Ela concordou com um aceno de cabeça, incapaz de encontrar as palavras.

Ele fechou os olhos, como se estivesse forçando a raiva de volta para dentro de si. — Ouvi dizer que Mor tinha trazido uma delas. Azriel foi o primeiro a chegar no local, e matou todos os soldados de Hybern que ainda restavam, mas a essa altura... — Ele estremeceu. — Não sei o que aconteceu com as outras sobreviventes. Mas estou feliz que uma delas acabou aqui. Segura, quero dizer. Com pessoas que entendem, e desejam ajudá-la.

— Eu também estou. — disse Nestha calmamente.

Ela levantou, as pernas surpreendentemente leves, o que a fez piscar os olhos encarando-as. — Não estão doendo tanto.

— Alongamento. — Cassian disse, como se fosse reposta o suficiente. — Nunca esqueça do alongamento.



A Corte Primavera faz a pele de Cassian coçar. Tinha pouco a ver com o bastardo que governava ali, ele percebeu, mas sim com o fato de as terras estarem em um estado perpétuo de primavera. O que significava plumas de pólen derivando no ar, fazendo seu nariz escorrer e sua pele comichar, até

ele ter certeza de que pelo menos uma dúzia de insetos estava deslizando sobre todo seu corpo.

— Pare de se coçar. — Rhys disse sem olhar para ele, enquanto eles faziam seu caminho através de um pomar de maçãs florescendo. Não havia asas à vista, hoje.

Cassian abaixou a mão que estava em seu peito. — Não consigo evitar, esse lugar faz minha pele comichar.

Rhys bufou, gesticulando para uma das árvores florescendo acima deles, as pétalas caindo espessas como a neve. — O temido General, abatido por alergias sazonais.

Cassian fungou de maneira desnecessariamente alta, ganhando uma risada alta de Rhys. Bom. Quando ele encontrou seu irmão uma hora atrás, seus olhos estavam distantes, o rosto solene.

Rhys parou no meio do pomar, localizado no norte da outrora encantadora propriedade de Tamlin.

O sol da tarde aquecia a cabeça de Cassian, e se o seu corpo inteiro não estivesse com tanta coceira, ele talvez tivesse deitado sobre a relva aveludada, deixando suas asas ao sol. — Arrancaria a minha pele agora mesmo, se isso parasse a coceira.

— Essa é uma visão que eu gostaria de ver — disse uma voz atrás deles. Cassian não se preocupou em parecer agradável ao encontrar Eris na base de uma árvore a um metro e meio de distância. No meio das flores rosas e brancas, o herdeiro frio da Corte Outonal parecia verdadeiramente feérico, como se ele tivesse saído da árvore, e o seu único e verdadeiro mestre fosse a própria terra.

— Eris — Rhys disse, deslizando as suas mãos para os bolsos. — É um prazer.

Eris acenou para Rhys, o cabelo ruivo manchado da luz solar escapando por entre os ramos floridos e pesados. — Só tenho alguns minutos.

— Você pediu essa reunião. — Cassian disse, cruzando os braços. — Então desembucha.

Eris encarou ele com um olhar permeado de desgosto. — Tenho certeza que relatou minha oferta para Rhysand.

— Ele relatou. — disse Rhys, cabelo escuro despenteado por uma brisa suave e suspirante. Como se até mesmo o próprio vento gostasse de lhe tocar. — Não apreciei as ameaças.

Eris encolheu os ombros. — Só queria deixar tudo claro.

— Desembuche, Eris — Cassian disse. Mais um minuto naquele lugar e a coceira iria levá-lo à loucura.

Ele desejava que qualquer outra pessoa pudesse ter vindo em seu lugar. Mas ele tinha sido nomeado por Rhys para lidar com o bastardo. General a General. Eris pediu a reunião durante a manhã, nomeando este local como terreno neutro. Felizmente, o senhor da propriedade não tinha qualquer interesse em patrulhar quem entrava nestas terras.

Eris manteve os olhos fixos em Rhys. — Presumo que seu Encantador de Sombras está fazendo o que ele faz de melhor.

Rhys não disse nada, não revelou nada. Cassian seguiu o seu exemplo.

Eris prosseguiu com um encolher de ombros — Estamos desperdiçando nosso tempo, reunindo informações em vez de agir. — Os seus olhos âmbar brilhavam à sombra da macieira. — Independentemente do senhor da morte puxando suas cordas, se as rainhas humanas pretendem ser um espinho ao nosso lado, podemos simplesmente lidar com elas agora. Com todos eles. O meu pai seria forçado a abandonar os seus planos. E estou certo que você poderia inventar alguma razão que não tem nada a ver comigo ou com o que revelei para explicar a sua... remoção.

Cassian balbuciou — Quer que derrubemos as rainhas?

Foi a vez de Eris não dizer nada.

Rhys também permaneceu em silêncio.

Cassian encarou ambos com um olhar incrédulo. — Matamos aquelas rainhas e estaremos numa confusão maior do que nunca. Guerras já foram iniciadas por menos. Matar até mesmo apenas uma rainha, quanto mais quatro, seria uma catástrofe. Todos saberiam quem teria feito, independentemente das razões que inventaríamos para justificar.

Rhys inclinou a sua cabeça. — Só se formos descuidados.

— Você está brincando — disse Cassian ao seu irmão.

— Meio brincando — disse Rhys, dando-lhe um sorriso seco. Não chegou aos seus olhos, no entanto. Uma grande distância espreitava neles. Mas Rhys virou-se para Eris. — Por mais tentador que seja tomar a saída mais fácil, concordo com o meu irmão. É uma solução simples para os nossos problemas atuais, e para frustrar o seu pai, mas isso criaria um conflito muito maior do que qualquer outro que estamos antecipando. — Rhys avaliou Eris. — Você já sabe disso.

Eris ainda não disse nada.

Cassian olhou de relance entre eles, vendo Rhys a juntar as peças em sua mente.

Rhys perguntou solenemente — Por que seu pai quer tanto começar uma guerra?

— Por que qualquer pessoa vai a guerra? — Eris estendeu uma mão longa e esguia, deixando as pétalas que caíam se reunirem ali. — Por que Vallahan não assina o tratado? As fronteiras deste novo mundo ainda não foram estabelecidas.

— Beron não tem a força militar necessária para controlar a Corte Outonal e um território no continente, — argumentou Cassian.

Os dedos de Eris se fecharam em torno das pétalas. — Quem disse que ele quer terras no continente? — Ele inspecionou o pomar, como se quisesse

fazer valer um ponto de vista.

O silêncio caiu sobre eles.

Rhys murmurou — Beron sabe que outra guerra que coloque Feéricos contra Feéricos seria catastrófico. Muitos de nós seríamos completamente dizimados. Especialmente... — Rhys inclinou a cabeça para trás para analisar as flores das macieiras. — Especialmente aqueles de nós que estão enfraquecidos. E quando a poeira assentasse, haveria pelo menos uma Corte vaga, as suas terras vazias para serem tomadas.

Eris olhou para as colinas além do pomar, verdes e douradas e brilhando à luz do sol. — Dizem que uma besta ronda estas terras agora. Uma besta com olhos verdes aguçados e pele dourada. Algumas pessoas acreditam que a besta esqueceu a sua outra forma, de tanto tempo que passou na sua forma monstruosa. E embora percorra estas terras, ele não vê nem se preocupa com a negligência que ele repassa, a falta de leis, a vulnerabilidade. Até a sua mansão caiu em ruínas, meio destruída por espinhos, embora circulem rumores de que ele próprio a destruiu.

— Chega de conversa fiada — Cassian disse. — Tamlin permanecendo em sua forma de besta significa finalmente receber a punição que ele merece. E daí?

Eris e Rhys se encararam. Eris disse — Você tem tentado trazer Tamlin de volta há algum tempo. Mas ele não está melhorando, está?

Rhys cerrou o maxilar, o seu único sinal de descontentamento.

Eris acenou com a cabeça, com um ar de quem entendia. — Eu posso atrasar a aliança de meu pai com Briallyn e o início desta guerra durante algum tempo. Mas não para sempre. Alguns meses, talvez. Por isso, sugiro que seu Encantador de Sombras se apresse. Encontre uma maneira de lidar com Briallyn, descubra o que ela quer e porquê. Descobrir se Koschei está, de fato, envolvido. Na melhor das hipóteses, vamos deter todos. Na pior das hipóteses, teremos provas que justifiquem qualquer conflito e, espero, ganhar aliados para o nosso lado, a fim de evitar o derramamento de sangue que iria marcar estas terras mais uma vez. O meu pai pensaria duas vezes

antes de se colocar contra um exército de força e tamanho superiores ao dele.

— Você se tornou um pequeno traidor — disse Rhys, estrelas dançando em seus olhos.

— Eu lhe disse o que queria anos atrás, Grão-Senhor — disse Eris.

Tomar o trono de seu pai. — Por que? — Cassian perguntou.

Eris compreendeu o que ele queria dizer, aparentemente, porque uma chama se acendeu em seus olhos. — Pelo mesmo motivo pelo qual deixei Morrigan intocada na fronteira.

— Você a deixou lá para sofrer e morrer. — cuspiu Cassian. Os seus Sifões cintilaram, e tudo o que podia ver era a cara bonita do macho, tudo o que podia sentir era o seu próprio punho, desejando fazer contato.

Eris zombou. — Deixei? Talvez devesse perguntar a Morrigan se isso é verdade. Acredito que ela finalmente saiba a resposta. — A cabeça de Cassian girou, e a coceira incessante recomeçou, como dedos que se arrastavam ao longo de sua coluna, de suas pernas, de seu couro cabeludo. Eris acrescentou, antes de atravessar: — Me avise quando o Encantador de Sombras retornar.

Pétalas vagaram por perto, tão espessas quanto as nevascas nas montanhas, e Cassian se virou para Rhys.

Mas o olhar de Rhys estava distante novamente, distraído. Ele olhou fixamente em direção às colinas longínquas, como se pudesse ver a besta que ali vagueava.

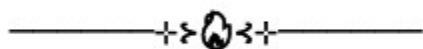
Cassian tinha testemunhado com frequência suficiente Rhys entrando profundamente dentro de sua própria mente. Sabia que o seu irmão era propenso a se retirar enquanto parecia perfeitamente bem. Mas este nível de distração...

— O que está acontecendo com você? — Cassian arranhou seu couro cabeludo. Esse maldito lugar.

Rhys piscou, como se tivesse esquecido que Cassian estava ao seu lado. — Nada. — Ele tirou uma pétala caída em suas roupas de couro. — Nada.

— Mentiroso. — Cassian guardou suas asas.

Mas Rhys já não estava mais ouvindo, de novo. Ele não disse uma palavra antes de atravessar ambos para casa.



Nestha encarou a escuridão avermelhada da escadaria.

Ela estava tão dolorida quanto ontem enquanto trabalhava na biblioteca, mas felizmente Merrill não apareceu para falar sobre o livro trocado. Ela não falou com ninguém além de Clotho, que tinha apenas lhe cumprimentado de forma superficial. Então Nestha tinha guardado os livros na penumbra, rodeada por sussurros de papel farfalhante, parando apenas para limpar o pó das suas mãos. As sacerdotisas passavam por ela como fantasmas, mas Nestha não teve nenhum vislumbre de cabelo castanho acobreado e grandes olhos verdes.

Honestamente, ela não sabia porque desejava ver Gwyn. As coisas que Cassian havia contado sobre o ataque ao templo não era o tipo de assunto que ela tinha o direito de trazer à tona.

Mas Gwyn não a procurou, e Nestha não se atreveu a subir até ao segundo nível para bater à porta de Merrill e ver se Gwyn estava lá.

Portanto, havia silêncio, dor, e o rugido na sua cabeça. Talvez tenha sido o rugido que a levou para a escadaria, em vez de para o seu quarto para se lavar. O abatimento acenou, desafiando-a como a boca aberta de alguma grande besta. Um verme, disposta a devorá-la inteira.

As suas pernas se moveram por vontade própria, e o seu pé aterrissou no primeiro degrau.

Para baixo e para baixo, de curva em curva. Nestha ignorou o degrau com os cinco buracos nele incorporados. Fez questão de não olhar para baixo ao pisar cuidadosamente sobre ele.

Silêncio e rugido, e nada, nada, nada.

Nestha conseguiu chegar ao degrau cento e cinquenta antes de suas pernas quase desistirem novamente. Poupano-se de outro tombo, ela ofegou nos degraus, encostando a cabeça contra a parede.

Naquele silêncio crepitante, ela esperou que a escadaria parasse de girar em torno dela. E quando o mundo estava de novo parado, ela fez a longa e horrível escalada de volta para cima.

A Casa tinha um jantar à sua espera em sua mesa, juntamente com um livro. Aparentemente, tinha notado seu pedido por um livro no outro dia, e considerado *A Grande Guerra* muito monótono. O título deste era adequadamente sujo. — Eu não sabia que você tinha um gosto tão sujo. — disse Nestha, ironicamente.

A Casa respondeu apenas com a banheira se enchendo de água.

— Jantar, banho, e um livro. — disse Nestha em voz alta, balançando a cabeça com algo próximo a admiração. — É perfeito. Obrigado.

A Casa não disse nada, mas quando ela entrou no banheiro, ela descobriu que não se tratava de um banho normal. A Casa tinha acrescentado um sortido de óleos que cheiravam a alecrim e lavanda. Ela inalou o inebriante, belo cheiro, e suspirou.

— Acho que você talvez seja minha única amiga. — disse Nestha, e então gemeu enquanto entrava no calor convidativo da banheira.

A Casa, aparentemente, ficou tão satisfeita com suas palavras que, assim que ela deitou na banheira, uma bandeja apareceu ao seu lado. Carregando

um pedaço enorme de bolo de chocolate.

15

O sétimo nível da biblioteca era inquietante.

De pé em frente as grades de pedra do nível seis, segurando um livro para ser devolvido às estantes, Nestha olhou para a escuridão a poucos passos dela, tão densa que pairava como uma camada de nevoeiro, velando os níveis abaixo.

Os livros habitavam lá embaixo. Ela sabia disso, mas nunca tinha sido enviada até àqueles níveis escuros. Nunca tinha visto uma das sacerdotisas se aventurar depois do local onde ela agora se encontrava, espiando por cima do corrimão. À sua frente, a escuridão acenava por baixo da rampa. Como se fosse uma entrada para um poço escuro do inferno.

Os corvos gêmeos de Hybern estavam mortos. O seu sangue ainda manchava o chão muito abaixo? Ou será que Rhysand e Bryaxis limparam até mesmo esse vestígio deles?

A escuridão parecia subir e descer. Como se estivesse inspirando e expirando.

Os cabelos dos seus braços se arrepiaram.

Bryaxis tinha desaparecido. Libertado para o mundo. Nem mesmo a caçada de Feyre e Rhysand havia conseguido recuperar a coisa que era o próprio Medo.

E, no entanto, a escuridão permaneceu. Pulsava, garras de sombra à deriva, para cima.

Ela estava encarando a profundidade há muito tempo. Ela podia encará-la de volta.

Mas ela não se moveu da grade. Não conseguia lembrar de como tinha vindo até aqui, ou que livro ela ainda tinha em mãos.

Havia noite, e havia a escuridão após a extinção da luz de uma vela, e depois havia isto. Não só a verdadeira ausência de luz, mas... um ventre. O ventre de qual toda a vida havia surgido e retornaria, nem o bem nem o mal, apenas escuro, escuro, escuro.

Nestha.

O seu nome flutuou para ela como se surgisse das profundezas de algum oceano negro.

Nestha.

Deslizou ao longo dos seus ossos, do seu sangue. Ela tinha que recuar. Se afastar.

A escuridão pulsou, acenando.

— Nestha.

Ela rodopiou, quase deixando o livro cair sobre a borda.

Gwyn estava ali de pé, de olhos postos nela.

— O que está fazendo?

Com o coração trovejando em seu peito, Nestha se virou em direção à escuridão, mas — era apenas isso. Escuridão turva, através da qual ela mal conseguia agora distinguir o subnível abaixo. Como se o preto espesso e impenetrável tivesse desaparecido.

— Isso... eu...

Gwyn, com os braços carregados de livros, esgueirou-se para o seu lado e observou a escuridão. Nestha esperou pela repreensão, pelo ridicularização e pela incredulidade, mas Gwyn apenas perguntou gravemente:

— O que é que você viu?

— Por que? — Perguntou Nestha. — Você vê coisas nessa escuridão? — A sua voz era fraca.

— Não, mas alguns dos outros sim. Dizem que a escuridão os seguiu. Até as suas portas. — Gwyn estremeceu.

— Eu vi escuridão — Nestha conseguiu dizer. O seu coração não conseguia se acalmar. — Pura escuridão.

O tipo de escuridão que ela não tinha visto desde que tinha estado dentro do Caldeirão.

Gwyn olhou entre Nestha e o abismo abaixo.

— Devemos ir mais alto.

Nestha levantou o livro ainda em seus braços trêmulos.

— Preciso colocar isso na estante.

— Deixa isso — disse Gwyn, com autoridade suficiente para que Nestha deixasse cair o livro sobre uma mesa de madeira escura. A sacerdotisa pôs a mão nas costas de Nestha, acompanhando-a até à rampa inclinada.

— Não olhe para trás — Gwyn murmurou do canto da sua boca. — Em que nível está o seu carrinho?

— Quatro.

Ela começou a torcer a cabeça para olhar por cima do ombro, mas Gwyn a beliscou.

— Não olhe para trás — Gwyn murmurou de novo.

— Está nos seguindo?

— Não, mas... — Gwyn engoliu de forma audível. — Consigo sentir alguma coisa. Como um gato. Pequeno, inteligente e curioso. Está observando.

— Se você estiver brincando...

Gwyn alcançou o bolso de seu manto pálido e puxou a pedra azul das sacerdotisas. Ela flutuava com luz, como o sol sobre um mar raso.

— Se apresse — sussurrou ela, e elas aumentaram o seu ritmo, atingindo o quinto nível. Nenhuma outra sacerdotisa se aproximou, e não havia ninguém para testemunhar Gwyn persistindo.

— Continue.

A pedra na sua mão brilhava.

Fizeram outra curva para cima, e assim que chegaram ao quarto nível essa presença — essa sensação de alguma coisa nas suas costas — diminuiu.

Esperaram até terem chegado ao carrinho de Nestha antes de Gwyn largar os livros que ainda carregava no chão e atirar-se para a poltrona estofada mais próxima. As suas mãos tremiam, mas a pedra azul tinha voltado a adormecer.

Nestha teve de engolir duas vezes antes de conseguir dizer

— O que é isso?

— É uma Pedra Invocadora. — Gwyn relaxou seus dedos, revelando a pedra dentro da sua mão. — Semelhante aos Sifões dos Ilyrianos, exceto que o o poder da Mãe flui através dela. Não podemos usá-la para o mal, apenas para a cura e proteção. Estava nos protegendo como um escudo.

— Não, quero dizer, aquela escuridão.

Os olhos de Gwyn combinavam quase perfeitamente com a sua pedra azul, até as sombras que agora encobriram a sua expressão.

— Dizem que o ser que habitava lá embaixo desapareceu. Mas creio que algum pedaço pode ter ficado para trás. Ou no mínimo alterou a própria escuridão.

— Não foi assim que pareceu. Parecia... mais velho.

As sobrelhas de Gwyn subiram.

— Você conhece essas coisas?

Não havia indulgência nas palavras, apenas curiosidade.

— Eu... — Nestha piscou os olhos. — Não sabe quem eu sou?

— Sei que você é irmã da Grã-Senhora. Que você matou o Rei de Hybern.
— O rosto de Gwyn se tornou solene, assombrado. — Que você, como a Senhora Feyre, já foi mortal. Humana.

— Eu fui feita pelo Caldeirão. Sob as ordens do Rei de Hybern.

Gwyn traçou os seus dedos sobre a cúpula lisa da Pedra Invocadora. A luz ondulou sob seu toque.

— Eu não sabia que tal coisa era possível.

— A minha outra irmã, Elain... nós fomos forçadas a entrar no Caldeirão e transformadas em Feéricas. — Nestha engoliu de novo. — Ele... transmitiu algo de si mesmo para mim.

Gwyn analisou o corrimão, a queda aberta na escuridão para além dele.

— Semelhantes atraem semelhantes.

— Sim.

Gwyn sacudiu a cabeça, o cabelo balançando com o movimento.

— Bem, talvez não desça até o Nível Seis novamente.

— O meu trabalho é devolver os livros às estantes.

— Conte para Clotho e ela vai se assegurar de que os livros sejam guardados por outros.

— Parece covarde.

— Não desejo descobrir o que pode se arrastar daquela escuridão se você, feita pelo Caldeirão, está assustada. Especialmente se for... atraída por você.

Nestha se afundou na cadeira ao lado de onde Gwyn sentava.

— Eu não sou uma guerreira.

— Você matou o Rei de Hybern. — repetiu Gwyn. — Com a faca do encantador de sombras.

— Sorte e fúria. — admitiu Nestha. — E eu tinha feito uma promessa de matá-lo pelo que ele fez a mim e à minha irmã.

Uma sacerdotisa passou por ali, as viu sentadas ali, e se apressou em sair. Seu medo deixou um sabor no ar, como comida queimada. Gwyn suspirou por ela.

— Essa é Riven. Ela ainda fica desconfortável com qualquer tipo de contato com estranhos.

— Quando ela chegou?

— Há oitenta anos.

Nestha começou a falar. Mas a tristeza encheu os olhos de Gwyn, enquanto ela explicava.

— Nós não fofocamos uns sobre os outros aqui. As nossas histórias continuam a ser nossas para contar ou para guardar. Apenas Riven, Clotho, e o Alto Senhor sabem o que aconteceu a ela. Ela não fala sobre isso.

— E não existe ajuda para ela?

— Eu não tenho conhecimento dessa informação. Conheço os recursos disponíveis para nós, mas não é da minha conta se Riven os utilizou.

Pela preocupação que agora marcava o rosto de Gwyn, Nestha sabia que ela tinha utilizado esses serviços. Ou pelo menos tinha tentado.

Gwyn colocou o seu cabelo atrás das suas orelhas arqueadas.

— Eu queria te encontrar ontem para agradecer mais uma vez por ter trocado aquele livro, mas fiquei presa com o trabalho de Merrill. — Ela inclinou a cabeça. — Estou em dívida com você.

Nestha esfregou a cãibra persistente na coxa.

— Não foi nada.

Gwyn notou o movimento. — O que houve com a sua perna?

Nestha cerrou os dentes. — Nada. Estou treinando todas as manhãs com Cassian.

Ela não fazia ideia se Gwyn o conhecia, por isso esclareceu

— O General do Grão-Senhor...

— Eu sei quem ele é. Todos sabem quem ele é. — Era impossível decifrar o rosto de Gwyn. — Por que treina com ele?

Nestha limpou a camada de pó do joelho.

— Digamos apenas que me foram apresentadas várias opções para... refrear o meu comportamento. Treinar com Cassian de manhã e trabalhar aqui à tarde foi o mais aceitável.

— Por que é que precisa refrear o seu comportamento?

Gwyn realmente não sabia, sobre o desperdício horrível e miserável que ela havia se tornado.

— É uma longa história.

Gwyn parecia ler a sua relutância.

— Que tipo de treino é esse? Combate?

— Neste momento, é um monte de exercícios de equilíbrio e alongamento.

Ela acenou em direção à perna de Nestha.

— Essas coisas são dolorosas?

— São quando se está tão fora de forma como eu.

Uma fraqueza patética.

Mais duas sacerdotisas passaram por elas, e aparentemente a presença de uma delas foi suficiente para Gwyn pular da cadeira.

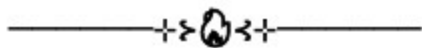
— Bem, eu devia voltar para o Merrill. — declarou ela, qualquer vestígio de solenidade desaparecido. Ela acenou com a cabeça para a escuridão do poço. — Não vá à procura de problemas.

Gwyn virou-se em seus calcanhares, o azul piscando na sua mão.

A visão desse azul fez Nestha balbuciar — Por que não usa pedra na cabeça, como os outros?

Gwyn guardou a pedra no bolso.

— Porque eu não mereço.



— É só isso que vamos ficar fazendo? — Nestha questionou no treinamento da manhã seguinte, enquanto se levantava do exercício que Cassian chamava de agachamentos. — Equilíbrio e alongamento?

Cassian cruzou os braços.

— Enquanto você tiver esse equilíbrio de merda, sim.

— Eu não caio *tantas*

vezes. — Apenas a cada poucos minutos.

Ele acenou para que ela fizesse outro agachamento.

— Você ainda coloca todo o peso na sua perna direita quando levanta. Isso abre seu quadril, e seu pé direito gira levemente para o lado. Todo o seu centro está desconectado. Até corrigirmos isso, você não fará nada mais intenso, por mais ágeis que sejam os seus pés. Você só se machucaria.

Nestha bufou enquanto fazia outro agachamento, a sua perna direita indo ligeiramente para trás da sua esquerda enquanto se abaixava. O fogo queimou ao longo da sua coxa esquerda e joelho. Quantas reverências ela havia praticado sob o olhar aguçado de sua mãe? Ela tinha esquecido que era tão difícil.

— Como se você levantasse tão perfeitamente.

— Eu levanto. — A arrogância inabalável permeava cada palavra. — Tenho treinado desde que eu era criança. Nunca tive a chance de aprender a levantar incorretamente. Você tem vinte e cinco anos de maus hábitos para quebrar.

Ela se levantou do agachamento, com as pernas tremendo. Ela quase pediu pela barganha deles, ordená-lo para nunca mais pedir que fizesse outro agachamento novamente.

— E você realmente gosta desses exercícios e treinos sem fim?

— Mais dois, e depois eu respondo.

Resmungando, Nestha obedeceu. Só porque ela estava cansada de ser tão fraca como um gatinho, como ele a tinha chamado há várias noites atrás.

Quando ela terminou, Cassian disse. — Tome um pouco de água. — O sol da manhã batia implacavelmente neles.

— Não preciso que me diga quando devo beber. — estalou ela.

— Então vá em frente e desmaie.

Nestha encontrou o seu olhar avelã, o rosto sério, e bebeu a água. Para que sua cabeça pudesse parar de girar, ela disse a si mesma. Quando ela tinha terminado um copo, Cassian disse. — Nasci de uma mulher não casada num povoado que faz o Acampamento Refúgio do Vento parecer um paraíso tolerante e acolhedor. Ela foi excluída por ter um filho fora do casamento, e forçada a dar à luz sozinha numa tenda no auge do inverno.

O horror a invadiu. Ela sabia que Cassian era de baixo nascimento, mas esse nível de crueldade por causa disso...

— E o seu pai?

— Se refere ao pedaço de merda que se forçou nela e depois voltou para sua esposa e família? — Cassian deu uma risada fria que ela raramente ouvia.

— Não houve consequências para ele.

— Nunca há. — disse Nestha friamente. Ela bloqueou a imagem do rosto de Tomas.

— Há aqui. — rosnou Cassian, como se sentisse a direção tomada por seus pensamentos. Cassian gesticulou para a cidade abaixo deles, escondida pela montanha e pela Casa bloqueando a vista. — Rhys mudou as leis. Aqui na Corte Noturna, e em Illyria. — O seu rosto endureceu ainda mais. - Mas ainda é preciso que a sobrevivente se apresente. E em lugares como Illyria, eles fazem um inferno da vida de qualquer femêa que se apresente. Eles consideram traição.

— Isso é um insulto.

— Somos todos Feéricos. Esqueça a merda de nascimento alto ou baixo. Somos todos imortais ou quase isso. A mudança vem lentamente para nós. O que os humanos conseguem realizar em décadas, demora séculos para nós. Ainda mais tempo, quando se mora em Illyria.

— Então por que se preocupar com os Illyrianos?

— Porque lutei como o inferno para provar o meu valor a eles. — Os seus olhos brilharam. — Para provar que a minha mãe trouxe algum bem a este mundo.

— Onde está ela agora? — Ele nunca tinha falado dela.

Os seus olhos se fecharam de uma forma que ela nunca havia testemunhado antes.

— Fui tirado dela quando eu tinha três anos. Atirado na neve. E no seu estado de desgraça, como chamam, ela tornou-se presa de outros monstros. — O estômago de Nestha torcia com cada palavra. — Ela fez seus trabalhos de partos até morrer, sozinha, e... — A sua garganta se moveu. — Nessa altura eu já estava no acampamento Refúgio do Vento. Eu ainda não estava forte o bastante para voltar e ajudá-la. Levá-la a algum lugar seguro. Rhys ainda não era Grão-Senhor, e nenhum de nós pôde fazer nada.

Nestha não tinha a certeza absoluta de como acabaram por falar desse assunto.

Aparentemente, Cassian também percebeu isso.

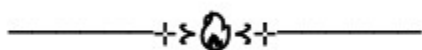
— É uma história para outro momento. Mas o que eu queria tentar explicar é que durante tudo aquilo, através de cada coisa horrível, o treinamento me centrou. Me guiou. Quando tinha um dia de merda, quando fui cuspidor ou esmurrado ou evitado, quando liderei exércitos e perdi bons guerreiros, quando Rhys foi tomado por Amarantha, através de *tudo*, o treinamento permaneceu. Você disse no outro dia que a respiração ajuda. Me ajuda, também. Ajudou Feyre. - Ela viu um muro se erguer nos seus olhos, palavra após palavra. Como se ele esperasse que ela rasgasse o que tinha ouvido. Rasgasse ele. - Entenda como quiser, mas é verdade.

A vergonha deslizou por ela. Ela havia feito isso. Trouxe esse nível de defensividade nele.

Algo pesou sobre ela. Começou a corroer as entranhas.

Então, Nestha disse. — Me mostre outro conjunto de movimento.

Cassian analisou seu rosto durante um momento, seu olhar ainda resguardado, e começou a próxima demonstração.



A Casa tinha um gosto por livros de romance. Nestha ficou acordada mais tarde do que ela deveria para conseguir terminar o que tinha sido deixado no dia anterior, e quando voltou ao seu quarto naquela noite, outro estava à sua espera.

— Não me diga que você de alguma forma leu esses. — Ela folheou pelo volume na sua mesa de cabeceira.

Em resposta, mais dois livros caíram sobre a superfície. Cada um deles totalmente imundo.

Nestha soltou um pequeno risinho.

— Deve ser terrivelmente monótono aqui em cima.

Um terceiro livro caiu sobre os outros.

Nestha riu novamente, um som enferrujado e rouco. Ela não conseguia lembrar da última vez que ela tinha rido. Uma gargalhada verdadeira, de barriga cheia.

Talvez antes da sua mãe ter morrido. Ela certamente não tinha encontrado motivos para rir depois que eles caíram na pobreza.

Nestha acenou com a cabeça para a mesa.

— Sem jantar essa noite?

A porta do seu quarto se abriu para revelar o corredor pouco iluminado.

— Já tive o suficiente dele por um dia.

Mal tinha sido capaz de falar com Cassian pelo resto da sua lição, incapaz de deixar de pensar em como ele havia colocado um muro em seus olhos antes mesmo que ela falasse uma palavra sequer, antecipando que ela iria o perseguir, assumindo que ela era tão horrível que não seria capaz de ter uma conversa normal. Que ela faria piadas com ele sobre sua mãe e sua dor.

— Eu prefiro ficar por aqui.

A porta se abriu mais.

Nestha suspirou. O seu estômago doía de fome.

— Você é tão intrometida quanto o resto deles. — ela murmurou, e se dirigiu para a sala de jantar.

Cassian estava sentado sozinho à mesa, o pôr-do-sol dourando o seu cabelo preto em tons dourados e vermelhos, brilhando através das suas belas asas. Durante uma batida de coração, ela compreendeu o impulso de Feyre para pintar coisas, para captar imagens como esta, preservar para sempre.

— Como estava a biblioteca? — perguntou ele enquanto ela sentava no lugar em frente a ele.

— Nada tentou me devorar hoje, então estava bem.

Um prato de porco assado e feijão verde apareceu com um copo de água à sua frente.

No entanto, ele ficou quieto.

— Alguma coisa tentou te devorar em *outro* dia?

— Bem, não conseguiu se aproximar o suficiente para conseguir, mas essa foi a impressão geral que eu recebi.

Ele piscou, seus Sifões brilhando.

— Me conta.

Nestha se perguntou se tinha dito algo de errado, mas relatou o incidente, a começar com a escuridão e terminar com a assistência de Gwyn. Ela não viu a sacerdotisa depois disso mas, no final do dia, havia uma nota em seu carrinho que dizia: *Apenas um lembrete amigável para se manter longe dos níveis mais baixos!*

Nestha tinha bufado, amassando a nota, mas tinha guardado dentro de seu bolso.

Em frente dela, o rosto de Cassian estava pálido.

— Você viu Bryaxis uma vez. — disse Nestha no silêncio.

— Algumas vezes. — ele respirou. A sua pele tinha ficado em um tom esverdeado. — Eu sei que nós devemos continuar caçando Bryaxis. Não é uma coisa boa que esteja lá fora, no mundo. Mas acho que não conseguiria suportar encontrá-lo novamente.

— Como foi?

Os olhos dele encontraram os dela.

— Os meus piores pesadelos. E não estou falando de fobias mesquinhas. Me refiro aos meus medos mais profundos e mais primordiais. Coloquei alguns dos piores monstros, os mais vis na Prisão, mas estes eram monstros em todos os sentidos da palavra. É... acho que ninguém pode compreender, a menos que tenha visto.

Ele olhou para ela novamente, e ela percebeu que ele estava se preparando para seu veneno.

Monstro. *Ela* era um monstro. A realização feriu e cortou profundamente. Mas ela disse, na esperança de que ele visse que ela não iria se meter em seus assuntos apenas para machucá-lo:

— Que tipo de criaturas colocou na Prisão?

Cassian provou um pouco da comida. Um bom sinal de que isto, pelo menos, era território aceitável.

— Quando vivia no mundo humano, existiam lendas de bestas e fadas temíveis que a massacrariam se alguma vez atravessassem o muro, não existiam? Coisas que deslizam através de janelas abertas para beber o sangue de crianças? Coisas que eram tão perversas, tão cruéis que não havia esperança contra o seu mal?

O cabelo do seu pescoço arrepiou.

— Sim. — Essas histórias sempre haviam assustado-a e petrificado-a.

— Eles se baseavam na verdade. Histórias baseadas em seres antigos, quase primitivos que existiam aqui antes da divisão das Cortes, antes dos Grão-Senhores. Alguns os chamam de Primeiros Deuses. Eram seres com quase nenhuma forma física, mas uma inteligência perspicaz e viciosa. Tanto os humanos como os Feéricos eram suas presas. A maioria foi caçada e levada a se esconder ou a ser aprisionada há séculos. Mas alguns ficaram, espreitando a partir dos cantos esquecidos da terra. — Ele engoliu outra boca cheia.

— Quando eu estava perto dos trezentos anos, um deles apareceu novamente, rastejando para fora das raízes de uma montanha. Antes de ir para a Prisão

ser enfraquecido pelo aprisionamento, Lanthys podia transformar-se em vento e arrancar o ar dos seus pulmões, ou transformar-se em chuva e afogá-lo em terra seca; ele poderia descascar a sua pele do seu corpo com alguns movimentos. Ele nunca revelou a sua verdadeira forma, mas quando o enfrentei, ele optou por aparecer como uma névoa rodopiante. Ele foi pai de uma raça de feéricos que ainda nos atormentam, que prosperou sob o

reinado de Amarantha. Mas os Bogge são menores, meras sombras em comparação com Lanthys. Se existe algo como o mal encarnado, é ele. Ele não tem misericórdia, não tem sentido de certo ou errado. Existe ele, e existem todos os outros, e todos nós somos suas presas. Os seus métodos de matança são criativos e lentos. Ele se banquetearia com medo e dor tanto quanto com a própria pele.

O sangue dela arrefeceu.

— Como aprisionou algo assim?

Cassian tocou um ponto em seu pescoço onde uma cicatriz marcava a parte de trás de sua orelha.

— Aprendi rapidamente que nunca poderia vencê-lo em combate ou por magia. Ainda tenho a cicatriz aqui para o provar. — Cassian sorriu fracamente. — Por isso usei a sua arrogância contra ele. Lisonjei e provoquei até ele se encurralar num espelho com madeira de freixo. Apostei que o espelho o conteria, e Lanthys apostou errado. Ele saiu do espelho, claro, mas nessa altura, eu já tinha prendido o miserável dentro da Prisão.

Nestha levantou uma sobrancelha. Ele deu um sorriso afiado que não alcançou seus olhos, e disse. — Não apenas um bruto, afinal.

Não, ele não era, apesar dela ter dito tantas vezes isso a ele, mas ela nunca havia acreditado...

Cassian prosseguiu — De todos os ocupantes da Prisão, Lanthys é o único que temo que encontre uma saída.

— Será que isso aconteceria?

— Acredito que não, graças ao Caldeirão. Aquela Prisão é inescapável. A menos que seja Amren.

Nestha não queria falar sobre Amren. Ou pensar nela.

— Você disse que aprisionou outros. — Metade dela nem queria saber.

Ele encolheu os ombros, como se não fosse nada de mais que ele tivesse feito coisas tão marcantes.

— Lubia de sete cabeças, que cometeu o erro de vir à tona das cavernas das profundezas do oceano para caçar garotas ao longo da costa ocidental. Blue Annis, que era um terror para contemplar, pele de cobalto e garras de ferro e, como Lubia, um gosto pela carne feminina. Lubia, pelo menos, engoliu as suas presas rapidamente. Annis... ela demorava mais tempo. Annis era como Lanthys a esse respeito. — Sua garganta se moveu, e ele puxou para trás a gola de sua camisa para revelar outra cicatriz: a horrível, espessa cicatriz acima do seu peitoral esquerdo. Ela tinha espiado outro dia durante o treinamento. — Isso é tudo o que resta dela agora, mas Annis tinha triturado meu peito com aquelas garras de ferro e estava quase no meu coração quando Azriel interviu. Portanto, suponho que a sua captura é partilhada entre nós dois. — Ele bateu com os dedos em cima da mesa. -E depois houve...

— Já ouvi o suficiente. — As suas palavras eram sem fôlego. - Não vou conseguir dormir hoje à noite. — Ela sacudiu a cabeça, dando outra mordida na comida. — Não sei como você consegue, tendo enfrentado tudo isso.

Ele se inclinou para trás no seu lugar.

— Você aprende a viver com isso. A bloquear os horrores dos seus pensamentos atuais. — Ele acrescentou em um toque silencioso. — Mas eles ainda espreitam ali. No fundo da sua mente.

Ela desejava saber como fazer isso: empurrar todos os pensamentos que a devoravam atrás de alguma parede, ou num buraco dentro dela, para que ela pudesse enterrar eles profundamente.

Cassian perguntou, a voz ainda quieta:

— A escuridão na biblioteca... você acha que reagiu a você especificamente?

Quando ela não disse nada, ele pressionou:

— Por causa dos seus poderes?

— Eu não tenho nenhum poder. — Ela mentiu. Treinar com Amren não tinha feito nada para ajudá-la a entender seus poderes, de qualquer forma.

— Então quem deixou aquela marca de mão nas escadas?

Ela não se deu ao trabalho de parecer agradável.

— Talvez Lucien. Ele tem fogo em suas veias.

— Ele disse que o seu fogo era diferente do dele. Que queimou frio, de alguma forma.

— Talvez você devesse me prender naquela Prisão, então.

Ele pousou o seu garfo.— Estou apenas fazendo uma pergunta.

— E importa, se eu tenho poderes?

Cassian balançou a cabeça no que parecia ser uma mistura de admiração e repugnância.

— Você pode ter nascido humana, mas é pura Feérica. Respondendo perguntas com perguntas, desviando de uma resposta honesta.

— Não sei dizer se isso é um elogio ou não.

— Não é. — Os seus dentes faíscaram. — O tipo de poderes que tem não são do tipo que devem ficar parados. Eles precisam de uma saída, e de treinamento.

— Equilíbrio e alongamento?

A mandíbula dele cerrou.

— O que aconteceu entre você e Amren?

— Por que tantas perguntas essa noite?

— Porque estamos conversando como pessoas normais, e eu quero saber. Sobre tudo.

Nestha se levantou, se dirigindo até a porta.

— Por que você se importa?

— Não vamos recuar para o território antigo, Nes.

Ela atirou por cima do ombro. — Não tinha percebido que já estávamos além dele.

— Besteira.

— Agora é a hora onde você me lembra que todos me odeiam, e eu saio.

Cassian levantou de seu lugar, bloqueando o seu caminho para a porta em três passos. Ela tinha se esquecido de como ele era rápido, de como era ágil apesar do seu tamanho. Ele encarava.

— Nunca me importou se você tomou metade do poder do Caldeirão ou apenas uma gota. Ainda não me importa.

— Por que? — Nestha não conseguiu se impedir de perguntar. — Por que você se *incomoda*?

As suas feições se tornaram graves.

— Por que você ficou do meu lado quando nos levantamos contra o Rei de Hybern durante aquela última batalha?

Como se isso fosse uma resposta. Ela não podia suportar, esta conversa, a expressão no seu rosto.

— Porque eu era uma idiota estúpida. — Ela empurrou para passar.

— Do que você tem medo? — perguntou ele, seguindo-a para o corredor.

Ela parou.

— Eu não tenho medo de nada.

— Mentirosa.

Nestha se virou, lentamente. Deixou que ele visse cada partícula de raiva ondulando através dela.

Os olhos de Cassian brilhavam de satisfação selvagem.

Os seus Sifões queimaram, lançando luz vermelha sobre as pedras, como se sangue agudo tivesse sido derramado. A sua boca se torceu para o lado em um sorriso torto e zombeteiro.

— Sabia que os seus olhos brilham quando o seu poder sobe à superfície? Como aço derretido. Como fogo de prata.

Ele tinha feito de propósito. Irritá-la, desse jeito. Para que ela mostrasse suas cartas.

Os dedos de Nestha se fecharam ao seus lados. Ela deu um passo em direção a ele. Cassian manteve a sua posição. Então ela deu mais um passo. Outro.

Até estarem suficientemente perto que uma respiração profunda faria seu peito esfregar contra o dele. Até que ela estivesse mostrando seus dentes em frente a seu rosto, ainda com um sorriso zombeteiro.

Cassian a analisou. Encarou seus olhos e sussurrou. — Linda.

Ele não parou a mão que ela apoiou em seu peito musculoso. Ou quando ela empurrou seu peito, encostando ele na parede, as suas asas se espalhando pelo impacto. Ele apenas olhava e olhava fixamente para ela, maravilhando, com fome.

Nestha não se moveu, não conseguiu se mover enquanto Cassian se inclinou para sussurrar ao seu ouvido — A primeira vez que vi esse olhar no seu rosto, você ainda era humana. Ainda humana, e eu quase me ajoelhei aos seus pés. — O seu hálito acariciou sua orelha e ela não conseguiu impedir que os seus olhos se fechassem. O sorriso dele encostou em sua

têmpora. — O seu poder é uma canção, e uma canção que eu esperei muito, muito tempo para ouvir, Nestha.

As suas costas arquearam ligeiramente com a forma como ele disse o seu nome, a forma como arrancou a segunda sílaba. Como se ele estivesse imaginando fechar sua boca em outras partes dela. Mas apenas a mão dela ligava seus corpos. Apenas a sua mão, agora se agarrando a sua camisa, o estrondoso batimento cardíaco dele pulsando por baixo dela.

Até que Cassian baixou o rosto um centímetro, e raspou a ponta do seu nariz ao longo do seu pescoço. Sob a sua mão, o peito dele subia enquanto ele inalava um grande, ganancioso sopro de seu cheiro.

Muito longe. Ela não devia ter se permitido ir tão longe com ele, deixá-lo se aproximar tanto.

No entanto, ela não conseguia retroceder. Não podia fazer nada a não ser deixá-lo passar seu nariz sobre o pescoço dela novamente. O desejo de pressionar o seu corpo no dele, de sentir o seu calor e sua ereção nela, quase apagaram qualquer pensamento racional de sua mente.

No entanto, as mãos de Cassian permaneceram ao seus lados. Como se estivesse à espera de sua permissão.

Nestha puxou a sua cabeça para trás, afastando o suficiente para ver o rosto dele, seus olhos.

Os seus joelhos quase cederam perante o desejo que neles ardia. Líquido, desejo inflexível, fixado nela.

Ela não conseguia respirar enquanto se afogava naquele olhar. Enquanto partes baixas e sensíveis dela apertaram e começaram a palpitar, os seus seios tornando-se pesados e doloridos. As narinas dele dilataram, sentindo isso também.

Ela não podia. Ela não podia fazer isso com ele. Com ela mesma.

Não podia, não podia, não podia...

Nestha começou a retirar a mão dela do seu peito, mas ele deslizou a sua sobre a dela. Esfregou o polegar nas costas da mão dela, e apenas aquele contato da pele calegada fez ela rangir os dentes, incapaz de pensar, de respirar...

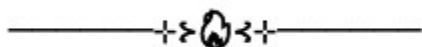
Cassian sussurrou ao seu ouvido — Sabe no que estarei pensando essa noite?

Um pequeno som deve ter saído dela, porque ele sorriu enquanto se afastava, soltando sua mão.

A ausência do seu calor, do seu cheiro, era como um balde de água gelada.

Ele sorriu, nada mais que malícia e desafio.

— Vou pensar nesse olhar em seu rosto. — Deu mais um passo em direção ao fundo do corredor. — Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto.



Ela não conseguia dormir. Os lençóis a sufocavam, estrangulavam, sufocavam com o seu calor até que o suor escorresse pelo seu corpo.

Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto.

Nestha estava deitada na escuridão, a sua respiração irregular, o seu corpo corado e dolorido.

Mal tinha sido capaz de se concentrar na leitura quando regressou ao seu quarto. E ela estava se virando e contorcendo na cama pelo que pareciam horas, agora.

Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto.

Ela conseguia imaginar: Cassian na sua própria cama, esparramado como um rei, agarrando seu pau, se masturbando intensamente...

Ela conseguiu sussurrar para a sala. — Volte ao amanhecer.

Ela não sabia se a Casa obedeceria. Não descobriu se ela compreendia porquê Nestha queria privacidade enquanto ela deslizava a mão pelo seu corpo, a sensação da seda de sua camisola contra sua pele quase insuportável.

Ela gemeu contra a almofada enquanto os seus dedos deslizavam entre suas pernas, instantaneamente escorregadios com a umidade que ali encontrou, que não tinha desaparecido desde que ela fora deixada de pé, naquele corredor. Seus quadris arquearam ao toque, e ela rangeu os dentes, deixando sair um longo assobio enquanto arrastava seus dedos até seu dolorido, palpitante centro.

Eu estou sempre pensando nesse olhar em seu rosto.

Ela deslizou seus dedos até a sua boceta, contorcendo-se com a intrusão, incapaz de parar de ver o rosto de Cassian, aquele meio sorriso, aquela luz nos seus olhos. O poderoso corpo e as belas asas. Ela retirou os dedos quase até a entrada, e enquanto os mergulhava de volta, era a mão de Cassian que ela imaginava lá, sentia lá. A outra mão de Cassian que se levantou para lhe apertar seu seio, apertando com força, da forma como ela gostava, uma ponta afiada e ligeira de dor para aumentar o prazer.

Era a mão de Cassian que ela cavalgava, mordendo o lábio para conter seus gemidos. Foi a mão de Cassian que a trouxe para além do limite e para um orgasmo tão intenso que ela quase gritou. Foi a mão de Cassian que deslizou para dentro dela, de novo e de novo, orgasmo após orgasmo, até que Nestha estivesse deitada e ofegante na cama, com nada além da escuridão para segurá-la.

16

Cassian não havia dormido bem.

Era difícil dormir bem quando ele estava tão excitado que precisou se dar prazer não uma, mas *três vezes* até se sentir calmo o suficiente para fechar os olhos. Mas ele acordou antes do amanhecer ardendo por ela, o seu cheiro ainda no nariz dele, e ter gozado outra vez não aliviou quase nada.

Ele a contou exatamente o que planejava fazer na noite passada, mas encarar Nestha por cima da mesa do café na manhã seguinte foi ainda mais desconfortável do que ele antecipava.

Ela o encontrou na mesa, e ficou lendo um livro enquanto comia. Estava fechado agora, mas pela lombada, ele percebeu que era um dos romances que ela tanto gostava.

Para quebrar o silêncio, Cassian perguntou — O que você está lendo?

Cor manchou as bochechas pálidas de Nestha. E ele podia jurar que ela precisou de um esforço para encontrar seus olhos, também. — Um romance.

— Eu percebi isso. Sobre o que é esse?

Ela abaixou o olhar rapidamente. Mas o corado permaneceu.

Ele sabia que não tinha nada a ver com o livro.

Mas ela o encarou novamente, com a coluna reta. Como se ela estivesse fazendo seu máximo para encontrar seu olhar. Seus dedos apertaram o garfo. E quando ela os olhou, puxou as mãos para debaixo da mesa.

Como se fossem uma prova.

O coração dele aqueceu quando ele percebeu que a bochecha corada, o embaraçamento... Ele se fez dar profundas, fortes respirações. Eles precisavam treinar juntos pelas próximas duas horas. Estar atento a isso não era apenas inútil, mas inapropriado para o ringue de treinamento.

Isso não fez ele parar de imaginar: as mãos dela entre as pernas, o corpo dela ardendo por alívio como o dele estava. O jeito que ela teria provavelmente mordido o próprio lábio, assim como ele fez, para se impedir de gemer alto. Seu pau endureceu, empurrando sua calça a ponto de doer.

Cassian se mexeu no assento, tentando conseguir mais espaço para si mesmo. Ele apenas conseguiu fazer a costura dura esfregar contra o seu pau, a atrito suficiente para fazê-los ranger os dentes.

Treinamento. Eles tinham treinamento.

— O livro — Nestha disse, um pouco ofegante — é sobre... — Suas narinas se alargaram e seus olhos ficaram um pouco desfocados. — Um livro.

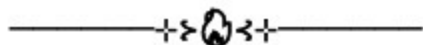
— Interessante — Cassian murmurou. — Parece ótimo.

Ele precisava sair da sala. Tinha que resolver a merda dele antes de subir. O calor entre eles não pertencia ao ringue de treinamento. Em que porra de lugar estava Az quando ele precisava dele? Cassian serviu de barreira para Mor por anos-em que porra de lugar estava ela quando ele precisava?

Mas ele não podia se levantar da sua cadeira. Se ele fizesse isso, Nestha veria precisamente o quanto ela afeta ele. Isto é, se ela já não tivesse cheirado, e entendido a mudança em seu cheiro. E se ela olhasse para a protuberância em sua calça com o calor que ela tinha em seus olhos na noite passada, o calor que ele sentia apenas em imaginar ela, ele poderia muito bem fazer papel de bobo.

Era um risco que ele estava disposto a arriscar. Precisava arriscar, antes que ele a deitasse na mesa e tirasse suas peças de roupa uma por uma.

Cassian pulou da sua cadeira, murmurando — Te vejo lá. — e saiu.



— O livro — Nestha repetiu para si mesma, encarando seu mingau — É sobre um livro. — Ela colocou sua testa entre as mãos. — Idiota.

Pelo menos Cassian parecia não estar ouvindo. Mas qualquer vontade que estava em seus olhos ontem a noite, parecia relutante hoje, como se ele não pudesse - não quisesse aquele calor entre eles, a tensão. Ele praticamente fugiu da sala pra evitar ela.

O treinamento seria horrível.

Ele estava esperando no ringue, o retrato de um guerreiro arrogante. Nestha não ousou olhar para suas calças. Para o que ela poderia jurar que estava esticando o tecido e os botões conforme ele fugia da sala.

Mas se ele iria parecer sereno, tudo bem. Ela iria o acompanhar nisso.

Nestha rolou os ombros, aproximando-se dele.

— Mais alongamento e equilíbrio?

— Não.

Seus olhos se encontraram, e havia apenas uma limpa e determinada calma — e um desafio. — Nós vamos fazer o aquecimento, e então vamos partir para um trabalho no seu meio.

Ela ficou boquiaberta. O seu... meio?

— Abdominais — ele explicou, e rosa apareceu em suas bochechas. Ele limpou a garganta. — Mente poluída. — Ele sacudiu a bochecha dela. —

Muito poluída.

Ela empurrou ele e apontou para seus músculos escondidos pela camiseta.
— Você vai me fazer ficar parecendo assim?

Sua risada baixa ondulou por todo o corpo dela. — Ninguém consegue parecer assim além de mim, Nes.

Arrogante.

— O Rhysand e Azriel conseguem, — ela disse docemente.

— Eu tenho um ou dois músculos a mais do que eles.

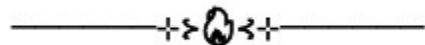
— Eu não vejo.

Ele piscou. — Talvez eles estejam em outros lugares.

Ela não pode evitar. Não pode parar. Não o olhar de desejo, mas o sorriso que cobriu seu rosto. Ela escondeu uma risada.

Cassian a encarou como se ele nunca tivesse a visto antes.

Seu choque foi o suficiente para Nestha parar de sorrir. — Ok — ela disse.
— Aquecimento, e então abdominais.



Ela odiava exercícios abdominais.

Principalmente porque ela não conseguia *fazer* eles.

— Eu sabia que você não tinha muito músculo — Cassian observou enquanto Nestha deitava com a barriga para baixo no chão, tendo caído em sua frente depois de tentar segurar uma prancha de corpo inteiro. — Mas isso é absolutamente patético.

— Você não deveria ser meu treinador inspirador?

— Você não consegue fazer mais de cinco segundos.

Ela cuspiu — E quanto você consegue fazer?

— Cinco minutos.

Nestha se empurrou sobre os cotovelos. — Desculpa se eu não tive quinhentos anos de trabalho no *meio*.

— Eu te pedi para segurar aquela prancha por 30 segundos.

Ela se empurrou sobre seus joelhos, seu estômago doendo. Ele a tinha feito fazer curvas para cima, depois extensões de pernas enquanto estava deitada de costas, e então levantar uma pedra suave de 2 quilos sobre sua cabeça enquanto ela tentava levantar-se de deitada para uma posição sentada usando apenas seus músculos do estômago. Ela não conseguiu fazer mais do que uma ou duas delas antes do seu corpo desistir. Nenhuma quantidade de vontade poderia fazer ele se mexer.

— Isso é tortura. — Apoiando as mãos no joelho, Nestha apontou para o ringue. — Se você é tão perfeito, faça tudo que acabou de me pedir para fazer.

Cassian bufou. — Um illyriano de dez anos poderia fazer em poucos minutos.

— Então faça *sua* grande, dura e masculina rotina.

Ele sorriu. — Beleza. Você fica falando, eu vou te mostrar minha grande, forte e masculina rotina.

Ele arrancou sua camisa. Prendeu seu cabelo para trás.

E isso foi um tipo diferente de tortura. Assistir ele fazendo os mesmos exercícios, porém mais pesados, difíceis e rápidos. Assistir os músculos do seu estômago esticarem, os músculos de *todos os lugares* esticarem. Assistir o suor bilhar e correr no seu corpo dourado, por suas tatuagens, pela estrela

de oito pontas da sua barganha na coluna dele antes de deslizar para a cintura de sua calça.

Mas ele foi profissional durante a lição. Totalmente profissional e distante, como se o seu treino fosse sagrado para ele.

Nestha não conseguia tirar seus olhos para longe enquanto ele completava seus exercícios, ofegando suavemente. Ela tentou não pensar se esse som ofegante foi como ele soou na noite passada quando se masturbou.

Mas os olhos castanhos de Cassian estavam claros. Triunfantes.

Em outra época, em outro mundo, ele poderia ter sido considerado um deus-guerreiro pelos mortais. Depois do que ele contou sobre os monstros que colocou na prisão, ele poderia muito bem ser considerado um herói nessa época. O tipo que um dia seria sussurrado sobre ao redor do fogo. Pessoas dariam seu nome ao seus filhos. Guerreiros iriam querer ser ele. Um bom guerreiro seria conhecido como Cassian renascido.

E ela havia o chamado de bruto.

— O que? — Cassian limpou o suor do seu rosto.

Ela perguntou, para se distrair dos seus pensamentos. — Realmente não há nenhuma fêmea lutando nas unidades entre os Illyrianos? — Ela não viu nenhuma na guerra.

O sorriso dele desapareceu. — Nós tentamos uma vez e falhou espetacularmente. Então, não. Não há.

— Porque Illyrianos são atrasados e horríveis.

Ele estremeceu. — Você tem falado com Az?

— Apenas minhas observações.

Ele desamarrou o cabelo, as mechas finas e lisas caindo ao redor de seu rosto. — Os Illyrianos... Eu te disse. Progresso é lento. É um objetivo nosso — meu e do Rhys, quero dizer.

— É mais difícil para as fêmeas se tornarem guerreiras?

— Não é apenas o treinamento. É ir contra os costumes da sociedade, também. E depois há o Rito de Sangue, que elas também teriam que completar.

— O que é o Rito de Sangue?

— É exatamente como soa. — Ele esfregou o pescoço. — Quando um guerreiro illyriano chega em pleno poder, geralmente na casa dos vinte anos, tem que passar pelo Rito de Sangue antes de poder ser considerado como guerreiro adulto em pleno poder. Os quase guerreiros de cada clã e aldeia são enviados - geralmente três ou quatro de cada um deles - espalhados por uma área nas montanhas illyrianas. Ficamos lá durante uma semana com dois objetivos: sobreviver, e chegar a Ramiel.

— O que é Ramiel? — Ela sentiu-se como uma criança com estas perguntas, mas a sua curiosidade levou a melhor.

— A nossa montanha sagrada. — Ele desenhou um símbolo familiar na terra: um triângulo com três pontos acima dela. Uma montanha, ela percebeu. E três estrelas. — É o símbolo da Corte Noturna. O Rito de Sangue é sempre quando Arktos, Carynth, e Oristes, as nossas três estrelas sagradas, brilham acima dele durante uma semana por ano. No último dia do Ritual, elas estão diretamente acima do seu pico.

— Então você sobe a montanha?

— Nós destruímos o nosso caminho para a montanha. — Os seus olhos tinham ficado rígidos. — Somos drogados e atirados para a selva, sem nada mais do que as nossas roupas.

— E você precisa participar?

— Uma vez dentro, não pode sair. Pelo menos até ao fim do Rito, ou até chegar ao pico de Ramiel. Se alguém invadir o Rito para o extrair ou salvar você, a lei declara que ambos serão caçados e mortos pela transgressão. Mesmo Rhys não está isento dessas leis.

Nestha estremeceu. — Parece bárbaro.

— Isso não é a metade. Há um feitiço no lugar para que as nossas asas se tornem inúteis e nenhuma magia pode ser usada. — Ele levantou uma mão, mostrando o Sifão vermelho nas suas costas. — A magia é rara entre os illyrianos, mas quando se manifesta, exige os Sifões para ser controlada, filtrada em algo utilizável. Mas nos dá uma vantagem sobre os outros Illyrianos sem ele - por isso o feitiço nivela o campo de jogo. No entanto, os illyrianos possuem magia numa noite por ano: a noite anterior ao Rito de Sangue, quando os líderes da banda de guerra podem atravessar os novatos drogados para a selva. Nem sequer me pergunte porquê. Ninguém sabe.

— Mas o Azriel pode atravessar o tempo todo.

— Az é diferente. De muitas maneiras. — O seu tom não convidava mais questionamentos.

— Então, sem o uso de magia no Rito, vocês matam uns aos outros da maneira normal? Espadas e punhais?

— As armas também são proibidas. Pelo menos as que são trazidas do exterior. Mas é possível construir a sua própria. Você precisa construir a sua própria arma. Ou então será massacrado.

— Pelos outros guerreiros?

— Sim. Clãs rivais, inimigos, imbecis à procura de notoriedade - tudo isso. Em algumas aldeias, quanto maior for o número de mortes, mais glória se traz. Os clãs mais atrasados afirmam que a matança é para aniquilar os guerreiros mais fracos, mas eu sempre pensei que era um grande desperdício de qualquer talento em potencial. — Cassian arrastou uma mão através do seu cabelo. — E depois há as criaturas que vagueiam pelas montanhas — alguns que podem facilmente derrubar um guerreiro Illyriano com garras e presas.

Uma memória sombria surgiu, de Feyre lhe contando sobre os animais horríveis que ela uma vez encontrados na região. Cassian prosseguiu: — Então você enfrenta tudo isso enquanto tenta fazer o seu caminho para as

encostas de Ramiel. A maioria dos machos esquece de poupar força suficiente para o final da semana para fazer a escalada. É um dia e uma noite de escalada brutal, onde uma queda pode matá-lo. A maioria nem sequer consegue chegar à base da montanha. Mas se o fizerem, o oponente muda. Não se está enfrentando outros guerreiros - está colocando você mesmo, a tua própria alma, contra a montanha. É normalmente esse fato que quebra qualquer pessoa que tenta escalá-la.

— E o que... você chega ao topo e ganha um troféu?

Cassian bufou, mas as suas palavras foram sérias. — Há uma pedra sagrada sobre ele. O primeiro a tocar nela ganha. Ela te transportará imediatamente para fora.

— E todos os outros, quando a semana termina?

— Quem ficar de pé é considerado um guerreiro. Onde você está quando termina, o classifica em um dos três escalões de guerreiros, com o nome das nossas estrelas sagradas: Arktosian, são os que não chegaram à montanha mas sobreviveram; Oristian, os que chegam à montanha mas não alcançar o topo; e Carynthian, são os que escalam o cume e são considerados a elite guerreira. Tocar na pedra no topo do Ramiel é ganhar o Rito. Apenas uma dúzia de guerreiros nos últimos cinco séculos alcançaram a montanha.

— Você tocou a pedra, eu pressumo.

— Rhys, Az, e eu a tocamos juntos, apesar de termos sido deliberadamente separados um do outro no início.

— Por que?

— Os líderes tinham medo de nós e daquilo em que poderíamos nos tornar. Pensavam que os guerreiros ou bestas iam dar conta de nós, se não nos tivéssemos uns aos outros para nos encostar. Eles estavam errados. — Os seus olhos brilhavam ferozmente. — O que eles aprenderam foi que nós amamos uns aos outros como verdadeiros irmãos. E não havia nada que não fizéssemos, ninguém que não matássemos, para nos alcançar. Para salvarmos uns aos outros. Nós destruimos o nosso caminho através das

montanhas, e conseguimos atravessar a Fratura — a pior das três rotas do Ramiel para o topo — e nós ganhamos a porcaria da coisa. Tocamos na pedra no mesmo momento, o mesmo fôlego, e nos tornamos Carynthian.

Nestha não conseguiu manter o choque fora do seu rosto. — E você disse que apenas doze se tornaram Carynthian... em quinhentos anos?

— Não. Doze conseguiram chegar à montanha e tornaram-se Oristian. Apenas outros três, além de nós, ganharam o Rito de Sangue e tornaram-se Carynthian. A sua garganta balançou. — Eram belos guerreiros, e lideravam unidades exemplares. Perdemos dois deles contra Hybern.

Provavelmente naquela explosão que tinha dizimado milhares deles. A explosão de que ela o tinha protegido. A ele, e apenas a ele.

O estômago de Nestha se apertou, com náuseas deslizando através dela. Ela forçou-se a respirar fundo. — Então você acha que as fêmeas não podem participar do Rito?

— Mor provavelmente ganharia a maldita coisa em tempo recorde, mas não. Eu não iria querer nem mesmo ela participando no Ritual. — A parte não dita do seu raciocínio estava fria nos seus olhos. Haveria um tipo de violência diferente para se defender, mesmo que as fêmeas fossem tão bem treinadas como os machos.

Nestha estremeceu. — Você poderia ter uma unidade feminina sem que elas passassem pelo Rito de Sangue?

— Elas nunca seriam honradas como verdadeiras guerreiras sem isso — sem um desses três títulos. Bem, eu iria considerá-las guerreiras, mas não o resto dos Illyrianos. Nenhuma outra unidade voaria com elas. Eles considerariam uma vergonha e um insulto. — Ela franziu a sobancelha e ele ergueu as mãos. — Como eu disse: a mudança vem lentamente. Ouviu a merda que o Devlon falou do seu ciclo. *Isso é considerado um progresso.* No passado, matavam uma mulher por pegar numa arma. Agora eles "descontaminam" a lâmina e chamam a si próprios de pensadores modernos. — O desgosto contorceu a sua feição.

Nestha relaxou até aos pés e olhou para o céu. A sua cabeça clareou ligeiramente. Ela não gostava da perspectiva de guardar livros nas estantes quando o seu corpo já estava doendo... Mas talvez ela visse Gwyn.

— Treinar as fêmeas Illyrianas — prosseguiu Cassian — não seria sobre lutar nas nossas guerras. Trata-se de provar que elas são tão capazes e fortes como os machos. Trata-se de dominar o seu medo, de aperfeiçoar a força que já têm.

— Do que elas tem medo?

— De se tornarem como a minha mãe. — disse ele suavemente. — Passar pelo que ela suportou.

O que as sacerdotisas debaixo da montanha tinham suportado.

Nestha pensava nas sacerdotisas silenciosas que não saíam da montanha, que habitavam na penumbra. Um rasgo passou através da sua memória, passando apressadamente, incapaz de suportar a presença de um estranho. Gwyn, com os seus olhos brilhantes que por vezes escureciam com sombras.

Cassian inclinou a sua cabeça para o lado do silêncio dela. — O que foi?

— Você treinaria fêmeas não Illyrianas?

— Eu estou treinando você, não estou?

— Quer dizer, consideraria... — Ela não sabia como dizer com elegância, não como o Rhysand e sua língua de prata. — As sacerdotisas na biblioteca. Se eu as convidasse para treinar conosco aqui, onde é privado e seguro. Você as treinaria?

Cassian piscou lentamente. — Sim. Quero dizer, claro, mas... — Ele encolheu. — Nestha, muitas das fêmeas da biblioteca não querem - não conseguem- ficar perto de machos de novo.

— Então pediremos a uma das suas amigas fêmeas para se juntar. Mor ou qualquer outra pessoa que você possa pensar.

— As sacerdotisas podem nem sequer conseguir ter estômago para me terem presente.

— Você nunca machucaria ninguém dessa maneira.

Os seus olhos amoleceram ligeiramente. — Não se trata disso para elas. É sobre o medo — o trauma que elas suportam. Mesmo que elas saibam que eu nunca lhes faria isso, posso trazer de volta memórias que são incrivelmente difíceis de enfrentar.

— Disse que este treino me ajudaria com os meus... problemas. Talvez pudesse ajudá-las. No mínimo, lhes daria uma razão para saírem um pouco.

Cassian a observou durante um longo momento. Depois disse — Quem quer que consiga subir aqui conosco, eu treinarei de bom grado. Mor está fora, mas posso pedir à Feyre.

— A Feyre não. — Nestha detestava essas palavras. A forma como as suas costas se endureceram. Ela não conseguia olhar para ele quando disse — Eu só... — Como ela poderia explicar o emaranhado entre ela e a sua irmã? A auto-aversão que ameaçava consumi-la sempre que ela olhava para o rosto da irmã?

— Tudo bem — repetiu Cassian. — A Feyre não. Mas preciso avisar a ela e ao Rhys. Você provavelmente também deveria pedir permissão a Clotho. — Uma mão quente apertou-lhe o ombro e o balançou. — Gosto desta ideia, Nes. — Os seus olhos de avelã brilhavam. — Gosto muito.

E, por alguma razão, as palavras significavam tudo.

17

— Tenho uma proposta para você.

Com os músculos do abdômen latejando, as pernas doendo, Nestha ficou de pé diante da mesa de Clotho enquanto a sacerdotisa terminava de escrever em um manuscrito qualquer em que fazia anotações, sua caneta encantada se arrastando junto.

Clotho levantou a sua cabeça enquanto a caneta escrevia a sua última marca e escreveu sobre um pedaço de papel. *Sim?*

— Você permitiria que suas sacerdotisas treinassem comigo todas as manhãs no ringue de treino no topo da Casa? Não todas, apenas as que estiverem interessadas.

Clotho ficou perfeitamente imóvel. Então, sua caneta se moveu.

Treinar para que?

— Para fortalecer os seus corpos, para se defenderem, para atacarem, se assim o desejarem. Mas também para clarear as suas mentes. Ajudar a equilibrá-las.

Quem irá supervisionar esse treinamento? Você?

— Não. Não sou qualificada para tanto. Estarei treinando com elas. — Seu coração batia acelerado. Ela não tinha certeza do motivo. - Cassian irá supervisionar. Ele não é desrespeitoso com as mãos... quer dizer, ele tem muito respeito e... — Nestha sacudiu a cabeça. Ela soava como uma verdadeira idiota.

Sob as sombras do seu capuz, Nestha podia sentir o olhar de Clotho se arrastar sobre ela. A caneta se moveu novamente.

Muitas não irão aparecer, eu receio.

— Eu sei. Mas mesmo uma ou duas... eu gostaria de pelo menos oferecer.

— Nestha fez um gesto em direção a um pilar atrás de Clotho. — Colocarei uma folha de inscrição ali. Quem quiser se juntar a nós, será bem-vindo.

Mais uma vez, aquele olhar longo debaixo do capuz da sacerdotisa, o seu peso como um toque fantasmagórico.

Então, Clotho escreveu:

Quem quiser se juntar, tem a minha bênção.



Naquele dia, Nestha pendurou a folha de inscrição no pilar.

Quando ela partiu, ninguém havia escrito seu nome na folha.

Ela acordou cedo, caminhou até à biblioteca para verificar a lista, e a encontrou ainda vazia.

— Vai levar tempo — Cassian a consolou quando leu o que quer que estivesse gravado no rosto dela enquanto entrava no ringue de treino. Acrescentou, suavemente — *Continue a estender a mão.*

Então, foi o que Nestha fez.

Todas as tardes, quando chegava à biblioteca, ela verificava a lista. Todas as noites, quando saía, ela verificava novamente. Estava sempre vazia.

Nos treinamentos, Cassian começou a instruí-la sobre o básico das posições dos pés e do posicionamento do corpo em combate corpo a corpo. Sem

socos ou pontapés, ainda não. Nestha conseguiu segurar aquela prancha infernal durante dez segundos. Depois quinze. Depois vinte. Trinta.

Cassian adicionou pesos aos seus exercícios, a fim de fortalecer seus braços frágeis. Pedras pesadas com pegadores esculpidos para ela segurar enquanto fazia os seus agachamentos.

Durante tudo isso, ela respirava, respirava e respirava.

Ela tentou descer as escadas novamente. Chegou aos quinhentos degraus antes de seus músculos exigirem que ela retornasse. Na noite seguinte, ela chegou aos seiscentos e dez degraus. Depois, setecentos e cinquenta.

Ela não sabia o que faria quando chegasse no final da escadaria: encontraria uma taverna ou alguma casa de prazer e beberia até ficar em estado de estupidez, ela supôs. Se ela conseguisse, ela mereceria, ela dizia a si mesma a cada passo.

À noite, a exaustão era tanta que ela mal conseguia comer e se banhar antes de cair na cama. Mal conseguia ler um capítulo de um livro antes de suas pálpebras se fecharem. Ela havia encontrado um romance sujo que ela já havia lido e amado em um dos baús que Elain havia arrumado para ela, e o colocou sobre sua mesa.

Ela havia dito para o ar — Encontrei isso para você. É um presente. — O livro, então, havia sumido. Mas pela manhã, ela tinha encontrado um buquê de flores outonais em cima de sua mesa, o vaso de vidro cheio de ásteres e crisântemos de todas as cores.

Uma semana se passou, durante a qual ela mal viu Gwyn, embora tenha descoberto através de Clotho que Merrill estava exigindo muito dela no que se referia a investigação sobre as Valquírias. Mas Nestha tinha tantos livros para devolver às estantes que as horas passavam rapidamente.

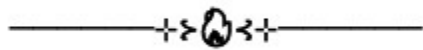
Especialmente depois de ter começado a utilizar os livros para treinar. Enquanto subia a rampa, ela segurava uma pilha pesada e executava uma série de agachamentos. Em várias ocasiões, ela flagrou sacerdotisas passando no nível acima, analisando-a enquanto ela realizava os exercícios.

Todos os dias, ela verificava a folha de inscrição no pilar atrás da mesa de Clotho. Vazia.

Dia após dia, dia após dia.

Continue a estender a mão, Cassian havia dito.

Mas do que isso valeria, ela começou a se perguntar, se ninguém se importava em retribuir o contato?



— Se segurar seu punho desse jeito quanto der um soco em alguém, vai estilhaçar seu polegar.

Ofegante, com o suor a escorrer por suas costas como um rio, Nestha olhou carrancuda para Cassian. Ela ergueu o punho que ele havia instruído a fechar, o seu polegar dentro dos seus dedos dobrados. - O que está errado com meu punho?

— Mantenha o seu polegar sobre seu dedo indicador e seu dedo do meio. — Ele ergueu o punho, para demonstrar, e moveu seu polegar encostado contra seus dedos. — Se socar com o seu polegar, vai doer como o inferno.

Estudando o punho erguido de Cassian, Nestha imitou o posicionamento em sua própria mão. — E depois?

Ele tocou o queixo. — Se coloque na posição que treinamos ontem. Pés paralelos, cravando sua força no chão...

— Eu sei, eu sei. — Nestha murmurou, e se colocou na posição que ele havia feito ela praticar durante três dias. Ela analisou seus pés enquanto eles se colocavam em posição, depois dobrou ligeiramente os joelhos, balançando duas vezes para ter a certeza que estava centralizada.

Cassian circulou ao redor dela. — Bom. Qualquer soco que dê deve ser rápido e preciso, não um balanço selvagem que cause desequilíbrio e a

prive da força do seu braço. O seu corpo e a sua respiração darão mais força ao soco do que seu braço. — Ele se posicionou de forma semelhante, e atingiu o ar.

Ele se moveu tão suavemente, tão brutalmente, que o golpe aconteceu antes que ela conseguisse piscar os olhos.

Ele estendeu o braço quando terminou, os músculos contraindo. Ele havia enrolado suas mangas por causa do dia quente de outono, mas não tinha tirado a camisa. À luz forte do sol, a tatuagem ao longo do seu braço esquerdo parecia engolir a claridade. - Alinhe os nós dos seus dois primeiros dedos com o seu antebraço. É com isso que quer bater, e a força no seu braço vai passar diretamente por eles. Se bater com o seu dedo anelar e o mindinho, vai quebrar a sua mão.

— Não fazia ideia que dar um soco era tão carregado de perigos.

— Aparentemente, é preciso inteligência para ser um bruto.

Nestha franziu suas sobrancelhas, mas se concentrou em alinhar o seu antebraço e o nós dos dedos que ele tinha indicado. — Assim?

— Para bater com os nós dos dedos adequados, é preciso inclinar o pulso para baixo, apenas um pouco.

— Por que?

— Para que seu pulso não se parta.

Ela baixou o braço. — Considerando quantas formas existem de partir a minha própria mão quando esmurro alguém, não me parece que valha a pena.

— É por isso que um bom guerreiro sabe escolher suas batalhas. - Ele baixou o seu punho. — Tem de se perguntar se o risco vale a pena cada vez que escolhe.

— E você sempre consegue dar um soco com perfeição?

— Sim — disse Cassian, sem uma pitada de dúvida. Ele sacudiu os cabelos para longe dos olhos. — Bem, na maioria das vezes. Houveram algumas brigas em que eu não tinha o ângulo certo, mas um soco, mesmo um que poderia quebrar minha mão, era a melhor maneira de sair da situação. Quebrei a minha mão... — Ele apertou os olhos em direção ao céu, como se estivesse fazendo uma contagem mental. — Ah, provavelmente dez vezes.

— Em quinhentos anos.

— Não posso ser perfeito a cada momento, todos os dias, Nes. — Os olhos dele cintilaram.

Eles não haviam repetido a loucura ocorrida no corredor na semana passada. E ela estava sempre demasiadamente cansada à noite para sequer chegar até a sala de jantar, quanto mais para dar prazer a si mesma na cama.

— Certo — disse ele. — Agora mova seus quadris enquanto dá o soco. — Ele bateu no ar novamente. Desta vez, se moveu mais lentamente, permitindo que ela analisasse como seu corpo fluía através do movimento. — Vai envolver seu abdômen e seus ombros no movimento, dando mais força. — Outro soco no ar.

— Então, esses exercícios abdominais são úteis para mais do que apenas exibir seus músculos?

Ele lhe lançou um sorriso irônico. — Acha mesmo que isso é só para exibição?

— Acho que flagrei você se olhando naquele espelho pelo menos uma dúzia de vezes a cada lição. — Nestha acenou com a cabeça para o espelho ao redor do ringue.

Ele riu. — Mentirosa. Você usa esse espelho para me observar quando acha que não estou prestando atenção

Ela se recusou a deixá-lo ver a verdade no rosto dela. Recusou tanto que abaixou a cabeça. Se concentrou novamente em seu posicionamento.

— Está toda concentrada hoje, hein?

— Você quer que eu treine — Nestha disse, friamente — então me treine.

Mesmo que nenhuma sacerdotisa aparecesse, mesmo que ela fosse uma tola por ainda manter a esperança de que elas viriam, ela não se importou em seguir treinando. Clareava a sua mente, requeria tanta concentração e respiração que os pensamentos que rugiam em sua cabeça tinham poucas oportunidades de devorá-la inteira. Só nos momentos de silêncio é que esses pensamentos apareciam novamente, geralmente quando ela perdia o foco enquanto trabalhava na biblioteca ou se banhava. E quando isso acontecia, a escadaria sempre a puxava. Os dez mil degraus infernais.

Mas isso faria qualquer coisa — o treino, o trabalho, as escadas — além de mantê-la ocupada? Os pensamentos ainda esperavam como lobos para se enrolarem ao redor dela. Para rasgar ela ao meio.

Eu te amei desde o primeiro momento em que te segurei nos meus braços

Os lobos se aproximaram, as garras estalando.

— Para onde você foi? — Cassian perguntou, os olhos escurecidos de preocupação.

Nestha se posicionou novamente. Isso fez os lobos recuarem um passo. — A lugar nenhum.



Elain estava na biblioteca privada.

Nestha sabia antes mesmo de subir as escadas, coberta de poeira vinda da biblioteca.

O aroma delicado de sua irmã, de jasmim e mel, enchia o corredor de paredes vermelhas como uma promessa de primavera, um rio cintilante que ela seguiu através das portas abertas da biblioteca.

Elain estava em frente a parede cheia de janelas, vestida com um vestido lilás, cujo corpete mostrava como a sua irmã tinha recuperado seu peso desde aqueles primeiros dias na Corte Noturna. Desapareceram os ossos que marcavam sua pele, substituídos por suavidade e curvas elegantes. Nestha sabia que ela própria tinha tido aquela aparência outrora, mesmo que os peitos de Elain sempre tivessem sido mais pequenos.

Nestha olhou para si mesma, ossuda e desengonçada. Sua irmã voltou-se para ela, resplandecendo de saúde.

O sorriso de Elain era tão brilhante como o sol se pondo atrás das janelas. — Pensei em passar por aqui para ver como você está.

Alguém havia trazido Elain até a Casa, uma vez que não havia como ela ter subido aqueles dez mil degraus.

Nestha não devolveu o sorriso da irmã, mas gesticulou para seu próprio corpo, a roupa de couro, a poeira. — Estive ocupada.

— Você parece um pouco melhor do que há algumas semanas.

A última vez que tinha visto Elain havia sido uma semana antes de vir para a Casa. Tinha passado pela irmã na movimentada praça do mercado, a que chamavam de Palácio de Ossos e Sal, e apesar de Elain ter parado, sem dúvida com a intenção de falar com ela, Nestha tinha seguido sua caminhada. Não olhou para trás antes de desaparecer na multidão. Nestha não quis nem pensar em quão ruim sua aparência estava naquele dia, se a imagem que apresentava agora era melhor.

— Você está com uma cor boa, quero dizer — esclareceu Elain, se afastando das janelas com passos largos para atravessar a sala. Ela parou a alguns metros de distância de Nestha. Como se estivesse segurando a si mesma do abraço que poderia ter dado.

Como se Nestha tivesse algum tipo de doença leprosa.

Quantas vezes tinham estado nesta mesma sala durante aqueles primeiros meses? Quantas vezes essa cena tinha acontecido, mas com suas posições

trocadas? Elain havia sido o fantasma, até então, demasiado magra, com os seus pensamentos trancados em sua mente.

De alguma forma, Nestha havia se tornado o fantasma agora.

Pior do que um fantasma. Um espectro, cuja fúria e fome não tinham fim, eram eternas.

Elain havia precisado apenas de tempo para se ajustar. Mas Nestha sabia que ela precisava de mais do que isso.

— Está gostando do seu tempo aqui em cima?

Nestha encontrou os olhos castanhos quentes da sua irmã. Quando humana, Elain era facilmente a mais bonita entre as três irmãs, e quando ela foi transformada em Feérica sua beleza havia se amplificado. Nestha não sabia explicar que mudanças haviam ocorrido além das orelhas pontiagudas, mas Elain tinha passado de adorável a devastadoramente linda. Elain, aparentemente, não percebia isso.

Sempre foi assim entre elas: Elain, doce e alheia, e Nestha, o lobo rosnando ao seu lado, pronto a triturar qualquer um que ameaçasse sua irmã.

Elain é agradável aos olhos, a sua mãe havia dito uma vez enquanto Nestha estava ao lado de sua penteadeira, uma criada escovando silenciosamente os cabelos castanhos dourados da mãe, mas ela não tem qualquer ambição. Ela não tem sonhos além do seu jardim e roupas bonitas. Ela será mais valiosa para nós no mercado casamenteiro um dia, se essa beleza permanecer, mas serão as nossas próprias manobras, Nestha, não as dela, que vão nos trazer uma parceria vantajosa.

Nestha tinha doze anos na época. Elain mal tinha completado onze anos.

Ela tinha absorvido cada palavra do esquema criado por sua mãe, planos para um futuro que nunca tinha acontecido.

Teremos de pedir que seu pai vá ao continente quando o tempo certo chegar, sua mãe havia dito inúmeras vezes. Aqui não há homens dignos de

nenhuma de vocês duas. Feyre nem sequer tinha sido considerada até então, uma criança taciturna e estranha a quem a mãe ignorou.

A realeza humana ainda governa lá... senhores, duques e príncipes. Mas a riqueza deles está esgotada, muitas de suas propriedades em ruínas. Duas belas damas com uma fortuna digna de um rei poderiam ir longe.

Posso casar com um príncipe? Nestha havia pedido. A mãe dela apenas sorriu.

Nestha sacudiu a cabeça e finalmente disse. — Eu não tenho outra escolha senão estar aqui, então não vejo como poderia estar gostando do meu tempo aqui.

Elain torceu os seus dedos finos, suas unhas sempre curtas para trabalhar no jardim. — Sei que as circunstâncias que ensejaram sua vinda aqui foram horríveis, Nestha, mas você não precisa ficar tão miserável por isso.

— Eu me sentei ao seu lado durante semanas. — Nestha disse, categoricamente. — Semanas, enquanto você desaparecia, recusando comida e bebida. Enquanto você parecia esperar apenas murchar e morrer.

Elain vacilou. Mas Nestha não conseguiu impedir que as palavras se derramassem. — Ninguém sugeriu que *você* entrasse em forma, ou seria enviada de volta às terras humanas.

Elain, surpreendentemente, permaneceu firme. — Eu não estava bebendo até perder a consciência e... e fazendo aquelas outras coisas.

— Fodendo estranhos?

Elain vacilou novamente, seu rosto corando.

Nestha bufou. — Você está vivendo no meio de seres que não possuem nenhuma das nossas pretensões humanas, sabe. — Elain voltou a endireitar os ombros, enquanto Nestha adicionava — Não é como se você e Graysen não tivessem agido por causa dos seus sentimentos.

Foi um golpe baixo, mas Nestha não se importou. Ela sabia que Elain tinha perdido sua virgindade para Graysen um mês antes de terem sido transformadas em Feéricas. Elain havia brilhado na manhã seguinte.

Elain inclinou a cabeça. Não se dissolveu em uma confusão chorosa, o que normalmente acontecia quando Graysen era mencionado. Em vez disso, ela disse — Você está com raiva de mim.

Muito bem, então. Ela também podia ser direta. Nestha retrucou. — Por empacotar minhas coisas enquanto Rhys e Feyre me diziam que eu sou uma pilha de merda sem valor? Sim.

Elain cruzou os braços e disse calmamente, com tristeza. — Feyre me avisou que isso poderia acontecer.

As palavras atingiram Nestha como uma bofetada. Tinham falado sobre ela, sobre seu comportamento, suas atitudes. Elain e Feyre. Era assim que as coisas estavam agora. A conexão que Elain havia escolhido.

Era inevitável, Nestha supôs, o estômago se agitando. Ela era o monstro. Por que as duas não deveriam se juntar e empurrá-la para fora? Mesmo que ela tivesse acreditado, de forma tola, que Elain sempre havia visto todas as partes horríveis dela e decidido ficar ao seu lado, de qualquer maneira.

— Eu quis vir, mesmo assim — Elain prosseguiu com aquela calma concentrada, a quietude de aço crescendo em sua voz. — Eu queria te ver, para explicar.

Elain escolheu Feyre, escolheu o seu pequeno mundo perfeito. Amren não havia sido diferente. Nestha se empertigou. — Não há nada para explicar.

Elain ergueu as mãos. — Nós fizemos isso porque *amamos* você.

— Me poupe dessa merda, por favor.

Elain se aproximou, com seus grandes olhos castanhos. Sem dúvida, totalmente convencida da sua própria inocência, da sua bondade inata. — É

a verdade. Nós fizemos isto porque amamos você, e nos preocupamos com você, e se nosso pai estivesse aqui...

— *Nunca*

mencione ele. — Nestha mostrou os dentes, mas manteve sua voz baixa. — *Nunca mas mencions ele de novo, porra.*

Ela proibiu sua coleira de se soltar completamente. Mas ela sentiu. A agitação daquela besta terrível dentro dela. Sentiu seu poder surgindo, ardendo, ainda que frio. Ela tentou alcançá-lo, empurrá-lo para baixo, para baixo, para baixo, mas já era tarde. O suspiro de Elain confirmou que os olhos de Nestha tinham se tornado chamas prateadas, como Cassian havia descrito.

Mas Nestha sufocou o fogo na sua escuridão, até que ela estivesse fria e vazia novamente.

A dor invadiu lentamente o rosto de Elain. E compreensão. — É tudo sobre isso? Nosso pai?

Nestha apontou para a porta, o dedo tremendo com o esforço para manter aquele poder que se contorcia sob controle. Cada palavra proferida pela boca de Elain ameaçava desfazer seu controle. — *Saia.*

Lágrimas revestiram os olhos de Elain, mas a sua voz se manteve firme, clara. — Não havia nada que pudesse ser feito para salvá-lo, Nestha.

As palavras a inflamaram. Elain havia aceitado a morte dele como inevitável. Ela não tinha se dado ao trabalho de lutar por ele, como se ele não valesse o esforço, precisamente como Nestha sabia que ela mesma não valia o esforço.

Desta vez, Nestha não impediu o poder de brilhar nos seus olhos; ela tremeu tão violentamente que teve que apertar suas mãos em punho ao lado do corpo. — Você diz a si mesma que não havia nada que pudesse ter sido feito porque é insuportável pensar que *você* poderia ter salvado ele, se

apenas tivesse se prestado a aparecer alguns minutos mais cedo. — A mentira teve um gosto amargo na sua boca.

Não era culpa da Elain que o seu pai tivesse morrido. Não, essa culpa era inteiramente de Nestha. Mas se Elain estava tão determinada em arrancar o que houvesse de bom nela, então ela mostraria à irmã o quão feia ela poderia ser. Deixaria uma fração dessa agonia rasgar através dela.

Foi por essa razão que Elain havia escolhido Feyre.

Por isso.

Feyre tinha resgatado Elain inúmeras vezes. Mas Nestha havia permanecido sentada, armada apenas com sua língua de víbora. Permaneceu sentada enquanto elas passavam fome. Permaneceu sentada quando Hybern as raptou e empurrou para dentro do Caldeirão. Permaneceu sentada quando Elain foi sequestrada. E quando o pai delas havia estado nas garras de Hybern, ela não tinha feito nada, *nada* para salvá-lo, também. O medo tinha congelado Nestha, cobrindo sua mente, e ela havia deixado, deixado dominá-la. Então, quando o pescoço do seu pai havia quebrado, já era tarde demais. E a culpa era inteiramente dela.

Por que Elain *não* escolheria Feyre?

Elain enrijeceu, mas se recusou a se afastar do que quer que seja que agora brilhava no olhar de Nestha. — Acha que *eu* sou a culpada pela morte dele? — O desafio permeou cada palavra. Desafio, de Elain, entre todas as pessoas. — Ninguém, a não ser o Rei de Hybern, é culpado por isso. — O tremor na sua voz desmentiu suas palavras firmes.

Nestha sabia que tinha atingido seu objetivo. Ela abriu a boca, mas não conseguiu continuar. O suficiente. Ela já havia dito o suficiente.

E rápido assim, o poder nela recuou, desaparecendo como fumaça ao vento. Deixando apenas a exaustão pesando seus olhos, sua respiração. — Não importa o que eu penso. Volte para Feyre e para o seu pequeno jardim.

Mesmo durante as suas brigas na cabana, quando lutavam para decidir quem ganharia roupas ou botas ou fitas, nunca tinha sido assim. Aquelas lutas eram mesquinhas, nascidas da miséria e do desconforto. Esta era uma besta completamente diferente, nascida de um lugar tão obscuro quanto a escuridão na base da biblioteca.

Elain se dirigiu para as portas, o vestido roxo varrendo o chão atrás dela. — Cassian disse acreditar que o treinamento estava ajudando — murmurou ela, mais para si própria do que para Nestha.

— Lamento decepcionar. — Nestha fechou as portas com tanta força que elas sacudiram.

O silêncio encheu a sala.

Ela não se virou em direção às janelas para ver quem iria passar com Elain, quem seria testemunha das lágrimas que Elain provavelmente derramaria.

Nestha escorregou para uma das poltronas em frente a lareira sem fogo e olhou fixamente para nada.

Ela não parou os lobos quando eles se juntaram à sua volta, odiosos, com verdades afiadas em suas línguas vermelhas. Ela não os deteve quando eles começaram a despedaçá-la.



Quando Elain explodiu para dentro da sala de jantar da Casa, Cassian e Rhys estavam sacudindo o ar frígido que uivava no Acampamento Illyriano Refúgio do Vento.

Os seus olhos castanhos estavam brilhando com lágrimas, mas ela manteve o queixo erguido.

— Eu quero ir para casa. — disse ela, com a voz oscilando ligeiramente.

Cassian olhou para Rhys, que tinha deixado a irmã Archeron na Casa antes de trazer Cassian do acampamento Refúgio do Vento. Ele queria ver com os seus próprios olhos quão prontos estavam os Illyrianos para lutar. Que Rhys não tivesse encontrado nenhuma falha deixou Cassian tão eufórico quanto o encheu de pavor. Se a guerra começasse novamente, quantos iriam morrer? Era o destino da vida de um soldado lutar, marchar com a Morte ao seu lado, e ele tinha liderado os machos à batalha inúmeras vezes. No entanto, quantas promessas insensatas ele havia feito às famílias daqueles que tinham perecido na última guerra, de que a paz duraria algum tempo? Quantas famílias mais ele teria que confortar? Ele não sabia porque era diferente desta vez, porque pesava tanto. Mas enquanto Rhys e Devlon conversavam, Cassian encarava as crianças no Acampamento, se perguntando quantas iriam perder seus pais.

Cassian pôs de lado a lembrança enquanto Rhys examinava Elain, seus olhos azuis violeta sem perder nenhum movimento. - O que aconteceu.

Quando Rhys falava assim, era mais um comando do que uma pergunta.

Elain acenou com a mão, como se pedisse para ele deixar aquilo de lado, antes de abrir as portas da varanda e caminhar para o ar livre.

— Elain — disse Rhys enquanto ele e Cassian a seguiram até à luz do dia que se desvanecia.

Elain parou em frente a grade, a brisa acariciando seus cabelos. — Ela não está melhorando. Não está nem sequer tentando. — Ela enrolou os próprios braços à sua volta e olhou para o mar distante.

Rhys virou para ele, seu rosto grave.

Feyre a avisou.

Cassian xingou suavemente.

Nestha está progredindo, eu sei que está. Alguma coisa a fez explodir.

Ele acrescentou, porque Rhys ainda parecia a personificação de uma morte fria. *Vai levar tempo. Talvez não traga mais as irmãs para visitá-la, pelo menos por enquanto. Pelo menos não sem a sua permissão.* Ele não queria isolar Nestha. De modo algum.

Se Elain quiser vê-la novamente, me deixe perguntar a Nestha antes.

A voz do Rhys se arrastou como uma noite líquida. *E quanto a Feyre?*

Ela não quer a Feyre aqui.

Poder retumbou através da Rhys, rasgando as estrelas nos seus olhos.

Se acalme, porra. Cassian estalou.

Elas têm suas próprias merdas para resolver. Ameaçar obliterar Nestha cada vez que elas surgem não ajuda em nada.

Rhys manteve o seu olhar fixo nele, o domínio inerente no olhar tão forte quanto um maremoto. Mas Cassian resistiu. Deixou se arrastar através dele. Então Rhys sacudiu a sua cabeça e disse a Elain - Eu levo você para casa.

Elain não se opôs quando Rhys pegou-a em seus braços e se lançou para o céu manchado de vermelho e cor-de-rosa.

Quando eles pareciam um grão preto e roxo sobre os telhados, Rhys planando ao longo do rio dourado como se estivesse dando a Elain um passeio cênico, então, e só então, Cassian entrou na Casa.

Atravessou a sala de jantar e entrou no corredor, desceu as escadas, os seus pés engolindo cada centímetro de distância até ele abrir as portas da biblioteca familiar.

— Que porra aconteceu?

Nestha estava sentada numa poltrona em frente a lareira escura, os dedos afundando nos braços da cadeira. Uma rainha sobre um trono acolchoado.

— Não quero falar com você. — foi tudo o que ela disse.

O seu coração trovejou, o seu peito arfante como se tivesse corrido mil quilômetros. — O que você disse a Elain?

Ela se inclinou para a frente, para olhar para ele. Então se ergueu, um pilar de aço e chamas, mostrando seus dentes em ameaça. — É claro que você presumiu que eu fui a culpada. — Ela se aproximou, os seus olhos ardendo com fogo frio. — Sempre defendendo a doce e inocente Elain.

Ele cruzou os braços, deixou ela se aproximar dele, tanto quanto ela queria. Ele não iria, de jeito nenhum, ceder um passo para ela. — Vou lembrar que você tem sido a chefe defensora da doce e inocente Elain até recentemente. — Ele tinha testemunhado ela ir de cara a cara contra Feéricos capazes de a massacrar sem nem pensar, tudo pela irmã.

Nestha fervia, quase tremendo de raiva. Ou frio. Caldeirão, estava frio aqui dentro. Apenas o piso aquecido oferecia algum alívio.

— Fogo — disse ele, e a Casa obedeceu. Uma grande chama começou a arder na lareira atrás dele.

— Sem fogo — disse ela, focada em Cassian, embora as suas palavras não fossem para ele.

A Casa pareceu ignorá-la.

— *Sem fogo* — ordenou ela. Ele podia jurar que ela tinha ficado ligeiramente pálida.

Por um instante, ele estava novamente na casa da mãe de Rhys no acampamento Refúgio do Vento. Ela havia olhado e olhado para o fogo, como se falasse com as chamas, como se estivesse inconsciente de que até mesmo ele estava lá.

O fogo crepitou e estalou. Nestha falou para o ar — *Eu disse...*

Um tronco rachou, como se a Casa a ignorasse alegremente, adicionando calor à chama.

Mas Nestha vacilou. Apenas um piscar de olhos e um tremor, mas todo o seu corpo enrijeceu. O medo e o pavor invadiram seus traços por um instante, e então desapareceram.

Estranho.

Qualquer que fosse a curiosidade que Nestha notou no rosto dele já fez ela se arrepiar novamente antes de se lançar às portas abertas da biblioteca.

— Aonde você vai? — exigiu ele, incapaz de manter sua voz calma.

— Sair. — Ela entrou no corredor e se dirigiu à escadaria.

Cassian a seguiu, um rosnado escapando de sua garganta. Ele rapidamente fechou a distância entre eles.

— Me deixe em paz! — ela bufou.

— Qual é o plano, Nes? — Ele a seguiu até ao nível mais baixo da Casa e até a escadaria no meio do corredor. — Você ataca as pessoas que te amam até que elas eventualmente desistam e te deixem em paz? É isso que você quer?

Ela puxou a maçaneta da porta antiga e atirou um olhar fulminante sobre o ombro para ele. Ela abriu a boca, depois fechou antes de dizer o que quer que fosse que quase havia escapado.

Como se ela estivesse se segurando por ele. Por pena dela. Para *poupá-lo*. Como se ele precisasse de proteção contra ela.

— Fale — ele sibilou. — Fale, porra. — O olhar de Nestha se acendeu com aquele fogo prateado. O seu nariz se enrugou com uma fúria animalesca.

Os Sifões em suas mãos aqueceram, se preparando para um inimigo que ele se recusava a reconhecer.

Os olhos dela deslizaram para as pedras vermelhas. E quando voltaram a se erguer para encará-lo, o fogo profano no seu olhar havia desaparecido. Substituído por algo tão morto e vazio que era como olhar para os olhos

invisíveis de um soldado caído sobre um campo de batalha. Ela tinha visto os corvos bicando olhos tão mortos quanto aqueles.

Nestha não disse nada enquanto se virava para a escadaria e iniciava sua descida.

18

Havia apenas a pedra vermelha da escada, sua respiração irregular, e as facas que viraram para dentro, fatiadas e cortadas, as paredes empurrando para dentro, suas pernas queimando a cada passo para baixo.

Ela não queria estar em sua cabeça, não queria estar em seu corpo. Queria a batida da bateria e a música de um violino para enchê-la de som, para silenciar qualquer pensamento. Queria encontrar uma garrafa de vinho e beber fundo, deixar o vinho tirá-la de si mesma, colocar sua mente à deriva e dormente.

Para baixo e para baixo e para baixo.

Girando, girando e girando.

Nestha passou o degrau com sua impressão digital queimada. Passou o degrau duzentos e cinquenta, trezentos, quinhentos, oitocentos.

Foi no passo oitocentos e três que suas pernas começaram a oscilar.

Sua cabeça rugiu e ela se concentrou em manter-se em pé.

No milésimo degrau, ela parou completamente.

Havia apenas o silêncio em volta.

Nestha fechou os olhos e inclinou a testa para a pedra fria à sua direita, trazendo um braço para descansar contra ela, como se estivesse agarrada a um amante. Ela poderia ter jurado que um batimento cardíaco bateu na pedra, como se batesse dentro de um peito sob sua orelha

Foi o próprio sangue borbulhando, ela disse a si mesma. Mesmo quando ela se agarrou à parede, àquele batimento cardíaco.

Ela deixou sua respiração entrar e sair. Deixou o tremor de seu corpo diminuir.

O batimento cardíaco na pedra desapareceu. A parede ficou gelada sob sua bochecha corada. Áspera contra as pontas dos dedos.

Ela começou a caminhada para cima. Um passo atrás do outro.

Coxas esticando, joelhos gemendo, peito em chamas.

Sua cabeça tinha se esvaziado no momento em que ela rastejou até os últimos vinte passos. Ela teve que parar cinco vezes para descansar. Cinco vezes, apenas pelo tempo que demorou para recuperar o fôlego e se estabilizar — apenas até que o rugido ameaçou pressionar novamente.

Ela estava acabada, totalmente vazia, quando ela voltou a ficar de pé. Cassian encostou-se na parede oposta, com a cara séria.

— Eu não sinto vontade de lutar com você — disse ela sem rodeios, muito drenada para ficar com raiva. Ela sabia que poderia usar o acordo deles para ordená-lo a levá-la até a cidade, mas ela não possuía energia para se incomodar. — Boa noite.

Ele caminhou até ela, as asas a bloqueando

— Até que degrau você chegou desta vez? — Como se importasse.

— Mil — suas pernas pulsavam e latejavam.

— Impressionante.

Nestha levantou o olhar para seu rosto, e o encontrou sério. Ela não se preocupou em esconder o cansaço pesando em cada parte dela.

Ela tentou passar por ele, mas ele não abaixou as asas. Além de socar o caminho, ela não estava conseguindo passar.

— O que?

— O que te incomodou hoje?

— Tudo. — Ela não queria dizer mais nada.

— O que Elain disse a você?

Ela não podia se lembrar dessa conversa, não podia falar sobre seu pai ou sua morte ou nada disso. Então ela fechou os olhos pesados.

— Por que elas não se inscrevem para o treinamento?

Ele sabia de quem ela estava falando.

— Talvez elas não estejam prontas.

— Eu pensei que elas se inscreveriam.

— É por isso que você está chateada? — Sua pergunta era tão gentil, tão triste.

Nestha abriu os olhos.

— Algumas delas estão aqui há centenas de anos e ainda não foram capazes de voltar do que sofreram. Então, que esperança eu tenho?

Ele esfregou em seu ombro, como se estivesse dolorido.

— Estamos trabalhando há apenas duas semanas, Nestha. Fisicamente, você pode estar vendo mudanças, mas o que está acontecendo em sua mente, seu coração, vai demorar muito mais do que isso. Cacete, Feyre levou meses...

— Eu não quero ouvir sobre Feyre e sua jornada especial. Eu não quero ouvir sobre a jornada de Rhys. Ou a de Morrigan, ou de ninguém.

— Por que?

As palavras, a raiva, voltaram novamente. Ela se recusou a falar, em vez disso se concentrou em abafar aquele poder dentro dela até que não fosse mais que um murmúrio.

— Por que? — ele insistiu.

— Porque eu não quero — ela retrucou — Coloque essas asas de morcego longe de mim.

Cassian obedeceu, mas aproximou-se cobrindo o corpo dela.

— Então eu vou lhe contar sobre a minha jornada especial, Nes — O tom dele era gelado de uma forma que ela nunca tinha ouvido.

— Não.

— Eu massacrei todas as pessoas que machucaram minha mãe.

Ela piscou para ele, o peso desaparecendo com as palavras cruéis.

O rosto de Cassian tinha apenas raiva antiga.

— Quando eu era velho e forte o suficiente, voltei para a aldeia onde nasci, onde eu fui arrancado de seus braços, e descobri que ela estava morta. E não havia ninguém com quem eu pudesse lutar para mudar isso. Se recusaram a me dizer onde a enterraram. Uma das fêmeas insinuou que eles a jogaram do penhasco.

Horror e algo como dor passou por ela.

Seus olhos brilhavam com luz fria.

— Então eu os destruí. Qualquer um que não fosse responsável — crianças, algumas mulheres e idosos — eu os deixei ir partir, mas qualquer um que tivesse desempenhado um papel em seu sofrimento... eu os fiz sofrer em troca. Rhys e Azriel me ajudaram. Encontrei o pedaço de merda que me gerou. Deixei que meus irmãos o destruíssem e depois eu acabei com ele.

As palavras pairavam sobre eles.

Ele disse com fúria suave:

— Levei dez anos até poder enfrentar isso. O que eu fiz com aquelas pessoas, e o que eu perdi. Dez anos. — Ele estava tremendo, mas não com medo. — Então, se você quer levar dez anos para enfrentar o que está comendo você viva de dentro para fora, vá em frente. Se você quer levar vinte anos, vá em frente.

O silêncio caiu, interrompido apenas por suas respirações ofegantes e irregulares.

Nestha suspirou — Você se arrepende do que fez?

— Não — Uma honestidade inabalável. A mesma honestidade que agora a avaliava, marcando cada pedaço rugindo e afiado dela.

Nestha baixou a cabeça, como se isso o impedisse de ver tudo.

Dedos quentes e fortes apalparam-lhe o queixo, calos raspando contra a sua pele.

Ela deixou-o levantar sua cabeça. Não percebera que ele se aproximava. Apenas alguns centímetros os separavam. A menos que ela tenha sido a única a se aproximar em direção a ele, desenhada por cada palavra brutal.

Cassian manteve o aperto leve em seu queixo.

— O que você precisar jogar em mim, eu posso aguentar. Eu não vou quebrar — Nenhum desafio em suas palavras. Só um apelo.

— Você não entende — disse ela, com a voz rouca — Eu não sou *como* você e os outros.

— Isso nunca me incomodou nem um pouco. — Ele baixou a mão do queixo dela.

Ela se endireitou. — Pois deveria.

— Você diz isso como se quisesse que isso me incomodasse.

— Incomoda todo mundo. Mesmo o tão especial *Rhysand*.

Seus dentes brilharam, qualquer semelhança com bondade se fora.

— Eu lhe disse uma vez, e vou dizer de novo: não fale com esse tom de merda quando você falar sobre ele.

— Ele não é meu Grão Senhor, posso falar dele como eu quiser — Ela fez menção de se afastar, mas ele agarrou seu pulso, segurando-a no lugar. — Me solte.

— Me obrigue, use esse treinamento e me obrigue.

Temperamento quente se derramou

— Você é um bastardo arrogante.

— E você é uma bruxa arrogante.

Estamos quites.

Ela rosnou — *Solte*.

Cassian bufou, mas obedeceu, virando o rosto enquanto recuava um passo de distância. E foi a luz da vitória em seus olhos, a clara sensação de que ele acreditava que de alguma forma a tinha irritado e que tinha *ganhado* esta luta que a fez agarrar a frente de sua jaqueta de couro.

Nestha disse a si mesma que foi para tirar aquele sorriso de seu rosto que ela enrolou os dedos no couro e levou sua boca para a dele.

19

Por um instante, havia apenas calor da boca de Cassian, seu corpo pressionado contra o dela, a rigidez em cada músculo trêmulo enquanto Nestha inclinava os lábios sobre os dele, subindo na ponta dos pés.

Ela o beijou com os olhos abertos, para que pudesse ver exatamente como os dele se arregalaram.

Nestha se afastou um momento depois, e encontrou seus olhos ainda arregalados, a respiração pesada.

Ela riu baixinho, fazendo menção de tirar os dedos da jaqueta dele e descer o corredor.

Ela só chegou a baixar a mão direita antes que ele se adiantasse para beijá-la de volta.

A força desse beijo os derrubou em direção à parede, a pedra batendo em seus ombros enquanto todo o corpo dele se aconchegava ao dela, uma mão deslizando em seu cabelo enquanto a outra segurava seu quadril.

No momento em que Nestha bateu naquela parede, no momento em que Cassian a envolveu, qualquer ilusão de controle se destruiu. Ela abriu a boca, e sua língua varreu, o beijo punitivo e selvagem.

E o gosto dele, como o vento beijado pela neve e brasas crepitantes...

Ela gemeu, incapaz de se conter.

O som pareceu ser a ruína dele, pois os dedos em seu cabelo se cravaram em seu couro cabeludo, inclinando sua cabeça para que ele pudesse prová-la melhor, reivindicá-la.

Suas mãos percorreram o peito musculoso dele, desesperada por qualquer pele, por qualquer coisa para tocar enquanto suas línguas se encontravam e se separavam, enquanto ele lambia o céu de sua boca, enquanto ele deslizava sua língua sobre seus dentes.

Ela devolveu cada um dos toques, e todo o senso de si mesma foi voando para fora dela. Ela mergulhou os dedos no cabelo dele, e era tão macio quanto ela tinha imaginado, os fios como seda contra sua pele.

Cada pensamento odioso dissipou-se de sua mente. Ela se entregou à distração, acolheu-a de braços abertos, deixou o beijo queimar tudo. Havia apenas sua boca e sua língua e seus dentes, lambendo e degustando e mordendo. Havia apenas a força de seu corpo, pressionando contra o dela, mas não perto o suficiente...

Ele deslizou as mãos ao seu redor, segurando sua bunda, e levantou-a para o ar. Ela enrolou as pernas em torno de sua cintura, e gemeu novamente quando ele se pressionou entre suas coxas.

Ela precisava daquele alívio temporário de sua mente, daquela *coisa* queimando no fundo dela, as memórias que a perseguiam. Ela precisava disso. Precisava dele.

Cassian se esfregou contra ela, e gemeu em sua boca no primeiro empurrão de seus quadris. Ela arqueou as costas para ele ao ouvir esse som profundo de sua garganta, expondo o pescoço para ele. Ele agarrou a oportunidade, arrastando a boca para longe da boca dela.

A língua traçou uma linha até o arco de seu pescoço, deixando calor em seu rastro, e chegou àquele ponto logo abaixo de sua orelha que fez ela se apertar e gemer. Ele soltou uma risada contra a pele dela.

— Assim? — ele murmurou, e lambeu-o novamente.

Seus seios estavam rígidos, e ela se movia contra ele, buscando qualquer contato com seu peito, qualquer atrito. Mas Cassian enterrou o rosto contra o pescoço dela, os dentes apertando levemente em cima do pulso. A leve

dor a deixou ofegante; o arranhão da língua fez com que seus olhos rolassem para trás em sua cabeça.

Ele tirou a cabeça do pescoço dela, no entanto. E Nestha nunca tinha se sentido tão nua como naquele momento enquanto ele esfregava seus quadris nela novamente e a viu se contorcer.

Um sorriso obscuro agraciou sua boca.

— Tão sensível... — ele ronronou com uma voz que ela nunca tinha ouvido, mas sabia que rastejaria para ouvir outra vez. Ele posicionou seus quadris entre os dela, um empurrão preguiçoso e minucioso da rigidez dele contra a dor latejante dela. Ela se esforçou para recuperar qualquer senso de controle, de sanidade; encontrou-se desejando se entregar a ele, deixá-lo tocar e tocar e tocá-la, lambê-la e chupá-la e enchê-la...

Cassian rosnou, como se lesse isso em seu olhar, e a beijou mais uma vez.

Suas línguas se entrelaçavam, os corpos pressionados tão fortemente que ela podia sentir os batimentos cardíacos dele contra peito dela. Ele a provou completamente, afastou-se, e provou-a de novo. Como se estivesse conhecendo e aprendendo todos os lugares de sua boca.

Ela tinha que sentir a pele dele. Precisava sentir sua firmeza entrando nela com as mãos. Sua boca, seu corpo. Ela ficaria louca se não fizesse isso. Ficaria louca se não tirasse as roupas, se parasse de beijá-lo.

Nestha colocou uma mão entre seus corpos, sentindo-o. Cassian gemeu outra vez, um gemido longo e baixo, quando a mão dela o segurou pelo couro da calça. Ela perdeu o fôlego. O tamanho dele...

Ela ficou com água na boca. Estava dolorida, tão molhada que cada ponto da costura no meio de suas calças era uma tortura.

O beijo dele se tornou mais profundo, mais selvagem, e ela lutou com os cadarços e botões de suas calças. Havia tantos que ela não sabia onde encontrar aqueles para desfazê-los, com as pontas dos dedos puxando cada volta, quase arranhando para libertá-lo.

A respiração ofegante de Cassian acariciava sua pele enquanto ele mordiscava seu lábio inferior, sua orelha, sua mandíbula. Sua própria respiração ecoou, fogo rugindo em seu sangue, e ele capturou sua boca novamente, gemendo dentro dela, quando Nestha desistiu dos cadarços e botões, colocando a mão contra ele por cima da roupa. Ele se inclinou para frente quando ela esfregou a parte de baixo de sua palma pelo seu comprimento, maravilhando-se com cada centímetro.

Ele arrancou a boca da dela.

— Se você continuar fazendo isso, eu vou...

Nestha fez de novo, percorrendo o calcanhar da palma da mão para cima, em direção à ponta que ela sabia estar pressionada contra seu abdômen inferior. Seus quadris se arquearam em direção a ela, e ele inclinou a cabeça para trás, expondo a curva forte de sua garganta. Ela aprendeu a forma dele através de suas calças, e pressionou a mão com mais força, trabalhando-o. Ele cerrou os dentes, o peito se movendo como se estivesse em uma maratona, e a visão dele se desfazendo a fez se inclinar para frente. A fez apertar os dentes no pescoço dele. Exatamente no mesmo momento que ela esfregou-o novamente, mais forte e agressiva.

Ele assobiou. Com o nome dela em seus lábios, seus quadris se impulsionaram contra a mão dela com uma força que fez seu núcleo pulsar ao ponto de doer, imaginando aquela intensidade, aquele tamanho e calor, enterrados profundamente nela. Outro roçar pungente da sua palma, um arranhão de dentes em seu pescoço, e Cassian entrou em erupção.

Suas asas se fecharam firmemente quando ele gozou, e cada jorro de seu pênis estremeceu em suas calças, ecoando ao longo da mão dela enquanto ela o acariciava e acariciava.

Quando Cassian tinha parado, quando ele estava tremendo — só então Nestha tirou o rosto de seu pescoço. Os olhos castanhos estavam arregalados o suficiente para que o branco brilhasse ao redor. Um corar manchava as bochechas douradas dele, tão sedutor que ela quase se inclinou para a frente para lambe-lo também.

Mas ele continuou a encará-la, como se tivesse percebido o que havia feito e se arrependido.

Cada pedaço de desejo, de distração abençoada dentro dela, se apagou.

Nestha empurrou seu peito, e ele imediatamente soltou, quase a deixando cair no chão enquanto seus corpos se afastavam.

Ela não esperou para ouvir suas palavras de arrependimento, que aquilo fora um erro. Ela não o deixaria ter esse poder sobre ela. Então Nestha enrolou os lábios em um sorriso frio e cruel e disse — Alguém entende rápido.



Cassian não conseguia olhar no rosto de Azriel no café da manhã seguinte.

Seu irmão havia voltado tarde na noite anterior, e se recusou a dizer qualquer coisa sobre o que ele encontrara sobre Briallyn, e só insistiu que hoje todos eles se encontrassem na casa do rio e aprendessem sobre isso juntos. Cassian não se importava. Ele mal tinha ouvido Azriel perguntando sobre o treinamento.

Ele gozou em suas calças depois de uns pequenos toques de Nestha, encharcando-se como se ainda estivesse na juventude.

Mas no momento em que ela o beijou no corredor, ele perdeu qualquer vestígio de sanidade. Ele praticamente se transformara em um animal, lambendo e mordendo o pescoço dela, incapaz de pensar claramente além do instinto básico.

O gosto dela tinha sido como fogo e aço e um pôr do sol no inverno. Aquela tinha sido apenas sua boca, seu pescoço. Se ele tivesse sua língua entre suas pernas... Ele se mexeu em seu assento.

— Aconteceu algo que eu, como sua dama de companhia, deveria saber? — A pergunta seca de Azriel arrancou Cassian de sua crescente excitação. Pelo

divertimento na cara do seu irmão, ele sabia que Az não somente podia sentir o seu cheiro, mas também ver em seu rosto.

— Não. — Cassian resmungou. Ele nunca pararia de ser zombado se admitisse o que tinha feito.

Ele tinha encontrado seu prazer, e Nestha não. Ele jamais permitira que algo assim acontecesse.

Mas ele havia gozado com intensidade o suficiente para ver estrelas, e só então percebera que ela não. Que ele tinha se envergonhado, que ele a deixou insatisfeita, e se fosse o único gosto dela que ele teria, ele havia fodido tudo monumentalmente.

E então houve o tiro de despedida dela, explodindo o que restou de seu orgulho em pedaços.

Alguém entende rápido ela havia ronronado, como se o que eles tinham feito não significasse nada.

Ele sabia que era mentira. Sentiu sua necessidade frenética, ouviu seus gemidos e quis devorá-los inteiros. Mas aquela faísca de dúvida se enraizou.

Ele tinha que deixá-la quieta, de alguma forma. Tinha que tomar a liderança de novo.

Azriel limpou a garganta, e Cassian piscou.

— O que foi?

— Eu disse, vocês dois estão prontos para ir até a Casa do Rio?

— Vocês? — Ele piscou através da nuvem de excitação.

Azriel riu, as sombras saltando.

— Você sequer ouviu alguma coisa ontem a noite?

— Não.

— Pelo menos você é honesto. — Azriel sorriu. — Você e Nestha estão sendo requisitados lá embaixo.

— Por causa da merda que houve com Elain?

Azriel ficou imóvel.

— O que aconteceu com Elain?

Cassian gesticulou com a mão.

— Uma briga com Nestha. Não fale sobre isso. — avisou quando os olhos de Azriel escureceram. Cassian soltou um suspiro. — Eu tomo isso como um não sobre o tema da reunião, então.

— É sobre o que eu descobri. Rhys disse que ele precisa de vocês dois lá.

— É ruim, então. — Cassian observou as sombras reunidas ao redor de Az.
— Você está bem?

Seu irmão acenou com a cabeça.

— Estou. — Mas as sombras ainda o abraçavam.

Cassian sabia que era mentira, mas não o pressionou. Az falaria quando estivesse pronto, e Cassian teria mais sucesso convencendo uma montanha a se mover do que fazer Az se abrir.

Então ele disse — Tudo bem, nos encontramos lá.

20

Nestha mal conseguia ficar perto de Cassian enquanto eles voavam sobre Velaris. Cada olhar, cada cheiro dele, cada toque enquanto ele a carregava para a Casa do Rio raspava ao longo de sua pele, ameaçando trazê-la de volta à noite anterior, quando ela estava faminta por qualquer gosto dele.

Por sorte, Cassian não falou com ela. Mal a olhou. E, no momento em que a extensa mansão ao longo do rio apareceu, ela havia se esquecido de ficar irritada com o silêncio dele. Duas semanas na Casa e a cidade, de repente, parecia grande, barulhenta demais, cheia de gente.

— Esta reunião será rápida. — Cassian prometeu quando pousaram no gramado da frente, como se ele tivesse lido a tensão em seu corpo.

Nestha não disse nada, incapaz de falar com a agitação no estômago. Quem estaria aqui? Qual deles ela teria que enfrentar, para suportá-los julgando seu suposto progresso? Eles provavelmente tinham ouvido falar de sua briga com Elain — Deuses, Elain estaria presente?

Ela seguiu Cassian para dentro da bela casa, mal notando a mesa redonda no centro da entrada, coroada com um enorme vaso cheio de flores recém-colhidas. Quase sem notar o silêncio da casa, sem nenhum criado à vista.

No entanto, Cassian parou diante de uma pintura de paisagem, uma montanha estéril gigantesca, sem vida, mas, de alguma forma, vibrando com a sua presença. Neve e pinheiros cobriam os picos menores ao redor, mas esta montanha estranha e desnuda... Apenas uma pedra negra se projetava de seu topo. Um monólito, Nestha percebeu, aproximando-se. Cassian murmurou:

— Eu não sabia que Feyre havia pintado Ramiel.

A montanha sagrada do Rito de Sangue. Na verdade, três estrelas brilhavam vagamente no céu crepuscular acima do pico. Foi uma representação quase perfeita da insígnia da Corte Noturna.

— Eu me pergunto quando ela a viu. — Cassian refletiu, sorrindo vagamente.

Nestha não se preocupou em sugerir que Feyre poderia ter simplesmente espiado pela mente de Rhysand. Cassian continuou em frente, levando-lhe para o fim do corredor sem dizer mais nenhuma palavra.

Nestha se preparou quando ele parou diante das portas do escritório — a mesma sala onde ela se sentou e recebeu uma censura pública — e então abriu uma.

Rhys e Feyre estavam sentados no sofá de safira à frente da janela. Azriel se inclinou contra a guarnição da lareira. Amren se encontrava enrolada em uma poltrona, empacotada em um casaco de pele cinza, como se o frio no ar de hoje fosse uma explosão de inverno. Sem Elain, sem Morrigan.

O olhar de Feyre era cauteloso. Frio. Porém se aqueceu quando ela sorriu para Cassian, que caminhou até ela e beijou sua bochecha — ou tentou. Ele disse a Rhys — Sério? Ela está com o escudo até mesmo aqui? — Rhys esticou as longas pernas, cruzando um tornozelo sobre o outro.

— Até mesmo aqui.

Cassian revirou os olhos e se jogou na poltrona ao lado de Amren, examinando seu casaco de pele e dizendo:

— Não está *tão* frio hoje. — Os dentes de Amren brilharam.

— Continue falando assim e será sua pele a que vestirei amanhã.

Nestha poderia ter sorrido se Amren não tivesse se virado para ela.

A tensão, densa e dolorosa, estendeu-se entre elas. Nestha se recusou a desviar o olhar.

Os lábios vermelhos de Amren se curvaram, seu cabelo preto brilhando. Feyre pigarreou.

— Tudo bem Az, vamos ouvir.

Azriel dobrou as asas, sombras se contorcendo ao redor de seus tornozelos e pescoço.

— A Rainha Briallyn tem estado mais ocupada do que pensávamos, mas não da maneira que esperávamos.

O sangue de Nestha gelou. A rainha que saltou para o Caldeirão por sua própria vontade, desesperada para se tornar jovem e imortal. Ela emergiu como uma velha enrugada — e imortal. Condenada a ser velha e torta para sempre.

Azriel continuou — Na semana em que a estive observando, eu... Aprendi quais serão seus próximos passos. — A maneira como ele hesitou antes de falar *aprendeu* disse o suficiente: ele torturou alguém. Muitas pessoas.

Nestha olhou para as mãos com cicatrizes e Azriel as colocou atrás das costas, como se notasse a atenção dela.

— Vá em frente. — Disparou Amren, farfalhando em sua cadeira.

— As outras rainhas realmente fugiram de Briallyn semanas atrás, como Eris disse. Ela governa sozinha na sala do trono do palácio compartilhado delas. E o que Eris revelou sobre Beron também era verdade: o Grão-Senhor visitou Briallyn no continente, prometendo suas forças à causa dela. — Um músculo pulsou na mandíbula de Azriel. — Mas a reunião de exércitos de Briallyn, a aliança com Beron são apenas a força auxiliar para o que ela planejou. — Ele balançou a cabeça, sombras deslizando sobre suas asas. — Briallyn deseja encontrar o Caldeirão novamente. A fim de recuperar sua juventude.

— Ela nunca alcançará o Caldeirão. — Disse Amren, acenando uma mão brilhando com anéis. — Ninguém além de nós, Miryam e Drakon sabem onde está escondido. Mesmo se Briallyn descobrisse sua localização, há

proteções e feitiços suficientes sobre ele que ninguém jamais conseguiria romper.

— Briallyn sabe disso. — Disse Azriel gravemente. O estômago de Nestha se revirou. Azriel acenou com a cabeça para Cassian.

— O que Vassa suspeitou é verdade. O Senhor da Morte Koschei tem sussurrado no ouvido de Briallyn. Ele permanece preso em seu lago, mas suas palavras são levadas pelo vento até ela. Ele é antigo, sua profundidade de conhecimento é insondável. Ele apontou Briallyn para os Tesouros da Morte — não por ela, mas para seus próprios fins. Ele deseja usá-lo para se libertar de seu lago. E Briallyn não é a marionete que acreditamos que ela seja — ela e Koschei são aliados. — Ele acrescentou para Cassian. — Você precisa perguntar a Eris se Beron sabe sobre isso. E os Tesouros da Morte.

Cassian acenou com a cabeça no silêncio que se seguiu. Nestha se pegou perguntando — O que são os Tesouros da Morte?

Os olhos de Amren brilharam com um resquício de seu poder. — O Caldeirão fez muitos objetos de poder, há muito tempo, forjando armas de força incomparável. A maioria se perdeu para a história e a guerra, e quando entrei na Prisão, apenas três sobraram. Na época, alguns alegaram que havia quatro, ou que o quarto havia sido desfeito, mas as lendas de hoje contam apenas sobre três.

— A Máscara — murmurou Rhys — a Harpa e a Coroa.

Nestha teve a sensação de que nenhum deles era bom.

Feyre franziu a testa para seu parceiro. — Eles são diferentes dos objetos de poder na Cidade Escavada? O que eles podem fazer?

Nestha havia tentado ao máximo se esquecer daquela noite em que ela e Amren foram testar seu suposto dom contra o tesouro dentro daquelas catacumbas profanas. Os objetos estavam meio aprisionados na própria pedra: facas, colares, orbes e livros, todos cintilando com o poder. Nada agradável. Para os Tesouros do Horror serem piores do que o que ela testemunhou...

— A Máscara pode ressuscitar os mortos. — Amren respondeu por Rhys — É uma máscara da morte, moldada a partir do rosto de um rei há muito esquecido. Use-a e você pode convocar os mortos até você, comandá-los para marchar à sua vontade. A Harpa pode abrir qualquer porta, física ou não. Alguns dizem entre mundos. E a Coroa... — Amren balançou a cabeça — A Coroa pode influenciar qualquer um, até mesmo perfurar o mais poderoso dos escudos mentais. Sua única falha é que requer proximidade física para afundar inicialmente suas garras na mente da vítima. Porém use a coroa e você poderá fazer seus inimigos cumprirem suas ordens. Pode fazer um pai matar seu filho, ciente do horror, mas incapaz de parar.

— E essas coisas foram *perdidas*? — Nestha perguntou. Rhys a olhou carrancudo.

— Aqueles que os possuíam se tornaram descuidados. Eles foram perdidos em guerras antigas, ou por traição, ou, simplesmente, porque foram extraviados e esquecidos.

— O que isso tem a ver com o Caldeirão? — Nestha pressionou.

— Semelhante atrai semelhante — murmurou Feyre, olhando para Amren, que assentiu — Porque o tesouro foi feito pelo Caldeirão, o tesouro pode encontrar o seu criador. — Ela inclinou a cabeça. — Briallyn foi Feita, no entanto. Ela não consegue rastrear o Caldeirão sozinha?

Amren tamborilou com os dedos no braço da cadeira.

— O Caldeirão envelheceu Briallyn para puni-la. — Um olhar para Nestha. — Ou punir você, eu suponho. — Nestha manteve o rosto cuidadosamente em branco. Amren continuou — Ainda, eu acho que você tirou algo dele quando tomou seu poder, menina.

Feyre olhou para Nestha, sua voz saiu suave ao perguntar — O que exatamente aconteceu no Caldeirão?

Cada imagem, pensamento, sentimento atingiu Nestha. Sufocou-na, exatamente como ela teve que sufocar o poder crescente nela na pergunta de sua irmã. Ninguém falou. Todos eles apenas olharam. Cassian pigarreou.

— Isso importa? — Todos o encararam, e Nestha quase cedeu de alívio com a mudança de atenção. Mesmo quando algo acendeu em seu peito com suas palavras. Sua defesa a ela.

— Isso nos ajudaria a ter uma visão. — Disse Feyre.

— Podemos discutir isso mais tarde... — Começou Cassian, mas Nestha se endireitou.

—Eu... — Todos pararam. Virando em direção a ela. Sua boca ficou seca. Nestha engoliu em seco, rezando para que não vissem as mãos trêmulas que ela colocou sob as coxas. Seus pensamentos a invadiram, cada memória gritando, e ela não sabia por onde começar, como explicar isso

Respirar. Acalmava sua mente sempre que Cassian a conduzia através de seus exercícios. Então ela se permitiu inspirar — então expirar lentamente. De novo. Uma terceira vez. E no silêncio, Nestha disse — Eu não estava ciente do que levei. Só que estava pegando coisas que o Caldeirão não queria que eu tivesse. Parecia adequado, dado o que estava fazendo comigo.

Aquilo. Aquilo foi tudo que ela poderia dizer, o que diria.

Mas Feyre assentiu, os olhos brilhando com algo que Nestha não conseguiu identificar. Feyre disse a Amren — Então é altamente possível que o Caldeirão não *pudesse* conceder a Briallyn capacidade de rastreá-lo. Tudo o que poderia fazer era dar-lhe a capacidade de rastrear qualquer coisa que fizesse, uma sombra lamentável do presente original.

Os outros assentiram e Nestha se atreveu a olhar para Cassian, que lhe deu um sorriso suave.

Como dizer as poucas palavras que ela conseguiu fazer sair, ela de alguma forma fez algo... digno. O peito dela apertou. Ela fez tantas coisas indignas que sua escassa contribuição ganhou tanto elogio?

Nestha se forçou a ignorar o pensamento nauseante enquanto Amren continuava — Se você fosse reunir todos os três objetos, poderia usar a

potência de sua essência Feita, combinada para rastrear o Caldeirão, não importa onde ele esteja.

— Sem mencionar o ganho de três objetos de poder terrível. —
Acrescentou Azriel sombriamente — Capaz de conceder até mesmo a um exército humano uma vantagem contra os feéricos.

— Levantando os mortos. — Cassian meditou, seu rosto se contraiu, qualquer traço daquele sorriso de aprovação havia desaparecido. — E você teria uma força imparável, capaz de marchar sem descanso ou comida. Abra qualquer porta e você poderá mover aquele exército de mortos para onde quiser. E com influência desenfreada, você poderia fazer qualquer território inimigo e seu povo se curvar a você.

O silêncio novamente encheu a sala. O coração de Nestha trovejou.

— E tudo o que Koschei quer é se livrar de seu lago? — Rhys perguntou a Azriel. Mas Amren respondeu — Ninguém realmente conhece todo o alcance dos poderes dos Tesouros do Horror. Além de libertá-lo de seu lago, Koschei pode muito bem saber algo sobre o tesouro que nós não sabemos — algum poder maior que se manifesta quando todos os três estão unidos.

Rhys olhou para Azriel, que assentiu severamente.

— O que é um senhor da morte? — Nestha perguntou em silêncio.

Seus olhares a atingiram como pedras. Cassian respondeu, batendo na cicatriz na lateral do pescoço:

— Eu te falei sobre Lanthys — a ferida que ele me deu. Ele é literalmente imortal. Nada pode matá-lo. Koschei também não pode ser morto. Ele é o mestre de sua própria morte. — Ele abaixou a mão da cicatriz horrível. O brilho em seus olhos sugeriu que seus pensamentos se voltaram para seus próprios poderes. Ela ignorou a *coisa* que se contorceu dentro dela em resposta e confirmação, o fogo frio lambendo sua espinha. Felizmente, Cassian continuou: — Eles são senhores da morte.

As palavras pairaram no ar. Rhys praguejou — Eu tinha me esquecido de Lanthys.

Cassian lhe lançou um olhar seco, novamente batendo na cicatriz.

— Eu não.

Para o horror de Nestha, Amren estremeceu.

Amren. Feyre pigarreou.

— Então, eles estão tentando encontrar esses Tesouros do Horror para rastrear o Caldeirão para Briallyn, e provavelmente libertar Koschei no processo. E lançar uma guerra, com Beron como seu aliado, que lhes concederia todos os territórios que desejassem. Ou dar um pouco para Koschei, dependendo do acordo que ele fizer com Briallyn — provavelmente um a seu favor.

— Novamente, Briallyn está bem ciente da influência traiçoeira de Koschei.

— Disse Azriel. — Se seus fios estão sendo puxados, é apenas porque ela está permitindo atingir seus próprios fins.

Cassian disse — Então, nós os temos em uma frente, e Beron aqui, pronto e ansioso para entrar em guerra com Briallyn para que ele possa expandir seu próprio território após o fim da carnificina.

A cabeça de Nestha girou. Ela não tinha ideia de que nada disso estava acontecendo. Ela pegou dicas, mas nada que a confrontasse com o conhecimento do perigo que os enfrentava. Estar à beira de tal desastre novamente... Ela se mexeu na cadeira.

Feyre perguntou a Azriel — Briallyn ainda não encontrou os Tesouros da Morte? — Azriel balançou a cabeça.

— Não tanto quanto eu poderia dizer. O último boato era de que os Tesouros do Horror estavam aqui em Prythian. Isso é tudo que Koschei sabe, aparentemente. Temos isso do nosso lado, pelo menos. Briallyn não vai arriscar vir aqui — ainda não. Mesmo com Beron como aliado. E

Koschei está vinculado ao seu lago. Contudo, eles estão preparando Briallyn para vir, reunindo os maiores espiões e guerreiros de seu reino. Havia um anfitrião deles no palácio das rainhas. Porque Briallyn e Koschei pegaram os soldados de Eris é algo que ainda não descobri. — Ele gesticulou para Cassian. — Você precisa se encontrar com Eris. — Cassian acenou com a cabeça.

— Eu irei. Mas temos que fortalecer as fronteiras. Avise as Cortes. Conte a eles sobre o plano de Beron. Para o inferno com o segredo.

— Nós exporíamos Eris ao fazer isso. — Rebateu Rhys. — E perderíamos um aliado valioso. — Acrescentou ele quando Cassian revirou os olhos. — Eris é uma cobra, porém é útil. Seus motivos podem ser egoístas e sedentos de poder, mas ele pode nos oferecer muito. — Ele franziu a testa e disse cuidadosamente — Eu concordo com Az. Quero que você atualize Eris sobre isso, como você prometeu.

— Tudo bem. — Concordou Cassian. — Mas e quanto a alertar as cortes sobre os Tesouros da Morte?

— Não. — Disse Rhys. — Só correríamos o risco de um deles ir atrás disso. Beron enviaria cada guerreiro e espião seu para encontrá-lo primeiro. O fato de ele não ter feito isso sugere que ele não sabe sobre o tesouro, mas precisamos que Eris confirme.

Feyre perguntou — Por que não procuramos o tesouro quando estávamos caçando o Caldeirão nós mesmos?

— O Livro foi mais fácil de encontrar. — Disse Amren. — E já se passaram dez mil anos desde que alguém usou o tesouro. Presumi que tudo estava no fundo do oceano.

— Então, nós o encontraremos. — Declarou Cassian. — Alguma ideia?

— Objetos Feitos tendem a não querer ser encontrados por qualquer pessoa. — Advertiu Amren. — O fato de eles terem desaparecido da memória, de que nem mesmo eu pensei neles imediatamente na luta contra Hybern,

sugere que talvez eles quisessem assim. Queriam ficar escondidos. As verdadeiras coisas de poder têm tais dons.

— Você diz isso como se os objetos tivessem consciência. — Disse Cassian

— Eles têm — Amren disse, tempestades à deriva em seus olhos — foram Feitos em uma época em que a magia selvagem ainda vagava pela terra, e os feéricos não eram os mestres de tudo. Objetos Feitos naquela época tendiam a ganhar sua própria autoconsciência e desejos. Não foi uma coisa boa. — O rosto de Amren ficou nublado com a memória e um calafrio sussurrou na coluna de Nestha.

Rhys refletiu — Assim como sou capaz de alterar uma mente para esquecer, talvez eles tenham um dom semelhante.

— Mas Briallyn é Feita. — Disse Amren. A boca de Nestha ficou seca novamente — Quando Briallyn foi feita, provavelmente foi removido dela o encantamento dos Tesouros do Horror, por falta de um termo melhor. Reconheceu-lhe como parente. É difícil saber onde ela poderia ter visto uma menção aos itens antes e nunca ter pensado duas vezes. Ou talvez chamado por ela, apresentado-se em um sonho.

Todos eles, ao mesmo tempo, olharam para Nestha.

— Você — Amren disse baixinho. — é o mesmo. Elain também.

Nestha enrijeceu.

— Se estão encantando vocês para esquecer, como é que Azriel foi capaz de se lembrar e suportar a informação até aqui?

— Talvez, uma vez que você descubra, reconheça, o feitiço seja quebrado — disse Amren. — Ou talvez o tesouro perdido queira que saibamos disso agora, por alguma razão sombria própria.

Os pelos dos braços de Nestha se arrepiaram. Cassian se mexeu em seu assento.

— Então nós rastreamos o tesouro perdido. Como?

Elain falou da porta, tendo aparecido tão silenciosamente que todos se torceram em direção a ela — Me usando.

21

A cabeça de Nestha ficou em silêncio enquanto as palavras de Elain acabavam de soar na sala. Feyre tinha se remexido em seu assento, seu rosto branco em choque.

Nestha disparou, de cabeça baixa, olhando para os pés. — Não.

Elain permaneceu à entrada da porta, seu rosto estava pálido, no entanto, a sua expressão era mais dura do que Nestha alguma vez tivera visto. — Você não decide o que eu posso e não posso fazer, Nestha.

— A última vez em que nos envolvemos com o Caldeirão, ele te sequestrou.— Nestha contra-argumentou, lutando adversa ao seu tremor. Ela encontrou as palavras, as armas as quais buscava. — Pensei que você não tinha mais poderes.

Elain franziu seus lábios. — Eu pensei que você não os tivesse também.

Nestha endireitou a coluna. Ninguém falou, porém, a atenção permaneceu em si como um filme sobre a sua pele. — Você não vai rastreá-lo.

Amren disse de modo frio — Então você vai procurar por ele, menina.

Nestha se virou para a pequena fêmea. — Eu não sei como encontrar qualquer coisa.

— Semelhante atrai semelhante. — Amren rebateu. — Você foi Feita pelo Caldeirão, também pode rastrear outros objetos Feitos por ele, assim como Briallyn pode. E porque você foi Feita por ele, você é imune à influência e ao poder do Tesouro. Você pode manuseá-los, sim, mas eles não podem ser usados contra você. — Ela olhou para Elain. — Contra nenhuma de vocês.

Nestha engoliu em seco. — Eu não posso. — Todavia, permitir com que Elain se envolvesse, colocar em risco a sua segurança...

Amren disse — Você rastreou o Caldeirão.

— Que quase me *matou*. Me encurralou como um pássaro em uma gaiola.

Elain disse — Então eu vou encontrá-lo. Talvez precise de algum tempo para... me familiarizar com os meus poderes, mas eu poderia começar hoje.

— Absolutamente não. — Nestha cuspiu, torcendo seus dedos. — *Absolutamente não*.

— Por quê? — Elain exigiu. — Eu devo cuidar do meu *jardinzinho* para sempre? — Quando Nestha vacilou, Elain disse — Você não pode ter as duas coisas. Não pode se ressentir da minha decisão de ter uma vida tranquila e se recusar, ao mesmo tempo, a me deixar fazer algo maior.

— Então, vá atrás de aventuras. — disse Nestha. — Vá beber e foder com estranhos. Mas fique *longe* do Caldeirão.

Feyre disse — A escolha é da Elain, Nestha.

Nestha se virou para ela, ignorando o lampejo de advertência contendo fúria primitiva no olhar de Rhys. — Fique fora disso. — ela sibilou para a sua irmã mais nova. — Não tenho dúvidas de que *você* colocou essas ideias na cabeça dela, provavelmente a *encorajando* a se atirar para o perigo — Elain cortou bruscamente — Não sou uma criança que precisa ser protegida.

Nestha sentiu o seu pulsar por todo o seu corpo. — Não se lembra da guerra? O que nós encontramos? Não se *lembra* de que o Caldeirão a raptou e te levou para o coração do acampamento de Hybern?

— Sim — disse Elain friamente. — E me lembro de Feyre ter me resgatado.

O rugido irrompeu na cabeça de Nestha.

Durante uma batida do coração, parecia que Elain poderia dizer algo para suavizar suas palavras. Mas Nestha se adiantou, vendo a piedade em seu olhar. — Vejam quem decidiu criar garras afinal de contas — ela cantarolou. — Talvez você se torne interessante, Elain, finalmente.

Nestha viu o golpe como um impacto físico no rosto de Elain, em sua postura. Ninguém falou, embora as sombras se reunissem nos cantos da sala, como cobras que se preparam para atacar.

Os olhos de Elain brilharam de dor. Algo implodiu no peito de Nestha quando viu a expressão no rosto da irmã.

Ela abriu a boca como se, de alguma forma, pudesse retirar o que disse. Contudo, Elain disse: — Eu também entrei no Caldeirão, sabe. E ele *me* capturou. E, mesmo assim, de alguma forma, tudo o que te ocorre é o que o *meu* trauma fez com *você*.

Nestha piscou, tudo dentro dela se esvaziando.

Mas Elain se virou em direção à saída. — Encontrem-me quando quiserem começar. — As portas se fecharam atrás de si.

Cada palavra horrível que Nestha tinha falado estava pendurada no ar, ecoando.

Feyre lhe disse de modo extremamente gentil — Não foi uma escolha fácil para mim pedir a Elain que se colocasse em perigo dessa maneira.

Nestha se virou para Feyre. — *Você* não consegue encontrar o Tesouro? — Ela odiava como soava covarde, odiava o medo no seu coração, odiou que, apenas pedindo, tivesse exposto a sua preferência por Elain. — *Você* tem toda essa magia e também foi Feita, mesmo que não tenha sido pelo Caldeirão. *Você* é treinada. — *você* é uma *guerreira*. Não pode encontrá-lo?

Mais uma vez, aquele silêncio Contudo, de um tipo diferente. Como um trovão prestes a explodir.

— Não — disse Feyre silenciosamente. — Não posso. — Ela olhou para Rhys, que acenou com a cabeça, seus olhos brilhando.

Todos observavam Feyre agora. No entanto, a atenção de Feyre permaneceu fixa em Nestha. — Não posso arriscar.

— Por quê? — Nestha estalou.

— Porque eu estou grávida.

O silêncio caiu. Silêncio e, em seguida, Cassian deixou escapar um grito que estilhaçou o silêncio em pedaços, saltando da sua cadeira para enfrentar Rhys.

Desceram num emaranhado de asas e cabelos escuros, e depois Amren dizia a Feyre com uma leveza nos seus olhos. — Parabéns, menina.

Azriel se abaixou para pressionar um beijo na cabeça de Feyre — ou a um centímetro dela.

— Eu sabia que aquele estúpido escudo não era apenas para praticar algo que Helion te ensinou — Cassian disse, dando um beijo na bochecha de Rhys antes de se virar para Feyre e abraçá-la. Rhysand cedeu o escudo o suficiente para que Cassian a pudesse envolver nos seus braços, ainda rindo.

E quando Rhys deixou cair o escudo, o cheiro de Feyre encheu a sala.

Era o cheiro habitual de Feyre, só que — só que com algo novo. Um cheiro menor, mais suave, como uma rosa, deitado dentro dela.

Cassian riu. — Não me admira que tenha sido um bastardo mal-humorado, Rhys. Suponho que estamos prestes a aprender um nível totalmente novo de superproteção.

Feyre sorriu para ele e depois para seu parceiro. — Já tivemos discussões a este respeito. O escudo é um meio-termo.

Amren deu um sorriso enorme. — Qual foi a oferta inicial?

Feyre fez uma carranca. — Que ele não sairia do meu lado pelos próximos dez meses. — Uma criança Feérica demora mais tempo para crescer, Nestha tinha aprendido sobre isso em um dos livros da biblioteca da Casa de Vento durante suas primeiras semanas aqui. Um mês a mais do que uma gravidez humana.

— Você está com quantos meses? — perguntou Azriel, olhando para a barriga ainda plana da Feyre.

Ela deslizou os dedos por cima dela, como se a atenção de alguém ali fizesse com que ela desejasse proteger a criança dentro dela. — Dois meses.

Cassian se virou em direção a Rhys. — Você está escondendo isso há *dois meses*?

Rhys atirou-lhe um sorriso arrogante. — Nós achávamos que todos vocês já tivessem adivinhado, para ser honesto.

Cassian riu novamente. — Como é que poderíamos adivinhar quando você a envolveu naquele escudo?

— Bastardo mal-humorado, lembra?

Cassian sorriu e disse a Azriel — Vamos ser tios.

Feyre gemeu. — Que a Mãe ajude esta criança.

O próprio sorriso de Azriel cresceu por causa disso, mas o olhar de Feyre deslizou para Nestha.

Nestha disse calmamente à sua irmã. — Parabéns.

Pois ela não tinha dito nada, só tinha sido capaz de ficar de pé observando todos, a sua alegria e proximidade, como se ela estivesse assistindo através de uma janela.

Mas Feyre lhe ofereceu uma tentativa de sorriso. — Obrigada. Você vai ser tia, sabe.

— Que os Deuses ajudem esta criança, de fato. — Cassian murmurou, e Nestha olhou para ele.

Ela se voltou para Rhys e Feyre e encontrou o primeiro lhe observando cuidadosamente, o braço sobre os ombros da sua parceira com naturalidade — o brilho no seu olho era de pura ameaça.

Nestha deixou ele ver. Que ela não tinha nenhum sentimento ruim sobre Feyre ou a criança. Alguma parte dela compreendeu que Rhys não era apenas um homem, mas um macho Feérico, e que ele eliminaria quaisquer ameaças à sua parceira e ao seu filho. Que ele o faria lenta e dolorosamente e depois se afastaria de seu cadáver triturado sem um pinga de arrependimento.

Foi a autopreservação, talvez algum novo instinto Feérico, que levou Nestha a abaixar o seu queixo levemente, como em uma reverência, deixando-o ver que ela não queria fazer mal a eles, nunca lhes faria mal algum.

O próprio queixo de Rhysand assentiu e foi isso.

Nestha disse a Feyre — Contou a Elain?

Antes de Feyre poder responder, Azriel disse — E a Mor?

Feyre sorriu. — Elain foi a única que adivinhou. Ela me pegou vomitando duas manhãs seguidas. — Ela acenou em direção a Azriel. — Acho que ela venceu você no quesito de guardar segredos.

— Vou dizer a Mor quando ela voltar de Vallahan — disse Rhys. — Depois da sua reação, Cass, eu não confio que ela possa manter a sua animação para si se eu lhe disser enquanto estiver lá, mesmo que ela não lhes diga nada. E eu não quero que um inimigo em potencial saiba. Ainda não.

— Varian? — perguntou Amren. Nestha nunca soube como a história sobre como a fêmea e o príncipe da Corte Estival tinha se envolvido. Ela supunha agora que nunca descobriria.

— Ainda não — repetiu Rhys, balançando a cabeça. — Só depois de Feyre completar mais alguns meses.

Nestha inclinou a cabeça para a sua irmã. — Então não se pode fazer magia enquanto se está grávida?

Feyre estremeceu. — Posso, porém, como meus poderes não são comuns, não tenho certeza de como isso pode afetar o bebê. Atravessar é ótimo, mas alguns outros poderes, quando ainda estamos tão cedo na gravidez, poderiam esticar perigosamente o meu corpo. — A mão de Rhys apertou o seu ombro. — É um pé no saco. — Feyre agarrou a mão em seu ombro. — Tão pé no saco quanto ele se tornou.

Rhys piscou para ela. Feyre revirou os olhos. Todavia, então, ela disse a Nestha — Elain vai precisar de tempo para conseguir usar seus poderes para tentar ver os Tesouros da Morte. Mas você, Nestha... pode tentar rastreá-los.

Rhys acrescentou — O mais depressa possível. O tempo não é nosso aliado.

Nestha perguntou a Amren — Você não foi Feita?

— Não como você foi — disse Amren. Ela deu a Nestha um sorriso malicioso. — Com medo?

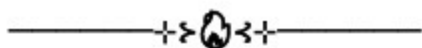
Nestha ignorou a provocação. Até a felicidade brilhante de Cassian tinha desaparecido.

— Que escolha eu tenho? — perguntou Nestha. Se era entre ela e Elain, não havia escolha nenhuma. Ela iria sempre em primeiro lugar se fosse significar evitar que Elain fosse prejudicada. Mesmo que ela tivesse acabado de magoar a irmã mais do que poderia lidar.

— Você tem uma escolha — disse Rhys com firmeza. — Você sempre terá uma escolha aqui.

Nestha lhe lançou um olhar frio. — Eu vou procurá-los. — Ela olhou para a barriga da sua irmã, a mão descansando em cima dela. — Claro que vou

procurar por eles.



Cassian queria ter uma palavra com Rhys sobre as legiões Illyrianas, por isso, Nestha se encontrou andando em direção à entrada da Casa do Rio sozinha.

Ela tinha chegado ao meio do corredor quando Feyre chamou o seu nome e Nestha parou, em frente à pintura de Ramiel.

O sorriso de Feyre foi hesitante... — Vou esperar com você até que ele termine.

Não se incomode, Nestha quase disse, porém se deteve. Elas caminharam em silêncio até a entrada principal, todos aqueles quadros e retratos de todos, menos dela e sua mãe, observavam-nas.

O silêncio apertou, tornando-se quase insuportável à medida que elas paravam no espaçoso lobby. Nestha não conseguia pensar em nada para dizer, nada a ver com ela própria.

Até Feyre dizer — É um menino.

Nestha virou a sua cabeça em direção à irmã. — O bebê?

Feyre sorriu. — Queria que você soubesse primeiro. Eu disse a Rhys para esperar até que eu tivesse lhe contado, mas... — Feyre riu enquanto novos gritos de alegria ecoaram ao fundo do corredor. — Suponho que ele está contando a Az e Cassian agora.

No entanto, Nestha precisava tomar um fôlego para se recompor: a oferta de gentileza que Feyre tinha estendido, o que ela tinha revelado. — Como vocês sabem o sexo?

O sorriso sumiu do rosto de Feyre. — Durante o conflito com Hybern, o Entalhador de Ossos me mostrou uma visão da criança que eu teria com

Rhys.

— Como é que ele soube?

— Eu não sei — admitiu Feyre, a mão dela mais uma vez se dirigindo sobre a sua barriga. — Mas eu não percebi o quanto eu queria um menino até que soubesse que teria um.

— Provavelmente, porque ter irmãs era horrível para você.

Feyre suspirou. — Não era isso que eu queria dizer.

Nestha deu de ombros. Feyre poderia dizer isso, no entanto, o sentimento estava lá, sem dúvidas. Tudo o que tinha acabado de acontecer com Elain...

Feyre parecia sentir a direção dos seus pensamentos. — Elain estava certa. Focamos tanto em como o seu trauma *nos* impactou que nos esquecemos de que foi ela que passou por tudo aquilo.

— Aquilo foi dirigido a mim, não a você.

— Eu me sinto culpada pelas mesmas coisas, Nestha. — O pesar ofuscou os olhos de Feyre. — Foi injusto a Elain deixar tudo isso recair sobre você.

Nestha não tinha uma resposta para isso, não sabia por onde começar. — Por que não contar a Elain sobre o sexo do bebê primeiro?

— Ela descobriu a gravidez. Queria que você soubesse essa parte antes de qualquer um.

— Não sabia que você mantinha uma planilha.

Feyre lhe deu um olhar exasperado. — Eu não tenho, Nestha. Eu só... Preciso de uma desculpa para querer compartilhar coisas com você? Você é a minha irmã. Queria te contar antes de qualquer outra pessoa. E só.

Nestha também não tinha uma resposta para isso. Felizmente, a voz de Cassian encheu o corredor, enquanto se despedia de Rhys.

— Boa sorte — disse Feyre suavemente antes de se apressar para encontrar um Cassian jubiloso e Nestha sabia que sua irmã não quis dizer apenas com a procura dos Tesouros da Morte.

22

— Você acha que Nestha consegue encontrar os Tesouros da Morte? — Azriel perguntou a Cassian enquanto eles relaxavam na sala de estar que separava seus aposentos, as chamas crepitando na lareira diante deles. A noite tinha ficado fria o suficiente para que eles precisassem do fogo, e Cassian, que sempre amou o outono apesar dos canalhas da Corte Outonal, saboreou o calor da lareira.

— Espero que sim. — Cassian se limitou a dizer. Ele não conseguia suportar sequer pensar que Nestha se colocaria em perigo, mas ele entendia suas motivações inteiramente. Se ele tivesse que escolher entre mandar um de seus irmãos ao perigo ou ir sozinho, ele sempre, sempre, escolheria ir sozinho. Embora tivesse se encolhido com cada palavra dura que tinha saído da boca de Nestha para Elain, ele não podia culpar o medo e o amor por trás de sua decisão. Só podia admirar que ela se impusera. — se não para o bem do mundo, então para manter sua irmã segura.

— Nestha realmente deveria treinar a sua vidência. — Azriel disse Cassian olhou através do espaço entre suas duas poltronas. Eles se sentaram nelas, diante do fogo, tantas vezes que era uma regra implícita que Azriel era o que estava à esquerda, mais perto da janela, e a de Cassian era a que estava à direita, mais perto da porta. Uma terceira poltrona estava à esquerda de Azriel, geralmente para Rhys, e uma quarta à direita de Cassian, sempre para Mor. Uma almofada dourada forrada de renda adornava a quarta cadeira, uma marca permanente de sua propriedade. Amren, por alguma razão, raramente ficava aqui tempo suficiente para ver este quarto, então nenhuma cadeira foi guardada para ela.

— Nestha não está pronta para fazer vidência. — disse Cassian. — Nós nem sabemos que poder ela ainda tem.

Mas Elain tinha confirmado para todos: ambas as irmãs ainda possuíam os poderes dados pelo Caldeirão. Se elas eram tão poderosas quanto antes, ele não tinha ideia.

— Você sabe, no entanto. — Azriel rebateu. — Você já viu, já viu até algo além disso, quando o poder brilha em seus olhos.

Cassian não havia contado a ninguém sobre o degrau que encontrou, claramente com buracos queimados em formato de dedos. Ele se perguntou se Azriel havia de alguma forma ficado sabendo deles, pelas notícias trazidas a ele nos sussurros de suas sombras.

— Ela é volátil agora. A última vez que fez uma vidência, acabou mal. O Caldeirão *olhou* para ela. E então levou Elain. — Ele tinha visto cada flash de memória horrível diante dos olhos de Nestha hoje. E embora entendesse que Elain havia falado a verdade, reclamando o trauma daquela memória, Cassian conhecia em primeira mão o horror e a dor persistentes de ter um ente querido roubado e ferido.

Azriel enrijeceu. — Eu sei. Afinal, ajudei a resgatar Elain.

Az não havia hesitado antes de entrar no coração do campo de guerra de Hybern.

Cassian encostou a cabeça no encosto da cadeira, farfalhando as asas nas aberturas feitas para acomodá-los.

— Nestha irá aprender os seus poderes de vidência sozinha, eventualmente, se ela for capaz.

— Se Briallyn e Koschei encontrarem apenas um dos itens dos Tesouros da Morte...

— Deixe Nestha tentar encontrar do jeito dela primeiro. — Cassian sustentou o olhar de Az. — Se entrarmos e ordenarmos que ela faça isso, o tiro sairá pela culatra. Deixe-a exaurir suas outras opções antes que ela perceba que apenas uma é viável.

Azriel estudou seu rosto e assentiu solenemente.

Cassian soltou um suspiro, observando as chamas saltarem e vibrarem.

— Vamos ser tios — disse ele depois de um momento, incapaz de esconder a admiração de sua voz.

— Um menino. — O rosto de Azriel se encheu de orgulho e alegria.

Não era uma garantia que o primogênito do Grão Senhor seria seu herdeiro. A magia às vezes demorava um pouco para decidir e, muitas vezes, ignorava completamente a ordem de nascimento. Às vezes, em vez disso, encontrava um primo. Às vezes, abandonava totalmente a linhagem. Ou escolhia o herdeiro naquele momento do nascimento, nos ecos dos primeiros gritos de um recém-nascido. Não importaria para Cassian, porém, se o filho de Rhys herdasse seu poder de sacudir o mundo, ou apenas uma gota.

Também não importaria para Rhys. Para qualquer um deles. Esse menino já era amado.

— Estou feliz por Rhys. — disse Cassian calmamente.

— Eu também estou.

Cassian olhou para Az.

— Você acha que algum dia estará pronto para ter um? — *Algum dia estará pronto para confessar a Mor o que está em seu coração?*

— Não sei. — disse Azriel.

— Você quer um filho?

— Não importa o que eu quero. — Palavras distantes, aquelas que impediam Cassian de questionar mais. Ele ainda estava feliz por ser o protetor de Mor com Azriel, mas havia acontecido uma mudança ultimamente. Em ambos.

Mor não se sentava mais ao lado de Cassian, jogando-se nele, e Azriel... aqueles olhares de desejo em sua direção haviam se tornado poucos e raros. Como se ele tivesse desistido. Depois de quinhentos anos, ele de alguma forma desistiu. Cassian não conseguia imaginar por quê.

— Você quer um filho? — Az perguntou

Cassian não pôde evitar o pensamento que passou: dele e Nestha contra a parede um nível abaixo, a mão dela o esfregando exatamente do jeito que ele gostava, seus gemidos como uma doce música.

Ele a deixou insatisfeita, ela fugiu antes que ele conseguisse deixá-los quites.

Ele foi ao Acampamento Refúgio do Vento após a reunião mais cedo e não a viu no jantar. Não tinha certeza do que diabos diria a ela, como teriam essa conversa.

Era como um acordo inacabado estampado em suas costas, aquele desequilíbrio de prazer. E uma questão que ele descaradamente poderia chamar de orgulho masculino. Ela tinha a vantagem agora. Parecia tão presunçoso quando ela o cortou: *Alguém entende rápido*.

Seu joelho balançou, e ele olhou carrancudo para a chama.

— Cassian?

Ele percebeu que Azriel havia lhe feito uma pergunta. Certo, sobre crianças.

— Claro que quero filhos. — ele havia pensado nisso com frequência, que tipo de família construiria para si mesmo, como ele faria com que seus filhos nunca passassem um momento pensando que não eram amados e desejados; como nunca, jamais, passariam um momento com fome, medo, frio ou dor.

Mas nunca apareceu nenhuma fêmea que o tivesse tentado o suficiente para lutar por aquele futuro.

Ele supôs, no fundo, que era isso que ele estava esperando: o laço de parceria.

O que ele via entre Feyre e Rhys.

Cassian soltou outro suspiro e se levantou. Azriel ergueu uma sobrancelha silenciosa.

Cassian apontou para a porta. Ele não seria capaz de descansar, se concentrar, até que nivelasse o campo de jogo. Ao entrar no corredor, ele murmurou sem olhar para trás:

— Finja que não está vendo, Azriel.



Curvada na cama, um livro apoiado no edredom, Nestha estava quase chegando no primeiro beijo escaldante do seu último livro de romance, quando uma batida ecoou na sua porta.

Ela fechou o livro rapidamente e se sentou contra os travesseiros.

— Sim?

A maçaneta virou, e lá estava ele.

Cassian ainda usava suas roupas de treinamento de couro, as sobreposições de escalas cheias de sombras que o faziam parecer ser uma besta grande e contorcida enquanto ele fechava a porta.

Ele se encostou no carvalho esculpido, suas asas subindo alto acima de sua cabeça como os picos de montanhas gêmeas.

— O que foi? — ela deslizou o livro para a mesa de cabeceira, se sentando na cama. Os olhos dele mergulharam na camisola de seda sem mangas e depois voltou rapidamente ao rosto dela. — O que foi? — exigiu ela

novamente, inclinando sua cabeça. Seu cabelo solto deslizou sobre um ombro, e ela o viu observar isso também.

Sua voz era áspera quando ele disse — Nunca te vi com o cabelo solto.

Ela sempre o usava trançado sobre a cabeça ou preso para cima.

— Me incomoda quando está solto. — Ela franziu as sobrancelhas para as mechas que iam até a sua cintura, o ouro entre o marrom cintilando na luz fraca.

— É lindo.

Nestha não conseguiu se impedir de engolir em seco quando ela levantou o olhar. Os olhos dele estavam em chamas, mas ele permaneceu encostado à porta, com as mãos presas atrás de seu corpo. Como se estivesse fisicamente tentando se conter.

O cheiro dele chegou nela, mais escuro, mais almiscarado que o habitual. Ela apostava todo o dinheiro que não tinha, que este era o cheiro da excitação dele.

Saber disso fez seu corpo arder de desejo, se desviando tanto do caminho da sanidade, que ela quase não conseguia mais se conter. Deixá-lo afetá-la com tanta facilidade e tanto assim, era inaceitável.

Ela não ousou olhar abaixo da cintura dele, não enquanto ela moldou seus lábios em um sorriso frio. — Está aqui para mais?

— Estou aqui para abater a dívida entre nós.

Suas palavras foram brutas. Seus dedos dos pés se contorceram embaixo do cobertor.

Mas sua voz permaneceu surpreendentemente calma. — Que dívida?

— Aquela que lhe devo por ontem à noite.

Ele falou como se não houvesse espaço nele para brincar, para o humor. Seus olhos se desviaram para baixo do seu rosto, notando a vibração no pulso do pescoço dela. — Temos assuntos inacabados.

Ela lutava por qualquer coisa para se proteger contra ele. — O orgulho masculino é uma coisa maravilhosa. — Quando ele não respondeu, ela atirou outra parede a seu caminho. — Por que você está aqui? Você deixou claro o suficiente que a noite passada foi um erro.

Ele não estava ligando para nada disso. — Eu nunca disse isso. — Sua atenção permaneceu fixa nela e na vibração do pulso em seu pescoço.

— Não precisou dizer. Eu vi nos seus olhos.

O olhar dele encontrou o dela. — O único erro da noite passada foi que eu gozei antes de poder provar você.

Nestha sabia que ele não se referia à boca dela. Ou à pele dela.

Cassian continuou — O único erro foi que você fugiu antes que eu pudesse me ajoelhar para você.

A respiração se tornou difícil. — Seus amigos não lhe dirão que *isto* é um erro?

— Ela fez um gesto no ar entre eles.

— Meus amigos não têm nada a ver com isto. Com o que eu quero de você.

Ele o disse com tanta intenção que o bico de seus seios endureceram. Seus olhos mergulharam novamente, e quando ele viu seus mamilos rígidos contra a seda de sua camisola...

Todo o seu ser parecia estar focado nisso. Nela. Todos os quinhentos anos de formação de um guerreiro, um exímio predador. Tudo isso, estreitando-se sobre ela.

Sua apreciação a envolveu como uma brisa de vento, de fogo. — E quanto ao treinamento? — ela disse, respirando.

— Isso fica fora do treinamento. — Seus olhos tinham ficado totalmente pretos.

A pele dela se ardia, tornando-se quase dolorosa enquanto algo se derretia e latejava entre suas pernas.

— Nestha.

Uma nota de súplica havia entrado em sua voz. Ele estava tremendo — a porta atrás dele estava balançando com a força de seu autocontrole se deteriorando.

Ela olhou então. Abaixo de sua cintura. Para o seu pau duro contra as suas calças.

Sua mente se esvaziou e só havia ele e ela e o espaço entre eles.

Cassian deixou sair um rosnado, o som também um apelo.

Ela se fez dizer — Isso fica fora do treinamento, e fora de todo o resto. Isso é apenas sexo.

Algo mudou em sua expressão, mas ele disse — Só sexo.

Isso certamente seria um erro, certamente seria algo pelo qual ela pagaria e sofreria. Mas ela não conseguia negá-lo. Negar a si mesma. Só por esta noite, ela permitiria.

Então Nestha encontrou seus olhos novamente, acolheu cada centímetro tremendo e contido e disse — Sim.

Cassian avançou até ela, uma besta libertada de sua gaiola, e ela mal teve tempo de se virar em direção a beira da cama antes que seus lábios estivessem sobre os dela, devorando-a e clamando-a.

Sons de ronronar profundo vibravam de seu peito através dos dedos dela enquanto ela arrancava seu casaco, sua camisa, rasgando o tecido. Ele retirou seus lábios dos dela apenas o tempo suficiente para puxar sua camisa fora, o tecido ficando preso em suas asas antes de cair no chão.

Então ele estava sobre ela novamente, subindo na cama, e ela abriu as pernas para ele, deixando seu corpo cair no espaço entre as coxas dela.

Ela não conseguiu segurar seus gemidos quando ele roçou os quadris nos dela, o couro de suas calças deslizando contra ela. Ele mergulhou a língua em sua boca, o beijo como uma marca, uma mão deslizando pela coxa nua, puxando a camisola dela para cima com a sua mão. Quando ele chegou ao quadril e ainda não havia encontrado uma calcinha, ele sibilou. Olhou para onde ele pressionava seu pau duro contra ela e percebeu que apenas o couro das calças o separava da umidade da sua umidade.

Ela tremia, e não de medo, quando ele pegou uma mão trêmula e deslizou sua camisola mais para o alto. Puxou-a até o umbigo e depois a olhou, nua e molhada, pressionada contra o pau em suas calças. Seu peito se mexeu e ela esperou por aquele toque brutal e exigente, mas ele só se inclinou e pressionou um beijo em sua garganta.

Ternura, persuasão. Cassian pressionou outro beijo em seu ombro, e ela tremeu. Tremeu mais quando ele arrastou sua língua sobre o local. Ele beijou o oco da garganta dela. Lambeu-a.

Ele deslizou as alças de sua camisola sob os braços dela. Beijou os ossos do colarinho. Com cada beijo, ele puxou ainda mais a camisola dela para baixo.

Até que sua respiração aqueceu os seios nus dela.

Cassian soltou um som profundo de sua garganta, de seu estômago. Como uma espécie de criatura faminta e atormentada. Ele olhou para seus seios, e ela não conseguia respirar sob aquele olhar ardente. Não conseguia respirar enquanto sua cabeça mergulhava e ele envolvia seus lábios ao redor do mamilo dela.

Nestha arqueou o corpo e um som sem fôlego rompeu-se dela. Cassian só repetiu o movimento em seu outro seio. E depois moveu seus dentes através do bico sensível de seus seios antes de se apertá-lo levemente.

Ela gemeu então, inclinando sua cabeça para trás, empurrando seu seio para cima em direção a ele em um apelo silencioso.

Cassian soltou aquele riso malicioso e voltou para seu outro seio, os dentes passando, provocando, mordendo.

Ela esticou suas mãos em direção a ele, em direção aonde o pau dele estava, ainda entre suas pernas. Ela precisava dele — agora. Em sua mão ou dentro dela, ela não se importava.

Mas Cassian só se afastou. Se levantou e se ajoelhou diante dela. Apreciou-a com as pernas abertas diante dele, sua camisola um monte de seda ao redor da sua cintura, todo o resto nu. Seu próprio banquete para devorar.

— Eu irei pagar a minha dívida. — disse ele com aquela voz brutal que fazia ela se contorcer. Ele observou os quadris dela ondularem e apoiou suas mãos grandes e poderosas em ambas as coxas. Esperou o sinal de que ela entendia suas intenções. O que ela havia sonhado por tanto tempo, nas horas mais sombrias da noite.

Em um sussurro sufocado, ela disse — Sim.

Cassian lhe deu um sorriso feroz, puramente masculino. E então suas mãos apertaram suas coxas nuas, abrindo-as mais amplamente. Sua cabeça abaixou, e tudo o que ela podia ver era seu cabelo escuro, dourado pelas lâmpadas, e suas asas requintadas, elevando-se acima deles.

Ele não perdeu tempo com toques e gestos suaves. Separando-a com uma mão, ele arrastou sua língua para lambar o clitóris dela.

O mundo se contorceu, se expandiu e se contorceu novamente. Ele xingou com a boca contra a umidade dela, e desceu com sua outra mão para ajeitar o pau nas calças.

Ele a lambeu novamente, permanecendo no ponto mais alto dela, no ápice de suas pernas. Sugando seu clitóris para dentro de sua boca, mordiscando com os dentes, antes de soltar.

Ela se arqueou, incapaz de impedir que um gemido saísse de sua garganta.

A língua de Cassian percorreu até embaixo, a lambendo sem pressa, e ele pôs uma mão no abdômen dela, mantendo-a no lugar enquanto enfiava a língua diretamente no seu núcleo. A língua se curvou dentro dela, indo mais fundo do que esperava, e ela não podia pensar, não podia fazer nada além de se entregar a essa sensação de prazer, a ele.

— Seu gosto — ele rosnou contra ela, voltando a subir em direção ao seu clitóris em lambidas curtas, provocadoras — é ainda mais delicioso do que o que sonhei.

Nestha choramingou, e ele movimentou a língua rapidamente. Seu gemido se transformou em um grito, e ele riu contra ela e voltou a lambe o local.

O orgasmo se tornou um véu cintilante, logo acima de seu alcance, mas que se aproximava cada vez mais.

— Tão molhada. — ele suspirou e lambeu a entrada dela, como se estivesse determinado a consumir cada gota dela. — Você sempre está molhada assim para mim, Nestha?

Ela não lhe permitiria a satisfação da verdade. Mas não conseguia pensar em uma mentira, não com sua língua bombeando para dentro e para fora dela, persuadindo-a, mas ainda negando-lhe a pressão e a implacável batida que ela tanto precisava.

Cassian riu, como se soubesse a resposta de qualquer maneira. Ele a lambeu, seu cabelo sedoso raspando sobre sua barriga, e olhou para cima para encontrar seu olhar.

Enquanto seus olhos se trancavam, ele deslizou um dedo para dentro dela.

Ela gritou, e ele passou uma mão pela coxa dela para segurá-la aberta enquanto chupava aquele ponto ao mesmo tempo que seu dedo entrava e saía dela em um ritmo provocadoramente lento.

Mais — ela queria mais. Ela ondulou seus quadris contra ele, com força suficiente para conduzir seu dedo mais fundo.

— Gananciosa — ele murmurou sobre ela, e retirou o dedo quase até a ponta.

Apenas para acrescentar um segundo dedo quando mergulhou de volta.

Nestha soltou-se inteiramente então. Solte a sanidade e qualquer orgulho enquanto ele a enchia com aqueles dois dedos. Ele chupou e mordiscou, e o orgasmo se recolheu em torno dela como uma névoa iridescente.

Cassian rosnou novamente, entregue a qualquer que seja a necessidade que o conduzia, e as reverberações do som ecoaram em lugares dela que nunca haviam sido tocados. Dentro e fora de seus dedos deslizavam, esticando e enchendo, tudo enquanto ele provava e saboreava.

Nestha cavalgou sua mão, seu rosto, se esfregando nele com abandono.

— Santos Deuses — Os dentes de Cassian raspam contra ela — Nestha.

O som do nome dela nos seus lábios contra seu lugar mais sensível fez a mente dela se dispersar na eternidade.

Ela se curvou da cama com a força de seu clímax, e ele ficou esfomeado, com os dedos enfiando e enfiando, língua e lábios se movendo contra ela, como se ele fosse devorar seu prazer inteiro. Ele não parou até ela cair contra o colchão, até ela estar mole e tonta e tentando recompor sua mente.

O deslize de seus dedos para fora dela deixou-a vazia e dolorida, a remoção de sua língua e boca entre suas pernas como um beijo frio.

Cassian estava ofegante, ainda duro quando se levantou e a olhou fixamente.

Ela não conseguia se mover — não conseguia lembrar como se mover.

Ninguém jamais havia feito isso com ela. Havia feito ela se sentir assim.

Tinha-lhe arrancado o fôlego, a meticulosidade de seu prazer. Como se o mundo pudesse ser refeito com a força do que tinha irrompido de dentro dela.

Ela apenas observou o músculo esculpido, a musculatura do peito, suas asas, seu lindo rosto.

Nestha esticou a mão para o pau que estava morrendo de vontade de sentir, de provar, mas ele recuou da cama.

Cassian agarrou sua camisa e se dirigiu à porta — Estamos quites agora.

23

Assistir ao clímax de Nestha tinha sido tão próximo de uma experiência religiosa quanto Cassian já tinha tido. Aquilo o abalou profundamente, e apenas pura vontade e orgulho o impediu de se derramar em suas calças novamente. Apenas pura vontade e o orgulho tinha-o feito recuar da cama quando ela o tinha procurado. Apenas pura vontade e orgulho tinham o feito sair do quarto, quando tudo o que ele queria era mergulhar seu pau naquele calor doce e apertado e montá-la até que ambos estivessem gritando.

Ele não conseguia tirar o gosto perfeito dela da boca. Não quando ele se lavou para cama. Não enquanto ele bombeava-se, ensopando os lençóis. Não enquanto comia o café da manhã. Não conseguia parar de sentir o aperto dela em torno de seus dedos, como um punho ardente e sedoso. Ele lavou suas mãos uma dúzia de vezes até quando enfrentou Nestha no ringue de treinamento, e ele ainda podia sentir o cheiro dela lá, ainda podia senti-la, prová-la.

Cassian banuiu o pensamento de sua mente. Junto com o conhecimento que Nestha pode ter se sentido bem em seus dedos, em sua língua, mas não seria nada comparado em como ela se sentiria em seu pau. Ela estava apertada o suficiente para ele saber que seria o paraíso e loucura — sua ruína. E ela estava tão encharcada para ele, que ele sabia que faria coisas deploráveis para poder experimentar aquela umidade novamente.

A Nestha que estava na arena de treinamento era aquela que ele via todas as manhãs.

Nenhum sinal de rubor ou brilho nos olhos para dizer a ele que ela tinha se divertido.

Mas talvez seja porque Azriel entrou atrás dela.

Seu irmão deu uma olhada para ele e sorriu. Az sabia. Poderia cheirar Cassian em Nestha, ou já poderia cheirar Nestha em Cassian, mesmo do outro lado do ringue.

Cassian não se arrependeu do que fez com ela. De jeito nenhum. E talvez isso foi dado pelo fato de que já fazia dois anos desde que ele teve qualquer relação sexual, mas ele não conseguia se lembrar da última vez em que esteve tão dominado por sua própria necessidade física.

Alguma parte pequena e tranquila de seu cérebro sussurrou ao contrário. Ele ignorou. Tinha ignorado por muito tempo agora.

— Bom dia, Az — disse Cassian alegremente. Ele acenou a cabeça para Nestha. — Nes, como você dormiu?

Seus olhos brilharam com a raiva que era como acender os dele, mas então ela sorriu friamente. — Como um bebê.

Era para ser um jogo, então. Qual deles poderia fingir que nada tinha acontecido por mais tempo. Qual deles podia parecer menos afetado.

Cassian sorriu para ela declarando que estava dentro. E ele a faria rastejar antes do fim.

Nestha apenas começou a desamarrar as botas.

Ele apontou o queixo para Azriel. — Por que você está aqui?

— Pensei em fazer um pouco de treinamento antes de sair para o dia. — disse Azriel, suas sombras persistentes na arcada como se temessem a forte luz do sol no ringue. — Não estou interrompendo nada, estou?

Cassian poderia ter jurado que os dedos de Nestha param nos cadarços da bota dela. Ele falou lentamente — Absolutamente nada, estamos começando o combate corpo a corpo.

— Meu menos favorito — disse Azriel.

Tirando as botas, Nestha perguntou — Por quê?

Az a observou, entrando descalço no ringue. — Eu gosto mais de lutas de espadas. Corpo a corpo é próximo demais para meu gosto.

— Ele não gosta de ficar com o suor das axilas de outra pessoa tão perto de seu rosto. — disse Cassian, rindo.

Azriel revirou os olhos, mas não negou.

Nestha observou o encantador de sombras com uma franqueza que a maioria das pessoas se escondiam dela. Azriel devolveu o olhar com uma quietude da qual a maioria das pessoas fugiam dela.

Até mesmo Feyre hesitou inicialmente em torno de Az, mas Nestha considerou ele com a mesma avaliação inabalável que ela colocava sobre todos.

Talvez tenha sido por isso que Azriel nunca disse uma palavra ruim sobre Nestha. Nunca pareceu inclinado a começar uma briga com ela. Ela o via, mas

não tinha medo dele. Não havia muitas pessoas que se encaixassem nessa categoria.

Nestha disse — Me mostrem como vocês dois lutam. — Azriel piscou, mas ela acrescentou — Quero saber contra o que estou lutando. — Quando nenhum deles disse nada, ela perguntou — O que eu vi na batalha foi diferente, não foi?

— Sim — disse Cassian. — Uma variação do que fazemos aqui, mas requer um tipo diferente de luta. — Sombras nublaram seus olhos, como se as memórias daqueles campos de batalha a assombrassem. Ele disse — Não iremos começar treinamento de batalha por um tempo ainda. — Anos, provavelmente. Az estava olhando para ela como se ele, também, tivesse marcado as sombras em seus olhos. Cassian perguntou a ele: — Você quer lutar comigo? Já faz um tempo desde que eu te derrubei e te joguei no chão.

Ele precisava tirar a energia — o desejo persistente e confuso da última noite.

Precisa queimá-lo de seu corpo por meio da movimentação e respiração.

Az rolou o ombro, sereno e calmo, os olhos brilhando como se ele notasse a necessidade de Cassian de expelir essa energia enrolada. Mas Az tirou sua jaqueta e camisa, deixando os sifões nas costas das mãos, ancorados ao redor do pulso e através de uma alça em seu dedo médio. Cassian fez o mesmo que ele enquanto tirava a camisa.

O olhar de Nestha o queimou do outro lado do ringue. Cassian flexionou os músculos de seu estômago enquanto ele se aproximava do círculo revestido a giz. Az sacudiu sua cabeça e murmurou — Patético, Cass.

Cassian piscou, acenando com a cabeça para o estômago igualmente musculoso de seu irmão. — Onde você anda se exercitando atualmente?

— Aqui — disse Azriel. — A noite. — Depois que ele voltava da espionagem seus inimigos.

— Não consegue dormir? — Cassian assumiu uma postura de combate.

Uma sombra enrolou-se no pescoço de Azriel, a única com coragem suficiente para enfrentar a luz do sol. — Algo assim — disse ele, e assumiu sua própria postura em frente a Cassian.

Cassian deixou passar, sabendo que Az já teria contado a ele se quisesse compartilhar o que o estava perseguindo o suficiente para se exercitar à noite, em vez pela manhã com eles. Cassian explicou a Nestha, que se levantou a alguns metros fora do ringue — Vamos a toda velocidade, então paramos, e eu vou te explicar. Tudo bem?

Ele precisava eliminar essa energia antes que ele ousasse se permitir ficar tão perto dela.

Nestha cruzou os braços, o rosto tão neutro que ela se perguntou por um momento se ele sonhou alguma fantasia selvagem na noite passada com sua cabeça entre as pernas dela.

Afastando o pensamento, ele novamente olhou para Az. Seus olhos se encontraram, o rosto de Az tão ilegível quanto o de Nestha, e Cassian deu um aceno com a cabeça. *Começar.*

Começou com os pés: um giro lento, uma avaliação, esperando pelo outro para revelar seu primeiro movimento.

Cassian conhecia os truques de Az. Sabia de que lado Az favorecia e como ele gostava de golpear. O problema era que Az conhecia todas as suas técnicas e falhas também. Eles circulam em volta um do outro novamente, os pés de Cassian batendo constantemente o solo seco.

— Bem? — ele perguntou a Az. — Por que você não me mostra o resultado de todas aquelas noites que você passou pensativo?

A boca de Az se curvou. Ele se recusou a morder a isca.

O sol batia neles, aquecendo a pele nua e cabelo de Cassian.

— Isso é realmente tudo que é? — Nestha perguntou. — Circulando e provocando?

Cassian não ousou olhar para ela. Nem por um instante. Assim que ele piscasse para ela, Azriel o atacaria e atacaria com força. Mas...

Cassian sorriu. E olhou para Nestha.

Az caiu em sua armadilha, lançando-se a ele.

Cassian, esperando por isso, encontrou o punho que Az enviou voando em seu rosto, bloqueando e defletindo e contra atacando. Az pegou o golpe, esquivou-se do segundo que Cassian estava esperando e apontou um para as costelas expostas de Cassian.

Cassian bloqueou, contra-atacou e a luta se desenrolou.

Punhos e pés e asas, soco e bloqueio, chutes e pisos, respirando fundo enquanto ele e Az tentavam quebrar as defesas um do outro. Nenhum deles colocando toda força de seus corpos nos golpes — não do jeito que fariam

em uma briga real, quando um soco poderia quebrar uma mandíbula. Mas eles usaram poder suficiente para fazer as costelas de Cassian balançarem com o impacto, para fazer Az soltar uma respiração quando Cassian acertou um golpe de sorte em seu estômago. Az foi poupado de ter o ar tirado dele por torção, caso contrário, a luta teria terminado ali mesmo.

Ao redor do ringue, punhos voando, dentes à mostra em sorrisos ferozes, eles se perderam no suor, no sol e na respiração. Eles nasceram para tais coisas, suportaram séculos de treinamento que afiaram seus corpos em instrumentos de violência. Para permitir que seus corpos fizessem apenas o que desejassem era seu próprio tipo de liberdade.

Cada vez mais rápido eles lutaram, e até mesmo a respiração de Cassian tornou-se trabalhosa. Embora Cassian tivesse mais volume, Azriel era rápido como um inferno — eles combinavam uniformemente. Eles poderiam ficar assim por horas, se eles realmente estivessem se enfrentando como inimigos.

Poderiam ficar nisso por dias, se estivessem sido oponentes em uma das guerras antigas, onde batalhas inteiras chegaram a uma paralisação para assistir heróis se enfrentarem.

Mas o tempo não era ilimitado, e ele tinha uma lição para continuar com Nestha.

— Certo. — Cassian ofegou por entre os dentes cerrados enquanto bloqueava o chute de Az e deu um passo para trás, circulando novamente. — Quem acertar o próximo golpe vence.

— Isso é ridículo. — Az ofegou de volta. — Vamos até que um de nós coma poeira.

Az tinha uma veia competitiva violenta. Não era prepotente e arrogante, do jeito que Cassian sabia que ele próprio tinha tendência de ser, ou possessivo e aterrorizante como o de Amren. Não, era silencioso, cruel e totalmente letal.

Cassian tinha perdido a conta de quantos jogos eles jogaram ao longo dos séculos, com um deles convencido da vitória, apenas para Az revelar alguma estratégia de mestre. Ou quantos jogos foram reduzidos a apenas Rhys e Az restantes, lutando por cartas ou xadrez até o meio da noite, quando Cassian e Mor desistiram e começaram a beber.

Eles circularam novamente, mas Az virou a cabeça em direção a Nestha, os olhos arregalados. Cassian olhou, o coração pulando na garganta.

Azriel golpeou, deu um soco no queixo com força suficiente para que Cassian cambaleasse.

Cambaleando, firmando-se, ele xingou.

Az soltou uma risada suave, os olhos piscando. Ele empunhou o mesmo truque que Cassian usou no início disso, jogou a única carta que faria Cassian tirar o foco de um oponente.

Já acontecera antes — contra Hybern. Nestha gritou seu nome, e mesmo no meio do campo de batalha, ele abandonou seus soldados e correu para ela, não se importando com nada além de alcançá-la, salvá-la.

Mas, Nestha o salvou. E ela gritou seu nome para tirá-lo do alcance do Caldeirão.

Seus soldados foram destruídos um momento depois. E quando ele olhou para o rosto dela, ele tinha entendido algo — algo que o último ano e meio tinha despedaçado e esfriado.

Cassian revirou o ombro, a mão na mandíbula enquanto dizia a Az — Desgraçado.

Az riu de novo e eles se viraram para Nestha.

Ela permaneceu um pilar de calma fria, mas uma linha de cor manchava suas bochechas.

Não havia vento para soprar o cheiro dela para ele, mas pelo jeito que sua garganta saltava enquanto ela olhava entre eles...

Azriel tossiu e caminhou em direção à estação de água.

— Você está babando. — Disse Cassian a ela, e Nestha ficou rígida.

— Se houve algo atraente — ela sibilou, entrando no ringue — foi ver Azriel socar sua cara.

Cassian fez um gesto para que ela assumisse sua posição de combate. — Continue dizendo isso a si mesma, Nes.



— O que você sabe sobre os Tesouros da Morte?

— Os o quê? — Gwyn se virou da mesa onde Nestha havia encontrado a sacerdotisa cantando baixinho para si mesma, situada do lado de fora da porta fechada do escritório de Merrill.

— Os Tesouros da Morte. — Disse Nestha, estremecendo com os protestos de seu corpo dolorido enquanto se sentava na beira da mesa de Gwyn. — Três artefatos antigos...

Gwyn balançou a cabeça. — Nunca ouvi falar disso.

Nestha ainda estava suada da aula com Cassian e Azriel. Eles a guiaram pelos socos, chutes e passos que davam com facilidade, embora nenhum deles risse quando ela era desajeitada ou deselegante.

Vê-los treinando foi incrível. Suas belas formas, tatuadas, cicatrizadas e esculpidas por músculos, brilhando de suor enquanto lutavam com uma violência e inteligência que ela nunca tinha visto... Ela própria estava suando quando eles terminaram, se perguntando como seria estar entre aqueles dois corpos masculinos, permitindo que eles voltassem toda aquela atenção letal para adorá-la.

Elain desmaiaria ao ouvir tais pensamentos. E ouvir que Nestha já teve dois machos em sua cama, não uma, mas duas vezes, e tinha aproveitado cada

segundo disso. Mas os homens com quem Nestha se compartilhou não se pareciam com Cassian e Azriel. Não *eram* Cassian e Azriel.

Nestha se concentrou durante a aula, mas assim que os deixou no ringue de treinamento, pensamentos sujos surgiram, deixando-a meio distraída enquanto descia para a biblioteca. A ideia de Cassian bombeando em sua boca enquanto Azriel estocava dentro dela por trás, os dois trabalhando em conjunto.

Falar com Gwyn sobre os Tesouros da Morte a deixou sóbria rápido o suficiente.

— Parece que os Tesouros possuem um encantamento que faz as pessoas esquecerem que ele existe. — Disse Nestha a Gwyn, e explicou sucintamente o que era, junto com vagos detalhes sobre por que era desejado. Ela não mencionou a Rainha Briallyn, ou Koschei, ou o Caldeirão. Só que os Tesouros deveriam ser encontrados rapidamente. E que Gwyn não deveria mencionar isso a ninguém.

Nestha supôs que, ao fazer isso, ela desobedeceu diretamente à ordem de sigilo de Rhys, mas... que ele fosse para o inferno.

Quando ela terminou, Gwyn estava com os olhos arregalados, o rosto tão pálido que suas sardas se destacavam em alívio afiado. — E você deve encontrá-los?

— Não tenho a menor ideia de por onde começar a procurar. Qual deles encontrar primeiro.

Gwyn mordeu o lábio inferior. — Nós temos um sistema extenso de catalogação de fichas. — Ela refletiu preguiçosamente, mas olhou para as pilhas além delas, para o buraco aberto no fundo da biblioteca. — Mas eles não listam o que está abaixo do Nível Sete.

— Eu sei.

Gwyn inclinou a cabeça. — Então por que veio até mim?

— Você é claramente boa no que faz, se está trabalhando com alguém tão exigente como Merrill. Se tiver um momento livre, qualquer ajuda será apreciada. Ou apenas indique uma direção.

— Deixe-me terminar de revisar este capítulo e depois verei o que posso descobrir.

Nestha deu um sorriso apertado. — Obrigada.

Gwyn acenou com a mão. — Encontrar objetos para ajudar nossa Corte a proteger o mundo é bastante emocionante. Tão emocionante quanto estou disposta a ser hoje em dia, mas será uma aventura.

— Você poderia vir treinar se quiser outro tipo de aventura. — Nestha disse cuidadosamente.

Gwyn ofereceu a ela um sorriso tenso. — Isso não é para mim, infelizmente.

— Por que não?

Gwyn gesticulou para as roupas de couro de Nestha, as medidas sobrepostas.

— Eu não sou uma guerreira.

— Nem eu. Mas você poderia ser.

Gwyn balançou a cabeça. — Acho que não. Se eu quisesse ser uma guerreira, teria seguido esse caminho quando criança. Em vez disso, me ofereci como acólita — e isso é o que sou.

— Você não precisa abrir mão de uma coisa para ser a outra. O treinamento é exercício. Aprender a respirar, se alongar e lutar. Você não está pesquisando Valquírias para Merrill? Isso pode até lhe dar mais informações. — Nestha deu um tapinha em uma coxa. — E eu já tenho músculos formando. Duas semanas e posso ver a diferença.

— Por que uma sacerdotisa precisaria de coxas musculosas?

Nestha estreitou os olhos enquanto Gwyn voltava ao trabalho. — É sobre Cassian?

— Cassian é um homem bom e honrado.

— Eu sei que ele é. — Ela sempre soube disso. Ela pressionou — Mas é a presença de Cassian que a faz hesitar?

Não houve nenhuma pista esta manhã sobre o que tinha acontecido entre eles na noite anterior. Como se a dívida entre eles tivesse sido paga e ele não tivesse mais interesse em tocá-la. Como se ela fosse uma coceira resolvida, e foi isso. Ou talvez ele não tivesse aproveitado como ela.

Isso a inquietava, o fato de que ela passava tanto tempo pensando sobre isso.

Gwyn não respondeu, e Nestha sabia que ela não tinha o direito de insistir, não quando a cor tomou conta das bochechas de Gwyn e sua cabeça se curvou ligeiramente. Vergonha — era vergonha e medo.

Algo no peito de Nestha apertou quando ela começou a se afastar. — Tudo bem. Deixe-me saber se você souber de alguma coisa sobre os Tesouros da Morte.

Nestha refletiu sobre a conversa durante as horas em que trabalhou. Quando ela verificou a folha de inscrição ao deixar a biblioteca ao pôr do sol, nenhum nome foi adicionado.

Ela sentiu os olhos de Clotho sobre ela enquanto examinava a página em branco. Nestha finalmente se virou para a sacerdotisa, sentada em sua mesa com as mãos cruzadas diante dela. O silêncio se estendeu entre elas, mas Nestha não disse nada ao sair.

Ela foi para a escada em vez de ir para o quarto ou a sala de jantar, e olhou para a vermelhidão curva dos degraus.

Nestha começou a descida, mais lentamente desta vez, contemplando cada colocação de seu pé. Deixando que cada passo para baixo fosse um

pensamento, uma peça de um dos quebra-cabeças de Amren, que ela vasculhou.

Para baixo e para baixo ela foi, revirando cada palavra e olhar de Gwyn durante o tempo que Nestha trabalhou na biblioteca. *Passo a passo*, ela disse a si mesma com cada movimento ardente e trêmulo de suas pernas. *Passo a passo a passo*.

Novamente, ela repassou a conversa. Cada passo era uma palavra diferente, ou movimento, ou cheiro.

Nestha estava no degrau dois mil quando parou.

Ela sabia o que tinha que fazer.

24

Cinco dias depois, Cassian sentou-se diante da mesa da alta sacerdotisa da biblioteca e observou os movimentos da caneta encantada. Ele encontrou Clotho algumas vezes ao longo dos séculos — descobriu que ela tinha um senso de humor perverso e uma presença reconfortante. Ele fez questão de não olhar para as mãos dela, ou seu rosto que ele só vira uma vez, quando Mor a trouxera há muito tempo. Tinha sido tão surrado e estava tão ensanguentado, que não parecia de forma alguma um rosto.

Ele não fazia ideia de como tinha cicatrizado sob o capuz. Se Madja tivesse sido capaz de salvá-lo de alguma maneira, ela não tinha sido capaz de salvar as mãos de Clotho. Ele supôs que não importava a aparência dela, não quando ela havia realizado e construído tanto com Rhys e Mor dentro desta biblioteca.

Um santuário para fêmeas que suportaram tais horrores indizíveis que ele sempre ficava feliz em fazer justiça em seu nome.

Sua mãe precisou de um lugar como este. Mas Rhys havia estabelecido isso muito depois que ela partiu deste mundo. Ele se perguntou se a mãe de Azriel já considerou vir aqui, ou se ele alguma vez a incentivou.

— Bem, Clotho — disse ele, recostando-se na cadeira, rodeado por sons de pergaminho farfalhando e as vestes das sacerdotisas como asas esvoaçantes,

— Você pediu uma audiência?

A caneta dela fez um floreio ao terminar o que ela estava escrevendo.

Eu já pedi a Nestha duas vezes para não praticar na biblioteca, e ela desconsiderou minha solicitação. Por cinco dias, ela ignorou descaradamente minhas ordens para parar.

As sobrancelhas de Cassian se ergueram. — Ela está praticando aqui?

Novamente, a caneta raspou no papel. Ele olhou para o vão aberto à sua esquerda, como se avistasse Nestha lá embaixo. Uma semana se passou desde aquela loucura em seu quarto, e eles não haviam falado disso, nem feito nada.

Ele não tinha certeza se seria sábio continuar.

Além do extenuante conjunto de exercícios para aprimorar seu corpo, Cassian a acompanhou através das minúcias do combate corpo a corpo, passos individuais e movimentos que poderiam ser montados em combinações infinitas. Aprender cada uma desses passos exigia não apenas força, mas foco — para lembrar qual movimento se relacionava com cada etapa numérica, para deixar seu corpo começar lembrar por conta própria: um soco, um gancho, um chute alto... Ele perdeu a conta de quantas vezes ele a pegou resmungando para seu corpo para lembrar, então ela não precisaria *pensar* muito.

Mas ele sabia que ela gostava dos socos. Dos chutes. Uma luz brilhava em seu rosto enquanto seu corpo fluía através dos movimentos, um estilingue de força, tudo se estreitando até um ponto de impacto. Ele sempre sentiu dessa forma, quando ele fazia os movimentos corretamente, como se seu corpo, mente e alma tivessem se alinhado e começasse a cantar.

Clotho escreveu, *Nestha tem praticado constantemente ultimamente.*

— Ela causou algum dano?

Não. Mas eu pedi para ela parar, e ela não parou.

Ele reprimiu o sorriso. Talvez as aulas da manhã não fossem exigentes o suficiente. — O trabalho dela está sendo afetado por isso?

Não. Isso não vem ao caso.

Sua boca torceu para o lado.

Clotho escreveu, *preciso que você dê um basta nisso.*

— Isso incomoda os outros?

Isso as distrai, ver alguém chutando e socando as sombras.

Cassian teve que abaixar a cabeça para que ela não pudesse ler a diversão em seus olhos. — Eu vou falar com ela. Ela está lá embaixo agora? — Ele acenou com a cabeça para a rampa inclinada. — Com sua permissão, é claro.

Este era seu porto seguro. Não importava se ele era um membro da corte de Rhys, ou que ele tenha vindo aqui antes. Todas as vezes, ele pedia permissão.

Ele só falhou uma vez: quando os Corvos de Hybern haviam atacado.

Sim. Eu te dou permissão para entrar. Nestha está no Nível Cinco. Talvez você consiga convencê-la.

Tomando isso como sua deixa, Cassian se levantou. — Você sabe que é de Nestha Archeron que estamos falando? Ela não faz nada a menos que deseje.

E ela é a menos provável de me ouvir.

Clotho soltou uma risada. *Ela tem uma vontade de ferro.*

— De aço. — Ele sorriu. — Bom ver você, Clotho.

Você também, Lorde Cassian.

— Apenas Cassian — disse ele, como já havia dito tantas vezes.

Você é um lorde de boas ações. Não é um título nascido, mas conquistado.

Ele abaixou a cabeça e disse com voz rouca — Obrigado.

Demorou até chegar à seção onde Clotho dissera que Nestha estaria para se livrar das palavras da alta sacerdotisa. O que elas significaram para ele.

O arrastar de pés o saudaram primeiro, depois a respiração constante e rítmica que ele conhecia tão intimamente. Cassian fez sua respiração entrar no ritmo com a dela, silenciou seus próprios passos e olhou para dentro do próximo corredor.

Quem passasse pela rampa bastaria olhar para a direita para ver Nestha de pé lá, em uma posição de luta quase perfeita, dando socos na prateleira. Ela escolheu cinco livros como alvos e trabalhava cada golpe em direção a eles como se fossem as partes de um corpo que ele tinha mostrado a ela onde atacar.

Então ela parou, soltou um suspiro e afastou uma mecha de cabelo errante, e endireitou os livros antes de retornar ao carrinho de metal atrás dela.

— Você ainda está deixando cair o cotovelo — disse ele, e ela girou, caindo para trás contra o carrinho tão assustada que ele fez o suficiente para engolir a risada. Ele nunca tinha visto Nestha Archeron tão... Perturbada.

Ela ergueu o queixo enquanto caminhava em direção a ele. Ele observou cada movimento de suas pernas. Ela parou de jogar o seu peso sobre a perna direita tão forte, que os músculos destacaram nas coxas dela, elegantes e fortes. Três semanas pode não ser muito tempo para um corpo humano ganhar músculo, mas ela era Grã-féerica agora. — Não estou deixando cair o cotovelo — ela desafiou, emergindo da linha de corredores para a área plana antes do declive da rampa.

— Acabei de ver você fazer isso duas vezes com aquele gancho de direita.

Ela se encostou no final de uma longa prateleira. — Presumo que Clotho tenha enviado você para me repreender.

Ele encolheu os ombros. — Eu não sabia que você estava investindo tanto no treinamento aqui embaixo.

Seus olhos praticamente brilharam na escuridão. — Estou cansada de ser fraca. De depender dos outros para me defender.

É justo. — Antes de dispensar a palestra sobre ignorar os pedidos de Clotho, deixe-me apenas dizer isso.

— Mostre-me. — Nestha se afastou da prateleira e se posicionou contra ele.

— Mostre-me onde estou deixando meu cotovelo cair.

Ele piscou com a intensidade ondulante em seu rosto. Então ele engoliu.

Engoliu, porque ali estava ela: um vislumbre daquela pessoa que ele conheceu antes do fim da guerra contra Hybern. Um lampejo dela, como uma miragem — como se, se ele olhasse por muito tempo, ela escorregaria para longe e desapareceria.

Então Cassian disse — Fique na sua posição.

Nestha obedeceu.

Esperando que Clotho não viesse expulsá-lo por desobedecer às ordens dela, ele disse — Tudo bem. Jogue o gancho de direita.

Nestha o fez. E deixou cair o maldito cotovelo.

— Volte para a posição. — Ela o fez, e ele perguntou — Posso?

Nestha assentiu e se manteve perfeitamente imóvel enquanto ele fazia ajustes minuciosos no ângulo do seu braço. — Soque novamente. Devagar.

Ela o atendeu e a mão dele envolveu seu cotovelo quando começou a afundar.

— Vê? Mantenha isso para cima. — Ele manobrou o braço dela de volta à posição inicial. — Não se esqueça de distribuir o peso através de seus quadris.

— Ele pegou o braço dela, mantendo uma boa distância entre seus corpos, e movendo através do soco. — Desse jeito.

— Tudo bem. — Nestha se recompôs e ele deu um passo para trás. Sem sua ordem, ela fez o soco novamente. Perfeitamente.

Cassian assobiou.

— Faça isso com mais força e você vai quebrar a mandíbula de um macho — disse ele com um sorriso torto. — Me dê uma combinação um-dois, então quatro-cinco-três, então um-um-dois.

As sobrancelhas de Nestha franziram enquanto ela se recompunha. Seus pés mudaram de posição, distribuindo o peso no chão de pedra.

E então ela se moveu, e foi como observar um rio, como observar o vento cortando uma montanha. Não era perfeito, mas perto.

— Se você fizesse isso contra um oponente — disse Cassian — ele estaria no chão, ofegando por ar.

— E então eu mataria.

— Sim, uma espada no coração terminaria o trabalho. Mas se você bater forte no peito o suficiente com aquele soco final, você pode fazer um dos pulmões dele entrar em colapso. Em um campo de batalha, você pode optar pelo golpe mortal com uma espada ou apenas deixá-lo lá, incapaz de se mover, para outra pessoa finalizar enquanto você enfrenta o próximo oponente.

Ela assentiu, como se tudo isso parecesse uma conversa perfeitamente normal. Como se ele estivesse dando a ela dicas de jardinagem.

— Tudo bem. — Cassian pigarreou e puxou as asas — Então, chega de praticar na biblioteca. A próxima pessoa que Clotho pedir para te repreender provavelmente não será alguém que você gostaria de conversar.

Os olhos de Nestha escureceram enquanto ela considerava qual de suas pessoas menos favoritas seria, e ela acenou com a cabeça novamente.

Com sua tarefa cumprida, ele disse — Dê-me mais uma combinação. — Ele recitou o pedido.

Seu sorriso era nada menos que felino quando ela fez exatamente isso. E seu gancho de direita não fez muito com um golpe inferior.

— Bom — disse ele, e virou-se em direção à rampa que o levaria para fora.

Ele se assustou com o que viu: sacerdotisas paravam ao longo das grades em vários níveis, olhando para eles. Em direção a Nestha.

Com sua atenção, elas imediatamente começaram a andar, trabalhar ou guardar livros. Mas uma jovem sacerdotisa com cabelo castanho acobreado — a única delas sem capuz ou pedra — permaneceu na grade por um tempo mais longo. Mesmo de um nível abaixo e através do poço, ele podia ver que seus olhos grandes eram da cor de água rasa e quente. Eles ficaram largos por um momento antes que ela também, rapidamente desaparecesse.

Cassian olhou de volta para Nestha, que encontrou seu olhar com olhos quase fervendo.

— Seu gancho de direita estava perfeito esta manhã — ele murmurou.

— Sim.

— Mas não quando eu vi você nas estantes.

— Eu imaginei que você iria me corrigir.

O choque e a alegria o atingiram. Ela saiu do corredor antes de deixá-lo corrigir. À vista de todos. Para que todos o vissem ensinando.

Ele ficou boquiaberto.

— Você pode dizer a Clotho que não precisarei mais praticar na biblioteca — disse Nestha suavemente, se virando novamente para descer pelo corredor.

Ela sabia que Clotho e as outras nunca o convidariam, e nunca iriam até o ringue para ver o que ele poderia fazer. Como ele as ensinaria. Então ela mostrou às sacerdotisas o que ela estava aprendendo, dia após dia. Mais do

que isso, ela irritou Clotho o suficiente para que a sacerdotisa mandasse ele descer aqui.

Onde Nestha o havia usado em uma demonstração. Não por si mesma, mas pelas sacerdotisas que se interessassem em assistir.

Cassian soltou uma risada suave. — Astuta, Archeron.

Nestha ergueu a mão sobre o ombro em despedida ao chegar ao carrinho.



Elas precisavam ver, Nestha percebeu. Como Cassian era quando lhe ensinava. Que havia contato, mas sempre com sua permissão, e sempre profissional. Precisavam ver como ele nunca zombava dela, apenas corrigia gentilmente. E precisavam ver o que ele ensinou a ela. Ouvi-lo dizer exatamente o que ela poderia fazer com todas aquelas combinações de socos e chutes.

O que as sacerdotisas poderiam aprender a fazer.

Mas naquela noite, quando Nestha saiu, a folha de inscrição permaneceu em branco.

Ela olhou de volta para Clotho, que estava sentada em sua mesa, como sempre fazia, do amanhecer ao anoitecer.

Se a sacerdotisa percebeu que ela havia sido enganada, ela não deixou transparecer. Mas havia algo como tristeza escapando de Clotho, como se ela, também, quisesse ver aquele papel preenchido hoje.

Nestha não sabia por que isso importava. Porque a tristeza de Clotho lhe atingia, mas então Nestha estava se movendo, subindo para a Casa, até os dez mil degraus.

Talvez ela não servisse para nada, afinal. Talvez ela tivesse sido uma tola ao pensar que esse truque poderia convencê-las. Talvez o treinamento físico

não fosse o que eles precisavam para superar seus demônios, e ela foi arrogante o suficiente para assumir que sabia o que elas precisavam.

Continuando e continuando pelas escadas, Nestha descia, as paredes estavam pressionando.

Ela só conseguiu descer novecentos degraus antes de se virar, seus passos tão pesados como se eles fossem feitos de chumbo.

Nestha ainda estava suando e respirando com dificuldade quando ela tropeçou em seu quarto e encontrou um livro na mesa de cabeceira. Ela levantou uma sobrancelha com o título. — Este não é o seu tipo usual de romance — ela disse para o quarto.

Não era um romance de forma alguma. Era um antigo manuscrito encadernado chamado *A Dança da Batalha*.

Nestha disse — Você pode pegar este de volta, obrigada. — A última coisa que ela queria ler a noite era um texto velho e enfadonho sobre estratégia de guerra. A Casa não fez tal coisa, e Nestha suspirou e pegou o manuscrito, a capa de couro preto tão velha que era macia como manteiga.

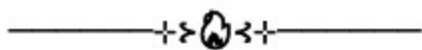
Um cheiro familiar chegou até ela das páginas. — Você não deixou isso para mim, deixou?

A Casa respondeu colocando uma pilha de romances, como se dissesse: *Isto é o que eu escolhi*.

Nestha olhou para o manuscrito, cheio do perfume de Cassian, como se ele o tivesse lido mil vezes.

Ele tinha deixado para ela. Considerando ela digna de tudo o que havia ali dentro.

Nestha empoleirou-se na beira da cama e com o polegar abriu o livro.



Era meia-noite quando ela fez uma pausa na leitura de *A Dança Da Batalha* e esfregou as têmporas. Ela não o largou, nem mesmo para jantar em sua mesa, segurando-o com uma mão enquanto ela devorava seu ensopado com a outra.

Foi surpreendente o quanto da arte da guerra era semelhante à manipulação social que a mãe insistiu que ela aprendesse: escolhendo campos de batalha, encontrando aliados entre os inimigos de alguém... Algumas coisas eram totalmente novas, é claro, e uma maneira tão precisa de pensar que ela sabia que teria que ler o manuscrito muitas vezes para compreender totalmente suas lições.

Ela sabia que Cassian era experiente em liderar exércitos. Tinha visto ele fazer isso com precisão e inteligência inabaláveis. Mas lendo o manuscrito, ela percebeu que nunca entenderá o quanto de estratégia avançada era necessária para o planejamento de batalhas e guerras.

Nestha colocou o manuscrito em sua mesa de cabeceira e recostou-se nos travesseiros.

Ela imaginou Cassian em um campo de batalha, como ele estava naquele dia em que lutou contra um comandante de Hybern e lançando uma lança tão forte que o macho foi arremessado de seu cavalo com o impacto.

Ele se afastou apenas de um dos conselhos do manuscrito: ele lutou na linha de frente com seus soldados, em vez de comandar pela retaguarda.

Ela deixou seus pensamentos vagarem por um tempo, até que se enredaram em outro emaranhado de espinhos.

Importava tanto assim se sacerdotisas não aparecessem para o treinamento?

Além de sua própria relutância em admitir o fracasso, isso importava?

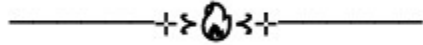
Sim. De alguma forma, importava.

Ela tinha falhado em todos os aspectos de sua vida. Falhara total e espetacularmente, e mantendo outros longe de perceber isso era seu

objetivo principal. Ela os excluiu, fechou-se para fora, porque o peso de todas essas falhas ameaçava quebrá-la em mil pedaços.

Nestha esfregou o rosto com as mãos.

O sono demorou muito a chegar.



O suor ainda escorria por seu corpo quando Nestha entrou na biblioteca na tarde seguinte, seguindo para a rampa para levá-la até onde ela havia deixado o carrinho.

Ela não teve coragem de olhar para a folha de inscrição vazia. Para rasgar.

Ela não teve coragem de olhar para Clotho e admitir sua derrota. Ela continuou andando.

Mas Clotho a deteve com a mão erguida. Nestha engoliu. — O que?

Clotho apontou para trás de Nestha, seu dedo nodoso indicando a porta. Não, o pilar.

E não era tristeza escapando da sacerdotisa, mas algo como um zumbido de alegria. Algo que fez Nestha girar nos calcanhares e caminhar em direção ao pilar.

Um nome havia sido rabiscado na folha.

Um nome, em negrito. Um nome, pronto para a lição de amanhã:

GWYN

Parte Dois

GUERREIRA

25

— Pare de parecer tão nervosa. — Cassian murmurou pelo canto da boca.

— Não estou nervosa. — Nestha murmurou de volta, mesmo quando ela saltitava, tentando não olhar para o arco aberto enquanto o relógio marchou em direção às nove.

— Só relaxe. — Ele endireitou sua jaqueta.

— É você que está inquieto. — Ela sibilou.

— Porque *você* está me deixando inquieto.

Passos arrastados soaram além do arco, e a respiração de Nestha correu dela como uma onda que ela não percebeu que estava segurando enquanto o cabelo marrom acobreado de Gwyn surgiu. Na luz do sol, a cor do cabelo dela era extraordinária, fios de ouro cintilante, e seus olhos azuis claro eram uma combinação quase perfeita das pedras que as outras sacerdotisas usavam.

Gwyn os viu de pé no centro do ringue e parou de repente.

O cheiro forte de seu medo fez Nestha se aproximar.

— Olá.

As mãos de Gwyn tremiam enquanto ela dava outro passo em direção ao ringue e olhou para a cavidade aberta do céu.

A primeira vez que ela fora, realmente fora, em anos.

Cassian, para seu próprio crédito, moveu-se para a prateleira de armas de treino feitas de madeira que ele alegou que não usaria por meses e fingiu ajustá-las.

Gwyn engoliu a seco.

— Eu... hm, eu percebi no caminho para cá que não tenho roupas apropriadas.

— Ela gesticulou para sua túnica pálida — Suspeito que essas não serão ideais.

— Eu posso te ensinar com a túnica, se você quiser. O que for mais confortável. — Cassian disse sem olhar para cima.

Gwyn ofereceu a ele um pequeno sorriso.

— Eu vou ver como serão as aulas de hoje e então decido. Nós usamos túnicas mais por tradição, não regras inflexíveis. — Ela encontrou o olhar de Nestha novamente enquanto sorria. — Eu esqueci como é ter todo o sol sobre minha cabeça — Ela olhou para cima novamente — Desculpe-me se eu passar muito tempo olhando para o céu.

— É claro. — Disse Nestha. Ela não havia encontrado Gwyn no dia anterior depois de ver que ela inscreveu-se para as lições desta manhã, mas ela estava com medo, preocupada que um comentário azedo acidentalmente proferido fizesse-a reconsiderar.

Palavras ficaram presas na garganta de Nestha, mas Cassian pareceu antecipar isso.

— Tudo bem. Sem mais bate-papo. Nes, mostre a nossa nova amiga, Gwyn, certo? Eu sou Cassian. Nes, mostre seus pés a ela.

— Pés? — As sobrancelhas cor de cobre de Gwyn se ergueram.

— Você vai ver. — Nestha revirou os olhos.



Gwyn compreendeu o conceito de se firmar através dos seus pés melhor do que Nestha tinha, e certamente não teve problemas em deixar cair o seu peso para o quadril direito e outras coisas que Nestha tinha trabalhado para corrigir durante três semanas. Mesmo com a túnica, era claro que Gwyn foi construída ágil e magra, habituada à graça casual dos feéricos que Nestha estava apenas aprendendo.

Ela esperava ter de persuadir a sua amiga, porém uma vez que Gwyn superou sua tremedeira inicial, ela se tornou uma participante disposta e uma alegre companheira. A sacerdotisa riu dos seus próprios erros, e não se resignou com as correções de Cassian.

No final da lição, porém, a túnica de Gwyn estava úmida de suor, mechas de cabelo se enrolando em volta do seu rosto ruborizado. Cassian ordenou-lhes que bebessem um pouco de água antes de se acalmarem.

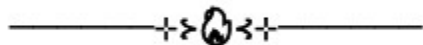
Enquanto Gwyn servia um copo, ela disse — No templo em Sangravah, tínhamos um conjunto de movimentos ancestrais que passávamos a cada nascer do sol. Não para treino de batalha, mas para acalmar a mente. Fazíamos um descanso depois deles também,

embora os chamássemos de aterramentos. Os movimentos nos tiraram do nosso corpo, de certa forma. Deixava-nos comungar com a Mãe. Os aterramentos nos colocavam de volta no mundo real.

— Então, por que você se inscreveu para isso? — Nestha bebeu do copo que Gwyn estendeu. — Se já tem exercícios para acalmar a mente a que está acostumada?

— Porque não quero mais me sentir impotente de novo — disse Gwyn suavemente, e todos aqueles sorrisos fáceis e risos brilhantes tinham desaparecido. Só a honestidade crua e dolorosa brilhava nos seus olhos notáveis.

Nestha engoliu em seco, e embora o instinto dissesse a ela para se afastar, ela disse baixinho — Eu também.



A campainha acima da porta da loja tocou quando Nestha entrou, limpando os flocos de neve que tinham caído nos ombros de sua capa. Cassian precisou subir para as Montanhas Illyrianas depois da segunda lição com Gwyn e, para sua surpresa, ele pediu a Nestha para se juntar a ele. Ele já havia esclarecido com Clotho que ela se atrasaria algumas horas para o trabalho na biblioteca.

Mas não tinha explicado porque, além de um comentário casual sobre tirá-la da Casa e levá-la para o ar fresco.

No entanto, ela aceitou, e também não disse a ele o porquê. Cassian nem sequer pareceu curioso quando Nestha pediu que ele a deixasse em Refúgio do Vento para que ela pudesse fazer compras. Talvez uma faísca tivesse brilhado em seus olhos, como se ele tivesse adivinhado, mas ele estava distante, quieto.

Dado que Cassian estava aqui para se encontrar com Eris, ela não o culpou.

Ele deixou Nestha perto da fonte no centro da vila gelada, certificando-se de que ela soubesse que, se precisasse se aquecer, a casa da mãe de Rhys estava destrancada.

Velaris ainda estava agarrada à mão do verão, o outono mal tendo se afastado, mas o acampamento illyriano já havia se rendido completamente ao abraço do inverno. Nestha não perdeu tempo entrando na loja.

— Nestha — disse Emerie como forma de saudação, olhando por cima do ombro largo e das asas de um macho de aparência jovem, que ela estava ajudando-o no balcão. — É bom te ver.

Isso era alívio em sua voz? Nestha certificou-se de que a porta atrás dela estava firmemente fechada antes de entrar, a neve em suas botas deixando

rastros de lama ao lado daqueles deixados pelo cliente de Emerie.

O macho meio que se virou para Nestha, revelando um rosto suavemente bonito, cabelo escuro preso na nuca e olhos castanhos vidrados. O idiota estava bêbado. *Idiota* parecia ser o termo correto, já que a postura rígida de Emerie revelava aversão e cautela.

Nestha caminhou até o balcão, dando ao macho uma olhada que ela sabia que normalmente fazia as pessoas quererem estrangulá-la. Pela maneira como ele enrijeceu, balançando levemente em seus pés calçados com botas, ela sabia que tinha funcionado.

— Bom dia. — disse ela alegremente para Emerie. Outra coisa que os machos pareciam detestar: ser ignorados por uma fêmea.

— Espere sua vez, bruxa — o macho resmungou, voltando-se para o balcão e Emerie.

— Acho que acabamos aqui, Bellius. — Emerie cruzou os braços.

— Terminamos quando eu disser que terminamos — As palavras estavam meio arrastadas.

— Eu tenho um compromisso — disse Nestha, lançando um olhar frio para ele. Ela cheirou o macho. Seu nariz enrugou — E você parece precisar de um encontro com um banho.

Ele se virou totalmente para ela, os ombros musculosos empurrando para trás. Mesmo com a expressão vidrada, a ira ferveu em seu olhar.

—Você sabe quem eu sou?

— Um idiota bêbado me fazendo perder meu tempo — disse Nestha. Dois Sifões, um azul mais escuro que o de Azriel, estavam nas costas de suas mãos grandes. — Saia.

Emerie se acalmou, como se estivesse se preparando para a retaliação. Mas ela disse antes que o homem pudesse responder — Discutiremos isso mais tarde, Bellius.

— Meu pai me enviou para transmitir uma mensagem.

— Mensagem recebida — disse Emerie, levantando o queixo — E a minha resposta é a mesma: esta loja é minha. Se ele quiser tanto, pode abrir a sua própria.

— Cadela odiosa — Bellius falou, dando um passo para trás.

Nestha riu, fria e vazia. Feéricos e humanos tinham mais em comum do que ela imaginava. Quantas vezes ela testemunhou os devedores de seu pai escurecendo a soleira da porta para sacudi-lo por dinheiro que ele não tinha?

E então houve um tempo em que eles foram além das ameaças. Quando eles deixaram a perna do pai dela quebrada. Qualquer sensação de segurança foi destruída com isso.

— Saia — disse Nestha novamente, apontando para a porta enquanto Bellius se irritava com a risada dela. — Faça um favor a si mesmo e saia.

Bellius se ergueu em toda a sua altura, as asas se abrindo.

— Ou o que?

— Eu não acho que você queira descobrir a “*ou que*” parte . — Nestha cutucou suas unhas.

Bellius abriu a boca, mas Emerie disse — Seu pai agora tem minha resposta, Bellius. Eu sugiro que você pegue um pouco de água na fonte antes de voar para casa.

Bellius apenas cuspiu nas tábuas do assoalho e se dirigiu para a saída, lançando um olhar vago a Nestha ao bater a porta atrás de si.

Em silêncio, Nestha e Emerie o viram cambaleiar na rua varrida pela neve e abrir suas asas. Nestha franziu a testa enquanto ele disparava para o céu.

— Amigo seu? — Nestha perguntou, encarando Emerie no balcão novamente.

— Meu primo — Emerie se encolheu. — O pai dele é meu tio. Do lado do meu pai. — Ela acrescentou antes que Nestha pudesse perguntar. — Bellius é um idiota jovem e arrogante. Ele deve participar do Rito de Sangue nesta primavera, e sua arrogância só cresceu nos últimos meses, pois ele espera se tornar um verdadeiro guerreiro. Ele é habilidoso o suficiente para ser colocado em uma unidade de reconhecimento no continente, e só voltou para comemorar sua conquista, aparentemente. — Emerie limpou uma partícula invisível de sujeira no balcão. — Eu não esperava que ele estivesse bêbado ao meio-dia, no entanto. Isso é um novo ponto baixo para ele. — A cor manchou suas bochechas. — Lamento que você tenha testemunhado isso.

Nestha encolheu os ombros.

— Lidar com idiotas bêbados é minha especialidade.

Emerie não parava de mexer no ponto imaginário do balcão.

— Nossos pais eram iguais. Eles acreditavam que as crianças deveriam ser severamente disciplinadas por qualquer infração. Havia pouco espaço para misericórdia ou compreensão.

Nestha franziu os lábios.

— Eu conheço o tipo. — A mãe de sua mãe tinha sido da mesma forma antes de morrer de uma tosse profunda que se transformou em uma infecção mortal. Nestha tinha sete anos quando a dama de rosto severo que insistira em ser chamada de vovó bateu nas palmas de suas mãos com uma régua por erros em suas aulas de dança. *Garota inútil e desajeitada. Você é um desperdício de meu tempo. Talvez isso ajude você a se lembrar de prestar atenção aos meus pedidos.*

Nestha só sentiu alívio quando a velha morreu. Elain, que foi poupada das crueldades da tutela da vovó, chorou e, obedientemente, colocou flores em seu túmulo — uma logo acompanhada pela lápide de sua mãe. Feyre era muito jovem para entender, mas Nestha nunca se preocupou em colocar flores para sua avó. Não quando Nestha tinha uma cicatriz perto do polegar esquerdo de uma das punições mais desagradáveis da mulher. Nestha só

havia deixado flores para sua mãe, cujo túmulo ela havia visitado com mais frequência do que gostaria de admitir.

Ela nunca havia visitado o túmulo de seu pai fora de Velaris.

— Você está bem? — Nestha perguntou a Emerie finalmente. — Bellius vai voltar?

— Não — disse Emerie, balançando a cabeça. — Quer dizer, estou bem. Mas não, ele é um membro do Ironcrest. Suas terras estão a algumas horas de voo

daqui. Ele não vai voltar tão cedo. — Ela encolheu os ombros. — Eu recebo essas pequenas visitas da família do meu tio de vez em quando. Nada que eu não possa controlar. Embora Bellius fosse novo. Eu acho que eles pensam que ele é adulto o suficiente agora para me intimidar. — Nestha abriu a boca, mas Emerie ofereceu-lhe outro meio sorriso e mudou de assunto. — Você parece bem. Muito mais saudável do que quando te vi... O que foi agora? Quase três semanas atrás. — Ela deu a Nestha um olhar avaliador. — Você nunca mais voltou.

— Mudamos nosso treinamento para Velaris — explicou Nestha.

— Eu estava prestes a escrever para você antes de Bellius me interromper. Eu perguntei sobre fazer couros com lã dentro. — Emerie apoiou os antebraços no balcão imaculado. — Isso pode ser feito, mas não é barato.

— Então está além de minhas possibilidades, mas obrigado por descobrir de qualquer maneira.

— Eu poderia encomendá-lo e deixá-la pagar o quanto você puder.

Foi uma oferta generosa. Muito além da bondade que alguém já havia demonstrado para Nestha no reino humano, quando seu pai estava tentando vender suas esculturas em madeira por uns poucos cobses lamentáveis.

Apenas Feyre os manteve alimentados e vestidos, ganhando quantias escassas pelas peles e carne que ela caçava. Ela os manteve vivos. A última

vez que ela caçou por eles, a comida havia acabado no dia anterior. Se Feyre não tivesse voltado para casa com carne naquela noite, eles teriam que morrer de fome ou mendigar na aldeia.

Nestha disse a si mesma naquele dia que Tomas a acolheria, se necessário.

Talvez até Elain também. Mas a família dele era odiosa, com muitas bocas para alimentar. Seu pai teria se recusado a alimentá-la, sem questionar. Ela estava preparada para oferecer a única coisa que tinha para negociar com Tomas, se isso impedisse Elain de morrer de fome. Teria vendido seu corpo na rua para qualquer um que pagasse o suficiente para alimentar sua irmã.

Seu corpo não significava nada para ela, nada, ela disse a si mesma enquanto sentia suas opções se aproximando. Elain significava tudo.

Mas Feyre voltou com aquela comida. E então desapareceu pela muralha.

Três dias depois, Nestha rompeu com Tomas. Enfurecido, ele se lançou contra ela, prendendo-a contra a enorme pilha de lenha empilhada ao longo da parede do celeiro. *Prostituta malcriada*, ele rosnou. *Você acha que é melhor do que eu? Agindo como uma rainha quando você não tem merda nenhuma*. Ela nunca esqueceria o som de seu vestido rasgando, a ganância em seus olhos enquanto suas mãos apalpavam suas saias, tentando levantá-las enquanto ele se atrapalhava com a fivela de seu cinto.

Somente o terror puro e não diluído e o instinto de sobrevivência a salvaram.

Ela o deixou chegar perto, o deixou pensar que sua força havia falhado, e então prendeu os dentes em sua orelha. E a rasgou.

Ele gritou, mas afrouxou o aperto sobre ela apenas o suficiente para que ela se libertasse e se arrastasse pela neve, cuspiendo o sangue de sua boca, e não parou de correr até chegar à cabana.

E então chegou a notícia dos navios de seu pai: encontrados, com toda a riqueza intacta.

Nestha sabia que era mentira. Os baús de jóias e ouro não tinham vindo daquela remessa condenada, mas de Tamlin, o pagamento pela mulher humana que ele roubou. Para ajudar a família que ele havia condenado a morrer sem a caça de Feyre.

Nestha sacudiu a memória para longe.

— Está tudo bem. Mas obrigada.

Emerie esfregou as mãos longas e finas.

— Está congelando, e eu estou prestes a fazer minha pausa para o almoço. Você gostaria de se juntar a mim?

Além de Cassian, ninguém a convidava para jantar há muito tempo. Ela não deu a eles razão para isso. Mas lá estava: uma oferta simples e honesta. De alguém que não tinha ideia de como ela era terrível.

Almoçar com Emerie foi uma indulgência; era apenas uma questão de tempo até que a fêmea aprendesse mais sobre Nestha. Até que ela ouvisse todas as coisas horríveis, e então os convites parariam. Ela tinha sido melhor do que Bellius, bêbada e fervendo de ódio durante meses? Se Emerie soubesse, ela também a expulsaria desta loja.

Mas, por enquanto, nem rumor nem verdade chegaram a Emerie.

— Eu gostaria sim. — disse Nestha, e foi sincera.



A sala dos fundos da loja de Emerie estava tão imaculada quanto a da frente, embora caixotes de estoque extra estivessem empilhados contra uma parede.

Duas janelas davam para um jardim coberto de neve e, além disso, o pico da montanha mais próxima se agachava, bloqueando o céu cinza com sua massa rochosa.

Uma pequena cozinha ficava à direita, pouco mais que uma lareira, um balcão e uma pequena mesa de trabalho. Algumas cadeiras de madeira estavam ao redor dela, e Nestha percebeu que a mesa também era a área de jantar. Um local definido foi colocado lá para uma pessoa.

— Só você? — Nestha perguntou enquanto Emerie se dirigia ao balcão de lenha e pegava um prato de rosbife e um prato de cenouras assadas. Ela os colocou na mesa diante de Nestha e pegou um pão, junto com uma tigela de manteiga.

— Apenas eu — Emerie abriu um armário para recuperar uma configuração de segundo lugar — Nenhum parceiro ou marido para me incomodar.

Ela falou um pouco tensa, como se houvesse mais do que isso, mas Nestha disse — Eu também não.

Emerie lançou-lhe um olhar irônico. — E aquele belo General Cassian?

Nestha bloqueou a memória de sua cabeça entre suas coxas, sua língua em sua entrada, deslizando para dentro dela.

— Sem chance — disse Nestha, mas os olhos de Emerie brilharam com conhecimento.

— Bem, é bom conhecer outra mulher que não é obcecada por casamento e ter filhos — disse Emerie, sentando-se à mesa e gesticulando para que Nestha fizesse o mesmo. Ela colocou um pouco de rosbife, cenoura e pão no prato de Nestha e deslizou a tigela de manteiga para ela.

— Está frio, mas deve ser comido assim. Normalmente paro para almoçar apenas o tempo suficiente para me alimentar.

Nestha provou e grunhiu.

— É delicioso. — Ela deu outra mordida. — Você fez isso?

— Quem mais iria? Não temos nenhum tipo de loja de alimentos aqui, exceto o açougueiro. — Emerie apontou com o garfo para o jardim além do prédio.

— Eu cultivo meus próprios vegetais. Essas cenouras vieram daquele jardim.

Nestha deu uma mordida.

— Elas têm um sabor adorável. — Manteiga e tomilho e algo brilhante...

— Está tudo nas especiarias. Que estão em falta por aqui, infelizmente. Os Illyrianos particularmente não as conhecem ou se preocupam com elas.

— Meu pai era um comerciante — disse Nestha, um abismo se abriu nela com as palavras. Ela pigarreou. — Ele comercializava especiarias de todo o mundo.

Ainda me lembro do cheiro em seus escritórios, era como se milhares de personalidades diferentes estivessem amontoadas em um único espaço.

Feyre adorava ficar no escritório do pai, mais fascinada pelo comércio do que Nestha foi ensinada que era aceitável para uma garota rica. Feyre sempre foi assim: completamente desinteressada nas regras que governavam suas vidas, desinteressada em se tornar uma verdadeira dama que ajudaria a melhorar a fortuna de sua família por meio de um casamento vantajoso.

Elas raramente concordavam em alguma coisa. E essas visitas aos escritórios de seus pais resultaram em um ressentimento fervente entre elas. Feyre tentou fazê-la se interessar, mostrou a ela muitas raridades para tentá-la.

Mas Nestha mal tinha ouvido as explicações de sua irmã, principalmente olhando os parceiros de negócios de seu pai para saber se seus filhos poderiam ser um bom partido. Feyre ficou enojada. Isso deixou Nestha ainda mais determinada.

— Você viajava com ele?

— Não, minhas duas irmãs e eu permanecíamos em casa. Não era apropriado para nós viajar pelo mundo.

— Sempre me esqueço de como as ideias humanas de decoro são semelhantes às dos illyrianos. — Emerie deu outra mordida. — Você gostaria de ver o mundo, se pudesse?

— Era meio mundo, não era? Com a muralha no lugar.

— Ainda melhor do que nada.

Nestha riu. — Você está certa. — Ela considerou a pergunta de Emerie. Se seu pai tivesse se oferecido para levá-las em um de seus navios, para deixá-las ver praias estranhas e distantes, elas teriam ido? Elain sempre quis visitar o continente para estudar as tulipas e outras flores famosas, mas sua imaginação não foi mais longe. Feyre havia falado uma vez sobre a gloriosa arte nos museus e propriedades privadas do continente. Mas isso era todo o lado oeste. Além disso, o continente era vasto. E ao sul, outro continente se espalhava. Ela teria ido?

— Eu teria lutado — disse Nestha por fim — mas no final, teria cedido à curiosidade.

— Você ainda tem família nas terras humanas?

— Minha mãe morreu quando eu tinha 12 anos, e meu pai... Ele não sobreviveu à guerra mais recente. Meus avós morreram durante minha infância. Não tenho parentes do lado de meu pai, e minha mãe tinha um prima, que mora no continente e convenientemente se esqueceu de nós quando passamos por tempos difíceis.

Nestha havia escrito carta após carta quando caíram na pobreza, implorando a sua prima Urstin para que os recebesse. Eles ficaram sem resposta, e então o dinheiro para a postagem acabou. Nestha ainda se perguntava se sua prima alguma vez soube o que havia acontecido com os parentes que ela ignorou e deixou para morrer.

Nestha perguntou cuidadosamente — E a sua família? — Ela tinha visto e ouvido o suficiente de Bellius para ter uma ideia geral, mas não pôde deixar de perguntar.

— Minha mãe morreu ao dar à luz a mim, e meu irmão mais velho morreu em uma escaramuça entre bandos de guerra dez anos antes de eu nascer. Meu pai morreu durante a guerra com Hybern. — As palavras eram duras, frias. — Eu não me preocupo com o resto da minha família, embora a família de meu pai faça questão de tentar reivindicar esta loja e sua riqueza como deles.

— Eles não têm direito a isso, têm?

— Não. Rhysand mudou as leis de herança séculos atrás para incluir as mulheres, mas meus tios não parecem se importar. Eles ainda aparecem de vez em quando para me incomodar como Bellius fez. Eles acreditam que uma

mulher não deve ter seu próprio negócio, que eu deveria me casar com um homem dessa aldeia e deixar a loja para eles. — Ela fez uma careta. — Eles são abutres.

Emerie terminou seu almoço e serviu um pouco de chá para cada uma delas.

— É uma pena que você não venha aqui com muita frequência. Eu poderia usar outra pessoa sensata para conversar.

Nestha piscou com o elogio, o pedaço da verdade que isso revelava sobre Emerie: ela era infeliz neste lugar. Todas aquelas perguntas sobre viagens...

— Você se mudaria um dia?

Emerie engasgou com uma risada.

— E ir para onde? Pelo menos aqui eu conheço pessoas. Nunca deixei esta vila.

Nunca estive nem no topo daquela montanha ali. — Ela gesticulou para a janela, e Nestha fez questão de não olhar para suas asas.

Nestha tomou um gole de seu chá. Era uma bebida forte. Ela deve ter feito uma careta porque Emerie explicou baixinho — O chá está em falta aqui,

um luxo ao qual me entrego. Mas, para espalhar, acrescento um pouco de casca de salgueiro. Também ajuda com algumas das minhas... dores.

— Que dores?

— Minhas asas às vezes doem. As cicatrizes, quero dizer. Como uma velha ferida.

Nestha manteve sua pena reprimida. Ela terminou o chá na mesma hora que Emerie e disse — Obrigada pela comida. — Levantando-se, ela pegou o prato.

— Deixa, eu faço isso — Emerie deu a volta na mesa. — Não se incomode.

Ela se movia com uma graça fácil, como alguém confiante em seu corpo.

Nestha foi para a frente da loja, mas então disse, finalmente expressando seu motivo para a visita — O treinamento que estou fazendo com Cassian na Casa do Vento está aberto a qualquer pessoa, qualquer mulher, quero dizer. Mulheres que passaram por... dificuldades. — As asas de Emerie, sua família horrível, não eram as

mesmas coisas que Gwyn suportou, mas os traumas de todos usavam máscaras diferentes. — Treinamos todas as manhãs, das nove às onze, embora às vezes cheguemos até o meio-dia. Você é bem-vinda.

Emerie enrijeceu.

— Não tenho como chegar lá, mas agradeço a oferta.

— Alguém pode vir pegá-la e trazê-la de volta. — Nestha não sabia quem, mas se ela tivesse que perguntar ao próprio Rhys, ela o faria.

— É uma oferta generosa, mas tenho minha loja para administrar. — O rosto de Emerie não revelou nada, tão endurecido pela batalha quanto o de Azriel. — Não estou interessada no treinamento de um guerreiro. Duvido que ganharia para mim patrocinadores nesta cidade se eles soubessem que estou fazendo uma coisa dessas.

— Você não parece um covarde.

As palavras soaram entre elas.

Emerie mordeu o lábio. Mas Nestha encolheu os ombros.

— Avise se quiser se juntar a nós. A oferta permanece.



Cassian odiava admitir, mas para um idiota mimado e sem alma, Eris tinha sua utilidade. Principalmente uma: a bolha de calor que os aquecia contra os ventos frios que sopravam pelos pinheiros das Estepes Ilyrianas. Alguma magia de fogo para aquecer seus ossos.

— Os Tesouros da Morte — Eris meditou, examinando o pesado céu cinza que ameaçava começar a nevar. — Nunca ouvi falar desses itens. Embora isso não me surpreenda.

— Seu pai sabe sobre eles? — As estepes não eram um terreno neutro, mas estavam vazias o suficiente para que Eris finalmente ter a bondade de aceitar o pedido de Cassian para se encontrar aqui. Depois de demorar dias para responder sua mensagem.

— Não, graças a Mãe — disse Eris, cruzando os braços. — Ele teria me contado se tivesse. Mas se o tesouro tiver uma consciência como você sugeriu, se *quiser* ser encontrado... temo que também possa estar chegando a outras pessoas. Não apenas Briallyn e Koschei.

Beron de posse do Tesouro seria um desastre. Ele se juntaria às fileiras do Rei de Hybern. Poderia se tornar algo terrível e imortal como Lanthys.

— Então Briallyn falhou em informar Beron sobre sua busca pelo tesouro quando ele a visitou?

— Aparentemente, ela também não confia nele — disse Eris, o rosto cheio de contemplação. — Preciso pensar sobre isso.

— Não conte a ele sobre isso. — alertou Cassian.

Eris balançou a cabeça.

— Você não entendeu. Eu não vou dizer nada a ele. Mas o fato de que Briallyn está ativamente escondendo seus planos maiores dele... — Ele assentiu, mais para si mesmo. — É por isso que Morrigan está de volta a Vallahan? Para saber se eles sabem sobre o tesouro?

— Talvez — Cassian mentiu. Ela ainda estava tentando convencê-los a assinar o novo tratado. Mas Eris não precisava saber disso.

— Aqui estava eu — disse Eris — pensando que Morrigan ia lá tantas vezes para se esconder de mim.

— Não se iluda. É apenas uma coincidência. — Ele não tinha certeza se a mentira era válida.

— Por que não deveria me gabar com tais pensamentos? Você se elogia, pensando que é mais do que um bastardo vira-lata.

Os Sifões de Cassian brilharam em cima de suas mãos e Eris sorriu com a evidência de que ele havia acertado o golpe. Mas Cassian se forçou a dizer calmamente — Essa é toda a informação que tenho.

— Você me deu muito o que considerar.

— Certifique-se de manter isso em *segredo* — Cassian avisou novamente.

Eris piscou antes de atravessar.

Sozinho na selva uivante, Cassian soltou um suspiro. Abraçou os ventos frios, o aroma fresco do pinheiro e desejou que isso levasse sua irritação e desconforto.

Mas permaneceu. Por alguma razão, permaneceu.

26

Sem fazer um treinamento extra entre as pilhas, Nestha se sentiu menos exausta ao sair da biblioteca. Cassian a pegou na Casa do Vento depois de duas horas e meia, e ela já estava tão entediada sentada na casa da mãe de Rhys que quase sorriu ao vê-lo. Mas o rosto de Cassian estava tenso, seus olhos frios e distantes, e ele mal tinha falado com ela quando Rhys apareceu. Rhys mal havia falado com ela, também, mas isso era de se esperar. Era melhor se eles não falassem nada.

No entanto, Cassian não disse mais do que "Te vejo mais tarde" antes de partir novamente com Rhys, depois que o Grão-Senhor os trouxe de volta para a Casa do Vento, com o rosto ainda tenso e zangado.

Com a energia extra zumbindo por ela naquela noite, perguntando-se incessantemente por que Cassian tinha ficado tão chateado, Nestha não teve vontade de comer em seu quarto e adormecer. Então ela se viu na porta da sala de jantar.

Cassian estava recostado em sua cadeira, uma taça de vinho na mão, olhando para o nada. Um príncipe guerreiro taciturno, contemplando a morte de seus inimigos. Ela deu um passo para dentro da sala e a taça de vinho desapareceu.

Ela bufou. — Não sou tão viciada a ponto de roubar de sua mão.

— A Casa está sob ordens específicas — nada de vinho quando você estiver na sala. — Ele flexionou os dedos enquanto se sentava. — Ela tirou de mim.

— Ah. — Ela se sentou em frente a ele quando talheres e um prato de comida apareceu, junto com água para os dois.

Cassian voltou a olhar para sua comida meio comida. Ela não tinha visto seu rosto nesta gravidade desde a guerra.

— Aconteceu alguma coisa com as rainhas ou os tesouros?

Ele piscou.

— O que? — Em seguida, deu de ombros com um ombro só. — Não, apenas...

Eris estava com seu jeito encantador de sempre hoje. — Ele empurrou o frango assado com o garfo.

Nestha pegou seu próprio garfo, com fome o suficiente para deixar o assunto morrer enquanto devorava sua comida. Quando ela acalmou sua fome, ela disse — Eu convidei Emerie para participar do treinamento.

— Presumo que ela disse não. — Suas palavras eram monótonas, seu rosto distante.

— De fato. Mas se ela mudar de ideia, pensei que talvez alguém pudesse atravessá-la para cá.

— Certo. — Ela poderia dizer que ele não estava apenas sendo rude com ela — ele estava tão preocupado com o que quer que o estivesse o comendo que mal conseguia falar.

Isso a incomodou mais do que deveria. Aborreceu-a o suficiente para ela perguntar — O que aconteceu? — Ela se obrigou a comer mais, agindo o mais casualmente possível, tentando persuadi-lo a se abrir. Para falar sobre o que trouxe aquele olhar machucado.

Seu olhar baixou para o prato, Cassian contou a ela sobre o encontro com Eris.

— Então Eris está decidido a nos ajudar a encontrar o tesouro — e a garantir que seu pai não coloque as mãos nele, ou ouça sobre ele — disse Nestha quando ele terminou — Isso não é uma coisa boa? Por que você está irritado?

— *Por que você parece tão machucado?*

— É a maldita feiúra da porra de sua alma que me irrita. Eu não me importo se ele me chamar de bastardo vira-lata. — Eris o tinha chamado assim hoje, ela percebeu. A raiva ondulou por ela. — É que, aliado ou não, eu o odeio. Ele é tão liso e sereno e... eu não suporto ele. — Ele largou o garfo e olhou para a janela atrás dela. — Eris e seus jogos de palavras distorcidos e política são um inimigo que eu não sei como lidar. Cada vez que me encontro com ele, sinto que ele tem a vantagem. Como se eu só pudesse alcançá-lo, e ele vê através de todas as minhas tentativas desastradas de ser inteligente. Talvez isso me torne um bruto estúpido, afinal.

A verdadeira tristeza encheu seu rosto — e autodepreciação suficiente para que Nestha se levantasse de sua cadeira. Ele ficou imóvel quando ela contornou a mesa, apenas levantando a cabeça quando ela se encostou na borda da mesa ao lado de seu prato. — Rhys deveria matá-lo e acabar com isso.

— Se alguém vai matar Eris, será Mor ou eu. — Seus olhos castanhos estavam quase implorando. Não para ela, ela sabia, mas para o destino. — Mas matar ele provaria que ele e sua laia estavam certos sobre mim. E independentemente de como eu me sinta sobre Eris, ele seria um Grão-Senhor melhor do que Beron. Não importa o que eu queira, ainda há o bem-estar da Corte Outonal a considerar.

Cassian era bom. Em sua alma, em seu coração de guerreiro, Cassian era bom de uma forma que Nestha sabia que a maioria das pessoas não era. De certa forma, ela sabia que ela mesma não era e nunca seria.

Ele não era um guerreiro que matava por capricho, mas um homem que considerava cuidadosamente cada vida que tinha que tirar. Quem defenderia o que amava até a morte.

E Eris... Ele machucou Cassian. Com o que ele fez com Morrigan, sim, mas também com as palavras tão semelhantes às que a própria Nestha havia pronunciado. A ferida estava nos olhos de Cassian, tão crua quanto qualquer ferimento.

A vergonha a invadiu. Vergonha, raiva e uma espécie de desespero selvagem.

Ela não conseguia suportar a dor em seus olhos, oscilando à beira do desespero. Não podia suportar a ausência do sorriso, da piscadela e arrogância que ela conhecia tão bem.

Ela faria qualquer coisa para se livrar daquele olhar em seus olhos. Mesmo que por alguns momentos.

Então Nestha apoiou as mãos nos braços da cadeira dele enquanto dava um beijo em seu pescoço.

A respiração de Cassian ficou presa. Mas ela deu outro beijo na pele macia e quente de seu pescoço, logo abaixo da orelha. Outro, mais baixo agora, mais perto da gola de sua camisa escura.

Ele tremeu, e ela beijou o nó duro no centro de sua garganta. Lambeu.

Cassian se mexeu na cadeira, gemendo baixinho. A mão dele subiu para agarrar seu quadril, como se ele fosse empurrá-la, mas ela o parou. — Deixe-me continuar. — ela disse contra seu pescoço. — Por favor.

Ele engoliu em seco, e aquele nó duro se moveu contra sua boca. Mas ele não a impediu, então Nestha o beijou novamente, movendo-se para o outro lado de seu pescoço. Alcançando aquele ponto logo abaixo de sua orelha enquanto ela colocava a mão em seu peito e sentia seu batimento cardíaco martelando em sua palma.

Ela não beijou sua boca. Ela não queria aquela distração. Não quando ela deslizou entre ele e a mesa e caiu de joelhos.

Seus olhos se arregalaram. — Nestha.

Ela alcançou a parte de cima da calça dele, o pau dele duro, já pressionando contra as calças.

— Por favor — ela disse novamente, e encontrou seu olhar. De onde ela se ajoelhou entre as pernas de Cassian, ele se elevou sobre ela, mas o canto de

seus olhos suavizou-se quase imperceptivelmente antes de ele assentir. Ele estendeu a mão para ajudá-la com os botões e o espartilho, mas ela pousou levemente a mão sobre a dele.

Seus dedos estavam firmes, com certeza, enquanto ela desabotoava suas calças. Sua mente totalmente clara.

Os músculos de suas coxas se moveram contra ela quando ela o puxou e quase engasgou.

Seu pau era enorme. Lindo, duro e absolutamente enorme. Sua boca secou, cada plano que ela tinha exigiu uma reavaliação repentina. Não havia como ele caber inteiramente em sua boca. Talvez de jeito nenhum ele coubesse em seu *corpo*.

Mas ela com certeza queria tentar.

Seus dedos tremeram um pouco enquanto ela os acariciava pela haste longa e grossa. A pele era tão macia — mais macia do que seda ou veludo. E ele estava duro como aço por baixo. Ele estremeceu, e ela ergueu os olhos para encontrar o olhar fixo em sua mão.

— Como é que você gosta? — ela perguntou, sua voz ofegante quando a necessidade quente a percorreu. Ela envolveu a mão em torno de seu pênis — seus dedos mal conseguindo alcançá-lo completamente. — Gentil? — Ela fez um passe suave como uma pena sobre ele, apertando levemente.

Cassian balançou a cabeça, como se não tivesse palavras.

Ela o acariciou novamente, um pouco mais forte. — Assim?

Seu peito arfou, seus dentes brilharam quando ele os rangeu. Mas ele balançou a cabeça.

Nestha sorriu, e quando ela o bombeou pela terceira vez, ela apertou com força, deixando suas unhas roçarem a parte inferior sensível de seu eixo.

Seus quadris arquearam para fora da cadeira, e ela prendeu a mão neles. — Entendo — ela murmurou, e fez isso de novo. Com mais força ainda,

girando o punho ao alcançar a cabeça redonda.

Ele tentou se arquear na mão dela, mas ela o prendeu novamente com a outra mão.

— E isto? — ela ronronou, abaixando a cabeça. — Você gosta disso?

Nestha lambeu sua ampla cabeça, a língua deslizando na pequena fenda em sua ponta. Ela lambeu a pequena gota de umidade já reunida lá.

Tudo em seu corpo derreteu; uma onda de umidade alisou entre suas coxas enquanto o gosto dele enchia sua boca, sal e algo mais, algo vital.

— Oh, deuses — Cassian ofegou. E as palavras, o gemido em que foram carregados, foram tão deliciosas que Nestha chupou a ponta em sua boca e roçou a língua ao longo de sua parte inferior.

Ele encostou a cabeça na cadeira, sibilando.

Ela lambeu seu eixo em um longo movimento. Esfregou as coxas enquanto o saboreava, sentindo todo aquele aço quente e orgulhoso contra sua boca. Ela lambeu o outro lado, cobrindo-o, tornando-o mais fácil para si mesma enquanto colocava a boca ao redor dele novamente e o deslizava entre os lábios.

Ele a encheu quase imediatamente, e ela olhou para baixo para descobrir que havia o suficiente dele ainda exposto para que ela precisasse adicionar sua mão. — Nestha — ele implorou, e ela fez outra passagem para ele, puxando quase todo o comprimento antes de engoli-lo novamente, deixando sua garganta relaxar, desesperada por tanto dele em sua boca quanto pudesse caber.

A mão de Cassian cravou em seu cabelo, agarrando, e ela percebeu que ele estava se contendo. Não queria se chocar contra ela, machucá-la, desagradá-la.

E isso não funcionaria. De jeito nenhum.

Ela o queria desfeito, queria que ele agarrasse sua cabeça e fodesse sua boca tão forte quanto ele desejasse.

Então, quando Nestha o levou em sua boca novamente, a mão trabalhando em uníssono, ela arrastou os dentes. Levemente, o suficiente para doer — só um pouco.

Cassian resistiu e ela o pressionou, engolindo-o avidamente, apertando-o com a mão o suficiente para dizer que ela queria isso, queria que ele se soltasse. Ela retirou seus lábios para a ponta dele, rolando sua língua ao redor dele, e olhou para ele por debaixo de seus cílios.

Seus olhos estavam sobre ela, grandes e vidrados com luxúria.

E quando Cassian encontrou seu olhar, a viu olhando para ele — ele se libertou.



Ele não aguentou. Era uma tortura, um tipo especial de tortura, ter Nestha ajoelhada diante dele com seu pênis em sua boca e mão e não ser capaz de rugir de prazer. Mas então ela olhou para ele através de seus cílios, e a visão dela com seu pênis entre os lábios libertou algo.

Ele não se importou que eles estivessem na sala de jantar, que uma parede de janelas e portas revestisse metade do espaço e que qualquer um que passasse voando pudesse ver.

Cassian deslizou a outra mão em seu cabelo, os dedos entrelaçados em sua tiara trançada, e ele empurrou em sua boca.

Ela o tomou profundamente e gemeu tão alto que reverberou ao longo de seu pênis e direto em suas bolas. Eles se apertaram ainda mais, e a liberação se juntou em sua coluna, um nó abrasador que o fez se arquear em sua boca novamente. Ele estava totalmente à mercê dela.

Nestha gemeu mais uma vez, um incentivo suave, e Cassian não precisava de mais nada. Agarrando seu cabelo, seu couro cabeludo, segurando-a no lugar, ele empurrou seus quadris. Ela o encontrou com cada golpe, boca e mão trabalhando em uníssono, até que o calor escorregadio dela, os dentes que às vezes o roçavam, o provocavam, a tensão de seu punho — eles eram insuportáveis, eram tudo o que ele se importava.

Cassian fodeu sua boca, e seus gemidos o fizeram decidir que queria foder o resto dela também. Tiraria as calças dela e enfiaria nela com tanta força que ela estaria gritando seu nome para o teto.

Ele tentou se retirar, mas Nestha se recusou a se mover. Ele rosnou, seus dedos segurando sua cabeça para pará-la. — Eu quero estar dentro de você — ele conseguiu dizer, sua voz como cascalho.

Mas Nestha olhou para ele novamente por baixo de seus cílios, e ele viu seu comprimento desaparecer em sua boca. A ponta dele bateu no fundo de sua garganta.

Oh, deuses. Ele cerrou os dentes. — Eu quero terminar dentro de você.

Nestha apenas bufou uma risada e o sugou tão fundo que ele não conseguiu evitar. Não foi possível parar o orgasmo quando ela deslizou a outra mão em suas calças e segurou suas bolas, apertando suavemente.

Cassian gozou com um rugido que sacudiu os copos sobre a mesa, arqueando-se dentro dela enquanto ele se derramava em sua garganta.

Ela resistiu, resistiu a ele, e quando ele parou de tremer, ela suavemente, graciosamente, deslizou sua boca para fora dele.

Nestha sustentou seu olhar enquanto ela engolia. Engoliu cada grama do que ele derramou em sua boca. E então seus lábios se curvaram para cima, uma rainha triunfante.

Cassian ofegou, não se importando que seu pênis ainda estivesse para fora, escorregadio e vazando, apenas que ela estava a poucos centímetros de distância e ele iria retribuir este favor em particular que ela lhe deu.

Nestha se levantou, olhos fixos em seu pênis. O calor em seu olhar ameaçou queimá-lo, e o cheiro de sua excitação envolveu-se ao redor dele e cravou suas garras profundamente.

— Tire suas calças — ele rosnou.

O sorriso de Nestha só cresceu, pura diversão felina.

Ele iria transar com ela nesta mesa. Agora mesmo. Ele não se importava com mais nada, sobre o espaço comum em que estavam ou Eris ou Briallyn ou Koschei ou os Tesouros da Morte. Ele precisava estar dentro dela, sentir aquele aperto quente ao redor dele e reivindicá-la como ela o reivindicou.

Os dedos de Nestha deslizaram para os botões e cadarços de sua calça, e ele tremia enquanto os observava liberar o botão superior. — Passos arrastados pelo corredor. Um aviso. De alguém que sabia como permanecer em silêncio.

Cassian enrijeceu, então enfiou o pau dolorido nas calças. Nestha ouviu o som e se afastou alguns metros, apertando novamente o botão superior. Cassian tinha acabado de se recompor quando Azriel entrou.

— Boa noite — seu irmão disse com um nível áspero de calma, caminhando em direção à mesa.

— Az. — Cassian não foi capaz de manter a mordida fora de seu tom. Ele encontrou o olhar muito consciente de seu irmão e silenciosamente transmitiu cada pedaço de aborrecimento que sentiu no momento. Azriel apenas deu de ombros, examinando a comida que a Casa havia trazido para ele. Como se soubesse exatamente o que havia interrompido e levado *muito* a sério suas obrigações de acompanhante.

Nestha estava olhando para eles, mas assim que Cassian se virou para ela, ela se lançou em movimento, empurrando a mesa e apontando para a porta. — Boa noite. — Ela não esperou que ele respondesse antes de ir embora.

Cassian lançou um olhar furioso para Az. — Obrigado por isso.

— Não sei do que você está falando — disse Az, mesmo enquanto sorria para sua comida.

— Idiota.

Az riu — Não mostre sua mão de uma vez, Cass.

— O que isso deveria significar?

Az acenou com a cabeça em direção à porta. — Guarde algo para mais tarde.

— Intrumetido

Az deu uma garfada. — Você a deixou chupar seu pau no meio da sala de jantar. Em uma mesa que estou usando atualmente para comer meu jantar. Eu diria que isso me dá direito a uma opinião.

Cassian riu, sua tristeza anterior afastada. Por ela. Tudo por ela. — É justo.

27

Nestha não tinha a mínima ideia de como iria olhar para o rosto de Cassian na manhã seguinte, mas Gwyn providenciou uma escapatória que ela estava mais que ansiosa para usar. Ela encontrou a sacerdotisa nos degraus em direção ao ringue de treinamento, e Gwyn ofereceu a ela um sorriso brilhante.

— Bom dia.

— Bom dia — Nestha respondeu, caminhando junto a ela. — Alguma coisa sobre os Tesouros da Morte?

Gwyn balançou a cabeça. Ela ainda vestia sua túnica, embora tivesse amarrado o cabelo em uma trança apertada. — Eu até mesmo perguntei à Merrill ontem a noite. Ela quebrou o glamour, mas além de algumas menções em textos antigos, ela não conseguiu achar nada que você já não saiba. Nem uma pista sobre quando e onde eles foram perdidos, ou quem os perdeu. Nós não conseguimos nem descobrir a última pessoa a possuir eles, já que são informações que vão, pelo menos, dez mil anos atrás.

Era sempre um choque recordar o quão velhos os feéricos eram. O quão velha Amren deveria ser, para se lembrar de quando os Tesouros da Morte ainda eram livres no mundo. Mas, aparentemente, nem mesmo Amren tinha memória da última pessoa a usá-los.

Nestha afastou o pensamento da fêmea, e a parte fria de dor que o acompanhava.

— Pode acabar se provando uma tarefa impossível — Gwyn disse, torcendo a boca para um lado. — Não tem nenhum outro jeito de encontrá-los?

Havia. Envolvia ossos e pedras. O corpo de Nestha tencionou. — Não. — Ela mentiu — Não tem outro jeito.



— Você está indo para o acampamento Refúgio do Vento? — Nestha se pegou perguntando para Cassian quando Gwyn despediu-se deles ao final do treinamento. Gwyn tinha começado a aprender sobre posições de combate naquela manhã, e tinha exigido foco o suficiente de todos eles que Nestha não havia tido um momento para realmente conversar com ele sozinho. Houve um olhar levemente prolongado quando ela apareceu, e tinha sido isso.

Ela não tinha nenhum arrependimento do que havia acontecido na sala de jantar. Mesmo que tivesse sido óbvio que Azriel sabia o que ele estava interrompendo.

Mas agora parada ali com Cassian... O gosto dele havia ficado em sua boca, como se ele tivesse se marcado na sua língua.

Ela deitou acordada na cama pensando sobre cada toque, cada som que ele fez, ainda sentindo a pressão dos dedos dele na cabeça dela enquanto estocava em sua boca. A memória sozinha havia feito ela deslizar uma mão entre suas pernas, e ela precisou encontrar alívio duas vezes antes do seu corpo se acalmar o suficiente para dormir.

Cassian pegou sua jaqueta de onde havia deixado, encolhendo os ombros no couro preto e escamoso. — Eu preciso inspecionar as legiões de novo. Me certificar que eles estão se preparando para um conflito possível e que os recrutas estão em boa forma.

— Ah. — Os olhos deles se encontraram, e ela podia jurar que os dele haviam escurecido, como se estivesse lembrando de cada momento delicioso da noite anterior. Mas ela balançou a cabeça, afastando o pensamento.

— Gwyn está indo bem — Cassian disse, acenando para a arcada por onde a sacerdotisa tinha desaparecido. — Ela é uma boa garota.

Nestha havia aprendido que Gwyn tinha vinte e oito anos — realmente, só uma garota para ele.

— Eu gosto dela. — Nestha admitiu.

Cassian piscou. — Eu acho que nunca ouvir você dizer isso sobre ninguém — Ela revirou os olhos, mas ele acrescentou — É uma pena que as outras sacerdotisas não irão vir.

Nestha checava a lista de inscrição todo dia, mas ninguém mais havia adicionado seu nome. Gwyn havia dito a Nestha que ela pessoalmente havia convidado algumas sacerdotisas, mas elas estavam muito assustadas, muito inseguras.

— Eu não sei o que fazer para encorajar elas. — Nestha disse.

— Continue fazendo o que você está fazendo. — Ele terminou de fechar sua jaqueta.

Uma brisa fresca de outono passou, trazendo os cheiros da cidade abaixo: pão, canela e laranjas; carne assada e sal. Nestha inalou, identificando cada um deles, se perguntando como todos poderiam se combinar para criar uma sensação singular de outono.

Nestha inclinou sua cabeça conforme uma ideia a atingiu. — Se você parar no Acampamento Refúgio do Vento, pode me fazer um favor?



Cassian parou na loja de Emerie e fez sua melhor tentativa de um sorriso não ameaçador enquanto colocava para fora o conteúdo do saco que ele carregava.

Emerie olhou para o que ele colocou em seu balcão imaculado. — Nestha te deu isto?

Tecnicamente, Nestha havia informado ele, e a Casa tinha dado para ela. Mas ela havia pedido a Casa por esses itens, com intenção que eles fossem trazidos aqui. — Ela disse que é um presente.

Emerie pegou uma das latas de metal, abriu e inalou. O cheiro fumegante e aveludado de folhas de chá flutuou para fora. — Oh, isso é coisa boa. — Ela levantou um frasco de vidro de pó finamente moído. Quando ela torceu a tampa um perfume, de nozes, picante, preencheu a loja. — Cominho. — Seu suspiro foi como o de uma amante. Ela foi de um para outro, e outro, seis potes de vidro no total. — Açafrão, canela, cravo, e... — Ela olhou para o rótulo. — Pimenta preta.

Cassian colocou o último recipiente na mesa, uma grande caixa de mármore que pesava pelo menos dois quilos. Emerie arrancou a tampa e soltou uma risada. — Sal. — Ela beliscou os cristais escamosos entre os dedos. — Muito sal.

Os olhos dela brilharam enquanto um raro sorriso passou pelo seu rosto.

Fazia ela parecer mais nova, apagando o peso e as cicatrizes de todos aqueles anos com seu pai. — Por favor diga a ela que eu disse obrigada.

Ele limpou sua garganta, lembrando do discurso Nestha havia perfurado nele.

— Nestha disse que você pode agradecer aparecendo para treinar amanhã de manhã.

O sorriso de Emerie vacilou. — Eu disse a ela outro dia: Eu não tenho meios para ir lá.

— Ela pensou que você fosse dizer isso. Se você quiser vir, é só falar, e um de nós irá trazer você. — Teria que ser Rhys, mas ele duvidava que o irmão iria se opor. — Se você não puder ficar a manhã inteira, tudo bem. Venha por uma hora, antes da sua loja abrir.

Os dedos de Emerie se afastaram das especiarias e do chá. — Não é um bom momento.

Cassian sabia melhor do que insistir. — Se você mudar de ideia, nos avise. — Ele se afastou do balcão, mirando a porta.

Ele sabia que Nestha havia dado o presente, em parte, para tentar Emerie a se juntar ao treinamento, mas também pela gentileza de seu coração. Ele perguntou o porquê ela estava mandando aqueles itens, e ela respondeu — Emerie precisa de especiarias e um bom chá. — Isso o surpreendeu, assim como havia surpreendido ele mais cedo ao ouvir ela admitir que gostava Gwyn.

Nestha perto de Gwyn era uma criatura totalmente diferente da que ela era na corte. Elas não se provocavam ou riam uma com a outra, mas havia uma facilidade entre elas que ele nunca tinha testemunhado, nem quando Nestha estava com Elain. Ele sempre foi a guardiã de Elain, ou a irmã de Feyre ou Feita pelo Caldeirão.

Com Gwyn... ele se perguntava se Nestha gostava da garota porque com ela, ela era simplesmente Nestha. Talvez ela se sentisse assim com Emerie, também.

Teria ela ido para Velaris, noite após noite, não só para se distrair e entorpecer-se, mas para estar perto de pessoas que não sabiam do peso de tudo que ela carregava?

Cassian alcançou a porta suspirando suavemente. Ele havia recusado pensar no que ela havia feito para ele na sala de jantar enquanto eles treinavam, especialmente com Gwyn lá, mas vendo o sorriso hesitante de Nestha enquanto ela colocava o chá e as especiarias na bolsa o fez suprir o desejo de empurrar ela contra a porta e beijá-la.

Ele não tinha ideia de como as coisas estavam entre eles. Ela não havia dado nenhuma pista se ela iria deixá-lo em sua cama ou se ela tinha se ajoelhado para o tirar do humor no qual ele tinha caído.

Se ela tivesse, isso implicaria algum nível de preocupação pelo seu bem-estar, não? E pena. Merda, se ela o tivesse chupado por sentir pena dele.

Não. Não tinha sido isso. Ele tinha visto o desejo nos olhos dela, sentindo a delicadeza da boca dela em seu pescoço naqueles toques iniciais. Tinha sido conforto, dado na única forma como ela sabia dar.

Cassian abriu a porta e olhou para trás, encontrando Emerie ainda no balcão, sua mão descansando na variedade de especiarias e chás. Seus olhos solenes, seus lábios uma linha apertada. Ela não parecia ciente da presença dele, ele tomou isso como sua deixa para ir embora e saltou para os céus.



Nestha subiu os degraus para o ringue de treinamento, ponderando sobre os Tesouros da Morte. Ela assumiu que os outros não tinham tido mais sorte do que ela, e se as coisas eram realmente urgentes como Azriel havia reivindicado, então talvez pesquisa na biblioteca não fosse o melhor caminho.

Mas o estômago dela se apertou com o peso da outra opção, ao recordar o que havia acontecido na primeira e única vez que ela havia usado sua vidência.

Suas mãos tremeram enquanto ela subia os últimos degraus. Ela fechou suas mãos em punhos, soprando uma respiração constante através de seu nariz.

Cassian já estava no centro do ringue. Ele sorriu quando ela apareceu.

Era um sorriso maior que os seus habituais, entusiasmado e satisfeito.

Os olhos de Nestha semicerraram conforme ela pisava na claridade do ringue.

Gwyn já estava esperando há alguns metros de Cassian, um sorriso iluminando seu rosto.

E diante deles, bebendo um copo de água na estação, estava Emerie.

28

Por mais graciosa que Gwyn tinha sido, Emerie provou ser igualmente desajeitada e desequilibrada.

— É por causa das suas asas — Cassian disse com tanta gentileza que Nestha, equilibrando-se em uma perna e erguendo a outra atrás dela, quase caiu na terra ao lado de Emerie. — Sem o uso pleno de suas asas, seu corpo compensa seu desequilíbrio em formas como essa. — Ele acenou em direção a queda que ela havia levado.

Gwyn suspendeu seu próprio exercício de equilíbrio. — Por quê?

— As asas geralmente atuam como um contrapeso. — Ele ofereceu uma mão para ajudar Emerie a se levantar. — Elas são cheias de músculos delicados que constantemente se ajustam e se estabilizam sem que nós sequer precisemos pensar sobre. — Emerie ignorou a mão dele e ficou de pé. Cassian explicou cuidadosamente — Muitos dos músculos principais podem ser impactados quando são cortados.

Gwyn olhou para Nestha, que tensionou, e franziu. Gwyn e Emerie tinham se simpatizado em minutos. Isso pode ter sido devido ao fato de que Gwyn encheu Emerie de perguntas sobre a loja dela enquanto elas passavam pelos exercícios iniciais.

Emerie limpou a sujeira de sua calça de couro, mais solta que as que Nestha usava, como se ela ficasse desconfortável com a norma de roupas justas.

Os olhos de Cassian suavizaram. — Qual dos curandeiros pregou suas asas?

Emerie ergueu seu queixo, a cor sendo roubada de seu rosto. Mas ela encontrou os olhos dele — com um nível de objetividade que Nestha podia somente admirar. — Meu pai fez.

Cassian xingou, baixo e desagradável.

Emerie disse, em voz fria. — Eu lutei contra ele, então seu trabalho foi ainda mais descuidado.

Gwyn e Nestha se mantiveram quietas enquanto Emerie esticou sua asa direita quase o caminho todo antes de ceder e estremecer. Assim como o rosto de Emerie. — Eu não consigo esticar essa além daqui. — Ela esticou a asa esquerda — apenas metade de seu comprimento. — Isso é tudo que eu consigo desse lado.

Cassian parecia que iria passar mal. — Ele mereceu morrer naquela batalha. Merecia morrer muito antes disso, Emerie. — Os sifões dele brilharam em resposta, e algo selvagem e cruel aqueceu o sangue de Nestha com a raiva pura em seu rosto, suas palavras rosnadas.

Emerie dobrou suas asas. — Ele mereceu morrer por muito mais do que ele fez com minhas asas.

— Se você vai vir a Velaris todos os dias, eu posso trazer Madja aqui em cima. Ela é a curandeira privada da corte. — Rhys tinha trago Emerie, Nestha tinha descoberto. E iria levá-la de volta em uma hora.

Emerie só ficou mais tensa. — Eu aprecio a oferta, mas não é necessário.

Cassian abriu sua boca, mas Nestha interrompeu — Chega de conversa fiada. Se nós só conseguimos Emerie por uma hora hoje, então nos ensine sobre socos, Cassian. Deixe ela ver o que precisa pôr em dia.

Emerie lançou para ela um olhar de gratidão, e Nestha ofereceu um pequeno sorriso em retorno.

Cassian assentiu, e pelo brilho em seus olhos, ela sabia que ele estava ciente do porque ela havia interrompido.

Gwyn perguntou a Emerie — Vocês têm bibliotecas em Illyria?

— Não. Eu nunca estive em uma. — A rigidez da postura de Emerie sumiu, palavra por palavra.

Gwyn retirou seu cabelo brilhante da nuca. — Você gosta de ler?

Os cantos da boca de Emerie subiram. — Eu vivo sozinha, em cima das montanhas. Eu não tenho nada o que fazer com meu tempo livre exceto trabalhar no jardim e ler qualquer que seja o livro que eu pedi pelo serviço de entrega. E no inverno eu sequer tenho a distração do meu jardim. Então, sim. Eu gosto de ler. Eu não consigo sobreviver sem ler.

Nestha grunhiu concordando.

— Que tipo de livros? — Perguntou Gwyn.

— Romances. — Emerie disse, ajustando seu próprio cabelo, a trança espessa cheia de castanhos e vermelhos na luz do sol. Nestha a fitou. Os olhos de Emerie se iluminaram — Você também? Quais?

Nestha citou seu top cinco e Emerie sorriu, tão abertamente que era como ver outra pessoa. — Você já leu os romances de Sellyn Drake?

Nestha balançou a cabeça. Emerie arfou, tão dramaticamente que Cassian murmurou alguma coisa sobre ser poupado de fêmeas obcecadas por sexo antes de ir mais adiante no ringue. — Você *precisa* ler os livros dela. Você *precisa*. Eu vou trazer o primeiro amanhã. Você vai ficar acordada a noite toda lendo, eu juro.

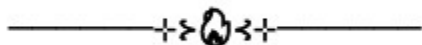
— Sexo? — Gwyn perguntou, pegando as palavras murmuradas por Cassian. Havia hesitação o suficiente em sua voz para fazer Nestha ficar atenta.

Nestha olhou para Emerie, percebendo que a fêmea não sabia sobre Gwyn — a história dela ou porque a sacerdotisa vivia na biblioteca. Mas Emerie perguntou — O que você lê?

— Aventura, de vez em quando mistérios. Mas principalmente, eu preciso ler o que Merrill, a sacerdotisa com a qual eu trabalho, tenha escrito no dia. Não tão excitante como romance, nem de perto.

Emerie disse casualmente — Eu posso trazer um dos livros da Drake pra você, também — um dos mais suaves. Uma introdução às maravilhas do romance. — Emerie piscou para Nestha.

Nestha esperou que Gwyn fosse recusar, mas a sacerdotisa sorriu. — Eu gostaria disso.



Rhys apareceu no ringue precisamente quando ele disse que iria. Uma hora — não antes, não depois.

Terra vermelha e suor cobriam Emerie, mas seu olhar brilhou conforme ela fez uma reverência para o Grão Senhor.

Gwyn, entretanto, travou, aqueles grandes olhos verdes parecendo mais anormais à medida que eles se alargavam. Nenhum medo tingiu seu cheiro, mas algo como surpresa—admiração.

Rhys lançou a ela um sorriso fácil, um que Nestha poderia apostar que havia sido criado para deixar as pessoas confortáveis em sua tão magnífica presença. O sorriso casual de um macho acostumado com pessoas ou correndo de terror ou caindo de joelhos com adoração. — Olá, Gwyn, — ele disse calorosamente. — Bom te ver de novo.

Gwyn corou, saindo do seu estupor e se curvou. — Meu Senhor.

Nestha revirou os olhos, e encontrou Rhys observando ela. Aquele sorriso casual se aguçou quando ele encontrou seu olhar. — Nestha.

— Rhysand.

As outras duas mulheres estavam olhando para os dois, o ressaltar de seus olhares quase cômico. Cassian só caminhou para o lado de Nestha e colocou um braço ao redor de seus ombros antes de voltar sua atenção para Rhys — Essas moças vão acabar com seu pescoço em combate em breve.

Nestha fez menção de sair do abraço pesado e suado dele, mas Cassian colocou uma mão muito amigável em seu ombro, seu sorriso inabalável. O olhar de Rhys deslizou sobre eles, com pouco calor para ser achado em seu olhar. Mas muito cuidado.

O principezinho não gostava dela com seu amigo.

Nestha se inclinou para perto de Cassian. Não muito, mas o suficiente para um guerreiro treinado como Rhys perceber.

Uma sombria, sedosa mão acariciou sua mente. Um pedido.

Ela debateu ignorar, mas encontrou-se abrindo uma pequena porta através da barreira de aço, com espigões, que mantinha ao redor de si mesma, dia e noite. A porta era essencialmente um olho mágico, e ela permitiu o que ela supôs que seria o equivalente ao seu rosto mental espreitar pelo plano escuro e cintilante além. *O que?*

Você vai tratar Gwyn com gentileza e respeito.

A coisa que estava diante da fortaleza de sua mente era uma criatura de garras, escamas e dentes. Era uma visão velada debaixo de sombras contorcidas e estrelas cintilantes brilhando na escuridão, mas de vez em quando, brilhava um vislumbre de uma asa ou uma garra.

Cuide dos seus próprios assuntos. Nestha fechou aquele pequeno buraco com força.

Ela piscou, lentamente registrando Emerie perguntando para Cassian sobre o treinamento de amanhã, e o que ela iria perder hoje por ir embora uma hora mais cedo.

Os olhos de Rhys brilharam.

O braço de Cassian permaneceu ao redor de Nestha, e seu dedão se moveu pelo seu ombro em uma ociosa, tranquilizadora carícia. O que ele sabia ou sentia da conversa silenciosa entre ela e o Grão Senhor, ele não deixou transparecer.

— Pronta? — Rhys perguntou para Emerie, aquele gentil, amável sorriso aparecendo novamente. Emerie talvez tenha corado. Rhysand tinha aquele efeito nas pessoas.

Nestha frequentemente se perguntava como Feyre conseguia aguentar—todas aquelas pessoas cobiçando seu parceiro. Nestha empurrou o braço de Cassian de novo e dessa vez ele deixou. Ela seguiu Emerie para onde ela estava pegando sua capa pesada. — Então você vai voltar amanhã? — Nestha perguntou. Um olhar por cima de seu ombro revelou Gwyn andando até a estação de água, para dar aos dois machos privacidade ou pelo desconforto de ter sido deixada com eles.

Culpa perfurou Nestha por aquele abandono, e ela fez uma nota mental para não permitir de acontecer novamente. Gwyn tinha estado bem com Cassian nos últimos dias: ela não tocava nele, e ele não tocava nela, mas ela não se afastava dele como havia feito agora. Nestha não queria pensar no porquê daquilo, que cicatrizes estavam gravadas tão profundamente em Gwyn que dois dos mais confiáveis machos neste território não conseguiam deixá-la à vontade.

Rhysand podia ser arrogante, um bastardo vaidoso, mas ele era honrável. Ele lutava como o inferno para proteger inocentes. O seu desgosto por ele tinha nada a ver com o que ele havia provado várias vezes: ele era justo, só um governante, que coloca seu povo antes de si mesmo. Não, ela só achava a personalidade dele—aquela presunção maliciosa—desconcertante.

Emerie respondeu. — Eu vou voltar amanhã.

Nestha inclinou sua cabeça. — Não tinha ideia que especiaria e chás eram tão convincentes.

Emerie sorriu ligeiramente. — Não foram só os presentes, mas o lembrete do que eles significam.

— Que é?

Emerie olhou para o céu, fechando seus olhos enquanto uma brisa de outono passava. — Que ainda existe um mundo além do Acampamento

Refúgio do Vento. Um mundo que eu sou muito covarde para ver.

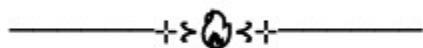
— Você não é covarde.

— No outro dia você disse que eu era.

Nestha estremeceu. — Eu falei com raiva.

— Você falou a verdade. Eu fiquei acordada aquela noite pensando nisso. E então você fez Cassian entregar aquelas especiarias e chás e eu percebi que *há* um mundo lá fora. Um vasto, vibrante mundo. Talvez esse treinamento me deixe um pouco menos com medo dele.

Nestha ofereceu um sorriso hesitante. — Parece razão o suficiente para mim.



Cassian estudou o rosto de Rhys cuidadosamente enquanto Nestha e Emerie conversavam, e Gwyn foi se juntar a elas. Promessas de livros a serem trocados encheram o ar.

Rhys disse para ele: *Esse é um desenvolvimento interessante.*

Cassian não se incomodou em fazer sua cara parecer agradável. *Poderia ter sido feito sem você ter dado um aviso mental a Nestha.*

As sobrancelhas de Rhys se estreitaram. *Como você sabe que eu fiz isso?*

O bastardo nem tentou negar.

Eu notei o jeito que ela ficou tensa. Você viu Gwyn e pensou o pior de Nestha. Ela trata ela — e Emerie — com gentileza.

— Foi isso que te irritou?

Eu estou irritado que você parece não conseguir acreditar em qualquer coisa boa sobre ela. Que se recusa a acreditar numa porra de uma coisa boa sobre ela. Era necessário provocá-la daquele jeito?

Arrependimento brilhou nos olhos de Rhys.

Cassian continuou, *Você não está deixando mais fácil. Deixe ela construir esses laços, e fique fora disso.*

Rhys piscou. *Eu sinto muito. Eu vou.*

Cassian tomou um fôlego. Rhys acrescentou, *Você realmente sentiu necessidade de colocar um braço ao redor dela para restringi-la?*

Eu não quero vocês dois a três metros um do outro. Você tem uma parceira que está grávida, Rhys. Você vai matar qualquer um que apresente uma ameaça para Feyre. Nesse momento, você é um perigo para todos nós.

Eu nunca vou machucar alguém que Feyre ama. Você sabe disso.

Havia tensão o suficiente nas palavras para que Cassian colocasse uma mão no ombro de seu irmão, apertando o músculo embaixo. *Talvez deixe Emerie no outro lado da Casa amanhã. Dê um tempo para Nestha se resolver.*

Tudo bem.

As três fêmeas se aproximaram deles. Rhys abriu suas asas e disse para Emerie — Podemos?

Emerie pegou na mão estendida de Rhys. — Sim. — Ela olhou para Cassian, e então para Nestha, e disse — Obrigada.

Amaldiçoe-o se isso não o atingiu no coração, aquela gratidão e esperança no olhar de Emerie.

Rhys a puxou para ele, cuidando com a íntima pressão das asas dela contra seu corpo, e disparou para o céu.

Conforme Rhys subia acima das proteções da Casa, antes de atravessar para o Refúgio dos Ventos, ele disse para Cassian, *Eu não sei o que diabos vocês tem feito nessa Casa, mas cheira a sexo.*

Cassian sorriu. *Um macho com educação nunca conta.*

A risada de Rhys ecoou em sua mente. *Eu não sei se você sabe o que a palavra educação significa.*

Obrigado aos deuses por isso.

Seu irmão riu de novo. *Eu disse para Az que brincar de dama de companhia iria ser inútil.*

29

As pernas de Nestha cederam no degrau três mil.

Ofegante, suor correndo pelas costas, descendo pelo estômago, ela apoiou suas mãos nas suas coxas trêmulas e fechou os olhos.

O sonho tinha sido o mesmo. O rosto de seu pai, cheio de amor e medo, e depois sem nada enquanto morria. O estalar do seu pescoço. O sorriso astuto e cruel de Hybern.

Cassian e Azriel não haviam comparecido ao jantar e ela não recebeu qualquer explicação. Eles estavam provavelmente na Casa do Rio ou fora da cidade e ela tinha ficado surpresa ao se encontrar desejando companhia. Surpresa por descobrir que o silêncio da sala de jantar a sufocava.

É claro que ela não seria convidada para sair. Ela tinha feito questão de ser o mais desagradável possível por mais de um ano. E, mais do que isso, eles não tinham obrigação nenhuma de incluí-la em tudo.

Ninguém tinha obrigação de incluí-la em nada. Ou vontade de fazer isso, aparentemente.

A sua respiração ofegante ecoou pela pedra vermelha. Ela tinha despertado do pesadelo suando frio e tinha andado metade do caminho antes de perceber para onde ia. Mesmo se ela tivesse chegado ao chão, para onde ela iria? Especialmente de camisola.

Ela ainda podia ver o seu pai atrás dos seus olhos fechados. Sentia cada lampejo de horror, dor e medo que ela havia suportado durante aqueles meses na época da guerra.

Ela tinha que encontrar os Tesouros da Morte — de alguma forma.

Ela tinha falhado em todas as tarefas que tinham lhe dado. Tinha falhado em impedir que a muralha fosse destruída, havia falhado em salvar a legião Illyriana do golpe incinerador do Caldeirão...

Nestha calou aquela linha de pensamento.

Algo bateu no degrau ao seu lado, e ela piscou ao encontrar um copo d'água.

— Obrigada — ela disse, bebendo um longo gole, deixando que a sua frieza a acalmasse ainda mais. Ela pediu para escuridão — Já leu algum livro de Sellyn Drake?

A Casa não respondeu, o que ela presumiu ser um não.

— Uma amiga vai me trazer um dos romances dela amanhã. Vou compartilhá-lo com você quando acabar.

Nada. Depois, uma brisa fresca desceu as escadas, aliviando a sua testa suada.

— Obrigada. — disse ela novamente, inclinando-se para a brisa.

Algo mais tilintou ao seu lado no degrau, e ela encontrou duas pedras ovais planas e três pedaços de ossos castanhos — dos calcânhares de alguma besta ovina. A sua boca secou. Ossos e pedras — para vidência. — Não posso. — ela murmurou.

Aquela brisa juntou os ossos, o seu clique como uma pergunta atirada para a escadaria. *Por quê?*

— Aconteceram coisas ruins da última vez. O Caldeirão *olhou* para mim. E levou Elain. — Ela não conseguiu impedir o seu corpo de se travar. — Não posso suportar, arriscar. Nem mesmo por isto.

Os ossos e as pedras desapareceram, juntamente com aquela brisa refrescante.

Nestha começou a subir, gemendo suavemente. A cada passo, ela podia jurar ter provado desapontamento no ar.



— Nestha tem que começar a procurar os Tesouros da Morte — disse Amren, girando o vinho no seu copo enquanto se sentava em frente a Cassian na gigante mesa de jantar da Casa do Rio. O jantar mensal da corte, como de costume, tinha se transformado em horas de conversa em volta desta mesa e várias garrafas de vinho mais tarde, quando o relógio marcou uma da manhã, nenhum deles demonstrava que iria embora.

Apenas Feyre tinha ido para a cama. Estar grávida havia lhe deixado incrivelmente sonolenta, ela tinha resmungado. Tão cansada que ela precisava de cochilos durante o dia e estava dormindo por volta das nove todas as noites.

Cassian encontrou o olhar cinzento de Amren.

— Nestha tem procurado. Não a apresse.

Rhys disse de onde estava relaxando na cabeça da mesa — Ela pediu para as sacerdotisas pesquisarem para ela. Não chamaria isso de procurar.

Varian, sentado ao lado de Amren, com o seu braço estendido sobre a parte de trás do seu assento, perguntou — Você ainda não pediu a Helion para pesquisar sobre o Tesouro nas bibliotecas dele? — Varian foi a única pessoa fora da Corte Noturna — e Eris — que Rhys tinha permitido saber sobre a busca. Mas havia um risco: Varian servia Tarquin, Grão-Senhor da Corte Estival. Embora ele tivesse prometido a Rhys que não diria nada a Tarquin sobre o assunto voluntariamente, se Tarquin perguntasse a Varian sobre isso, ele encontraria as suas lealdades em um equilíbrio precário.

A relação de Tarquin e Rhys havia se curado desde a guerra, mas não o suficiente para Rhys confiar ao macho o conhecimento do Tesouro. E Cassian, que se tinha metido numa pequena luta que poderia ter resultado

na destruição de um pequeno edifício da última vez que esteve na Corte Estival, estava inclinado a concordar. Não sobre Tarquin. Não, ele gostava do macho. E gostava muito de Varian. Todavia, havia pessoas perversas na Corte Estival — em todos as cortes — e ele não confiava que eles fossem tão amáveis quanto o seu governante.

— Helion é um último recurso — disse Rhys, bebericando o seu vinho. — Um que podemos precisar em questão de dias se Nestha não tentar pelo menos uma vidência. — As últimas palavras foram dirigidas a Cassian. — Mas pediria a Elain que tente antes de nos aproximarmos dele.

Elain já tinha partido com Feyre, afirmando que tinha de estar acordada ao amanhecer para cuidar do jardim de uma feérica idosa. Cassian não sabia exatamente por que suspeitava que não era verdade. Havia alguma tensão no rosto de Elain enquanto falava. Normalmente, quando ela criava tais desculpas, Lucien estava por perto, mas o macho havia permanecido nas terras humanas com Jurian e Vassa.

Cassian contra-argumentou — Nestha vai fazer, nem que seja para evitar que Elain se ponha em risco. Mas vocês precisam entender que ela foi profundamente afetada pelo que aconteceu durante a guerra — Elain foi levada pelo Caldeirão depois de Nestha fazer a vidência. Você não pode culpá-la por hesitar.

Amren disse — Não temos tempo para esperar Nestha decidir. Eu digo que devemos nos aproximar de Elain amanhã. É melhor ter as duas trabalhando nisso.

Azriel ficou tenso, um sinal claro de irritação enquanto dizia quietamente — Há uma escuridão nata aos Tesouros da Morte a qual Elain não deve ser exposta.

— Mas Nestha deve? — Rosnou Cassian.

Todos olharam fixamente para ele.

Ele engoliu, oferecendo um olhar apoloético a Az, que deu de ombros.

Amren terminou o seu vinho e disse a Cassian — Nestha tem uma semana. Mais uma semana para encontrar os Tesouros com os seus próprios métodos. Depois procuraremos outras rotas. — Ela atirou um aceno de cabeça para Azriel. — Incluindo Elain, que é mais do que capaz de se defender contra a escuridão do tesouro, se ela desejar. Não a subestime.

Cassian e Azriel olharam para Rhys, que apenas bebeu do seu próprio vinho. A ordem de Amren mantida. Como a Imediata de Rhys na Corte, sem a anulação de Rhys, a sua palavra era lei.

Cassian olhou ameaçadoramente para Amren. — Não é correto usar Elain como uma ameaça para manipular Nestha a tentar a vidência.

— Há formas mais duras de convencer Nestha, menino.

Cassian se inclinou para trás na sua cadeira. — É uma tola se pensa que ameaças a obrigarão a te obedecer.

Todos voltaram a ficar tensos. Até mesmo Varian.

Os lábios de Amren se espalharam em um sorriso afiado. — Estamos no precipício de outra guerra. Deixamos o Caldeirão escorregar de nossas mãos na última e quase nos custou tudo. — A nova forma Feérica de Amren era a prova disso — ela tinha cedido o seu eu imortal de outro mundo para permanecer neste corpo. Nenhum fogo cinzento brilhava nos seus olhos. Ela era mortal, da mesma forma que os Grão-Feéricos eram mortais. Os dedos de Varian se enrolaram nas pontas retas do seu cabelo, como que para se assegurar de que ela estava aqui, de que ela tinha ficado com ele. — Temos de nos afastar deste desastre em potencial antes de perdermos a vantagem. Se precisarmos manipular Nestha para fazer a vidência, mesmo que usando Elain contra ela, então faremos o que for necessário.

O estômago dele se apertou. — Não gosto disso.

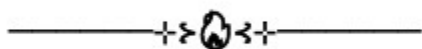
— Você não tem que gostar — disse Amren. — Só tem que calar a boca e fazer o que mandam.

— Amren — disse Rhys, a palavra carregada de repreensão e aviso.

Amren sequer piscou em remorso, contudo, Varian franziu as sobrancelhas para ela. — O quê? — ela vociferou.

O Príncipe de Adriata lhe deu um sorriso exasperado. — Já não falamos sobre isto? Sobre... ser simpática?

Amren revirou os olhos. Mas a sua expressão se suavizou — ligeiramente — quando encontrou o olhar de Cassian novamente. — Uma semana. Nestha tem uma semana.



Passaram-se três dias. Emerie veio a cada lição e, enquanto Gwyn tinha conseguido alcançar a maior parte do progresso de Nestha, Emerie precisaria de mais trabalho. Assim, Nestha e Gwyn estabeleceram uma parceria uma com a outra, passando pelos conjuntos de exercícios que Cassian lhes mostrou antes de ele trabalhar um a um com Emerie no seu equilíbrio e mobilidade.

Nenhuma delas se importou, não quando Emerie tinha tido razão sobre os livros de Sellyn Drake. Nestha tinha ficado acordada duas noites seguidas lendo o primeiro romance da autora que era tão eroticamente arrepiante quanto ela podia ter desejado. E, como prometido, Emerie tinha trazido uma cópia de um dos romances mais dóceis de Drake para Gwyn que tinha chegado corada na manhã seguinte e disse a Emerie que, se o livro era considerado leve e dócil, então ela só poderia imaginar o conteúdo dos outros.

Depois daquele primeiro dia, Emerie ficou durante toda a duração das aulas, que agora tinham oficialmente se alongado para três horas completas, decidindo que o seu tráfego comercial de manhã era lento o suficiente para arriscar. Então elas treinavam e, entre os seus exercícios, falavam de livros e Nestha acordou na quarta manhã e se viu... animada para vê-las novamente.

Naquela tarde, ela estava guardando um volume na biblioteca, quando Gwyn a encontrou. Graças à lição de Gwyn todas as manhãs, ela tinha estado mais ocupada à tarde, o que significava Nestha raramente vê-la na biblioteca, exceto quando Gwyn corria pelas estantes caçando um livro ou outro para Merrill. Ocasionalmente, Nestha ouvia um belíssimo e ascendente trecho de uma música de algum canto distante da biblioteca — o único indicador de que Gwyn estava perto.

Contudo, naquela tarde, foi a respiração ofegante de Gwyn que anunciou a sua presença segundos antes dela aparecer, os seus olhos arregalados o suficiente para que Nestha ficasse em alerta, examinando a escuridão atrás da sacerdotisa. — O quê? — Será que a escuridão abaixo a persegue?

Gwyn se controlou o suficiente para dizer: — Não sei como, mas Merrill descobriu que você trocou o livro do escritório. — Ela inspirou, buscando por ar enquanto apontava para um nível superior. — Você deveria ir.

Nestha franziu a testa. — Quem se importa? Não vou deixá-la me assustar como uma criança errante.

Gwyn empalideceu. — Quando ela está furiosa, é....

— É o quê, Gwyneth Berdara? — murmurou uma voz feminina das estantes. — Quando estou furiosa, é o quê?

Gwyn se encolheu, virando-se lentamente à medida em que a bela fêmea de cabelo branco aparecia da escuridão. As suas vestes pálidas fluíam atrás dela, como se estivessem sobre um vento fantasma, e a pedra azul sobre o seu capuz tremulava com luz. Gwyn curvou a cabeça, o rosto ficando pálido. — Não tive más intenções, Merrill.

Nestha cerrou os dentes perante à reverência, ao medo no rosto de Gwyn, nas suas palavras suaves.

As sacerdotisas pararam ao longo das grades acima delas.

Merrill virou seus notáveis olhos para Nestha. — Não gosto de ladras e mentirosas.

— Nem eu — disse Nestha friamente, levantando o queixo.

Merrill sibilou. — Tentou me fazer de boba no meu próprio escritório. — Ela não nem mesmo olhou para Gwyn que recuou para longe.

— Não sei do que está falando.

— Ah? Quer dizer, quando fui ver o livro que a minha assistente fútil tinha me dado *incorretamente* — ah, sim, eu sabia disso desde o início — e, em vez disso, encontrei o volume adequado com o *seu* cheiro sobre ele, não foi você quem o trocou? — Merrill olhou entre Gwyn e Nestha. — É imperdoável pedir aos outros que compensem a sua própria estupidez e descuido.

O medo de Gwyn raspou contra os seus sentidos. Nestha disse com a voz baixando — Gwyn não fez nada disso. E quem se importa? Está tão entediada aqui embaixo que tem de inventar essts dramas para se entreter? — Ela acenou com uma mão para o corredor aberto atrás do Merrill. — Estamos ambas ocupadas. Saia daqui e nos deixe trabalhar em paz.

Alguém arfou no andar de cima.

Merrill riu, aquele vento fantasma ao seu redor sussurrante. — Não sabe quem eu sou, garota?

— Sei que está nos impedindo de trabalhar — disse Nestha, com aquela calma plena que ela sabia deixar as pessoas furiosas. — E eu sei que isto é uma biblioteca, mas você acumula livros como se fosse a sua coleção pessoal.

Merrill cerrou os dentes — Pensa que eu não *te* conheço? A garota humana que foi empurrada para dentro do Caldeirão e saiu Grã-Feérica. A fêmea que matou o Rei de Hybern e segurou a sua cabeça como um troféu enquanto seu sangue chovia sobre ela.

Surpresa acendeu o rosto de Gwyn com a descrição gráfica.

Nestha não se permitiu nem engolir.

— O vento sussurra para mim mesmo aqui, debaixo de tanta pedra — disse Merrill. — Ele encontra o seu caminho através das fendas e murmura ao meu ouvido o que se passa no mundo — Merrill bufou. — Acha que tem o direito de fazer o que quiser agora?

O poder de Nestha ressoou nas veias. Ela pisou nele, empurrou-lhe para baixo e o estrangulou. — Eu acho que você gosta de se ouvir falar demais.

— Sou descendente de Rabath, Senhor do Vento do Ocidente — disse Merrill. — Ao contrário de Gwyneth Berdara, não sou nenhum laçao para ser dispensada.

Para o inferno com essa bruxa. Para o inferno com o controlar e o esconder.

Nestha deixou que o seu poder fervesse à superfície até perceber que os próprios olhos brilhavam. Que ele crepitasse um pouco, mesmo que ela ignorasse seu grito selvagem e profano.

Gwyn tinha recuado um passo. Até Merrill piscou quando Nestha disse — Com um título extravagante como esse, certamente você é boa demais para um rancor mesquinho desse.

Nestha sorriu, selvagem e cruel. Merrill só olhou de relance entre ela e Gwyn antes de dizer — Volte ao trabalho, ninfa.

Com o vento estalando os calcanhares, Merrill saiu batendo o pé na escuridão.

Nestha deixou cair o fio do seu poder, apagando a sua música e rugindo com uma mão de ferro.

Mas só quando o vento brutal de Merrill desapareceu foi que Gwyn se encostou em uma estante, esfregando as mãos no rosto. As sacerdotisas que estavam assistindo se lançaram de novo em movimento, seu sussurro enchendo a biblioteca.

Nestha perguntou à quietude farfalhante — Ninfa?

Gwyn baixou as suas mãos, notou a falta de poder brilhante nos olhos de Nestha e suspirou de alívio. Contudo, a sua voz permaneceu casual — A minha avó era uma ninfa do rio que seduziu um macho Grão-Feérico da Corte Outonal. Portanto, sou um quarto de ninfa, mas é o suficiente para isto — Gwyn gesticulou para os seus grandes olhos azuis tão claros que poderiam ser o mar raso — e seu corpo ágil — Os meus ossos são ligeiramente mais flexíveis do que os dos Grão-Feéricos comuns, mas quem se preocupa com isso?

Talvez fosse por isso que Gwyn era tão boa em equilíbrio e movimento.

Gwyn prosseguiu — A minha mãe era indesejada por qualquer um dos povos. Ela não podia habitar nos rios da Corte Primavera, mas era indomada demais para suportar o confinamento na casa da floresta outonal. Assim, na sua infância, foi entregue ao templo de Sangravah, onde foi criada. Ela participou no Grande Rito quando era maior de idade e eu, nós — a minha irmã e eu, quero dizer — fomos o resultado daquela união sagrada com um macho estranho. Ela nunca descobriu quem ele foi, pois a magia o escolheu naquela noite, e nunca ninguém apareceu para perguntar sobre meninas gêmeas. Nós também fomos criadas no templo. Nunca saí dos seus terrenos até... até vir para cá.

Tamanha dor encheu os olhos de Gwyn naquele momento. Uma dor tão terrível que Nestha sabia que não devia perguntar sobre sua mãe ou a irmã gêmea.

Gwyn balançou a cabeça, como se estivesse tentando dissipar a memória. Ela abriu os dedos. — A minha gêmea tinha dedos das ninfas — eu não tenho.

Tinha.

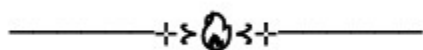
Mais uma vez, Gwyn suspirou. — Merrill fará da sua vida um inferno, sabe.

— Ela pode tentar — disse Nestha suavemente. — Seria difícil torná-la ainda pior.

— Bem, agora temos uma inimiga em comum. Merrill nunca esquecerá isso. — Ela acenou em direção às grades onde as sacerdotisas tinham estado. — Embora suponho que elas também não esquecerão. Não é todo dia que alguém bate de frente com ela. Só Clotho consegue, de fato, botá-la na linha, mas Clotho deixa ela fazer o que quiser, principalmente porque Merrill tem aqueles acessos de raiva ventosos que podem espalhar todos os manuscritos por aí.

— Sempre que precisarem de alguém para botar Merrill em seu lugar, avise-me.

Gwyn sorriu ligeiramente — Da próxima vez, talvez eu tenha a coragem de fazer isso sozinha.



Parecia que as sacerdotisas não tinham se esquecido do que Nestha havia feito.

Nestha, Gwyn, e Emerie estavam fazendo os alongamentos iniciais, Cassian, com a cara fechada e os olhos atentos para pegar qualquer erro, quando passos raspavam no arco além do fosso.

Todos pararam frente às três figuras de capuz que emergiram, as mãos apertadas de tal forma que os seus nós dos dedos estavam brancos.

Todavia, as sacerdotisas pisaram em direção à luz do sol, ao ar livre. Pestanejaram, como se recordando o que tais coisas eram.

Gwyn rolou agilmente para ficar de pé, sorrindo tão largamente que Nestha foi momentaneamente pega de surpresa por isso. A sacerdotisa tinha sido bonita na biblioteca, mas com aquela alegria, aquela confiança que ela direcionou às três sacerdotisas, ela tinha emergido numa beleza que rivalizava com Merrill ou Mor.

Ou talvez nada tivesse mudado além dessa confiança, a forma como os ombros de Gwyn estavam empurrados para trás, a sua cabeça erguida, o

sorriso livre quando disse — Roslin. Deirdre. Ananke. Eu tinha esperança de que viessem.

Nestha não tinha verificado a folha de inscrição naquela manhã. Tinha deixado de acreditar que qualquer pessoa, exceto Gwyn, viria alguma vez para o treino.

Contudo, as três se juntaram enquanto Cassian oferecia um sorriso casual que era quase uma réplica do de Rhys. Feito sob medida para deixar as pessoas à vontade e diminuir a ameaça do seu poder, o seu corpo. — Senhoras — disse ele, gesticulando para o ringue. — Bem-vindas.

Roslin e Ananke não disseram nada, mas a do meio, Deirdre, puxou para trás o seu capuz.

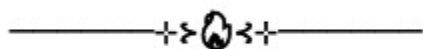
Nestha engoliu cada instinto que a teria feito ofegar. Emerie, no tapete ao seu lado, parecia tentar fazer o mesmo.

Uma longa e feroz cicatriz atravessava o rosto de Deirdre, errando por pouco o seu olho esquerdo. Era elevada, uma cor branca forte contra a sua pele marrom e fluía do seu cabelo preto bem encaracolado para a sua mandíbula esguia e adorável. Os seus olhos escuros redondos, enquadrados por uma espessa extensão de cílios que os fazia parecer ainda mais redondos, estavam arregalados, porém determinados quando ela disse — Esperamos não estar atrasadas demais.

Todos eles olharam para Nestha. Mas ela não era a líder aqui.

Ela lançou um olhar a Cassian e ele lhe deu um suspiro como se dissesse *eu sou apenas o instrutor*.

Outra cicatriz descia pelo pescoço de Deirdre, desaparecendo debaixo do seu manto. Para tais cicatrizes existirem em uma Grã-Feérica teria sido necessário um evento de tal violência, tal horror que o estômago de Nestha se apertou. Mas ela caminhou em direção à sacerdotisa. — Estávamos apenas começando.



— Dê-me aquelas pedras e ossos, por favor —disse Nestha calmamente à Casa, enquanto estava sentada na biblioteca privada, um mapa de todas as cortes perante ela e Cassian a um passo atrás.

Uma pequena tigela de barro apareceu ao lado do mapa, cheia com as pedras e ossos.

Nestha engoliu contra sua garganta seca.

Cassian assobiou. — A Casa realmente te ouve.

Ela espreitou por cima do ombro. Havia o convidado aqui depois de ter voltado do trabalho na biblioteca por pura precaução, foi o que disse a si mesma. Se ela perdesse o controle, se não fosse capaz de testemunhar onde o seu dedo aterrissaria no mapa, alguém tinha de estar aqui. Apenas aconteceu desta pessoa ser ele.

Não importava que um dia ele havia ficado ao lado dela, a sua mão em suas costas como agora e que havia deixado ela se apoiar em seu calor e força.

Cassian olhou entre a tigela dos instrumentos de vidência e o mapa. — Por que mudou de ideia?

Nestha não se deu tempo para hesitar antes de deslizar os dedos para dentro da tigela e pegar o punhado de pedras e ossos. Elas tilintavam umas contra as outras, ocas e antigas.

— Não conseguia parar de pensar nas sacerdotisas que vieram praticar hoje. Roslin disse que ela não tinha colocado os pés para fora da biblioteca em sessenta anos. E Deirdre, com aquelas cicatrizes... — Ela respirou fundo. — Estou lhes pedindo que sejam corajosas, que trabalhem arduamente, que enfrentem os seus medos. No entanto, não estou fazendo o mesmo.

— Ninguém acusou você disso.

— Não preciso que ninguém diga. Eu sei que não estou fazendo o mesmo. E posso temer esta vidência, mas temo ser uma hipócrita covarde ainda mais.

As sacerdotisas tinham sido noviças em todos os sentidos da palavra: Ananke tinha um equilíbrio tão terrível que havia caído ao tentar firmar os dedos dos pés na terra. Roslin tinha sido apenas uma fração melhor. Nenhuma das duas tinham removido os seus capuzes, não como Deirdre fizera, mas Nestha havia pego vislumbres de cabelo vermelho-vinho em Roslin e cabelo dourado em Ananke, ambas com a pele pálida como creme.

Cassian disse — Tem certeza de que não quer fazer isto com Rhys e Amren por perto?

Nestha espremeu os ossos e as pedras no punho. — Não preciso deles.

Ele ficou em silêncio, deixando-na se concentrar.

Na primeira e única vez em que ela havia feito aquilo, havia demorado alguns instantes. Para deixar a sua mente ficar vazia, para esperar por aquele puxão pelo seu corpo que lhe tinha levado para uma força invisível. Ela tinha sido arrastada através da terra e, quando abriu os olhos, estava em uma tenda de guerra, o Rei de Hybern na frente dela, o Caldeirão uma massa escura escorada além.

Nestha fechou os olhos, desejando que a sua mente se calasse enquanto levantava o seu punho apertado sobre o mapa. Ela se concentrou na sua respiração, no ritmo da respiração de Cassian.

O seu engolir era barulhento até aos seus ouvidos.

Ela tinha falhado em tudo. Contudo, ela conseguiria fazer isso.

Ela tinha falhado com o seu pai, falhado com Feyre durante anos antes disso. Falhado com sua mãe, supunha ela. E ela também tinha falhado com Elain, primeiro ao deixá-la ser levada por Hybern naquela noite em que elas foram roubadas das suas camas; depois por ter deixado ela entrar naquele

Caldeirão. Depois, quando o Caldeirão a levou para o coração do acampamento de Hybern.

Ela tinha falhado e falhado e falhado e não havia fim, não havia fim...

— Alguma coisa?

— Não fale.

Cassian grunhiu, mas chegou mais perto, o seu calor agora sólido ao seu lado.

Nestha disse a sua mente para se esvaziar. Mas não conseguia. Era como estar naquela maldita escadaria — ela apenas circulava de um lado para o outro, de um lado para o outro, para baixo e para baixo.

Os Tesouros da Morte. Ela tinha que encontrar os Tesouros Da Morte.

A Máscara, a Harpa, a Coroa.

Mas os outros pensamentos entraram à força. Pensamentos demais.

A Máscara, ela se esforçou para pensar. *Onde está a Máscara do Tesouro da Morte?*

A palma da sua mão escorregou de suor, as pedras e os ossos se mexendo no seu punho. Se a Máscara era consciente como o Caldeirão tinha sido... Ela não podia deixar que a visse. Que encontrasse o que ela mais amava.

Não poderia deixar que a visse, que a encontrasse, que a machucasse.

A Máscara, ela desejou para as pedras e os ossos. Encontrar a Máscara.

Nada respondeu. Nenhum puxão, nenhum sussurro de poder. Ela exalou pelas suas narinas. *A Máscara*, ela desejou.

Não havia nada.

O seu coração trovejou, mas ela tentou novamente. Um caminho diferente. Pensou na sua origem em comum — aquela que ela e o Tesouro compartilhavam. O Caldeirão.

Um enorme vazio respondeu.

Nestha franziu a sua testa, apertando os objetos com mais força. Imaginou o Caldeirão: a vasta tigela do ferro mais escuro, tão grande que várias pessoas poderiam tê-lo usado como uma banheira. Tinha uma forma, porém, quando aquela água gelada a tinha engolido, não havia fundo. Apenas um abismo de água gelada que em breve se transformou em completa escuridão. A coisa que existia antes da luz; o berço do qual toda a vida tinha vindo.

Suor se formou na sua testa, como se o seu próprio corpo se revoltasse contra a memória, mas ela se fez recordar como o Caldeirão tinha sentado na tenda de guerra do Rei de Hybern, agachado sobre os canaviais e tapetes, uma besta primordial que tinha estado meio adormecida quando entrou.

E depois tinha aberto um olho. Não um que ela pudesse ver, todavia, um que podia sentir fixado nela. Tinha-se alargado à medida que percebia quem estava ali: a fêmea que havia tomado muitas coisas, que havia tomado coisas demais. Tinha reduzido todo o seu poder profundo, a sua fúria, sobre ela, um gato prendendo um rato com a pata.

Sua mão tremeu.

— Nestha?

Ela não conseguia respirar.

— Nestha?

Ela não conseguia suportar, a memória daquele antigo horror e fúria.

Ela abriu os olhos — Não consigo — ela murmurou — Não consigo. O poder — acho que não o tenho mais.

— Está lá. Vi nos seus olhos, senti-o nos meus ossos. Tente outra vez.

Ela não conseguia invocá-lo. Não conseguia enfrentá-lo — Não consigo. — Ela deixou cair as pedras e os ossos no seu prato.

Ela também não conseguia suportar a decepção na voz de Cassian quando ele disse — Tudo bem.

Ela não jantou com ele. Não fez nada a não ser rastejar para a sua cama e olhar fixamente para a escuridão e cair nela em queda livre.



Ele estava procurando por ela.

Serpenteando nos corredores da Casa, agitando-se como uma cobra escura, ele a procurava e a farejava.

Ela não conseguia sair da sua cama. Não conseguia abrir os olhos para soar o alarme, para fugir.

Ela o sentiu se aproximar, rastejando pelas escadas acima. Descendo o seu corredor.

Não conseguia mover o seu corpo. Não conseguia abrir os olhos.

A escuridão escorregou pela fenda entre a sua porta e o chão de pedra.

Não — não podia tê-la encontrado. Desta vez, ia pegá-la, ia segurá-la nessa cama e arrancar-lhe tudo o que ela lhe tinha tirado.

A escuridão escorregou para a sua cama, e ela abriu os olhos forçadamente somente para lhe ver se reunindo sobre ela, uma nuvem sem forma, sem tamanho, mas com uma presença tão perversa que ela sabia o seu nome antes de se lançar.

Ela gritou enquanto a escuridão do Caldeirão a prendeu à cama e depois não havia nada mais além do horrível peso enchendo seu corpo, rasgando-na de dentro para fora.

E depois nada.



Cassian acordou e pegou a faca em sua mesa de cabeceira.

Ele não sabia o porquê. Não tinha tido pesadelo, não tinha ouvido nenhum som.

No entanto, o terror e o pavor o atravessaram, acelerando seu coração. O Sifão solitário em sua mão brilhava como sangue fresco, como se também procurasse um inimigo para atacar.

Nada.

Mas o ar tinha esfriado como gelo. Tão frio que o seu hálito nublou e depois as lâmpadas começaram a brilhar. Acenderam e apagaram, piscando, como se tentassem sinalizar algo desesperadamente.

Como se a Casa o estivesse implorando para correr.

Ele pulou da cama e a porta se abriu antes que ele mesmo a abrisse. Lançando-se para o corredor, faca em mãos, ele não se importou de estar de cuecas ou de ter apenas um Sifão. A porta de Az abriu um batimento cardíaco mais tarde e os passos do seu irmão se fecharam atrás dele quando Cassian chegou nas escadas e desceu correndo pelas mesmas.

Tinha atingido o andar de Nestha quando ela gritou.

Não um grito de fúria, mas de puro terror.

O seu corpo se desfez com o grito, como se não existisse mais nada a não ser a faca em sua mão, uma arma a ser usada para eliminar e destruir quaisquer ameaças a ela, para matar e matar e não parar até que cada último inimigo estivesse morto ou sangrando.

A sua porta estava aberta e luz brilhava de dentro. Luz prateada e fria.

— Cassian — avisou Az, mas Cassian se forçou a ir mais rápido, correndo o mais depressa que havia feito na vida. Bateu contra o arco da porta dela, ricocheteando para fora dela e para dentro do quarto, e não entendeu o que viu.

Nestha estava deitada na sua cama, com o corpo arqueado. Banhada em fogo prateado.

Ela gritava, com as mãos rasgando os lençóis e aquele fogo queimava e queimava sem destruir os cobertores, sem destruir o quarto. Queimava e se contorcia, como se a devorasse.

— Santos deuses — Azriel arfou.

O fogo irradiava frio. Cassian nunca tinha ouvido falar de tal poder entre os Grão-Feéricos. Fogo, sim — mas fogo com calor. Não este gêmeo frio e terrível.

Nestha se arqueou novamente, soluçando através dos seus dentes.

Cassian avançou para ela, mas Azriel lhe agarrou no meio do caminho. Ele rosnou, debatendo-se como se pudesse se arrancar dos braços de Azriel, porém apertado que Az tinha sobre ele era astuto demais.

Nestha gritou de novo, e uma palavra surgiu. *Não*.

Ela começou a gritar, suplicando. *Não, não, não*.

Nestha arqueou mais uma vez, e aquele fogo foi sugado para dentro, como se uma grande inalação tivesse sido feita e estivesse prestes a ser exalado, a se romper pelo mundo...

As janelas escureceram.

A noite irrompeu para dentro do quarto, cheia de sombras, vento e estrelas.

E quando Nestha entrou em erupção, fogo prateado explodindo, Rhys atacou.

Ele sufocou o seu fogo com a sua escuridão, como se tivesse deixado cair um cobertor sobre ela. Nestha gritou e, desta vez, foi um som de dor.

A noite clareou o suficiente para que Cassian pudesse ver Rhys na cama, rugindo algo que o vento, o fogo e as estrelas afogaram. Mas pelos seus lábios, Cassian sabia que era o nome dela. — Nestha! — Gritou Rhys. O vento clareou o suficiente para Cassian ouvir desta vez. — *Nestha! É apenas um sonho!*

O fogo de Nestha voltou a surgir e Rhys empurrou uma onda de negridão sobre ela. A Casa inteira tremeu.

Cassian se debatou contra Azriel, gritando para Rhys parar, parar de machucá-la.

A escuridão de Rhys pressionou para baixo e a chama de Nestha lutou para cima, como se os seus dois poderes fossem espadas que se chocavam em batalha, lutando pela vantagem.

Desta vez, dominância trovejou nas palavras de Rhys. — Acorde. Isso é um sonho. *Acorde.*

Nestha ainda lutava, e Rhys rangia os dentes, reunindo novamente o poder.

— Solte-me — disse Cassian para Azriel — Az, me solte agora mesmo. — Azriel, para sua surpresa, soltou-lhe.

Cassian sabia que as probabilidades estavam contra ele. Ele tinha uma faca e um Sifão. Ser apanhado entre magia de Nestha e Rhys seria semelhante a entrar na toca de um leão desarmado.

Mas ele caminhou para onde o fogo prateado e a noite mais escura lutavam.

E disse com uma calma firme — Nestha.

O fogo prateado estremeceu.

— Nestha.

Ele podia jurar que a sua consciência, seu poder deslocaram-se em sua direção. Apenas tempo o suficiente.

A onda de poder de Rhys que a atingiu não foi o ataque bruto de antes, mas uma onda suave que lavou aquela chama. Controlou-a.

Rhys ficou parado de uma forma que disse a Cassian que o seu irmão já não estava totalmente presente, mas sim na mente da fêmea que agora estava imóvel na cama. Raramente pensava duas vezes sobre os dons de Rhys como um *daemati* — dom de Feyre também — mas ele nunca tinha estado tão grato por ele.

Cassian mal se atrevia a respirar. Azriel pairava atrás dele enquanto Rhys estava de pé diante da cama.

Lentamente, aquela chama recuou. Desapareceu como fumaça.

Lentamente, o corpo de Nestha relaxou.

E depois a sua respiração se regularizou, o corpo ficando mole. Totalmente inconsciente.

Cassian engoliu, seu coração batendo com tanta força que ele sabia que Azriel conseguia ouvi-lo quando o seu irmão veio ao seu lado.

Então Rhys inalou bruscamente, o seu corpo cheio de movimento novamente. Azriel perguntou, as suas próprias sombras se reunindo nos ombros — O que aconteceu?

Contudo Rhys apenas caminhou para a pequena área de estar e caiu numa cadeira. As mãos do Grão-Senhor tremiam de tal forma que Cassian não tinha ideia do que fazer. Pela preocupação gravada no rosto de Azriel, seu irmão também não sabia.

Cassian perguntou — Devemos chamar Feyre?

— Não — A palavra era um rosnado. Os olhos de Rhys queimaram como estrelas violetas — Ela não chega perto daqui.

— Isso foi... — Azriel olhou para a cama e para a fêmea inconsciente em cima dela. — Isso foi o verdadeiro poder de Nestha? Esse fogo prateado?

— Apenas a sua superfície — sussurrou Rhys, as mãos ainda tremendo enquanto as corria pelo rosto. — Porra.

Cassian fixou os seus pés no chão, como se pudesse interceptar fisicamente o que Rhys estivesse prestes a dizer.

— Entrei no seu pesadelo — Rhys espreitou Cassian. — Porque não me disse que ela tentou vidência hoje?

— Não funcionou — E o medo e a culpa de Nestha tinham sido tão pesados na sala que o seu peito tinha doído. Ele a tinha deixado sozinha depois, sabendo que ela iria querer privacidade.

Rhys soltou uma respiração trêmula.

— A vidência foi um gatilho. Para as memórias. Percebi isso quando entrei — A sua garganta mexeu, como se estivesse prestes a vomitar, mas ele se segurou — Ela estava sonhando com o Caldeirão. Com... com o momento que entrou nele — Cassian nunca tinha visto Rhys tão sem palavras.

— Eu vi — sussurrou Rhys — Senti. Tudo o que aconteceu dentro do Caldeirão. Vi ela tomar o seu poder com os seus dentes e garras e raiva. E eu vi... *senti*... o que lhe foi retirado.

Rhys esfregou o seu rosto, e lentamente se endireitou. Encontrou o olhar de Cassian sem vacilar, os olhos cheios de remorso e agonia — O trauma dela é... — A garganta do Rhys trancou.

— Eu sei — sussurrou Cassian.

— Eu adivinhei — arfou Rhys — mas foi diferente *senti-lo*.

— Qual é o poder dela? — Perguntou Azriel.

— Morte — sussurrou Rhys, as mãos tremendo de novo quando ele ficou em pé e andou em direção à janela, a qual se reparava estilhaço por

estilhaço, como se uma mão cuidadosa e paciente trabalhasse nela. Ele olhou para a fêmea que dormia na cama e medo turvou o rosto do Grão-Senhor da Corte Noturna. — Pura morte.

30

O sonho havia sido real e não real, e não havia tido fim ou fuga.

Até uma voz masculina familiar dizer o seu nome.

E o terror havia parado, como se o eixo do mundo tivesse se deslocado em direção a essa voz. A voz, que se tornou uma porta de entrada, cheia de luz e força.

Nestha havia estendido a mão em direção a ele.

E depois havia outra voz masculina na sua mente, e essa era familiar também, e cheia de poder. Mas tinha sido amável, de uma forma que ela nunca tinha ouvido ser para ela, e tirou ela gentilmente do poço negro do sonho, levando-a de volta com uma mão estrelada para uma terra de nuvens à deriva e colinas ondulantes sob uma lua brilhante.

Ela havia se enrolado numa dessas colinas, segura e a salvo ao luar, e dormido.

Nestha tirou um cochilo, pesado e sem sonhos, e não abriu os olhos até que a luz do sol, não da lua, beijou-lhe o rosto.

Ela estava no seu quarto, os lençóis remexidos e meio caídos ao chão, mas...

Cassian estava dormindo numa cadeira ao lado da sua cama.

A sua cabeça estava num ângulo incômodo, e as suas asas estavam caídas no chão — e ele estava vestindo apenas a cueca e um cobertor que parecia ter sido colocado em seu colo.

Tinha sido um pesadelo, ela percebeu com um lapso frio de consciência. Ela tinha sonhado com o Caldeirão; ela tinha se perdido nele, gritando e gritando.

E tinha sido a voz dele que ela ouvira. A voz dele e...

Não havia sinais de Rhysand. Apenas Cassian.

Ela olhou para ele durante longos minutos, a palidez incomum no seu rosto, as sobrancelhas ainda franzidas de inquietação, como se ele se preocupasse com ela mesmo durante o sono. O sol dourava o seu cabelo escuro e brilhava através das suas asas, fazendo sobressair os sub tons de vermelhos e dourados em ambos.

Como um cavaleiro guardando a sua dama. Ela não conseguiu impedir a imagem, surgida das páginas do seu livro de infância. Como um príncipe guerreiro, com aquelas tatuagens e aquele peito musculoso.

A sua garganta se apertou insuportavelmente, os seus olhos arderam.

Ela não se permitiria chorar, nem por si mesma nem pela visão dele a vigiando ao lado da cama por toda a noite.

Mas foi como se o seu piscar furioso o acordasse, como se ele pudesse ouvir o bater dos seus cílios.

Os seus olhos de avelã dispararam para os dela, como se ele sempre soubesse exatamente onde ela estava. E eles estavam tão cheios de preocupação, daquela bondade implacável, que ela teve de lutar com tudo que tinha para evitar que as lágrimas caíssem.

Cassian disse gentilmente — Olá.

Ela se colocou sob controle. — Olá.

— Você está bem?

— Sim. — Não. Embora não pela razão que ele acreditava.

— Ótimo. — Ele gemeu se alongando, primeiro os braços e depois as asas. Os músculos estremeeceram. — Você quer falar sobre isso?

— Não.

— Está bem.

E foi isso.

Mas Cassian atirou-lhe um meio sorriso, e foi tão normal, tão *ele* de uma forma que mais ninguém foi ou seria, que a sua garganta se voltou a apertar. — Que tal café da manhã?

Nestha conseguiu responder ao seu meio sorriso com um dos seus. — Gosto das suas prioridades, general.



— O que aconteceu com você? Emerie perguntou enquanto faziam os seus exercícios abdominais. — Você está branca como um fantasma.

— Pesadelos — disse Nestha, disposta a não olhar para onde estava Cassian, instruindo Roslin de uma distância respeitosa sobre como fazer um agachamento adequado. Tinham tomado um café da manhã tranquilo, mas não tinha sido estranho. Tinha sido confortável, fácil. Agradável.

Gwyn perguntou do outro lado de Nestha — Você os tem muito frequentemente?

— Sim. — Nestha terminou o exercício, grunhindo através da fraqueza no seu abdômen.

— Eu também — disse Gwyn calmamente. — Algumas noites, preciso de uma poção para dormir do nosso curandeiro para me nocautear.

Emerie deu a Gwyn um olhar de avaliação. Emerie nunca perguntou sobre o passado de Gwyn, ou sobre as histórias das outras sacerdotisas, mas ela era

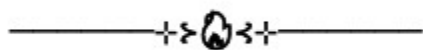
uma mulher astuta. Certamente havia visto a forma como elas mantinham uma distância saudável do Cassian, a sua hesitação e medo, e juntou os pontos. Emerie perguntou a Nestha — Com o que você sonha?

O corpo de Nestha travou, mas ela voltou a lançar-se em movimento, recusando-se a deixar que as memórias a dominassem. — Eu sonho com o Calderão. Com o que ele fez comigo.

Gwyn disse, brincando com o seu cabelo — Também sonho com o meu passado.

Mas a admissão de Gwyn, a de Nestha, não pesou. A cabeça de Nestha clareou-se ligeiramente. E, de alguma forma, ela descobriu que podia esforçar-se mais.

Talvez, ao dar voz a essas verdades, elas tivessem lhes dado asas. E as enviado para voar no céu aberto acima.



— Como você está?

Cassian sentou-se do outro lado da mesa do Rhys na casa do rio, cruzando as pernas, e perguntou — Eu? E você? Está com uma cara horrível.

— Ontem foi um dia difícil, seguido de uma noite difícil. — Rhys descansou a sua cabeça em cima do punho apoiado sobre a sua mesa.

Cassian inclinou a sua cabeça. — O que aconteceu antes do desastre que foi ontem à noite?

Deuses, ele quase chorou esta manhã quando abriu os olhos e encontrou Nestha olhando para ele, o rosto claro e livre de dor. As sombras ainda se mantinham, sim, mas ele aceitaria qualquer coisa no lugar dos gritos. Qualquer coisa no lugar daquela magia que Rhys só conseguia explicar como *morte pura*.

Rhys não olhou para ele ao sussurrar — O bebê tem asas.

Alegria despertou em Cassian — mesmo enquanto o sussurro quebrado e o que essas palavras significavam fez o seu sangue arrefecer. — Tem certeza?

— Tivemos um encontro com Madja ontem de manhã.

— Mas ele é apenas um quarto Illyriano. — Era possível, é claro, que o bebê tivesse herdado asas, mas improvável dado que o próprio Rhys tinha nascido sem elas, e tinha apenas conjurado-as através de qualquer que fosse a magia estranha e desumana que ele possuía.

— Ele é. Mas Feyre estava em forma Illyriana quando ele foi concebido.

— Isso pode fazer diferença? Pensei que ela só fazia as asas — nada mais.

— Ela muda de forma. Ela transforma todo o seu ser na forma que toma. Quando ela concede asas a si mesma, ela essencialmente altera o seu corpo no nível mais intrínseco. Então, ela era completamente Illyriana naquela noite.

— Ela não tem asas agora.

— Não, ela se transformou de volta antes de descobrirmos.

— Então que ela volte a se transformar numa Illyriana para carregar o bebê.

A cara de Rhys estava cheia de dor. — Madja proibiu qualquer outra mudança de forma. Ela diz que alterar o corpo de Feyre de qualquer forma neste momento poderia colocar o bebê em risco. Sobre a hipótese de que poderia ser ruim para o bebê, Feyre está proibida de até mesmo mudar a cor do seu cabelo até o nascimento.

Cassian passou a mão pelos cabelos. — Entendi. Mas, Rhys... vai ficar tudo bem. Não é assim tão ruim.

Rhys rosnou. — *É* ruim. Por tantas razões malditas, é ruim como o inferno.

Rhys estava o mais perto de estar fora de si que Cassian havia visto desde que regressara da corte de Amarantha. — Respire — disse Cassian calmamente.

Os olhos de Rhys fervilharam; as estrelas dentro deles se apagaram. — Vai se foder.

— Respire fundo, Rhysand. — Cassian apontou para a janela atrás dele, o gramado inclinado até ao rio. — Se você quiser descontar na luta, eu tenho energia para queimar.

As portas do escritório abriram, e Azriel entrou. Pela expressão sombria gravada no seu rosto, ele já sabia.

Azriel reclamou o lugar ao lado de Cassian. — Diga-nos o que precisa, Rhys.

— Nada. Preciso não me despedaçar para que a minha parceira não cheire nada disso quando ela chegar em casa para o almoço — Rhys estreitou os seus olhos, e poder roncou na sala. — *Ninguém* diz uma palavra sobre isso à Feyre. *Ninguém*.

— Madja não a avisou? — perguntou Azriel.

— Não fortemente. Ela apenas mencionou um risco elevado durante o parto. — Rhys soltou um sorriso áspero. — Um risco elevado.

O estômago do Cassian se revirou.

Azriel disse — Sei que essa é uma péssima hora, mas há outra coisa a considerar, Rhys.

Rhys levantou novamente a cabeça.

O rosto de Azriel era como pedra. — Feyre não vai aparentar a gravidez durante mais algumas semanas, mas alguém vai reparar em breve. As pessoas vão ficar sabendo.

— Eu sei.

— Eris vai descobrir.

— Ele é nosso aliado. Suspeito que ele estará mais concentrado em lidar com o seu pai e em encontrar o seu soldados desaparecidos do que nisto.

Então Az foi direto para a garganta. — E Tamlin vai descobrir.

O rosnado de Rhys fez as luzes piscarem. — E?

Cassian atirou a Azriel um olhar de aviso, mas Az disse, sem receio e sem rodeios — Precisamos estar preparados para qualquer tipo de problema.

— Estou pouco me fodendo para o Tamlin agora.

O fato de Rhys não conseguir entender o que Az queria dizer mostrou a Cassian como ele estava perturbado e aterrorizado.

Cassian tentou imitar o tom calmo de Az. — Ele pode reagir mal.

— Ele coloca um pé fora da fronteira dele e ele morre.

— Não duvido disso — disse Cassian — Mas Tamlin já está pendurado por um fio. Você e Lucien deixaram claro que ele mal melhorou este ano passado. Descobrir a gravidez da Feyre pode fazê-lo cair novamente. Com uma nova possível guerra e Briallyn ganhando força nos planos dela com Koschei, precisamos de um aliado forte. Precisamos das forças da Corte Primavera.

— Então devemos esconder a gravidez dele?

— Não. Mas precisamos chamar Lucien — disse Azriel com um pouco a mais de tensão, como se não gostasse da ideia nem um pouco. — Temos de lhe dar a notícia, e colocá-lo permanentemente na Corte Primavera para conter qualquer dano e ser os nossos olhos e ouvidos.

Silêncio. Eles deixaram as palavras fazerem sentido para Rhys.

— A ideia de mimar Tamlin me dá vontade de estilhaçar essa janela — Rhys disse, mas foi com resmungos suficientes que Cassian quase cedeu de

alívio. Pelo menos aquela lâmina afiada de violência tinha sido entorpecida. Somente uma fração dela.

— Vou falar com Lucien — ofereceu Azriel.

O medo ainda pairava nos olhos de Rhys, então Cassian deu a volta na mesa e ergueu seu Grão-Senhor. Rhys o deixou fazer isso.

Cassian colocou um braço em volta dos ombros do Rhys. — Vamos ficar ensanguentados.

31

Nestha estava se sentando à mesa de jantar com o estômago gorgolejando de fome quando o Cassian entrou.

Mancou, melhor dizendo.

Ela não conseguiu impedir que um arfar quase silencioso escapasse de sua boca quando ela analisou o olho roxo, o lábio cortado, a mandíbula com hematomas.

— O que aconteceu? — exigiu ela.

Cassian meio se embaralhou, meio saltou até sua cadeira, até se deixar cair nela. — Eu briguei com Rhys.

— Você parece um pedaço de carne amaciada.

— Você deveria vê-lo. — Ele deu uma risada rouca.

— Por que brigaram assim?

— Se tivesse algo a ver com o pesadelo dela...

— Rhys precisava desestressar. — Cassian suspirou olhando a tigela de frango assado e sopa de arroz que apareceu diante dele. — Apesar daquele exterior suave que o meu irmão apresenta ao mundo, ele precisa se soltar de vez em quando.

— Aparentemente, sua ideia de se soltar é muito diferente da minha.

Ele bufou, trazendo a boca uma colher cheia de sopa. — Não foi por diversão. Só para aliviar um pouco de tensão.

— Tensão sobre o quê? — Ela sabia que não tinha o direito de perguntar.

Contudo, Cassian pousou a colher sobre a mesa, seu rosto se tornando grave. — O bebê tem asas.

Ela precisou piscar os olhos algumas vezes para processar a informação. — Como eles já conseguem saber?

— A magia de Madja lhe permite colher uma forma geral de um bebê dentro do ventre para garantir que está tudo bem. E o bebê já é grande o suficiente para ela conseguir detectar que todos os órgãos estão em ordem... e que ele tem asas.

Absolutamente incrível a forma como a magia deles funcionava. Ser realmente capaz de ver dentro do próprio ventre.

Nestha não conseguiu impedir a pequena voz na sua mente de se perguntar o que seu próprio poder poderia fazer, se ela soltasse a coleira. E não conseguiu impedir a sensação de pânico que veio como resposta. Como se apenas pensar nisso fosse permitir que seu poder vagasse liberto.

Nestha se forçou a perguntar — Então, Rhys não queria que o bebê tivesse asas?

Cassian continuou comendo. — Não é isso. Será uma alegria para ele, para mim e para o Az e para Feyre também, suponho, ensinar o bebê a voar, a amar o vento e o céu como nós amamos. O problema é o parto.

— Eu não entendo.

— Quantos meio Illyrianos você já conheceu?

— Apenas Rhys, suponho.

— Isso é porque eles são extremamente raros. Mas a mãe de Rhys era Illyriana pura. E as mulheres Illyrianas quase nunca se casam, nem se reproduzem fora de suas comunidades. Os machos Illyrianos fazem isso com mais frequência, ou pelo menos fodem por aí, mas raramente deixam descendência.

— Por quê?

— As fêmeas Illyrianas têm um formato de pelve específico para permitir que uma criança com asas passe. As fêmeas Feéricas não. E quando uma criança tem asas, ela pode ficar presa durante o parto. — O rosto dele ficou pálido por baixo dos hematomas. — A maioria das fêmeas morre e os bebês morrem com elas. Não há como a magia ajudar, a não ser fraturando a pelve da fêmea a fim de alargar o suficiente para o parto. O que poderia acabar matando o bebê, de qualquer forma.

— Feyre vai morrer? — As suas palavras foram um sussurro. Durante um batimento cardíaco, cada pedacinho de rancor, de raiva, de amargura desapareceram. Substituídos por puro e claro pânico.

— Algumas sobrevivem. — Cassian ergueu a mão para esfregar o rosto, contudo, parou antes de pressionar seus hematomas. — Mas o parto é tão brutal que muitas ficam à beira da morte ou são tão alteradas pelo processo que não conseguem mais ter outro filho.

— Mesmo com uma curandeira para fazer os reparos? — O seu coração estava acelerado, batendo tão forte e de forma tão nauseante que ela teve que pousar seus talheres na mesma.

— Sinceramente, não sei. E todas as tentativas realizadas no passado de tentar tirar a criança do ventre da mãe foram... — Ele estremeceu. — Nenhuma mãe sobreviveu, nunca. — O sangue de Nestha se transformou em ácido. Cassian movimentou seus ombros. — Por isso, nem sequer vamos tentar ir por esse caminho. No entanto, Madja estará lá a cada passo do processo, fazendo tudo o que pode. E ainda não sabemos como a própria magia de Feyre pode impactar o parto.

— Feyre está perturbada?

— Ela não sabe toda a extensão do problema. Mas todos nós que crescemos aqui sabemos o que significa para uma fêmea Feérica carregar um bebê com asas.

Nestha se forçou a controlar o medo deslizando através dela. — E Rhys precisava lutar para aliviar seu medo.

— Sim e para aliviar sua culpa e dor.

— Talvez outra corte tenha um curandeiro que saiba mais do que Madja. Talvez um com um grupo de pessoas com asas. A Corte Diurna tem os Peregrinos, o povo de Drakon são Serafins. Miryam não tem asas e, mesmo assim, ela deu a luz às crianças de Drakon

— Rhys parte para a ilha deles amanhã. E Mor está fazendo discretos inquéritos nas Cortes Feéricas no continente. — Ele passou a mão pelo seu cabelo, o Sifão refletindo a luz. — Se existir alguma forma de salvar Feyre da morte certa, Rhys irá encontrar. Não irá parar por nada até descobrir uma maneira de poupá-la.

O silêncio caiu e o peso em seu peito era quase insuportável. Rhys faria isso, ela não tinha dúvidas. O Grão-Senhor iria até os confins do mundo para encontrar uma forma de salvar Feyre.

Ela disse, silenciosamente — Vou tentar usar a vidência novamente.

O olho roxo de Cassian estava escuro sob a luz enquanto ele franzia as sobrancelhas em aviso. — Depois de ontem à noite...

Ela ergueu o queixo. Se aquela criança sobrevivesse... Nestha não permitiria que ele nascesse em um mundo submerso em guerra novamente. Todavia, ela não disse isso, não poderia se abrir assim.

— Preciso recuperar minhas forças depois da tentativa de ontem. Vamos tentar novamente amanhã à noite.

— Quero Rhys e Amren junto. E Az.

— Tudo bem.

Cassian se inclinou para trás em sua cadeira. Era quase cômico o seu olhar afiado combinado com o seu lábio machucado e o olho roxo. Depois de um momento, ele disse — Por que não me procurou?

Nestha sabia o que ele queria dizer apenas pela forma como a sua voz tinha caído uma oitava.

Ela podia jogar este jogo de distração. Ele não tinha ideia do quão bem ela tinha aprendido a jogar. Por isso, deixou cair a sua própria voz também. — Por que você não *me* procurou?

— Estou pegando minhas deixas com você. Parecia não ter interesse em mim depois de... — Ele acenou com a cabeça indicando a mesa entre eles, o chão onde ela tinha se ajoelhado entre as pernas dele. — Eu não te machuquei, não é?

Nestha deixou escapar uma risada áspera. — Não, você não me machucou. — Ela o alcançou através da mesa, deslizando um dedo pelo braço dele antes de encontrar seus olhos. — Eu amei quando você fodeu minha boca, Cassian.

Os olhos dele escureceram. Ela se ergueu e ele ficou completamente imóvel enquanto ela deu a volta na mesa e parou ao lado da cadeira dele. — Você quer me foder nesta mesa? — Ela perguntou suavemente, passando a mão sobre a superfície lisa. Ele estremeceu, como se imaginasse aquele toque na sua própria pele.

— Sim — ele disse, a voz gutural. — Nesta mesa, nesta cadeira, em todas as superfícies desta Casa.

— Acredito que a Casa não apreciaria um comportamento tão sujo. Mesmo que venha de um leitor de romance também.

— Eu... O quê? — A respiração dele havia se tornado irregular.

Ela se inclinou e pressionou um beijo na boca ferida dele. Não foi um gesto amoroso. Nem sequer foi um gesto doce. Foi um desafio e uma provocação perversa para fazê-lo esquecer o seu medo e a sua dor e vir se entrelaçar com ela. — Não tenho interesse em deitar com um macho que parece ter saído de uma briga de taverna — ela disse contra os lábios dele.

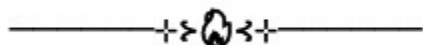
— Podemos escurecer as luzes.

Nestha soltou um riso abafado. O desejo havia embaçado os olhos dele e ela sabia que, se olhasse para baixo, ela veria a evidência do quão afetado ele estava. Porémela não daria a ela mesma essa tentação.

Ele seria a recompensa dela, mas só após ela ter completado com sucesso a clarividência.

Os seus lábios se curvaram. — Quando você estiver curado e bonito novamente — ela disse, se afastando — então eu deixo você me foder em qualquer lugar que você quiser dentro dessa Casa.

As mãos de Cassian cravaram nos braços de sua cadeira, como se estivesse se contendo para não saltar sobre ela. No entanto, a sua boca se abriu em um sorriso selvagem. — Combinado.



Ninguém perguntou sobre a mudança de opinião de Nestha quando ela e Cassian entraram na Casa do Rio no final da tarde do dia seguinte e encontraram Rhys, Feyre, Azriel e Amren à espera diante de um mapa gigante mostrando os reinos Feéricos. Uma tigela de pedras e ossos ao seu lado.

Todos olharam para ela, analisaram e julgaram. No entanto, os seus olhos foram para Feyre, que estava do outro lado da sala, uma mão descansando preguiçosamente no pequeno inchaço em sua barriga.

Nestha se recusou a deixar qualquer coisa transparecer em seu rosto enquanto oferecia a sua irmã um pequeno aceno de saudação. Ela se odiou quando os olhos de Feyre se suavizaram, a emoção crua neles, enquanto Feyre acenava com a cabeça, sorrindo timidamente.

Ela não suportava o alívio e a felicidade nos olhos de Feyre. Que tivessem sido causados apenas por ela ter cumprimentado sua irmã educadamente. Incapaz de tolerar, Nestha olhou para onde Rhysand estava posicionado, ao

lado de Feyre. Um olhar dentro dos olhos dele e Nestha permitiu que a sua mente se abrisse, apenas uma fenda.

Não direi uma palavra a Feyre, ela jurou.

Ela não fez aquilo em nome de nenhuma bondade em específica, mas para tirar aquele olhar cauteloso dos olhos de Rhys antes que ele se alongasse mais. Sem dúvida ele ouviu ou adivinhou que Cassian tinha lhe falado a respeito das asas do bebê.

Rhys apenas disse, com a voz desconfiada, *Obrigado.*

Nestha não perguntou sobre a visita dele a Miryam e Drakon, se ele havia descoberto qualquer coisa. Ela alcançou a mesa, Cassian se mantendo por perto. Mas ela se esqueceu dele enquanto encarava Amren, que a observava com um desgosto frio.

As palavras ditas meses atrás que Nestha havia tentado tanto esquecer invadiram sua mente, vindas do poço mais escuro da sua memória, cada uma ardendo como uma picada. *Você se tornou um patético desperdício de vida.*

Nestha se deixou desviar o olhar de Amren, concentrando-se no mapa. — Vamos ser rápidos com isso.

Azriel perguntou ao lado de Amren — Quando você tentou, dois dias atrás, não sentiu nada?

— Nada. — Os dedos de Nestha pairavam sobre a tigela de ferramentas. — Minha mente ficou dando círculos em torno de si mesma.

— No que estava pensando? — perguntou Amren.

No quanto ela se odiava. No pai dela. No quanto ela temia o Caldeirão.

Nestha disse — Nos Tesouros da Morte. E no que aconteceu na última vez que tentei usar a Vidência.

Feyre disse — Não vamos permitir que nenhum mal venha sobre Elain. Rhys colocou um escudo sobre ela esta manhã e estamos sempre com os olhos nela, a todo tempo.

— Olhos podem ser cegados — disse Nestha.

— Não os que estão sob o meu comando — disse Azriel com uma suavidade ameaçadora. Nestha encontrou o seu olhar, sabendo que ele era o único, além de Feyre, que podia verdadeiramente compreender a hesitação dela. Ele tinha ido com Feyre para o coração do acampamento de Hybern para salvar Elain, ele entendia o risco. — Não vamos cometer o mesmo erro duas vezes.

Ela acreditou nele. — Muito bem. — Ela levantou as pedras e os ossos. Estavam geladas contra os dedos dela.

Apertando com força, Nestha fechou os olhos e ergueu o seu braço sobre o mapa espalhado pela mesa. Ninguém falou, embora o peso dos seus olhares estivesse pressionado sobre ela.

O calor de Cassian se infiltrou ao seu lado, as suas asas farfalhando perto das costas dela.

Ela deixou que esse calor, o farfalhar, a ancorasse.

Ele tinha vindo para salvá-la do seu pesadelo, tinha ficado com ela enquanto ela dormia. Tinha protegido e lutado por ela. Ele não deixaria com que nenhum mal caísse sobre ela agora.

Nenhum mal

Nenhum mal

Nenhum mal

O que parecia uma espiral de pensamentos desapareceu. Um buraco se abriu em sua mente.

Nenhum mal

Nenhum mal

Nenhum mal

Nestha relaxou para dentro daquela escuridão, como se se submergisse lentamente em uma piscina.

O braço de Cassian roçou o dela e ela deixou que aquilo a ancorasse também. Uma corda salva-vidas. Ela usou sua mão livre para pegar a mão dele e entrelaçou os seus dedos. Deixou o toque firmá-la no chão enquanto permitia que o último pedaço de sua mente deslizasse debaixo da superfície preta.

E depois, nada.

Caindo lentamente. À deriva, como uma pequena pedra flutuando para o fundo de uma lagoa.

A Máscara, ela sussurrou lançando a sua mente para a eternidade. Onde está a Máscara dos Tesouros da Morte?

Ela ainda continua à deriva na noite líquida.

No início, e no fim, havia escuridão e nada mais. Ela ouviu aquela verdade pela primeira vez, entendeu, durante sua batalha contra o Caldeirão. E entendeu de novo agora enquanto flutuava para dentro desse mesmo lugar estranho, tanto cheio como vazio, para sempre frio.

Onde está a Máscara? perguntou ela ao vazio.

Distante, como uma vela em uma janela, ela sentiu a mão de Cassian apertar dela. Aquele era seu caminho de volta. Nada poderia prendê-la, segurá-la se ela tivesse aquele caminho de volta para casa.

Onde está a Máscara?



Durante longos minutos, apenas o tique-taque do grande relógio no canto preencheu a sala.

Nestha estava ao lado de Cassian, os seus dedos agora soltos na mão que segurava a dele, sua outra mão estendida sobre o mapa, ossos e pedras protuberantes em seu interior.

Cassian trocou olhares com Feyre. Ele mal tinha conseguido olhar para ela quando entrou, olhar o ligeiro inchaço na sua barriga. No entanto, ele havia se forçado a sorrir, o retrato de uma tranquilidade casual e arrogante.

Agora, uma brisa fresca e fantasmagórica passava por ele. Os pelos na parte de trás do seu pescoço se arrepiaram.

Amren soltou um assobio suave. — Para onde ela está vagando?

A mão de Nestha permaneceu sobre o mapa. Mas os dedos dela na mão dele tinham esfriado como gelo.

Cassian apertou sua mão, tentando passar calor até ela.

Do outro lado da mesa, a respiração de Azriel embaçou. Rhys se aproximou de Feyre, posicionando-se para interceptar quaisquer ameaças inesperadas.

— Isso não aconteceu daquela vez, durante a guerra com Hybern — Azriel murmurou.

Antes que qualquer um deles pudesse responder, as pálpebras de Nestha se moveram, como se ela estivesse vendo algo. As suas sobrancelhas se franziram, apenas um tremor. Seus dedos se apertaram ainda mais nas pedras e ossos, os nós de seus dedos ficando brancos. O ar esfriou ainda mais.

— Se está vendo a Máscara, menina, então agora é a hora de largar as pedras. — Amren ordenou, a voz cautelosa.

A mão de Nestha permaneceu fechada. Mas os seus olhos ainda se moviam rapidamente atrás de suas pálpebras, procurando, buscando.

— Nestha — ordenou Feyre. — Abra sua mão. — Feyre tinha entrado na mente de Nestha da última vez. Puxou-lhe para fora graças ao poder daemati que havia herdado de Rhys. Feyre xingou suavemente. — Ela nunca abaixou seus escudos. Os escudos dela são...

— Uma fortaleza de ferro sólido — Rhys murmurou, olhos fixos em Nestha.

— Não consigo entrar — sussurrou Feyre. — Você consegue entrar?

— A mente dela está guardada com algo que nenhuma magia Feérica pode quebrar — disse Amren. A essência do próprio Caldeirão.

Nestha, contudo, não mostrou nenhum sinal de medo, nenhum aroma de medo.

— Dê um tempo a ela — Cassian murmurou. Deuses, estava frio. As pálpebras de Nestha tremulavam novamente.

— Eu não gosto disso — Feyre disse. — Onde quer que ela esteja, parece ser mortal.

O frio continuava a surgir. A mão de Nestha apertou a sua. Um aperto forte.

Um aviso.

— Tire ela de lá Rhys — Cassian exigiu. — Tire ela de lá agora.

— Não consigo — ele disse, suavemente. Seu poder como uma capa de estrelas e noite ao redor dele. — Eu... as portas da mente dela estavam abertas na outra noite. Estão trancadas agora.

— Ela não quer que a vejam. Ou que nos vejam — Feyre disse, o rosto contraído. — Ela os trancou para fora, mas também se trancou lá dentro.

O estômago de Cassian retorceu. — Nestha — ele disse no ouvido dela. — Nestha, abra sua mão e volte.

A respiração dela saiu mais afiada. O frio se aprofundou.

— Nestha — ele rosnou...

E então o frio parou. Não desapareceu, mas... parou. Os olhos de Nestha se abriram.

Fogo prateado queimava ali. Nada Feérico olhava através deles.

Rhys empurrou Feyre atrás dele. Ela empurrou o seu caminho de volta para o seu lado. Todavia, a mão de Nestha continuou a apertar a de Cassian. Ele apertou de volta, deixou seus Sifões enviarem uma pontada de poder para a pele dela.

Ela virou a sua cabeça tão lentamente que foi como ver um fantoche se movendo. Os olhos dela encontraram os dele.

A Morte o observava.

A Morte, todavia, tinha caminhado ao seu lado todos os dias de sua vida. Então Cassian deslizou seu polegar ao longo da palma da mão dela e disse — Olá, Nes.

Nestha piscou os olhos, e ele deixou seus Sifões enviarem outra pontada de poder novamente. O fogo cintilou.

Ele acenou para o mapa. — Solte as pedras e os ossos. — Ele deixou que ela sentisse seu medo. Aqui estava o ser que o Entalhador de Ossos havia sussurrado sobre, exaltada e temida.

Os seus olhos flamejavam. Ninguém se atreveu a respirar.

— Solte as pedras e os ossos e depois você e eu podemos brincar — Cassian disse, deixando-lhe sentir o seu calor e necessidade, forçando-se a lembrar daquele beijo provocador na sala de jantar e a promessa dela de deixá-lo fodê-la onde ele quisesse na Casa; o que aquilo tinha feito com ele, o quanto ele a desejava. Ele deixou tudo arder nos olhos dele, deixou o cheiro de sua excitação envolvê-la.

Todos ficaram tensos enquanto ele se inclinou, mergulhando a cabeça e a beijou.

Os lábios de Nestha eram lascas de gelo.

Mas ele deixou a frieza deles tocar sua própria e roçou sua boca contra a dela. Mordeu seu lábio inferior até que sentiu ele se mover, uma fração. Deslizou a sua língua nessa abertura e encontrou o interior da boca dela, normalmente tão macio e quente, como uma crosta de geada.

Nestha não o beijou de volta, mas não o empurrou para longe. Então Cassian enviou o seu calor até ela, fundindo as suas bocas, a sua mão livre segurando o quadril dela enquanto seus Sifões beliscavam a mão dela mais uma vez.

A boca dela se abriu mais e ele deslizou a língua por cada centímetro, sobre seus dentes congelados, sobre o céu da sua boca. Aquecendo, suavizando, libertando.

A língua dela se ergueu para encontrar a dele em um único movimento que quebrou o gelo na boca dela.

Ele inclinou a sua boca sobre a dela, puxando-lhe contra o seu peito e lhe provou como ele havia desejado provar na outra noite, profunda e minuciosamente e reivindicando. A língua dela, novamente, tocou a dele, e então o corpo dela começou a aquecer e Cassian se afastou o suficiente para dizer contra os seus lábios — Solte, Nestha.

Ele dirigiu sua boca para a dela novamente, desafiando-lhe a soltar aquele fogo gelado sobre ele.

Alguma coisa bateu e tilintou ao seu lado.

E quando a outra mão de Nestha lhe agarrou o ombro, dedos agora livres de pedras e ossos, quando arqueou o pescoço, concedendo-lhe melhor, mais profundo acesso, ele quase tremeu de alívio.

Ela quebrou o beijo primeiro, como se deslizasse de volta para seu corpo e se lembrasse quem estava a beijando e quem estava assistindo.

Cassian abriu os seus olhos para a encontrá-la tão perto que compartilhavam a respiração. Respiração normal, sem embaçar. Os seus olhos tinham voltado ao azul acinzentado que ele conhecia tão bem. Uma surpresa atordoada e um pouco de medo iluminou o rosto dela. Como se ela nunca tivesse o visto antes.

— Interessante — observou Amren e ele viu a fêmea estudando o mapa.

Feyre estava boquiaberta, no entanto, a mão de Rhys segurando a mão dela. Cautela resplandecia no rosto de Rhys. No de Azriel, também.

O que você fez para tirá-la de lá? perguntou Rhys.

Cassian não sabia realmente. *A única coisa em que consegui pensar.*

Você aqueceu a sala toda.

Não foi minha intenção.

Nestha se afastou, não duramente, mas decidida o suficiente que Cassian espreitou para onde ela e Amren se concentraram no mapa.

— O Pântano de Oorid? — Feyre franziu as sobrancelhas para o lugar no Meio. — A Máscara está em um pântano?

— Oorid foi, em tempos passados, um lugar sagrado — disse Amren. — Os guerreiros eram sepultados nas suas águas pretas como a noite. Mas Oorid se transformou em um lugar de escuridão, não me venha com esse olhar, Rhysand, sabe o que quero dizer, há muito tempo. Repleto de tal mal que ninguém se atreve a se aventurar ali e apenas os piores Feéricos são atraídos até ele. Dizem que a água para lá corre para Sob a Montanha e as criaturas que vivem no pântano há muito que navegam por suas águas subterrâneas para viajar através do Meio, até mesmo para as montanhas das cortes ao redor.

Feyre franziu as sobrancelhas. — Mas não pode ser mais específico? — Ela perguntou a Rhys — Temos um mapa detalhado do Meio?

Rhys sacudiu a cabeça. — É proibido mapear o Meio além de vagos pontos de referência. — Ele apontou para a montanha sagrada no meio do mapa, onde ele tinha sido aprisionado durante quase cinquenta anos. — A Montanha, a floresta, o pântano... Tudo pode ser visto da terra e do ar. Porém, os seus segredos, aqueles descobertos a pé, são proibidos.

O franzido de Feyre não diminuiu. — Proibido por quem?

— Um antigo conselho de Grão-Senhores. O Meio é um lugar onde a magia selvagem ainda habita, prospera e se alimenta. Nós a respeitamos como sua própria entidade e não desejamos provocar a sua ira, revelando os seus mistérios.

Feyre encarou Nestha, que estava com um olhar inexpressivo para onde as pedras e os ossos tinham caído numa pequena pilha arrumada em cima do pântano. — O Meio é onde a Tecelã do mundo habitava — disse Feyre, com a voz firme. — Se for para o pântano, precisará estar armada.

— Ambos estaremos armados — declarou Cassian. — Até aos dentes.

Quando Nestha não respondeu, todos olharam para ela. Nenhum deles se atreveu a perguntar sobre aquele poder, o ser que tinha olhado para ele. Aquele que ele havia derretido com o seu beijo. Ainda conseguia sentir o gosto daquele gelo na língua, sentir o cheiro semelhante ao dela, mas totalmente diferente.

Nestha disse — Vamos amanhã.

Feyre começou — Precisa de tempo para se preparar...

— Vamos amanhã — repetiu Nestha. Cassian entendeu tudo o que ela não diria. Ela queria ir amanhã para não ter a oportunidade de pensar melhor sobre isso. Para descobrir mais sobre o perigo que ela enfrentaria.

Os dedos dele roçaram a parte inferior das costas dela, saboreando o seu calor depois de todo aquele frio. — Partiremos depois do café da manhã.

32

— Eu deveria ir com você. — disse Rhys a Cassian enquanto se reuniam na sala de estar da Casa do Rio na manhã seguinte.

— *Eu* deveria ir com você. — argumentou Feyre, encostada no corrimão das escadas, com o olhar severo para seu parceiro e Cassian.

Nestha observava em silêncio, o peso das armas que ela carregava eram como mãos fantasmas empurrando-lhe as costas, as coxas, os quadris. Continua provável que você se machuque tanto quanto machuque um oponente, Cassian tinha dito enquanto colocava suas armas sobre a mesa de jantar naquela manhã, mas é melhor do que ir até Oorid desarmada. Ela havia selecionado uma adaga e ele havia sorrido, irônico. A ponta afiada vai no seu inimigo.

Ela tinha lhe dado um olhar fulminante, mas permitiu que ele ajudasse com as correias e fivelas das várias bainhas, concentrando-se nas mãos fortes dele sussurrando sobre a sua pele, e não sobre a tarefa que tinham em mãos.

— Nós dois deveríamos ir com você — emendou Rhys. — Mas pelo menos Azriel vai estar junto.

— Obrigado pela confiança — disse Cassian, ironicamente, e beijou a bochecha de Feyre. Rhys devia ter baixado o escudo dela, apenas naquele momento. — Vocês dois ainda nem são pais e a sua super proteção de mãe-galinha já atingiu um nível insuportável.

— *Mãe-galinha?* — Feyre se engasgou com uma gargalhada.

— É uma palavra — disse Cassian, tão casualmente que Nestha se perguntou se ele compreendia o perigo ao qual estavam se dirigindo.

Neshta deslizou o seu olhar para Azriel, que deu de ombros sutilmente em confirmação. Sim, estavam prestes a se aventurar em um pântano antigo e letal. Não, Cassian não parecia tão perturbado quanto os dois estavam.

Neshta franziu o rosto, e Az lhe ofereceu um ligeiro sorriso. Os dois podiam ser aliados, aquele sorriso parecia dizer. Contra a insanidade total de Cassian. Ela se viu respondendo Azriel com um ligeiro sorriso dela mesma.

Rhys suspirou para o teto. — Vamos?

Neshta olhou o topo das escadas, além de Feyre. Elain havia, novamente, optado por permanecer em seu quarto enquanto Neshta estivesse presente, o que era bom. Absolutamente, completamente bom. Elain poderia fazer as suas próprias escolhas. E tinha escolhido fechar totalmente a porta a Neshta. Mesmo enquanto abraçava inteiramente Feyre e o seu mundo. O peito de Neshta apertou, mas ela se recusou a pensar naquilo, a reconhecer aquilo. Elain era como um cão, fiel a qualquer dono que a mantivesse alimentada e confortável.

Neshta arrancou a sua atenção das escadas, amaldiçoando-se por tola por sequer ter olhado.

— Eu não gosto disso. — Feyre balbuciou, indo em direção a Neshta. — Ainda não tem treinamento suficiente.

Cassian sorriu. — Ela tem dois guerreiros Illyrianos para a proteger. O que poderia dar errado?

— Não responda. — disse Rhys secamente a sua parceira. Ele encontrou o olhar de Neshta. Estrelas nasceram e morreram nos olhos dele. — Se você não quiser ir...

— Você precisa de mim — disse Neshta, erguendo o queixo. — O pântano é suficientemente grande para que você não consiga localizar a Máscara sem os meus... dons. — Ela não fazia ideia de como *ela* encontraria a Máscara em Oorid, mas eles poderiam pelo menos começar a explorar a área hoje. Foi o que Cassian havia dito naquela manhã.

Feyre parecia pronta para se opor, mas Azriel estendeu as suas mãos cheias de cicatrizes para Cassian e Nestha. Feyre deu mais um passo à frente.

— O Meio não é como nada que você já tenha experienciado, Nestha. Não baixe a sua guarda nem por um momento.

Nestha acenou com a cabeça, concordando, não se dando ao trabalho de dizer que tinha funcionado sob esse princípio durante muito tempo.

Azriel não lhes deu a oportunidade de trocar nenhuma outra palavra antes que sombras murmurantes varressem ao redor deles. Nestha não pôde deixar de se segurar em Azriel, entendendo em um nível natural que, se ela se soltasse, cairia através deste espaço entre lugares e estaria perdida para sempre.

Mas depois a luz cinzenta e aquosa a atingiu. E o ar... o ar era pesado, cheio de água corrente lenta e mofo e terra argilosa. Nenhum vento se movia ao redor deles; nem sequer uma brisa.

Cassian assobiou.

— Olhem para este buraco infernal. — Deixando cair a mão de Azriel, Nestha fez exatamente isso.

Oorid se estendia diante deles. Ela nunca tinha visto um lugar tão morto. Um lugar que fez a parte ainda humana dele se recolher, sussurrando que era *errado errado errado* estar aqui.

Azriel estremeceu. O Encantador de Sombras da Corte Noturna *estremeceu* enquanto o peso total do ar opressivo, do cheiro e da quietude de Oorid o atingia.

Os três inspecionaram o terreno baldio.

Nem mesmo a água do Caldeirão tinha sido tão solidamente negra como a água aqui, como se fosse feita de tinta. Nos baixios, a meros metros de distância, onde a água encontrava a relva, nem uma grama sequer era visível quanto tocada pela água.

Árvores mortas, cinzentas pela idade e tempo, salientes como as lanças partidas de milhares de soldados, alguns drapeados com cortinas de musgo. Nenhuma folha se agarrava em seus ramos. A maioria dos ramos tinha rachado, deixando salientes lanças que se estendiam a partir dos troncos.

— Nem sequer um inseto — observou Azriel. — Nem sequer um pássaro.

Nestha se esforçou para ouvir. Apenas o silêncio respondeu. Vazio até do assobio de brisa.

— Quem enterraria seus mortos aqui?

— Eles não os puseram na terra — disse Cassian, a sua voz estranhamente abafada, como se aquele ar espesso devorasse qualquer eco. — Eram funerais de água.

Nestha disse — Prefiro ser queimada às cinzas e lançada ao vento do que ser deixada aqui.

— Anotado — disse Cassian.

— Este lugar é maligno — sussurrou Azriel. Medo verdadeiro resplandeceu nos olhos de avelã do Encantador de Sombras.

O cabelo nos braços de Nestha se arrepiaram. — Que espécies de criaturas habitam aqui?

— Está perguntando isso agora? — disse Cassian, as sobrancelhas se erguendo. Ele e Azriel usavam sua armadura mais grossa, convocada ao tocar os Sifões em cima das costas de suas mãos.

— Tive medo de perguntar antes — admitiu Nestha. — Eu não queria perder a coragem.

Cassian abriu a boca, mas Azriel disse — Coisas que caçam na água e se banqueteiam com carne.

— Ninguém vê um kelpie há muito tempo — argumentou Cassian.

— Isso não significa que tenham desaparecido.

— O que é um kelpie? — Nestha perguntou, o coração batendo acelerado diante da tensão gravada nos rostos deles.

— Uma criatura antiga, um dos primeiros monstros verdadeiros dos feéricos. — disse Cassian. — Os humanos chamavam-nos por outros nomes: cavalos de água, nixies. Eram metamorfos que habitavam nos lagos e rios e atraíam pessoas involuntariamente até seus braços. Depois de as afogar, banqueteavam-se. Só as entranhas conseguiam regressar à costa.

Nestha olhou fixamente para a superfície negra do pântano.

— E eles vivem aí dentro?

— Eles desapareceram centenas de anos antes de termos nascido — disse Cassian firmemente. — São um mito sussurrado ao redor de fogueiras, e um aviso para as crianças não brincarem perto da água. Mas ninguém sabe para onde foram. A maioria foi caçada, mas os que sobreviveram... — Ele reconheceu com um aceno de cabeça para Azriel — É possível que tenham fugido para o Meio. O único lugar que poderia protegê-los. — Nestha fez uma careta. Cassian deu-lhe um sorriso que não chegou aos seus olhos. — Só não vá correndo atrás de um belo cavalo branco ou de um jovem de rosto bonito e você ficará bem.

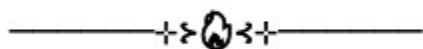
— E fique fora da água — acrescentou Azriel solenemente.

— E se a Máscara estiver dentro de água? — Ela gesticulou para o vasto pântano. Eles iriam voar sobre o pântano, decidiram, para deixá-la sentir o que quer que estivesse ali.

— Então Az e eu vamos tirar à sorte como os guerreiros resistentes que somos e quem perder entra na água.

Azriel revirou os olhos, mas soltou um riso abafado. O sorriso de Cassian brilhou finalmente no seu olhar enquanto ele abria os braços.

— A beleza de Oorid a espera, minha senhora.



Cassian já tinha ido a lugares horríveis durante seus cinco séculos de existência.

O Pântano de Oorid era, de longe, o pior. A sua própria essência falava de morte e decadência.

O ar opressivo abafava até mesmo o som das suas asas, como se Oorid não suportasse nenhum som perturbando o seu antigo sono.

Nestha se agarrou a ele enquanto voavam, Az ao seu lado, e Cassian espreitou a floresta morta que se esticava abaixo, a água negra que a inundava como um espelho obsidiano. Era tão imóvel que ele podia ver perfeitamente os seus reflexos.

O vento chicoteando seu cabelo trançado, Nestha disse — Não tenho certeza do que estou procurando.

— Só mantenha seus sentidos abertos e veja se capta alguma centelha. — Cassian fez um amplo círculo na direção oeste. O ar parecia pressionar as suas asas, como se fosse atirá-los à terra.

Mas entrar naquela água negra seria o último recurso.

As ilhas de relva salpicavam a extensão, algumas tão apinhadas de amoreiras que ele não conseguia encontrar um lugar seguro para pousar. Os emaranhados de espinhos eram um escárnio do que o pântano poderia ter sido, como se Oorid alguma vez tivesse produzido rosas. Nem uma única flor havia florescido.

— É insuportável. — Nestha estremeceu.

— Ficaremos apenas enquanto conseguirmos suportar — disse Cassian — e se nós não encontrarmos nada, voltaremos amanhã e retomaremos de onde parámos.

Ele tinha duas espadas, quatro facas, um arco Illyriano, e uma aljava de flechas, mais os sete Sifões. No entanto, ele não conseguiu se livrar da sensação de estar voando nu.

— O que mais habita aqui além dos kelpies?

— Alguns dizem que bruxas — murmurou ele. — Não da espécie humana — acrescentou quando ela levantou uma sobrancelha. — Do tipo que costumava ser outra coisa e depois, levadas por sua sede de magia e poder, se transformaram em criaturas miseráveis, banidas aqui por vários Grão-Senhores.

— Elas não soam assim tão mal.

— Elas bebem sangue de jovens para preencher a frieza que a magia deixou nelas.

Nestha encolheu-se. Cassian prosseguiu, enquanto examinava o pântano — Existem cantores de luz: seres etéreos encantadores que atraem, aparentando serem rostos amigáveis quando você se sente perdido. Só quando estiver nos braços deles é possível ver seus rostos verdadeiros, e não são nem um pouco amigáveis. O horror é a última coisa que se vê antes de ser afogado por eles no pântano. Mas eles matam por esporte, não por comida.

— E todas essas criaturas horríveis são simplesmente *deixadas* aqui, descuidadas?

— O Meio não está sob a jurisdição de um Grão-Senhor. Há muito que tem sido o lixo para qualquer indesejado.

— Não a Prisão?

— Os seus crimes são da sua natureza. Um kelpie é projetado para atrair e matar, tal como um lobo é projetado para caçar as suas presas. O Meio os mantém separados de nós sem os castigarmos pelo que foram criados para fazer.

— Mas ninguém vai vir livrar o mundo deles?

— O Meio está cheio de magia primordial. Tem as suas próprias regras e leis. Cace kelpies ou cantores de luz sem ser provocado e poderá terminar preso aqui.

Ela estremeceu. — Como a Máscara teria acabado no pântano?

— Não sei. — Ele acenou em direção ao chão. — Sente alguma coisa?

— Não. Nada.

Cassian olhou por cima do ombro na direção de Az antes de entrar em uma nuvem de névoa que pairava sobre o norte do pântano. Era tão espessa que Cassian subiu ainda mais alto, não querendo empalá-los em uma árvore alta. A neblina era gélida o suficiente para correr dedos gelados ao longo de suas asas, seu rosto.

Nestha se sacudiu, depois inspirou. — Cassian.

Ele saiu da névoa, se inclinando à esquerda.

— Sentiu alguma coisa?

— Não sei o que senti. — Ela engoliu. — Tem alguma coisa aqui.

Ele olhou novamente por cima do ombro para fazer um sinal a Azriel.

Mas Az não estava lá.

33

— Azriel!

O grito de Cassian nem sequer ecoou.

Agarrada ao seu pescoço, Nestha olhou pela névoa. Cassian parou atrás dela, batendo as asas no mesmo lugar enquanto procurava o seu irmão — Segure firme — ele assobiou antes de se lançar em uma queda, usando o impulso para cair na névoa.

Um clarão de luz azul abaixo — à frente — deles. Os Sifões de Azriel.

— Porra — Cassian cuspiu, e disparou mais abaixo.

Árvores surgiram do chão, afiadas como espadas, e ele desviou delas, asas a um centímetro de se rasgarem naqueles espetos. O coração de Nestha trovejou, mas ela não fecharia os olhos contra a morte que estava ao seu redor, não quando Cassian voou por baixo da cortina da névoa e eles viram o que Azriel enfrentava.

Cassian virou-se tão rápido que Nestha mal teve tempo de se preparar, e depois voou de volta pelo caminho que tinham vindo, através da neblina — Para onde você vai? — ela exigiu — Tem duas dúzias de soldados lá embaixo!

— Soldados da Corte de Outonal — esclareceu Cassian, asas batendo com tanta força que o vento lhe rasgou os olhos. — Não sei que porra estão fazendo aqui, ou se Eris nos fodeu, mas um deles disparou uma flecha de freixo na asa de Az.

— Então por que é que estamos voando para *longe*?

— Porque não vou aterrissar com você no meio daquilo.

— Me coloque no chão! — Ela gritou. — Me coloque em qualquer lugar no chão e volte até ele! — Ele não o fez, procurando no pântano o lugar certo. Ela lhe bateu com a mão em seu peito musculoso — Cassian!

— Eu sei o que cada segundo está me custando, Nestha — ele disse quietamente.

— Então me coloque na porra de uma árvore! — Ela apontou para uma que eles evitaram por pouco.

Ele avistou uma área que considerava suficientemente segura: um trecho sólido de um terreno gramado, os restos de uma árvore erguendo-se de seu meio. Ele a colocou na árvore, como ela havia sugerido, elevando-a no ramo mais alto e mais resistente. Este balançou por conta de seu peso. — Fique aqui — ele ordenou, esperando até que ela tivesse enrolado as mãos em volta do galho e se agarrado como uma criança que tinha subido alto demais. — Voltarei em breve. *Não* desça. Não importa o que ver ou ouvir.

— Vá! — Ela era totalmente inútil numa luta, ela sabia. Só seria uma distração.

— Tenha cuidado — ele advertiu, como se não fosse ele que estivesse prestes a correr perigo, e depois desapareceu. Nestha agarrou-se ao galho da árvore com tanta força que todo o seu corpo tremia. O silêncio do pântano a envolveu como uma manta sólida.

Oorid devorou as rápidas batidas das asas de Cassian em segundos, de modo que ela nem sequer conseguiu ouvi-lo quando desapareceu na névoa.



Cassian foi para onde os seus sentidos lhe disseram que Az ainda lutava. A sua visão certamente não ajudou em porra nenhuma — a névoa parecia agora mais espessa.

A Corte Outonal estava aqui. Eram os soldados desaparecidos de Eris, ou será que ele tinha feito todos de tolos? Teria Beron de alguma forma tomado conhecimento dos seus planos?

Ele voou o mais rápido que pôde, rezando para que Az tivesse se virado mesmo com aquela flecha de freixo em sua asa. A limitação dos poderes de Az pela flecha foi a única razão pela qual os soldados já não estavam mortos — porque os Sifões de Azriel tinham sido um clarão e não uma muralha incineradora contra soldados que eram muito menos habilidosos.

Cassian se afundou em uma calmaria fria, desejando que cada um dos seus Sifões acordasse. Ele os alimentou com o seu poder, e eles responderam, confirmando que estavam prontos, que ele estava pronto, para que o derramamento de sangue começasse.

Os Sifões azuis de Azriel reluziram à frente, uma mancha de cobalto na névoa, e Cassian disparou para mais alto no céu, até que esse azul se tornasse uma flutuação abaixo dele.

Ele parou completamente de bater as asas para que os guerreiros não o ouvissem.

Depois silenciosamente abriu as asas e deslizou em queda livre. A névoa o golpeou, o ar pesado o estapeou, mas ele sacou uma lâmina e a faca na sua coxa em silêncio.

A neblina se quebrou a um metro acima do conflito.

Os soldados não tiveram tempo de olhar para cima antes de Cassian estar sobre eles.

Sangue jorrou e machos gritaram, poder pulsando do vermelho vindo dos Sifões de Cassian. Az lutava com seis soldados ao mesmo tempo, a asa esquerda mole e sangrando, os seus próprios Sifões pulsando. A flecha de freixo tinha tornado o poder de Az quase inútil. Mas os Sifões continuavam a brilhar como um sinal — para Cassian.

A visão da asa ferida de Az fez a sua cabeça começar a rugir.

Cassian matou e matou e não parou.



Tempo demais.

Cassian e Azriel estavam lá por tempo demais.

Os membros de Nestha estavam começando a parar de funcionar pelo esforço de se agarrar como um filhote de urso àquela árvore. Ela sabia que tinha poucos minutos até que o seu corpo se soltasse.

Não havia som, não havia clarão de luz. Apenas o pântano silencioso, a névoa e a árvore morta.

Cada respiração fazia eco aos seus pensamentos. Cada respiração era devorada pela opressão de Oorid.

Ela tinha visto Cassian enfrentar os soldados de Hybern. Duas dúzias de soldados da Corte Outonal não deveriam ser nada. Mas porque eles estavam aqui?

As suas pernas tremiam tanto que ela quase perdeu a pegada que tinha no galho. Ela sabia que estava de um jeito absolutamente patético, estendida ao longo do galho precisamente como Cassian a tinha deixado, pernas enroladas em volta dele, tornozelos cruzados um sobre o outro, dedos agarrados na madeira seca e prateada.

Cuidadosamente, ela se empurrou para cima, os seus braços formigando com a dormência de apertar tão forte durante tanto tempo. Suas pernas relaxaram de alívio ao soltá-las também, deixando-as penduradas no ar. Ela observou a direção que Cassian tinha ido. Nada.

Ele já tinha caído em batalhas antes — ela o tinha visto gravemente ferido. A primeira vez em Hybern, quando ele havia tentado rastejar na sua direção enquanto ela entrava no Caldeirão. A segunda vez contra as forças de Hybern, quando ele tinha sido estripado e Azriel tinha segurado as suas

entranhas com as próprias mãos. E a terceira vez contra o próprio rei de Hybern, quando ela tinha lhe pedido, ordenado a usá-la como isca, a distração enquanto ela afastava o rei de Feyre e do Caldeirão.

Após tantos encontros com a morte, era apenas uma questão de tempo até que ela o pegasse.

Sua boca secou. Azriel tinha sido atingido com uma flecha de freixo. E se um dos soldados tivesse ferido Cassian também? E se ambos estiverem precisando de ajuda?

Ela não podia fazer nada contra duas dúzias de soldados — contra um único soldado, se estivesse sendo honesta — mas não conseguia suportar ficar sentada numa árvore como uma covarde. Sem saber se ele estava vivo. E ela tinha magia. Não fazia ideia de como a usar, mas... ela tinha pelo menos. Talvez isso ajudasse.

Ela disse a si mesma que estava preocupada com Azriel, também. Disse a si mesma que se preocupava tanto com o destino do encantador de sombras como com o de Cassian. Mas era o rosto morto de Cassian que ela não conseguia suportar imaginar.

Nestha não se deixou reconsiderar enquanto se deitava de novo sobre o ramo, enrolando os braços à volta dele enquanto abaixava cegamente a perna, procurando outro por baixo...

Ali. O seu pé encontrou outro galho, mas não o deixou suportar todo o seu peso. Ainda agarrada ao primeiro, com as unhas fincadas na madeira morta com força suficiente para que as farpas entrassem por baixo delas, ela se abaixou para alcançá-lo. Ofegante, ajoelhou-se novamente e baixou o pé, encontrando outro galho. Mas ainda estava muito longe. Grunhindo, voltou a levantar sua perna e colocou cuidadosamente as mãos de ambos os lados dos joelhos, concentrando-se no seu equilíbrio, tal como Cassian tinha a ensinado, pensando em cada movimento do seu corpo, dos seus pés, da sua respiração.

As pontas dos dedos gritando com as farpas perfurando a carne sensível sob as unhas, ela deixou cair as pernas até atingirem o ramo seguinte. O debaixo

dela estava mais próximo, mas era mais fino. Teve de deitar em cima dele para não se deixar cair.

Ramo por ramo, Nestha desceu até que as suas botas afundaram no solo de musgo, e a árvore pairou como um gigante acima dela.

O pântano estendia-se por todo o lado, quilômetros de água negra, árvores mortas e grama.

Ela teria que andar pela água para alcançá-lo. Nestha concentrou-se na sua respiração — ou tentou fazer isso. Cada inalação permanecia superficial, afiada.

Cassian podia estar ferido e morto. Ficar sentada sem fazer nada não era uma opção.

Ela observou um metro de distância da costa procurando qualquer sinal de águas mais rasas para atravessar até à ilha mais próxima, coberta de espinhos carnosos, mas a água era tão negra que era impossível determinar se era rasa ou se caia num poço sem fundo.

Nestha focou novamente em sua respiração. Ela sabia nadar. Sua mãe tinha se assegurado disso, graças a um primo que tinha se afogado na infância. *Assassinado por fadas*, sua mãe tinha lhe falado.

Eu o vi ser arrastado para o rio.

Teria sido um kelpie? Ou os próprios medos de sua mãe fizeram-na imaginar algo monstruoso?

Nestha se forçou à beira da água negra.

Corra, uma pequena voz sussurrou. *Corra e corra, e não olhe para trás*. A voz era feminina, gentil. Sábia e serena. *Corra*.

Ela não podia. Se ela corresse, seria para ele, e não para longe.

Nestha pisou até à beira da água, onde a grama desaparecia na escuridão.

O seu rosto a olhou de volta por conta da quietude da água. Pálida e com os olhos arregalados de terror.

Corra. Seria essa voz somente o que restava de seus instintos humanos, ou algo mais? Ela olhava para seu reflexo como se fosse respondê-la.

Algo se mexeu nos espinhos da ilha, e ela virou sua cabeça, o coração trovejando enquanto procurava aquele rosto masculino e asas familiares. Mas não havia qualquer sinal de Cassian. E o que quer que estivesse naquele espinheiro... Ela deveria encontrar outra ilha para ir.

Nestha voltou a olhar para seu reflexo.

E encontrou um par de olhos escuros como a noite a olhando de volta.

34

Nestha tropeçou tão rápido que caiu de costas, o solo musgoso protegendo o impacto. Um rosto rompeu da água negra onde antes estava seu reflexo.

Era mais branco do que osso e humanóide. Masculino. Pouco a pouco, centímetro a centímetro, a cabeça se ergueu acima da água negra, o cabelo de obsidiana flutuando na água ao redor da criatura, tão sedoso que poderia muito bem fazer parte da superfície.

Seus olhos negros eram enormes — nenhum branco à vista — suas maçãs do rosto tão afiadas que podiam cortar o ar. Seu nariz era estreito e comprido, como uma lâmina, e pingava água da ponta sobre uma boca... Uma boca...

Era muito grande, aquela boca. Lábios sensuais, mas muito largos.

Então seus braços deslizaram para fora da água.

Em movimentos rígidos, sacudindo, eles se erguiam sobre o musgo, brancos e finos, terminando em dedos tão longos quanto seu antebraço. Dedos que cravaram na grama, revelando quatro articulações junto com unhas pontiagudas. Eles estalaram alto quando ele os esticou e os cravou na grama, lutando para se erguer.

A respiração de Nestha falhou, o terror rugindo em sua mente enquanto ela rastejava para trás.

Ele se ergueu para fora da água, revelando um torso ossudo, seu cabelo preto arrastando atrás dele como uma rede.

Ela cambaleou para trás novamente enquanto ele levantava lentamente a cabeça.

A boca muito larga se abriu. Revelando fileiras gêmeas de dentes podres, os dentes como cacos de vidro, enchiam sua boca enquanto ele sorria.

Sua bexiga afrouxou, seu colo ficou úmido e quente.

Ele cheirou, viu, e aquela boca se alargou ainda mais, os dedos se contraindo enquanto se erguia mais e mais para fora da água. Seus quadris estreitos e nus.

Ele se apoiou nos braços enquanto deslizava uma perna longa e branca da escuridão. Depois outra. E então ele se ajoelhou de quatro, sorrindo para ela.

Ela não conseguia se mover. Não conseguia fazer nada além de olhar para aquele rosto branco, os olhos negros tão escuro como o pântano, a contração dos músculos, dedos longos demais e aquela boca, aqueles dentes de enguia.

Ele então falou, e não era um idioma que ela reconhecesse. Sua voz intensa, profunda e rouca, cheia de fome terrível e diversão cruel.

A gentil voz feminina em sua cabeça implorou. *Corra, corra, corra.*

Sua cabeça se inclinou, o cabelo preto encharcado balançando com o movimento, cheio do que parecia ser ervas daninhas do pântano. Como se ele tivesse ouvido aquela voz feminina também. Ele falou novamente, e foi como uma rocha rangendo contra a rocha — seu tom mais exigente.

Kelpie. Ele era um kelpie e iria matá-la.

Corra, gritou a voz. Corra!

As pernas de Nestha ficaram paralisadas, entorpecidas. Ela não conseguia se lembrar de como usá-las.

A cabeça do kelpie se contraiu, os dedos convulsionando na grama. Seu sorriso cresceu novamente. Tão largo que ela viu a língua longa e negra se contorcendo em sua boca, como se ele já pudesse saborear sua carne.

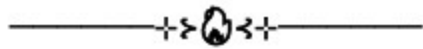
Nestha não conseguia se lembrar de como gritar enquanto ele se lançava sobre ela.

Não conseguiu fazer nada enquanto aqueles longos dedos agarraram suas pernas, garras rasgando através de sua pele, e puxando-a para ele.

A dor arrancou Nestha de seu estupor, e ela lutou, os dedos agarrando a grama. A grama se soltando aos montes, como se não tivesse raízes. Como se o pântano não fosse fazer nada para ajudá-la.

O kelpie a segurou enquanto escorregava de volta para a água gelada.

E a arrastou para baixo da superfície.



Os dois soldados estavam de joelhos.

A armadura de couro leve trazia a insígnia de Eris de dois cães latindo no peito. Mas isso não confirmava nada. Eles podem ter sido mandados aqui por Eris, ou Beron, ou ambos. Até Azriel ou Rhys poderem obter respostas deles, Cassian não perderia tempo teorizando. Não que os soldados lhes dessem qualquer explicação.

Seus rostos estavam vazios. Nenhum traço de medo neles, ou em seus cheiros.

Azriel ofegou, as asas sangrando livremente de onde ele havia arrancado a flecha de freixo. Cassian, coberto de sangue que não era seu, avaliou os dois soldados sobreviventes, seus companheiros ao seu redor. Muitos em pedaços.

— Amarre-os. — disse Cassian a Azriel, que já havia se curado o suficiente para convocar seus Sifões. A luz azul saiu de seu irmão, envolvendo os pulsos dos dois machos, seus tornozelos, suas bocas — e então os acorrentou juntos.

Cassian já tinha lidado o bastante com assassinos e prisioneiros para saber que manter dois prisioneiros vivos permitiria que ele confirmasse informações, para jogarem um contra o outro.

Os soldados lutaram ferozmente com espada e fogo, mas não falaram com os seus adversários ou uns aos outros. Esses dois pareciam tão desfocados e vazios quanto seus companheiros.

— Tem algo errado com eles. — murmurou Azriel enquanto os dois soldados simplesmente olhavam para eles com violência em seus olhos. Violência, mas sem reconhecimento ou consciência de que estavam agora à mercê da Corte Noturna, e logo aprenderiam como essa Corte obtinha respostas de seus inimigos.

Cassian fungou. — Eles cheiram como se não tomassem banho há semanas.

Az fungou também, fazendo uma careta. — Você acha que estes são os soldados desaparecidos de Eris? Ele disse que eles estavam agindo de forma estranha antes de desaparecer. Eu certamente consideraria esse comportamento estranho.

— Não sei. — Cassian enxugou o sangue do rosto com as costas da mão. — Eu suponho que vamos descobrir em breve. — Ele examinou seu irmão da cabeça aos pés. — Você está bem?

— Sim. — Mas a voz de Az estava firme o suficiente para indicar que sua asa doía como o inferno. — Precisamos sair daqui. Pode haver mais.

Cassian enrijeceu. Ele deixou Nestha em uma árvore. Uma árvore alta, certo, mas — Ele se lançou em direção ao céu, sem esperar para ver se Az poderia segui-lo antes que ele seguisse voando em direção aquela extensão de terra. Melhor do que uma ilha, ele decidiu. Em uma ilha, ela teria ficado presa. Mas a faixa de grama em que ele a deixou parecia ter sido uma campina, e a árvore era tão alta que seria necessário um gigante para alcançá-la. Ou outra coisa com asas.

O ar se partiu e Azriel apareceu em seus calcanhares, instável e balançando, mas voando. Trevas levantou-se atrás deles, a confirmação de que Az usava

suas sombras para esconder seus prisioneiros.

Cassian rastreou Nestha pelo cheiro de volta para aquela árvore, a névoa iluminava apenas a parte superior dos ramos enquanto apareciam. Mas Nestha não estava lá.

Ele pairou no lugar enquanto examinava a árvore, o solo. — Nestha! — Ela não estava na grama, ou na próxima árvore. Ele saltou para o chão, rastreando o cheiro dela em toda a área, mas não foi mais longe. Ia direto para a água e desaparecia.

Azriel pousou, girando no lugar. — Eu não a vejo.

A água permaneceu parada como vidro preto. Nem uma ondulação. A ilha a cinco metros de distância da água — Ela teria ido por ali?

Cassian não conseguia respirar direito, não conseguia pensar direito —
NESTHA!

O seu rugido foi engolido por todo Oorid antes que pudesse ecoar na água negra.

35

Não havia luz, nada além de água frígida e mãos com garras a arrastando para baixo.

Ela já tinha estado aqui antes. Era exatamente como o Caldeirão, sendo atirada para a escuridão congelante...

Era assim que ela morreria, e não havia nada a fazer, ninguém para a salvar. Ela tinha dado o seu último suspiro e nem sequer fora um bom suspiro, tão focada em seu terror que tinha se esquecido de que tinha armas, que tinha magia...

Armas. Cega na escuridão, Nestha agarrou a adaga ao seu lado. Ela havia lutado contra o Caldeirão. Ela o faria de novo agora.

Seus ossos gemeram onde o Kelpie a agarrou, o seu aperto informando-a onde atacar. Indo contra a correnteza da água ao tempo em que se movia rapidamente, Nestha enfiou sua adaga, rezando para que não cortasse a própria perna.

Ossos reverberou contra a lâmina. O aperto em sua perna afrouxou, e ela enfiou a ponta da sua adaga mais fundo enquanto o braço se rasgava.

Ela se debatia na escuridão giratória. Para cima e para baixo embaçada e corrompida, e ela estava afogando...

Mãos esguias bateram no seu peito, uma se enrolando em volta de sua garganta enquanto as suas costas acertaram algo macio e arenoso. O fundo.

Não, ela não acabaria assim, tão indefesa como tinha estado naquele dia contra o Caldeirão...

Lábios e dentes colidiram com sua boca, e ela gritou enquanto o Kelpie a beijava. A língua negra enfiada em sua boca, com gosto de carne podre.

Por um momento, ela não estava debaixo d'água, mas contra uma pilha de madeira nas terras humanas, a boca dura de Tomas esmagando a dela, suas mãos a apalpando...

Nestha lutou para desviar a cabeça, para libertar a boca, mas o ar encheu seus pulmões. Como se o Kelpie tivesse respirado para dentro dela. Como se ele a quisesse viva por um pouco mais de tempo, para prolongar a sua dor.

O Kelpie se afastou, e Nestha teve senso o suficiente para fechar a boca dolorida e brutalizada, para prender aquele ar que ele havia lhe dado. Sem parar para questionar como tal coisa era sequer possível.

As mãos do Kelpie rasgavam seu corpo, arrancando cada arma com uma mira infalível, como se não precisasse ver nessa escuridão, como se aqueles grandes olhos negros pudessem captar qualquer gota de luz como uma criatura do mar profundo. Todo o seu corpo ficou rígido e imóvel, cada toque brutal, possessivo e furioso, se deliciando com seu medo.

Quando ele a havia desarmado, seus pulmões estavam queimando de novo, e ela sentiu aquele fino corpo masculino empurrando-a para o fundo mais uma vez enquanto ele enfiava sua boca na dela.

Ela engasgou, mas abriu para ele, o deixando encher-lhe a boca com outro sopro de vida que nada tinha a ver com bondade. Sua língua se contorceu como um verme contra a dela, e as mãos esguias, muito grandes, correram-lhe pelos seios, pela cintura, e quando ela engasgou novamente, lutando contra um soluço, a risada dele soprou-lhe os lábios.

Ele se afastou, fileiras de dentes rasgando a boca dela enquanto o fez, e ela tremeu quando ele se demorou, acariciando o seu cabelo. Seu pequeno prêmio - era o que o toque dizia. Como ele a faria sofrer e implorar antes do fim. Ela tinha escapado dos monstros do reino humano apenas para encontrar os mesmos monstros acima da muralha. Tinha escapado de Tomas apenas para acabar aqui, tão colérica como havia estado antes.

Aquela voz feminina suplicante tinha desaparecido. Como se o que quer que ela fosse, quem quer que ela fosse, soubesse que agora não existia esperança.

Nestha fuçou internamente pelo seu poder enquanto o Kelpie começava a nadar novamente, uma mão em volta do seu pulso, arrastando-a para trás dele.

Suas pernas chocaram-se em objetos metálicos e ossos, de alguma forma preservados dentro do pântano.

Alguns dos ossos ainda pareciam carnudos.

Por favor, ela implorou ao poder dentro dela, adormecido e antigo e terrível. *Por favor*. Nestha lançou, procurando-o no abismo dentro de si mesma.

Ela podia vê-lo brilhando à frente, dourado e radiante. Os seus dedos esticaram-se para ele.

O Kelpie nadou mais rápido pela escuridão, oscilando entre os objetos na água como se fossem as raízes de uma árvore.

A coisa dourada se aproximava, e era um disco redondo, o poder dela, ficando mais e mais e mais perto. À medida que Nestha era arrastada, aquele disco dourado se apressava em direção aos seus dedos esticados. O Kelpie não parecia vê-lo; ele não se virou enquanto o poder disparava em direção a sua mão estendida.

Não era o poder dela que brilhava à frente.

O disco dourado conectou-se aos seus dedos, e Nestha sabia o que era enquanto ela o agarrava firmemente. Semelhante atrai semelhante. Poder atrai poder.

O Kelpie a puxou, oblévio. A respiração de Nestha ficou novamente curta. Seus pés e pernas cortavam nos objetos afiados como adaga, se rasgando em alguns.

O poder estava em sua mão. A morte a agarrava pela outra.

Ela sabia o que tinha que fazer com o tipo de clareza que só o puro desespero e terror poderiam trazer. Sabia o que tinha de arriscar. Seus dedos se apertaram na coisa em sua mão.

O Kelpie desacelerou, como se estivesse sentindo sua mudança. Mas não rápido o suficiente.

Ele não conseguiu impedi-la de colocar a máscara em seu próprio rosto.

36

Seus pulmões pararam de doer. Seus músculos pararam de latejar.

Ela não precisava de ar. Ela não sentia dor.

Ela podia ver vagamente através dos buracos dos olhos da Máscara. O Kelpie era uma coisa esguia e branca — uma criatura de puro ódio e fome.

Ele a soltou, como se estivesse em choque e medo. Como se hesitasse quando avistou o que ela agora vestia.

Era tudo o que Nestha precisava.

Ela conseguia senti-los ao redor dela. Os mortos.

Sentir os seus corpos há muito apodrecidos, alguns eram ossos e outros preservados, meio-comidos debaixo de suas antigas armaduras. Suas armas repousavam ao redor, descartadas e ignoradas pelas criaturas do pântano, que estavam mais interessadas em se alimentar de carne decadente, mesmo que podre há tempos.

Milhares e milhares de corpos.

Mas ela não chamaria milhares. Ainda não.

Seu sangue era uma canção fria, a Máscara um eco deslizante para ela, sussurrando sobre tudo que ela poderia fazer. Lar, ela parecia suspirar. Lar.

Nestha não recusou. Apenas a abraçou, deixando a magia da máscara — mais fria que sua própria, e tão antiga quanto — fluir para suas veias.

O kelpie se controlou, e mostrou seus conjuntos gêmeos de dentes antes de saltar.

Uma mão-esqueleto se fechou em torno de seu tornozelo.

O Kelpie rodopiou, olhando para baixo. Justamente quando outra mão ossuda, coberta por uma manopla rachada pelo tempo, se enroscou em torno do outro tornozelo.

Uma mão com carne se soltando dos dedos agarrou em sua juba de cabelos pretos.

O Kelpie se virou para ela novamente, olhos negros arregalados.

À deriva na água, o poder da Máscara era uma música de gelo através dela, Nestha invocou os mortos. Para fazer o que seu próprio corpo não podia.

Mesmo que ela tivesse lutado contra Tomas, contra o Caldeirão, contra o Rei de Hybern, eles haviam todos *acontecido* a ela. Ela sobreviverá, mas havia ficado desamparada e apavorada.

Não hoje. Hoje, ela aconteceria a *ele*.

O Kelpie se debatia, libertando-se de uma mão esqueleto enquanto dez outras, no fim de longos braços ossudos, se estendiam. Seus corpos se erguiam com elas. Ele tentava nadar para fora de seus apertos, mas um imponente esqueleto meio vestido em uma armadura enferrujada apareceu atrás dele. Passou seus braços ao seu redor. Um rosto que era apenas osso apareceu por cima do ombro do Kelpie, a mandíbula se abrindo para revelar dentes pontudos — não era Grão-Feérico, então — que cintilaram antes de se enterrarem na carne branca do Kelpie.

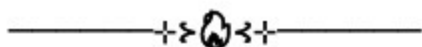
Ele gritou, mas foi sem som. Assim como os mortos não tinha som, surgindo do fundo sujo, alguns em formação de marcha, e convergindo para ele.

Nestha deixou o poder fluir através dela, permitindo à Máscara fazer como desejasse, erguendo os honrados mortos que haviam uma vez sido

enterrados aqui e sofrido o sacrilégio de servir como uma refeição sem fim para o Kelpie e sua laia.

O Kelpie resistiu contra os mortos, seus olhos implorando agora. Mas Nestha ergueu o olhar para ele sem um traço de misericórdia, ainda sentindo o gosto de sua sujeira na própria boca.

Ela sabia que ele podia ver seus dentes brilhando. Sabia que o kelpie podia ver seu sorriso frio enquanto ordenava aos mortos que o rasgasse em pedaços.



— NESTHA!

Mergulhado até a cintura na água negra, tão suja que ele não podia ver as próprias pernas debaixo dela, Cassian berrou o nome dela e Az disparou acima, procurando, procurando...

Ele havia farejado o cheiro dela na beira da água — o cheiro dela e de urina, os deuses o amaldiçoaram ao inferno. Ela havia visto algo, sido atacada por algo tão terrível que se molhara, e agora estava desaparecida, em algum lugar debaixo desta água...

— NESTHA!

Ele não sabia por onde começar nessa escuridão. Se ele continuasse fazendo muito mais barulho, outras coisas iriam vir procurar, mas ele tinha de encontrá-la, ou ele iria desmoronar e morrer, iria...

— NESTHA!

Azriel pousou na terra ao lado dele.

— Não vejo nada — ele ofegou, os olhos tão frenéticos quanto Cassian sabia que os próprios estavam. — Nós precisamos do Rhys...

— Ele não está respondendo.

Como se o pântano engolisse suas mensagens da mesma forma que engolia sons.

Cassian mergulhou até o peito, as mãos buscando cegamente por alguma pista, um corpo...

Ele rugiu ao pensamento, e nem mesmo Oorid podia abafar o som.

Ele se arremessou para frente, e apenas a mão de Azriel no colarinho de sua armadura o parou. Az rosnou. — Olhe.

Cassian encarou onde Azriel apontava a água mais funda. A superfície ondulava. Luz dourada brilhava abaixo. Cassian disparou naquela direção, mas Az o segurou outra vez, seus Sifões brilhando em azul.

E então as lanças emergiram.

Como uma floresta surgindo da água, lança após lança após lança surgia. Então os capacetes, pingando água, alguns enferrujados, outros brilhando como recém forjados. E debaixo destes capacetes: caveiras.

— Que a Mãe nos ajude — Azriel sussurrou, em terror puro, não estupefação, silenciando sua voz enquanto os mortos se erguiam das profundezas de Oorid.

Uma fila deles; uma legião. Alguns eram punhados de ossos sobrepostos, mandíbulas penduradas e olhos que não enxergavam. Alguns meio preservados, carne decaída batendo contra costelas expostas. Julgando por sua armadura rica, eles eram guerreiros e reis e príncipes e lordes.

Eles emergiram da água, ficando em pé nas beiras da ilha espinhosa. E conforme aquela luz dourada quebrou a superfície diante deles, os mortos se ajoelharam.

Cada palavra desapareceu da cabeça de Cassian quando Nestha, também, emergiu da água, como se erguida por um pilar debaixo. Uma máscara

dourada cobria sua face, primitiva mas gravada com espirais e padrões tão antigos que haviam perdido qualquer sentido.

Água lavava suas roupas, seu cabelo havia se arrancado da trança, e em sua mão, firme ali...

Uma cabeça de Kelpie se pendurava pelo lençol de cabelo escuro, o rosto rasgado num grito. Exatamente como a cabeça do Rei de Hybern havia pendido de sua mão.

Apenas fogo prateado queimava por trás dos olhos da Máscara.

— Benditos deuses — Azriel respirou. Os mortos permaneceram parados, uma legião preparada para o ataque. A vontade dela era a vontade deles; seu comando sua única razão para existir. Eles não tinham mais nada — apenas ela, apenas Nestha, fluindo através deles.

— Nestha — Cassian murmurou.

Nestha soltou a cabeça do Kelpie. A água negra aos seus pés a engoliu inteira.

Poder gélido ondulou até eles, e conforme os atingiu, Cassian permitiu que vagasse por ele, ao redor dele, e rendeu-se a ele. Porque resistir seria provocar a fúria da Máscara. Resistir seria resistir à Morte.

À própria Morte.

Azriel estremeceu, medindo aquele poder primitivo.

Mas eles eram ambos Illyrianos, quer Azriel gostasse disso ou não. E então eles fizeram o que seu povo sempre havia feito diante da bela face da Morte. Eles se curvaram.

Imersos até o peito na água, eles não podiam se abaixar demais, mas eles recurvaram a cabeça até seus rostos quase tocarem a superfície. Cassian levantou os olhos enquanto mantinha a posição, e assistiu o reflexo dourado da Máscara dançar sobre a água. Então aquele ouro se deslocou.

Ele ergueu a cabeça a tempo de ver Nestha retirar a Máscara.

Os mortos colapsaram. Caíram para baixo da superfície negra com borrifos e ondulações e desapareceram completamente. Nem mesmo uma única lança sobrando.

Nestha afundou como se derrubada, também. Cassian disparou para ela, água gelada mordendo seu rosto. Ele a segurou assim que ela afundou.

Ela estava quase sem energia enquanto a puxou de volta para Az, que tinha sua espada apontada contra qualquer coisa que pudesse surgir rastejando da água. Quando eles chegaram à costa e à grama e à árvore, Cassian escrutinou seu rosto pálido, rasgado e arranhado em torno de sua boca e da mandíbula...

Nestha piscou, seus olhos novamente azul-acinzentados, e então ela estava agarrando a Máscara contra seu peito como uma criança faria com uma boneca e tremendo, tremendo, tremendo.

Tudo que Cassian pôde fazer foi passar os braços ao seu redor e segurá-la contra si, até que os tremores parassem e a inconsciência lhe oferecesse a misericórdia do esquecimento.

Havia um lugar na Corte dos Pesadelos onde nem mesmo Keir e seu esquadrão de elite de Precursores da Escuridão ousavam pisar.

Uma vez que os inimigos da Corte Noturna entravam naquele lugar, eles não saíam. Não vivos, de qualquer maneira.

A maior parte do que restava de seus corpos também não saía. Passava pela escotilha no centro da sala circular — e ia para o fosso de bestas se contorcendo abaixo. Para suas escamas, garras e impetuosa fome. As feras não eram alimentadas com frequência; podiam receber um corpo a cada dez anos e fazê-lo durar, e entrando em hibernação entre as refeições.

O sangue que escorria dos dois machos da corte outonal pelo chão de pedra os acordou.

Seus rosnados e assobios, suas caudas estalando e garras arranhando deveriam ter incentivado os machos acorrentados às cadeiras a falar.

Azriel encostava-se na parede perto da porta solitária, com a Reveladora da Verdade ensanguentada em suas mãos. Cassian, um passo ao lado dele, e Feyre, do outro lado de Az, observaram enquanto Rhys e Amren se aproximavam dos dois homens.

— Vocês estão se sentindo mais inclinados a se explicarem? — Rhys disse, com as mãos deslizando para os bolsos.

Apenas o conhecimento de que Nestha dormia em segurança em um quarto no palácio de Rhys acima daquela montanha, protegida pelo poder de seu Grão-senhor, permitiu que Cassian permanecesse naquele lugar. A Máscara, coberta com um pano de veludo preto, estava sobre uma mesa em outra sala do palácio, igualmente protegida e enfeitiçada. Azriel havia atravessado-os

do pântano momentos depois de Nestha desmaiar e os trouxe para a residência de Rhys no topo da Cidade Escavada. Cassian sabia, quando Rhys desapareceu um segundo depois, que ele tinha ido para o pântano buscar os soldados da Corte Outonal e trazê-los aqui.

Nestha estava inconsciente desde então.

Os dois homens eram parecidos, da mesma forma que as pessoas de diversas cortes tendiam a compartilhar características: a Corte Outonal tendia a cabelos de vários tons avermelhados, castanhos ou dourados, olhos às vezes verdes e principalmente pele pálida. O homem à esquerda tinha cabelo castanho avermelhado; o cabelo do da direita brilhava como cobre brilhante. Ambos permaneciam com o rosto vazio.

— Eles devem estar sob algum tipo de encantamento — Amren observou, circulando os machos. — As suas únicas motivações parecem ser atacar sem motivo, sem contexto.

— Por que você atacou membros da minha corte no Pântano de Oorid? — Rhys perguntou com a mesma calma suave que tantos tinham ouvido antes de serem despedaçados.

Rhys concordou que os soldados que atacaram eram provavelmente os soldados da Corte Outonal que haviam desaparecido, mas como eles acabaram no Pântano de Oorid... Bem, era isso que pretendiam descobrir. Rhys havia tentado entrar em suas cabeças, mas não encontrou nada além de névoa e neblina.

Os machos apenas olharam para Cassian, para Azriel, e se eriçaram com violência.

Feyre observou da parede — Eles são como cães raivosos, entregues à insanidade.

— Eles lutaram como se fossem cães raivosos, também — disse Cassian.
— Sem inteligência, apenas desejo de matar.

Rhys estendeu a mão em direção ao de cabelo castanho, o macho sangrando de lugares que Azriel sabia que doeria, mas não mataria. Az sabia onde cortar um macho sem deixá-lo sangrar. Sabia como fazer isso durar por dias.

— Se eles estão sob o feitiço de Briallyn ou Koschei — perguntou Feyre — então é certo machucá-los assim?

A pergunta ecoou pela câmara, acima do rosnado das feras famintas.

Rhys disse depois de um momento — Não. Não é.

Amren disse a Feyre — A névoa em torno de suas mentes e o fato de que suportaram a tortura de Azriel sem mostrar uma compreensão de nada além da dor básica pelo menos confirma nossas suspeitas.

— Se é assim que você deseja justificar — Feyre disse um pouco friamente — Então tudo bem.

Todos eles, incluindo Feyre, haviam sido torturados em um ponto ou outro de suas vidas.

Feyre se voltou para Rhys. — Precisamos pedir a Helion para visitar. Não pela você-sabe-o-quê — ela disse, olhando para os dois soldados, que poderiam muito bem ainda estar a par de tudo que ocorrera, mesmo presos dentro de suas cabeças — mas para quebrar o feitiço sobre eles.

— Sim — disse Rhys, os olhos brilhando com algo parecido com culpa e vergonha. Alguma conversa silenciosa passou entre ele e sua parceira, e Cassian sabia que Rhys estava perguntando sobre a tortura — desculpando-se por fazer Feyre testemunhar mesmo os dez minutos que Azriel havia trabalhado.

Mas Feyre, Cassian sabia, estava ciente do que veria antes de entrar. E bem ciente de que aqueles dez minutos foram apenas os movimentos iniciais de uma sinfonia de dor que Azriel poderia conduzir com eficiência brutal.

O rosto de Feyre suavizou depois de um momento, e ela ofereceu a Rhys um leve sorriso que fizeram os olhos do macho brilharem. Rhys declarou — Eles ficam aqui, sob guarda. Entrarei em contato com Helion imediatamente.

Cassian perguntou — E Eris? Quando contamos a ele que encontramos seus soldados? Ou o que fizemos com a maioria deles?

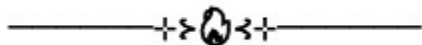
— Vocês agiram em legítima defesa — disse Feyre, cruzando os braços. — No que me diz respeito, quem quer que estivesse controlando os soldados é o culpado por suas mortes, não vocês.

Amren acrescentou — Contaremos a Eris assim que confirmarmos tudo. Ainda existe a possibilidade de que ele esteja de alguma forma por trás disso.

Feyre acenou em aprovação, mas sua boca se apertou. — Esses dois machos têm famílias que certamente estão preocupadas com eles. Devemos agir o mais rápido possível.

Cassian se impediu de pensar em todos os machos que ele não havia deixado com vida — machos que tinham famílias preocupadas também. Cada morte tinha um peso, enviava uma onda para o mundo, para o tempo. Era muito fácil esquecer isso. Ele olhou para Az, mas o rosto de seu irmão estava frio como pedra. Se Az se arrependia do que havia feito, ele não revelou nenhum indício. Cassian dobrou suas asas. — Iremos o mais rápido que pudermos.

Eles deixaram os machos na sala, com sangue ainda escorrendo para as bestas famintas.



Eles subiram, saindo das masmorras da Cidade Escavada, daquele lugar miserável, até pararem entre os pilares de pedra da lua do belo palácio

acima. Rhys se dirigiu à sala onde estava a Máscara. Ele abriu a porta e ficou tenso.

Nestha sentava-se à mesa, olhando para a Máscara coberta de pano.

— Como você entrou aqui? — Rhys perguntou, a noite rodeando na ponta de seus dedos. Cassian sabia que seu irmão havia tornado as proteções da porta impenetráveis. Ou deveriam ter sido.

— A porta estava aberta — disse Nestha entorpecida, e examinou seus rostos como se procurasse alguém. Cassian entrou na sala e os olhos dela pousaram nele.

Ele ofereceu a ela um sorriso severo.

— A Máscara abriu a porta para você? — Amren exigiu.

— Me vi atraída para cá — disse Nestha, enquanto seu olhar examinava Cassian.

Procurando ferimentos, ele percebeu. Ela estava olhando para ver se *ele* estava ferido. Como se fosse ele que estava com a boca machucada, pescoço marcado por garras, panturrilhas e canelas laceradas. As feridas dela haviam parado de sangrar, já cicatrizavam, mas — Maldito seja o Calderão, ele não suportava ver um único hematoma nela.

— Ela fala com você? — Feyre perguntou, inclinando a cabeça.

Cassian havia contado tudo a eles — pelo menos até o ponto em que ele conseguiu chegar. Nestha foi atacada por um kelpie, arrastada para baixo da água e de alguma forma encontrou a Máscara. Convocou os mortos de Oorid até ela para matar o kelpie. E emergiu triunfante.

— Só um tolo desesperado colocaria essa Máscara — Amren disse, mantendo-se bem longe da mesa. Cassian não sabia se era para manter a distância entre ela e Nestha ou para evitar a máscara. — Você tem sorte de conseguir arrancá-la de seu rosto. A maioria das pessoas que a usaram nunca conseguiram removê-la. Para tirá-la, eles tiveram que ser

decapitados. É o custo do poder: você pode levantar um exército de mortos para conquistar o mundo, mas nunca poderá se livrar da máscara.

— Eu queria que me soltasse, e ela me soltou — disse Nestha, examinando Amren com frio desdém.

— Semelhante atrai semelhante — disse Rhys. — Outros não conseguiram se libertar porque a Máscara não reconheceu seu poder. A Máscara os usou, não o contrário. Apenas aquele Feito da mesma fonte escura pode usar a máscara e não ser controlado por ela.

— Então a Rainha Briallyn conseguiria usá-la — disse Azriel. — Talvez seja por isso que os soldados da Corte de Outonal estavam em Oorid: ela ainda não pode arriscar pôr os pés aqui, mas encontrou uma unidade para ajudá-la.

As palavras ondularam pela sala.

Nestha novamente olhou para a Máscara. — Ela deve ser destruída.

— Isso não é possível — disse Amren. — Talvez se o Caldeirão tivesse sido verdadeiramente destruído, a Máscara poderia ter sido enfraquecida o suficiente para os Grão-Senhores e Feyre juntarem seus poderes e fazerem isso.

— Se o Caldeirão tivesse sido destruído — disse Feyre com um arrepio — então a vida teria deixado de existir.

— Então a máscara permanece — Amren disse ironicamente. — Só podemos lidar com ela. Não eliminá-la.

— Devíamos jogá-la no mar, então. — disse Nestha.

— Não gosta de mortos-vivos, garota? — Perguntou Amren.

Nestha deslizou os olhos em direção a Amren de uma forma que fez Cassian se preparar para o pior. — Nada de bom pode vir desse poder.

— Se a jogarmos no mar — disse Azriel — alguma criatura perversa pode encontrá-la. É mais seguro mantê-la trancada conosco.

— Mesmo que possa abrir portas e desfazer feitiços? — Rhys perguntou.

— Semelhante atrai semelhante — disse Feyre no silêncio intrigado. — Talvez Nestha possa protegê-la e trancar a sala. Contê-la.

— Eu não sei fazer esses feitiços — disse Nestha. — Eu falhei no mais básico deles enquanto treinava com Amren, lembra?

A cabeça de Feyre se inclinou para um lado. — É isso que você pensa, Nestha? Que você falhou?

Nestha endireitou-se, e o peito de Cassian apertou ao ver a muralha que se ergueu em seus olhos, tijolo por tijolo. Contra a verdade que Nestha havia deixado escapar com aquela única palavra. — Não importa — disse Nestha, a versão antiga de si mesma voltando à superfície quando seu queixo se ergueu. — Diga-me como fazer os feitiços e eu tentarei. — Ela dirigiu a última parte para Amren, e para Rhys.

— Quando Helion vier. — Rhys disse gentilmente, como se ele também entendesse o que Nestha havia revelado. — Eu vou pedir a ele para te mostrar. Ele conhece feitiços de proteção que até mesmo eu não sei.

O silêncio se tornou tenso o suficiente para que Cassian se obrigasse a sorrir. — Considerando que Nestha rejeitou os avanços ardentes de Helion durante a guerra, ele pode não estar tão inclinado a ajudá-la.

— Ele vai ajudar — disse Rhys, as estrelas brilhando em seu olhar. — Apenas para ter uma outra chance com ela .

Nestha revirou os olhos, e o gesto foi tão normal que o sorriso de Cassian se tornou mais genuíno, agora marcado com alívio.

Você veste seu coração para que todos vejam, irmão. Rhys disse sem se virar na direção de Cassian.

Cassian apenas deu de ombros. Ele não se importava.

Feyre disse a Nestha — Devíamos pedir a Madja para cuidar de seus ferimentos.

— Eles já estão se curando — disse Nestha, e Cassian se perguntou se ela tinha a menor ideia de como parecia horrível.

De fato, Amren disse — Parece que um gato tentou comer a sua cara. — Ela fungou. — E você está cheirando a brejo.

— Ser arrastada por um pântano vai fazer isso com você. — Cassian disse para Amren, ganhando um olhar surpreso de Nestha. Ele a perguntou — Como o kelpie te prendeu?

A garganta arranhada de Nestha se mexeu. — Eu fiquei... nervosa quando vocês não voltaram. — O silêncio na sala era palpável. — Eu fui à procura de vocês.

Cassian não se atreveu a dizer que só tinha partido por trinta minutos. Trinta minutos, e ela tinha entrado em pânico naquele nível? — Nós não deveríamos tê-la deixado. — ele disse cuidadosamente.

— Eu não estava com medo de ser abandonada. Estava com medo de vocês dois estarem mortos.

O fato de ela continuar enfatizando *vocês dois* apertou seu peito. Ele sabia o que ela estava evitando a todo custo dizer. Que ela estava preocupada o suficiente para se aventurar nos perigos de Oorid por ele.

Nestha desviou de seu olhar. — Eu estava prestes a entrar na água quando o kelpie apareceu. Ele rastejou até a margem, falou comigo e depois me arrastou para dentro.

— Ele falou com você? — Rhys perguntou.

— Não em um idioma que eu conhecia.

A boca de Rhys se curvou para o lado. — Você pode me mostrar?

Nestha franziu a testa, como se não quisesse reviver a memória, mas assentiu. Ambos os olhares ficaram vagos e então Rhys se afastou.

— Aquela coisa... — Ele examinou Nestha com choque flagrante por ela ter sobrevivido. Rhys se virou para Amren. — Ouça.

Seus olhos ficaram vidrados, e nenhum deles falou enquanto Rhys mostrava Amren.

Até mesmo o rosto de Amren empalideceu com o que Rhys mostrou a ela, e então ela balançou a cabeça, fazendo o seu maço de cabelo preto balançar. — Esse é um dialeto da nossa língua que não é falado há quinze mil anos.

— Eu só consegui entender uma ou outra palavra — disse Rhys.

Feyre arqueou uma sobrancelha. — Você fala a língua dos antigos Feéricos?

Rhys encolheu os ombros. — Minha educação foi completa. — Ele acenou ociosamente com as mãos. — Exatamente para essas situações.

Azriel perguntou — O que o kelpie disse?

Amren lançou um olhar alarmado para Nestha, então respondeu — Ele disse: *você é meu sacrifício, doce carne? Como você é jovem e pálida. Diga-me, eles estão retomando os sacrifícios às águas mais uma vez? E quando ela não respondeu, o kelpie disse: Nenhum deus pode te salvar. Vou levá-la, beleza, e você será minha noiva antes de ser minha ceia.*

A mão de Nestha foi para os machucados em seu rosto, então recuou.

Horror deslizou por Cassian — e depois fúria.

— As pessoas costumavam fazer sacrifícios para kelpies? — Feyre perguntou, enrugando o nariz com nojo e pavor.

— Sim — Amren disse, mal-humorada. — Antigamente os feéricos e humanos acreditavam que os kelpies eram deuses do rio e do lago, embora eu sempre tenha me perguntado se os sacrifícios começaram como uma forma de evitar que os kelpies os caçassem. Mantenha-os alimentados e

felizes, controle as mortes e eles não sairiam rastejando da água para pegar as crianças. — Seus dentes brilharam. — Para esse aqui ainda falar o dialeto antigo... ele deve ter se retirado para Oorid há muito tempo.

— Ou sido criado por pais que falavam esse dialeto — rebateu Azriel.

— Não — disse Amren. — Os kelpies não se reproduzem. Eles estupram e atormentam, mas não se reproduzem. Eles foram feitos, diz a lenda, pelas mãos de um deus cruel — e depositados nas águas desta terra. O kelpie que você matou, garota, era talvez um dos últimos.

Nestha olhou para a Máscara novamente.

Rhys disse — Ela voou até você. A Máscara. — Ele deve ter visto em sua mente.

— Eu estava tentando alcançar meu poder — Nestha murmurou, e todos eles congelaram — ela nunca tinha falado sobre seu poder de forma tão explícita. — E ela me respondeu instantaneamente.

— Semelhante atrai semelhante. — repetiu Feyre. — Seu poder e o da Máscara são semelhantes o suficiente para que alcançar um fosse alcançar o outro.

— Então você admite que seus poderes permaneceram. — Amren disse secamente.

Nestha encontrou seu olhar. — Você já sabia disso.

Cassian interveio antes que as coisas piorassem. — Tudo bem. Deixe a Senhora da Morte descansar um pouco.

— Isso não é engraçado. — sibilou Nestha.

Cassian piscou, mesmo enquanto os outros ficavam tensos. — Eu acho que é cativante.

Nestha bufou, mas era uma expressão humana, e ele sempre preferiria isso no lugar daquele fogo prateado. No lugar do ser que andou sobre as águas e

comandou uma legião de mortos.

Ele se perguntou se Nestha concordaria.



Nestha ficou no palácio de pedra de lua no topo da Cidade Escavada. Feyre sugeriu que o espaço aberto e brilhante seria melhor do que os corredores escuros e vermelhos da Casa do Vento. Pelo menos por esta noite.

Nestha estava muito cansada para discordar, para explicar que a Casa era sua amiga e a teria mimado e se agitado como uma velha enfermeira.

Ela mal notou o quarto opulento — pendurado na lateral da montanha, picos cobertos de neve brilhando no sol ao redor, uma cama cheia de lençóis e travesseiros brancos e brilhantes e... Bem, ela notou a piscina afundada, aberta para o ar além, água derramando sobre a borda projetada acima da queda e escorrendo para o infinito abaixo.

Fitas de vapor serpenteavam ao longo de sua superfície, convidativas e aromatizadas a lavanda, e ela teve presença de espírito suficiente para tirar a roupa e entrar antes de manchar os lençóis novamente. Eles já tinham sido trocados desde que ela dormiu mais cedo — ela sabia porque tinha deixado uma grande marca de lama na cama quando ela acordou, e agora estava intocada.

Nestha mergulhou na banheira, fazendo uma careta quando a água encostou em suas feridas. Além dos picos, o sol mudou de ouro branco para amarelo, afundando em direção ao abraço da terra. Nuvens gordas e fofas passavam, cheias de luz cor de pêssego, lindas contra o céu púrpura. Seus dedos subiram para o cabelo, e enquanto ela arrastava as mãos pela confusão emaranhada e molhada, ela observou o céu se transformar no pôr do sol mais lindo que ela já viu. Pedacos de erva daninha e lama caíram de seu cabelo, levados pela água para a beira da piscina.

Suspirando, Nestha afundou mais, o rosto ardendo, e esfregou o couro cabeludo. Ela emergiu, seu cabelo ainda espesso e arenoso, e examinou a parede ao lado da ponta da piscina. Ali haviam frascos que deveriam ser misturas para lavar o corpo e o cabelo.

Ela derramou uma colherada nas mãos, seu nariz se enchendo com o cheiro de hortelã e alecrim, e esfregou o cabelo. Ela deixou o cheiro inebriante puxar a tensão dela tanto quanto podia, e ensaboou seus cabelos pesados. Outro mergulho na água a fez enxaguar as bolhas. Quando ela saiu, ela pegou a barra de sabão que cheirava a amêndoas doces.

Nestha lavou cada parte do seu corpo duas vezes. Só quando terminou é que se permitiu contemplar a vista novamente. O pôr do sol estava no auge, o céu em chamas com rosa e azul e ouro e roxo, e ela desejou que isso a enchesse, para limpar qualquer traço remanescente da escuridão de Oorid.

Ela nunca experimentou nada parecido com o poder da Máscara. O kelpie, pelo menos, parecia real — seu terror, raiva e desespero eram todos sentimentos humanos comuns. Assim que ela colocou a máscara, esses sentimentos desapareceram. Ela havia se tornado mais, havia se tornado algo que não precisava de ar para respirar, algo que não entendia o ódio, o amor, o medo ou a tristeza.

Isso a assustou mais do que qualquer outra coisa. Essa total falta de sentimento. Como foi bom tê-los removido.

Nestha engoliu seco. Ela não tinha confessado a nenhum deles. Ela estava contemplando a Máscara quando a encontraram naquela sala, contemplando aquele vazio. Imaginando se alguém já vestiu a máscara não para ressuscitar os mortos, mas simplesmente para sair de dentro das próprias mentes.

Ela havia estado ciente, sim. Matou o kelpie porque o queria morto. Mas todo o peso, os pensamentos que ecoavam, o ódio e a culpa que a cortavam como facas — eles haviam desaparecido.

E foi tão sedutor, tão libertador e adorável, que ela soube que a Máscara tinha que ser destruída. Mesmo que fosse só para salvá-la disso.

Mas não podia ser destruída. E ela era a única pessoa que poderia contê-la.

Não importava que, pelo mesmo motivo, ela era a única pessoa com acesso a ela. Todos os outros estariam a salvo de sua tentação e poder — exceto ela. Aquela que mais precisava ser barrada.

Uma batida soou em sua porta, e Nestha afundou para baixo da superfície escura da piscina, deixando seus longos cabelos cobrirem seus seios, antes de dizer — Sim?

Cassian entrou com uma bandeja de comida na mão e parou quando não a viu na cama. Seus olhos se voltaram para a piscina, e ela poderia jurar que ele quase deixou cair a bandeja no tapete branco. — Eu... você.

Sua perda de palavras foi suficiente para tirá-la de seus pensamentos, para curvar os cantos de sua boca para cima. — Eu?

Ele balançou a cabeça como um cachorro molhado. — Eu trouxe um pouco de comida. Achei que você gostaria de jantar.

— Não há sala de jantar?

— Há, mas achei que você poderia precisar relaxar.

Ela o examinou, surpresa que ele a conhecesse bem o suficiente para adivinhar que a ideia de falar com todos novamente, de se vestir com roupas adequadas, era desgastante — miserável. Conhecia-a bem o suficiente para perceber que ela preferia comer em seu quarto e se recompor.

Cassian pigarreou. — Vou colocá-lo ali. — Ele apontou com o queixo para a mesa ao lado da borda da banheira, onde a água despencava para a montanha.

Nestha girou enquanto ele caminhava um pouco rigidamente até a mesa e pousou a bandeja.

— Bom. — Ele pigarreou novamente. — Aproveite seu banho. E a refeição.

Ver Cassian tão atrapalhado afastou as sombras de seu coração. Os pensamentos da máscara tornaram-se um estrondo distante. — Você quer entrar?

Ele prendeu a respiração, mas algo como a dor tomou conta de suas feições. — Você está ferida.

Nestha se levantou, a água escorrendo contra o seu corpo, seu cabelo grudando em seus seios e fazendo nada para esconder seus mamilos rígidos. — Eu pareço ferida para você?

Ele acenou com a cabeça em direção aos cortes com crostas por todo seu corpo, seu rosto. — Sim?

Ela bufou. — Parece pior do que realmente está.

Cassian não respondeu, seu peito subindo e descendo em um ritmo acelerado. Com cada levantamento irregular, algo entre as suas pernas começou a latejar, como se seu corpo respondesse ao dele.

Sim, seu corpo parecia dizer. Isso — ele.

Viva para afastar a Máscara; viva para afastar o horror de Oorid.

A necessidade de tocá-lo, sentir seu calor e força, martelou por ela.

Se ele não quisesse entrar na banheira, ela teria que ir até ele.

Nestha caminhou em direção aos degraus da banheira afundada, e Cassian ficou rígido. Ele sussurrou — Pensei que você estivesse morrido hoje.

Nestha alcançou as escadas. — Eu também. — Ela deu um passo para cima, expondo o seu diafragma. — Pensei que você tivesse morrido também.

— Você deve ter ficado feliz.

Ela sorriu, observando o olhar dele cair com cada pedaço dela revelado. Outro passo para cima teve seu sexo descoberto para ele. — Não me deixou feliz. — Ela alcançou o chão do quarto.

Através do que Nestha sabia que eram quinhentos anos de autocontrole, Cassian ergueu seu foco para o rosto dela enquanto ela caminhava até ele, a água pingando de seu corpo. — Você quer fazer isso? — ele arfou.

— Sim. — Ela parou a um pé de distância, seu cabelo molhado caído ao longo de seu torso, e o encarou. Seus olhos queimaram como estrelas de avelã. Nestha lhe deu um sorriso que era puramente feérico. — Apenas sexo.

As palavras pareceram acender algo, porque Cassian piscou. — Certo. Apenas sexo. — Ele não disse isso tão levemente quanto ela. E ainda não tinha estendido os braços para tocá-la.

Então ela disse — Não pode haver nada mais do que sexo, Cassian.

Sua mandíbula se apertou e ele parecia estar lutando em alguma batalha interna antes de dizer sombriamente — Então eu aceito tudo o que você puder me oferecer. — Ele se inclinou, seu corpo ainda não tocando o dela, e disse contra seu ouvido — E eu vou fode-la onde desejar.

Os dedos dos pés enrolaram nas pedras, o cabelo pingando. — E se eu quiser foder *você*?

Ele sorriu contra seu ouvido. — Então eu vou implorar para você me montar até eu cair no esquecimento.

Ela se derreteu, e pela forma como as asas dele estavam dobradas, ela sabia que ele podia sentir o cheiro da umidade crescendo entre suas coxas.

Cassian gentilmente puxou o cabelo molhado de seus seios. Sua respiração veio em ofegos afiados quando ele traçou a ponta de um dedo ao redor de seu mamilo. Então fez de novo.

Palavras a iludiram. Ela não conseguia se lembrar de nenhuma delas, não conseguia se lembrar de nada exceto aquele dedo, circulando seu mamilo, seu corpo inteiro latejando de necessidade.

Cassian acariciou seu mamilo, uma mordida dura e afiada que a fez gemer.

Desesperada por mais dele, por ele todo, Nestha disse — Faça o que quiser.

Ele circulou seu mamilo novamente, um predador brincando com seu jantar. — Isso não parece muito empolgante, *faça o que quiser*. — Ele segurou seu mamilo entre o polegar e o indicador, a demanda o suficiente para que ela olhasse para o rosto dele. Ele era o retrato da arrogância masculina, um guerreiro pronto para conquistar, e ela quase atingiu o clímax ao vê-lo. Seus olhos escureceram. — Às vezes você me olha de um jeito que me faz pensar em coisas tão sujas, Nestha.

— Faça-as. Faça todas elas.

Ele beliscou o seu mamilo forte o suficiente para quase provocar dor, e ela se arqueou com o toque, um pedido silencioso por mais, para ele se libertar. — Não temos tempo em uma noite para todas as coisas que quero fazer com você. Cada lugar que eu quero tocar e preencher você.

Ela esfregou as coxas, desesperada por qualquer atrito. — Então faça o seu melhor.

Cassian riu sombriamente, mas a outra mão subiu para o seio intocado dela, circulando também. Ela observou seus dedos castanhos claros brincarem contra sua pele pálida, observou-o tocá-la como se quisesse mapear cada centímetro de seu corpo e tivesse todo o tempo do mundo para fazê-lo. Abaixo de sua cintura, ela podia apenas ver sua dureza.

— Você quer me chupar de novo? — ele sussurrou em seu ouvido. — Você me quer na sua garganta de novo?

Nestha soltou um gemido de confirmação.

— Você ainda sentia o meu gosto dias depois?

Ela não podia responder, não podia revelar a verdade.

Seus dedos se fecharam em seus mamilos, atraindo dor apenas o suficiente para que ela ficasse totalmente molhada. — Você sentiu?

— Sim. Eu senti o seu gosto por dias. — As palavras saíram, e com elas, a clareza e fome aguçaram seu foco. Arrancou-a daquele torpor necessitado. — Pensei sobre o seu pau na minha boca todas as noites desde então, enquanto minha mão estava entre as minhas pernas.

Ele rosnou, e ela deslizou a mão contra sua dureza, apertando. Ela ergueu a cabeça e encontrou seu olhar sombrio, mostrando os dentes. — Eu também pensei sobre sua cabeça entre as minhas pernas, na minha boceta — disse ela, com o coração disparado — e como sua língua deslizou para dentro de mim. — Ela o apertou novamente.

Cassian gemeu, e seus polegares acariciaram seus mamilos muito sensíveis.

Nestha colocou a outra mão em seu peito, empurrando-o para a cama, e ele foi de boa vontade, deixando-a definir o ritmo, o lugar. — Eu prometi que você poderia me foder onde quisesse na Casa de Vento — ela disse, sua voz um ronronar profundo e ondulante que ela mal reconheceu. A parte de trás das coxas dele bateu na cama e ele parou, uma mão caindo em sua cintura para firmá-los. — Mas não estamos nela. — A respiração dele soou áspera enquanto ela sorria para suas feições tensas e apertadas. — Então, acho que isso significa que vamos foder onde *eu* quiser.

Cassian sorriu, e a mão em sua cintura desceu para segurar sua bunda descoberta. Ele apertou uma das bandas. — Contanto que eu ainda possa te foder na Casa.

Ela encontrou seu sorriso selvagem. — Ótimo.

A mão dele foi para o sul, entre as pernas dela, sentindo-a por trás. Seus dedos roçaram a umidade acumulada ali, e ele praguejou, puxando a mão para trás, segurando-a entre eles. A umidade dela brilhou em seus dois dedos, e seus olhos brilharam com intenção predatória quando ele os levou à boca e os lambeu, um por um.

Seu corpo doía, apertando em torno do vazio, desesperado por algo para preenchê-lo. Para ele preenchê-lo. Ela acariciou com os dedos o comprimento do seu pau, ainda preso dentro de suas calças. E quando ela repetiu o movimento, ele inclinou sua boca sobre a dela.

Foi um beijo leve e provocador.

Ela mordeu o seu lábio inferior. E então ele a estava agarrando, esmagando seus corpos juntos, ambas as mãos agora segurando sua bunda enquanto ele a pressionava contra seu comprimento. Suas bocas abertas se chocaram e se encontraram, e ela se saboreou em sua língua, seus dedos agarrando seu cabelo sedoso, puxando contra seu couro cabeludo.

Cassian se torceu, virando-os, e então ela estava deitada contra o colchão enquanto ele estava diante dela.

Ele afastou a boca enquanto apoiava as pernas dela na cama, dobrando-as na altura dos joelhos. Enquanto ele a puxava para a beira do colchão, para que sua boceta ficasse à mostra para ele.

Ele se ajoelhou, asas subindo acima dele, e arrastou sua língua diretamente em seu clitoris.

Nestha gemeu no mesmo momento que ele, e ele a deixou se contorcer, como se soubesse que a atormentaria mais, mas não ter nada para preenchê-la, não até que ele desejasse. Ele deu-lhe outra lambida saborosa, demorando-se no ápice de suas coxas, sugando o feixe de nervos em sua boca, beliscando com os dentes, antes de começar de novo.

De novo. De novo.

Ele a estava devorando, derretendo seu corpo como um pedaço de chocolate em sua língua.

Ela não aguentou e apertou o próprio seio, desesperada por mais toque, mais sensação. Ele olhou por entre as pernas dela e marcou sua mão massageando seu seio. Marcou e sorriu, seus dentes brilhando brancos contra o brilho corado dela. — Você gosta de me ver ajoelhado diante de você? — ele perguntou, as palavras retumbando em seu âmago. Ele mergulhou sua língua nela. — Pelo seu gosto, parece que sim.

Nestha arqueou-se, empurrando-se ainda mais em sua língua, mas Cassian apenas riu contra ela e negou o que ela desejava. Ele deu-lhe outra lambida

lenta, lenta da base ao topo, e quando ele alcançou aquele feixe de nervos, ele deslizou dois dedos dentro dela.

Dois, não um, porque ele parecia saber que ela já estava esperando por ele, que o queria desamarrado, áspero e selvagem. Ela se curvou para fora da cama, e ele enfiou os dedos novamente, sua respiração irregular quando disse — Como você quer?

Ele bombeou sua mão nela novamente, arrancando sua resposta. — Com força — ela engasgou.

— Graças a Mãe — ele xingou, e ela ouviu metal estalando e couro sussurrando, e então sua língua a acariciou novamente, passando por aquele feixe de nervos, subindo por seu estômago, até seus seios, até que ele estava sobre ela.

Cassian a empurrou ainda mais para a cama. Ela não se importava que suas pernas se abrissem para ele, apenas se importava que ele estava nu, e todos aqueles músculos ondulantes e pele dourada brilhassem acima dela.

Ele se abaixou até o berço de suas coxas, e seus olhos estavam tão arregalados que ela podia ver o branco ao redor deles. Ele abriu a boca, mas ela não queria ouvir, não queria saber o que ele estava prestes a dizer. Ela emoldurou o rosto dele com as mãos e o beijou ferozmente, sua língua raspando seus dentes enquanto apertava suas bocas.

A cabeça larga de seu pênis cutucou em sua entrada, deslizando em sua maciez, e ele se abaixou para se guiar para dentro.

No primeiro golpe de Cassian em seu corpo, o fogo rompeu dentro dela. Ela ofegou em sua boca, mordendo seu lábio inferior enquanto ele se acomodava dentro dela. Apenas um centímetro.

Ele parou. Era grande o suficiente para que o alongamento interno de seus músculos fosse marcado pela dor mais doce — grande o suficiente para que ela se perguntasse se ela seria capaz de aguentá-lo inteiro. Ele tremeu, segurando-se com só um pouco dentro dela, como se estivesse perguntando o mesmo.

Sua hesitação, seu cuidado, derreteram alguns fragmentos gelados dentro dela. E a fez se livrar de qualquer restrição.

Nestha agarrou sua bunda, os músculos flexionando sob a ponta dos dedos, e puxou-o para dentro dela.

Apenas mais um centímetro. Apenas mais um centímetro, porque Cassian apoiou os braços contra a cama, os quadris puxando contra ela. — Vou te machucar.

— Eu não me importo. — Ela passou a língua por sua mandíbula.

— Eu me importo — ele grunhiu, seu corpo se esticando enquanto ela tentava puxá-lo para dentro. — Nestha.

Seus dedos se cravaram novamente, seu próprio sangue e ossos clamando por mais dele, mas ele se recusou a se mover.

— Nestha. Olhe para mim.

Lutando contra o rugido de seu corpo, ela obedeceu. O calor brilhou em seus olhos, e algo mais do que isso. — Olhe para mim — sussurrou Cassian.

Que os Deuses a poupem, mas ela o fez. Ela não conseguia tirar o olhar dele. Encontrou-se caindo em seus olhos escuros, em seu belo rosto.

Seus quadris flexionaram, e ele deslizou mais um centímetro — depois recuou quase até a sua ponta.

A respiração deles sincronizou e Nestha se acalmou embaixo dele, uma sensação de calma absoluta, plenitude absoluta se espalhando por ela enquanto seus quadris se moviam novamente, e ele empurrou de volta, um pouco mais longe desta vez.

Cassian sustentou seu olhar através de cada pequeno impulso, cada retirada. Ele a esticou, enchendo-a centímetro a centímetro, e Nestha sabia que ele estava certo em ir devagar para esta primeira união.

Recuando e avançando, Cassian a preencheu. Eles não disseram nada, apenas compartilharam a respiração, seus olhos arregalados enquanto se olhavam.

Ele puxou para fora novamente, o movimento longo o suficiente desta vez para que ela soubesse que ele estava quase totalmente dentro. Ele parou, seu pau mal estava dentro dela, e estudou seu rosto. Um deus-guerreiro conquistador. Ele a chamara de Senhora da Morte, e ele era sua espada.

Cassian se inclinou para beijá-la. E quando a língua dele deslizou em sua boca, ele empurrou tudo em um poderoso empurrão final.

Nestha gemeu quando ele foi ao máximo, e o impacto total dele a atingiu, a esticou e ela não conseguia respirar rápido o suficiente. Cassian se retirou novamente e empurrou de volta nela, impulsionando seus corpos ainda mais para a cama.

Ele gemeu desta vez, e o som foi sua ruína. Ela colocou as pernas em volta das costas dele, tomando cuidado com as asas, e ergueu os quadris para encontrar os dele. Afundou ainda mais e cravou as unhas em seus ombros.

Deuses — nada nunca havia sido tão bom, tão cheio, tão ardente de prazer. Nada jamais foi assim, nada.

Cassian definiu o ritmo, suave e profundo e, por um momento, tudo que Nestha pôde fazer foi igualá-lo, golpe por golpe. Por um momento, ela olhou entre seus corpos para onde seu pênis mergulhava nela, tão grosso e longo e brilhando com ela que ela se apertou ao redor dele, seu clímax já crescendo.

Ele sentiu os músculos internos dela apertando-o com mais força e rosnou — Porra, Nestha.

E ela gostou de vê-lo desfeito o suficiente para que ela fizesse isso de novo, agarrando-se a ele assim que ele se sentou completamente. Ele se arqueou, os dedos cravandos na cama. — Porra — ele repetiu.

Não era o suficiente, no entanto. Não estava perto do suficiente. Ela queria Cassian rugindo, queria ele tão perdido que ele não conseguia se lembrar de seu próprio nome.

Nestha o parou com uma mão em seu peito. Apenas uma mão, e ele parou, totalmente ao seu comando. Se ela quisesse que acabasse aqui, acabaria.

Isso a suavizou o suficiente para que ela não conseguisse evitar o tremor em sua voz quando disse — Eu quero você mais fundo.

Cassian ofegou, os olhos selvagens, enquanto ela rastejava para fora de seus braços. Enquanto se virava de bruços e erguia o traseiro para ele, oferecendo-se.

Ele fez um som baixo de necessidade. Ela arqueou os quadris mais para cima, convidando-o a tomar, a comer.

Seu controle se despedaçou. Ele estava sobre ela em um instante, levantando seus quadris mais alto enquanto se embainhou em um único impulso. Nestha gritou então, um som de tanto prazer que ela sabia que havia ecoado pelas montanhas, sentindo-o atingir o ponto mais profundo dela.

Cassian se afundou repetidamente nela, uma mão se movendo de seu quadril para seu cabelo, puxando sua cabeça para trás, expondo sua garganta. Ela se entregou a ele, e a falta de controle era inebriante, tão prazerosa que ela mal podia suportar. Ele empurrou com mais força, tão profundo com este ângulo que ela poderia estar gritando novamente, poderia estar soluçando.

Sua outra mão vagou entre suas pernas, seu pau a golpeando, seu cabelo agarrado como rédeas em uma mão, seu prazer na outra. Ela estava totalmente à sua mercê, e ele sabia — ele estava rosnando de desejo, enfiando com tanta força que suas bolas batiam contra ela.

O toque sedoso a fez explodir.

Seu clímax caiu sobre ela, para fora dela, seus músculos internos o apertando com força.

Cassian rugiu, o som ecoando pelo quarto, e ele ficou totalmente selvagem quando o alívio o encontrou e ele se derramou dentro dela com tanta força que sua semente escorreu por suas coxas.

E então o peso dele caiu sobre as costas dela, e apenas um braço que ele estendeu para segurá-los os impediu de desabar.

Cambaleando, Nestha só podia respirar, respirar, respirar.

Cassian estava enterrado nela, e era tão bom, tão certo, que ela o quisesse sempre tão profundamente dentro dela, sua semente derramando por suas pernas, para sempre.

— Oh, deuses — ele sussurrou contra sua espinha, sobre a tatuagem pintada ao longo dela. — Isso foi...

— Eu sei — ela ofegou. — Eu sei.

Era tudo que ela confessaria. Tudo que se permitiria admitir.

Bom demais. Tinha sido bom demais, e nada e ninguém jamais se compararia com isso.

Ele disse, com a voz trêmula — Eu fiz uma bagunça em você.

Ela enterrou o rosto no cobertor. — Eu gosto.

Cassian ficou imóvel, mas ele gentilmente se retirou dela em um longo, longo puxão. Ele arrastou sua semente com ele, e outra onda fez cócegas por suas coxas, pingando no cobertor, enquanto ele saía completamente. Ela não se mexeu. Não conseguia me mover. Não queria me mover.

Ela o sentiu ajoelhado atrás dela, olhando para a bunda que ela ainda segurava para cima, a visão que apresentava.

— Eu não deveria gostar tanto de ver isso — ele rosnou.

Seus seios se apertaram. Mas ela perguntou timidamente — Ver o quê?

— Você. Eu dentro de você. Dessa boceta linda.

Ela corou e abaixou o corpo no colchão. — Ninguém nunca a chamou de linda.

— Mas é. É a mais linda que já vi.

Ela sorriu para o cobertor. — Mentiroso.

— Eu estou além das mentiras agora, Nestha.

A voz dele era tão áspera que ela olhou por cima do ombro. Cassian ainda se ajoelhava, e seu rosto... Estava totalmente devastado, como se ela o tivesse desmontado e o deixado em ruínas. — O que foi? — ela perguntou, mas ele saiu da cama e pegou suas roupas caídas.

Nestha se virou, suas pernas e núcleo encharcados em sua essência e o dela, mas ele vestiu as calças, juntando sua camisa e jaqueta, e as armas que ela não percebeu que ele carregava. Quando ele ergueu a cabeça, deu a ela um sorriso malicioso. — Apenas sexo, certo?

Era uma armadilha, de alguma forma. Ela não conseguia discernir de que forma, mas as palavras eram perigosas. Ela tinha falado sério, no entanto. Ou queria ter falado sério, pelo menos. Então Nestha disse — Certo.

Seus olhos tremeluziram e ele sorriu novamente, apontando para a porta. — Obrigado pela cavalgada em meu pau, Nes. — Ele piscou e foi embora.

Ela olhou para a porta, intrigada com a saída dele, tão rápida que sua semente ainda vazava dela.

Foi uma punição? Ele não gostou? Ela tinha a prova de seu prazer entre suas pernas, mas os machos podiam encontrar seu prazer e ainda não considerá-lo bom.

Ele estava tentando demonstrar o que ela havia feito a todos aqueles machos? Ter deitado com eles e depois os expulsado?

Ela havia dito apenas sexo, mas achou que poderia pelo menos vir com um pouco de... carinho. Alguns minutos para desfrutar a sensação de seu corpo contra o dela antes que o orgulho a fizesse ordenar que ele partisse.

Nestha se ajoelhou na cama e olhou para a porta, o silêncio sendo sua única resposta.

38

— Você o levou para sua cama, não levou?

A pergunta sussurrada de Emerie fez Nestha virar a cabeça em direção a ela, os músculos do estômago tremendo enquanto ela segurava o posicionamento ascendente de abdominal. Emerie, um reflexo à sua esquerda, simplesmente sorriu para o choque no rosto de Nestha. Gwyn, do outro lado de Emerie, estava apenas com os olhos arregalados.

Nestha moldou suas feições em neutralidade e desenrolou-se para o chão, se certificando de segurar bem os músculos abdominais até que suas costas estivessem novamente planas contra a pedra.

— Por que você diria isso?

— Porque você e Cassian têm trocado olhares sombrios durante toda a manhã.

Nestha franziu as sobrancelhas para Emerie.

— Nós não temos.

Foi um esforço para não olhar através do ringue, onde Cassian estava agora acompanhando o mais novo grupo de sacerdotisas — duas desta vez, Ilana e Lorelei — através do posicionamento de pés e equilíbrio. Nestha *tinha*, de fato, o pegado olhando para ela duas vezes desde que a lição tinha começado, há duas horas, mas ela tinha feito questão de não se envolver em contato visual persistente.

— Você tem — Gwyn sussurrou, suficientemente baixo para que a audição Feérica de Cassian não captasse suas palavras. Nestha revirou os olhos.

— Bem, se você não vai falar sobre isso — disse Emerie igualmente baixo — então pelo menos nos diga o que aconteceu ontem. Por quê não houve lição, e onde você estava durante a tarde.

— Me pediram para manter segredo — disse Nestha. Suas feridas já haviam cicatrizado e desaparecido, tornando mais fácil mantê-lo.

— Tem algo a ver com os Tesouros da Morte — disse Gwyn, aqueles olhos azuis esverdeados notando demais.

Nestha não respondeu, e isso foi resposta suficiente. Emerie sabia o básico — tanto quanto Gwyn havia falado — e franziu a testa. Mas ela manteve sua voz em um sussurro suave.

— Então você realmente não dormiu com ele?

Nestha fez outro abdominal, o tronco subindo até os joelhos.

— Eu não disse isso.

Emerie deixou sair um — *Hmmm...*

As bochechas de Nestha coraram. Emerie e Gwyn trocaram olhares. E foi Gwyn quem disse — Foi bom?

Nestha fez outro abdominal, e Cassian vociferou do outro lado do ringue. — Emerie! Gwyn! Se vocês pudessem fazer esses abdominais tão bem como falam, já teriam acabado.

Emerie e Gwyn sorriram diabolicamente. — Desculpe! — elas gritaram, e se lançaram em movimento.

Nestha ficou imóvel quando o olhar de Cassian encontrou o dela. O espaço entre eles ficou tenso, os sons das sacerdotisas se exercitando desaparecendo no nada, o céu um borrão azulado acima, o vento uma carícia distante em suas bochechas...

— Você também, Archeron — ordenou ele, apontando para onde Emerie e Gwyn se exercitavam agora, aparentemente fazendo o melhor que podiam

para não rir. — Faça mais quinze — Nestha fez uma cara feia para todos eles e começou seus abdominais novamente. Era por *isso* que ela estava evitando o contato visual com ele.

A atenção de Cassian deslizou para outro lugar, mas a cada onda para cima, Nestha se encontrou controlando o desejo de olhar para sua direção. Ela perdeu a conta três vezes. Bastardo.

Entre os abdominais, Gwyn falou — Você sabe, Nestha, se você está tendo problemas para se concentrar...

— Oh, por favor — Nestha murmurou.

Gwyn soltou uma gargalhada ofegante.

— Falo sério. Eu aprendi sobre uma nova técnica de Valquíria ontem à noite. Chama-se Mente-Silenciosa.

Nestha conseguiu perguntar, o corpo gritando com o esforço dos abdominais

— O que é isso?

— Elas a usavam para firmar a mente e as emoções. Algumas delas o faziam três ou quatro vezes ao dia. Mas é basicamente o ato de sentar e deixar sua mente ficar quieta. Pode ajudar com sua... concentração.

Emerie riu baixo, mas Nestha pausou, ignorando a implicância de Gwyn.

— Tal coisa é possível? Para treinar a mente?

Gwyn também parou de se exercitar. O sorriso provocador dela se tornou contemplativo.

— Bem, sim. Requer prática constante, mas há um capítulo inteiro em um livro que eu resumi para Merrill sobre como eles faziam isso. Envolveria respiração profunda e tomar consciência do próprio corpo, para depois aprender a se soltar. Eles o usavam para permanecer calmos diante de seus

medos, para se acomodar após uma dura batalha e para combater quaisquer demônios internos que possuíssem.

— Guerreiros Illyrianos não fazem tal coisa — Emerie murmurou. — Suas cabeças estão cheias de raiva e de batalha. Só piorou desde a última guerra. Agora que eles estão reconstruindo suas fileiras.

— As Valquírias achavam que emoções elevadas distraíam ao encarar um adversário — disse Gwyn. — Eles treinaram suas mentes para serem armas tão afiadas quanto qualquer lâmina. Serem capazes de manter sua compostura, saber como acessar aquele lugar de calma no meio da batalha, fez delas adversárias inabaláveis.

O coração de Nestha vibrou com cada palavra. Silenciar sua mente...

— Você pode conseguir um escrivão para fazer cópias do capítulo?

Gwyn sorriu. — Eu já fiz.

Cassian vociferou — Vocês três querem fazer fofoca ou treinar?

Nestha deu à ele um olhar cortante.

— Não fale disso para ele — ela as advertiu — É o nosso segredo. — Cassian não ficaria surpreso quando *ela* se tornasse a imperturbável?

Emerie e Gwyn acenaram com a cabeça, enquanto Cassian passeava por elas. Cada músculo, cada pedaço de sangue e osso do corpo de Nestha ficou em alerta. Ela havia voltado para a Casa esta manhã, atravessando com um Rhys demasiadamente neutro. Cassian não tinha estado em nenhum lugar à vista.

Ela teve trinta minutos para tomar o café da manhã e se trocar em seus couros sobressalentes, já que os que ela tinha usado no pântano ainda estavam ensopados. O par que ela tinha vestido era maior — não folgado, mas apenas ligeiramente maior. Ela não havia notado o quão apertado estava seu conjunto habitual até que deslizou para dentro de outro mais confortável. Não havia notado a quantidade de músculos que haviam

preenchido suas coxas e braços este mês até perceber que seus movimentos tinham sido restringidos pelo velho par.

Cassian parou perto delas, com as mãos nos quadris.

— Há algo mais interessante hoje do que o treinamento?

Ele sabia. O bastardo sabia que elas estiveram discutindo sobre ele. A faísca em seu olho, o meio sorriso, disse a ela.

Os lábios de Emerie estremeeceram com o esforço de não sorrir.

— De jeito nenhum.

A atenção de Gwyn saltou entre Nestha e Cassian.

Cassian disse à sacerdotisa — Sim?

Gwyn balançou a cabeça rápido demais para ser inocente e recomeçou suas abdominais, suor brilhando em seu rosto sardento. Emerie juntou-se a ela, as duas trabalhando tão intensamente que era motivo de riso. Nestha estudou Cassian.

— O quê?

Seus olhos dançavam com divertimento perverso.

— Você terminou a sua série?

— Sim.

— E as flexões de braço?

— Sim.

Ele se aproximou mais e ela não pôde deixar de pensar em como ele se aproximou na noite anterior, da maneira como aquelas mãos haviam agarrado seus quadris enquanto ele a penetrava por trás. Algo deve ter transparecido em seu rosto, porque ele disse em voz baixa:

— Você certamente foi produtiva, Nes.

Ela engoliu, e sabia que as duas fêmeas ao seu lado estavam devorando cada palavra. Mas ela levantou o queixo.

— Quando podemos fazer algo de útil? Quando começamos com o arco e flecha ou as espadas?

— Você acha que está pronta para manusear uma espada?

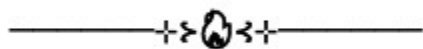
Emerie soltou um barulho de efervescência, mas continuou o seu trabalho.

Nestha recusou-se a sorrir, a corar, e disse sem quebrar o olhar de Cassian

— Só você pode me dizer isso.

As narinas dele queimaram.

— Levante-se.



Cassian havia dito a si mesmo duas dúzias de vezes desde que saiu daquele quarto que o sexo havia sido um erro. Mas vendo Nestha desafiá-lo, a insinuação como uma chama ardente, ele não conseguia, pela vida dele, lembrar o porquê.

Algo a ver com o fato de ela só querer sexo, algo a ver com o sexo ser o melhor que ele já tinha tido, e como isso o tinha deixado em verdadeiros pedaços.

Nestha piscou. — O quê?

Ele acenou com a cabeça em direção ao campo de batalha.

— Você me ouviu. Você acha que está pronta para manejar uma espada, então prove.

Suas amigas estavam claramente cientes do que eles haviam feito ontem à noite. Emerie não conseguia nem mesmo esconder suas risadas, e Gwyn não parava de olhar sorrateiramente para eles.

Ele exclamou para as duas fêmeas — Acabem seus exercícios agora ou façam o dobro.

Elas pararam de olhar boquiabertas para eles.

Nestha ainda estava olhando para ele, suor e esforço preenchendo aquele lindo rosto dela com cor. Uma gota de suor deslizou pela sua têmpora, e ele teve que cerrar os punhos para não se inclinar para lambê-la. Ela perguntou — Vamos aprender a usar espadas?

Ele apontou para o cavalete do outro lado do ringue e ela o seguiu.

— Vamos começar com espadas de madeira para praticar. Só sobre meu cadáver apodrecido colocaria aço de verdade nas mãos de novatos.

Ela riu, e ele enrijeceu. Ele atirou por cima de um ombro — Se você é tão infantil que não pode falar de lâminas sem rir, então você não está pronta para esgrima.

Ela franziu o nariz. Mas Cassian disse — Estas são armas da morte — Ele levantou a voz para que todas as fêmeas pudessem ouvi-lo, embora ele falasse apenas com ela. — Elas precisam ser tratadas com uma dose saudável de respeito. Eu nem sequer toquei em uma espada de verdade durante os primeiros sete anos.

— Sete anos? — Gwyn exigiu por trás deles.

Ele chegou ao cavalete e tirou uma longa lâmina, uma quase réplica da Illyriana em suas costas.

— Você acha que as crianças deveriam estar balançando ao redor de uma espada de verdade?

— Não — Gwyn cuspiu — Eu só quis dizer... Você planeja que nós pratiquemos com espadas de madeira por sete anos?

— Se vocês três continuarem com risadinhas, então sim.

Nestha disse a Gwyn e Emerie — Não deixem ele intimidar vocês.

Cassian bufou.

— Palavras perigosas para uma fêmea prestes a ficar cara a cara comigo.

Ela revirou os olhos, mas hesitou quando ele estendeu a espada de prática para seu punho.

— É pesado — ela observou enquanto segurava todo o seu peso.

— A verdadeira espada pesa mais.

Nestha olhou para o ombro dele, onde a empunhadura de sua lâmina apareceu.

— Sério?

— Sim — Ele acenou com a cabeça para as mãos dela. — As duas mãos no cabo. Não aperte muito perto do mastro.

Emerie começou a tossir, e a boca de Nestha se contorceu, mas ela segurou — lutou contra isso. Até mesmo Cassian teve que suprimir uma gargalhada antes de limpar sua garganta.

Mas Nestha fez o que ele pediu.

— Pés onde eu lhe mostrei — disse ele, bem consciente de cada olho neles. Pela forma como o rosto de Nestha se tornou sombrio, Cassian sabia que ela também estava ciente. Que este momento, com estas sacerdotisas observando, era crucial, de alguma forma.

Vital.



Nestha encontrou o olhar fixo de Cassian. E cada pensamento de sexo, do quão bom tinha sido, se dissolveu de sua mente enquanto ela empunhava a lâmina diante dela.

Era como uma chave deslizando para dentro de uma fechadura, finalmente.

Era uma espada de madeira, e mesmo assim não era. Era uma parte do treino, e ainda assim não era.

Cassian a acompanhou através de oito golpes e bloqueios diferentes. Cada um era um movimento individual, ele tinha explicado, e como os socos, eles podiam ser combinados. O mais difícil era lembrar de liderar com o punho da espada — e de usar o corpo inteiro, não apenas os braços.

— Bloqueie um — ordenou ele, e ela ergueu a espada perpendicular ao corpo, levantando-se contra um inimigo invisível — Corte três — Ela girou a lâmina, lembrando-se de liderar com o estúpido punho, e cortou para baixo em um ângulo — Empurre uma — Outro pivô e ela pulou para frente, batendo a lâmina através do peitoral de um inimigo imaginário.

Todos tinham parado para assistir.

— Bloqueie três — comandava Cassian. Nestha mudou a empunhadura para uma só mão, a esquerda subindo até o peito, onde ele lhe disse para mantê-la. Essa seria a mão de escudo dela, disse ele, e aprender a mantê-la presa perto seria a chave para sua sobrevivência. — Corte dois — Ela arrastou a espada em uma linha reta para cima, dividindo aquele inimigo da virilha ao esterno — Bloqueie duas — Ela girava em um pé, separando a espada do peito daquele inimigo para interceptar outro golpe invisível.

Nenhum de seus movimentos possuía qualquer semelhança ao poder ou elegância de Cassian. Eles foram forçados e ela demorou um segundo para se lembrar de cada um dos passos, mas ela disse a si mesma que seriam necessários mais de trinta minutos de instrução. Cassian a havia lembrado disso com frequência suficiente.

— Ótimo — Ele cruzou os braços — Bloqueie um, corte três, empurre dois.

Ela o fez. Os movimentos fluíam mais rápido, mais seguros. A respiração dela estalou em sincronia com seu corpo a cada impulso.

— *Bom*, Nestha. Mais uma vez.

Ela podia ver o lamacento campo de batalha e ouvir os gritos de amigos e inimigos. Cada movimento era uma luta pela sobrevivência, pela vitória.

— Mais uma vez.

Ela podia ver o Rei de Hybern, e o Caldeirão, e os Corvos — ver o kelpie e Tomas e todas aquelas pessoas que haviam zombado da pobreza e desespero dos Archeron, os amigos que haviam se afastado com sorrisos no rosto.

Seu braço era uma dor distante, secundária àquele canto de construção em seu sangue.

Era uma sensação boa. Era tão, tão boa.

Cassian lançou diferentes combinações, e ela obedeceu, deixou-os fluir através dela.

Cada inimigo odiado, cada momento que ela foi impotente contra eles, fervia até a superfície. E com cada movimento da espada, cada respiração, um pensamento formado. Ela ecoava a cada inspiração, a cada impulso e bloqueio.

Nunca mais.

Nunca mais ela seria fraca.

Nunca mais ela ficaria à mercê de alguém.

Nunca mais ela falharia.

Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

A voz de Cassian parou, e então o mundo parou, e tudo o que existia era ele, seu sorriso feroz, como se ele soubesse qual canção rugiu em seu sangue, como se ele sozinho tivesse entendido que a lâmina era um instrumento para canalizar aquele fogo furioso nela.

As outras fêmeas ficaram em silêncio total. A hesitação delas e o choque tremeluziam no ar.

Lentamente, Nestha quebrou seu olhar fixo de Cassian e olhou para Emerie e Gwyn, já se movendo através do ringue. Cassian já tinha as espadas de madeira prontas quando elas chegaram.

Nenhum medo brilhava em seus olhos. Como se elas também vissem o que Cassian fez. Como se elas também ouvissem essas palavras dentro da cabeça de Nestha.

Nunca mais.

39

O fogo dentro dela não parou.

Nestha mal conseguiu fazer seu trabalho na biblioteca naquela tarde, graças àquele incêndio, àquela energia que pulsava. Quando o relógio tocou às seis, ela despediu-se de Clotho e foi diretamente para a escadaria exterior.

Para baixo e para baixo, dando voltas e mais voltas.

Degrau por degrau.

Ela não parou. Não conseguiu parar.

Como se tivesse sido libertada de uma gaiola, que nunca havia percebido que estava presa.

A cada passo para baixo, ela ouviu as palavras.

Nunca mais.

Tinha escapado do kelpie por pura sorte. Mas ela tinha ficado aterrorizada. Tão aterrorizada como quando ela tinha sido arrastada para as profundezas do Caldeirão, tão aterrorizada como tinha estado com Tomas. Pelo menos com Tomas ela tinha lutado. Com o kelpie, ela mal tinha feito nada até a Máscara a ter poupado.

Ela tinha ficado tão assustada. Tão mansa e trémula. Era inaceitável. Inaceitável que ela tenha se deixado enfraquecer e se acovardar.

Para baixo e para baixo, dando voltas e mais voltas.

Passo a passo.

Nunca mais. Nunca mais, nunca mais.

Nestha chegou ao sexto milésimo passo e começou a subida.



A primeira das chuvas de outono chegou no dia seguinte, e Cassian meio que esperava que as sacerdotisas não aparecessem para praticar, mas elas já estavam à espera no frio e molhadas quando ele entrou no ringue de treinamento. Nenhuma delas se preocuparam em usar magia para se manter seca.

Como se quisessem esforço extra.

No centro do grupo estava Nestha, os seus olhos já concentrados.

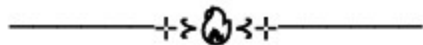
O sangue de Cassian ferveu, incapaz de manter o seu desejo contido à vista daquela ferocidade no seu rosto, a ânsia de aprender mais, com mais força.

Não a tinha procurado ontem à noite, decidindo dormir na Casa do Rio em vez de correr o risco de ser tentado. O sexo tinha sido tão bom assim — e ele sabia que se não colocasse alguma aparência de barreira, isso iria o consumir por completo. *Ela iria* o consumir por completo.

Nestha, Emerie, e Gwyn ficaram juntas, e — havia hoje três novas sacerdotisas.

— Senhoritas — disse ele as cumprimentando, observando as onze fêmeas encharcadas, esperando como uma tropa para ser comandada em um campo de batalha. Roslin tinha removido o seu capuz, revelando uma cabeça de cabelos vermelhos profundos e pele pálida sobre características delicadas. Os seus olhos eram da cor de caramelo, e se ela tinha medo de estar finalmente revelando o seu rosto, ela não o deixou transparecer. Cassian inspecionou o resto do alinhamento, e — bem, isso era novo. Gwyn estava em couros Illyrianos. As antigas de Nestha, a julgar pelo cheiro delas.

Cassian as observou, todas de olhos claros e ansiosos. — Acho que nós precisamos de outro tutor.



Na manhã seguinte, embora as fêmeas estivessem hesitantes em torno do recém-chegado, Azriel manteve-se tão distante e quieto que elas rapidamente relaxaram à sua volta. Az tinha prontamente concordado em encaixar as lições antes de sair para manter um olho em Briallyn.

Cassian continuou a treinar Nestha, Emerie e Gwyn. A chuva não abrandou, e eles estavam todos encharcados, mas o esforço manteve a mordida do frio afastada.

— Então isso realmente pode derrubar um homem de uma só vez? — Gwyn perguntou a Cassian, quando ele estava em frente a Nestha. Tinham feito uma pausa das espadas para esticar as mãos, mas em vez de ficarem parados e deixarem os seus corpos rígidos com inatividade, ele tinha-lhes mostrado algumas técnicas para saírem de um aperto.

Gwyn tinha se distraído hoje — um olho do outro lado do ringue de treinamento. Cassian só podia assumir que estava observando o seu irmão, que tinha dado a Gwyn um pequeno sorriso de saudação à chegada. Gwyn não o tinha devolvido. Cassian amaldiçoou-se a si próprio por ser um tolo. Ele deveria ter lhe perguntado se ela estaria confortável com Azriel aqui. Talvez ele devesse ter perguntado a todas as sacerdotisas sobre a inclusão de outro homem, mas especialmente Gwyn — que foi encontrada por Azriel aquele dia em Sangravah.

Ela não tinha dito nada sobre isso durante a aula. Só olhava de vez em quando para Az, que permaneceu devidamente concentrado nas suas tarefas. Cassian não conseguia ler a expressão no rosto dela.

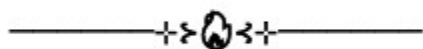
Ele se concentrou nas fêmeas que se encontravam à sua frente. — Este movimento deixará qualquer um inconsciente se você acertar no lugar certo. — Cassian pegou na mão de Nestha, colocando-a no seu pescoço. Os seus

dedos eram tão pequenos contra os dele, e tão gelados. Ele pode ter passado o polegar sobre a parte de trás da mão dela antes de lhe posicionar os dedos. — Você vai para este ponto de pressão. Bata com bastante força, vai fazê-los cair como uma pedra.

Nestha apertou os dedos, e ele agarrou a sua mão. Mas ela sorriu, como se soubesse que o tinha apanhado. Ele apertou-lhe os dedos gelados. — Eu sei o que estava pensando.

— Eu nunca faria tal coisa — disse ela suavemente, os seus olhos dançando.

Cassian piscou, e Nestha deslizou a mão dela do pescoço dele. — Muito bem — disse ele. — De volta às espadas. Quem quer me mostrar os oito pontos de novo?



Apesar de trocarem de roupa, Nestha e Gwyn permaneceram geladas até os ossos uma hora depois de terminarem o treinamento. Aninhadas num recanto quente e confortável, numa parte raramente visitada da biblioteca, Nestha bebeu o seu chá de hortelã apimentado, deixando o calor impregnar o seu corpo enquanto lia o capítulo que Gwyn tinha copiado. Ela tinha dado um à Emerie antes da sua amiga ter partido, recebendo uma promessa da illyriana de que iria praticar esta noite e elas iriam comparar as observações amanhã.

— Então é realmente assim tão fácil? — perguntou Nestha, pousando os papéis na almofada do sofá usado.

Gwyn, sentada na extremidade oposta do sofá, esticou os pés em direção ao fogo. — Certamente *parece* fácil, mas de acordo com tudo o que li, não é.

— Isto diz que basta sentar-se num lugar confortável e calmo, fechar os olhos, respirar muito e deixar a mente ir.

— Eu estou te dizendo, as Valquírias levaram meses para aprender o básico, e para dominá-lo é preciso fazer esses exercícios *várias* vezes ao dia. Mas vamos tentar. Aqui diz, no final deste capítulo, que se o estivermos fazendo pela primeira vez podemos adormecer — ou mesmo adormecer durante — mas aprender a lutar contra o impulso de dormir é um passo à frente.

— Eu poderia dormir depois do treino de hoje — Nestha murmurou, e Gwyn assentiu com a cabeça em concordância. Nestha pôs o seu chá na mesa baixa ante o sofá. — Muito bem. Vamos tentar.

— Memorizei os passos, por isso eu vou nos guiar — ofereceu Gwyn.

Nestha bufou — Claro que você memorizou.

Gwyn bateu-lhe no ombro de forma brincalhona. — Aprender é meio que o meu trabalho, sabe.

— Você teria memorizado esta informação de qualquer maneira.

— Justo. — Gwyn riu, terminando o seu próprio chá e depois sentou-se em linha reta. — Sente-se confortavelmente, em alerta, mas à vontade.

— Eu nem sequer sei o que isso significa.

Gwyn demonstrou, abaixando-se até que a sua coluna vertebral tocou nas almofadas traseiras, pés chatos no chão, mãos ligeiramente descansadas nos joelhos. Nestha copiou a posição. Gwyn a examinou, depois acenou com a cabeça. — Agora respire profundamente três vezes, inspire pelo nariz conte até seis, expire pela boca contando até seis. Depois de terminar a terceira respiração, feche os olhos, e continue respirando.

Nestha obedeceu. Inspirar e expirar durante esse tempo exigiu mais concentração e esforço do que ela esperava. A sua respiração era muito alta para os seus ouvidos; cada respiração parecia estar dessincronizada com a de Gwyn. Teria ela respirado duas vezes, ou três? Ou quatro?

— Posso sentir você pensando demais — murmurou Gwyn. — Feche os olhos e continue respirando. Respire cinco vezes.

Nestha o fez. Sem nada que a distraísse visualmente, ela pensou que a sua respiração seria mais fácil de seguir.

Não era. De algum modo, a sua mente só queria vaguear. Ela *disse* a si própria para se concentrar na contagem, em cronometrar cada respiração e em manter uma contagem de quantas tinha tomado, e ainda assim ela se viu pensando nas almofadas do sofá, no seu chá refrescante, no seu cabelo ainda úmido...

Quantas respirações tinham sido? — Acho que estou ficando doida — Nestha murmurou.

Gwyn a mandou ficar quieta. — Agora deixe a sua respiração estável, e concentre-se nos sons que te rodeiam. Os reconheça, e depois os deixe desaparecer.

Nestha fez. À sua esquerda, ela podia distinguir pés se mexendo e túnicas sussurrantes. Quem andava pelas pilhas? Que livro eram os...

Foco. Deixar os sons irem. Alguém estava caminhando por perto. Ela evidenciou isso, e com uma expiração, mandou o pensamento flutuando embora. À sua direita, a respiração de Gwyn permaneceu estável.

Gwyn era provavelmente boa nisto. Gwyn era boa em tudo, na verdade. Mas não a irritava. Por qualquer razão, Nestha queria se gabar de sua amiga a qualquer um que a ouvisse.

A sua amiga. Isso era o que Gwyn era. Tinha sido...

Foco. Deixar ir. Nestha notou a respiração de Gwyn, libertou o pensamento, e passou para o som seguinte. Depois o som seguinte.

— Agora, vasculhe o seu corpo — disse Gwyn suavemente. — Começando pela cabeça, trabalhando lentamente até aos dedos dos pés, avalie como está se sentindo. Se houver pontos doloridos...

— Tudo está dorido depois dessa lição de espada — Nestha assobiou.

Gwyn engasgou-se com outra gargalhada. — Eu estou falando sério. Note se há pontos doloridos, se há pontos que se sentem bem... — Papéis farfalharam. — Oh, e as instruções também dizem que quando acabar, você deve avaliar como *você* está se sentindo. Não se detenha nisso, mas simplesmente reconheça-o.

Nestha não gostou particularmente de como soou a última parte, mas obedeceu. Todas as partes do seu corpo doíam, desde uma rigidez no pescoço até uma dor ao longo do pé esquerdo. Ela não tinha percebido quantos pedacinhos de si própria existiam, todos constantemente ecoando as suas dores ou estado. Quanto ruído produzia na sua cabeça. Mas ela reconheceu cada uma dessas coisas. Deixou-as vaguear.

Avaliando as suas emoções, no entanto... Como *é* que ela estava se sentindo? Neste momento, cansada mas... contente por estar aqui com Gwyn. Rindo. Fazendo isso. Se ela fosse mais fundo...

— Agora vamos trabalhar em uma respiração focalizada. Respira pelo nariz, e solta pela boca. Faça dez delas, depois recomece. Se surgir um pensamento, reconheça-o, depois envie-o pelo seu caminho. Diga a si mesmo, *eu sou a rocha contra a qual as ondas quebram*. Os teus pensamentos são as ondas. Deixe-os quebrarem sobre você.

Fácil o bastante.

Não era. As primeiras vezes Nestha contou dez respirações, nenhum pensamento a atormentou. Mas quando ela começou o próximo conjunto...

O que pensaria Elain, ao ver Nestha aqui com uma amiga? O pensamento borbulhou a partir de lugar nenhum. Como se ao abrir a sua mente, se tivesse precipitado na sua direção. Estaria Elain satisfeita, ou teria ela sentido a necessidade de avisar Gwyn sobre o verdadeiro eu de Nestha?

Ela tinha estado no quinto suspiro. Não, seis. Espera — talvez só tenha sido três.

— Comece de novo se perder a conta — disse Gwyn, como se tivesse ouvido a parada da respiração constante de Nestha.

Nestha recomeçou então, concentrando-se nas respirações e não em Elain.

Reconheço este pensamento sobre a minha irmã, e estou o deixando ir.

Ela estava na sua sétima respiração quando a sua irmã apareceu de novo.

E, no entanto, de alguma forma, tudo o que pensa é o que o meu trauma fez a você.

Teria Elain tido razão? Feyre tinha admitido que ela também era culpada, mas Feyre não tinha conhecido Elain como Nestha tinha. Ou, não tinha sido assim antes. Antes de Elain ter escolhido Feyre.

Antes de Amren ter escolhido Feyre.

Antes...

Reconheço estes pensamentos e estou os deixando ir.

Nestha inalou uma oitava vez.

Estou concentrando-me na minha respiração. Estes pensamentos existem, e estou a deixá-los passar por mim.

Nestha respirou de novo. Forçou a sua mente a pensar apenas na sua respiração.

— Quando terminar a sua próxima sequência de dez — disse Gwyn, perto e ainda longe — pare de contar a sua respiração e deixe a sua mente fazer o que ela deseja. Faremos isso por uns poucos batimentos cardíacos, depois paramos. O objetivo é trabalhar até períodos cada vez mais longos.

Nestha fez, contando cada uma das dez respirações restantes. Sentindo aquele momento de paragem como uma onda que se aproxima. Ela terminou a décima respiração.

Faça o que você quiser, mente. Vá para esses lugares escuros e horríveis.

Não o fez, no entanto. A sua mente permaneceu. Não vagueou. Ficou apenas... sentada ali. Contente. Descansou. Como um gato enrolado aos seus pés.

Quieta.

Passaram apenas alguns momentos antes de Gwyn sussurrar — Comece a afundar-se de novo no seu corpo. Marque os sons à nossa volta. Marque a sensação nos seus dedos, nos seus dedos dos pés.

Estranho — tão estranho encontrar o seu corpo de repente... acalmado. Distante. Como se de alguma forma ela tivesse de fato conseguido dar um passo atrás. Deixar descansar. E a sua mente...

— Abra os olhos — respirou Gwyn.

Nestha respirou. E, pela primeira vez na sua vida, ela sentiu-se completamente acomodada em sua própria pele.

40

A chuva continuou caindo por dois dias, a temperatura caindo junto com ela. Folhas caíam espalhadas por Velaris, e o Rio Sidra era agora uma cobra prateada, às vezes escondido pela névoa. As fêmeas apareciam todo santo dia sem falta.

Mas apenas Nestha estava do seu lado enquanto ele batia na porta da loja do ferreiro nos arredores ocidentais de Velaris.

O teto de pedra cinza da loja não havia mudado nos cinco séculos que ele comprara no lugar — ele comprara todas as armas não Illyrianas aqui. Ele a levaria para um ferreiro Illyrianos, mas eles eram na sua maioria homens conservadores, supersticiosos que não queriam mulheres nem perto de suas lojas. O Grão-Feérico de pele corada que abriu a porta para eles era talentoso e gentil, mas rude.

— General — o homem disse, limpando a fuligem de suas mãos no seu avental de couro manchado. Ele abriu mais a porta, e um delicioso ar quente encontrou eles na chuva gelada. Os olhos escuros do ferreiro pararam em Nestha, notando seu cabelo e roupas molhadas, a calma intensa de suas feições apesar do tempo horrível.

Ela tinha tido a mesma expressão em seu rosto, em cada linha do seu corpo, enquanto treinava essa manhã. E quando Cassian emitiu o convite para se juntar ele durante a hora do almoço. Ele convidou todas as fêmeas, mas Emerie precisava voltar para o Acampamento Refúgio do Vento, e as sacerdotisas não estavam preparadas para deixar a montanha. Então apenas Nestha tinha vindo com ele para o pequeno vilarejo, com a cidade se aproximando em seu lado oriental e planícies amplas e planas que se estendem em direção ao mar a oeste.

— Como posso ajudar vocês?

Cassian empurrou Nestha para frente com uma mão no fim de sua coluna, e sorriu para o macho. — Eu quero que a Senhorita Nestha aprenda como uma espada é feita. Antes dela pegar em uma de verdade.

O ferreiro a observou novamente. — Não preciso de um aprendiz, receio.

— Apenas uma rápida demonstração. — disse Cassian, mantendo seu sorriso no lugar enquanto olhava para Nestha, que estava olhando por cima do ombro largo do ferreiro, para a oficina atrás dele. O ferreiro franziu o cenho profundamente, então Cassian acrescentou — Quero que ela aprenda quanto trabalho e habilidade são investidos no processo. Para lhe mostrar que uma lâmina não é apenas uma ferramenta para matar, mas também uma peça de arte. — Lisonjear sempre ajudava a suavizar o caminho. Rhys havia lhe ensinado isso.

O olhar de Nestha desviou-se para o rosto do ferreiro e, por um momento, eles olharam um para o outro. Então Nestha disse — O que você puder me mostrar, em qualquer tempo livre que tenha, seria muito apreciado.

Cassian tentou não mostrar sua surpresa com suas palavras educadas. A dica da deferência.

Parecia funcionar, enquanto o ferreiro os acenava para entrar.

Nestha ouviu enquanto o macho de cabelos escuros explicava as várias etapas da forja de uma lâmina, desde a qualidade do minério até a prova. Cassian ficou perto dela, fazendo suas próprias perguntas, já que ela mesma disse pouco. Uma das poucas vezes que ela falou foi para pedir para se afastar dos fogos crepitantes da sala de forja para a escuridão mais silenciosa e fria da oficina propriamente dita. Mas quando o ferreiro terminou de revisar o processo de design de mais lâminas ornamentadas, Nestha perguntou — Posso tentar? — Na hesitação do ferreiro, Nestha deu um passo à frente, com os olhos postos na porta além deles, cheios do mugido da forja. — Martelar as lâminas, quero dizer. Se você tiver alguma a mais. — Ela olhou de relance para Cassian. — Você será compensado, é claro.

Cassian acenou com a cabeça. — Nós pagaremos pelas lâminas se elas forem danificadas.

O ferreiro analisou Nestha novamente, como se estivesse testando o minério nela, então acenou com a cabeça. — Eu tenho algumas que você poderia tentar fazer.

Ele os conduziu de volta ao calor, à chama e à luz, e Cassian poderia jurar que Nestha estava inalando e exalando em um ritmo perfeito e controlado. Ela manteve o olhar apenas sobre o ferreiro, no entanto, enquanto ele carregava uma espada meio feita e a colocava sobre a bigorna. Bonita, mas comum. Uma espada comum e cotidiana, disse o ferreiro. Após uma rápida e impecável demonstração, ele lhe entregou o martelo. — Posicione seus pés assim — disse o ferreiro, e Nestha seguiu suas instruções até que ela levantou o martelo acima de um ombro e o balançou para baixo.

Um murmúrio soou, e a espada se agarrou. Um quase desajeitado. Nestha cerrou seus dentes. — Isso não é tão fácil quanto parece.

O ferreiro apontou para a espada. — Tente novamente. Demora um pouco para se acostumar a ela. — Cassian nunca tinha ouvido o macho falar tão... suavemente. Normalmente, suas conversas eram rápidas e pontuais, livres de formalidades ou petiscos pessoais.

Nestha atingiu a espada novamente. Um golpe melhor desta vez, mas ainda assim, um golpe triste. Carvões estalaram na forja atrás deles, e Nestha recuou. Antes que Cassian pudesse perguntar por quê, ela tinha rangido os dentes novamente e batido a espada pela terceira vez. Quarta. Quinta.

Quando o ferreiro trouxe uma adaga, ela já tinha pegado o jeito daquilo. Estava até sorrindo levemente. — Adagas requerem uma técnica diferente. — explicou o ferreiro, demonstrando novamente. Tanto trabalho, habilidade e dedicação, tudo por uma lâmina comum. Cassian balançou a cabeça. Quando foi a última vez que ele parou para apreciar o trabalho artesanal e a mão-de-obra que entrava em suas armas?

O suor desceu na testa de Nestha enquanto ela martelava a adaga, soprava e agora o corpo ficava mais seguro. O orgulho percorreu seu peito. Aqui

estava ela, aquela mulher que tinha sido forjada durante a guerra com Hybern. Mas diferente — mais concentrada. Mais forte.

Cassian só escutava pela metade quando o ferreiro trouxe uma grande espada.

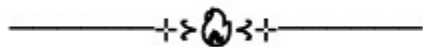
Mas ele chamou a atenção quando Nestha caiu sobre ela em um movimento suave, o martelo golpeou de forma clara e verdadeira.

Golpe após golpe, e Cassian poderia jurar que o mundo teria parado enquanto ela se soltava com a mesma intensidade que ela trouxe para o treinamento.

O ferreiro sorriu para ela. A primeira vez que Cassian viu o macho fazer isso.

O braço de Nestha arqueado acima dela, o martelo agarrado em seus dedos cerrados. Era uma dança, cada um de seus movimentos cronometrados ao eco do zumbido do martelo na lâmina. Ela bateu a espada em uma música que ninguém além dela conseguia ouvir.

Cassian deixou-a continuar, a chuva e o vento farfalhando o telhado, uma contra batida distante acima deles, e começou a se perguntar o que surgiria do calor e das sombras.



Aprender a usar uma espada não era tarefa fácil — exigia repetição e memória muscular e paciência — mas Nestha, Emerie e Gwyn queriam isso.

Não, Cassian percebeu enquanto as observava guardando suas espadas na chuva gelada que continuaria no dia seguinte. Elas realmente queriam isso: eles treinaram com um novo foco, firme. Ninguém mais do que Nestha, que agora guardava sua espada e pegou um pedaço de linho. Ela começou a envolver as mãos, rolando o pescoço enquanto o fazia.

Eles não tinham falado depois da aula de ferreiro de ontem à tarde, embora ela lhe tivesse agradecido calmamente ao voltar para a Casa do Vento. Ela tinha tido aquela intensidade sobre seu rosto novamente, olhos distantes — como se estivesse se concentrando em algum alvo invisível. Então ele não a havia procurado ontem à noite, mesmo que todas as partes dele tivessem gritado para fazer isso. Mas ele lhe daria tempo. Deixa-lá iniciar quando estiver pronta. Se ela o quisesse novamente.

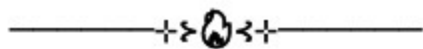
Cassian encerrou o pensamento. Permitiu que a chuva gelada esfriasse seu desejo, seu pavor.

Em silêncio, Nestha aproximou-se do bloco de pancadas, um tronco de árvore caído que havia sido envolto em grossos cobertores. Ela se aproximou dele como se estivesse enfrentando um adversário.

Ela olhou por cima do ombro para Cassian quando parou diante do objeto, uma pergunta em seus olhos.

Ele acenou com a cabeça. — Se você quer usar os últimos quinze minutos para treinar, vá em frente.

Era tudo o que ela precisava, e ele estava muito satisfeito para dizer mais enquanto Nestha assumiu sua posição de luta e começou a dar socos.



O primeiro impacto dos nós de seus dedos contra a madeira almofadada doeu. Mas ela bateu onde deveria, e seu polegar permaneceu onde ela tinha feito com que aprendesse a ficar, e quando ela puxou seu braço para trás, a dor se tornou uma canção. Ela deu mais um soco, tirando um punho satisfatório da madeira.

Bom — ela se sentiu *bem*. Tirar isso de dentro de si mesma, canalizar dessa forma.

Sua respiração era afiada como uma lâmina, mas ela atirou um gancho esquerdo, depois dois socos de seu punho direito.

Ela não sentiu a chuva, não sentiu o frio.

Cada soco carregou seu medo, sua raiva, seu ódio para fora de seu corpo e para dentro daquela madeira.

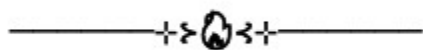
Durante três dias, ela tinha fogo em seu sangue. Por três dias, ela havia sonhado com espadas e escadas e combate. Ela não conseguia impedir isso. Tinha caído na cama tão cansada que nem sequer tinha a chance de ler antes de ficar inconsciente. Certamente não tinha tido sexo com Cassian. Nem mesmo um olhar ardente sobre a mesa de jantar.

A presença de Azriel ajudou. Ele agora treinava as mais novas recrutas, quieto e gentil, mas infalível, e se ela não soubesse melhor, ela juraria que pelo menos duas das sacerdotisas — Roslin e Ilana — suspiravam cada vez que ele passava.

Uma pequena e horrível parte dela estava feliz de não suspirarem por Cassian. Ela também socou esse pensamento para fora de si mesma. Aquele pensamento patético e egoísta.

Assim como ela era completamente patética, egoísta e odiosa.

Um-dois, dois-um-um; ela socou e socou, atirando-se toda para a madeira.



— Pelo Caldeirão — disse uma voz masculina familiar ao lado de Cassian, e ele se voltou para encontrar Lucien no arco para a área de treinamento. O resto das sacerdotisas e Azriel tinham saído dez minutos antes. Nestha nem tinha notado. — Feyre disse que ela estava treinando, mas eu não tinha percebido que ela estava... bem, *treinando*.

Cassian acenou com a cabeça, mantendo os olhos em Nestha, onde ela dava socos na madeira almofadada de novo e de novo, assim como ela tinha feito nos últimos vinte e cinco minutos seguidos. Ela tinha ido a um lugar que Cassian conhecia bem demais — onde pensamento e corpo se tornam um só, onde o mundo se desvanece até virar nada. Trabalhando algo a partir das

profundezas de si mesma. — Você achava que ela estava limpando as unhas?

O olho mecânico de Lucien clicou. Seu rosto se apertou enquanto Nestha jogava um espetacular gancho de esquerda na viga de madeira. Ele estremeceu com o impacto. — Eu me pergunto se há algumas coisas que não deveriam ser acordadas — murmurou ele.

Cassian cortou-o com um olhar. — Não se intrometa, foguinho.

Lucien viu Nestha atacar, sua pele dourada empalideceu.

— Por que você está aqui? — perguntou Cassian, incapaz de impedir a afiação. — Onde está Elain?

— Eu não estou sempre nesta cidade para ver minha parceira. — As duas últimas palavras tinham tido pouco de desconforto. — E eu vim até aqui porque Feyre disse que eu deveria. Preciso matar algumas horas antes de me encontrar com ela e Rhys. Ela achou que eu poderia gostar de ver Nestha treinando.

— Ela não é uma atração carnavalesca. — disse Cassian através de seus dentes.

— Não é para entretenimento. — O cabelo vermelho de Lucien brilhava na penumbra do dia chuvoso. — Acho que Feyre queria uma avaliação do progresso de alguém que já não a vê há algum tempo.

— E? — Cassian disse.

Lucien lançou um olhar murcho. — Não sou seu inimigo, sabe. Você pode largar esse papel bruto e agressivo.

Cassian deu a ele um sorriso que não encontrou seus olhos. — Quem disse que é um papel?

Lucien soltou um longo suspiro. — Muito bem, então.

Nestha deu outra série de socos, e Cassian sabia que estava levando ao golpe final. Dois socos de esquerda e um gancho de direita que bateu na madeira com tanta força que se estilhaçou.

E então ela parou, seu punho foi pressionado contra a madeira.

Seu hálito ofegante saiu da boca na chuva frígida.

Lentamente, ela se endireitou, abaixou o punho, o vapor passou por seus dentes ao se virar. Ele viu uma cintilação de fogo prateado nos olhos dela, e depois desapareceu. Lucien ficou completamente parado.

Nestha foi em direção dos dois machos. Ela encontrou o olhar de Lucien ao se aproximar do arco, e não disse nada antes de entrar na Casa. Como se as palavras estivessem além dela.

Somente quando seus passos desapareceram, Lucien disse — Que a Mãe os poupe.

Cassian já estava caminhando para a viga de madeira.

Um pequeno disco de impacto estava em seu centro, através do estofamento, até a própria madeira. Ele brilhava. Cassian levantou os dedos tremendo até aquilo.

Até a marca da queimadura, ainda brilhando como uma brasa.

Todo o bloco de madeira estava ardendo por dentro. Ele tocou-lhe com a palma da mão. A madeira estava fria como gelo.

O bloco se dissolveu em uma pilha de cinzas.

Cassian olhou em silêncio atordoado, a madeira fumegante assobiando na chuva.

Lucien foi até seu lado. Ele só disse novamente, com voz solene — Que a Mãe poupe todos vocês.

41

Helion, Grão-Senhor da Corte Diurna, chegou à Cidade Escavada na tarde seguinte em um cavalo alado.

Ele quis entrar na cidade escura em uma carruagem dourada liderada por quatro cavalos brancos como a neve com crinas de fogo dourado, Rhys havia dito a Cassian, mas Rhys tinha proibido a carruagem e os cavalos, e disse a Helion que ele poderia atravessar até lá ou não ir.

Daí o pegasus. A ideia de Helion de um acordo.

Cassian tinha ouvido os rumores sobre os raros pégasus de Helion. O mito dizia que o seu precioso garanhão tinha voado tão alto que o sol o tinha queimado até ficar preto, mas contemplando a besta agora... Bem, Cassian poderia ter inveja, se ele mesmo não tivesse asas.

Os cavalos alados eram raros, tão raros que se dizia que os sete pares de Helion eram os únicos que restavam. A lenda sustentava que ali já tinham existido muitos mais antes da história registrada, e que a maioria havia simplesmente desaparecido, como se tivessem sido devorados pelo próprio céu. A sua população tinha diminuído ainda mais nos últimos mil anos, por razões que ninguém podia explicar.

Amarantha não tinha ajudado, já que havia massacrado três dúzias dos pégasus de Helion, além de queimar tantas das suas bibliotecas. Os sete pares de pegasus que restaram tinham sobrevivido graças a terem sido libertados antes que os capangas de Amarantha pudessem alcançar seus estábulos na torre mais alta do palácio de Helion

O par mais amado de Helion — este garanhão preto, Meallan, e a sua parceira — não tinham produzido descendência em trezentos anos, e o

último potro não tinha sequer saído do desmame antes de sucumbir a uma doença que nenhum curandeiro conseguira curar.

Segundo a lenda, os pegasus vieram da ilha onde a Prisão se localizava — haviam se alimentado em prados que há muito tempo tinham dado lugar a musgo e névoa. Talvez isso fizesse parte do declínio: a sua pátria tinha desaparecido, e o que quer que os tivesse sustentado, já não existia.

Cassian se deixou admirar a visão de Meallan se alinhando sobre as pedras negras do pátio diante dos altos portões que davam entrada para a montanha, a crina do garanhão soprando ao vento das suas asas negras. Poucas coisas nos reinos feéricos ainda conseguiam deixar Cassian maravilhado, mas aquele magnífico garanhão, orgulhoso e altivo e apenas meio domesticado, lhe arrancou a respiração do peito.

— Incrível — murmurou Rhys, uma admiração semelhante brilhando em seu rosto.

Feyre irradiava deleite, e Cassian sabia, por esse olhar, que ela iria pintar aquela besta, e possivelmente o seu deslumbrante mestre também. Azriel também piscou em admiração enquanto o garanhão apalpava o chão, bufando, e Helion dava palmadinhas no pescoço espesso e musculoso do pégasus antes de desmontar.

— Boa chegada — disse Rhys, avançando.

— Não é o desfile que eu desejava — disse Helion, apertando a mão de Rhys — mas Meallan sabe como fazer uma entrada.— Ele assobiou, e o pegasus trotou graciosamente apesar do seu tamanho, bateu aquelas asas poderosas, e saltou de volta para os céus para esperar em outro lugar pelo seu mestre.

Helion sorriu para Feyre, que admirava o garanhão voar pelas nuvens com olhos arregalados. Ele disse — Eu te levo para dar uma volta, se desejar.

Feyre sorriu. — Eu normalmente aceitaria essa oferta, mas acredito que não posso arriscar.

As sobrancelhas de Helion se ergueram. Por um momento, Rhys e Feyre conversaram silenciosamente, e depois Rhys acenou com a cabeça.

A voz de Rhys encheu a cabeça de Cassian um segundo mais tarde. Nós vamos contar a ele.

Cassian manteve o seu rosto neutro. — Por que arriscar?

Rhys disse solenemente *Porque precisamos das bibliotecas dele.*

Para encontrar alguma forma de salvar Feyre, Rhys não disse. O seu Grão-Senhor prosseguiu. *E porque você e Azriel tinham razão: é apenas uma questão de tempo até a barriga Feyre aparecer. Ela cedeu ao meu pedido de um escudo, mas ela vai arrancar minhas bolas se eu sugerir magia para esconder a gravidez.* Rhys torceu o rosto. *Então, aqui vamos nós.*

Cassian acenou com a cabeça. — Eu te apoio, irmão.

Rhys atirou-lhe um olhar de gratidão, e depois deve ter levantado o seu escudo de sua parceira porque o cheiro de Feyre — aquele cheiro maravilhoso e encantador — encheu o ar. Os olhos de Helion se arregalaram, indo diretamente para a barriga de Feyre, onde a sua mão agora descansava contra o pequeno inchaço. Ele deixou sair uma gargalhada. — Então foi por isso que precisou aprender sobre os escudos impenetráveis, Rhysand. — Helion se inclinou para beijar a bochecha de Feyre. — Os meus parabéns a ambos.

Feyre brilhou, mas o sorriso de Rhys foi menos aberto. Se Helion notou, ele não disse nada. O Grão-Senhor da Corte Diurna considerou Cassian e Azriel, depois franziu as sobrancelhas. — Onde está a minha bela Mor?

Az disse, firmemente — Longe.

— Pena. Ela é muito mais agradável aos olhos do que qualquer um de vocês.

Cassian revirou os olhos.

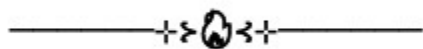
Helion sorriu irônico, tirando uma felpa invisível de sua túnica drapeada branca, depois encarou Rhys. A sua pele escura brilhava sobre os músculos fortes das suas coxas e pernas desnudas, as sandálias douradas que lhe enrolavam os calcanhares inúteis no terreno coberto de neve à sua volta. O Grão-Senhor não levava armas — o único metal que tinha era a braçadeira dourada ao redor do bíceps musculoso, moldada na forma de uma cobra, e a coroa dourada com espinhos no topo de seus cabelos que desciam até os ombros. Nunca haveria como confundir Helion com qualquer coisa se não um Grão-Senhor, no entanto, Cassian sempre tinha gostado bastante do seu ar casual, irreverente. O macho falou para Rhys — Bom. Queria que eu fizesse algumas pesquisas em um feitiço? Ou isso foi uma desculpa para me levar ao seu palácio perverso debaixo dessa montanha?

Rhys suspirou. — Por favor, não faça eu me arrepender de trazê-lo aqui, Helion.

Os olhos dourados de Helion se acenderam. — Onde estaria a diversão se eu não fizesse isso?

Feyre cruzou o seu braço através do braço dele. — Senti saudades, meu amigo.

Helion deu-lhe uma palmadinha na mão. — Vou negar até a minha morte se você disser a alguém, mas também senti saudades, Quebradora da Maldição.



— Gosto *muito* mais deste palácio do que daquele que está lá embaixo — disse Helion uma hora mais tarde, analisando os pilares de pedra da lua e as cortinas de gaze soprando de forma suave com a brisa que soprava sobre a cordilheira cercada por neve que os rodeava. Além dos escudos do palácio, Cassian sabia que a brisa se tornava um vento uivante e amargo capaz de esfolar a pele dos ossos.

Helion se atirou em uma cadeira baixa diante de uma das infinitas vistas, suspirando. — Muito bem. Querem meu auxílio agora que estamos fora da Cidade Escavada?

Feyre deslizou para o banco ao lado de onde ele estava, mas Cassian, Rhys e Az permaneceram de pé, o Encantador de Sombras encostado a um pilar, meio escondido da vista. Feyre perguntou — Os soldados estão encantados?

Helion tinha falado e tocado brevemente nas mãos dos dois soldados da Corte Outonal acorrentados naquela sala, mantidos vivos e alimentados pela magia de Rhys. O rosto de Helion havia se tensionado quando ele lhes tocou nas mãos — e então murmurou que já tinha visto o suficiente.

Nada na Cidade escavada parecia perturbá-lo até aquele momento. Nem os imponentes pilares negros e as suas esculturas, nem as pessoas perversas que a ocupavam, nem a escuridão total do lugar. Se aquilo lembrava Helion de seu tempo Debaixo da Montanha, ele não demonstrou. Amarantha tinha modelado a sua corte inspirada nesta, aparentemente — uma réplica lamentável, Rhys tinha dito.

— *Encantado* não é a palavra certa — disse Helion, franzindo a sobancelha. — Seus corpos e ações, de fato, não são suas, mas nenhum feitiço recai sobre eles. Eu posso sentir feitiços — como se fossem fios. Que podem encantar como se estivessem presos ao redor dos indivíduos. Eu não senti nada disso.

— Então o que os aflige? — perguntou Rhys.

— Eu não sei — admitiu Helion com uma gravidade incomum. — Em vez de fios, era mais como uma névoa. Um nevoeiro, exatamente como descreveu, Rhysand. Não havia nada a se agarrar, nada tangível a quebrar, no entanto, estava *lá*.

Rhys perguntou — Não parece que seja um feitiço, mas sim... uma influência?

Merda.

Merda.

Helion esfregou o maxilar. — Não consigo explicar como, mas parece que este nevoeiro à volta deles guia suas mentes. — Ele registrou as suas expressões. — O que foi?

A boca de Feyre se apertou. — A Coroa — parte dos Tesouros da Morte.

E depois compartilharam tudo, a Rainha Briallyn e a sua caça aos Tesouros da Morte, o envolvimento de Koschei, a Máscara que Nestha havia recuperado. Apenas os segredos de Eris referentes à profunda traição de Beron permaneceram guardados. Quando Feyre terminou, Helion sacudiu a cabeça lentamente. — Pensei que teríamos pelo menos um intervalo antes de tentar impedir desastres como esse.

— Apenas a Harpa permanece em liberdade, então — disse Azriel. Ele permanecia inclinado contra o pilar, embebido em sombras. — Se Briallyn tem a Coroa, é possível que a tenha durante algum tempo — e é por isso que as outras rainhas fugiram para os seus próprios territórios. Talvez pensassem que ela o usaria nelas, e fugiram. Talvez ela até a encontrou aqui durante a guerra, enquanto todos nós estávamos distraídos com os combates contra Hybern, e a utilizou para puxar recuar suas forças, para comprar tempo. Pode ser o que atraiu ela para o radar de Koschei — é isso que ele quer dela.

— Eu posso aceitar isso — disse Feyre — mas por que usá-la nos soldados de Eris para atacar o nosso povo em Oorid? Qual é o motivo?

— Talvez fosse para nos dizer que ela está ciente de que *nós* conhecemos os seus planos — sugeriu Rhys.

— Mas como ela sabia que íamos ao pântano? — perguntou Cassian. — Aqueles soldados não tinham o poder de atravessar — eles teriam que viajar a pé por semanas antes de chegarem lá.

— Eles estão desaparecidos há mais de um mês — apontou Feyre.

Helion disse — Lembre-se que Briallyn também é Feita. Ela pode não ser capaz de usar a vidência com o Caldeirão, mas também pode usar a vidência com os Tesouros da Morte, tal qual Nestha Archeron. Ela poderia ter descoberto que a Máscara estava em Oorid, mas não ousou se aventurar naquela escuridão. É possível que ela tenha plantado os soldados lá para lhe tomarem a Máscara assim que a encontrassem.

— Ou nos enganar para os matarmos, fazendo assim um inimigo a Corte Outonal — Cassian disse.

— Mas Briallyn tem que ser estúpida — disse Feyre — se ela acredita que aqueles soldados seriam suficientes para dominar qualquer um de nós.

Helion acenou para Feyre. — Disse que a Máscara está aqui agora? Posso vê-la?

— Precisamos da sua ajuda com ela, na verdade — disse Feyre. — Rhys protegeu e trancou a sala onde se encontra a Máscara, mas ela abriu as fechaduras para deixar a minha irmã entrar, provavelmente porque ela é Feita. E se ela conseguiu entrar, é possível que Briallyn consiga também. — Feyre deslizou as suas mãos tatuadas para os bolsos. — Será que pode mostrar a Nestha como protegê-la ela mesma? Talvez algo com um pouco mais de... vigor?

— Vigor? — perguntou Rhys, levantando uma sobrancelha.

— Vigor — disse Feyre, encarando-o. — Nem todos podemos ter a sua língua doce.

Rhys piscou o olho. — Ainda bem que você se beneficia com isso, querida Feyre.

Cassian escolheu ignorar a insinuação, e a centelha de excitação de ambos. Helion, no entanto, riu baixinho.

Azriel limpou a garganta. — Nestha está à espera.

— Ela está aqui? — Helion praticamente cintilou com luz dourada.

— Sim — disse Feyre simplesmente, se erguendo da cadeira. Cassian não perdeu o olhar sensual que sua Grã-Senhora lançou a Rhys enquanto passava, em direção aos quartos no extremo norte do palácio. E ele não perdeu a risada profunda que Rhys lançou em retorno, cheia de promessas sensuais.

Ele não conseguiu evitar a pontada em seu peito diante da intimidade casual, o afeto e o amor gritantes. Muito longe de só sexo.

Helion seguiu, comentando a beleza do palácio. Cassian o bloqueou, muito ocupado ponderando como Nestha sequer havia se dado o trabalho de se opor quando ele deixou sua cama. E nem sequer o tinha procurado desde então.

Ele tinha se contido, especialmente porque ela parecia trabalhar muito durante os treinamentos, treinando o que quer que precisasse em seu coração, sua mente. Mas ele não conseguia parar de lembrar — o sexo, e aquela imagem dela, as suas costas ainda arqueadas enquanto se deitava na cama, seu belo sexo inchado e brilhando, molhado com a sua semente.

— No que *você* está pensando? — Helion falou à medida que se aproximavam de uma porta de madeira fechada.

Cassian se endireitou. Ele não havia percebido que os seus pensamentos tinham arrastado tal cheiro dele. Ele sorriu. — Sua mãe.

Helion riu. — Sempre me esqueço do quanto eu gosto de você.

— Feliz em lembrá-lo. — Cassian piscou o olho.

Feyre chegou à porta, bateu, e depois lá estava ela. — Nestha.

Ela sentava na mesa onde a Máscara descansava, um livro aberto à sua frente. Com a velocidade que ela fechou o volume, Cassian sabia que ela estava lendo um dos romances que ela, Emerie e Gwyn trocavam entre elas.

Cassian ficou tenso enquanto Helion entrava na sala, e Nestha se ergueu. Ela usava um vestido azul escuro hoje — a primeira vez em um mês que ele

via ela em um. Já não ficava solto nela. Ela tinha ganhado peso suficiente para que o corpete novamente servisse, e aqueles peitos exuberantes inchavam graciosamente acima da linha do decote redondo.

Helion ofereceu um aceno de sua cabeça, o epítome da graça cortês. — Lady Nestha.

Nestha fez uma reverência, mas os seus olhos desviaram para Feyre. — Lady?

Feyre encolheu os ombros. — Ele está sendo educado.

Nestha deslizou os seus olhos para os de Cassian. — Agora compreendo porque você acha o título irritante.

Ele sorriu, e Helion piscou — como se estivesse chocado que ela havia esquecido que um Grão-Senhor estava diante dela.

Mas Nestha tinha passado reto por Helion na primeira vez que se encontraram, também, totalmente não impressionada.

Cassian disse — Nunca fica mais fácil.

Nestha encarou Helion novamente, analisando aquela coroa dourada e a túnica branca drapeada. — Aquele era o seu cavalo alado que voou por aqui mais cedo?

O sorriso de Helion era uma coisa de beleza cultivada. — Ele é o meu melhor garanhão.

— Ele é adorável.

— Como você.

Nestha inclinou a cabeça enquanto Cassian se viu quase sem fôlego aguardando por sua resposta. Feyre e Rhys pareciam estar segurando uma risada, e Azriel era o retrato do tédio gelado.

Nestha observou Helion durante tempo suficiente para ele transferir seu peso de um pé para o outro. Um Grão-Senhor *transferiu seu peso de um pé para o outro* sob o olhar dela. Ela disse, finalmente — *Aprecio o elogio* — e pronto.

Aquela pausa enquanto ela observava Helion tinha sido uma pausa de um cortesão. Para avaliar a melhor forma de atacar.

Helion franziu as sobrancelhas levemente.

Rhys limpou a garganta, um brilho de diversão em seus olhos. — Bem, ali está ela. — Ele apontou para o montinho de veludo preto sobre a mesa. — Neshta?

Ela arrancou o pano. Ouro batido antigo brilhava, e Helion assobiou enquanto um poder frio e estranho encheu a sala, sussurrando como uma brisa gélida.

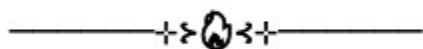
Helion rodopiou para Nestha, toda a sensualidade desaparecia. — Você realmente usou isso e sobreviveu? — Não era uma pergunta que procurava resposta. — Cubra novamente, por favor. Não consigo suportar.

Rhys dobrou suas asas. — Ela o afeta tanto assim?

— Ela não arrasta suas garras geladas pelos seus sentidos? — perguntou Helion.

— Não tanto assim — Feyre disse. — Conseguimos sentir seu poder, mas não incomodou nenhum de nós tanto assim.

Helion estremeceu, e Nestha jogou o pano sobre a Máscara. Como se o pano, de alguma forma, a cegasse para a presença deles. — Talvez um antepassado meu tenha usado em algum momento, e o aviso do que custou a ele está impresso em meu sangue. — Helion expirou, trêmulo. — Muito bem, Não-Lady Nestha. Permita-me que lhe mostre alguns truques de proteção que nem mesmo o esperto Rhysand sabe.



No final, Helion criou as proteções e as guardou no sangue de Nestha. Uma picada, cortesia da faca Reveladora da Verdade, tinha feito o trabalho, e Cassian se viu tenso diante da visão daquela pequena gota de sangue. O seu cheiro.

Foi um esforço de vontade dizer ao seu corpo que não havia ameaça, que o sangue era voluntário, que ela estava bem. Mas isso não o impediu de ranger os dentes suficientemente alto para que Feyre sussurrasse por baixo da conversa de Nestha e Helion — O que está acontecendo com você?

Cassian murmurou de volta — Nada. Pare de ser tão intrometida, Quebradora da Maldição.

Feyre olhou para ele de canto de olho. — Você está agindo como um animal enjaulado. — Os lábios dela se curvaram para cima. — Está com ciúmes?

Cassian manteve a sua voz neutra. — De Helion?

— Não vejo mais ninguém nesta sala que esteja segurando a mão de minha irmã e sorrindo para ela.

O bastardo estava de fato fazendo isso, embora Nestha permanecesse com o rosto duro como pedra. — Por que eu estaria com ciúmes?

O riso de Feyre foi um farfalhar.

Cassian não conseguiu conter o seu sorriso de resposta, ganhando um olhar confuso de Azriel. Cassian balançou a cabeça, enquanto Nestha afastava a mãe dela do aperto de Helion e perguntava — Então está feito?

— Assim que sairmos desta sala, ninguém poderá entrar nela. Nem mesmo você, se não destrancar minhas proteções, poderá entrar.

Nestha soltou um pequeno suspiro. — Que bom.

— Vou lhe ensinar o feitiço para destrancar — Helion disse, mas ela se afastou dele.

— Não — disse Nestha de forma abrupta. — Não, eu não quero saber.

O silêncio caiu.

Nestha declarou a nenhum deles em particular — Se Briallyn está caçando a Máscara, se ela me aprisionar, não quero ter qualquer conhecimento de como libertá-la. — Era sensato, mesmo que considerar a opção o deixasse doente, mas ele poderia jurar que era uma mentira. Poderia jurar que Nestha não queria ter aquela informação para si mesma.

Como se ela pudesse ser tentada pela Máscara.

Rhys disse — Tudo bem. Helion pode ensinar a mim, e se precisarmos dela, eu te ensino. — Rhys estendeu uma mão a Helion, indicando como ele preferia que lhe fosse mostrado o feitiço. Os seus dedos se entrelaçaram, os seus olhos tornaram-se vagos, e depois Rhys piscou. — Obrigado.

Azriel disse — Temos de notificar Eris sobre o reaparecimento dos seus soldados. E sobre o que fizemos...

Cassian analisou sua família, seus amigos. — Quanto compartilhamos com Eris? Deixamos ele saber que temos a Máscara?

A pergunta permaneceu no ar. Depois Rhys disse — Ainda não. — Ele acenou com a cabeça para Cassian. — Faça uma visita a Eris amanhã. — Rhys fez um gesto para Nestha. — Você vai com ele.

Nestha enrijeceu, e Cassian tentou não ficar boquiaberto. — Por que? — perguntou ela.

— Porque você gosta de jogar o jogo — disse Rhys. Ele sem dúvida reparou em como ela lidou com as tentativas de flerte de Helion mais cedo. Rhys sabia como utilizar uma ferramenta à sua disposição. — Mas a escolha é sua — acrescentou ele.

Cassian limpou a garganta. — Por mim, tudo bem. — Nestha, para sua surpresa, não se opôs.

— Quero confirmar que Briallyn tem a Coroa — disse Azriel. — Vou viajar para as terras humanas amanhã.

— Não — disseram Feyre e Rhys ao mesmo tempo, no mesmo fôlego.

Os olhos de Azriel piscaram. — Eu não estava pedindo permissão.

Rhys sorriu afetadamente. — Não importa.

Az abriu a boca para se opor, mas Feyre disse — Você não vai, Azriel. Se Briallyn tem a Coroa e te capturar, ou mesmo que ela apenas suspeite que você está perto, quem sabe o que ela poderia fazer com você?

— Me dê algum crédito, Feyre — Az disse. — Eu consigo me manter escondido bem o suficiente.

— Não vamos correr riscos — disse Feyre, a voz cheia de comando. — Recue todos os seus espiões.

— O diabo que recuarei.

Cassian se preparou, mas Feyre não recuou. — Informações vindas de seus espiões — de *quaisquer* espiões — não podem ser confiados com a Coroa em jogo. Amren disse que ela precisa estar por perto para afundar suas garras na mente de alguém. Nós ficaremos longe de Briallyn.

Azriel se eriçou e virou para Rhys. — E você concorda com ela?

— Ela é sua Grã-Senhora — disse Rhys, friamente. — O que ela diz é lei.

Az olhou para ele, olhou para Feyre. Determinou que eles eram uma unidade imóvel, uma parede impenetrável contra a qual a sua fúria só voltaria a se romper novamente.

No silêncio esticado, Helion acenou para o corredor iluminado além da sala. — Eu gostaria de me retirar da presença odiosa da Máscara, e talvez

desfrutar do seu palácio, Rhysand. Há muito tempo que não me encontrava num local tão sossegado. Se o permitirem, ficarei aqui durante uma ou duas horas.

— Algo o incomoda em casa? — Rhys perguntou, indo caminhar ao lado do Grão-Senhor.

Cassian apanhou o olhar de Nestha enquanto ele saía da sala, e ela agarrou seu livro antes de segui-los. Feyre saiu com Azriel, murmurando algo com uma mão tatuada apoiada em seu ombro.

Cassian perguntou a Nestha — O que está lendo hoje?

— *Uma Breve História dos Grandes Cercos* de Osian.

Ele quase tropeçou no degrau. — Não um romance?

— Percebi depois que você me deixou *A Dança da Batalha* que ainda há muita coisa para eu aprender. Ontem à noite pedi à Casa que me desse algo que você leria.

— Por quê?

Nestha enfiou o livro debaixo de um braço. — Qual é o ponto de aprender técnicas de combate se eu não souber o seu verdadeiro objetivo e como usá-las? Eu me tornaria uma arma, e seria apenas isso: a arma de outra pessoa. Eu quero saber empunhá-la — eu mesma, quero dizer. E outros.

Cassian ficou atordoado em silêncio enquanto subiam os degraus, seguindo Helion e Rhys, que conversavam à frente do seu grupo. — Planeja liderar um exército, Nes?

— Não um exército. — Ela olhou de relance para ele. — Mas talvez uma pequena unidade de fêmeas.

Ela estava falando sério. — As sacerdotisas?

— Não sei se elas se juntariam, mas... Há outras por aí, tenho a certeza, que poderiam se juntar. Sou imortal agora, ou tão próxima da imortalidade

quanto possível. Não tenho nada além de tempo para planejar o futuro.

O peito dele se apertou. Planejar o futuro. Era um sinal muito bom.



Cassian bateu na porta do quarto de Nestha na Casa depois do jantar. Ela não tinha se juntado a ele e a Azriel, embora talvez tivesse sido para o melhor.

O Grão-Senhor e a Grã-Senhora da Corte Noturna tinham enfrentado o Encantador de Sombras aquela tarde, e emergiram triunfantes.

Talvez *triunfante* não fosse a palavra certa, mas a discussão tinha terminado com Azriel concordando, de má vontade, em não espiar Briallyn, por enquanto — e depois passou todo o jantar de cara fechada.

A voz de Nestha ecoou através da madeira. — Entre.

Ele encontrou-a na cama, um livro encostado em seus joelhos.

Aparentemente ela tinha voltado aos seus romances. — Sem mais livros de guerra? — Ele ergueu os três livros que tinha trazido consigo — a sua razão para vir. A sua desculpa.

— Apenas durante o dia. — Ela se sentou, trazendo os cobertores ao redor de sua cintura. — Quais são esses?

— Mais textos que achei que poderiam interessá-la. — Ele os colocou sobre a mesa.

Nestha abaixou o queixo em um aceno raso, a sua longa trança se movendo sobre seu peito com o movimento. Ela vestia uma camisola de manga comprida, e, embora não houvesse fogo na lareira, o quarto permanecia quente. Como se a Casa tivesse notado o seu desgosto por fogos e encontrou outra forma de aquecê-la.

Ele se forçou a se afastar da mesa, se dirigindo para a porta novamente.

Ela disse antes de ele ter alcançado a porta — Não foi bom para você?

Cassian se virou lentamente. — O que?

Suas bochechas coraram enquanto ela levantava o queixo. — O sexo não foi bom para você?

Ele engoliu. — Por que pergunta isso?

A garganta de Nestha se moveu. Ela estava... Porra, será que ela estava realmente tão insegura dele? — Você saiu rapidamente. E não me procurou de novo.

Saí rapidamente porque precisava manter alguns pedaços de mim intactos.

— Você tem estado focada no treinamento.

Os seus olhos tremeluziram com algo parecido com mágoa. — Tudo bem. Bom, boa noite.

— Não foi isso que eu quis dizer. Porra, Nestha. — Ele caminhou em direção à cama, e ela se endireitou de novo, olhando para ele enquanto ele se elevava sobre ela. — Como eu poderia ser tão egoísta — exigir mais sexo de você quando você está tão investida no treinamento?

— Não é uma exigência se ambos os lados querem — disse ela. — E eu só me preocupei que você... não tivesse gostado tanto quanto eu.

— Acha que não te procurei porque não *gostei*? — Quando ela não respondeu, ele apoiou as suas mãos de ambos os lados dela e inclinou-se para sussurrar ao seu ouvido, inspirando o seu cheiro — Eu gostei *demais*. Pensei sobre isso durante dias e dias. — Ela estremeceu, e ele sorriu contra a pele macia da sua orelha. Ele adorava aquilo — ver aquele exterior gelado desmoronar, ver o quanto ele a afetava. — Você tem se tocado à noite, pensando nisso como eu?

O queixo de Nestha mergulhou no mais pequeno dos acenos, e do canto do olho, ele espiou um vislumbre dos dentes dela enquanto ela mordeu o lábio

inferior. — Esses seus doces e pequenos dedos foram tão bons quanto os meus?

A respiração dela acelerou, mas ela não respondeu. Ele sabia que ela não queria lhe dar essa satisfação. Ele mordeu o lóbulo da orelha dela, arrancando um suspiro — Então?

— Não sei — ela sussurrou. — Eu teria que ver de novo.

— Hmm. — Cassian abaixou a boca, pressionando um beijo debaixo da orelha dela. O seu pau duro, já doendo contra suas calças. — Deveríamos fazer uma comparação lado a lado?

Ela soluçou, e ele rastejou para cima da cama, montando nas pernas dela. O sangue dele bombeava a cada centímetro dele, na batida das pulsações do seu pau, e ele se afastou do pescoço dela para encontrar os seus olhos brilhando de desejo.

O mundo se aquietou, e ela olhou e olhou para ele enquanto ele lentamente baixou os cobertores da sua cintura. A sua camisola estava enrolada nas suas coxas, e ele passou a mão por uma delas, com o polegar acariciando os elegantes músculos crescendo ali. — Por que não me mostra como você se toca, Nestha? E depois eu te lembro como eu te toco. — Ele mostrou os dentes em um sorriso malicioso. — Você pode me dizer qual é melhor.

O peito dela se elevava, os seus seios duros espreitando através da camisola. A boca dele se encheu de água, o seu corpo tremendo com a tentativa de se conter para não colocar a boca sobre eles.

Ela parecia ler cada linha do seu corpo, do seu desejo. Seus olhos brilhavam com fogo derretido. — Enquanto eu... me tocar, você está proibido de me tocar. — Um sorriso feroz. — E proibido de se tocar.

A pele dele aqueceu, se esticando em demasia sobre seus ossos. — Tudo bem.

Cassian esperou que ela se aninhasse nas almofadas, mas ela agarrou a bainha da sua camisola e a puxou, amassando-a em uma bola antes de atirá-

la ao chão.

Todos os pensamentos esvaziaram a sua mente enquanto ela se inclinava ali, totalmente nua, aqueles belos seios duros e à espera dele, a sua carne sedosa quase incandescente. E entre as pernas dela... ela levantou ligeiramente os joelhos, abrindo-as. Se desnudando.

Cassian deixou escapar um som baixo e doloroso. A boceta cor de rosa dela brilhava — seu cheiro inebriante e sedutor o chamando. Ele precisava prová-la, senti-la em sua língua, em seu pau...

— Sem toques — Nestha vibrou, porque a mão dele estava derivando em direção ao seu pau, desesperado por qualquer tipo de alívio diante da visão de Nestha aberta e nua, as luzes feéricas dourando-a.

A respiração dele rasgou-lhe a garganta — e depois desapareceu completamente, enquanto Nestha deslizava dois dedos delicados ao longo de seu corpo. Eles pararam sobre aquele feixe de nervos, circulando devagar.

A respiração dela se tornou irregular, mas ela assistia ele observando enquanto ela fazia outro círculo, e depois movia sua mão para baixo. Um lento e torturante deslizamento para baixo, em direção ao centro dela antes que seu pulso se curvasse, e ela mergulhou os seus dedos em si mesma.

Cassian gemeu, os quadris se movendo no lugar onde ele se ajoelhou, e ela lhe lançou um olhar de repreensão. Ele ficou imóvel, incapaz de pensar em qualquer outra coisa que não fosse os dois dedos dela enquanto ela deslizava eles para dentro de si novamente, e gemia. Eles emergiram brilhando com sua umidade, e talvez ele estivesse ofegante enquanto ela mergulhava uma terceira vez, profunda e lentamente.

— Isso — ela inspirou, os seus dedos iniciando uma série de estocadas lentas e constantes — é o que eu faço todas as noites quando penso em você.

Se ela apenas o tocasse, ele gozaria. Mas ele rosnou — Faça mais forte.

Ela tremeu como se as suas palavras fossem um toque físico, e obedeceu. Ambos gemeram desta vez, e ele se viu dizendo — Por favor.

Ele não sabia o que significava — apenas que precisava tocá-la.

Nestha sorriu para ele com um divertimento felino. — Ainda não.

Ela voltou a enfiar a mão entre suas pernas. — Eu imagino você me pegando, de novo e de novo. Duro, como fizemos antes. — Ele não conseguia respirar, não podia fazer nada a não ser olhar para a sua mão, para seu rosto nublado de prazer. — Eu imagino você menos paciente do que na primeira vez, só empurrando para dentro de mim, até o fundo. — Ela ecoou as suas palavras com um rápido mergulho dos seus dedos.

— Não quero te machucar — ele conseguiu dizer, rezando à Mãe e ao Caldeirão para conseguir manter a sua sanidade.

— Você não vai me machucar. — A sua outra mão provocou aquele feixe de nervos. — Eu quero você liberto.

O Cassian fez um ruído baixo de necessidade.

Ela bufou uma gargalhada perversa. — Quer me ver gozar? Ou quer provar?

— Provar. — Ele imploraria em brasas quentes por uma lambida nela.

Ela abriu mais ainda as pernas. — Então me prove, Cassian.

O seu nome nos lábios dela era a sua ruína. Ele agarrou-lhe as coxas e as abriu, e depois a sua boca estava sobre ela, lambendo da base ao ápice em um movimento longo e exuberante.

Ela gemeu, mais alto do que da primeira vez, e ele agarrou as pernas dela mais uma vez, enganchando-as sobre os seus ombros enquanto enterrava o seu rosto contra ela.

Não tinha nada de gentil, nada de provocador. Ele banquetear-se com a língua e lábios e dentes, e cada gosto dela fazia o rugido no seu sangue

subir como uma onda poderosa dentro dele. Nestha se esfregava contra ele, os dedos dos seus pés fazendo cócegas em suas asas, tanto que ele teve de parar por um momento para evitar de gozar diante daquele mero toque. Ele a ensinaria o jogo das asas mais tarde. Porque ele queria que ela tocasse as suas asas, para aprender onde acariciar enquanto ele a fodia para que ele gozasse forte o suficiente para ver estrelas, e para aprender que lugares acariciar mesmo quando não ele não estivesse fodendo ela, para que ele gozasse em sua mão, em sua boca.

Ele deslizou a língua para dentro do núcleo dela, o orgasmo já crescendo sob sua pele, em sua coluna. Cedo demais — ele não queria terminar cedo demais.

Ele se forçou a respirar. Se obrigou a recuar, se afastar. A visão dela sobre os travesseiros, nua e aberta para ele, quase o fez gozar.

Mas ele removeu a camisa. As calças.

Só quando estava nu, ajoelhado entre as pernas dela, seu pênis saliente para fora, ele disse — Você quer meus dedos, minha língua, ou meu pau, Nestha? — Ele moveu o pulso ao falar o último item para ela, bombeando a si mesmo com um aperto lento, quase doloroso. Ela observava, os olhos arregalados, como se lembrasse do tamanho dele dentro dela.

— E quanto a comparação lado a lado? — ela conseguiu dizer, mas a arrogância não chegou aos seus olhos, não enquanto ele se tocava de novo, saboreando a forma como ela perdeu o fôlego.

— Tudo o que quiser. O que quer que precise de mim. — Ele sabia que essas eram palavras de um tolo, sabia que ele oferecia demais.

Mas ela só olhou para seu pau. — Eu quero isso. Agora.

Ele murmurou uma oração de agradecimento à Mãe e deitou-se por cima dela, apoiando-se em seus braços — Me coloque dentro de você.

Quando a mão de Nestha o envolveu, ele arqueou as costas, rangendo os dentes. Ela sorriu, e o masturbou com tanta força quanto ele próprio havia

usado, apenas esse lado de dor. Em seguida, ela o encaixou na sua entrada encharcada.

Desta vez, ele não esperou. Não foi suave, não quando ela lhe disse que queria de outra forma.

Cassian enfiou nela, até o fundo.

Nestha deixou escapar um som entre um gemido e um grito, e ele se viu ecoando enquanto todo seu calor sedoso e ardente o envolvia. Ela era tão perfeitamente apertada que sua mente era capaz de dissolver. Como se ela tivesse sido feita para ele, e ele feito para ela.

Cassian escorregou para fora em um longo movimento, e empurrou de novo, se assentando completamente. As unhas dela cravaram em seus ombros, a dor tornando-se secundária, a dor tornando-se um prazer enquanto ela o marcava.

Ele se retirou novamente, baixando a cabeça para ver seu pau deslizar para fora dela, brilhando com a sua umidade — e depois entrar dentro dela novamente. Cada centímetro para dentro daquele núcleo apertado e flamejante, era o paraíso e o tormento, e ele precisava de mais, precisava ir mais fundo, precisava rastejar tão profundamente para dentro dela que não haveria mais como desembaraçá-los.

As unhas dela cortaram sua pele, e o aroma do seu sangue encheu o ar. Ele apenas se inclinou para beijá-la. Ela se abriu para ele instantaneamente, e ele deixou que ela saboreasse a si mesma na língua dele, movendo-se no ritmo de suas estocadas.

Nestha enrolou os seus lábios ao redor da língua dele e chupou como havia chupado seu pau, e qualquer pensamento desapareceu da mente dele. Puxando-a para ele, Cassian se ajoelhou, as pernas dela se prendendo ao redor de sua cintura enquanto ele empurrava para cima e cima e cima dentro dela. Ela inclinou a cabeça para trás, expondo sua garganta, e ele mordeu o centro dela, forte o suficiente para deixar uma marca.

Nestha se moveu em seu pau, e ele mergulhou mais fundo nela. Arranhou seus dentes sobre o pescoço dela.

Ela soltou o seu ombro para segurar seu seio, e ele quase atingiu o clímax ao ver ela levantá-lo em direção a ele em um comando silencioso.

Cassian lambeu o seu mamilo, e ela se empurrou contra ele, aqueles delicados músculos interiores apertando com força. — *Porra* — ele disse ao redor do seio dela. Ela deu uma risada trêmula, e repetiu o movimento.

Depois havia apenas a sua língua e dentes no peito dela, o bater quase selvagem de seu pau dentro do calor apertado dela, o ritmo dos seus quadris enquanto eles se encontravam a cada estocada, como se ela tentasse levá-lo ainda mais fundo. Ele arrastou sua boca dos peitos para morder o pescoço dela, o ombro, selando seus corpos juntos, fundindo-os em um só ser enquanto ele empurrava mais fundo, mais forte.

E depois dedos dela encontraram suas asas. O toque não foi cortante, mas gentil, tão suave, tentador e maravilhoso que ele rugiu.

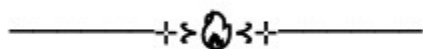
O orgasmo o atingiu, e ele estocou com um empurrão tão poderoso que ela gritou, atingindo o clímax com ele. Ela se contraiu ao redor dele, pulsando e gozando, e ele se segurou, frenético, reduzido a essa necessidade de estar dentro dela, de se derramar nela, de derramar o máximo que podia de si mesmo nela.

Nestha cavalgou até que ele parasse de jorrar, até que o prazer dela tivesse feito ela se deitar no peito dele, um braço ainda estendido em direção à sua asa.

Eles se agarraram um ao outro, e ele tentou se recompor, tentou se lembrar qual era a porra de seu nome e onde eles estavam.

Mas só existia ela. Apenas esta fêmea nos seus braços.

E o único nome que ele conseguia lembrar era o dela.



Nestha não conseguia se mover.

Enrolada em Cassian no lugar onde ele se ajoelhava no centro da cama, as suas mãos ainda cravadas em sua bunda para mantê-la no lugar, o seu pau enterrado profundamente dentro dela, ela não *queria* se mover.

Ela nunca tinha sido assim com ninguém, onde um olhar do seu amante a levava a um batimento cardíaco do orgasmo; um olhar dele e ela estava tirando suas roupas e se dando prazer na frente dele.

Ela não tinha em si a capacidade de se sentir envergonhada. Não quando a sensação tinha sido tão boa, tão certa.

Ele estava tremendo, suas asas contraindo enquanto seu pau terminava de jorrar.

Ela disse a si mesma que não devia gostar tanto — de ver ele desfeito, sentindo a sua semente dentro dela, vazando para fora dela. E o fato dela gostar foi o que fez ela se erguer finalmente, gemendo suavemente enquanto deslizava de seu pau.

Ela se ajoelhou diante dele, quase joelhos a joelhos. — Ainda preciso de mais.

Cassian ergueu a cabeça, os olhos brilhando. — Eu sei.

Ela não conseguia respirar debaixo daquele olhar, daquele lindo rosto. — Como eu posso precisar de você de novo tão rápido? — Não foi uma pergunta tímida, de cortesão, mas sim expressa por puro desespero. Porque ela precisava mesmo de mais. Ela precisava dele novamente dentro dela, precisava do seu peso, da sua boca e dos seus dentes nela. Ela não tinha explicação para isso, essa sede crescente e insaciável.

Os seus olhos tremeluziam. — Eu tenho precisado de você desde o primeiro momento em que te vi. E agora que posso ter você, eu não quero parar.

— Sim — ela inspirou, quase o máximo de verdade que ela admitiria. — Sim.

Eles se encararam por um longo minuto, pela eternidade. E depois, para seu choque e deleite, Cassian endureceu diante dos seus olhos. — Você vê o que faz comigo? — perguntou ele. — Vê o que acontece todas as vezes que eu te olho, todo santo dia?

Ela sorriu afetadamente. — Tenho uma vaga lembrança, de semanas atrás, de você se vangloriando que *eu* iria rastejar para sua cama. Parece que foi você quem rastejou.

Os lábios dele se torceram para cima. — Parece que sim. — O coração dela acelerou enquanto ele segurava seu olhar. — Fique de quatro — ele ordenou, a sua voz tão baixa que ela mal conseguia compreender. Mas o seu sangue aqueceu, e uma dor que não tinha nada a ver com o quão forte ele a tinha tomado começou a crescer novamente entre suas pernas.

Então Nestha fez como ele pediu, se desnudando para ele, ainda molhada e brilhando com o gozo de ambos.

Ele rosnou de satisfação. — Linda. — Ela soluçou de prazer, porque por baixo do elogio, pura luxúria fervia. Ele rosnou — Ponha as mãos na cabeça.

Sua respiração começou a ofegar novamente, mas ela obedeceu, já vibrando com necessidade.

Cassian se ergueu atrás dela, agarrando seus quadris. Ele posicionou um joelho contra cada um dos joelhos dela, abrindo mais suas pernas. Dedos calejados se arrastaram ao longo de sua coluna, sobre a tatuagem que ali havia, conectando-os.

Ele se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido — Segure firme.

42

Cassian foi convocado para a casa do rio logo após o amanhecer.

Ele não tinha dormido no quarto de Nestha. Não, depois daquela segunda vez, quando seu corpo todo tinha se transformado em geleia, ele havia rolado para fora dela e retornado à sua própria suíte. Ela não tinha dito nada. Mas eles se entenderam, no entanto: só sexo, mas eles não precisariam esperar tanto tempo novamente.

O sono tinha se esquivado dele enquanto pensava no que tinham feito, no que ele tinha feito a ela. A segunda vez tinha sido ainda mais selvagem do que a primeira, e ela tomou tudo o que ele lhe atirou, tinha retribuído seu ritmo e profundidade exigentes, e tinha segurado aquela cabeceira até seu corpo desmoronar com prazer. Deuses, sexo com Nestha era como...

Ele não se deixou se apegar a comparações enquanto se sentava no escritório do Rhys ao lado de Amren e Azriel, de frente para seu Grão-Senhor que sentava do outro lado de sua mesa. Esses pensamentos não lhe haviam feito nenhum favor ontem à noite. Ou esta manhã, quando ele acordou duro e dolorido, e percebeu que o cheiro dela estava sobre ele.

Ele sabia que seus amigos sentiam o cheiro. Nem Rhys nem Az fizeram comentários, mas os olhos de Amren haviam se estreitado. No entanto, ela não disse nada, e ele se perguntou se Rhys havia lhe dado um comando silencioso. Cassian arquivou sua curiosidade sobre o motivo pelo qual Rhys poderia ter sentido a necessidade de fazer tal coisa.

— Muito bem, Rhysand — disse Amren, colocando um pé debaixo da coxa.
— Diga porque estou aqui antes do café da manhã, enquanto Varian ainda está dormindo profundamente na minha cama.

Rhys puxou para trás uma lona de pintura que estava sobre parte de sua mesa.

— Estamos aqui porque recebi uma visita de um ferreiro ao amanhecer, que trabalha no limite oeste da cidade.

Cassian ficou imóvel ao ver o que estava ali: uma espada, uma adaga e uma espada grande mais longa, todos embainhados em couro preto. — Que ferreiro?

Rhys se inclinou para trás em sua cadeira, cruzando seus braços. — Aquele que você e Nestha visitaram há vários dias.

As sobrancelhas de Cassian franziram. — Por que ele lhe trouxe essas armas? Como um presente?

Azriel se inclinou para frente, uma mão marcada por cicatrizes se movendo em direção a espada mais próxima.

— Eu não faria isso — advertiu Rhys, e Az parou.

Rhys disse a Cassian — O ferreiro as deixou aqui em um absoluto pânico. Ele disse que as lâminas estavam amaldiçoadas.

O sangue de Cassian gelou.

Amren perguntou — Amaldiçoadas em que sentido?

— Ele só disse amaldiçoadas — respondeu Rhys, gesticulando para as armas. — Disse que não queria ter nada a ver com elas e que elas eram nosso problema agora.

Amren deslizou seus olhos para Cassian. — O que aconteceu na loja?

— Nada, — ele disse. — Ele a deixou martelar no metal por um tempo, para que pudesse ter uma noção do trabalho árduo que é necessário para fabricar armas. Mas não teve nada de *maldição*.

Rhys se endireitou. — Nestha martelou as lâminas?

— Todas as três — disse Cassian. — Primeiro a espada, depois a adaga, e depois a grande espada longa.

Rhys e Amren trocaram um olhar.

Cassian exigiu — O que?

Rhys perguntou a Amren — É possível?

Amren olhou para as lâminas. — Já faz... Já faz tanto tempo, mas... sim.

— Alguém por favor explique — disse Azriel, olhando para as três lâminas de uma distância segura.

Cassian se obrigou a ficar perfeitamente imóvel enquanto Rhys deslizava uma mão pelo seu cabelo preto. — Há muito tempo, os feéricos eram mais elementares, mais dados a leitura das estrelas e a confecção de obras de arte, jóias artesanais e armamento. Seus dons eram mais crus, mais ligados à natureza, e eles podiam impregnar objetos com esse poder.

Cassian soube imediatamente para onde isso se dirigia. — Nestha colocou seu poder nessas espadas?

— Ninguém foi capaz de criar uma espada mágica em mais de dez mil anos, — disse Amren. — A última Feita, a grande lâmina Gwydion, sumiu por volta da época em que o último Tesouro da Morte desapareceu.

— Essa espada não é Gwydion — disse Cassian, bem ciente dos mitos a respeito da espada. Ela tinha pertencido a um verdadeiro Grão-Rei Feérico em Prythian, como o que tinha existido em Hybern. Ele tinha unido as terras, seu povo, e por um período de tempo, com aquela espada, a paz havia reinado. Até que foi traído por sua própria rainha e seu general mais feroz, e perdeu a espada para eles, e as terras caíram mais uma vez na escuridão. Para nunca mais se ver outro Grão-Rei, apenas Grão-Senhores, que governavam os territórios que anteriormente responderam ao rei.

— Gwydion se foi — disse Amren, um tanto quanto triste — ou está desaparecida de boa vontade há milênios. — Ela acenou em direção à

grande espada. — Isso é algo novo.

Azriel disse — Nestha criou uma nova espada mágica.

— Sim — disse Amren. — Somente os Grandes Poderes poderiam fazer isso. Gwydion foi dotada de seus poderes quando a Grande Sacerdotisa Oleanna a mergulhou no Caldeirão durante sua confecção.

O sangue do Cassian gelou, ondas flutuando sobre sua pele. — Um toque da magia de Nestha enquanto a lâmina ainda estava quente...

— E a lâmina foi infundida com ela.

— Nestha não sabia o que estava fazendo — disse Cassian. — Ela estava só desestressando um pouco.

— O que pode ser ainda pior — disse Amren. — Quem sabe que emoções ela derramou nas lâminas com seu poder? Ela poderia tê-las moldado em instrumentos de tais sentimentos, ou elas podem ter sido o catalisador para liberar seu poder. Não há como saber.

— Então usamos a espada — disse Cassian — E descobrimos.

— Não — Amren se opôs bruscamente. — Eu não ousaria desembainhar estas lâminas. Especialmente a grande espada. Eu posso sentir o poder se agrupando nela. Ela martelou naquela por mais tempo?

— Sim.

— Então deve ser tratada como um objeto dos Tesouros da Morte. Um *novo* Tesouro.

— Você não pode estar falando sério.

As sobrancelhas de Amren se achataram. — Os Tesouros da Morte foram forjados pelo Caldeirão. Nestha possui os poderes do Caldeirão. Portanto, tudo o que ela fabrica e infunde com seu poder se torna um novo Tesouro. No ponto em que estamos, eu sequer comeria um pedaço de pão que ela tivesse tostado.

Todos eles olharam fixamente para as três lâminas em cima da mesa.

Azriel disse — As pessoas vão matar por este poder. Ou matarão ela para pará-lo, ou nos matarão para capturá-la.

— Nestha forjou um novo Tesouro da Morte — disse Cassian, reprimindo sua raiva diante da verdade nas palavras de Azriel. — Ela poderia criar *qualquer coisa*. — Ele acenou com a cabeça para Rhys. — Ela poderia encher nossos arsenais com armas que nos fariam ganhar qualquer guerra. — Briallyn, Koschei e Beron não teriam nenhuma chance.

— É por isso que Nestha não deve descobrir sobre isso — disse Amren.

Cassian exigiu — O que?

Os olhos cinzentos de Amren se mantiveram firmes. — Ela não pode saber.

Rhys disse — Isso parece ser um risco. E se, sem saber, ela criar mais?

— E se, em um de seus estados de mau humor — desafiou Amren — Nestha criar qualquer coisa que desejar só para nos irritar?

— Ela *nunca* faria isso, — disse Cassian, calorosamente. Ele apontou o dedo para ela. — Você também sabe disso, porra.

— Nestha não criaria um Tesouro da Morte — disse Amren, inabalada pelo rosnado dele — Mas sim um Tesouro de Pesadelos.

— Eu não posso mentir para ela — disse Cassian, olhando para Rhys. — Eu não posso.

— Você não precisa mentir — respondeu Amren. — Simplesmente não ofereça a informação.

Ele apelou para Rhys — Você concorda com isso? Porque eu com certeza não.

— A ordem de Amren se mantém — disse Rhys, e por uma batida de coração, Cassian o odiou. Odiou a desconfiança e a cautela que ele viu no

rosto de Rhys.

— Eu teria cuidado quando estivesse fodendo ela — acrescentou Amren, os lábios se curvando em um sorriso zombeteiro. — Quem sabe no que ela pode transformar você quando as emoções dela estiverem amplificadas?

— Já chega — disse Azriel, e Cassian olhou com gratidão para seu irmão. Az continuou, — Estou com Cassian nessa. Não é correto esconder essa informação de Nestha.

Rhys considerou, depois lançou um olhar longo e duro para Cassian. Cassian resistiu ao olhar, manteve as costas retas e o rosto grave. Rhys disse, finalmente, — Quando Feyre voltar de seu estúdio, eu perguntarei a ela. Ela será o voto decisivo.

Era um acordo, e até mesmo Amren poderia concordar com isso. Cassian assentiu, inquieto, mas disposto a deixar a decisão ficar nas mãos de Feyre.

Amren se aninhou de volta em sua cadeira. — Essa espada será conhecida pela história. — Seus olhos escureceram quando ela olhou para a grande espada, suas palavras ecoando. — Resta saber se será conhecida por bem ou por mal.

Cassian sacudiu o calafrio que deslizou por sua coluna, como se o próprio destino tivesse ouvido suas palavras e estremecido. Ele atirou-lhe um sorriso. — Você realmente ama ser dramática, não é?

Amren torceu o rosto, depois se levantou. — Eu vou voltar para a cama. — Ela apontou para Rhysand. — Coloque essas armas em algum lugar onde ninguém as encontre. E que a Mãe te amaldiçoe se ousar desembainhar alguma delas.

Rhys acenou para ela, entediado e cansado. — É claro.

— Estou falando sério, menino — disse Amren. — *Não* desembainhe essas lâminas. — Ela analisou todos os três antes de partir. — Nenhum de vocês.

Por um momento, houve apenas o som do tique-taque do grande relógio...

Rhys olhou para ele. Então ele disse, com os olhos distantes — Não consigo encontrar nada para ajudar a Feyre com o bebê... com o parto.

O peito do Cassian se apertou. — Drakon e Miryam?

Rhys balançou sua cabeça. — As asas dos Serafins são tão flexíveis e arredondadas quanto as dos Illyrianos são ossudas. É isso que vai matar Feyre. Os filhos de Miryam puderam passar por seu canal de parto porque suas asas se dobraram facilmente... e praticamente todo o seu povo humano que se misturou com o de Drakon teve sucesso semelhante. — A garganta de Rhys se moveu. Suas próximas palavras racharam o coração de Cassian. — Não percebi quanta esperança eu tinha guardado até ver a piedade e o medo em seus rostos. Até que Drakon teve que me abraçar para impedir que eu desmoronasse.

Cassian cruzou a sala até seu irmão em poucos passos. Ele apertou o ombro de Rhys, encostado à borda da mesa. — Vamos continuar procurando. E quanto a Thesan?

Rhys soltou os botões mais altos de seu casaco preto, revelando um lampejo do peito tatuado por baixo. — A Corte Crepuscular não tinha nada de útil. Os Peregrinos são semelhantes aos Serafins. Eles são parentes, embora distantes. Seus curandeiros sabem como virar um bebê com asas que está sentado no útero, como puxá-lo para fora da mãe, mas novamente: suas asas são flexíveis.

Azriel apareceu do outro lado de Rhys, uma mão também em seu ombro.

O relógio seguia fazendo sons, um lembrete brutal de cada segundo que corria em direção a desgraça certa. O que eles precisavam, Cassian percebeu a cada toque daquele relógio, era um milagre.

Azriel perguntou — E Feyre ainda não sabe?

— Não. Ela sabe que o parto será difícil, mas eu ainda não lhe disse que pode muito bem tirar sua vida. — Rhys falou em suas mentes, como se não suportasse dizer em voz alta.

Eu não contei a ela que os pesadelos que me arrancam o sono não são sobre o passado, mas sobre o futuro.

Cassian apertou o ombro do Rhys. — Por que você não conta para ela?

A garganta de Rhys se moveu. — Porque eu não consigo dar esse medo a ela. Tirar nem que seja um pouco da alegria em seus olhos toda vez que ela coloca uma mão sobre sua barriga. — A voz dele estremeceu. — Esse terror está me devorando vivo. Me mantenho ocupado, mas... Não há ninguém com quem barganhar pela vida dela, nenhuma fortuna que possa usar para comprá-la, nada que eu possa fazer para salvá-la.

— Helion? — perguntou Azriel, com os olhos cheios de dor.

— Eu contei antes que ele fosse embora ontem. Puxei-o para o lado quando Feyre atravessou para casa e lhe implorei de joelhos que encontrasse algo em suas mil bibliotecas para salvá-la. Ele disse que cada bibliotecário-chefe e cada pesquisador que puder ser usado vai ser colocado sob essa tarefa. Em algum momento da história, alguém deve ter estudado isso. Encontrado uma maneira de dar à luz um bebê com asas em uma mãe cujo corpo não estava equipado para isso.

— Vamos manter nossa esperança, então — disse Cassian. Rhys estremeceu, deixando sua cabeça cair para frente, seus cabelos pretos sedosos escurecendo seus olhos.

Cassian levantou seu olhar para Azriel, cujo rosto transmitia tudo: esperança não manteria Feyre viva.

Cassian engoliu com força, e desviou seu olhar para as três lâminas na escrivaninha.

Seus punhos eram ordinários, como se podia esperar de um ferreiro em uma pequena aldeia. Ele fazia belas armas, sim, mas não obras-primas artísticas. O punho da grande espada era uma simples guarda cruzada, o pomo um metal arredondado.

Gwydion, a última das espadas mágicas, havia sido escura como a noite e tão bonita quanto.

Quantos jogos Cassian tinha jogado quando criança com Rhys e Azriel, onde um longo pedaço de madeira tinha sido um substituto para Gwydion? Quantas aventuras eles tinham imaginado, compartilhando essa espada mítica entre eles enquanto matavam vermes gigantes e resgatavam donzelas?

Sem mencionar que a donzela de Rhys havia matado um verme sozinha e o resgatado ao invés disso.

Mas se Amren estivesse certa... Cassian não conseguia pensar em outro lugar no mundo que tivesse em sua posse três lâminas mágicas, muito menos uma.

Aquelas podiam muito bem ser as únicas existentes.

Cassian bateu com os dedos na mesa, a curiosidade mordendo fundo. — Vamos dar uma olhada.

— Amren disse para não tocarmos nelas — advertiu Azriel.

— Amren não está aqui — disse Cassian, sorrindo. — E nós não precisamos tocá-las. — Ele bateu a mão no ombro do Rhys. — Use sua magia chique para desembainha-las.

Rhys levantou sua cabeça. — Isso é uma má ideia.

Cassian piscou o olho. — Isso deveria estar escrito no brasão da Corte Noturna.

Algumas estrelas se acenderam nos olhos de Rhys. Azriel murmurou uma oração.

Mas Rhys respirou duas vezes com firmeza e desenrolou seu poder em direção à espada maciça, deixando-o levantar a lâmina com mãos cheias de estrelas.

— É pesada, — observou Rhys, sobrancelhas franzidas em concentração.
— De uma forma que não deveria ser. Como se estivesse lutando contra a minha magia. — Ele manteve a espada flutuando acima de sua mesa, perpendicular a ela, como se estivesse em um estande.

Cassian se apoiou enquanto Rhys inclinava sua cabeça, sua magia sondando o punho, a bainha. Rhys refletiu — O ferreiro nunca disse nada sobre o *que* parecia amaldiçoado, e ele deve ter tocado várias vezes nela, para sentir o poder e para trazê-las aqui, pelo menos. Portanto, não deve ser uma espada de morte que mata qualquer mão descuidada.

Azriel grunhiu. — Eu ainda seria cuidadoso.

Com um sorriso malicioso para Az, Rhys usou seu poder para afastar a bainha preta.

Não saiu fácil, como se a espada não quisesse ser revelada, ou pelo menos não por Rhysand.

Mas, centímetro por centímetro, a bainha escorregou da lâmina. E, centímetro por centímetro, o aço fresco brilhou, verdadeiramente *brilhou*, como se a luz do luar estivesse iluminando o metal

Nem mesmo Az controlou sua expressão para demonstrar qualquer coisa além de pasma admiração enquanto a bainha caía, finalmente, da lâmina.

Cassian tropeçou para trás, boquiaberto de espanto.

Centelhas iridescentes dançavam ao longo da lâmina. Magia pura e crepitante. A luz dançava e jorrava como se um martelo invisível ainda a atingisse.

Os pêlos no corpo do Cassian arrepiaram.

Rhys inalou, reunindo sua magia, deixando-a flutuar e desembainhando a outra espada e a adaga.

Elas não faíscavam com poder bruto, mas Cassian podia senti-las. A adaga irradiava frio, sua lâmina cintilando tão forte que parecia um pingente de

gelo sob a luz. A segunda espada parecia quente, com raiva e obstinada.

Mas a grande espada entre as outras duas... As faíscas desvaneceram-se, como se fossem sugadas para dentro da própria lâmina.

Nenhum deles se atreveu a tocá-la. Algo profundo e primordial dentro de Cassian advertiu-o para não tocá-la. Que ser empalado ou cortado por essa lâmina não seria uma ferida comum.

Uma gargalhada suave e feminina ondulou, vinda da porta, e Cassian não precisou se virar para saber que Amren estava ali. — Eu sabia que vocês, idiotas, não seriam capazes de resistir.

Rhys murmurou — Eu nunca vi nada assim. — Sua magia fez as três lâminas girarem no ar, permitindo-lhes observar todas suas facetas. O rosto de Az ainda estava marcado com admiração.

— Amarantha destruiu uma — disse Amren.

Cassian se assustou brevemente. — Eu nunca ouvi sobre isso.

Amren emendou — Rumores dizem que ela jogou uma no mar. A lâmina se recusava a permanecer nas mãos de Amarantha, ou nas mãos de qualquer de seus comandantes, e em vez de deixar o Rei de Hybern obtê-la, Amarantha se desfez dela.

Azriel perguntou — Qual espada?

— Narben. — Os lábios vermelhos de Amren se moveram para baixo. — Pelo menos é isso que o rumor dizia. Você estava Sob a Montanha na época, Rhys. Ela teria mantido segredo. Eu só soube que tinha acontecido por uma ninfa d'água em fuga.

— Narben era ainda mais antiga que Gwydion — disse Rhys. — Onde diabos estava?

— Eu não sei, mas ela a encontrou, e quando a lâmina não se curvou para ela, ela a destruiu. Como fazia com todas as coisas boas. — Era o máximo que Amren falava sobre aquela época horrível. — Talvez tenha sido a nosso

favor. Se o Rei de Hybern estivesse em posse de Narben, temo que teríamos perdido a guerra.

Os poderes de Narben não tinham sido a luz santa e salvadora de Gwydion, mas muito mais obscuros. — Não posso acreditar que aquela bruxa atirou a espada no mar. — Cassian disse.

— Novamente, foi um rumor, ouvido de alguém que o ouviu de alguém. Quem sabe se ela realmente encontrou Narben? Mesmo que a lâmina não lhe obedecesse, ela teria sido uma tola em jogá-la fora.

— Amarantha podia ser imediatista às vezes — disse Rhys. Cassian odiava o som daquele nome na língua de seu irmão. Pelo lampejo de fúria no rosto de Azriel, o Encantador de Sombras também odiava.

— Mas você, Rhysand, não é. — Amren acenou com a cabeça para as armas que ainda giravam. — Com estas três lâminas, você poderia se tornar Grão-Rei.

As palavras ressoaram pela sala. Cassian piscou lentamente.

Rhys disse firmemente — Eu não desejo ser Grão-Rei. Só desejo estar aqui, com minha parceira e meu povo.

Amren argumentou — Todas as sete Cortes unidas sob um único governante nos dariam chances de sobrevivência muito melhores em qualquer conflito futuro. Sem brigas e intrigas políticas necessárias para despachar nossos exércitos. Aqueles descontentes como Beron não teriam a capacidade de ameaçar nossos planos, aliando-se a nossos inimigos.

— Teríamos que travar uma guerra interna primeiro. Eu seria marcado como um traidor por meus amigos em outras Cortes, seria forçado a fazê-los ajoelhar.

Azriel deu um passo à frente, sombras se arrastando de seus ombros. — Kallias, Tarquin, e Helion poderiam estar dispostos a se ajoelhar. Thesan se ajoelhará, se os outros o fizerem.

Cassian concordou com a cabeça. Rhys como Grão-Rei: ele não conseguia pensar em nenhum outro macho em quem ele confiaria mais. Nenhum outro macho seria um governante mais justo do que Rhys. E com Feyre como Grã-Rainha... Prythian seria abençoada por ter tais líderes. Então, Cassian disse — Tamlin provavelmente lutaria e perderia. Beron seria o único em seu caminho.

Os dentes de Rhys brilharam. — Beron já está no meu caminho, e fazendo um bom trabalho em atrapalhar. Não tenho interesse em justificar seu comportamento. — Ele deu a Cassian um olhar intimidante. — Não temos que partir logo a fim de atravessar você e Nestha até a Corte Primavera para se encontrar com Eris?

— Não mude de assunto — disse Cassian.

O poder de Rhys retumbou pela sala. — Eu não quero ser Grão-Rei. Não tem nada a ser discutido.

— O seu poder é terrível e belo, Rhysand — disse Amren, suspirando. — Você tem três lâminas mágicas diante de si, cada uma delas forte o suficiente para criarem reis sozinhas, e ainda assim você prefere compartilhar esse poder. Manter-se dentro de suas fronteiras. Por que?

Rhys exigiu — Por que você quer que eu me torne um conquistador?

Amren respondeu — Por que você se intimida com o poder que é seu direito de nascimento?

— Eu não fiz nada para merecer esse poder, — disse Rhys. — Eu nasci com ele. É uma ferramenta para defender meu povo, não para atacar outros. — Ele os analisou. — De onde está vindo essa conversa?

Azriel disse, calmamente — Estamos enfraquecidos. Todas as sete Cortes. Com ainda mais desavenças uns com os outros e com o resto do mundo desde a guerra. Se Montesere e Vallahan marcharem sobre nós, se Rask se juntar a eles, nós não vamos resistir. Não com Beron já voltado contra nós e aliado com Briallyn. Não se Tamlin não conseguir dominar sua culpa e sua dor e voltar a se tornar o que ele uma vez foi.

Cassian aproveitou o gancho, fechando suas asas. — Mas uma terra unida sob um rei e uma rainha, armados com tal poder e objetos... Nossos inimigos hesitariam.

Rhys rosnou — Se você acredita por um momento que Feyre estaria remotamente interessada em ser Grã-Rainha, você está delirando.

Amren disse — Feyre veria isso como um mal necessário. Para poupar sua criança de nascer na guerra, ela faria o necessário.

— E eu não faria? — exigiu Rhys, se erguendo. — Eu não serei Grão-Rei. Eu não vou considerar a possibilidade, nem hoje e nem daqui a um século.

Amren olhou para a grande espada, ainda girando lentamente acima deles. — Então me explique por que, após milhares de anos, objetos que outrora coroaram e ajudaram os antigos feéricos retornaram. A última vez que um Grão-Rei governou Prythian, ele estava com uma *espada mágica* na mão. Olhe para essa espada diante de você, Rhysand, e me diga que não é um sinal do próprio Caldeirão.

A respiração de Cassian ficou presa em sua garganta. — Foi uma casualidade, Amren. Nestha não fez de propósito.

Amren sacudiu a cabeça, o cabelo balançando. — Nada é um acaso. A energia do Caldeirão flui através de Nestha, e poderia usá-la como um fantoche sem ela ter conhecimento. Ele queria que essas armas fossem Feitas, e assim foram Feitas. Ele queria que Rhysand as tivesse e assim o ferreiro as trouxe até você. Para você, Rhysand, não para Nestha. E não se esqueça de que Nestha pessoalmente, e Elain, com quaisquer poderes que ela tenha, estão aqui. Feyre está aqui. Todas as três irmãs abençoadas pelo destino e dotadas de poderes para igualar os seus próprios. Feyre sozinha dobra sua força. Nestha o torna imparável. Especialmente se ela marchasse em batalha usando a Máscara. Nenhum inimigo poderia resistir contra ela. Ela mataria os soldados de Beron, depois os ressuscitaria dos mortos e os viraria contra ele.

O sangue do Cassian gelou. Sim, Nestha seria imparável. Mas o que custaria à sua alma?

Rhys lançou um olhar frio para Amren. — Eu não vou entreter essa ideia ridícula por nem mais um momento.

Cassian sabia que eles tinham sido dispensados. Ele acenou com a cabeça para Az, que o seguiu em direção às portas. Eles fizeram uma pausa, no entanto, quase embaixo da soleira da porta. Olharam para seu irmão, seu Grão-Senhor, agora sentado sozinho em sua mesa. O peso de tantas escolhas pesando tanto em seus ombros largos, abaixando suas asas.

— Muito bem, então, Rhysand. — Amren também se afastou da mesa e das lâminas que a magia de Rhys agora embainhava e depositava sobre a superfície. — Mas saiba que a benevolência do Caldeirão só será estendida a você por pouco tempo antes de ser oferecida a outro.

43

Inspirando o aroma doce e inebriante do arbusto lilás florescendo atrás deles, Nestha olhou de soslaio para Cassian. Ela podia jurar que ele se coçava sutilmente sempre que ela se virava para admirar a beleza e a paz da floresta da Corte Primavera.

Rhys os atravessou até ali, silencioso e impassível, então desapareceu. No entanto, Cassian não parecia incomodado com isso, então Nestha não perguntou. Especialmente não enquanto esperavam que Eris aparecesse a qualquer momento.

Nestha fingiu olhar rumo a um espinheiro de rosas, em seguida, virou a cabeça para trás na direção de Cassian para encontrá-lo, realmente coçando os braços. — O que há de errado com você?

— Eu odeio este lugar — Ele murmurou, corando. — Alergias.

Nestha engoliu uma risada. — Você não precisa esconder isso de mim. No reino humano, eu costumava ficar com tanta coceira que precisava tomar dois banhos por dia para me livrar de todo o pólen. — Bem, antes que eles fossem para a cabana. Depois disso, Nestha teve a sorte de tomar banho uma vez por semana, graças ao incômodo de aquecer e transportar tanta água para a única banheira em um canto de seu quarto. Às vezes, ela e Elain até compartilhavam a mesma água do banho, tirando no palitinho para saber quem entraria em segundo lugar.

A garganta de Nestha se apertou e ela observou as flores de cerejeira balançando acima. Elain adoraria este lugar. Tantas flores, todas desabrochando, tanto verde — o verde claro e vibrante da grama nova — tantos pássaros cantando e um sol tão quente e cremoso. Nestha se sentiu

como uma nuvem de tempestade em meio a tudo. Mas Elain... a Corte Primavera foi feita para alguém como ela.

Pena que sua irmã se recusou a vê-la. Nestha teria dito a Elain para visitar este lugar.

E uma pena que o senhor que governava essas terras era um merda.

— Eris está atrasado — disse Nestha a Cassian. Eles estavam esperando há dez minutos. — Você acha que ele vem?

— Ele provavelmente está tomando um pouco de chá, gostando do fato de que estamos aqui, esperando por ele. — Cassian considerou. — Bem, ele só sabe que eu estou vindo. Mas ele vai gostar da ideia de me fazer esperar.

— Ele é um bastardo. — Nas poucas vezes que ela conheceu o filho do Grão-Senhor da Corte Outonal, Nestha detestou o homem de rosto frio e liso. Exatamente o tipo de pessoa que abandonaria Morrigan ferida na floresta.

— Você está falando de mim ou do bruto ao seu lado? — Uma voz profunda e suave disse das sombras de um corniso em crescimento.

E lá estava ele, como se seus pensamentos o tivesse conjurado. Eris estava vestido tão imaculadamente quanto Rhysand, nenhum fio de seu longo cabelo ruivo fora do lugar. Mas embora os traços angulares de Eris fossem bonitos, nenhuma luz brilhou em seus olhos. Nenhuma alegria.

Aqueles olhos pousaram em Nestha, passando de seu cabelo trançado para seu couro e para suas botas. — Olá, Nestha Archeron.

Nestha encontrou o olhar do macho. Ela não disse nada, deixando o desprezo frio congelar em seu olhar.

A boca de Eris se curvou para cima. Mas a expressão desapareceu quando ele se virou para Cassian. — Ouvi que você tem algo a me dizer sobre meus soldados.

Cassian cruzou os braços. — Boas e más notícias, Eris. Faça sua escolha.

— Más. Sempre as más primeiro. — O sorriso de Eris estava cheio de veneno.

— A maioria dos seus soldados estão mortos.

Eris apenas piscou. — E as boas notícias?

— Dois deles sobreviveram.

Nestha estudou cada mudança momentânea no rosto de Eris: raiva brilhando em seus olhos, desagrado em seus lábios franzidos, aborrecimento na vibração de um músculo em sua mandíbula. Como se inúmeras perguntas estivessem passando por sua mente. A voz de Eris permaneceu estável, no entanto. — E quem fez isso?

Cassian fez uma careta. — Tecnicamente, Azriel e eu fizemos. Seus soldados foram encantados pela Rainha Briallyn e Koschei para serem assassinos estúpidos. Eles nos atacaram no Pântano de Oorid, e não tivemos escolha a não ser matá-los.

— E mesmo assim dois sobreviveram. Quão conveniente. Presumo que eles receberam o tipo particular de interrogatório de Azriel? — A voz de Eris gotejava desdém.

— Nós só conseguimos conter dois. — disse Cassian com firmeza. — Sob a influência de Briallyn, eles eram praticamente raivosos.

— Não vamos mentir para nós mesmos. Você *apenas* se preocupou em conter dois, no momento em que sua sede de sangue de um bruto diminuiu.

Nestha viu vermelho com as palavras, e Cassian prendeu uma respiração.

— Fizemos o que podíamos. Havia duas dúzias deles.

Eris bufou. — Certamente havia mais que isso, e você poderia facilmente ter poupado mais de dois. Mas não sei por que esperava que alguém como você tivesse feito melhor.

— Você quer que eu me desculpe? — Cassian rosnou. O coração de Nestha começou a bater descontroladamente com a raiva escurecendo a voz dele, a dor iluminando seus olhos. Ele se arrependeu — ele não gostou de matar aqueles soldados.

— Você ao menos tentou poupar os outros ou apenas se lançou em um massacre? — Eris fervilhava.

Cassian hesitou. Nestha poderia jurar que viu as palavras acertarem o golpe. Não, Cassian não hesitou. Nestha sabia que não. Ele nunca hesitaria em salvar alguém que ele amasse de um inimigo. Não importava o que isso custasse a ele.

Nestha deu um passo mais perto de Eris. — Seus soldados atiraram uma flecha de freixo que atravessou as asas de Azriel.

Os dentes de Eris brilharam. — E você se juntou a este massacre também?

— Não. — ela disse francamente. — Mas eu me pergunto: Briallyn armou os soldados com aquelas flechas de freixo ou elas vieram de seu arsenal particular?

Eris piscou, a única confirmação necessária para ela. — Essas armas são proibidas, não são? — Ela perguntou a Cassian, cujas feições permaneceram tensas. A conflagração dentro dela queimou mais quente, mais elevada. Ela voltou sua atenção para Eris. Se ele podia brincar com Cassian, ela retribuiria o favor. — Para quem você estava armazenando essas flechas? — Ela refletiu. — Inimigos no exterior? — Ela sorriu ligeiramente. — Ou um inimigo em casa?

Eris segurou seu olhar. — Não sei do que você está falando.

O sorriso de Nestha não vacilou. — Uma flecha de freixo no coração mataria um Grão-Senhor?

O rosto de Eris empalideceu. — Você está desperdiçando meu tempo.

Nestha encolheu os ombros. — E você está desperdiçando o nosso. Pelo que sabemos, você convenceu seus soldados a nos matar. Alegou que seus cães encontraram odores no local de seu desaparecimento que o ligava a Briallyn e então mentiu sobre a aliança de Beron. Talvez você até tenha feito o pai de Morrigan atrasar sua visita a Velaris como uma peça em um grande esquema para ganhar nossa confiança. Tudo parte do seu jogo.

O olhar de Cassian era um toque físico em seu rosto, mas ela manteve sua atenção em Eris com o dorso rígido. — Se você quer brincar de fomentador da guerra, vá em frente, Eris. — Seu sorriso se alargou. — Eu gosto de um oponente interessante.

— Eu não sou seu inimigo. — Eris cuspiu as palavras, e Nestha sabia que ela tinha vencido. Pelo toque dos dedos de Cassian nas costas dela, ele também sabia.

Cassian disse — Lamento não ter conseguido salvar mais de seus soldados, Eris. Eu realmente lamento. Os dois restantes serão devolvidos a você hoje, embora permaneçam sob o domínio da Coroa. Mas também não sou seu inimigo. Briallyn e Koschei são nossos inimigos — de nós dois. Se as famílias desses soldados precisarem de alguma coisa, terei o maior prazer em dar o que puder para ajudá-los.

Algo como orgulho floresceu nela com as palavras sinceras de Cassian. Ele daria tudo o que tinha para essas famílias, se isso corrigisse o erro.

Eris olhou entre eles. Notou a mão em suas costas. O que Cassian deixou exposto.

Eris disse a Nestha com um sorriso malicioso — Você é um lindo presentinho. Eu ficaria feliz em jogar qualquer tipo de jogo com você, Nestha Archeron.

Os dedos de Cassian se apertaram em suas costas. Eris parecia sentir isso também. Cassian tinha alguma ideia das coisas que ele deixou vulneráveis para pessoas como Eris atacar? Ele vivia muito honestamente, muito corajosamente, para notar ou se importar. Ela não poderia deixar de admirá-lo.

— Quando você se cansar do animal — Eris disse a ela, sacudindo o queixo em direção a Cassian — Venha me encontrar. Eu vou te mostrar como um futuro Grão-Senhor joga.

Cassian rosnou abrindo a boca, mas parou.

Eris ficou imóvel também.

Nestha sentiu isso um batimento cardíaco depois. A presença rastejando em direção a eles com suaves patas.

Cassian a empurrou para atrás dele, assim que a besta de pêlos dourados com cachos de chifres pulou de trás das amoreiras, caindo na clareira da floresta.

Ela nunca esqueceria aquela besta. Como aquilo quebrou a porta de sua cabana e a aterrorizou até os ossos. Como tudo que ela foi capaz de pensar era proteger Elain enquanto Feyre agarrou a faca para enfrentar aquilo. Enfrentar ele.

Tamlin.

Olhos verdes os avaliaram. Olhado Eris. Então Cassian. Então ela.

Tamlin rosnou, baixo e profundo, e os sifões de Cassian chamejaram. — Já estávamos de saída — disse Cassian com calma constante, estendendo a mão para a Nestha. Ele os lançaria pelo ar. Mas ele seria rápido o suficiente para evitar as garras de Tamlin? Ou o poder?

O olhar de Tamlin permaneceu nela. Furioso e odioso.

Este era o macho, a besta, que sua irmã amou uma vez. Desistiu de tudo, incluindo sua vida mortal, para salvar. Quem então pegou seu amor e o torceu, quase quebrando Feyre no processo. Até o Rhys. Até Cassian e outros ajudarem a trazê-la de volta. Ajudarem ela a aprender a se amar mais uma vez.

Nestha não se importou que ele tivesse vindo para ajudar durante a batalha final com Hybern. Tamlin havia machucado Feyre. Imperdoavelmente.

Isso nunca a preocupou antes. A irritou, sim, mas... Nestha encontrou-se contraindo os dedos. Seus lábios se separaram dos dentes enquanto ela rosnava.

Sua irmã mais nova tinha sido levada por este homem porque a própria Nestha não tinha sido capaz de enfrentá-lo. Tamlin até olhou para ela e *perguntou* se ela iria no lugar de Feyre. E ela disse não, porque ela era odiosa, horivelmente covarde.

Ela não seria uma covarde agora.

Nestha deixou uma brasa de seu poder brilhar em seus olhos. Deixando Tamlin ver enquanto ela disse — Você não vai nos tocar.

— Tenho todo o direito de matar invasores em minha terra. — As palavras eram guturais, quase impossíveis de entender. Como se Tamlin não tivesse falado há algum tempo.

— Estas ainda são suas terras? — Nestha perguntou friamente, saindo de trás de Cassian. — Pelo o que ouvi, você não se preocupa mais em governá-la mais.

Eris permaneceu totalmente imóvel. Ele foi pego se encontrando com eles, ela percebeu. Se Tamlin contasse a alguém...

Nestha disse — Eu sugiro que você mantenha sua boca fechada sobre isso.

Tamlin se eriçou, os pelos aumentando. — Você é exatamente tão desagradável quanto sua irmã disse que era.

Nestha riu. — Eu odiaria decepcionar.

Ela sustentou seu olhar esmeralda, sabendo que as chamas prateadas cintilavam nas dela.

— Eu entrei no caldeirão por sua causa. — Ela disse suavemente, e poderia ter jurado que o trovão resmungou ao longe. Cassian e Eris desapareceram. Havia apenas ela e Tamlin, apenas esta besta, e o que ele tinha feito a ela e a família dela.

— Elain entrou no caldeirão por sua causa. — Nestha continuou. A ponta de seus dedos aqueceu, e ela sabia que se olhasse para baixo, encontraria brasas prateadas queimando lá. — Eu não me importo com o quanto você se desculpe ou tente reparar ou tente alegar que você não sabia que o rei de Hybern faria tal coisa ou que você implorou para que ele não fizesse aquilo. Você conspirou com ele. Porque você pensou que Feyre era sua *propriedade*.

Nestha apontou para Tamlin. O chão tremeu.

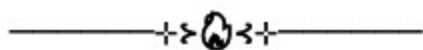
Cassian praguejou atrás dela.

Tamlin encolheu-se de seu dedo estendido, as garras cravadas na terra. — Abaixе esse dedo, sua bruxa.

Nestha sorriu. — Estou feliz que você se lembre do que aconteceu com a última pessoa para quem eu apontei. — Ela abaixou o braço. — Estamos indo agora.

Ela recuou para onde Cassian estava a esperando de braços abertos. Ele as enrolou em torno da cintura dela. Nestha olhou para Eris, que deu a ela um aceno superficial e aprovador, então desapareceu.

Nestha disse a Tamlin antes de dispararem para o céu — Diga a alguém que nos viu, Grão-senhor, e vou arrancar sua cabeça de seu corpo também.



Nestha olhou para o poço de escuridão no fundo da biblioteca.

Ela não conseguia dormir, mal conseguia evitar o retorno ao encontro com Tamlin o dia todo. Cassian tinha voado para a casa do rio, e não tinha retornado. Talvez Rhys tivesse ido garantir o silêncio de Tamlin sobre o que estavam tramando com Eris. Talvez Rhys fizesse um favor a todos eles e transformasse a mente de Tamlin em gelatina.

Nestha descansou os braços na grade do Nível Cinco, deixando a cabeça cair. Tão tarde, ninguém estava acordado, e ela não sabia onde ficavam os dormitórios, então ela não poderia procurar Gwyn. Não que ela quisesse acordar sua amiga. Ela duvidava que Gwyn quisesse ouvir seus problemas de qualquer maneira.

Um copo de leite morno apareceu na grade ao lado dela.

Nestha olhou para a biblioteca escura. — Obrigada — disse ela para a Casa.

A Corte Primavera parecia estagnada. Oca. Vazia apesar da crescente vida. Mas esta Casa estava viva. Ela a acolheu, queria que ela crescesse e florescesse. Era um lugar onde ela poderia descansar ou explorar, onde ela poderia ser quem quisesse ou o que quisesse.

Era isso que lar era? Ela nunca tinha aprendido. Mas este lugar... Sim, *lar* era um bom nome para isso. Talvez tenha sido isso que Feyre sentiu, também, quando ela deixou a Corte Primavera e veio para essas terras. Talvez Feyre tivesse se apaixonado tanto pela corte quanto por seu governante.

Algo se mexeu na escuridão abaixo. Nestha se endireitou, leite esquecido.

Lá. No coração do poço negro, como um fio de fumaça... algo se mexeu.

Parecia expandir e contrair, pulsando em uma batida selvagem.

— Achei que fosse encontrar você aqui. Bem, aqui ou nas escadas da cidade.

A voz de Cassian soou atrás dela, e Nestha girou.

Ele ficou em alerta, mas Nestha olhou por cima do ombro em direção à escuridão. Nada.

Tinha sumido. Ou ela tinha imaginado.

— Não é nada — disse ela enquanto ele olhava por cima do parapeito. — Apenas sombras.

Cassian soltou um suspiro, encostando-se na grade. — Não consegue dormir?

— Fico pensando em Tamlin.

— Você se saiu bem com ele. E você se saiu bem contra Eris também. Eu não acho que ele vai esquecer disso em breve.

— Ele é uma cobra.

— Que bom que concordamos em algo.

Nestha bufou uma risada. — Eu não gostei dele falando com você daquele jeito.

— É assim que muitas pessoas falam comigo.

— Isso não significa que seja certo. — Ela tinha falado com ele assim. Ela tinha falado coisas muito piores a Cassian do que Eris tinha. Sua garganta se apertou.

Mas ela disse — Não posso acreditar que Feyre alguma vez amou Tamlin.

— Tamlin nunca a mereceu. — Cassian colocou a mão nas costas dela.

— Não. — Nestha novamente olhou para escuridão abaixo. — Ele nunca a mereceu.

— Alguém poderia me lembrar por que isto foi uma boa ideia? — Gwyn ofegou ao lado de Nestha, suor ao longo de seu rosto enquanto elas repetiam o treino básico com a espada.

— Lembre-me também. — Emerie grunhiu. Nestha, muito cansada para falar, simplesmente grunhiu com ela.

Cassian riu, e o som reverberou por todo o seu corpo. Ele havia ido para a biblioteca na noite anterior e a pegado pela mão, levando-a até o quarto dela, seus olhos ainda suaves. Mas isso havia desaparecido quando ele havia espiado e visto uma cópia dos capítulos de Gwyn sobre as Valquírias na mesa de Nestha. Ela tinha lido sobre eles, ela explicou, quando ele pegou as páginas e folheou através delas.

Sua única resposta foi beijá-la profundamente antes de deitar-se em sua cama, posicionando-a acima do rosto dele, para que ele pudesse banquetear-se com ela, sem pressa. Nestha aguentou por um minuto até que ela precisasse tocá-lo, e se moveu, deixando-o continuar a devorá-la, enquanto ela esticava o corpo e levava o pau dele para a própria boca.

Ela nunca tinha feito isso — foder e ser fodida — e ele gozou em sua língua pouco antes que ela fizesse o mesmo n

a dele. Eles esperaram por pouco tempo, ofegando em silêncio na cama dela, antes que ela subisse sobre ele, acariciando-o com a mão e depois fazendo o mesmo com a boca, e quando ele estava pronto, rígido novamente, ela se afundou nele, preenchendo-se com cada centímetro maravilhoso e espesso. Com ele se esticando e preenchendo-a tão deliciosamente, ela atingiu o clímax rapidamente. Ele tinha sentido o prazer dela junto com o seu, agarrando seus quadris e afundando-se mais

profundamente dentro dela, atingindo o ponto G perfeito e fazendo com que ela novamente chegasse ao clímax.

Ela estava ligeiramente, agradavelmente dolorida esta manhã, e ele piscou o olho para ela do outro lado da mesa do café da manhã, como se estivesse consciente de como certas partes estavam doloridas mesmo enquanto ela estava sentada.

Não havia vestígios daquela satisfação presunçosa agora, quando Cassian disse a elas — Eu pensei que hoje seria um bom dia para começar a estrela de oito pontas, mas se você já está reclamando, podemos esperar até a próxima semana.

— Não estamos reclamando. — disse Gwyn, sugando o ar para dentro de seus pulmões. — Você está apenas correndo com o nosso treinamento.

As mais novas sacerdotisas que treinavam com Az já estavam se balançando sobre as pernas exaustas.

Cassian percebeu o olhar de Nestha — Que unidade de Valquírias que você tem, não é mesmo?

Gwyn se virou para Nestha. — Você contou para ele?

— Não — Nestha e Cassian falaram juntos. Cassian acrescentou — Você acha que eu não notei as técnicas de respiração que permitem que você tenha aquele olhar calmo e firme, mesmo quando eu e Az estamos irritando você? Com certeza eu não lhe ensinei isso. Consigo reconhecer uma Mente-Silenciosa a um quilômetro de distância.

Elas apenas o olharam de relance. Então Gwyn perguntou — Você conhece essa técnica?

— Claro que conheço. Eu lutei ao lado das Valquírias na Guerra.

O silêncio atordoado tomou o local. Nestha tinha esquecido da idade desses feéricos, o quanto Cassian tinha visto e vivido. Ela limpou sua garganta.

— Você conheceu as Valquírias pessoalmente?

Gwyn deixou sair um barulho agudo que não era nada além de pura excitação. Azriel, do outro lado do ringue com o resto das sacerdotisas, deu uma meia-volta ao ouvir isso, as sobrancelhas arqueadas.

O Cassian deu um sorriso.

— Eu lutei ao lado das Valquírias por cinco batalhas. Porém, isso parou na Batalha da Passagem de Meinir. — Seu sorriso sumiu. — Quando a maioria delas morreu para salvá-lo. As Valquírias sabiam que era uma missão suicida desde o início.

Azriel voltou ao seu treinamento, mas Nestha teve a sensação de que o encantador de sombras estava monitorando cada palavra, cada gesto de seu irmão.

Até Gwyn parou de sorrir.

— Por que eles lutaram, então? Todos lá sabiam que seria um massacre. Eu nunca consegui encontrar nada sobre a política por trás disso.

— Eu não sei. Eu era um novato da legião Illyriana; Eu não tinha conhecimento de nenhuma das discussões dos líderes. — Ele olhava para Nestha, que o observava. — Mas eu tinha... amigas que se foram naquele dia. — A maneira como ele hesitou em *amigas* a fazia pensar se alguma tinha sido mais do que isso. E mesmo que fossem honradas, mortas, algo ruim havia se retorcido em seu peito.

— As Valquírias lutavam quando nem mesmo os homens mais corajosos o fariam. Os Illyrianos tentaram esquecer isso. Eu lutei contra os homens que eram meus superiores, tentando convencê-los a ajudar as Valquírias. Eles me bateram sem motivo, me acorrentaram a uma carroça de suprimentos e me deixaram lá. Quando cheguei lá, a batalha tinha acabado e as Valquírias estavam mortas.

Este era o macho que ela havia levado para sua cama, que havia saído de novo ontem à noite sem dar um beijo de despedida.

— Por que você não mencionou isso quando viu as páginas sobre elas na minha mesa?

— Você não perguntou. — Ele desembainhou sua lâmina illyriana. — Chega de histórias. — Ele desenhou quatro linhas na terra, todas se cruzando para formar uma estrela de oito pontas. — Esse é o seu mapa para golpear com uma espada. Estas oito manobras. Vocês aprenderam seis delas. Vocês aprenderão as outras duas hoje, e nós começaremos com as combinações.

Gwyn perguntou — Por que não usamos as técnicas das Valquírias, se você as admirava tanto?

— Porque eu não as conheço.

Nestha sorriu.

— Se vamos ser as Valquírias renascidas — disse ela — talvez devêssemos combinar as técnicas Illyrianas e as das Valquírias.

Ela estava brincando, mas as palavras ressoaram pelo espaço, como se ela tivesse dito alguma grande verdade, algo que fez o destino se acomodar. Azriel virou-se totalmente para elas desta vez, e seus olhos se estreitaram. Como se aquelas sombras tivessem sussurrado algo para ele.

Um arrepio percorreu a espinha de Nestha.

Cassian olhou fixamente para o rosto deles. Como se ele tivesse visto algo que não havia percebido antes.

Por fim, ele disse de modo grosseiro — Hoje, aprendemos técnicas Illyrianas. — Ele acenou com a cabeça para Gwyn. — Amanhã, você me traz qualquer informação que tenha sobre as técnicas das Valquírias.

— É uma quantidade enorme. — disse Gwyn. — Merrill está escrevendo um livro sobre isto. Eu poderia lhe conseguir uma cópia do manuscrito atual, já que ele tem a maior parte das informações em um só lugar.

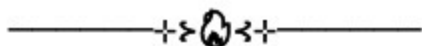
Cassian parecia ganhar o controle de qualquer emoção que tivesse tomado conta dele, pois esfregou a mandíbula. O sangue de Nestha bombeava em resposta.

— Algo novo. — disse ele, mais para si mesmo do que para elas. — Algo antigo tornando-se algo novo.

Ele sorriu novamente e Nestha encontrou a sua boca tremendo para responder com um sorriso.

Especialmente enquanto os olhos de Cassian brilhavam.

— Muito bem, senhoritas. Primeira lição sobre Valquírias: elas não se queixam de estarem suadas.



— Valquírias? — Feyre perguntou do outro lado da mesa de jantar da Casa do Rio, com o garfo na frente dos lábios. — Sério?

— Sério. — disse Cassian, bebericando do vinho no jantar daquela noite. Ele tinha vindo até a mansão para discutir o que fazer com as armas que Nestha tinha feito; para saber qual seria o voto de Feyre. Ela não tinha hesitado antes de dizer que Nestha deveria ser informada. Mas quando ela se ofereceu para dizer a ela, Cassian interviu. Ele diria a ela quando fosse o momento certo.

A única que não tinha votado era Mor, que permaneceu em Vallahan, para continuar persuadindo seus governantes a assinar o novo tratado, sua ausência marcada por um lugar de honra à mesa.

— Nunca ouvimos falar delas nas terras humanas. — disse Elain. Ela tinha ficado tão entusiasmada quanto Feyre ao ouvir Cassian falar disso: primeiro do interesse de Nestha e das outras, depois da breve história das guerreiras. — Elas devem ter sido criaturas temíveis.

— Algumas eram tão adoráveis quanto você, Elain. — disse Rhys do lado de Feyre. — Por fora, mas uma vez que entraram na arena de batalha, tornavam-se tão sedentas por sangue quanto Amren.

Amren levantou seu copo em saudação.

— Eu gostava daquelas fêmeas. Nunca deixavam um macho mandar nelas, embora eu pudesse ter lutado sem seu Rei tolo. Ele é tão culpado por suas mortes quanto os Illyrianos que se afastaram durante aquela batalha.

— Eu não posso discutir com isso. — disse Cassian. Ele demorou muito, muito tempo para superar aquela batalha. Ele nunca voltou àquela passagem nas montanhas Gollian, mas rumores diziam que suas rochas permaneciam estéreis, como se a terra ainda lamentasse as mulheres que haviam dado suas vidas sem hesitação, que haviam rido da morte e abraçado a vida tão plenamente. Sua primeira amante além das fronteiras da Corte Noturna tinha sido uma das Valquírias; uma fêmea de coração ousado chamada Tanwyn, com um sorriso que era como uma tempestade. Ela tinha cavalgado naquela batalha à frente das Valquírias e nunca tinha saído da passagem. Cassian acrescentou após um momento — Nestha teria se encaixado bem com elas.

— Eu sempre pensei que ela tivesse nascido do lado errado do muro. — admitiu Elain. — Ela transformou os salões de baile em campos de batalha e conspirou como qualquer general. Como vocês dois. — disse ela, acenando para Cassian, e depois, um pouco mais timidamente, para Azriel.

Azriel lhe ofereceu um pequeno sorriso, do qual Elain rapidamente desviou o olhar. Cassian escondeu o questionamento em seu olhar. Lucien certamente não estava ali para rosnar para qualquer homem que olhasse para ela por muito tempo.

Feyre, finalmente, deu uma mordida sincera em sua comida.

— Nestha é uma loba que esteve trancada em uma jaula a vida inteira.

— Eu sei — disse Cassian. Ela era um lobo que nunca havia aprendido como *ser* um lobo, graças àquela jaula que os humanos chamam de

costumes e sociedade. E, como qualquer animal maltratado, ela mordida qualquer um que se aproximasse. Ainda bem que ele gostava de ser mordido. Ainda bem que ele apreciava os hematomas e arranhões que ela deixava em seu corpo todas as noites, e que o fato de ela se soltar quando ele estava dentro dela fazia com que ele quisesse responder da mesma forma.

Elain inclinou-se para frente.

— Você só pensa que sabe, você não a viu na pista de dança. É quando Nestha realmente deixa o lobo vaguear livre. Quando há música.

— Sério? — Nestha *tinha* lhe dito uma vez, quando ele a arrastou para fora de uma taberna velha em particular, que ela estava lá pela a música. Ele a tinha ignorado, pensando que era uma desculpa.

— Sim. — disse Elain. — Ela foi treinada para dança desde muito jovem. Ela adora isso, e música. Não da maneira que eu gosto de uma valsa, mas da maneira que os artistas fazem dela uma arte. Nestha poderia parar um salão inteiro quando ela dançava com alguém.

Cassian pousou o seu vinho na mesa.

— Ela me mencionou aulas de dança há algumas semanas. — Ele havia assumido que essas lições eram a razão pela qual Nestha havia rapidamente dominado seu treino de pés e equilíbrio, apesar de sua dificuldade inicial. A memória muscular devia ter permanecido intacta. Mas se a dança tivesse sido perfurada nela tão impiedosamente quanto ele tinha aprendido a lutar...

— Ela não teria entrado em muitos detalhes sobre isso. Nestha só tinha quatorze anos no último baile que fomos antes-bem, antes de nos tornarmos pobres... — Elain disse, balançando a cabeça. — Outra jovem herdeira estava no baile, e ela nitidamente me *odiava*. Ela era vários anos mais velha, e eu nunca tinha feito nada que provocasse seu ódio, mas acho que...

— Ela tinha ciúmes de sua beleza. — disse Amren, um sorriso divertido em seus lábios vermelhos.

— Talvez. — Elain corou.

Foi definitivamente isso. Apesar de Elain ter tido quase treze anos na época.

— Bem, Nestha viu como ela me tratou, suas crueldades e desdém, e deu seu tempo. Esperou até aquele baile, quando um lindo duque do continente estava lá para encontrar uma noiva. Sua família tinha ficado sem dinheiro, e foi por isso que ele se deu o trabalho de ir até lá para arrumar uma noiva rica para reabastecer os cofres de sua propriedade. Nestha sabia que a herdeira estava de olho nele. A garota tinha se gabado disso para todos nós no salão em cada baile durante as semanas que se antecederam.

— Nestha gastou uma pequena fortuna em seu vestido e jóias para aquela noite. Nosso pai sempre tinha muito medo dela para dizer não, e naquela noite... Bem, ela realmente parecia a filha do Príncipe dos Mercadores. Um vestido de seda cor de ametista com fio de ouro, diamantes e pérolas no pescoço e nas orelhas... — Elain suspirou. Tamanha riqueza. Cassian nunca havia se dado conta da riqueza que elas possuíram e perderam.

— O baile inteiro parou quando ela entrou — disse Elain. — Ela fez uma entrada, perfeitamente fria e distante, mesmo aos quatorze anos. Ela mal olhou na direção do duque. Porque ela também tinha aprendido sobre ele. Sabia que ele ficava entediado de qualquer uma que o perseguisse. E sabia que a riqueza que ela vestia naquela noite ofuscava qualquer coisa que a herdeira estivesse vestindo.

Amren estava sorrindo agora.

— Nestha tentou ganhar um duque por ressentimento? Aos quatorze anos?

Elain não sorriu.

— Ela o atraiu para convidá-la para uma dança com alguns olhares bem colocados no salão de baile. A mesma valsa que a herdeira queria para si mesma, que tinha se vangloriado que seria tudo o que ela precisava para garantir a proposta de casamento dele. Nestha lhe *roubou* essa dança. E então roubou o duque dela também. Nestha dançou naquela noite como se ela fosse uma de vocês.

— Se você visse a dança de Cassian — Rhys murmurou — isso não quer dizer muita coisa.

Cassian fez um gesto vulgar para seu Grão-Senhor enquanto Feyre e Azriam.

Elain continuou, voz abafada com quase reverência — O duque foi vaidoso, e Nestha brincou com isso. A sala inteira parou. A dança deles era tão boa; ela estava tão bonita. E quando terminou... Eu sabia que ela era uma artista nisso. Da mesma forma que Feyre é. Mas o que Feyre faz com tinta, é o que Nestha faz com a música e a dança. Nossa mãe viu isso quando éramos crianças, e a aperfeiçoou como uma arma. Tudo isso para que Nestha um dia se casasse com um príncipe.

Cassian congelou. Um príncipe — era isso o que Nestha queria? O estômago dele se apertou.

— O que aconteceu com o duque? — perguntou Azriel.

Elain fez uma careta. — Ele a propôs em casamento na manhã seguinte.

Rhys engasgou-se com seu vinho. — Ela tinha quatorze anos.

— Eu lhe disse: Nestha é uma dançarina *muito* boa. Mas foi o que meu pai disse: ela era muito jovem. Era uma saída graciosa, pois meu pai, apesar de suas falhas, conhecia Nestha bem. Ele sabia que ela havia zombado daquele duque para fazer uma oferta de casamento apenas para punir a herdeira por sua crueldade para comigo. Nestha não tinha nenhum interesse nele, sabia que ela era muito jovem. Mesmo que o duque parecesse mais interessado em apenas... reservá-la até que ela tivesse idade suficiente. — Elain estremeceu de desgosto. — Mas eu acho que uma parte de Nestha acreditava que um dia ela se casaria com um príncipe. Então o duque foi para casa sem noiva e aquela herdeira... Bem, ela era uma das pessoas que se encantou com nossas desventuras.

— Eu tinha esquecido. — murmurou Feyre. — Sobre isto, e sobre sua dança.

— Nestha nunca mais falou sobre isso depois. — disse Elain. — Eu acabei de perceber.

Nestha estava errada, percebeu Cassian, ao pensar que Elain era tão leal e amorosa como um cão. Elain viu tudo o que Nestha tinha feito, e entendeu porquê.

Amren perguntou incisivamente — Então sua mãe usou as alegrias criativas de Nestha para ascender socialmente?

— Nossa mãe não era o que se chamaria de uma pessoa agradável — Feyre interveio. — Nestha fez suas próprias escolhas, mas nossa mãe preparou o terreno.

Elain acenou com a cabeça, dobrando as mãos no colo.

— Por isso estou muito contente de ouvir falar desse negócio das Valquírias. Estou feliz que Nestha encontre novamente interesse em algo. E que possa canalizar tudo... *isso* para o treino. — *Isso*, sabia Cassian, significava sua raiva, sua lealdade feroz e inabalável àqueles que amava, seus instintos de lobo e sua capacidade de matar.

Eles passaram para assuntos muito mais alegres, mas Cassian pensou sobre isso durante toda a noite. A luta foi apenas uma parte disso. O treinamento a sustentaria, canalizaria aquela raiva, mas tinha que haver mais. Tinha que haver alegria.

Tinha que haver música.

45

— Eu acho que as Valquírias eram ainda mais sádicas do que os Illyrianos.

— Gwyn grunhiu, e Nestha pôde ver as pernas da sacerdotisa tremendo enquanto mantinha a pose que tinha sido ilustrada num dos seus muitos volumes de pesquisa. — Nenhuma quantidade de mantra vai me vai fazer passar por estes exercícios. Qual foi a frase que eles usaram? *Eu sou a rocha contra a qual a maré quebra*. Mas uma rocha nunca teve de segurar um agachamento.

— Isto é ultrajante. — concordou Emerie, com os dentes rangidos.

Cassian, de forma ociosa, virou uma longa adaga na sua mão. — Eu avisei que elas eram duras na queda.

Nestha arfou pelos dentes a um ritmo constante. — Talvez eu quebre minhas pernas.

— Vocês três ainda têm... Vinte segundos. — Cassian olhou para o relógio que Azriel tinha arrastado da Casa e deixado na mesa da estação de água. O encantador de sombras estava longe hoje, mas as sacerdotisas que ele costumava treinar tinham sido deixadas com um plano de aula rigoroso.

As pernas de Nestha tremiam e queimavam, mas ela enraizou as suas forças através dos dedos dos pés, concentrando-se na sua respiração, na sua respiração, na sua respiração, tal como o tal mantra a tinha obrigado a fazer. Ela procurou aquele lugar de calma, onde podia estar além dos seus pensamentos de dor e do seu corpo trêmulo, e estava tão perto, tão perto, que se ela pudesse se concentrar, respirar mais profundamente...

— Pausa — declarou Cassian, e as três caíram sobre a terra. Ele riu de novo. — Patético.

— Você deveria tentar — Gwyn arfou, jogada sobre a terra. — Acho que nem você conseguiria sobreviver a isto.

— Graças às passagens que me enviou ontem à noite, eu estava aqui ao amanhecer fazendo os exercícios eu mesmo — disse ele. Nestha levantou as sobrancelhas. Ele não tinha comparecido ao jantar, e não a tinha procurado, mas ela já estava cansada o suficiente depois de algumas noites de pouco sono, que não se tinha importado. — Pensei que se eu vou torturar as três, eu deveria pelo menos ser capaz de sobreviver a isso. — Ele piscou. — Para o exato momento em que você reclamasse que eu deveria sofrer junto com vocês.

— Não é à toa que você tem esse corpo — Emerie murmurou, virando-se para se deitar de costas e olhar para o céu estaladiço de outono. Os dias tinham desistido de qualquer tentativa de estar quente, embora o verdadeiro frio ainda não tivesse se instalado. O sol oferecia um grão de calor contra a brisa fria, um calor amanteigado que Nestha saboreou enquanto ela, também, se deitava de costas.

— Vou tomar isso como um elogio — O seu sorriso apertou algo baixo no estômago de Nestha.

Ele flagrou Nestha encarando-o e esse sorriso tornou-se um pouco mais consciente. Mas ele apenas lhe disse. — Se você fosse nomear uma espada, como a chamaria?

Gwyn respondeu, apesar de não lhe ter sido perguntado — Majestade de Prata.

Emerie bufou. — Sério?

Gwyn exigiu. — Como *você* chamaria?

Emerie considerou. — Matadora de inimigos, ou algo assim. Alguma coisa intimidante.

— Isso não é melhor!

A boca de Nestha se curvou para cima em sua provocação. Gwyn olhou para ela, olhos azuis brilhando. — Qual deles é pior: Matadora de inimigos ou Majestade de Prata?

— Majestade de prata. — disse Nestha, e Emerie soltou um grito de vitória. Gwyn acenou com uma mão, vaiando.

— Que nome você daria? — Cassian perguntou a Nestha novamente.

— Porque você quer saber?

— Me impressione.

Ela levantou uma sobrancelha. Mas depois disse, com toda a sinceridade. — Assassina.

Ele ergueu suas sobrancelhas.

Nestha encolheu os ombros. — Não sei. É necessário dar nome a uma espada?

— Apenas me diga: se tivesse de nomear uma espada, como você a chamaria?

— Você vai dar uma para ela como presente de Solstício de Inverno? — perguntou Emerie.

— Não.

Nestha escondeu o seu sorriso. Ela adorava isto — quando as três se juntavam contra ele, como leões em torno de uma carcaça muito musculosa e muito atraente.

— Então por que insistir tanto na pergunta? — disse Gwyn.

Cassian fez uma careta. — Curiosidade.

Mas o seu maxilar apertou. Não era isso. Havia algo mais. Porque ele queria que ela nomeasse uma espada?

— De volta ao trabalho — disse ele, batendo palmas. — Por toda essa insolência, vocês vão fazer o dobro do tempo no agachamento da Valquíria.

Emerie e Gwyn gemeram, mas Nestha observou Cassian por mais um momento antes de seguir o seu exemplo.

Ela ainda estava resmungando quando terminaram duas horas mais tarde, encharcadas em suor, pernas tremendo. Emerie e Gwyn retomaram a sua conversa anterior e apontaram para a estação de água.

Nestha viu as duas irem embora, e depois virou-se para Cassian. — Por que você estava tão insistente para eu nomear uma espada?

Os seus olhos permaneceram em Gwyn e Emerie. — Eu só queria saber o que nome daria a uma.

— Isso não é uma resposta. Por que você quer saber?

Ele cruzou os braços, depois os descruzou. — Lembra de quando fomos ao ferreiro?

— Sim. *Ele* está me dando uma espada de Solstício de Inverno?

— Ele te deu três. As que você tocou.

Ela arqueou uma sobrancelha.

Ele bateu com o pé no chão. — Quando martelou aquelas lâminas, as encheu — as duas espadas e a adaga — com o seu poder. O poder do Caldeirão. Agora são lâminas mágicas. E não estou falando de magia simpática e bonita. Estou falando de magia grandiosa e antiga que já não se vê há muito, muito tempo. Não há mais armas mágicas. Nenhuma. Ou foram perdidas ou destruídas ou despejadas no mar. Mas você acabou de Fazer três delas. Criou um novo Tesouro da Morte. Poderia criar ainda mais objetos, se você quisesse.

As suas sobrancelhas subiram mais com cada palavra absurda. — Eu Fiz três armas mágicas?

— Nós ainda não sabemos que tipo de magia elas têm, mas sim.

Ela inclinou a sua cabeça. Emerie e Gwyn pararam a sua conversa na estação de água, como se pudessem ver ou sentir a mudança nela. E não foi o fato de ela ter fabricado estas armas que a chamou a atenção.

— Quem é 'nós'?

— O quê?

— Você disse 'Não sabemos que tipo de magia eles têm'. Quem é 'nós'?

— Rhys e Feyre e os outros.

— E há quanto tempo todos vocês sabem disto?

Ele encolheu-se ao perceber o seu erro. — Eu... Nestha...

— Quanto tempo? — A sua voz tornou-se afiada como vidro. As sacerdotisas estavam observando, e ela não se importou.

Aparentemente, ele se importou. — Este não é o lugar para falar sobre isso.

— É você que está tentando me convencer a nomear uma espada no meio do treino! — Ela fez um gesto para o ringue de treinamento.

O seu sangue martelou nos ouvidos, e o rosto de Cassian se encheu de doro. — Isto não saiu como deveria. Discutimos se deveríamos te contar, mas fizemos uma votação e foi em seu favor. Porque confiamos em você. Eu apenas... Ainda não tinha tido oportunidade de falar nisso.

— Havia uma possibilidade de nem sequer me contar? Vocês sentaram por aí e me julgaram, e depois *votaram*? — Algo profundo no seu peito se quebrou ao saber que cada coisa horrível sobre ela tinha sido analisada.

— É... Porra. — Cassian esticou o braço para tocá-la, mas ela deu um passo atrás. Todos estavam olhando para eles agora. — Nestha, isso não é...

— Quem. Votou. Contra. Mim.

— Rhys e Amren.

A acertou como um golpe físico. Rhys não foi uma surpresa. Mas Amren, que sempre a tinha compreendido mais do que os outros; Amren, que não tinha tido medo dela; Amren, com quem tinha tido uma briga tão feia... Uma pequena parte dela esperava que Amren não a odiasse para sempre.

A sua cabeça ficou quieta. O seu corpo ficou quieto.

Os olhos de Cassian se arregalaram. — Nestha...

— Estou bem — disse ela friamente. — Eu não me importo.

Ela deixou-o vê-la fortificar aquelas paredes de aço dentro da sua mente. Usou cada bocadinho dos mantras que ela tinha praticado com Gwyn para se tornar calma, concentrada, estável. Inspirando pelo nariz, e expirando pela boca.

Ela fez questão de girar os seus ombros com floreios, de se aproximar de Emerie e Gwyn, cujos rostos estavam apertados de preocupação de uma forma que Nestha sabia não merecer, que desapareceria no futuro, quando elas também percebessem que miserável ela era. Quando Amren lhes dissesse que ela era um patético desperdício de vida, ou quando ouvissem de outra pessoa, e se cansassem de ser amigas dela. Ela se perguntava se elas lhe diriam isso na cara, ou se simplesmente desapareceriam.

— Nestha. — disse Cassian novamente. Mas ela deixou o ringue sem olhar de volta para ele.

Emerie se levantou instantaneamente, a seguindo pelas escadas abaixo. — O que aconteceu?

— Nada — disse Nestha, a própria voz estranha aos seus ouvidos. — Assuntos da Corte.

— Você está bem? — perguntou Gwyn, um passo atrás de Emerie.

Não. Ela não conseguia parar o rugido na sua cabeça, a rachadura no peito. — Sim. — ela mentiu, e não olhou para trás quando chegou ao térreo e

desapareceu pelo corredor.

Nestha conseguiu chegar ao seu quarto, onde correu para o banheiro. Ela sabia que Cassian faria uma parada ali. Então ela ficou junto à banheira, a água jorrando da torneira, enquanto ele batia à porta dela. Ela esperou até que o sentisse partir, desistindo dela como todos os outros tinham feito, e depois fechou a torneira.

Ela perguntou à Casa — Ele foi embora?

A porta abriu-se em resposta.

— Obrigada. — Ela entrou no corredor vazio. Talvez a Casa tivesse escondido-a de vista, pois ela não viu e não sentiu o cheiro de Cassian enquanto descia apressadamente as escadas de perto do seu quarto. Enquanto descia o corredor. Através do arco até àquela longa escadaria.

Depois e só depois ela soltou sua fúria. Depois e só depois ela dispensou aquela frieza e entregou-se à ira do seu coração.

Amren tinha considerado-a tão duvidosa, tão horrível, que saber a respeito desse dom capaz de alterar mundos seria perigoso. Amren tinha falado com os outros sobre o assunto, e eles tinham *votado* sobre isso.

Para baixo e para baixo e para baixo.

Passo a passo.

Degrau a degrau a degrau.

Ela não contou as escadas. Não sentiu as pernas se mexendo. Havia apenas o rugido do seu sangue e o rugido na sua cabeça e a rachadura no centro do seu peito. Nenhuma quantidade de mantra conseguia acalmá-la, sufocá-la.

O chão aproximava-se cada vez mais.

Ela não conseguia pensar em volta da sua fúria, daquela dor. Não conseguia pensar, apenas se mover.

A escadaria tornou-se mais quente, mais afastada do vento frio lá de cima.

Amren tinha desistido completamente dela. A discussão sobre mandá-la para cá tinha sido diferente — Nestha sabia que aquela discussão havia se originado da vontade de ajudá-la. Ela conseguia reconhecer isso agora.

Mas essa discussão tinha sido por ódio e medo dela.

Os telhados de azulejos tornaram-se claros. As suas pernas estavam tremendo. Ela não as sentiu.

Não sentiu mais nada senão aquela raiva derretida quando as escadas pararam subitamente e ela encontrou-se diante de uma porta.

Abriu-se antes que os dedos dela pudessem tocar na maçaneta. A luz do sol inundou a escadaria, revelando as pedras de paralelepípedos para além dela.

Fúria ondulando como uma tempestade à sua volta, Nestha voltou finalmente para Velaris.

46

Ela não notou a cidade ao seu redor, as pessoas que viram seu rosto e se mantiveram bem longe ou simplesmente continuaram cuidando das suas vidas. Não notou o laranja, vermelho e amarelo vibrantes das árvores no outono ou o azul cintilante do Sidra enquanto cruzava uma das inúmeras pontes que atravessavam seu corpo sinuoso, visando sua margem ocidental.

Nestha cedeu à sua fúria. Mais tarde, ela não teria memória de subir os degraus até o apartamento. Nenhuma memória da caminhada antes de ela bater uma mão na porta de madeira. Que se quebrou sob a palma de sua mão, as proteções se rompendo como vidro.

Amren e Varian estavam na cama, a pequena fêmea nua enquanto montava o príncipe de Adriata. Ambos pararam, Amren girando em direção à porta, Varian se sentando rapidamente, um escudo de água se curvando ao redor deles quando Nestha entrou na sala e rosnou:

— Você. Você pensou que eu nem deveria ter sido *informada* do que o meu poder pode fazer.

Amren se moveu com a rapidez dos Grão-Feéricos, pulando de Varian, que pegou o lençol para se cobrir enquanto ela jogava um roupão de seda ao redor de seu corpo. Aquele muro de água cintilante fez parecer que eles estavam sob a superfície do oceano. Amren lançou um olhar a Varian.

— Abaixе o escudo.

Ele obedeceu, deslizando da cama e empurrando as pernas longas e musculosas para dentro da calça.

— Saia. — Nestha rosnou para ele.

Mas o príncipe da Corte Estival observou Amren, seu rosto apertado com preocupação. Ele ficaria, cairia defendendo-a. Nestha bufou, amargura cobrindo sua língua. Há muito tempo, Amren tinha sido aquela pessoa por ela — a pessoa que ela sabia que a defenderia em uma briga, falaria por ela. Amren acenou com a cabeça para ele, e Varian lançou um olhar de advertência a Nestha antes de sair correndo da sala.

Provavelmente para contar aos outros, mas Nestha não se importou.

Não quando Amren disse — Suponho que aquele bastardo tagarela lhe disse mais do que o necessário.

— Você votou contra mim. — Disse ela, a voz fria escondendo a rachadura em seu peito.

— Você não fez nada para provar que é capaz de lidar com um poder tão terrível. — Amren disse com igual frieza. — Naquele barco, foi isso que me disse quando se afastou de qualquer tentativa de dominá-lo. Eu me ofereci para lhe ensinar mais, e você foi embora.

— Eu fui embora porque você escolheu minha irmã. — Exatamente como Elain havia feito. Amren tinha sido *sua* amiga, *sua* aliada e, no entanto, no final, isso não havia importado nem um pouco. Ela escolheu Feyre.

— Eu não escolhi ninguém, sua garota mimada — Amren retrucou. — Eu te disse que Feyre havia pedido que você e eu trabalhássemos juntas novamente, e você de alguma forma distorceu tudo isso para entender que eu a *escolhi*?

Nestha não disse nada.

— Eu disse a eles para deixá-la sozinha por meses. Me recusei a falar sobre você com eles. E depois, no momento em que percebi que meu comportamento não estava ajudando você, que talvez sua irmã estivesse certa, *eu* de alguma forma te traí?

Nestha tremeu.

— Você sabe como me sinto sobre Feyre.

— Sim, pobre Nestha, com uma irmã mais nova que a ama tanto, que está disposta a fazer qualquer coisa para conseguir ajudá-la.

Nestha bloqueou a memória de Tamlin em sua forma bestial, como ela queria rasgá-lo membro por membro. Ela não era melhor do que ele, no final.

— Feyre não me ama. — Ela não merecia o amor de Feyre. Assim como Tamlin não havia merecido.

Amren soltou uma risada.

— O fato de você acreditar que Feyre não a ama, só prova que você é indigna de seu poder. Qualquer pessoa que voluntariamente se cega nesse nível não é confiável. Você seria um pesadelo ambulante com essas armas.

— É diferente agora. — As palavras soaram vazias. Era diferente? *Ela* estava diferente do que havia estado no verão, nem que seja um pouco, quando ela e Amren brigaram no barco, e a decepção total de Amren com seu fracasso em *ser* qualquer coisa finalmente veio à tona?

Amren sorriu, como se soubesse disso também.

— Você pode treinar o quanto quiser, foder Cassian quantas vezes quiser, mas isso não vai consertar o que está quebrado se você não começar a refletir.

— Não me dê sermão. *Você...* — Ela apontou para Amren e poderia jurar que a fêmea deu um passo para sair do caminho. Exatamente como Tamlin havia feito. Como se Amren também se lembrasse que a última vez que Nestha apontou para um inimigo, terminou com a cabeça decepada em suas mãos. Uma risada triste escapou dela. — Você acha que eu te marcaria com uma promessa de morte?

— Você quase fez isso com Tamlin outro dia. — Então, Cassian havia contado a eles tudo sobre isso também. — Mas direi a você novamente o

que disse naquele barco: acho que você tem poderes que ainda não entende, não respeita ou controla.

— Como ousa presumir que sabe o que é melhor para mim?

Quando Amren não respondeu, Nestha sibilou — Você era minha *amiga*.

Os dentes de Amren brilharam.

— Eu era? Não acho que você saiba o que essa palavra significa.

Seu peito doeu, como se aquele punho invisível a tivesse socado mais uma vez. Passos soaram além da porta quebrada, e ela se preparou para Cassian entrar rugindo...

Mas era Feyre.

A tinta respingando de suas roupas casuais; uma mancha branca enfeitava sua bochecha sardenta. Varian devia ter corrido seminu pelas ruas para chegar ao estúdio.

— Pare com isso. — Feyre ofegou.

Se Feyre notou ou se importou com as lascas e detritos no chão, ela não deixou transparecer enquanto se aproximava.

— Nestha, não deveria ter soado daquele jeito. — Implorou Feyre.

— Cassian te contou tudo? — Ele tinha ido para Feyre, em vez de para cá?

— Não, mas posso adivinhar. Ele não queria esconder nada de você.

— Meu problema não é com Cassian. — Nestha nivelou seu olhar para Amren. — Eu confiei em você para me apoiar.

— Parei de te apoiar no momento em que você decidiu usar essa lealdade como um escudo contra todos os outros.

Nestha rosnou, mas Feyre se colocou entre elas com as mãos levantadas.

— Essa conversa acaba agora. Nestha, volte para a Casa. Amren, você... — Ela hesitou, como se considerasse a sensatez de dar ordens a Amren. — Você fica aqui. — Feyre terminou com cuidado.

Nestha soltou uma risada baixa.

— Você é a Grã-Senhora dela. Não precisa abaixar a cabeça. Não quando ela tem menos poder do que qualquer um de vocês agora.

Os olhos de Feyre flamejaram.

— Amren é minha amiga, e é membro desta corte há séculos. Ofereço *respeito* a ela.

— É respeito o que ela oferece a você? — Nestha cuspiu. — É respeito o que seu *parceiro* oferece a você?

Feyre ficou imóvel.

— Não diga mais uma *porra* de palavra, Nestha Archeron. — Amren avisou.

— O que você quer dizer? — perguntou Feyre.

E Nestha não se importou. Não conseguia pensar além do rugido.

— Algum deles disse a você, a *respeitada*

Grã-Senhora, que o bebê no seu útero vai te matar?

— *Cale a boca!* — gritou Amren.

Mas sua ordem foi a confirmação suficiente.

Com o rosto pálido, Feyre sussurrou novamente — O que você quer dizer?

— As asas — Nestha ferveu. — As asas illyrianas do menino ficarão presas em seu corpo Grão-Feérico durante o trabalho de parto, e isso vai matar vocês dois.

Silêncio percorreu a sala, o mundo.

Feyre arfou.

— Madja acabou de dizer que o parto seria arriscado. Mas o Entalhador de Ossos... o filho que ele me mostrou não tinha asas. — Sua voz falhou. — Ele só me mostrou o que eu queria ver?

— Eu não sei — disse Nestha. — Mas eu sei que seu parceiro ordenou que todos não te informassem da verdade.

Ela se virou para Amren.

— Todos vocês votaram nisso também? Vocês falaram sobre ela, julgaram-na, consideram-na indigna da verdade? Qual foi o *seu* voto, Amren? Deixar Feyre morrer na ignorância? — Antes que Amren pudesse responder, Nestha se voltou para sua irmã. — Você não se questionou por que seu precioso e perfeito Rhysand tem sido um bastardo temperamental por semanas? Porque ele *sabe* que você vai morrer. Ele sabe, mas ainda não te disse.

Feyre começou a tremer.

— Se eu morrer... — Seu olhar desviou para um de seus braços tatuados. Ela ergueu a cabeça, os olhos cheios de lágrimas enquanto perguntava a Amren — Você... Todos vocês sabiam disso?

Amren lançou um olhar fulminante na direção de Nestha, mas disse — Não queríamos alarmar você. O medo pode ser tão mortal quanto qualquer ameaça física.

— Rhys sabia? — As lágrimas escorreram pelo rosto de Feyre, manchando a tinta respingada ali. — Sobre a ameaça às nossas vidas? — Ela olhou para si mesma, para a mão tatuada segurando seu abdômen.

E Nestha soube então que nenhuma vez em sua vida fora amada por sua mãe tanto quanto Feyre já amava o menino que crescia dentro dela.

Isso quebrou algo em Nestha — quebrou aquela raiva, aquele rugido — ao ver aquelas lágrimas começarem a cair, o medo amarrotando o rosto manchado de tinta de Feyre.

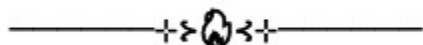
Ela tinha ido longe demais. Ela... Oh, deuses.

— Acho que é melhor, garota, se você falar com Rhysand sobre isso. — Amren disse.

Nestha não conseguia suportar — a dor, o medo e o amor no rosto de Feyre enquanto ela acariciava sua barriga.

Amren rosnou para Nestha — Espero que você esteja contente agora.

Nestha não respondeu. Não sabia o que dizer ou fazer consigo mesma. Ela simplesmente deu meia-volta e saiu correndo do apartamento.



Cassian havia ido para a Casa do Rio. Esse foi seu terceiro erro do dia.

O primeiro foi o quão desajeitado ele tinha sido ao perguntar sobre o nome de uma espada, levantando a suspeita de Nestha. Ele não havia sido capaz de mentir para ela, então contou tudo.

O segundo erro foi deixar Nestha se esconder em seu quarto e não invadir o quarto para falar com ela. Deixá-la tomar banho, pensando que isso a acalmaria. Ele fez o mesmo e, quando saiu, seguiu o cheiro dela até o chão com as escadas externas, onde a porta estava aberta.

Ele não tinha ideia se ela tinha conseguido sair ou desmaiado no caminho, então desceu a escadaria também. Todos os dez mil degraus, seu cheiro fresco e furioso.

Ela havia chegado ao final. A porta foi deixada aberta.

Ele se lançou para o céu, sabendo que teria problemas para rastrear o cheiro dela na cidade agitada, na esperança de localizá-la do ar. Ele presumiu que Amren estava trabalhando na Casa do Rio, então foi para lá que ele foi.

Só que Amren não estava lá. E nem Nestha.

Ele havia chegado ao escritório de Rhys quando a notícia chegou. Não de um mensageiro, mas de Feyre — mente a mente com seu parceiro.

Rhys estava em sua mesa, o rosto tenso enquanto falava silenciosamente com ela. Cassian viu aquele olhar, sabia com quem falava e ficou imóvel. Nenhum deles estava aqui, o que significava que provavelmente estavam no apartamento de Amren, e se Feyre estava fazendo um relatório...

Cassian girou para as portas, sabendo que poderia estar lá em um voo de dois minutos, rezando para ser rápido o suficiente...

— Cassian.

A voz de Rhys era uma coisa de pesadelos, da escuridão entre as estrelas.

Cassian congelou com aquela voz que ele raramente ouvia, que nenhuma vez fora dirigida a si mesmo.

— O que aconteceu?

O rosto de Rhys estava totalmente calmo. Mas morte — morte negra e violenta — estava em seus olhos. Nenhuma estrela ou vislumbre do violeta permanecia.

— Nestha achou adequado informar Feyre sobre o risco para ela e para o bebê. — Rhys disse naquela voz que parecia um inferno encarnado.

O coração de Cassian começou a trovejar, ao mesmo tempo que se partia.

Rhys sustentou seu olhar, e Cassian fez tudo o que pôde para aguentá-lo quando seu irmão, seu Grão-Senhor, disse — Tire Nestha dessa cidade. Agora mesmo. — O poder de Rhys retumbou na sala como uma tempestade crescente. — Antes que eu a *mate*.

Cassian encontrou Nestha correndo por uma rua lateral, como se suspeitasse que Rhysand estava prestes a partir para uma caçada que só o seu sangue derramado poderia parar. Mas ele sabia que ela só fugiu do que tinha feito, fugia de si mesma. Corria em direção a uma das tavernas de que tanto gostava.

Cassian não deu a Nestha a chance de vê-lo enquanto ele voava em direção ao beco, a agarrava pela cintura e por baixo dos joelhos, e os arrastava para o céu.

Ela não lutou contra ele, não disse uma palavra. Apenas deitou em seus braços, o rosto frio contra seu peito.

Cassian voou sobre a Casa do Vento para encontrar Azriel lá, pairando no lugar, um embrulho pesado em sua mão. Se aquilo havia sido um aviso separado de Rhys, ou das próprias sombras de Az sussurrando, ele não sabia.

Cassian agarrou a bolsa, enrolando-a num punho e grunhindo contra o peso enquanto continuava segurando Nestha. Az não disse nada enquanto Cassian voava rapidamente para os céus da Outonal.

E não ousou olhar para trás, para a cidade atrás dele.



Não havia sons em sua cabeça, em seu corpo. Ela sabia que Cassian a segurava, sabia que eles voaram por horas e horas, e ela não se importava.

Ela havia feito uma coisa imperdoável.

Ela merecia ser transformada em névoa sangrenta por Rhysand. Desejava que Cassian não a tivesse salvado.

Voaram para as montanhas até que o sol desapareceu atrás delas. Quando aterrissaram, seus arredores já estavam velados em escuridão. Cassian fez careta ao pousar, como se cada parte dele doesse, e largou o pacote que Azriel lhes tinha dado aos seus pés.

— Vamos acampar aqui esta noite. — disse ele quietamente, friamente.

Ela não queria falar. Resolveu não dizer mais nenhuma palavra pelo resto de sua vida.

— Vou fazer uma fogueira. — ele prosseguiu, e não havia nada gentil em seu rosto.

Ela não conseguia suportar. Então ela se virou, analisando a pequena área onde ele havia aterrissado — um pedaço plano de terra seca debaixo da saliência de uma rocha preta.

Em silêncio, ela andou até a parte mais profunda da saliência. Em silêncio, deitou-se sobre a terra dura e poeirenta, usando seu braço como um travesseiro, e se encolheu em direção à parede de rocha.

Ela fechou os olhos e se fez ignorar os estalos e crepitações da madeira enquanto o fogo a consumia, desejou derreter na terra, na montanha, e desaparecer para sempre.



Cassian.

A voz de Feyre encheu a mente de Cassian, puxando-o de onde ele tinha estado observando as estrelas surgirem por cima da vista extensa. Ele havia voado com Nestha para as Montanhas Adormecidas, a cordilheira que

separava Illyria de Velaris. Eram picos menores, ainda fora do alcance do inverno, com rios o bastante para caçar.

Cassian.

— Eu esqueci que você pode falar pela mente.

Sua risada soou. *Não consigo decidir se deveria me sentir insultada ou não. Talvez devesse usar os poderes daemati com mais frequência.* Ela fez uma pausa antes de dizer: *Você está bem?*

— Eu que deveria estar te perguntando isso.

Rhysand exagerou. Exagerou completa e totalmente.

Cassian balançou a cabeça, mesmo que Feyre não conseguisse ver. — Lamento que você tenha tido que descobrir.

Eu não. Estou furiosa com todos vocês. Entendo por que não me contaram, mas estou furiosa.

— Bem, nós estamos furiosos com Nestha.

Ela teve a coragem de me dizer a verdade.

— Ela disse a verdade para te machucar.

Talvez. Mas ela foi a única que falou qualquer coisa.

Cassian suspirou pelo nariz. *Ela...* Ele pensou. — Acho que ela viu os paralelos entre as suas situações e, a seu próprio modo, decidiu vingar ambas de vocês.

Essa também é a minha sensação. Rhys discorda.

— Queria que você tivesse descoberto de uma maneira diferente.

Bem, eu não descobri. Mas enfrentaremos isso juntos. Todos nós.

— Como pode estar tão calma em relação a isso?

A outra alternativa é medo e pânico. Não vou deixar meu filho sentir essas coisas. Lutarei por ele, por nós, até não poder mais.

A garganta de Cassian se apertou. — Lutaremos por vocês também.

Eu sei. Feyre pausou novamente. *Rhys não tinha o direito de te expulsar da cidade, ou de ameaçar Nestha. Ele percebeu isso, e pediu desculpas. Eu quero que você volte para casa. Vocês dois. Para onde é que foram mesmo?*

— Para a natureza. — Cassian olhou por cima de um ombro, para onde Nestha tinha estado dormindo nas últimas horas, enrolada numa bola apertada contra a parede de pedra. — Acho que vamos ficar aqui por alguns dias. Vamos fazer uma caminhada.

Nestha nunca esteve numa caminhada na vida. Eu garanto que ela vai odiar.

— Então diga a Rhys que é o castigo dela. — Porque Rhys, apesar de pedir desculpa pelas ameaças, ainda estaria furioso. — Diga a ele que Nestha e eu vamos caminhar, e ela vai detestar, mas ela volta para casa quando eu decidir que está pronta para voltar para casa.

Feyre ficou quieta por um longo minuto. *Ele diz que sabe que deveria dizer que isso é desnecessário, mas para lhe dizer que ele está secretamente deliciado.*

— Ótimo. Estou secretamente contente por ouvir isso.

Feyre riu, e o som era a prova de que ela podia ter sido ferida, assustada pelas notícias, mas ela estava, de fato, se adaptando a isso. Não deixaria isso a fazer se acovardar e chorar. Ele não sabia porque tinha esperado menos dela.

Feyre disse *Por favor, cuide dela, Cassian. E de si mesmo.*

Cassian olhou para a fêmea adormecida quase escondida nas sombras da rocha. — Eu vou.

— Levante.

Nestha ficou tensa, abrindo um olho contra a luminosidade ofuscante do amanhecer. Cassian estava em pé acima dela, um prato do que parecia ser cogumelos e torradas em uma mão. O corpo inteiro dela doía por conta do chão duro e do ar frio da noite. Ela mal dormira, havia apenas deitado ali, encarando a rocha, obrigando a si mesma a ignorar o som do fogo, desejando desaparecer em nada.

Ela se sentou lentamente, e ele empurrou o prato em sua direção.

— Coma. Nós temos um longo dia pela frente.

Ela ergueu os olhos, pesados e doloridos, para o rosto dele.

Não havia calor nenhum ali. Nenhum desafio ou luz. Apenas um guerreiro sólido, frio como pedra.

— Nós vamos caminhar do amanhecer ao pôr-do-sol, com apenas duas paradas ao longo do dia. Portanto, coma — Cassian falou.

Não importava. Se ela comia ou dormia ou caminhava. Nada importava.

Mas Nestha se forçou a comer a comida que ele preparara, em silêncio, enquanto ele apagava o fogo que havia acendido, focada em qualquer coisa exceto o crepitar das toras. Cassian rapidamente recolheu os poucos suprimentos, junto ao restante da comida, colocando-os na bolsa de lona.

Ele a ergueu, os músculos se movendo em seu antebraço com o peso, e caminhou até ela, largando a bolsa entre seus pés.

— Não consigo acomodar um pacote desse tamanho nas minhas costas entre as asas. Então você vai carregá-lo.

Azriel sabia disso? Pelo olhar gelado e cintilante nos olhos de Cassian, ela supôs que sim.

Nestha terminou sua comida e não tinha nada com o que lavar seu prato, então apenas o jogou na bolsa.

— Você pode lavar os pratos quando chegarmos ao Rio Gerthys. É uma caminhada de seis horas daqui — ele disse.

Ela não se importava. Que ele a atirasse ao chão, que ele a fizesse andar e agir como criada. Não consertaria nada.

Não consertaria ela.

Nestha ficou de pé, as juntas estralando e o corpo rígido. Ela não se importou o suficiente para refazer a trança.

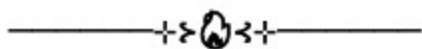
— Você pode fazer suas necessidades naquela esquina — ele assentiu na direção da curva na face do penhasco. — Não tem ninguém aqui.

Ela fez como ele disse. Quando voltou, ele apenas gesticulou na direção da bolsa — Pegue-a.

Nestha grunhiu enquanto o fazia. Devia pesar pelo menos um terço de seu próprio peso. Suas costas quase se curvaram quando ela a levantou nos ombros, mas ela conseguiu, contorcendo-se para ajustá-la. Ela mexeu nas alças e fivelas até que ficasse confortável em sua espinha, o peso balanceado entre o peito e os quadris.

Cassian aparentemente decidiu que ela fizera um trabalho decente.

— Vamos.



Nestha o deixou liderar o caminho, e dentro de dez minutos, sua respiração se tornou difícil, suas pernas queimando enquanto Cassian seguia pela encosta, cortando através da face da montanha. Ele não falou com ela, e ela não falou com ele.

O dia estava tão aberto quanto alguém poderia desejar, as montanhas ao redor de um verde vibrante, os riachos tão claros que mesmo de muito acima ela podia ver as pedras brancas delineando suas beiras.

Nestha ela se entregou a isso e à dor em seu corpo, à sua respiração ofegante — tão dolorosa que era como vidro — o rugido de seus pensamentos.

O sol arqueou ao redor do céu, extraindo suor de sua testa, de seu pescoço. Seu cabelo ficou ensopado. Ainda assim, ela andou, seguindo Cassian mais longe em direção ao pico. Ele alcançou um afloramento rochoso, espiou por cima do ombro uma vez para garantir que ela estava atrás, e então desapareceu — presumivelmente indo para baixo.

Ela alcançou o afloramento e viu o quão íngreme era.

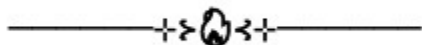
Ele havia mencionado parar em um rio. Bem, muito abaixo e a frente estava a longa faixa de um rio, metade envolta em árvores. Não parecia que iria demorar horas para alcançá-lo, porém... Cassian estava andando ao longo da montanha, ao invés de ir direto para baixo. Ninguém conseguiria descer direto sem deslizar para a morte.

Um conjunto inteiramente novo de músculos começou a protestar à descida. Era pior do que subir, ela percebeu — agora parecia que a bolsa estava determinada a cutucá-la para frente e mandá-la caindo para o vale e o rio.

Cassian não se importou em escolher seus passos cuidadosamente em meio à grama e às pequenas pedras como ela fez. Ele, pelo menos, tinha a segurança de suas asas. Nesta altura, as nuvens se espalhavam como espectadores ociosos, nenhuma misericordiosa o bastante para oferecer abrigo contra o sol ardente.

As pernas de Nestha tremeram, mas ela continuou se movendo. Apertou as alças da bolsa onde elas repousavam em seu peito, e usou seus braços para balancear seu peso. Ela seguiu Cassian montanha abaixo, passo após passo, hora após hora.

Ela caminhou, um pé depois do outro, e não disse absolutamente nada.



Eles pausaram para o almoço no rio. Se queijo e pão duro podiam ser considerados um almoço.

Nestha apenas se importou com o fato de ter enchido sua barriga dolorida. Apenas se importou que o rio diante deles era claro e limpo, e ela estava seca. Ela desabou ao lado de sua margem gramada, se ajoelhando para afundar a cabeça nele. Ela arfou com o choque do frio, então se levantou, levantando a água até sua boca com uma mão em concha de novo e de novo, bebendo e bebendo.

Ela saiu do rio para descansar ao seu lado, a respiração ainda pesada.

— Você tem trinta minutos — Cassian falou de onde se sentava na grama alta e oscilante, bebendo de seu cantil. — Use-os como quiser.

Ela não disse nada. Até mesmo assentir parecia demais.

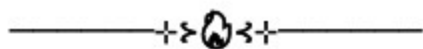
Ele abriu a bolsa e entregou um cantil a ela.

— Encha isto. Se você desmaiar, é capaz de cair da montanha e quebrar cada osso em seu corpo.

Ela não o olhou. Não deixou que ele visse a palavra em seus olhos. *Ótimo.*

Ele ficou quieto, porém. Suas próximas palavras foram mais gentis — e ela se ressentiu delas também.

— Descanse.



Cassian sabia que Nestha costumava se odiar.

Mas ele nunca soube que ela se odiava o bastante para desejar... não existir mais.

Ele tinha visto sua expressão quando mencionou a ameaça de cair. E ele sabia que retornar a Velaris não a salvaria daquele olhar. Ele não podia salvá-la daquele olhar também.

Apenas Nestha poderia salvar a si mesma daquele sentimento.

Ele a deixou descansar pelo restante dos trinta minutos que prometera, e talvez ele ainda estivesse um pouco chateado com ela, porque disse simplesmente — Vamos — e começou a caminhar novamente.

Ela seguiu naquele silêncio pesado, transbordante. Tão quieta quanto um cavalo de carga.

Ele conhecia essas montanhas de tanto voar ao redor delas por séculos; pastores viviam ali, normalmente feéricos comuns que preferiam a solidão do verde imponente e as pedras negras amarronzadas do que áreas mais populosas.

Os picos não eram tão brutais e afiados quanto aqueles em Illyria, mas havia uma presença neles que ele não sabia explicar com detalhes. Mor uma vez lhe dissera que tempos atrás, estas terras eram usadas para cura. Pessoas feridas em corpo e espírito se aventuravam nessas encostas, no lago na qual eles agora estavam há um ou dois dias, para se recuperar.

Talvez fosse por isso que ele viera até aqui. Algum instinto havia lhe lembrado da cura, sentido o coração adormecido desta terra, e decidido trazer Nestha.

Quilômetro após quilômetro, seu silêncio como um espectro iminente atrás dele, Cassian se perguntou se seria o bastante.

49

Eles estavam no meio do caminho de uma montanha que parecia uma mera colina à distância, quando Cassian disse à frente — Acamparemos aqui essa noite.

Ele parou em um mirante na encosta da montanha, o pico mais próximo tão perto que ela poderia tê-lo atingido com uma pedra, separado apenas por outro rio serpenteando bem abaixo. O solo era claro e empoeirado e, mais importante, plano.

Nestha não disse nada enquanto cambaleava até o solo, as pernas finalmente cedendo, e se esparramou na terra.

O solo machucava sua bochecha, mas ela não se importava, não enquanto respirava e respirava, seu corpo tremendo. Ela não se moveria até o amanhecer. Nem para usar o banheiro. Ela preferia se molhar do que mover outro músculo.

Cassian disse do outro lado do pequeno local — Tire a mochila antes de desmaiar para que eu possa pelo menos preparar o jantar.

Suas palavras eram frias, distantes. Ele mal falou com ela o dia todo.

Ela merecia — merecia pior.

O pensamento a fez soltar as alças de onde estavam em seus quadris e peito. A mochila caiu no chão, e ela se virou para empurrá-la em direção a ele com o pé. Sua perna tremeu com o movimento. Mas ela se obrigou a se levantar, até encostar em uma pequena pedra.

Ele agarrou a mochila com apenas um grunhido, como se ela não tivesse suado e tremido sob seu peso o dia todo. Depois caminhou para o mato

próximo, a grama alta e os arbustos farfalhando.

O vento murmurou, vagando entre os picos. As sombras lentamente avançaram sobre as encostas escarpadas das montanhas, o sol persistente projetando seus limites superiores em ouro, o frio aprofundando-se a cada centímetro que se rendia à escuridão crescente.

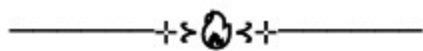
O rio descia rugindo pela encosta da montanha, uma correria constante que ela tinha ouvido durante todo o dia enquanto caminhavam, suas muitas corredeiras mal visíveis do mirante Mesmo aqui, com o desbotamento da luz, as cores do rio mudaram de ardósia para jade e pinho enquanto ele vagava entre os picos ao longo do fundo do vale.

Tudo estava tão quieto, mas vigilante, de alguma forma. Como se ela estivesse cercada por algo antigo e meio acordado. Como se cada pico tivesse seus próprios humores e preferências, como por exemplo se as nuvens se agarrariam a eles ou os evitariam, ou se as árvores se alinhariam em seus lados ou os deixariam nus. Suas formas eram tão estranhas e longas que gigantes pareciam ter se deitado ao lado dos rios há muito tempo, puxado cobertores amarrotados sobre si e adormecido para sempre.

A ideia de dormir deve tê-la atraído para o sono, pois a próxima coisa que ela percebeu é que o mundo havia ficado escuro, exceto pelas estrelas e pela lua quase cheia, tão brilhante que um fogo não tinha sido necessário. Embora ela pudesse ter usado seu calor. Cassian estava deitado a poucos metros de distância, de costas para ela, o luar iluminando suas asas.

Ele deixou um prato de comida para ela — pão e queijo duro e algum tipo de carne seca. Mas ela não o tocou. Ignorou o ronco em seu estômago.

Ela apenas estalou o pescoço rígido, enrolou-se em um cobertor e se deitou no chão. Ela deslizou o braço novamente sob a cabeça e fechou os olhos contra o frio.



Pelos próximos dois dias, ela observou a parte de trás da cabeça de Cassian.

Pelos próximos dois dias, ela não falou.

Cada pedregulho e rocha pareciam estar em uma missão para fazê-la tropeçar ou torcer seu tornozelo ou abrir caminho dentro de suas botas.

A tarde se aproximava no dia seguinte, as nuvens flutuando logo acima dos picos em um vento forte, quando sua cabeça começou a latejar. A luz do sol ficou muito forte; seu suor ardia.

Apesar dos dias de caminhada, eles haviam ultrapassado apenas alguns dos picos. As montanhas pelas quais Cassian navegava voando eram infinitas a pé. Como ele escolhia o caminho certo, ela não perguntou. Para onde eles estavam indo, ela também não perguntou. Ela apenas o seguiu, os olhos fixos em suas costas.

Essa visão turvou quando sua cabeça, seu corpo inteiro balançou um pouco.

Ela tentou engolir e encontrou sua garganta tão seca que sua língua grudou no céu da boca. Ela a descolou. Água — quando foi a última vez que ela tomou um gole de água? Seu cantil estava no topo de sua mochila, mas para parar, para puxá-lo... Ela não tinha vontade de desafivelar as alças para deixar cair a bolsa. De sinalizar para ele que ela precisava fazer uma pausa.

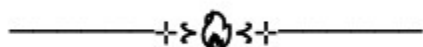
A noite anterior foi igual às outras: ela havia chegado ao acampamento, desmaiado e mal foi capaz de remover a mochila antes de adormecer. Ela acordou mais tarde para encontrar um prato de comida fria ao lado dela, coberto com um pano fino contra os elementos. Ela comeu enquanto ele dormia, então fechou os olhos novamente.

Apenas a exaustão pura conseguia convocar o esquecimento que ela ansiava. Toda vez que eles paravam durante o dia, ela estava tão cansada que caía de joelhos e jogava a mochila. E durante a pausa em movimento, ela estava tão cansada que não conseguia pensar sobre a ruína que havia feito de si mesma, a ruína que ela sempre foi, no fundo. Nenhum treinamento, nenhum aprendizado sobre as Valquírias e sua Mente-Calma ajudaria. Nada ajudaria.

Então ela poderia esperar pela água. Porque parar era permitir que esses pensamentos entrassem, mesmo que eles se arrastassem atrás dela como sombras de chumbo, mais pesadas que a bolsa.

Seu tornozelo torceu em uma pedra solta e ela cerrou os dentes contra o açoite de dor, mas continuou. Cassian nem mesmo tropeçou uma vez. Ela sabia: ela o observou o dia todo. Mas ele tropeçou agora. Nestha cambaleou para frente, mas...

Não. Era ela. Era ela que estava caindo.



Cassian estava na metade do caminho até o leito seco do rio quando pedras rangeram e estalaram atrás dele.

Ele se virou para encontrar Nestha virada para baixo. Imóvel.

Ele praguejou, correndo pelo caminho pedregoso e caiu de joelhos diante dela. As pedras afiadas morderam suas pernas através das calças, mas ele não se importou, não quando a virou, seu coração trovejando.

Ela havia desmaiado. Seu alívio era uma coisa primordial nele, se acalmando, mas...

Ele não havia olhado para ela há horas. Uma camada branca formou uma crosta em seus lábios; sua pele estava vermelha e suada. Ele agarrou o cantil em seu cinto, desatarrou a tampa e puxou a cabeça dela em seu colo.

— Beba — ele ordenou, abrindo a boca dela, o sangue rugindo em seus ouvidos.

Nestha se mexeu, mas não lutou quando ele derramou um pouco de água em sua garganta. Foi o suficiente para que ela abrisse os olhos. Eles estavam vidrados.

Cassian exigiu — Quando foi a última vez que você bebeu água?

Seus olhos se aguçaram. A primeira vez que ela realmente olhou para ele em três dias inteiros. Mas ela apenas pegou o cantil e bebeu profundamente, esvaziando-o.

Quando terminou, ela gemeu, empurrando-se de seu colo, mas apenas para virar para o lado.

Ele retrucou: — Você deveria ter bebido água o dia todo.

Ela olhou para as pedras ao redor deles.

Ele não suportava aquele olhar — o vazio, a indiferença, como se ela não se importasse mais se vivia ou morria aqui na selva.

Seu estômago se revirou. Instinto gritou para ele a abraçar, para confortar e acalmar, mas outra voz, uma voz antiga e sábia, sussurrou para continuar. Mais uma montanha, disse aquela voz. Só mais uma montanha.

Ele confiava naquela voz. — Vamos acampar aqui esta noite.

Nestha não tentou se levantar, e Cassian procurou por uma extensão de terreno mais plana. Lá — seis metros acima do leito do rio e à esquerda. Suficientemente plano.

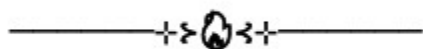
— Vamos — ele persuadiu. — Mais alguns metros e você pode dormir.

Ela não se mexeu. Como se não conseguisse.

Ele disse a si mesmo que era porque ela havia desmaiado e talvez não conseguisse ser forte, mas ele voltou para ela. Agachou-se e pegou-a nos braços, com a mochila e tudo.

Ela não disse nada. Absolutamente nada.

Mas ele sabia que estava chegando — aquela tempestade. Sabia que Nestha falaria novamente e, quando o fizesse, era melhor ele estar pronto para enfrentar.



Nestha encontrou outro prato esperando quando ela acordou na escuridão. A lua cheia havia mostrado seu rosto, tão brilhante que as montanhas, os rios, o vale estava iluminado o suficiente para até mesmo as folhas das árvores lá embaixo ficarem visíveis. Ela nunca tinha visto tal coisa. Parecia uma terra secreta e adormecida que o tempo havia esquecido.

Ela não era nada ante vista, dessas montanhas. Tão insignificante para qualquer uma delas quanto uma das pedras que ainda chocalhavam em sua bota. Era um alívio abençoado ser nada e ninguém.

Ela não se lembrava de ter adormecido, mas amanheceu e eles estavam se movendo novamente. Rumo ao norte, ele disse — mostrando a ela, em um raro momento de civilidade, que as laterais cobertas de musgo das árvores sempre ficavam voltadas para aquele lado, ajudando-o a se manter no curso.

Havia um lago, ele disse a ela durante o almoço. Eles o alcançariam esta noite e ficariam lá um ou dois dias.

Ela mal ouviu. Um pé após o outro, milha após milha, para cima e para baixo. As montanhas a observavam, o rio cantava para ela, como se a guiasse até aquele lago.

Nenhum tipo de exaustão faria ela melhorar. Ela sabia disso. Se perguntou se ele também sabia. Se perguntou se Cassian achava que estava viajando aqui com ela em uma missão sem esperança.

Ou talvez fosse como uma das histórias antigas que ela ouvira quando criança: ele era o caçador de uma rainha perversa, conduzindo-a para o mundo selvagem antes de arrancar seu coração.

Ela desejou que ele fizesse. Desejou que alguém cortasse a maldita coisa de seu peito. Queria que alguém abafasse a voz que sussurrava cada coisa horrível que ela já tinha feito, cada pensamento terrível que ela teve, cada pessoa que ela falhou.

Ela nasceu errada. Tinha nascido com garras e presas e nunca foi capaz de deixar de usá-las, nunca foi capaz de reprimir a parte dela que rugia em traição, que podia odiar e amar com mais violência do que qualquer um jamais entendeu. Elain foi a única que talvez tenha percebido, mas agora sua irmã a detestava.

Ela não sabia como consertar. Como arrumar qualquer um dos seus erros. Como parar de ser assim.

Ela não se lembrava de uma época em que não tivesse ficado com raiva. Talvez antes de sua mãe morrer, mas mesmo naquela época sua própria mãe tinha sido amarga, desdenhosa de seu pai, e o desdém de sua mãe se tornou o seu.

Ela não conseguia reprimir aquela raiva implacável e turbulenta. Não conseguia se impedir de atacar antes que pudesse ser ferida.

Ela não era melhor do que um cachorro raivoso. Tinha sido uma cadela raivosa com Amren e Feyre. Uma besta, exatamente como Tamlin. Ela nem ligou para o fato de ter finalmente conseguido descer as escadas da Casa — sequer contava, quando foi algo motivo pela fúria?

Ela contava — ela valia a pena ser contada?

Foi a pergunta que fez tudo desmoronar dentro dela.

Nestha ultrapassou a colina que Cassian havia montado à frente e um lago turquesa cintilante se espalhou diante deles. Estava ligeiramente afundado entre dois picos, como se um par de mãos verdes tivessem sido colocadas para segurar a água dentro deles. Pedras cinzentas revestiam sua costa.

Nestha não viu o lago, nem as pedras, nem a luz do sol e o verde.

Sua visão ficou turva e seus olhos ardiam como se tivessem sido cortados — abertos para permitir que as lágrimas passassem.

Ela conseguiu chegar às pedras antes de cair de joelhos, com tanta força que a pedra atingiu seus ossos. Ela valia a pena ser contada?

Ela sabia a resposta. Sempre soube a resposta.

Cassian girou em sua direção, mas Nestha também não o viu, nem ouviu suas palavras.

Não quando ela enterrou o rosto nas mãos e chorou.

50

Quando os sons violentos e ofegantes saíram dela, Nestha sabia que não conseguiria parar.

Ela se ajoelhou na margem daquele lago nas montanhas e se soltou completamente.

Ela permitiu que cada pensamento horrível a atingisse, lavasse através dela. Permitiu-se ver o rosto pálido e devastado de Feyre enquanto Nestha revelava a verdade, enquanto ela deixava sua própria raiva e dor cavalgá-la.

Ela nunca poderia sobreviver a isso, a sua culpa. Não adiantava tentar. Ela soluçou na escuridão de suas mãos.

E então as pedras estalaram, e uma presença quente e firme apareceu ao lado dela. Ele não a tocou, mas sua voz estava próxima quando ele disse — Estou aqui.

Ela soluçou mais forte com isso. Ela não conseguia parar. Como se uma represa tivesse estourado e somente deixar a água correr seu curso, a devastando em sua fúria, seria o suficiente.

— Nestha — Seus dedos roçaram seu ombro.

Ela não aguentava aquele toque. A gentileza naquele toque.

— Por favor — ela disse.

Sua primeira palavra em cinco dias.

Ele ficou imóvel. — Por favor, o que?

Ela se inclinou para longe dele. — Não me toque. Não, não seja *gentil* comigo — As palavras eram uma confusão soluçante e ondulante.

— Por que?

A lista de razões surgiu, lutando para sair, para se expressar, e ela deixou-as decidir. Deixe-as fluir através dela, enquanto sussurrava — Eu o deixei morrer.

Ele ficou quieto.

Através das mãos no rosto, ela continuou a sussurrar. — Ele veio para me salvar e lutou por mim, e eu o deixei morrer com ódio no meu coração. Ódio por ele. Ele morreu porque eu não impedi.

— Sua voz falhou e ela chorou mais forte. — E eu fui tão horrível com ele, até o fim. Eu fui tão, tão horrível com ele a minha vida toda — e ainda assim ele me amou de alguma forma. Eu não merecia isso, mas ele me amou. E eu o deixei morrer.

Ela se curvou sobre os joelhos, dizendo para as palmas das mãos — Não consigo desfazer isso. Não consigo consertar isso. Não consigo consertar que ele está morto, não consigo consertar o que disse a Feyre, não consigo consertar nenhuma das coisas horríveis que fiz. Não consigo *me* consertar.

Ela soluçou tanto que pensou que seu corpo iria quebrar. Queria que seu corpo se desfizesse como um ovo quebrado, queria que o que restava de sua alma fosse levado pelo vento da montanha.

Ela sussurrou — Eu não aguento.

— Não é sua culpa — Cassian disse baixinho.

Ela balançou a cabeça, o rosto ainda em suas mãos, como se isso a protegesse dele, mas ele disse — A morte de seu pai não é sua culpa. Eu estava lá, Nestha. Procurei uma maneira de sair disso também. E não havia nada que pudesse ser feito.

— Eu poderia ter usado meu poder, eu poderia ter tentado...

— Nestha — O nome dela foi um suspiro-como se ele estivesse sofrendo. Então seus braços a envolveram e ela foi puxada para seu colo. Ela não lutou contra o movimento, não quando ele a apertou contra seu peito. Contra sua força e calor.

— Eu poderia ter encontrado uma maneira. Eu deveria ter encontrado uma maneira.

A mão dele começou a acariciar seu cabelo.

Seu corpo inteiro, até os ossos, tremia.

— A morte do meu pai, é — é a razão pela qual eu não suporto lareiras.

Sua mão parou de se mexer, e então continuou os movimentos. — Por que?

— As toras... — Ela estremeceu — Elas crepitam. Parecem ossos se quebrando.

— Parece o pescoço do seu pai.

— Sim — ela arfou. — Isso é o que eu ouço. Não sei como um dia vou deixar de ouvir seu pescoço se quebrando quando estiver perto de uma lareira. É... é *tortura*.

Ele continuou a acariciar sua cabeça.

Uma onda de palavras saiu dela. — Eu deveria ter encontrado uma maneira de nos salvar antes disso. Salvar Elain e Feyre quando éramos pobres. Mas eu estava com tanta *raiva* e queria que ele tentasse lutar por nós, mas ele não o fez, e eu teria deixado todos nós morrermos de fome para provar o desgraçado que ele era. Isso me consumiu tanto que...que deixei Feyre entrar naquela floresta e disse a mim mesma que não me importava, que ela era meio selvagem, e não importava, e mesmo assim.... — Ela soltou um grito devastado. — Eu fecho meus olhos e a vejo naquele dia que ela saiu para caçar pela primeira vez, vejo Elain entrando no Caldeirão. Eu a vejo sendo levada por ele durante a guerra. Eu vejo meu pai morto. E agora vou

ver o rosto de Feyre quando eu disse a ela que o bebê iria matá-la — Ela tremeu e tremeu, suas lágrimas queimando quentes por suas bochechas.

Cassian continuou acariciando seus cabelos, suas costas, enquanto a abraçava perto do lago.

— Eu odeio isso — ela disse. — Cada parte de mim que... *faz* essas coisas. E mesmo assim não consigo parar. Não consigo abaixar essa barreira, porque abaixá-la, deixar tudo entrar... — Isso era o que aconteceria. Esta bagunça gritando e chorando em que ela se tornou. — Eu não suporto estar na minha cabeça. Não suporto ouvir e ver tudo, de novo e de novo. Isso é tudo que ouço-o estalar de seu pescoço. Suas últimas palavras para mim. Que ele me amava — ela sussurrou — Eu não merecia esse amor. Eu não mereço *nada*.

As mãos de Cassian se apertaram sobre ela, suas próprias mãos caindo enquanto ela enterrava o rosto contra sua jaqueta e chorava em seu peito.

Ele disse depois de um momento — Posso contar mais sobre minha mãe e como a morte dela quase me destruiu. Posso contar quantos dias e noites sofri durante os quarenta e nove anos que Amarantha manteve Rhys em cativeiro, a culpa me despedaçando por eu não estar ali para ajudá-lo, por não poder salvá-lo. Posso contar como ainda olho para ele e sei que não sou digno dele, que falhei com ele quando precisava de mim — esse fato às vezes me deixa acordado. Posso contar que matei tantas pessoas que perdi a conta, mas me lembro da maioria dos rostos. Posso contar como ouço Eris, Devlon e os outros conversando e, no fundo, ainda acredito que sou um bruto bastardo inútil. Que não importa quantos Sifões eu tenho ou quantas batalhas eu ganhei, porque eu falhei com as duas pessoas mais queridas para mim quando importava mais.

Ela não conseguia encontrar palavras para dizer a ele que ele estava errado. Que ele era bom e corajoso e...

— Mas eu não vou te contar nada disso — disse ele, dando um beijo no topo da cabeça dela.

O vento pareceu parar, a luz do sol no lago brilhando.

Ele disse — Vou te dizer que você vai superar isso. Que você vai enfrentar tudo isso, e vai superar. Que essas lágrimas são *boas*, Nestha. Essas lágrimas significam que você se importa. Eu vou te dizer que não é tarde demais, para nada disso. E eu não posso te dizer quando ou como, mas vai melhorar. O que você sente, essa culpa, dor e ódio por si mesma — você vai superar isso. Mas só se você estiver disposta a lutar. Somente se você estiver disposta a enfrentá-la, abraçá-la e atravessá-la, para emergir do outro lado dela. E talvez você ainda sinta aquela pontada de dor, mas *há* um outro lado. Um lado melhor.

Ela se afastou de seu peito então. Encontrou seu olhar brilhando com lágrimas. — Não sei como chegar lá. Não acho que sou capaz disso.

Seus olhos brilharam de dor por ela. — Você é capaz. Eu já vi — vi o que você pode fazer quando está disposta a lutar pelas pessoas que ama. Por que não aplicar essa mesma bravura e lealdade a si mesma? Não diga que você não merece. — Ele agarrou seu queixo. — Todos merecem felicidade. O caminho até lá não é fácil. É longo e difícil, e muitas vezes viajado totalmente às cegas. Mas você continua. — Ele acenou com a cabeça para as montanhas, o lago. — Porque você sabe que o destino valerá a pena.

Ela olhou para ele, este homem que havia caminhado com ela por cinco dias em quase silêncio, esperando, ela sabia, por este momento.

Ela deixou escapar — Todas as coisas que eu fiz antes...

— Deixe-as no passado. Peça desculpas a quem você sente necessidade, mas deixe essas coisas para trás.

— O perdão não é tão fácil.

— O perdão é algo que também concedemos a nós mesmos. E posso falar com você até que essas montanhas desmoronem ao nosso redor, mas se você não deseja ser perdoada, se não quiser parar de se sentir assim... isso não vai acontecer. — Ele segurou sua bochecha, os calos arranhando sua pele superaquecida. — Você não precisa se tornar um ideal impossível. Você não precisa se tornar doce e afetuosa. Você pode dar a todos aquele olhar de *Eu Vou Esmagar Meus Inimigos* — que é meu visual favorito,

aliás. Você pode manter aquela impetuosidade que eu tanto gosto, aquela ousadia e destemor. Eu não quero que você perca essas coisas, que se enjaule.

— Mas ainda não sei como me consertar.

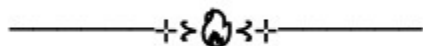
— Não há nada quebrado para consertar — disse ele ferozmente. — Você está se *ajudando*. Curando as partes de você que doem demais — e que talvez feriram outras pessoas também.

Nestha sabia que ele nunca teria dito isso, mas ela viu em seu olhar — que ela o machucou. Muitas vezes. Ela sabia que o sim, mas ver isso de novo no rosto dele... Ela levou a mão à sua bochecha e colocou-a ali, muito esgotada para se preocupar com a suavidade do toque.

Cassian se aninhou em sua mão, fechando os olhos. — Estarei com você a cada passo do caminho — ele sussurrou em sua palma. — Apenas não me tranque para fora. Você quer andar em silêncio por uma semana, tudo bem por mim. Contanto que fale comigo no final.

Ela acariciou sua bochecha com o polegar, maravilhando-se com ele — as palavras e sua beleza. Alguma peça essencial de si mesma se encaixou no lugar. Alguma peça que sussurrava *Tente*.

Cassian abriu os olhos, e eles eram tão adoráveis que quase roubaram seu fôlego. Nestha se inclinou para frente até que suas testas se tocassem. E apesar de tudo que transbordava em seu coração, tudo que fluía por seu corpo, certo e verdadeiro, ela apenas sussurrou — Obrigada.



A tempestade havia cessado e não era o que Cassian havia esperado. Ele havia esperado uma raiva capaz de derrubar montanhas. Não lágrimas o suficiente para encher esse lago.

Cada soluço havia partido seu coração.

Cada tremor de seu corpo enquanto as palavras saíam dela havia rasgado-o em pedaços. Até ele não conseguir se impedir de abraçá-la, confortá-la.

Ela não tinha ouvido madeira crepitando em uma lareira, mas ossos se quebrando. Ele deveria saber.

De quantas lareiras Nestha havia recuado, ouvindo não a madeira, mas o pescoço de seu pai se partindo? Na festa do Solstício de Inverno do ano passado, ela estava pálida e retraída — muito pior do que o normal. E eles tinham uma lareira enorme e crepitante naquela sala com eles. Mantiveram-na queimando quente e alta a noite toda.

Cada estalo a teria lembrado de seu pai. Cada um teria sido brutal. Insuportável. E quando ela de repente saiu correndo da casa no final da festa... Teria sido para se afastar deles ou para se livrar do barulho? Possivelmente os dois, mas... Ele gostaria que ela tivesse dito algo. Ele gostaria de pelo menos saber.

E, porra, quantas fogueiras ele construiu nos últimos dias?

Naquela primeira noite, ela havia se enrolado o mais longe possível da chama. Tinha dormido com um braço sobre a cabeça. Bloqueando seus ouvidos, que a Mãe o amaldiçoe. E o ferreiro, quando ela pediu para mudar para um quarto mais fresco e silencioso — um sem o estalar da forja... Foi preciso mais coragem do que ele imaginara para ela pedir para voltar à oficina, às chamas, para martelar nessas lâminas.

Ela estava sofrendo, e ele não tinha ideia do quanto isso consumia cada faceta de sua vida. Ele tinha visto seu ódio e raiva por si mesmo, mas não percebeu o quanto ela estava ciente disso. Quanto isso a tinha comido por dentro. Ele não conseguia suportar. Não conseguia suportar saber que ela sofreu tanto, por tanto tempo.

Cassian a abraçou nas margens do lago até o sol se pôr, até a lua nascer, e eles permaneceram ali, ouvindo um ao outro respirar, como se o mundo tivesse sido inundado por suas lágrimas, como se ambos estivessem esperando para ver o que emergiria assim que as águas das cheias baixaram.

O lago brilhava como um espelho prateado ao luar, tão forte que poderia ser o crepúsculo.

Seu estômago roncou de fome, mas quando a lua subiu mais alto, ele deu um beijo em sua cabeça. — Levante-se.

Ela se mexeu contra ele, mas obedeceu. Ele gemeu, com as pernas rígidas de tanto ficar sentado, e se levantou com ela. Seus braços se envolveram em volta de si mesma. Como se tivesse se retirado para trás daquela parede de aço dentro de sua mente, de seu coração.

Cassian sacou a lâmina Illyriana de suas costas.

Ela brilhou com a luz da lua quando ele o estendeu até o punho dela. — Pegue.

Piscando, os olhos ainda inchados de lágrimas, ela o fez. A lâmina abaixou um pouco quando ela a envolveu com as mãos, como se não esperasse seu peso depois de tanto tempo com as espadas de madeira de prática.

Cassian deu um passo para trás. Então disse — Me mostre a estrela de oito pontas.

Ela estudou a lâmina, então engoliu a seco. Suas feições estavam abertas, temerosas, mas com tanta confiança nele que ele quase caiu de joelhos. Ele acenou com a cabeça em direção à lâmina. — Me mostre, Nestha.

O que quer que estivesse procurando em seu rosto, ela encontrou. Ela ampliou sua postura, apoiando os pés nas pedras. Cassian prendeu a respiração quando ela assumiu a primeira posição.

Nestha ergueu a espada e executou um golpe perfeito em arco. Seu peso mudou para as pernas assim que ela sacudiu a lâmina, conduzindo com o cabo, e ergueu o braço contra um golpe invisível. Outra mudança e a espada desceu, um golpe brutal que teria cortado um oponente ao meio.

Cada golpe foi perfeito. Como se aquela estrela de oito pontas estivesse estampada em seu coração.

A espada era uma extensão de seu braço, uma parte dela tanto quanto seu cabelo ou respiração. Cada movimento floresceu com um propósito e precisão. À luz da lua, perante o lago prateado, ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto.

Nestha completou a oitava manobra e voltou a espada ao centro.

A luz em seus olhos brilhava mais forte do que a lua acima.

Tanta luz e clareza que ele só conseguiu sussurrar — De novo.

Com um sorriso suave que Cassian nunca tinha visto antes, de pé nas margens do lago banhada pela lua, Nestha começou.

Parte Três

VALQUÍRIA

51

— Então você quer me dizer — Emerie murmurou com o canto da boca enquanto elas estavam no ringue de treinamento dois dias depois. — Que você entrou em uma briga com a sua família, desapareceu por uma semana com Cassian, e voltou capaz de usar um espada real, mas eu devo acreditar em você quando diz que nada aconteceu?

Gwyn riu, a atenção fixa em amarrar o pedaço de fita de seda branca a uma viga de madeira que se projetava da lateral do abismo. Nem a fita nem a viga estavam lá uma semana atrás, e Nestha não tinha ideia de como eles ancoraram a madeira na pedra, mas lá estava.

O vento frio da manhã bagunçou o cabelo de Nestha.

— É exatamente o que eu estou lhe dizendo.

— Me diga que pelo menos teve uma semana de sexo. — murmurou Emerie.

Nestha engasgou-se com uma risada enquanto Cassian endureceu através do ringue — mas ele não se virou.

— Pode ter acontecido um pouco. — Depois daquela noite próximos ao lago, ela e Cassian permaneceram ali por dois dias inteiros, seja treinando com sua espada ou fodendo como animais na costa, na água, curvados sobre uma rocha enquanto ela gemia seu nome tão alto que ecoava nos picos ao redor deles. Ele a tomou repetidamente e ela o agarrou e rasgou sua pele toda vez, como se ela pudesse subir nele e fundir suas almas.

Eles voltaram na noite anterior e ela estava cansada demais para se aventurar no quarto dele. Ela presumiu que ele tinha sido chamado para a casa do rio, pois ele não havia aparecido para o jantar, e nem a procurou.

Ela não estava pronta para ver Feyre, no entanto. Por tudo que ela confessou a Cassian, aquele passo... Ela iria enfrentá-lo em breve.

— Feito. — Gwyn declarou, a fita branca tremulando ao vento onde estava pendurada na viga. Atrás delas, algumas das sacerdotisas que estavam aprendendo com Azriel haviam se virado para ver do que se tratava o negócio da fita. O encantador de sombras cruzou os braços, inclinando a cabeça, mas permaneceu em sua metade do ringue.

Cassian, no entanto, se aproximou da obra de Gwyn e percorreu a seda branca entre dois dedos. Nestha não conseguiu evitar corar.

Ele tinha feito isso no lago: depois que ele a fodeu com os dedos, ele segurou seu olhar enquanto os esfregava, testando o deslizamento da umidade dela contra sua pele da mesma forma que ele estava tocando aquela fita. Pela maneira como seus olhos castanhos escureceram, ela sabia que ele estava se lembrando do mesmo.

Mas Cassian pigarreou.

— Explique. — Ele ordenou a Gwyn.

Gwyn endireitou os ombros.

— Este é o teste das Valquírias para saber se o seu treinamento está completo e se você está pronta para a batalha: corte a fita ao meio.

Emerie bufou — O que?

Mas Cassian fez um ruído contemplativo, apontando para a outra metade do ringue.

— Az me disse que vocês também começaram o trabalho preliminar com as lâminas de aço enquanto estávamos fora. — Ele acenou com a cabeça para Gwyn e Emerie, a primeira olhando na direção de Azriel, que assistia em silêncio. — Então me mostre o que você aprendeu. Corte a fita em duas.

— Nós cortamos a fita em dois pedaços. — Emerie perguntou a Gwyn com cautela — e nosso treinamento está completo?

Gwyn olhou novamente para Azriel, que se aproximou. Ela disse — Não tenho tanta certeza.

Cassian soltou a fita.

— O treinamento de um guerreiro nunca está completo, mas se você for capaz de cortar esta fita em duas — com um corte — então eu diria que você pode se defender contra a maioria dos inimigos. Mesmo que você só estivesse treinando por pouco tempo. — No silêncio que ficou, ele olhou entre elas. — Quem vai primeiro?

Novamente, as três trocaram olhares. Nestha franziu a testa. Quem quer que fosse primeiro sofreria o impacto da humilhação. Gwyn balançou a cabeça. Nunca na vida.

A boca de Emerie se abriu.

— Por que eu? — Ela exigiu.

— O que? — Cassian perguntou, e Nestha percebeu que elas não estavam falando.

— Você é a mais velha. — Gwyn disse, cutucando Emerie em direção à fita.

Emerie reclamou, mas se aproximou da fita pendurada, pegando de má vontade a espada que Cassian estendeu. Azriel murmurou por cima do ombro para as sacerdotisas sob seu comando enquanto observavam. Elas imediatamente começaram a se mover novamente. Mas a atenção de Azriel permaneceu na fita.

— Devemos apostar? — Gwyn perguntou à Nestha.

— Cale a boca. — Emerie desaprovou, embora diversão iluminasse seus olhos.

— Vá em frente, Emerie. — Nestha sorriu.

Praguejando sob sua respiração, asas dobrando, Emerie levantou a lâmina em forma quase perfeita e tentou cortar a fita.

A seda branca flutuou e curvou-se em torno da lâmina. E absolutamente não se cortou em dois.

— Vamos todos admitir que sabíamos que isso aconteceria — Disse Emerie, com os dentes à mostra enquanto ela cortava com a espada novamente. A fita dançou inofensivamente para longe.

Cassian bateu em seu ombro — Parece que vou ver você no treinamento amanhã.

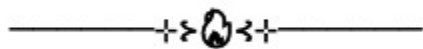
— Babaca. — Nestha murmurou.

Cassian riu e pegou a espada de Emerie e — ao mesmo tempo — girou, golpeando baixo e uniformemente.

A metade inferior da fita caiu no chão. Um pedaço perfeito.

Ele sorriu.

— Pelo menos eu consigo cortar a fita.



Nestha não se esqueceu daquele tiro de despedida. Não quando eles terminaram o treinamento do dia, e certamente não quando ela arrastou Cassian escada abaixo, direto para seu quarto, desejo gritando em suas veias.

Aparentemente, Cassian sentiu o mesmo, já que ele mal tinha falado nos últimos minutos, seus olhos brilhando intensamente. Eles só conseguiram chegar até a mesa dele contra a parede antes que ela o agarrasse — assim que ele a empurrou para a superfície de madeira e tirou as suas calças.

Curvada sobre a mesa, a parte do busto totalmente exposta, Nestha enterrou os mamilos doloridos na superfície da madeira, saboreando o esmagamento brutal. Sua jaqueta, sua camisa, suas botas — tudo permaneceu. Na verdade, sua calça foi puxada apenas até os tornozelos, restringindo ainda mais seus movimentos. Deixando-a totalmente à mercê dele.

E quando seu pau finalmente afundou profundamente nela, os dois gemeram. Ele ficou atrás dela, uma mão apoiada na mesa, a outra apertando seu quadril enquanto recuava quase até a ponta, então empurrava de volta lentamente. Nestha se contorceu.

— Eu poderia te foder por dias. — Ele disse contra seu pescoço suado. Ela gemeu em uma pilha de papéis. — Estou encharcado de você, porra. — Ele rosnou, e a mão em seu quadril deslizou para provocar o ápice de suas coxas.

No primeiro golpe de provocação, ela suspirou — Cassian.

Ele entrava nela em um ritmo constante e profundo. O deslizamento líquido de seu pênis dentro dela soou obscenamente através de seu quarto silencioso. Suas bolas roçaram contra ela, fazendo cócegas com cada impulso poderoso. — Mais forte. — Ela o queria impresso em seus próprios ossos. — Mais forte.

— Porra. — Ele explodiu em uma respiração, e se afastou de onde ele havia se preparado. — Segure-se na mesa. — Ele ordenou, e Nestha se esticou para agarrar as bordas assim que as mãos dele pousaram em seus quadris. Suas coxas empurraram as dela, espalhando-a ainda mais — tão ampla quanto ela poderia ir — e ele não deu nenhum aviso antes de suas mãos apertarem e ele se libertou.

Impulsos excelentes e punitivos foram tão profundos que ele atingiu sua parede mais interna, e seus olhos reviraram em sua cabeça com a felicidade absoluta disso. Ele se tornou selvagem, implacável. Ela poderia estar soluçando de prazer, pelo tamanho dele, tão grande que nunca haveria como se acostumar com isso. Cada empurrão implacável a fazia se inclinar contra a mesa, a madeira e os papéis brincando com seus seios, e ela quase chorou com isso também.

Os dedos de Cassian cravaram em seus quadris com tanta força que Nestha sabia que ficariam marcas, e ela amava que ficariam marcas. Ele mudou sua postura e seu pau mergulhou ainda mais fundo, esfregando-se contra aquele local, e os sons que vinham dela não eram humanos ou feéricos, mas algo muito mais primitivo.

— Porra, sim. — Ele rosnou no abandono dela. — É isso, Nestha. — Ele acentuou cada palavra com um golpe selvagem. — Eu estou bom para você?

Ela choramingou sua confirmação, então conseguiu dizer — Eu gosto quando você me monta forte. Cada vez que me movo e meu corpo está dolorido... — Ela teve que lutar para encontrar as palavras. Lutar para encontrar controle. — Eu penso em você. No seu pau.

— Bom. Eu quero que meu pau seja a única coisa em que você pense. — Seu ritmo vacilou enquanto ele lambia a curva de seu pescoço. Ela podia ouvir a provocação sorrir em suas palavras enquanto sussurrava. — Porque sua boceta linda é a única coisa na qual eu penso.

Com as palavras, a linguagem suja dele, os dedos dos pés dela se curvaram. Mas ela não deixaria ele ganhar essa, não quando isso de alguma forma se tornou uma competição para quem poderia fazer o atingir ao orgasmo primeiro, então ela sussurrou:

— Eu amo estar tão coberta de sua semente que continua vazando de mim por muito mais tempo depois. Eu amo senti-la deslizar pelas minhas coxas e saber que você deixou sua marca em mim.

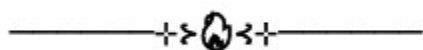
— Porra — Ele explodiu, suas batidas selvagens agora, tão desmarcadas que apenas o controle dela sobre a mesa manteve seus pés no chão. — Porra!

Cassian gozou com um rugido e ao primeiro pulso de seu pênis jorrando profundamente dentro de si, ela atingiu o clímax, gritando alto o suficiente para que ele colocasse a mão sobre sua boca. Ela mordeu seus dedos, e ele continuou se movendo dentro dela, derramando a si mesmo repetidamente. Até que sua semente estava escorrendo de novo por suas coxas, até que ele

deslizou os dedos por uma corrente e a trouxe até aquele ponto no ápice de seu sexo.

— Você não tem ideia do que acabou de começar. — Ele sussurrou em seu ouvido, espalhando sua umidade ali, esfregando em sua carne sensível com círculos ociosos.

Nestha não respondeu quando seus dedos se moveram contra ela, e ela gozou novamente.



Nestha não desceu até cidade para ver Feyre. Ou Amren.

Mas ela continuou indo para as escadas. Ela não conseguiu chegar ao final novamente. Parte dela sabia que se ela quisesse, talvez ela conseguisse — do mesmo jeito que ela poderia abrir a boca e pedir para Cassian levá-la para a casa do rio. Mas ela não fez isso.

Então ela continuou tentando as escadas por outra semana inteira, sempre chegando na metade do caminho até dar a volta, suas pernas se completamente gelatinosas quando ela voltou ao corredor.

Foi apropriado, levando em conta que seus braços viraram geleia também. Sim, ela movia a espada com seu corpo todo, mas seus braços doíam mais do que tudo. E não ajudava o fato de que elas haviam começado a usar escudos agora.

Ninguém tinha conseguido cortar a fita de Gwyn em dois.

Todas elas tentavam no começo e no final de cada aula, e todas falharam. Nestha começou a ressentir da visão de uma fita em qualquer lugar — amarrado no cabelo ruivo de Roslin, dobrado na gaveta de acessórios de sua prateleira, até marcando a página no último romance que Emerie havia emprestado lhe emprestado. Todos eles riam dela. Insultavam ela.

Então Nestha descia correndo as escadas, e praticava, e falhava. Ela levava Cassian para a cama toda noite e algumas vezes durante o dia, mesmo que eles nunca dormissem no quarto um do outro. Nem uma vez. Eles fodiam, eram selvagens um com o outro, e então partiam.

Não importava que algumas noites ela quisesse que ele ficasse. Quisesse sair dele e se aconchegar em seu calor e dormir com o som de sua respiração. Ele sempre ia embora antes que ela tivesse a coragem de pedir.

Nestha estava folheando um livro de história militar na biblioteca — que tinham um parágrafo sobre as estratégias das Valquírias — quando Gwyn apareceu.

— Me diga que você descobriu o segredo delas para cortar o cordão.

— Você e esse cordão... — Nestha murmurou, fechando o livro. De todas elas, Gwyn se tornou a mais determinada a conseguir.

Gwyn cruzou os braços, seu roupão pálido farfalhando. Ela estremeceu e esfregou o ombro.

— Você sabia que escudos pesavam tanto assim? Eu certamente não sabia. Não é à toa que as Valquírias aprenderam a usá-los como armas mortais assim como suas espadas. — Ela suspirou. — Elas teriam sido uma visão e tanto em uma batalha: rachando crânios de seus inimigos com seus escudos, jogando-os nas costas de um oponente antes de espetá-los... — Ela esfregou seu ombro novamente. — Os músculos de seus braços deviam ser fortes que nem aço.

Nestha bufou.

— Realmente. — Ela balançou a cabeça. — Agora que você está aqui, queria lhe pedir um favor.

Gwyn arqueou uma sobrancelha.

— Sobre os tesouros da morte?

— Não. — Nestha sabia que ela tinha que procurar — logo — pela harpa. Ela perdeu uma boa semana nas montanhas, e se a rainha Briallyn já tinha a coroa... Tempo não estava do lado deles. Mas ela disse — Você mencionou há um tempo atrás que você tem algo a ver com os serviços; com música, certo?

Gwyn sorriu.

— Ah, sim. Você quer se juntar a nós? Eu prometo, não é apenas algo religioso. Quero dizer, é sim, mas é lindo. E a caverna em que o serviço acontece é linda também. Foi esculpida por um rio subterrâneo que anda por baixo das montanhas, então as paredes são lisas que como vidro. E o acústico é perfeito. A forma e o tamanho do espaço amplifica e clareia todas as vozes lá dentro.

— Parece divino. — Nestha admitiu.

— E é. — Gwyn sorriu novamente, olhos brilhando com orgulho. — Algumas das músicas que você vai ouvir são tão ancestrais que antecedem a escrita. Algumas são tão velhas que nós nem tínhamos em Sangravah. Clotho as encontrou em livros arquivados abaixo do nível sete. Hana — ela vai tocar o alaúde — descobriu como ler a música.

— Eu vou estar lá. — Nestha balançou os pés.

— Acho que preciso de algo assim. — Com o olhar interrogatório de Gwyn, Nestha disse, — Eu... — Ela procurou pelo jeito mais leve de dizer isso. — Eu...

Gwyn colocou as mãos dentro dos bolsos do roupão, seu rosto aberto; esperando.

Nestha finalmente falou, se permitindo dizer as palavras — Depois da guerra, eu estava em um lugar ruim. Eu ainda estou, eu acho, mas por mais de um ano depois da guerra... — Ela não conseguia olhar nos olhos de Gwyn. — Eu fiz várias coisas das quais me arrependo. E eu me machuquei. Eu bebia de dia e de noite e eu... — Ela não queria dizer a palavra *fodia* para Gwyn, então ela disse — Eu levava estranhos para cama. Para me

punir, me afundar. — Ela deu de ombros. — É uma longa história, e uma que não vale a pena contar, mas entre tudo isso eu escolhia tavernas e salões de prazer para frequentar por causa da música. Eu sempre amei música. — Ela se preparou para o julgamento, mas apenas tristeza apareceu no olhar de Gwyn.

— Você provavelmente adivinhou que minha moradia na casa, meu treinamento e meu trabalho na biblioteca foram a tentativa da minha irmã de me ajudar — A irmã que ela ainda não havia pedido desculpas, não havia tido coragem de encarar. — E eu... Eu acho que estou grata que Feyre fez isso por mim. As bebidas, os homens... Eu não sinto saudades de nada disso. Mas a música... isso eu sinto falta. — Nestha balançou a mão, como se pudesse banir a vulnerabilidade que ofereceu. Mas ela continuou — E como eu não sou exatamente bem vinda na cidade, eu esperava que você realmente dissesse que eu posso ir em um dos seus serviços. Apenas para que eu pudesse escutar música novamente.

Os olhos de Gwyn brilharam, como a luz do sol no oceano. O coração de Nestha batia rápido, esperando por sua resposta. Mas Gwyn disse — Sua história vale a pena ser contada, sabe?

Nestha começou a contrariar, mas Gwyn insistiu — Ela vale. Mas sim, se você quer música, então venha para os serviços. Nós iremos ficar gratas em lhe receber. Eu vou ficar grata em lhe receber.

Até Gwyn saber o quão horrível ela foi.

— Não. — Gwyn disse, aparentemente lendo o pensamento em seu rosto. Ela segurou a mão de Nestha. — Você... Eu entendo. — Nestha ouviu o coração de Gwyn acelerar também. — Eu entendo, — Gwyn repetiu. — O que é... falhar com as pessoas que mais significam para você. Viver com medo de as pessoas descobrirem. Eu tenho medo que você e Emerie descubram sobre minha história. Eu sei que assim que vocês descobrirem, nunca mais me olharão do mesmo jeito. — Gwyn apertou a mão de Nestha.

Sua história viria depois. Nestha deixou visível em seu rosto, que quando Gwyn estivesse pronta, nada que a amiga contasse faria ela ir embora.

— Venha para o serviço esta noite. — Gwyn disse. — Escute música. — Gwyn apertou a mão de Nestha novamente. — Você sempre será bem vinda para se juntar a mim, Nestha.

Nestha não havia percebido o quanto precisava ouvir aquilo. Ela apertou a mão de Gwyn de volta.

52

Os bancos de madeira que enchiam a maciça caverna de pedra vermelha estavam cheios de pálidas figuras encapuzadas, suas gemas azuis brilhando a luz das tochas enquanto elas esperavam pelo início do serviço do pôr do sol. Nestha reivindicou um lugar num banco de trás, ganhando alguns olhares curiosos das fêmeas encapuzadas que passaram, mas ninguém falou com ela.

Um estrado estava na outra extremidade do espaço, embora nenhum altar estivesse sobre ele. Um pilar de pedra natural se levantando do chão, o topo achatado em algo como um pódio. Nada mais. Sem efígies ou ídolos, sem móveis dourados.

Uma figura de cabelo prateado percorreu o corredor, um vento frio em seus calcanhares, e as outras deram-lhe um amplo espaço. Nestha enrijeceu quando os olhos crepusculares de Merrill pousaram sobre ela se estreitando com reconhecimento, e ódio. Mas a fêmea continuou a mover-se, ocupando o seu lugar no topo do altar, onde Clotho apareceu. Ainda nada de Gwyn.

A última das sacerdotisas encontrou um lugar disponível, e o silêncio caiu quando um grupo de sete fêmeas pisou no altar ao lado de Merrill e Clotho. Algumas estavam encapuzadas; outras estavam com a cabeça descoberta. E uma daquelas sacerdotisas com a cabeça descoberta...

Gwyn. Seus olhos brilhavam com malícia e deleite ao encontrarem os de Nestha, como que para dizer *Surpresa*.

Nestha não podia deixar de sorrir de volta.

Um sino tocou sete vezes em algum lugar nas proximidades, ecoando através das pedras, através dos pés de Nestha. Cada estrondo era uma

convocação, um chamado para se concentrar. Todos se levantaram ao sétimo toque. Nestha olhou para o mar de vestes pálidas e gemas azuis uma vez que toda a sala parecia respirar fundo.

Quando o sétimo sino acabou de soar, a música irrompeu.

Não de quaisquer instrumentos, mas de todo lugar. Como se fossem uma só voz, as sacerdotisas começaram a cantar, uma onda de som cintilante.

Nestha só conseguiu ficar boquiaberta com a adorável melodia, as vozes da frente da caverna liderando-a, elevando-se mais alto que as outras. Gwyn cantou com o queixo erguido, um brilho fraco parecendo irradiar dela.

A música era pura, antiga, em momentos sussurrante e ousada, um momento como um fio de névoa, a seguinte como um raio dourado de luz. Terminou, e Merrill falou sobre a Mãe e o Caldeirão, sobre a terra, o sol e a água. Ela falou de bênçãos, sonhos e esperança. De misericórdia e amor e crescimento.

Nestha ouviu pela metade, à espera do som, o som perfeito e belo, começar de novo. Gwyn parecia estar cintilando de orgulho e contentamento.

Merrill terminou a oração e o grupo começou outra canção.

Era como uma trança, a música — uma trança de sete vozes, entrelaçando-se e saindo, fios individuais que juntos formavam um padrão. No meio do percurso, um tambor apareceu na mão de uma cantora na extrema esquerda. Alguém na extrema direita começou a dedilhar uma harpa. Um alaúde soou no centro.

Ela nunca tinha ouvido tal música. Como um feitiço, um sonho dado forma. A sala inteira cantou, cada voz ressoando através da pedra.

Mas a voz de Gwyn elevou-se acima de todas elas, clara e poderosa e ainda rouca em algumas notas. Uma mezzo-soprano. A palavra flutuou das profundezas da memória de Nestha, dita por um tutor de música com olhos lacrimejantes que rapidamente declarou Nestha sem esperança para cantar ou tocar, mas na posse de um ouvido excepcionalmente bom..

A canção terminou, e mais orações e palavras fluíram de Merrill, Clotho silenciosa ao seu lado. Então outra música começou — esta mais alegre, mais rápida que a outra. Como se as canções fossem uma progressão. Este era um canto alegre, as palavras caíam umas sobre as outras como água a dançar na encosta da montanha, o pé de Nestha batia no chão acompanhando o ritmo.

Nestha poderia ter jurado que sob a bainha do manto de Gwyn, a sacerdotisa estava fazendo o mesmo. As palavras e as contra-melodias dançaram em círculos, até que as paredes zumbiam com a música, até que a pedra parecia estar cantando de volta.

Eles terminaram e começaram outra música — conduzida por uma batida contínua de tambores e, em seguida, uma única voz. Depois juntou-se a harpa, uma segunda voz com ela. Depois o alaúde, junto com uma terceira voz. Os três cantaram juntos, outra trança de vozes e melodias. Eles chegaram ao segundo verso e os outros quatro entraram na sala com eles.

A voz de Gwyn elevou-se como um pássaro através da caverna quando ela começou a terceira canção com um solo, e Nestha fechou os olhos, inclinando-se para a música, fechando os sentidos de modo a exaltar o som da sua amiga. Algo chamou atenção na canção de Gwyn, de uma forma que as outras não fizeram. Como se Gwyn cantasse apenas para ela, a sua voz cheia de sol, alegria e inabalável determinação. Nestha nunca tinha ouvido uma voz como a de Gwyn — alternadamente treinada e selvagem, como se houvesse tanto som lutando para se libertar de Gwyn que ela não conseguia conter tudo. Como se o som precisasse ser solto no mundo.

Os outros se juntaram a Gwyn para o segundo verso, e as harmonias da harpa elevaram-se acima da sua canção, arcos de notas sem palavras.

Com os olhos fechados, apenas a música importava — a canção, as vozes, a harpa. Enrolou-se à sua volta, como se tivesse sido deixada cair numa piscina de som sem fundo. A voz de Gwyn aumentou novamente, segurando uma nota tão alta que era como um raio de pura luz, penetrante e convocatória. Duas outras vozes se juntaram, pulsando em torno daquela nota alta repetida, a harpa ainda dedilhando, vozes sussurrando e fluindo, embalando Nestha, para baixo, para baixo, para um lugar puro e antigo

onde nenhum mundo exterior existia, nenhum tempo, nada além de música em seus ossos, as pedras em seus pés, ao lado dela, acima.

A música tomou forma por detrás dos olhos de Nestha enquanto as sacerdotisas cantavam a letra em línguas tão antigas, que ninguém mais as falava. Ela viu o que a canção dizia: terra musgosa e sol dourado, rios límpidos e as sombras profundas de uma floresta antiga. A harpa tocou e as montanhas rolaram à frente, como se um véu tivesse sido desobstruído com o golpe dessas cordas, e ela estava voando em direção àquilo — em direção a uma enorme montanha velada pela névoa, a terra árida exceto pelo musgo, pedras e um mar cinzento e tempestuoso à sua volta. A montanha em si tinha dois picos bem no topo, e as pedras que se projetavam de seus lados eram esculpidas com símbolos antigos e estranhos, tão antigos quanto a própria canção.

O corpo de Nestha derreteu, seus ossos e as pedras da caverna uma memória distante enquanto ela fluía para a montanha, viu portões esculpidos e altos e passou por eles em uma escuridão tão completa que era primordial; escuridão que estava cheia de coisas vivas, coisas terríveis.

Um caminho levava à escuridão, e ela o seguiu, passando por portas sem maçanetas, seladas para sempre. Ela sentiu horrores escondidos atrás daquelas portas, um horror maior do que os outros — um ser de névoa e ódio — mas a canção a levou a passar por todos eles, invisível e sem marcas.

Este lugar era totalmente letal. Um lugar de sofrimento, raiva e morte. Sua própria alma estremeceu ao vagar por seus corredores. E mesmo que ela tivesse passado pela porta mantendo-a a salvo daquele ser mais horrível do que todo o resto... ela sabia que aquilo a observava. Ela se recusou a olhar para trás, para reconhecer aquilo.

Então Nestha desceu cada vez mais, a harpa e as vozes pulsando e guiando, até que ela parou diante de uma pedra. Ela colocou a mão sobre ela para descobrir que era apenas uma ilusão, e ela passou por ela, por outro longo corredor, abaixo da própria montanha, e então ela estava em uma caverna, quase gêmea daquela em que as sacerdotisas cantavam, como se eles estivessem ligados na música e no sonho.

Mas em vez de pedra vermelha, era esculpida em rocha negra. Os símbolos tinham sido gravados no chão liso, nas paredes curvas, subindo em direção a um teto tão alto que desapareceu na escuridão. Feitiços e proteções pulsavam ao redor da sala, mas ali, no centro do espaço, colocado no chão como se tivesse sido colocado lá por alguém que simplesmente se afastou e o esqueceu...

Ali, no centro da câmara, estava uma pequena harpa dourada.

O frio percorreu Nestha, clareando os seus pensamentos o suficiente para perceber onde ela se encontrava. Que a música das sacerdotisas a tinha embalado para um transe, que os seus próprios ossos e a pedra da montanha que a rodeava tinham sido suas ferramentas de vidência, e ela havia vagado para este lugar...

A harpa brilhava na escuridão, como se possuísse o seu próprio sol dentro do metal e as cordas. *Toque-me*, parecia sussurrar. *Deixe-me cantar outra vez. Junte a sua voz com a minha.*

Sua mão alcançou as cordas. *Sim.*

A Harpa suspirou, um ronronar baixo rolando enquanto a mão de Nestha se aproximava.

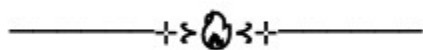
Nós abriremos portas e caminhos; nos moveremos pelo espaço e pelos éons juntos. A nossa música irá nos libertará das regras e fronteiras terrestres.

Sim. Ela tocava a Harpa, e não haveria nada além da música até que as estrelas morressem.

Toque. Há tanto tempo que desejo tocar, dizia, e ela poderia ter jurado que ouviu um sorriso dentro do som. O que poderia a minha canção libertar aqui dentro? Uma risada fria e sem humor ao longo dos ossos de Nestha. Aquilo cantou de novo, toque, toque...

A canção parou e a visão se desfez.

Os joelhos de Nestha cederam quando a sala foi varrida, e ela caiu sobre o banco, ganhando um olhar alarmado de Gwyn através da multidão. O seu coração trovejou, a sua boca estava seca como areia e ela se obrigou a se levantar novamente. Para ouvir o fim do serviço enquanto ela juntava tudo, percebeu o que ela havia descoberto em sua visão involuntária.



— Você tem certeza disso?

Cassian encostou o quadril na mesa de Rhys. — Nestha disse que a Harpa está em baixo da Prisão.

— Ela nunca esteve na Prisão — disse Rhys, franzindo a testa.

Cassian honestamente pensou que Nestha poderia estar bêbada quando irrompeu na sala de jantar uma hora antes, sem fôlego, e contou a ele sua história selvagem. Ele dificilmente foi capaz de entender o que ela disse, exceto pelo fato de que acreditava que a Harpa estava na Prisão.

Pior ainda, que ela tinha *acordado* a Harpa na Prisão. Que destruição ela pode causar sem controle? O pensamento gelou Cassian até o âmagô.

Então ele voou até aqui e encontrou Rhys no seu escritório. Novamente debruçado sobre os volumes dos antigos curandeiros, tentando encontrar uma maneira de salvar sua companheira.

Rhys recostou-se no assento. Considerando.

Az tinha atravessado até um ponto de encontro na costa leste para obter um relatório de Mor sobre a situação de Vallahan, e Feyre tinha saído para jantar com Amren, por isso eram só os dois esta noite. Cassian sugeriu que Nestha viesse contar pessoalmente a Rhys, mas ela recusou. Ela estava abalada — precisava de algum tempo para se recompor. Ele a verificaria mais tarde. Certificaria de que ela não se tinha retirado muito para dentro da sua cabeça.

Rhys tamborilou os dedos nos seus bíceps. Encarou sua mesa por um longo momento. — Quando ouvimos falar da traição de Beron, pedi a Helion que me mostrasse como aplicar um escudo como o que eu tinha à volta de Feyre na própria Prisão.

— Você adivinhou que isto iria acontecer?

— Não — Um músculo estremeceu na mandíbula do Rhys. — Feyre e eu estávamos preocupados que Beron tentasse libertar os presos para usar em um conflito — assim como nós usamos o entalhador de ossos na guerra. Me dê esta noite e eu vou soltar o escudo, estará aberto para você amanhã.

— Demora tanto tempo para desfazer um escudo?

Rhys passou a mão pelo cabelo. As preocupações gravaram linhas profundas em sua testa. — É uma combinação de magia e feitiço, então sim. E admito que estou distraído o suficiente nestes dias que talvez eu possa precisar de um tempo extra para ter a certeza de que foi feito corretamente.

O estômago de Cassian afundou com a tristeza no rosto de Rhys. — Tudo bem.

Uma lâmina apareceu na mesa, convocada de onde quer que Rhys a guardasse. A grande espada que Nestha havia feito.

— Levem-na com vocês — disse calmamente o seu Grã Senhor. — Eu quero ver o que acontece se Nestha utilizar.

— Uma visita à Prisão não é o momento para uma das suas experiências — Cassian comentou.

As estrelas nos olhos de Rhys piscaram. — Então esperemos que ela não precise utilizá-la.

53

— Rhysand realmente me deu essa espada por livre e espontânea vontade?

— Nestha perguntou a Cassian na manhã seguinte, enquanto caminharam pelo lado com mais musgo rochoso da montanha imponente conhecida como a Prisão. Era exatamente como ela a tinha imaginado em o seu transe — e ainda mais horrível em pessoa. A própria terra parecia abandonada. Como se algo de grande já tivesse existido aqui e depois desaparecesse. Como se a terra ainda esperasse pelo seu regresso.

— Rhys disse que se vamos para a Prisão, devemos estar bem armados — Cassian disse, seu cabelo escuro sacudido pelo vento frio e úmido do mar cinza agitado além da planície à direita deles. — E este é o melhor lugar em que ele pode pensar para nós experimentarmos a espada que você Fez.

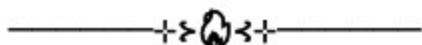
— Então, se der errado, pelo menos vai me matar, e não mais ninguém? — Nestha não conseguia manter a nitidez do seu tom. Rhys os tinha atravessado aqui, depositando-os na base da montanha, já que nenhuma magia poderia perfurar suas proteções pesadas. Nestha não foi capaz de olhar nos olhos dele.

— Você não vai ser morta. Nem por aquela lâmina ou qualquer coisa lá. — Sua mandíbula se contraiu enquanto ele examinava os portões altos muito acima. Ele colocou muitos dos presos atuais ali dentro, e Nestha tinha ouvido as histórias angustiantes de Feyre sobre visitas à Prisão em várias ocasiões. Pouco assustou sua irmã — o fato de Feyre achar que era petrificante não ajudou a sensação de torção no intestino de Nestha.

— Lembra-se das regras?— perguntou Cassian ao aproximarem-se dos portões de osso, intrincadamente esculpidos com todos os tipos de criaturas.

— Sim — Segure a mão de Cassian o tempo todo, não fale de Amren, não falar de *qualquer coisa* sobre o Tesouro ou a corte ou sobre a gravidez de Feyre, não fale das criaturas que ele colocou aqui, não faça nada a não ser caminhar e ficar em alerta máximo. E tire aquela Harpa para fora antes que ela pudesse desencadear o caos.

Os portões de osso se abriram com um rangido. Cassian ficou tenso, mas continuou subindo. — Parece que somos esperados.



Na escuridão, no próprio inferno, eles caminharam.

Nestha agarrou a mão de Cassian, sua corda para a vida neste lugar sem luz. Um dos Sifões de Cassian brilhou com uma luz vermelha, ensanguentando as paredes pretas, as portas pelas quais às vezes passavam.

Cassian se movia com a fluidez de um guerreiro treinado, mas ela notou o olhar dele disparando pelo caminho que eles percorreram, que mergulhou na terra. A entrada para o corredor escondido que ela tinha visto em sua vidência era muito, muito abaixo — entre uma porta de ferro com uma única runa sobre ela e uma pequena alcova na pedra.

Ruídos suaves sussurraram através da rocha. Ela poderia jurar que unhas raspavam atrás de uma porta. Quando ela olhou para Cassian, seu rosto empalideceu. Ele notou o olhar dela e deu um tapinha no peitoral esquerdo — logo acima da cicatriz grossa ali. Indicação de quem estava preso atrás daquela porta. Quem correu as unhas sobre ele.

Seu sangue gelou. Blue Annis.

Pele de cobalto e garras de ferro, disse ele. Annis saboreou comendo a sua presa.

Nestha engoliu, apertando a mão de Cassian, e eles continuaram para baixo.

Minutos ou horas passadas, ela não sabia. Na escuridão, no ar pesado e sussurrante, o tempo havia deixado de importar.

A náusea a invadiu. Amren esteve neste lugar por milhares de anos, jogada por tolos que a temiam em sua verdadeira forma, aquele ser de chamas e luz que destruíra o exército de Hybern.

Nestha não conseguia imaginar passar um dia neste lugar. Um ano.

Ela não sabia como é que Amren não tinha enlouquecido. Como ela tinha encontrado força para sobreviver.

Ela tratou Amren mal. O pequeno pensamento ficou preso em sua mente. Ela a tinha usado, exatamente como Amren disse, como um escudo contra todos. E Amren, que havia sobrevivido milênios neste lugar horrível, ao lado dos piores monstros da terra... Amren *a* achava horrível.

A miséria ardia como o ácido.

Algo bateu através da rocha à sua esquerda, e Nestha recuou. Cassian apertou sua a mão. — Ignore isso — murmurou ele.

Para baixo e para baixo, em um lugar pior que o inferno. E então ela avistou uma alcova queimada em sua memória, atrás de suas pálpebras. E... sim, ao lado dela estava aquela porta de ferro com a única runa em sua superfície.

— Aqui — Nestha empurrou o queixo em direção à pedra calva. — Através da pedra.

Quando Cassian não respondeu, ela virou-se para ele.

O seu foco estava fixo na porta de ferro. Sua pele marrom-dourada estava pálida.

Seus lábios pronunciaram o nome do ser por trás dela. *Lanthys*.

— Você tem certeza... — Cassian engoliu em seco. — Você tem certeza de que este é o lugar?

— Sim. — Nestha não lhes deu tempo para reconsiderar quando estendeu a mão livre e se aproximou da pedra.

Os seus dedos passaram através da rocha. Como se ela não existisse.

Cassian a puxou de volta, mas ela empurrou para frente, e sua mão, então seu pulso, então seu braço desapareceu. E então eles atravessaram.

— Eu não tinha ideia de que havia mais alguma coisa na Prisão — Cassian respirou enquanto eles continuavam por outro corredor. Não havia portas alinhadas, apenas pedra lisa. — Achei que houvesse apenas celas.

— Eu te disse — ela respondeu. — Eu vi uma câmara aqui.

A luz do Sifão no topo da mão de Cassian revelou uma arcada e abertura — e lá estava. Símbolos em relevo esculpidos no chão lançam sombras contra a luz carmesim. A câmara redonda inteira estava cheia deles. E em seu centro — a Harpa dourada, coberta por intrincados relevos, incrustada com cordas de prata.

Não cantou, não falou. Poderia muito bem ser um instrumento comum.

E foi exatamente por isso que Nestha parou Cassian sob a arcada, sem ousar pisar no chão esculpido. — Precisamos ter cuidado. — Nestha espiou dentro da câmara vasta e vazia. — Existem proteções e feitiços aqui.

Cassian esfregou o queixo com a mão livre. — Minha magia não desvia para os feitiços. Eu posso explodir escudos e proteções mágicos, mas se for uma armadilha como Feyre e Amren enfrentaram na Corte Estival, eu não posso sentir isso.

Nestha bateu o pé em uma batida rápida. — As proteções de Rhysand na Máscara não conseguiram me impedir de entrar. A máscara queria que eu viesse, então me permitiu passar. Talvez a Harpa faça o mesmo. Semelhante atrai semelhante, como todos vocês gostam de dizer.

— Eu não vou deixar você entrar naquela sala sozinha. Não se aquela coisa quiser *tocar*.

— Eu não acho que temos escolha.

Ele apertou a mão dela, esfregando as calosidades contra as dela. — Você lidera, eu seguirei.

— E se minha presença passasse despercebida, mas a sua desencadeasse uma armadilha? Não podemos arriscar.

Sua garganta tremeu. — Eu não posso arriscar você.

As palavras bateram em seu coração. — Eu... você pode. Você tem que fazer isso. — Antes que ele pudesse protestar, ela disse — Você está me treinando para ser uma guerreira. Ainda assim você me manteria longe do perigo? Como isso é melhor do que um animal enjaulado?

As palavras devem ter atingido algo nele. — Tudo bem.— Cassian desafiou a grande espada que carregava para ela. Ele a enrolou em torno de sua cintura, seu peso considerável. Ela ajustou o equilíbrio. — Nós tentamos do seu jeito. E ao primeiro sinal de algo errado, nós partimos.

— Tudo bem. — Ela engoliu a secura da boca.

Seus olhos brilharam, notando sua hesitação. — Não é tarde demais para mudar de ideia.

Nestha se eriçou — Não vou permitir que ninguém, a não ser nós, coloque as mãos na Harpa.

Com isso, ela caminhou até a linha de demarcação entre o corredor e a câmara. Apoiando-se, ela colocou um pé à frente.

Era como pisar na lama.

Mas as proteções permitiram que ela passasse. Nestha deu mais um passo, o braço estendido atrás dela para segurar a mão de Cassian. A pressão dos feitiços empurrou contra suas panturrilhas, seus quadris, seu corpo, apertando seus pulmões. — Essas barreiras não são como nenhuma proteção que eu já senti antes — ela sussurrou, ficando parada enquanto

esperava por qualquer indício de uma armadilha acionada. — Elas parecem velhas. Incrivelmente velha.

— Elas provavelmente são anteriores a este lugar ser usado como prisão.

— O que era antes?

— Ninguém sabe. Sempre estive aqui. Mas esta câmara... — Ele examinou o espaço além dela. — Eu não sabia que lugares como este existiam aqui. Talvez... — Ele franziu a testa. — Parte de mim se pergunta se a Prisão foi construída ou abastecida com seus internos para esconder a presença da Harpa. Existem tantos poderes terríveis aqui, e as proteções na própria montanha... Eu me pergunto se alguém escondeu a Harpa sabendo que ela nunca seria notada com tanta magia terrível ao redor dela.

Sua boca secou novamente. — Mas quem a colocou aqui?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu. Alguém que existiu antes dos Grão-Senhores governarem. Rhys me disse uma vez que esta ilha pode ter sido até uma oitava corte.

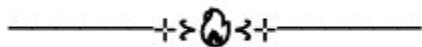
— Você não reconhece essas marcas no chão?

— De jeito nenhum.

Ela soltou um longo suspiro. — Acho que nenhuma armadilha foi acionada.

Ele assentiu. — Seja rápida.

Seus olhares se detiveram, e Nestha se afastou da preocupação crua em seus olhos quando ela puxou a mão da dele e entrou na câmara.



As proteções pesavam sobre a pele de Nestha a cada passo no chão de pedra até a harpa brilhante.

— Parece recém-polido — observou ela para Cassian, que observava da arcada. — Como isso é possível?

— Ele existe fora das amarras do tempo, assim como o Caldeirão.

Nestha estudou os símbolos no chão. Todos eles pareciam espiralar em direção a um ponto. — Eu acho que essas são estrelas — ela respirou. — Constelações. — E como um sol dourado, a Harpa estava no centro do sistema.

— Esta é a Corte Noturna— disse Cassian secamente.

Mas parecia... diferente da magia da Corte Noturna de alguma forma. Nestha fez uma pausa antes da Harpa, as proteções pressionando em sua pele enquanto ela examinava sua moldura dourada e cordas de prata. A Harpa estava no topo de uma grande representação de uma estrela de oito pontas. Seus pontos cardeais se estendiam mais do que os outros quatro, com a Harpa situada diretamente no coração da estrela.

O cabelo de sua nuca se arrepiou. Ela poderia ter jurado que o sangue em seu corpo mudou de curso.

Ela tinha a sensação assustadora de que tinha sido trazida aqui.

Não pelo Caldeirão, pela Mãe ou pela Harpa. Por algo mais vasto. Algo que se estendeu até as estrelas esculpidas ao redor deles.

Suas mãos frias e leves guiaram seus pulsos enquanto ela pegava a harpa.

Seus dedos roçaram o metal gelado. A Harpa zumbia contra sua pele, como se ainda tivesse sua nota final, da última vez que tinha sido usada.

Os fééricos gritavam, batendo em uma pedra que não estava lá um momento antes, implorando pelo bem de seus filhos, implorando para serem soltos, soltos, soltos

Nestha teve a sensação de cair, tropeçar no ar e nas estrelas e no tempo.

Era uma armadilha, e nosso povo estava cego demais para ver

Eons e estrelas e escuridão mergulharam em torno dela

Os fééricos arranharam a pedra, rasgando as unhas na rocha onde antes havia uma porta. Mas o caminho de volta agora estava selado para sempre, e eles imploraram enquanto tentavam passar seus filhos pela parede sólida, se ao menos seus filhos pudessem ser poupados

A luz brilhou, cegando. Quando clareou, ela estava em um palácio de pedras brancas.

Um grande salão, onde cinco tronos enfeitavam um estrado. O sexto trono, no centro, era ocupado por uma velha de orelhas pontudas. Uma coroa dourada com pontas repousava em sua cabeça, brilhando como o ódio em seus olhos negros.

A velha Féérica se enrijeceu, as vestes de veludo azul mudando com o movimento. Seus olhos, claros apesar do rosto enrugado, ficaram mais nítidos. Bem em Nestha.

— Você tem a Harpa — disse a rainha, a voz como papel amassado. E Nestha sabia quem ela estava congelada antes, que coroa estava em seu cabelo branco e fino. Os dedos nodosos de Briallyn enrolaram nos braços de seu trono, e seu olhar se estreitou. A rainha sorriu, revelando uma boca de dentes meio podres.

Nestha deu um passo para trás — ou tentou. Ela não conseguia se mover.

O sorriso horrível de Briallyn se aprofundou e ela disse em tom de conversa — Meus espiões me disseram quem são suas amigas. a mestiça e a maltratada Illyriana. Garotas tão lindas.

O sangue de Nestha se agitou, e ela sabia que seus olhos estavam brilhando com seu poder enquanto ela rosnava — Chegue perto delas e eu vou rasgar sua garganta. Vou te caçar e estripar você.

Briallyn resmungou. — Esses laços são tolos. Tão tolo quanto você ainda segurando a Harpa, que canta respostas para todas as minhas perguntas. Eu sei onde você está, Nestha Archeron.

A escuridão explodiu.

Uma escuridão sólida e imóvel, batendo em Nestha tão forte quanto uma parede.

Gritos ainda ecoavam.

Não — não, isso era um macho gritando seu nome.

E ela não bateu na escuridão. Ela colidiu com a pedra e agora estava caída no chão, a Harpa nas mãos.

— NESTHA! — A luz vermelha brilhou, lavando como uma maré sangrenta sobre as pedras, seu rosto, o teto. Mas os Sifões de Cassian não conseguiram romper as barreiras. Ele não conseguia alcançá-la.

Nestha agarrou a harpa contra o peito, a última de suas reverberações ecoando por ela. Ela tinha que deixar ir. De alguma forma, ao tocar a Harpa enquanto Briallyn estava usando a Coroa, ela abriu um caminho entre suas mentes, seus olhos. Ela podia ver Briallyn, e Briallyn podia vê-la, podia sentir onde ela estava. Ela tinha que deixar ir.

Ela não podia fazer mais do que torcer as pontas dos dedos enquanto um peso opressor e invisível a atingia, como se a tivesse transformado em pó no chão. *Solte*, ela ordenou silenciosamente, cerrando os dentes, os dedos roçando a corda mais próxima. *Liberte-me, sua maldita coisa*.

Uma bela e ativa voz respondeu, cheia de música tão linda que partiu seu coração ao ouvi-la. *Não aprecio o seu tom*.

Com isso, a Harpa empurrou com mais força, e Nestha rugiu silenciosamente.

Sua unha raspou no cordão novamente. *Me deixe ir!*

Devo abrir uma porta para você, então? Liberar o que foi pego?

Sim! Maldita seja, sim!

Já faz muito tempo, irmã, desde que toquei. Vou precisar de tempo para lembrar as combinações certas...

Não faça joguinhos. Nestha gelou com a palavra que ela usou. Irmã. Como se ela e essa coisa fossem a mesma coisa.

As cordas pequenas são para jogos — movimentos leves e soltos — mas as mais longas, as finais... Tantas maravilhas e horrores profundos que poderíamos criar. Uma magia tão grande e monstruosa que fiz com meu último menestrel. Devo mostrar a você?

Não. Basta abrir essas barreiras.

Como quiser. Puxe a primeira corda, então.

Nestha não hesitou quando a ponta do dedo enrolou sobre a primeira corda, agarrando e depois soltando. Uma risada musical encheu sua mente, mas o peso diminuiu. Desapareceu.

Nestha respirou fundo, empurrando para cima, e se encontrou livre para se mover como desejasse. A Harpa ainda estava em suas mãos, adormecida. O próprio ar parecia mais leve. Mais solto. Como se abrir outra porta tivesse fechado aquela para Briallyn.

— NESTHA! — Cassian trovejou do outro lado da câmara.

— Estou bem — gritou ela, sacudindo os tremores persistentes. — Mas acho que alguém muito perverso usou isso por último.— Ela olhou para a escuridão acima. — Acho que eles usaram para... prender seus inimigos e os filhos de seus inimigos na própria pedra.— Era isso que estava acontecendo com ela agora? A Harpa a empurrou contra a rocha, fundindo sua alma com ela? Ela estremeceu.

Cassian perguntou — Você está ferida? O que aconteceu?

Ela gemeu, levantando-se lentamente. — Não. Eu... eu toquei e isso guardou uma memória. Uma péssima.— Uma que ela nunca esqueceria. — E nós precisamos partir. Ela me mostrou Briallyn, usando a coroa. Ela me

viu aqui. — As palavras saíram à medida que Nestha voltava pela caverna pesada, sentindo aquele ponto central, a estrela em seu coração, como uma presença física em suas costas. Aquelas mãos vastas e leves pareciam puxá-la, tentando fazê-la retornar, mas ela as ignorou, explicando a Cassian o que ouvira da Harpa e o que vira na visão com Briallyn.

A respiração de Cassian permaneceu irregular. Ele não relaxou um músculo até que ela voltou para o corredor do túnel. Até que sua mão estava novamente em torno dela. Ele nem se preocupou em olhar para a Harpa, ou comentar sobre Briallyn. Ele apenas a examinou em busca de qualquer sinal de dano.

Foi tão íntimo quanto qualquer olhar que ele já tinha dado a ela. Mesmo quando ele estava enterrado profundamente dentro dela, movendo-se nela, seu olhar nunca tinha sido tão abertamente cru.

Ela colocou a harpa ao lado do corpo e não conseguiu impedir a mão que levou ao rosto dele. — Estou bem.

Ele deu um beijo no coração de sua palma. — Não sei por que duvidei de você.— Ele se afastou de seu toque. — Vamos dar o fora daqui.— A promessa das trevas envolvia as palavras — e ela sabia o que eles fariam assim que largassem a Harpa para se tornar o problema de Rhysand.

Suas bochechas aqueceram, algo como prazer passando por ela. Que ele iria escolhê-la — que ele queria tanto a garantia de seu corpo.

Ela entrelaçou os dedos nos dele, apertando com tanta força quanto suas mãos podiam ser pressionadas. Ele apertou de volta e puxou-a pelo corredor, longe do local da dor e da memória há muito esquecida. A espada quicou contra sua coxa e ela disse, quebrando o silêncio — Eu a chamei de Ataraxia.

Ele olhou por cima do ombro para ela. — Essa espada? O que isso significa?

— É do idioma antigo. Encontrei em um livro outro dia na biblioteca. Eu gostei do som disso.

— Ataraxia — disse ele como se estivesse experimentando a própria arma.
— Eu gosto disso.

— Estou tão feliz que você aprovou.

— É melhor do que Assassina ou Majestade de Prata— ele rebateu. Seu sorriso era mais brilhante do que o Sifão brilhante em cima de sua mão esquerda. Seu pulso disparou. — Ataraxia — disse ele novamente, e Nestha poderia ter jurado que a lâmina pendurada em seu cinto zumbiu em resposta. Como se gostasse do som de sua voz tanto quanto ela.

Eles se aproximaram do fim do túnel, mas Nestha o parou com um puxão em sua mão — O que? — ele perguntou, examinando a caverna. Mas ela ficou na ponta dos pés e o beijou levemente. Ele piscou com um choque quase cômico quando ela se afastou. — Para que foi isso?

Nestha encolheu os ombros, suas bochechas aquecendo. — Gwyn e Emerie são minhas amigas— disse ela calmamente. Ela escondeu seu horror por Briallyn ter os olhos neles. — Mas... — Ela engoliu em seco. — Eu acho que você também pode ser, também, Cassian.

O silêncio de Cassian era palpável, e ela se amaldiçoou por revelar esse desejo, essa realização. Queria poder apagar as palavras, a estupidez.

— Eu sempre fui seu amigo, Nestha — disse ele com voz rouca. — Sempre.

Ela não suportava ver o que estava nos olhos dele. — Eu sei.

Cassian roçou a boca em sua têmpora, e eles finalmente saíram do túnel, entrando no caminho principal da Prisão, sua escuridão pesada.

Nestha sussurrou, finalmente ousando dizer: — E eu sempre... — Cassian a jogou atrás dele tão rápido que o resto das palavras morreram em sua garganta.

— Corra. — Seu batimento cardíaco — seu puro terror — encheu o ar. — Nestha, *corra*.

Ela girou em direção ao que ele enfrentava, sua lâmina Illyriana brilhando como um rubi na luz de seu Sifão. Como se uma lâmina pudesse fazer qualquer coisa.

A porta da cela de Lanthys estava aberta.

54

Cassian encarou a porta aberta da cela de Lanthys e soube duas coisas.

A primeira, e a mais óbvia, era que ele estava prestes a morrer.

A segunda era que ele faria qualquer coisa no mundo para evitar que Nestha encontrasse o mesmo destino.

A segunda clareou sua mente, esfriou e transformou seu medo em mais uma arma. No momento em que a voz deslizou da escuridão ao seu redor, ele já estava pronto.

— Eu me perguntava quando nos encontraríamos novamente, Senhor dos Bastardos.

Cassian nunca, nem uma única vez, havia esquecido o timbre e a frieza daquela voz, como ela havia feito seu sangue correr gélido. Mas Cassian respondeu — Todos estes séculos aqui dentro e você não inventou um nome mais criativo para mim.

A gargalhada de Lanthys deslizou em torno deles como uma serpente. Cassian agarrou a mão de Nestha, embora sua ordem de correr ainda estivesse pendendo entre eles. Era tarde demais para correr. Pelo menos para ele. Tudo o que lhe restava era ganhar tempo suficiente para ela escapar.

— Você se achou tão inteligente com o Espelho de Cinzas — Lanthys ferveu, a voz ecoando de todos os lados ao redor deles. A luz do Sifão esquerdo de Cassian revelou apenas escuridão vermelha e nebulosa. — Pensou que você poderia *me* superar — Mais uma risada. — Eu sou imortal, rapaz. Um verdadeiro imortal, como você nunca poderia esperar

ser. Dois séculos aqui dentro não é nada. Eu sabia que só precisaria guardar meu tempo antes de encontrar uma maneira de escapar.

— Você encontrou uma maneira? — Cassian falou para a névoa que era Lanthys — Parece que alguém o ajudou — Ele estalou sua língua.

Ele só tinha que esperar, esperar até que o ataque acontecesse. Então Nestha poderia fugir. Ela estava rígida ao lado dele, totalmente congelada. Ele empurrou ela com um pé, tentando arrancá-la de seu estupor. Ele precisava dela preparada para correr, não enraizada no local como um veado.

— A porta se abriu somente pela minha vontade — Lanthys ronronou.

— Mentiroso. Alguém a abriu para você.

A névoa de Lanthys se tornou mais espessa, ressoando com ira.

Nestha engoliu audivelmente, e Cassian soube. Quando ela ordenou que a Harpa a soltasse... A Harpa também havia soltado Lanthys. *Apenas abra essas barreiras*, ela a havia instruído. Assim o tinha feito: as barreiras nela, e as barreiras próximas da cela de Lanthys. Ela disse que queria brincar. E aqui estava: brincando com suas vidas.

E se a Harpa tivesse estendido seu alcance além da porta de Lanthys? Se todas as portas das celas aqui estivessem abertas...

Porra.

Mas Cassian disse ao monstro que ele temia acima de todos os outros — Então você planeja girar ao meu redor como uma nuvem de chuva? E quanto aquela forma bonita que vi no Espelho?

— É isso que sua companheira prefere? — Lanthys sussurrou por perto, muito perto. Nestha se afastou. Lanthys inalou. — *O que você é?*

— Uma bruxa — ela respirou. — Do coração negro de Oorid.

— Aí está um nome que não ouço há muito tempo. — A voz de Lanthys soava a meros pés de Nestha. Cassian cerrou seus dentes. Ele precisava do

monstro reunido do outro lado dela, assim o caminho para cima estaria aberto. Tinha que atrair Lanthys na direção dele. — Mas você não tem o cheiro do peso de Oorid, seu desespero — Uma inalação, ainda atrás deles, bloqueando o caminho da saída. — Seu cheiro... — Ele suspirou. — Uma pena que você tenha manchado tal cheiro com o fedor de Cassian. Quase não consigo distinguir nada em você além da essência dele.

Era isso, Cassian percebeu, que impediu que Lanthys percebesse o que ela era. Se interessar como o Entalhador de Ossos havia se interessado. Mas revelou outra perigosa verdade: onde atacar primeiro.

— O que é que você está escondendo atrás de você? — Lanthys perguntou, e Nestha virou-se, como se o estivesse rastreando, mantendo a Harpa escondida atrás de suas costas. Lanthys riu, no entanto. — Ah. Agora eu vejo. Há muito tempo eu me perguntava quem viria reclamá-la. Eu podia ouvir sua música, você sabe. Sua nota final, como um eco na pedra. Fiquei surpreso de encontrá-la aqui embaixo, escondida sob a prisão, depois de todo aquele tempo.

A névoa rodopiou e Lanthys se arrastou — Que música requintada ela faz. Que maravilha ela toca. Tudo oferece fidelidade a essa harpa: estações, reinos, a ordem do tempo e dos mundos. Estes não têm nenhuma consequência para ela. E sua última corda.... — Ele riu. — Até a Morte se curva para aquela corda.

Nestha engoliu novamente. Cassian apertou mais a sua mão e disse casualmente — Vocês, verdadeiros imortais, são todos iguais: arrogantes que gostam de ouvir a própria voz.

— E vocês, Feéricos, são todos cegos para si mesmos — Lanthys cantou, dando voltas, e Cassian preparou sua lâmina. — Baseado apenas no cheiro, eu diria que vocês dois são...

Cassian soltou a mão de Nestha e avançou, lançando sua lâmina na névoa antes que Lanthys pudesse dizer mais uma maldita palavra.

Lanthys gritou com raiva enquanto os Sifões de Cassian queimavam, e Cassian rugiu — *CORRA!* — antes de atacar novamente. Lanthys recuou, e

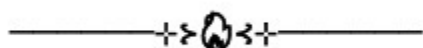
Cassian usou seu fôlego para libertar o Sifão de sua mão esquerda antes de jogá-lo para ela, fazendo com que ele acendesse. — *Vai!* — ele ordenou enquanto atirava a pedra para ela. O vermelho salpicou sobre o seu rosto torcido em medo quando ela pegou o Sifão, mas Cassian já estava se virando para Lanthys.

Os passos abafados e se distanciando lhe disseram que Nestha obedeceu.

Ótimo.

Lanthys se reuniu na escuridão, uma cobra pronta para atacar.

Cassian apenas rezou para que Nestha conseguisse sair dos portões antes dele morrer.



Nestha fugiu da voz que era ódio e crueldade e fome entrelaçados. A voz que a roubava da alegria, do calor, de tudo, menos do medo primário e básico.

Suas coxas protestaram contra a inclinação do caminho, mas ela saltou em direção aos portões, obedecendo ao comando de Cassian, o rugido do guerreiro e do monstro ecoando das pedras. Uma luz vermelha piscou atrás dela. As portas das celas da Prisão se sacudiam. Bestas gritavam atrás delas, como se percebessem que uma delas tinha saído. Querendo sair também.

Ela apertou a Harpa com uma mão, o Sifão de Cassian brilhando na outra. Ela tinha que alcançar os portões. Depois descer a montanha. E então gritar por Rhysand, e rezar para que ele tivesse algum tipo de feitiço para sentir seu nome no vento. Então ele teria que correr de volta pela montanha, descer o caminho e...

Cassian já poderia estar morto quando ela chegasse aos portões, tão lá em cima.

Ele poderia estar morrendo agora.

Uma sensação fria se atirou no coração dela.

Ela tinha fugido dele. *Deixado* ele.

A Harpa aqueceu na mão dela, zunindo. O ouro brilhava como se estivesse derretido.

Abriremos portas e caminhos; passaremos através do espaço e dos éons juntos, ela havia cantado durante sua vidência involuntária. *Nossa música irá nos libertar de regras e fronteiras terrestres.*

Abrir portas... Ela tinha aberto uma porta com a Harpa, para a cela de Lanthys. Abriu uma porta através de seu próprio poder, pressionando-a. Mas mover-se através do espaço... *As pequenas cordas são para jogos, movimentos leves e soltos, mas as mais longas, as últimas... quantas maravilhas e horrores profundos nós poderíamos dedilhar a vida.*

Nestha contou as cordas. Vinte e seis. Ela havia tocado a primeira, a menor, para se libertar do poder da harpa, mas o que as outras fariam?

Vinte e seis, vinte e seis, vinte e seis...

A voz de Gwyn flutuou de longe, recontando as pesquisas anteriores de Merrill sobre dimensões. A possibilidade de *vinete e seis* dimensões.

Vamos nos mover pelo espaço e éons juntos... As pequenas cordas são para os movimentos leves e soltos... Será que a Harpa... A respiração de Nestha ficou presa em sua garganta. Poderia a Harpa transportá-la de um lugar para outro? Não apenas abrir uma porta, mas criar uma que ela poderia atravessar?

Libertar-nos de regras e fronteiras terrestres...

Ela tinha que tentar. Por Cassian.

O movimento agitou-se na escuridão acima, passos apressados vindo em sua direção. Alguém tinha entrado na Prisão através dos portões. Nestha angulou o Sifão de Cassian em direção ao som, preparando-se para qualquer monstro que pudesse vir embarrilado para baixo...

Machos feéricos em armaduras desgastadas e sujas correram para ela. Pelo menos dez soldados da Corte Outonal.

Ela sabia quem os tinha mandado, sabia que estavam sob o poder de Koschei. Quem os controlava, mesmo do outro lado do mar.

Eu sei onde você está, Nestha Archeron.

E como Rhys tinha baixado os escudos ao redor da Prisão... eles entraram.

Nestha não pensou. Ela acendeu aquele fogo prateado dentro dela. Deixou que agarrasse as mãos dela.

— Me leve ao Cassian — sussurrou ela, e dedilhou a primeira corda de prata da Harpa.

O mundo e os soldados que se aproximavam desapareceram, e ela teve a sensação de ser jogada, mesmo quando estava parada e rezou e rezou...

O metal piscava, e a luz vermelha se acendia, e ali estava Cassian, sangrando no chão, Sifões queimando, combatendo a névoa na sua frente.

Não havia lugar para dar um golpe fatal. A névoa espalhava a cada empuxo da espada de Cassian, e Lanthys gritava a cada um, mas Lanthys não podia ser morto. Apenas contido, disse Cassian.

E a Harpa podia abrir portas, mas não matar pessoas. Ela correu para Cassian, preparando-se com os dedos na corda da Harpa para arrastá-los de lá.

Mas os olhos de Cassian queimaram, e ele gritou — *SAI...*

A névoa envolveu a garganta dele e o arremessou.

O grito dela se estilhaçou pelo túnel quando ele bateu na parede de pedra, as asas rangendo, e caiu no chão. Ele não se moveu.

Uma risada como uma faca raspando sobre a pedra encheu o túnel e então Nestha também foi jogada, batendo na parede com tanta força que os dentes

dela se chocaram e a cabeça dela girou, a respiração saindo para fora dela enquanto seus dedos deslizavam na Harpa antes de ela bater no chão.

Mas ela tinha pousado perto de Cassian, e ela se apressou em virá-lo, rezando para que seu pescoço não tivesse quebrado, que ela não tivesse o condenado ao vir até aqui...

O peito de Cassian subiu e desceu, e a coisa poderosa e primordial dentro de seu corpo deu um suspiro de alívio. Que durou pouco, enquanto Lanthys ria novamente.

— Você desejará que o golpe o tivesse matado antes que eu termine com vocês dois — disse a criatura. — Vocês desejarão que tivessem continuado a correr — Mas Nestha recusou-se a ouvir outra palavra, não quando se ajoelhou sobre Cassian, sendo a única coisa entre ele e Lanthys.

Ela já tinha estado aqui antes.

Tinha estado nesta exata posição, a cabeça dele no colo dela, a Morte rindo deles.

Ali, ela tinha se enrolado sobre ele e esperado para morrer. Ali, ela havia parado de lutar.

Desta vez, ela não falharia. A neblina se apertava, e ela podia jurar que sentia uma mão que a alcançava.

Foi o suficiente para colocá-la em movimento.

Ao desembainhar sua espada no mesmo movimento com o qual ela se ergueu em seus pés, Nestha atacou com uma combinação perfeita.

Lanthys gritou, e não era nada parecido com o que ela tinha ouvido antes, aquilo era um som de choque e fúria pura.

Nestha ergueu Ataraxia, ajustando seu peso entre seus pés, certificando-se de que sua postura estivesse equilibrada. Inabalável. A lâmina começou a brilhar.

A neblina se contorcia, encolhia e se torcia como se combatesse um inimigo invisível, e então se tornou sólida, florescendo com cores.

Um macho nu, de cabelos dourados, estava diante dela. Ele era de altura média, sua pele dourada esculpida com músculos, seu rosto de ossos afiados fervilhando de ódio. Não uma criatura repulsiva e horrível, mas uma criatura de beleza.

Seus olhos negros se estreitaram sobre a lâmina enquanto ele assobiava:

— *Essa não é Narben* — O nome não significava nada para ela.

Nestha pulsava, empurrando Ataraxia para a oitava posição. Lanthys saltou para trás.

Cassian gemeu, voltando à consciência enquanto ela se segurava em posição no chão a sua frente.

— Qual Deus da Morte é você? — exigiu Lanthys, olhando entre a lâmina e ela. O fogo prateado que ardia em seus olhos.

Nestha balançou Ataraxia de novo, e Lanthys se encolheu. Com medo da lâmina.

O que não podia ser morto tinha medo de sua lâmina. Não dela, mas de Ataraxia. A arma Feita por ela.

— Entre em sua cela — Nestha avançou um passo, Ataraxia apontada diante dela.

Lanthys recuou lentamente em direção à sua cela.

— *O que é essa lâmina?* — Seus cabelos dourados balançaram até a cintura enquanto ele se afastava novamente.

— Seu nome é Ataraxia — Nestha cuspiu. — E será a última coisa que você irá ver.

Lanthys estourou uma risada, o som parecia um grasnar de um corvo. Horrível, comparado com sua bela forma.

— Você deu o nome de *Ataraxia* a uma espada de morte? — Ele uivou, e a própria montanha tremeu.

— Ela te matará, goste ou não de seu nome.

— Ah, eu acho que não — disse Lanthys. — Eu cavalguei na Caçada Selvagem antes mesmo de você existir, *bruxa de Oorid*. Eu chamei os cães de caça e o mundo se acovardou aos seus latidos. Galopei à cabeça da Caça, e Feéricos e bestas se curvaram diante de nós.

Nestha virou Ataraxia na mão, um movimento que ela havia feito com as lâminas illyrianas em momentos ociosos durante o treinamento. Ela tinha visto Cassian fazê-lo com frequência, e descobriu que isso dissipa qualquer energia extra.

Ela não tinha percebido que era uma técnica de intimidação tão eficaz.

Lanthys encolheu-se para trás.

Ela rezou para que os soldados da Corte Outonal que viriam a qualquer momento pelo caminho hesitassem, também, diante da lâmina. Sabia que eles não o fariam. Não com Briallyn e a Coroa controlando-os.

— Qual Deus da Morte é você? — perguntou Lanthys novamente. — *Quem é você sob essa carne?*

— Eu não sou ninguém — ela estalou.

— De quem é o fogo que queima prateado em seu olhar?

— Você sabe de quem é o fogo — ela falou.

De alguma forma, ele se deu conta. A pele de Lanthys se esvaziou de cor.

— Não é possível — Ele olhou para a Harpa ao lado de um Cassian agitado, e seus olhos se alargaram novamente. — Ouvimos falar de você

aqui embaixo. Você é aquela de quem o mar, o vento e a terra sussurraram
— Ele estremeceu. — *Nestha*

— Ele sorriu, mostrando os dentes um pouco longos demais. — Você roubou do próprio Caldeirão.

Lanthys parou sua retirada. E estendeu uma mão grande e graciosa.

— Você nem sabe o que poderia *fazer*. Venha. Eu vou te mostrar. — Ele sorriu novamente com aqueles dentes muito longos, transformando seu rosto de beleza em horror com um movimento de seus lábios. — Venha comigo, Rainha das Rainhas, e devolveremos o que antes estava perdido. — As palavras foram uma canção de ninar, uma promessa melada. — Reconstruiremos o que éramos antes que as legiões douradas dos Feéricos lançassem suas correntes e nos derrubassem. Ressuscitaremos a Caçada Selvagem e cavalgaremos noite fora. Construiremos palácios de gelo e chamas, palácios de escuridão e luz estelar. A magia voltará a fluir sem amarras.

Nestha podia ver o retrato que Lanthys teceu no ar ao seu redor. Ela se viu em um trono negro, uma coroa negra em seus cabelos desamarrados. Enormes bestas ônix, escamadas, como aquelas que ela tinha visto nos pilares da Cidade Escavada, estavam aos pés dos tronos. Ataraxia encostava-se no trono dela, e do outro lado dela... Lanthys sentava-se ali, com a mão dele entrelaçada na dela. Seu reino era interminável, seu palácio construído de pura magia que vivia e prosperava ao seu redor. A Harpa sentava-se atrás deles em um altar, a Máscara, também, mas a Coroa dourada não estava lá.

Ela repousava sobre a cabeça de Lanthys.

E essa foi a ameaça rosnada que a puxou para fora, o brilho nu de sua ganância. Ele tinha visto a Harpa, sabia que ela estava atrás dos Tesouros, e revelou o que ele faria com ela. A Coroa que ele reivindicaria para si mesmo. Ela não teria influência sobre ela, mas seu reinado seria a de coerção. A escravidão.

Um quarto objeto repousava sobre o altar, velado na sombra. Mas ela não conseguia distinguir mais do que um brilho de osso desgastado pela idade.

A visão mudou, e eles estavam em uma grande cama preta, a pele dourada das costas de Lanthys brilhando enquanto ele se movia dentro dela. Tal prazer, ela nunca havia conhecido tal prazer com ninguém. Só ele podia fodê-la assim, entrando tão profundamente, seu corpo quente e flexível e molhado para ele, e logo, logo, sua semente criaria raízes em seu ventre e a criança que ela teria governaria universos inteiros...

Outra ameaça rosnada que a levou para fora. Para além da ilusão.

Seu corpo não era dele para tocar, para preencher com vida. E ela *tinha* conhecido um prazer mais rico do que o que ele lhe tinha mostrado.

Nestha pestanejou, e ele se foi.

Lanthys rosnou. Agora ele estava apenas tão longe quanto o alcance dela. O alcance de Ataraxia.

— Eu posso cuidar *desse* problema — ele rosnou em direção a Cassian. — E logo você esquecerá esses laços.

— Volte para sua cela e feche a porta. — Ela ergueu Ataraxia mais alto.

— Eu simplesmente escaparei novamente — Lanthys riu. — E quando o fizer, vou te encontrar, Nestha Archeron, e será minha rainha.

— Não. Acho que não serei. — Nestha deixou o seu poder oscilar pela lâmina.

Ataraxia cantou, ardendo como a lua.

— O que você está fazendo? — Lanthys empalideceu.

— Terminando o trabalho.

E seus olhos estavam tão fixos na lâmina incandescente que ele não lançou nem um olhar lateral para Cassian. Não viu a adaga desembainhada. A que

Cassian atirou com uma mira impecável.

Ela se incrustou até o punho no peito de Lanthys.

Lanthys gritou, arqueou, e Nestha saltou. Ela cortou uma combinação de dois terços, cortando em linha reta, deixando a força de sua respiração, suas pernas, e seu núcleo levar a lâmina através dela.

Ataraxia cantava o som do coração do vento enquanto ela chicoteava pelo ar. A cabeça e o cadáver de Lanthys caíram em direções diferentes, batendo nas pedras.

Estranho sangue negro brotou de sua forma, e então Cassian estava lá, gemendo enquanto envolvia uma mão em torno da dela novamente.

— A Harpa — ele se desdobrou, seu rosto o retrato da dor. O sangue derramava de sua têmpora. — Pegue-a e vamos embora. Temos que sair daqui.

— Você sequer consegue ficar de pé?

Ele se balançou de pé. Ele não conseguiria dar três passos.

— Sim — ele grunhiu. Para tirá-la daqui, ela sabia que ele iria tentar. Assim como ela sabia que Lanthys estava morto. Teria sido a espada, ou o poder dela? Como ela tinha Feito a espada, ela supunha tecnicamente que ela contava como seu poder, mas... O que não podia ser morto tinha sido assassinado. De alguma forma. Uma pequena parte dela ficou encantada com isso, mesmo quando o resto dela tremia.

Agora, o raspar e a batida dos passos se avançavam em direção a eles.

— Soldados da Corte Outonal — ela respirou, apontando para o caminho escuro para cima. — Mais deles. Briallyn enviou-os para pegar a Harpa.

— *Mais...*

A gritaria começou em toda a montanha. Petrificados, gritando, com os punhos batendo. Não na rocha ou nas portas que os seguravam, mas nas

paredes opostas de suas celas. Como se estivessem implorando à Prisão que os poupasse dela e daquela espada.

Lanthys tinha caído. E os ocupantes da Prisão haviam sentido isso.

Até mesmo os passos dos soldados da Corte Outonal pareciam lentos ao som do som.

Nestha sorriu obscura e pegou a Harpa.

— Não iremos sair correndo daqui. E deixaremos os soldados da Corte Outonal intocados. — Nem que seja para provar que Eris estava errado. Mas as feridas de Cassian... Sim, eles precisavam sair. Rápido. — Agarre-se a mim — ordenou ela, e sussurrou — O gramado da frente da casa de Feyre ao longo do rio Sidra em Velaris.

Cassian ladrou um aviso, mas desta vez ela dedilhou três cordas. Só puxando uma a tinha carregado até aqui, então ela supunha que mais duas os levariam talvez um pouco mais longe do que isso, e Velaris... Bem, parecia que seriam precisas três cordas. Ela não queria saber para onde todas as vinte e seis cordas a levariam se fossem dedilhadas. Ou se alguém fizesse uma melodia.

O mundo desapareceu, mais uma vez ela teve a sensação de cair enquanto estava parada, e então...

Sol e grama e uma brisa gélida de outono. Uma enorme e bela propriedade atrás deles, o rio diante deles, e nenhum vestígio da Prisão ou Lanthys. Nestha soltou Cassian quando Rhysand saltou das portas de vidro da casa. Ele olhou boquiaberto para seu amigo, e quando Nestha viu Cassian à luz do dia... Sangue derramava de seus cabelos pela bochecha. Seu lábio estava cortado, seu braço ficou pendurado em um ângulo estranho.

Isso foi tudo o que Nestha viu antes de Cassian desabar na grama.

55

— É só um pequeno corte. Pare de se preocupar.

— Seu crânio estava rachado, e seu braço estava quebrado. Você está de castigo por alguns dias.

— Você não pode estar falando sério.

— Ah, com certeza estou.

Nestha poderia ter sorrido diante do impasse de Rhysand e Cassian, se não tivesse ela própria concordado com o Grão-Senhor. Feyre ficou ao lado de seu parceiro, a preocupação lhe apertando o rosto.

Ataraxia ainda pendia, pesada, na mão de Nestha. A Harpa na outra.

Os olhos de sua irmã deslizaram para ela. Nestha engoliu, segurando o olhar de Feyre. Ela rezou para que sua irmã pudesse ler as palavras silenciosas em seu rosto. Sinto muito pelo que eu disse no apartamento de Amren. Sinto muito mesmo.

Os olhos de Feyre se suavizaram. E então, para o choque de Nestha, Feyre respondeu em sua mente: Não se preocupe com isso.

Nestha se ajeitou, sacudindo sua surpresa. Ela havia esquecido que sua irmã era... Qual era a palavra? Daemati. Capaz de conversar através da mente, como Rhys podia. Nestha disse, seu coração acelerado, *eu falei na raiva, e sinto muito*.

A pausa de Feyre foi considerável. Então ela disse, as palavras como os primeiros raios do amanhecer, eu te perdoo.

Nestha tentou não ceder. Ela pretendia perguntar sobre o bebê, mas Rhys voltou-se para ela e disse — Ponha a Harpa na mesa, Nestha.

Nestha o fez, tomando cuidado para não tocar em nenhuma das vinte e seis cordas de prata.

— Isso permitiu que você atravessasse dentro e fora da prisão, — disse Feyre, olhando para a Harpa. — Suponho que porque é Feita, existe além das regras da magia comum. — Ela olhou de relance para Rhys, que encolheu os ombros. A boca de Feyre se torceu. — Se algum de nossos inimigos pusesse as mãos nisso, eles a usariam contra nós num piscar de olhos. Nenhum feitiço ao redor desta casa, da Casa do Vento, ao redor de qualquer um de nossos abrigos e esconderijos estariam seguros. Sem mencionar que a Harpa parece ter vontade própria — um desejo de criar problemas. Não podemos colocá-la de volta na Prisão, não agora que foi despertada.

Rhys esfregou sua mandíbula. — Então nós a trancamos com a Máscara, protegida e sob feitiços para que não possa agir novamente.

— Eu os manteria separados — aconselhou Feyre. — Lembra-se do que aconteceu quando as metades do Livro estavam próximas uma da outra? E por que tornar mais fácil para um inimigo conseguir os dois?

— Bom ponto — disse Cassian, estremeando como se as palavras lhe fizessem doer o crânio. Madja havia curado a fratura entre a testa e seus cabelos, logo acima de sua têmpora, mas ele estaria com dor por alguns dias. E seu braço quebrado foi curado, mas ainda assim estava sensível o suficiente para exigir cuidados. A visão de todas as bandagens foi suficiente para fazer Nestha desejar que pudesse matar Lanthys novamente.

Rhys bateu com os dedos na mesa, inspecionando a Harpa. Então, ele perguntou a Nestha — Além de ver Briallyn, você disse que também viu algo na primeira vez que tocou a Harpa?

Nestha havia explicado brevemente quando eles chegaram. — Acho que quem a usou por último, fez algo horrível com ela. Talvez tenha prendido as

peessoas que antes viviam na ilha da Prisão dentro das paredes, de alguma forma. Isso seria possível?

A dúvida brilhava nos olhos de Rhys.

Nestha perguntou — O que é a Caçada Selvagem? — Ela também havia lhes contado sobre o encontro deles com Lanthys, e a presença dos soldados da Corte Outonal. Cassian tinha convencido Rhys a não se envolver com eles, pelo menos até que eles pudessem lidar com Briallyn. Quando Rhys havia levantado seu escudo ao redor da Prisão mais uma vez, eles já tinham desaparecido.

Rhys soltou um suspiro, inclinando-se para trás em sua cadeira. — Honestamente, eu pensei que era um mito. O fato de Lanthys se lembrar de tal coisa... Bem, há sempre espaço para mentir, suponho, mas se por acaso ele estivesse dizendo a verdade, isso faz com que ele tenha mais de quinze mil anos.

Feyre perguntou — E o que é, então?

Rhys levantou uma mão, e um livro de lendas de uma prateleira atrás dele flutuou até seus dedos. Ele o colocou sobre a mesa. Ele abriu em uma página, revelando uma imagem de um grupo de seres altos, de aparência estranha, com coroas sobre suas cabeças.

— Os Feéricos não foram os primeiros mestres deste mundo. De acordo com nossas lendas mais antigas, a maioria agora esquecida, fomos criados por seres que eram quase deuses — e monstros. Os Daglan. Eles governaram por milênios, e escravizaram a nós e aos humanos. Eles eram mesquinhos e cruéis e bebiam a magia da terra como vinho.

Os olhos de Rhys se moveram para Ataraxia, depois para Cassian. — Algumas origens da mitologia afirmam que um dos heróis Feéricos que se levantou para derrubá-los foi Fionn, a quem foi dada a grande espada Gwydion pela Alta-Sacerdotisa Oleanna, que a tinha mergulhado no próprio Caldeirão. Fionn e Gwydion derrubaram os Daglan. Seguiu-se um milênio de paz e as terras foram divididas em territórios ásperez que foram os precursores das Cortes — mas ao final desses mil anos eles estavam

pulando nas gargantas um dos outros, à beira da guerra. — Seu rosto se torceu. — Fionn os unificou e se colocou acima deles como Grão-Rei. O primeiro e único Grão-Rei que esta terra já teve.

Nestha poderia ter jurado que as últimas palavras foram ditas com um olhar afiado em direção a Cassian. Mas Cassian só piscou o olho para Rhys.

— O que aconteceu com o Grão-Rei? — perguntou Feyre.

Rhys passou a mão por cima de uma página do livro. — Fionn foi traído por sua rainha, que era líder de seu próprio território, e por seu mais querido amigo, que era seu general. Eles o mataram, roubando algumas das armas mais poderosas e preciosas de sua linhagem, e depois, no caos que se seguiu, se levantaram os sete Grão-Senhores, e as Cortes estão no lugar desde então.

Feyre perguntou — A Amren se recorda disso?

Rhys balançou a cabeça. — Só vagamente agora. Pelo que eu entendi, ela chegou durante aqueles anos antes de Fionn e Gwydion se levantarem e foi para a Prisão durante a Era das Lendas — o tempo em que esta terra estava cheia de figuras heróicas que estavam ansiosas para caçar os últimos membros da raça de seus antigos mestres. Eles temiam Amren, acreditando que ela era uma de suas inimigas, e a jogaram na Prisão. Quando ela emergiu novamente, ela havia perdido a queda de Fionn e a perda de Gwydion, e encontrou os Grão-Senhores governando.

Nestha considerou tudo o que Lanthys havia dito. — E o que é Narben?

— Lanthys perguntou sobre isso?

— Ele disse que minha espada não é Narben. Ele pareceu surpreso.

Rhys estudou a lâmina dela. — Narben é uma espada de morte. Está perdida, possivelmente destruída, mas as histórias dizem que pode matar até mesmo monstros como Lanthys.

— A espada de Nestha também pode, aparentemente — disse Feyre, também estudando a lâmina.

— Decapitá-lo com ela o matou — Rhys refletiu.

— Um corte dela pareceu prendê-lo em uma forma física — Nestha corrigiu. — A adaga de Cassian só o atingiu verdadeiramente depois que Lanthys foi forçado a desistir de sua névoa.

— Interessante — murmurou Rhys.

Cassian disse — Você ainda não explicou a Caçada Selvagem.

Rhys virou algumas páginas do livro, até uma ilustração de uma série de cavaleiros sobre cavalos e todo tipo de bestas. — Os Daglan se deleitavam em aterrorizar os Feéricos e os humanos sob seu controle. A Caçada Selvagem foi uma forma de manter todos nós na linha. Eles reuniram uma tropa de seus guerreiros mais ferozes e impiedosos e lhes davam carta branca para matar a seu bel-prazer. Os Daglan possuíam animais poderosos e monstruosos — cães de caça, eles os chamavam, embora não se parecessem com os cães de caça que conhecemos — e eles costumavam correr atrás de presas antes de torturá-las e matá-las. É uma história terrível, e grande parte dela pode ser atribuída a mitos.

— Os cães de caça pareciam as bestas da Cidade Escavada — disse Nestha, calmamente.

Todos olharam para ela.

Ela admitiu — Lanthys me mostrou uma visão. Do... que eu e ele poderíamos ser. Juntos. Nós governávamos em um palácio, rei e rainha com os Tesouros da Morte, e aos nossos pés sentavam aqueles cães de caça. Pareciam as bestas escamadas esculpidas nos pilares da Cidade Escavada.

Nem mesmo Rhys tinha resposta para isso.

A mandíbula de Cassian se apertou. — Então, mesmo enquanto ele tentava matá-la, ele estava tentando seduzi-la?

O estômago de Nestha se agitou, mas ela se absteve de mencionar o quão gráfica a visão havia sido. — Havia um quarto objeto na visão, mas estava sob sombras... alguma vez houve uma quarta parte dos Tesouros? Tudo o que eu conseguia ver era um pouco de osso antigo.

Rhys deslizou uma mão pelo seu cabelo escuro. — Até onde a história confirmou, existem apenas três objetos nos Tesouros.

Feyre perguntou — E se ele estiver protegido por um feitiço, como aquele que impede todos os pensamentos sobre os Tesouros, para impedir que as pessoas saibam sobre o quarto objeto?

Os olhos de Rhys escureceram. — Então que a Mãe nos poupe, porque até mesmo Amren lembra apenas vagamente dos rumores.

As palavras pendiam ali. Nestha perguntou — Então. Agora eu vou atrás da Coroa?

— Não — disse Cassian, seus olhos doloridos se afiando.

Feyre acenou com a cabeça, concordando. — Briallyn sabe que temos os outros dois itens. Ela enviou aqueles soldados para pegar a Harpa.

Cassian rosnou. — Eu pensava que Eris estava sendo um idiota, mas quando lhe contei sobre as duas dúzias de soldados em Oorid, ele disse que havia mais na unidade que desapareceu. — Ele esfregou sua mandíbula. — Eu deveria ter escutado. Deveria ter investigado. Briallyn tinha outra dúzia esperando para atacar. — O desprezo a si mesmo encheu seu rosto, e Nestha reprimiu a vontade de estender sua mão para a dele.

Feyre argumentou — Eris vomita besteiras suficientes em um bom dia que qualquer um pode perder um comentário descuidado como esse, Cass. Pelo menos agora podemos dizer a Eris onde estão o resto de seus soldados. — Nestha poderia ter abraçado sua irmã pelo alívio que curvou os ombros de Cassian ao ouvir suas palavras. Por toda sua arrogância, as opiniões de seus amigos, de sua família, eram muito importantes. Nenhum deles jamais o repreenderia pelo fracasso, mas ele se puniria por isso.

Nestha deslizou seus dedos contra os de Cassian em uma compreensão silenciosa. Os dedos dele se curvaram contra os dela, seu olhar encontrando o dela como que para dizer *Vê? Nós somos os iguais afinal de contas.*

Feyre prosseguiu — Se Briallyn quer tanto a Máscara e a Harpa que ela agiu tão rapidamente hoje, ela continuará vindo até nós. E nós estaremos esperando por ela. — Uma luz feroz brilhou em seus olhos.

Rhys franziu as sobrancelhas. — Mesmo com apenas a Coroa, no entanto, Briallyn pode causar muitos danos. Pelo que sabemos, Beron pode estar sob o seu controle, tão escravizado a ela como estão os soldados de Eris. Precisamos pôr um fim a ela e recuperar a Coroa. Antes que a guerra realmente se rompa.

— É muito arriscado — argumentou Feyre. — Perseguimos o Caldeirão em Hybern e deu errado.

— Então aprendemos com nossos erros — desafiou Rhys.

— Ela vai fazer uma armadilha — disse Feyre. — Nós não vamos atrás dela.

O silêncio caiu antes que Rhysand dissesse — Então precisamos assegurar alianças de tempo de guerra novamente — e rapidamente. E fazer algum controle de danos sobre as que já temos e que podem estar tensas.

Cassian arqueou uma sobrancelha, a preocupação brilhando em seus olhos. — Soa como se você tivesse uma ideia.

— Eris está vindo para a celebração do Solstício de Inverno na Cidade Escavada — disse Rhys. Estava se introduzindo rapidamente, Nestha percebeu. — Ele está abalado por Tamlin ter visto vocês dois se encontrando com ele, e se perguntando se vamos nos afastar da aliança agora que há uma pequena chance de Tamlin revelar isso. Ou decidir vendê-lo primeiro. Precisamos lembrar Eris de nosso compromisso contínuo e que ele é... importante para nós. Que vamos protegê-lo.

Cassian rosnou com repugnância; Feyre ecoou a expressão.

— Então compre um presente para ele — disse Feyre, acenando uma mão, — e diga a ele que todos nós enviamos nosso amor.

— Ele vai querer mais do que isso — disse Rhys, a boca tremendo, e seus olhos caíram sobre Nestha.

Cassian se endireitou antes mesmo de Rhys sequer pudesse falar. — Você não vai usá-la.

Feyre desviou o olhar entre eles, e após um segundo, como se seu companheiro tivesse falado em sua mente, ela exigiu — Sério, Rhys?

Rhys se inclinou para trás, e Nestha franziu a sobancelha, aparentemente a única entre eles que não sabia o que isso significava. Rhys disse a ela — Você não precisa fazer nada que não deseje. Mas Elain mencionou que você tem uma habilidade particular na pista de dança. Habilidade que uma vez lhe ganhou a mão de um duque após uma única valsa.

Ela havia esquecido daquela noite, o borrão de jóias e sedas e o rosto bonito daquele duque. Tudo o que ela havia sentido então foi um triunfo selvagem e feroz.

— Por cima da porra do meu cadáver — Cassian explodiu.

Nestha perguntou — Você quer que eu dance com Eris? — Seu coração começou a bater com força, não inteiramente com medo.

— Quero que você o seduza — disse Rhys. — Não para a cama, mas para fazê-lo perceber o que ele poderia alcançar uma vez que entendesse que não temos planos de romper essa aliança. Para pesar os benefícios mais fortemente do que os riscos.

Nestha cruzou os braços, ignorando o olhar penetrante de Cassian, exigindo silenciosamente que ela descartasse completamente essa ideia. — Você realmente acha que minha dança com Eris vai solidificar sua lealdade?

— Acho que Eris é nosso aliado, e espera dançar com uma senhora desta Corte no baile, não importa o que aconteça. Não vou deixar Feyre a menos

de um metro dele, Mor pode matá-lo, e Amren é mais provável que o assuste do que o conquiste, então você e Elain são as únicas opções.

— Elain não se aproxima dele — disse Feyre. — E você não vai me *deixar* chegar perto dele?

Rhys lhe jogou um sorriso charmoso. — Você sabe o que quero dizer.

Feyre revirou os olhos. — Você está se tornando intolerável. — Ela virou-se para Nestha. — Eris não é... Ele não é bom. Ele não é como Beron, mas ele...

— Sei o que ele fez com Morrigan — disse Nestha. Ou melhor, o que ele não fez: ajudá-la, quando sua família a brutalizou e a jogou na fronteira da Corte Outonal como punição por arruinar sua aliança matrimonial. Eris a encontrou, e depois simplesmente se afastou. — Eu lidei com ele no outro dia. Eu sei no que estaria me metendo com ele.

— Mor — continuou Rhys — pode lhe ensinar as danças. Ela teve que aprender todas elas, e como ela ainda preside na Corte dos Pesadelos, ela é a melhor opção para instruí-la.

— Nestha não concordou com nada — disse Cassian. — Até mesmo uma dança com aquele desprezível é demais.

— Eu farei — Nestha cortou, mesmo que apenas para irritá-lo por ser tão... territorial. Ela olhou para a espada ainda em sua mão. — Acabei de matar um ser imortal. Eris não é nada. E se isso o fará lembrar porque ele quer ser nosso aliado, fazê-lo pensar que ele pode me ter se ele cumprir sua parte, então tudo bem.

— Ele já é nosso aliado — argumentou Cassian. — Uma dança vai realmente assegurar sua cooperação contínua?

— Precisamos mostrar ao Eris que o respeitamos e confiamos nele — admitiu Feyre com um suspiro derrotado. — Mesmo que não o façamos. E deixá-lo dançar com uma de nossa família é prova disso, pelo menos para alguém da Corte Outonal. Se ele acabar comendo da mão de Nestha,

fantástico. Se isso só o fizer lembrar que estamos do lado dele, ótimo. Mas estes laços têm que ser mantidos.

— Eu não gosto disso — rosnou Cassian.

— Você não tem que gostar — disse Feyre, a cabeça se erguendo cheia daquela autoridade da Grã-Senhora. — Você só tem que assistir das linhas laterais e não aparentar que você quer arrancar a cabeça dele.

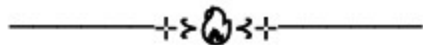
Nestha cortou — Diga a Morrigan que eu me encontrarei com ela para aulas de dança sempre que ela estiver disponível.

Feyre e Cassian, ainda se encarando, se voltaram silenciosamente para ela.

Nestha se aproximou da mesa, depositando Ataraxia ali. — Aqui — disse ela ao Rhys. — Você pode pegá-la de volta.

Rhys não disse nada, mas as sobrancelhas de Feyre se arquearam. — Por que você não fica com ela?

O olhar curioso de Cassian a queimou como uma marca, mas Nestha só disse — Eu não tenho nenhum interesse em mais mortes.



Nestha inalou pelo nariz por uma contagem de seis, prendeu a respiração por alguns segundos, depois exalou pela boca por mais seis batimentos. No silêncio de seu quarto naquela noite, acomodada na cadeira, ela se concentrou em sua respiração, nada mais.

Quaisquer pensamentos que chegassem, ela reconhecia e deixava passar. Mesmo que alguns continuassem voltando.

Ela não se importava com onde eles esconderam a Harpa. Se precisassem do sangue dela para guardá-la como tinham para a Máscara, eles a deixariam saber. Mas a ideia do que viria em seguida...

Respirar. Contar.

Nestha inalou novamente, a atenção fixa em suas costelas em expansão, na sensação da respiração em seu corpo. Até mesmo depois de semanas nisso, alguns dias os exercícios de Mente-Silenciosa eram mais difíceis do que outros. Mas ela continuava, dez minutos pela manhã e dez minutos à noite.

Nestha exalou, contando. Continuou.

Era tudo o que ela supôs que poderia fazer: simplesmente continuar. Um dia, uma respiração de cada vez.

Ela também deixou esse pensamento ir. Respirou e respirou, e depois parou de contar totalmente. Deixou sua mente vaguear.

Mas a mente dela não disparou em todas as direções. Ela permaneceu calma. Descansada.

Contente, bem onde estava.



A guerra havia deixado o chalé intocado. Mas os invernos rigorosos desde a última vez que Nestha tinha visto o lugar não tinham sido tão amáveis.

Azriel havia atravessado com ela e Cassian até ali após o treinamento, mas não tinha demorado. Aparentemente, Gwyn queria que ele revisasse seu uso da adaga, então ele os deixou com a promessa de voltar em uma hora.

Nestha não tinha ideia se uma hora seria demais, ou muito pouco. Não tinha ideia do por que ela havia pedido a Cassian para vir aqui com ela, na verdade. Mas ela tinha colocado na cabeça que ela precisava visitá-lo. Para ver este lugar.

O sol do meio-dia de outono fez com que a ruína se tornasse ainda mais gritante: o telhado de palha que tinha mofado ou ficado ralo em alguns pontos, as ervas daninhas ficando marrons antes do inverno que já cresciam

em excesso, subindo até as pequenas janelas nas paredes de pedra. A garganta de Nestha apertou, mas ela se obrigou a caminhar para a entrada.

Cassian permaneceu em silêncio atrás dela, passos tão silenciosos que ele poderia ter sido o vento brutal soprando através das gramíneas muito altas. Sua cabeça e seu braço já estavam completamente curados naquela manhã, dois dias depois de Nestha ter concordado em encantar Eris. Cassian tinha até se exercitado ao lado dela mais cedo, embora a um ritmo mais lento do que o habitual. Como se ele estivesse realmente atento ao aviso de Rhys e Madja para ir com calma. Que ele tivesse passado pelos exercícios sem fazer queixas tinha feito com que alguma parte intrínseca dela suspirasse de alívio — e ousasse pedir-lhe que se juntasse a ela hoje. Ela nunca o teria convidado se ele ainda estivesse ferido.

Não que houvesse qualquer inimigo aqui para apresentar uma ameaça. Nenhum ser humano perambulava pela estrada de folhas para além da cabana; apenas alguns pássaros gorjeavam uma melodia hesitante das árvores quase áridas.

Muda, monótona e vazia. Era assim que a terra parecia, mesmo com o outono sobre ela. Como se nem mesmo o sol pudesse se dar ao trabalho de brilhar adequadamente aqui.

O coração de Nestha trovejou enquanto ela encostava a mão à fria porta de madeira. As marcas da garra ainda a marcavam.

— Trabalho de Tamlin, presumo? — perguntou Cassian atrás dela.

Nestha encolheu os ombros, incapaz de encontrar as palavras. Ela e Elain tinham pendurado novamente a porta após Tamlin tê-la quebrado. O pai delas, com a perna destroçada e incapaz de suportar peso, tinha observado, oferecendo conselhos inúteis.

Seus dedos se fecharam em um punho e ela empurrou a porta. Suas dobradiças enferrujadas se opuseram, rangendo, e um cheiro empoeirado e meio apodrecido lhe encheu o nariz.

As bochechas dela aqueceram. Por Cassian estar aqui, por ver isso...

— Apenas um bruto, lembra? — Ele caminhou para o lado dela. — Eu já vivi em lugares muito piores. Ao menos você tinha paredes e um telhado.

Nestha não tinha percebido o quanto ela precisava ouvir essas palavras, e seus ombros se soltaram enquanto ela entrava na cabana. Na penumbra fria, quebrada apenas pelos raios de sol, ela franziu as sobrancelhas em direção ao teto. — Essa casa *costumava* ter um teto. — Os danos tinham deixado entrar todo tipo de criaturas e climas — os primeiros haviam ficado confortáveis, a julgar pelos ninhos e vários excrementos dispersos.

A boca de Nestha ficou seca. Esse lugar horrível, terrível e escuro.

Ela não conseguia parar de tremer.

Cassian colocou uma mão no ombro dela. — Me mostre a casa.

Ela não conseguia. Não conseguia encontrar as palavras.

Ele apontou para uma longa mesa de trabalho. Uma perna havia desmoronado, e a coisa toda estava em um declive. — Você comia aqui?

Ela acenou com a cabeça. Eles tinham comido aqui, algumas refeições em silêncio, algumas com ela e Elain tentando preencher o silêncio com suas conversas ociosas, algumas com ela e Feyre pulando na garganta uma da outra. Como aquelas últimas refeições que elas tinham feito com ela nessa casa.

O olhar de Nestha se desviou para a pintura descascando das paredes. Os pequenos desenhos intrincados. Cassian seguiu seu olhar. — Feyre pintou isso?

Nestha engoliu, e conseguiu dizer: — Ela pintava sempre que podia. Qualquer moeda extra que ela conseguia economizar, era para as tintas.

— Você já viu o que ela fez com a cabana nas montanhas?

— Não. — Ela nunca tinha ido lá.

— Feyre pintou a coisa toda. Assim como aqui. Ela me disse uma vez que há uma cômoda aqui...

Nestha se dirigiu ao quarto. — Essa aqui? — Cassian a seguiu, e deuses, era tão apertado e escuro e fedorento. A cama ainda estava coberta com seus lençóis manchados. As três haviam dormido aqui por anos.

Cassian passou a mão sobre a cômoda pintada, maravilhando-se. — Ela realmente pintou estrelas para si mesma antes de saber que Rhys era seu parceiro. Antes de saber que ele existia. — Seus dedos traçaram as videiras de flores na segunda gaveta. — A gaveta de Elain. — Eles deslizaram mais para baixo, enrolando-se sobre uma pequena chama. — E a sua.

Nestha conseguiu dar um grunhido de confirmação, seu peito apertado até o ponto de doer. Lá no canto estava um par de sapatos gastos e meio podres. Os sapatos dela. Um deles estava estourando na costura do dedo do pé. Ela tinha usado esses sapatos — em público. Ainda se lembrava de lama e pedras entrando neles.

Seu coração trovejou, e ela saiu da sala, de volta para o espaço principal.

Ela não teve a intenção, mas olhou em direção à lareira escura. Em direção à moldura.

As estatuetas de madeira de seu pai estavam sobre ela, revestidas de uma grossa camada de poeira e teias de aranha. Algumas haviam sido derrubadas, presumivelmente por quaisquer criaturas que agora viviam aqui.

Aquele rugido familiar encheu seus ouvidos, e os passos de Nestha batiam muito alto nas tábuas empoeiradas enquanto ela se aproximava da lareira.

Um entalhe de um urso empinado — não maior do que seu punho — estava no centro. Os dedos de Nestha tremeram quando ela pegou o urso e soprou a poeira.

— Ele tinha certa habilidade — disse Cassian, quietamente.

— Não o suficiente — disse Nestha, colocando o urso de volta na lareira de pedra. Ela ia vomitar.

Não. Ela podia dominar isto. Dominar ela mesma. E enfrentar o que estava diante dela. Ela inalou através de seu nariz. Exalou pela boca. Contou as respirações.

Cassian ficou ao seu lado durante todo o tempo. Sem falar, sem tocar. Só ali, caso ela precisasse dele. Seu amigo — que ela havia pedido para vir aqui com ela não porque ele estava compartilhando a cama dela, mas porque ela o *queria* aqui. Sua firmeza, sua bondade e sua compreensão.

Ela arrancou outra estatueta da lareira: uma rosa esculpida em um tipo de madeira escura. Ela a segurou em sua palma, seu peso sólido surpreendente, e traçou um dedo sobre uma das pétalas. — Ele fez essa para Elain. Porque era inverno e ela sentia falta das flores.

— Alguma vez ele fez uma para você?

— Ele era mais esperto que isso. — Ela inalou um suspiro trêmulo, segurou-o, soltou-o. Deixou sua mente se acalmar. — Acho que ele teria feito, se eu tivesse dado um mínimo de incentivo, mas... eu nunca dei. Eu estava com muita raiva.

— Sua vida tinha virado do avesso. Você tinha permissão para ficar com raiva.

— Não foi o que você me disse na primeira vez que nos encontramos. — Ela se virou para encontrá-lo arqueando uma sobrancelha. — Você me disse que eu era um pedaço de merda por ter deixado minha irmã mais nova entrar na floresta para caçar enquanto eu não fazia nada.

— Eu não falei dessa maneira.

— A mensagem era a mesma. — Ela se endireitou os ombros, voltando-se para a pequena e quebrada cama estreita na sombra, além da lareira. — E você estava certo. — Ele não respondeu enquanto ela se aproximava da cama estreita — Meu pai dormiu aqui por anos, nos deixando ficar com o

quarto. Aquela cama ali dentro... Eu nasci naquela cama. Minha mãe morreu naquela cama. Eu odeio aquela cama. — Ela passou uma mão por cima da madeira rachada da armação da cama estreita. As lascas se prendiam nas pontas dos dedos dela. — Mas eu odeio essa cama estreita ainda mais. Ele a arrastava para a frente do fogo todas as noites e se enrolava ali dentro, se amontoando debaixo dos cobertores. Eu sempre achei que ele parecia tão... tão *fraco*. Como um animal se acovardando. Isso me enfurecia.

— Te enfurece agora? — Uma pergunta casual, mas cuidadosa.

— Isso... — Sua garganta se moveu. — Pensei que dormir aqui era um castigo adequado, enquanto nós pegávamos a cama. Nunca me ocorreu que ele *queria* que ficássemos com a cama, que nos mantivéssemos aquecidas e o mais confortáveis possível. Que só tínhamos conseguido levar alguns móveis de nossa antiga casa e ele escolheu aquela cama como um deles. Pelo nosso conforto. Para que não precisássemos dormir em camas estreitas, ou no chão. — Ela esfregou seu peito. — Eu nem sequer o deixei dormir na cama quando os devedores lhe despedaçaram a perna. Eu estava tão perdida na minha dor e raiva e... e tristeza, que eu queria que ele sentisse uma fração do que eu sentia. — O estômago dela se agitou.

Ele apertou o ombro dela, mas não disse nada.

— Ele tinha que saber disso — disse ela, a voz rouca. — Ele *tinha* que saber o quanto eu era horrível, e mesmo assim... ele nunca gritou. Isso também me enfurecia. E então ele deu o meu nome a um navio. Navegou-o para a batalha. Eu só... não entendo porque.

— Você era filha dele.

— E isso é uma explicação? — Ela escaneou o rosto dele, a tristeza marcada lá. Tristeza — por ela. Pela dor em seu peito e pela ardência em seus olhos.

— O amor é complicado.

Ela deixou cair o olhar naquela frase. Ela era uma covarde por evitar o olhar dele. Mas ergueu seu queixo. — Eu nunca pensei, nem uma vez, em como era para ele. Para ir desse homem que tinha feito sua própria fortuna, tornando-se conhecido como o Príncipe dos Mercadores, e depois perder tudo. Eu não acho que a perda da minha mãe o quebrou da mesma forma que a perda de sua frota. Ele tinha tanta certeza de que o empreendimento lhe traria ainda mais riquezas — uma quantidade obscena de riquezas. As pessoas lhe disseram que ele estava louco, mas ele se recusou a ouvir. Quando se comprovou que tinham razão... acho que a humilhação o quebrou tanto quanto a perda financeira.

Ela estudou os calos que já se formavam através de seus dedos e palmas das mãos. — Os devedores pareciam contentes quando chegaram aqui — como se estivessem ressentidos durante todo esse tempo e ficassem mais do que felizes em descontar em sua perna. Eu fiquei o tempo todo mais aterrorizada pelo que eles fariam comigo e Elain. Feyre... Ela tentou fazê-los parar. Ficou aqui com ele enquanto nos escondemos no quarto. — Ela se forçou a encontrar o olhar de Cassian novamente. — Eu não falhei com Feyre apenas a deixando ir para a floresta. Houveram muitos outros momentos.

— Você já contou isso para ela?

Nestha fungou. — Não. Eu não sei como.

Ele a estudou, e ela resistiu ao impulso de se contorcer sob o exame minucioso. — Você vai aprender como. Quando estiver pronta.

— Como você é sábio.

Cassian esboçou uma reverência.

Apesar desta casa, da história ao redor dela, Nestha sorriu. Ela colocou no bolso a rosa esculpida. — Eu já vi o suficiente.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Sério?

Ela apertou a rosa de madeira em seu bolso. — Acho que eu só precisava ver este lugar. Uma última vez. Para saber que saímos. Que não sobrou nada aqui, exceto poeira e más lembranças.

Ele deslizou um braço em volta da cintura dela enquanto eles caminhavam para a porta, novamente analisando todas as pequenas pinturas que Feyre havia espremido para dentro da cabana. — Az ainda não vai voltar por um tempo. Vamos voando.

— E os humanos? — Eles fugiriam aos gritos, aterrorizados.

Cassian deu a ela um sorriso malicioso, abrindo aquela porta meio quebrada para ela. Levando-a para a luz do sol e ar puro. — Vai acrescentar uma certa emoção aos seus dias.

56

Um mês se passou e o inverno se arrastou sobre Velaris como uma geada sobre uma vidraça.

O treinamento matinal tornou-se um caso frio, suas respirações nublando o ar gelado enquanto elas trabalhavam com espadas e facas, o metal tão frio que arranhava suas palmas. Até mesmo seus escudos às vezes ficavam com uma crosta de gelo. As Valquírias aprenderam a lutar em todos os tipos de clima, Gwyn disse a elas. Principalmente o frio. Então, quando a neve caía ocasionalmente, Nestha e as outras treinavam também.

Nestha teve que mudar para outro tamanho de roupas de couro e, quando se olhava no espelho todas as manhãs para trançar o cabelo, o rosto que a fitava havia perdido a magreza, as sombras sob os olhos. Mesmo com Cassian a fodendo em cada superfície da Casa, às vezes até as primeiras horas da manhã, a exaustão, as manchas roxas abaixo de seus olhos, tinham desaparecido.

Ela disse a si mesma que não importava que ele nunca ficasse em sua cama para abraçá-la. Ela se perguntou quando ele se cansaria disso — dela. Certamente ele ficaria entediado e seguiria em frente. Mesmo que ele se banqueteara nela cada noite como se estivesse morrendo de fome. Agarrasse suas coxas com suas mãos poderosas e lambesse e chupasse até que ela se contorcesse. Às vezes, ela montava em seu rosto, as mãos agarrando a cabeceira da cama, e cavalgava em sua língua até gozar. Às vezes, era a língua dela sobre ele, em torno dele, e ela engolia cada gota que ele derramava em sua boca. Às vezes, ele se derramava em seu peito, estômago, costas, e ela gozava ao primeiro respingo dele em sua pele.

Ela não conseguia imaginar se cansando dele. Tê-lo de novo e de novo só fez sua necessidade crescer.

Ela praticava danças com Morrigan no estúdio da Casa duas vezes por semana, as duas mal trocando mais do que algumas palavras enquanto Nestha aprendia valsa após valsa, algumas particulares para a Cidade Escavada, outras para a Corte Outonal, outras para os Feéricos em geral.

Rhys lhes dera o globo Veritas para que Morrigan pudesse compartilhar com Nestha suas memórias das danças — e a música que as acompanhava.

Nestha tinha observado os passos, os bailes e festas que eram, por vezes, cheios de luz e outros que tinham escuridão e tristeza em torno das bordas. Morrigan não ofereceu nenhuma explicação além de comentários sobre a técnica de uma dançarina.

A música, porém... Era brilhante. Tão cheia de vida e movimento que sempre se pegava desejando ter mais uma ou duas horas de aula só para ouvi-la repetidas vezes.

Ninguém nunca apareceu para assisti-las, nem mesmo Cassian. Se Morrigan relatou o progresso delas, ela nunca revelou.

Agora, com o Solstício de Inverno a três dias, Morrigan estava encerrando sua lição enquanto a neve passava pela parede de janelas. Ela perguntou a Nestha de repente — O que você vai vestir para o baile, afinal?

Nestha, encostada na mesa de trabalho para recuperar o fôlego e ouvindo os acordes do violino através da miragem cintilante do globo Veritas, deu de ombros. — Um dos meus vestidos.

— Ah não. — O suor gotejou na testa de Morrigan, e seu cabelo dourado trançado se ondulou levemente com a umidade. — Eris... — Ela procurou pelas palavras. — Ele é todo sobre as aparências. Você tem que usar a coisa certa.

Nestha considerou o que Morrigan normalmente usava e franziu a testa. — Eu não posso usar algo tão revelador. — Morrigan e Feyre optavam por *menos é mais* quando se tratava de seus trajes para a Cidade Escavada. Nestha não tinha problemas com nudez diante de seus companheiros de

quarto, mas em público... A humana não tinha sido totalmente arrancada dela.

— Vou dar uma olhada. — Morrigan empurrou o parapeito da janela. — Ver o que temos.

— Obrigada, Morrigan.

Foi a primeira conversa normal que elas tiveram. A primeira vez que Nestha sequer pronunciou essas palavras para Morrigan. Falou o nome dela.

Morrigan piscou, percebendo isso também. — Sabe, é apenas Mor. Amren é a única pessoa nesta Corte que me chama de Morrigan, e isso porque ela é uma velha desgraçada mal-humorada.

Os lábios de Nestha se curvaram para cima. — Muito bem, então. — Ela acrescentou, experimentando — Mor.

O relógio soou uma hora, e Nestha começou a sair pela porta, deixando o globo e sua música crescente onde estavam sobre a mesa. — Eu preciso ir para a biblioteca. — Ela já ia chegar atrasada, mas a música era tão cativante que ela não queria parar antes.

— Na verdade, eu também. — Morrigan — Mor disse, e elas caminharam no corredor. — O trabalho que estou fazendo para Rhys e Feyre em Vallahan requer alguma pesquisa, e Clotho está investigando para mim.

— Ah.

Um silêncio pretensioso caiu enquanto elas desciam as escadas, depois entrando para outro corredor.

As portas altas da biblioteca apareceram antes que Nestha perguntasse — Te incomoda que eu irei dançar com Eris?

Mor considerou. — Não. Porque eu sei que você vai fazê-lo rastejar antes do fim.

Não foi um elogio. Não realmente.

Eles encontraram Clotho em sua mesa de costume. Ela se levantou, cumprimentando Mor com um abraço que deixou Nestha sem palavras.

— Minha velha amiga — disse Mor, o rosto iluminado de calor. O rosto que ela mostrou a todos nesta Corte, exceto Nestha. E aqueles na Cidade Escavada.

Vergonha apertou as entranhas de Nestha. Mas ela não disse nada enquanto a caneta e papel encantados de Clotho escreviam:

Você parece bem, Mor.

— É. — Mor ergueu um ombro. — Nestha tem me deixado esfarrapada com aulas de dança, mas estive bem.

Encontrei os livros que você pediu.

Clotho colocou a mão torta em cima de uma pilha de livros em sua mesa.

Nestha interpretou isso como uma deixa para sair e acenou com a cabeça para as fêmeas enquanto elas discutiam sobre o material. Gwyn estava esperando um andar abaixo, observando-as — com Emerie nas pilhas atrás dela.

— O que você está fazendo aqui? — Nestha perguntou a Emerie. Ela ainda estava no ringue de treinamento quando Nestha correu para sua aula de dança. Mas isso acontecera horas atrás.

— Eu queria ver onde vocês duas trabalham. — Disse Emerie, os olhos em Clotho e Mor um andar acima. Ela suspirou, apontando para Mor. — Sempre me esqueço do quanto ela é linda. Atualmente ela não vai mais ao acampamento Refúgio do Vento. — Nestha poderia ter jurado que o rosa roubou a cor das bochechas marrons de Emerie.

De fato, na escuridão profunda da biblioteca, Mor brilhava como um raio de sol. Até mesmo a escuridão em seu fundo pareceu se dissipar.

— Eu estava mostrando a Emerie as maravilhas do escritório de Merrill enquanto ela estava em uma reunião. — Falou Gwyn. — Tenho que ir

trabalhar, mas pensei que você poderia andar com ela pelo lugar enquanto guarda os livros. — Gwyn lançou-lhe um olhar irônico. — E dança.

Nestha revirou os olhos. Ela pode ter sido pega praticando suas valsas perto das estantes uma ou duas vezes. Ou dez vezes.

Nestha acenou com a cabeça para Emerie, desviando o olhar da fêmea dos gestos animados de Mor. — Vamos.

Mas Gwyn disse — Na verdade, antes de vocês irem, eu queria dar-lhes uma coisa. Considerando que é provavelmente a última vez que nos veremos antes que o Solstício de Inverno chegue ao fim.

Nestha e Emerie trocaram olhares confusos. A última perguntou — Você nos trouxe presentes?

Gwyn apenas falou — Encontro vocês no seu carrinho. — Com isso, ela avançou para a escuridão.

Emerie e Nestha seguiram para o Andar Cinco, onde Nestha havia deixado seu carrinho. Tinha sido reabastecido com livros que precisavam ser arquivados. Ela explicou o que fazia, mas Emerie parecia estar ouvindo pela metade. Seu rosto estava pálido.

— O quê? — Nestha perguntou.

As sobrancelhas de Emerie franziram. — Eu... Eu não devo ter bebido água o suficiente durante o treinamento. — Elas haviam experimentado duas novas técnicas de Valquírias que Gwyn havia descoberto na noite anterior, e ambas foram particularmente brutais, requerendo-lhes que usassem escudos como trampolins para lançar uma companheira Valquíria aos céus, e fazer seus abdominais suportando o peso desses escudos.

Ninguém havia conseguido cortar a fita, embora Emerie tivesse desfiado uma das pontas há dois dias.

— O que está errado? — Nestha pressionou.

Os olhos de Emerie ficaram sombrios. — É... Eu juro, posso ouvir meu pai gritando aqui embaixo. — Suas mãos tremiam quando ela levantou uma para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Consigo ouvi-lo gritando comigo, posso ouvir os móveis quebrando...

O sangue de Nestha gelou. Ela virou a cabeça para a inclinação descendente à direita. Nenhuma escuridão espreitou lá, mas eles eram fundos o suficiente... — Este lugar é antigo e estranho. — Disse ela, enquanto processava o que Emerie admitiu. Ela nunca tinha falado de seu pai além do corte de suas asas. Mas Nestha havia reunido o suficiente de informações: o homem tinha sido um monstro como o pai de Tomas Mandray.

— Vamos subir um andar, onde a escuridão não sussurre tão alto. Tenho certeza de que Gwyn nos encontrará com bastante facilidade. — Ela entrelaçou seu braço ao de Emerie, pressionando seu corpo perto, deixando um pouco de seu calor transbordar para sua amiga.

Emerie assentiu, embora permanecesse pálida.

Nestha se perguntou se Emerie ouviu seu pai berrando a cada passo do caminho.

Gwyn as encontrou, a sacerdotisa ofegante e corada ao distribuir dois pacotes retangulares, cada um com aproximadamente o tamanho de um livro comprido e fino. — Um para cada uma de vocês.

Nestha abriu o papel pardo e viu uma pilha de folhas repletas de escrita. No topo da primeira página, dizia apenas, “*Capítulo Vinte e Um*”, ela leu as primeiras linhas abaixo e quase deixou cair as páginas. — Isso... Isso é sobre *nós*.

Gwyn sorriu. — Convenci Merrill a nos incluir no penúltimo capítulo. Ela até me deixou escrever — com suas próprias anotações, é claro. Mas é sobre o renascimento das Valquírias. Sobre o que estamos fazendo.

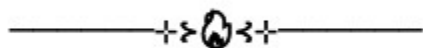
Nestha não tinha palavras. As mãos de Emerie tremiam mais uma vez enquanto ela folheava as páginas. — Você tinha tanto *assim* a dizer sobre nós? — Emerie disse, engasgando com uma risada.

Gwyn esfregou as mãos. — Com mais por vir.

Nestha leu uma linha aleatória na quinta página. — *Quer o sol batesse forte em suas testas ou a chuva congelante transformasse seus ossos em gelo, Nestha, Emerie e Gwyneth chegavam ao treino todas as manhãs, prontas para...*

O fundo de sua garganta doía; seus olhos ardiam. — Estamos em um livro.

Os dedos de Gwyn deslizaram nos dela, apertando com força. Nestha olhou para cima para encontrá-la segurando a mão livre de Emerie também. Gwyn sorriu novamente, seus olhos brilhantes. — Vale a pena contar nossas histórias.



Nestha ainda estava se recuperando da generosidade do presente de Gwyn naquela noite quando encontrou um bilhete de Cassian, dizendo que ele precisava passar a noite em um dos postos avançados da Illyria para lidar com alguma disputa mesquinha entre bandos de guerra. Com o Rito de Sangue a poucos meses de distância, ele disse, as tensões sempre ficaram altas, mas este ano parecia particularmente ruim. Novas rixas surgindo a cada poucos dias, velhos rancores ressurgindo... Nestha, apesar do conteúdo do bilhete, sorriu para si mesma, imaginando a cara fechada de Cassian enquanto ele estabelecia a ordem.

Mas sua diversão logo desapareceu, e embora ela tenha tentado a meditação Mente-Silenciosa duas vezes após o jantar, ela não conseguia se acalmar. Continuava pensando no presente de Gwyn, no rosto apavorado de Emerie enquanto ela sentia o que quer que estivesse na escuridão.

Sentada em sua mesa, olhando para o nada, Nestha colocou a palma da mão na testa.

Uma caneca de chocolate quente apareceu ao lado dela, junto com um punhado de biscoitos amanteigados. Nestha riu. — Obrigada.

Ela tomou um gole de sua bebida, quase suspirando com a riqueza do gosto do cacau. — Eu gostaria de experimentar o fogo — Disse ela calmamente. — Um pequeno.

Instantaneamente, a Casa teve uma pequena chama acesa na lareira. Uma tora estourou e Nestha se endireitou, o estômago embrulhando.

Era um fogo. Não o pescoço de seu pai. Seu olhar mudou para a rosa de madeira entalhada que ela colocou sobre a lareira, meio escondida nas sombras ao lado de uma estatueta de uma mulher de corpo flexível, seus braços erguidos segurando uma lua cheia entre eles. Algum tipo de deusa primitiva — talvez até a própria Mãe. Nestha não se permitiu pensar por que sentiu a necessidade de colocar a rosa ali. Por que ela não tinha apenas jogado em uma gaveta.

Outra lenha estourou e Nestha se encolheu. Mas ela permaneceu sentada lá. Olhando para aquela rosa esculpida.

Ela viveria o resto de sua vida como Emerie, sempre olhando por cima do ombro para que a sombra do passado a assombrasse? Ela parecia como Emerie nesta tarde, apavorada e sofredora?

Ela devia a si mesma mais do que isso. Emerie também merecia mais. A chance de viver uma vida sem medo e pavor.

Então, Nestha poderia tentar. Agora mesmo. Ela enfrentaria este fogo.

Outra tora estalou. Nestha rangeu os dentes.

Respire. Inspire por seis segundos, segure, expire por outros seis.

Ela fez exatamente aquilo.

Isso é um fogo. Isso a lembra de seu pai, de algo horrível acontecendo. Mas este não é ele, e mesmo enquanto você estiver se sentindo desconfortável, você pode superar isso.

Nestha se concentrou em sua respiração. Obrigou-se a afrouxar cada um de seus músculos tensos demais, começando pelo rosto e indo até os dedos dos

pés.

O tempo todo ela dizia a si mesma, de novo e de novo:

Isso é um fogo. Isso te deixa desconfortável. É por isso que você reage desse jeito. Você pode respirar através disso. Melhorar através disso.

Seu corpo não se afrouxou, mas ela foi capaz de permanecer sentada lá. De aguentar o fogo até que se reduzisse a brasas e depois se apagasse totalmente.

Ela não sabia por que se viu à beira das lágrimas enquanto as cinzas queimavam. Não sabia por que a onda de orgulho que encheu seu peito a fez querer rir, gritar e dançar pela sala. Ela não tinha feito nada mais do que sentar perto do fogo, mas... Ela se sentou. Permaneceu.

Ela não falhou. Ela o enfrentou e sobreviveu.

Ela podia não ter salvado o mundo ou liderado exércitos, mas deu esse pequeno passo inicial.

Nestha enxugou os olhos e, quando olhou ao redor de seu quarto silencioso, se assustou ao encontrar um rastro de ramos de visco que levava à porta agora aberta.

Erguendo uma sobrancelha, ela se levantou. — O que é tudo isso? — Ela perguntou à Casa, seguindo a trilha que ela havia deixado.

No final do corredor, ao longo das escadas, até a biblioteca em si. — Onde estamos indo? — Nestha perguntou ao ar quente. Felizmente, até as sacerdotisas que ficavam acordadas até mais tarde haviam adormecido, não deixando ninguém para vê-la correndo atrás do rastro de ramos. Ao redor dos andares da biblioteca eles se entrelaçavam, cada vez mais fundo, até chegarem ao sétimo andar.

Nestha parou quando a trilha parou na beira da parede de escuridão.

Uma luz tremeluziu além dela. Várias luzes.

Como se dissesse *Venha. Não tenha medo.*

Então Nestha respirou fundo ao caminhar para a escuridão.

As luzes de pequenas velas aromáticas se transformaram em uma escuridão familiar. Ela e Feyre uma vez se aventuraram por ali — enfrentaram horrores ali. Nenhuma evidência permaneceu daquele dia. Apenas a escuridão iluminada pelo fogo, as velas levando-a aos andares mais baixos da biblioteca.

Para o próprio poço.

Nestha seguiu as velas, espiralando até o fundo do poço, onde uma pequena lanterna brilhava, iluminando fracamente as fileiras de livros velados em sombras permanentes ao redor.

Com o coração acelerado, Nestha ergueu a lanterna em uma das mãos e olhou para a escuridão, intocada pela luz da biblioteca bem no alto. O coração do mundo, da existência. Do próprio.

O coração da Casa.

— Isso... — Seus dedos se apertaram na lanterna. — Esta escuridão é o *seu* coração.

Como se respondesse, a Casa colocou um pequeno ramo de visco a seus pés.

— Um presente de Solstício de Inverno. Para mim.

Ela poderia jurar que uma mão quente roçou seu pescoço em resposta. — Mas sua escuridão... — Admiração suavizou sua voz. — Você estava tentando me mostrar. Mostrar às outras. Quem você é, lá no fundo. O que te assombra. Você estava tentando mostrar a elas todas aquelas partes sombrias e quebradas porque as sacerdotisas, Emerie e eu... Nós somos iguais a você.

Sua garganta se apertou com o que a Casa havia lhe presenteado. Aquele conhecimento.

Ela ergueu a lanterna mais alto e a apagou.

Deixou a escuridão entrar. Abraçou-a.

— Eu não estou com medo. — Ela sussurrou. — Você é minha amiga e minha casa. Obrigada por compartilhar isso comigo.

Mais uma vez, Nestha poderia ter jurado que aquele toque fantasma acariciou seu pescoço, sua bochecha, sua testa.

— Feliz Solstício. — Ela disse na bela escuridão fragmentada.

Cassian normalmente esperava ansioso o Solstício de Inverno por uma série de razões, começando com os três dias habituais de bebida com sua família e terminando com a diversão desordenada de sua guerra anual de bolas de neve com seus irmãos. Seguido por uma sauna na cabine e mais bebida, geralmente até que os três desmaiassem em várias posições estúpidas. Um ano, ele acordou vestindo uma peruca loira e nada mais que uma grinalda verde ao redor de sua virilha como uma tanga. E tinha coçado e arranhado terrivelmente — embora não fosse nada em comparação a sua ressaca palpitante.

Ele supunha, em suas raízes, que amava o Solstício de Inverno porque ele era um tempo que podia passar ininterrupto com as pessoas que ele mais valorizava.

Esse ano, como no ano passado, só o encheu de ácido agitado.

A Corte dos Pesadelos foi decorada como habitualmente, enfeitada para a celebração que durava três dias inteiros ao redor da noite mais longa do ano. Cada noite tinha um baile diferente, e no primeiro deles, Nestha dançaria com Eris.

Hoje à noite. Em questão de momentos.

Ele tinha tido um mês para se preparar para isto. Um mês estando na cama de Nestha — ou pelo menos a fodendo nela. O Caldeirão sabia que ela nunca lhe havia pedido para ficar depois que ele se retirava dela.

Ele ficou aos pés do estrado negro, olhando para a multidão cintilante com um rosto que prometia morte. Az estava do outro lado do estrado, usando uma expressão semelhante.

Todas e cada uma das pessoas ali podiam arder na porra do inferno.

A começar por Keir, à frente da multidão reunida. Terminando com Eris, de pé e orgulhoso, vestindo o preto da Corte Noturna, ao lado dele.

Mor estava ao lado dos tronos de Feyre e Rhysand, representando-os até a chegada deles.

Toda a sala do trono estava adornada com velas negras, coroas e grinaldas verdes e bagas de azevinho. As mesas de banquete gêmeas flanqueando ambos os lados do enorme espaço transbordavam de comida, mas eram proibidas a todos até que Feyre e Rhysand o permitissem.

Ultimamente, ele havia aliviado um pouco da máscara de Noite Triunfante com o povo da Cidade Escavada, mas não por muito. Cassian não invejava Rhys e seu ato de malabarismo. Eles não podiam isolar Keir, não se precisassem de seus Precursores da Escuridão novamente. Daí o tom mais agradável. Mas eles não podiam deixá-lo esquecer a surra que receberia se saísse da linha. Daí o tom *só um pouco* mais agradável.

Eles não tinham ouvido nada sobre a Coroa, nada de Briallyn. Ela não tinha vindo pelos Tesouros. Cassian não era estúpido o suficiente para acreditar que tinha acabado. Nenhum deles era.

As portas altas da sala do trono finalmente se escancararam.

Poder escuro retumbou pela montanha, alertando sua aproximação. A montanha cantou com ele. Todos se viraram quando o Grão-Senhor e a Grã-Senhora apareceram, coroados e vestidos de preto.

Rhys era a sua versão atraente de sempre, mas Feyre...

A sala arfou.

Esta noite também servia a outro propósito: contar ao mundo da gravidez de Feyre.

Ela usava um vestido de painéis pretos brilhantes, muito parecido com o que usara na primeira vez ali, e nada fez para esconder a sua barriga

inchada.

Não, o vestido evidenciava seu ventre grávido, brilhando à luz das velas.

O rosto de Rhys era um retrato de orgulho masculino, presunçoso. Cassian sabia que ele trituraria qualquer um que piscasse errado para Feyre em um milhão de tiras ensanguentadas. De fato, violência fria fluía de Rhys enquanto eles caminhavam em direção ao estrado, o cheiro rico de bebê da Feyre enchendo o ar. Ele deixava todos aqui cheirá-lo, confirmando ainda mais que ela estava grávida.

Feyre poderia muito bem ter sido uma deusa antiga, coroada e resplandecente, sua barriga inchada de vida. Seu rosto sereno era lindo, e seus lábios vermelhos cheios se separaram em um sorriso para Rhys enquanto se dirigiam a seus tronos. Keir parecia dividido entre a raiva e o choque; o rosto de Eris estava cuidadosamente neutro.

O movimento no fundo da sala arrancou o olhar de Cassian de seus inimigos, e então...

Ambas as irmãs vestiam preto. Ambas andavam atrás de Rhys e Feyre, uma indicação silenciosa de que elas faziam parte da família real. De que também possuíam seus próprios poderes grandiosos. Eles haviam planejado dessa forma, querendo que Eris visse por si mesmo quão valiosa Nestha era. Cassian se perguntava se Elain e Nestha tinham quebrado seu silêncio enquanto esperavam por sua entrada. Elas não falavam uma com a outra já fazia meses.

Elain de preto era ridículo. Sim, ela era linda, mas a cor de seu vestido modesto de manga comprida arrancava o brilho de seu rosto. Ele a usava, ao invés do contrário. E ele sabia que a crueldade da Cidade Escavada a perturbava. Mas ela não havia hesitado em vir. Quando Feyre propôs para ela a escolha de ficar em casa, Elain havia endireitado seus ombros e declarado que fazia parte desta Corte — e faria o que fosse necessário. Então Elain tinha soltado seus cabelos castanhos dourados hoje a noite e os prendeu atrás da nuca com pentes de pérolas gêmeas. Ele nunca, nos dois anos em que a conheceu, achara Elain simples, mas usar preto, não importa o quanto ela havia alegado fazer parte desta Corte... Sugou-lhe a vida.

Nestha vestindo o preto da Corte Noturna ameaçou colocá-lo de joelhos.

Ela tinha trançado o cabelo sobre a cabeça em seu estilo habitual, mas sobre ela, uma delicada tiara de pedra preta brilhante descansava, pontas esbeltas que apontavam para fora em uma coroa escura. Cada ponta era coberta com uma pequena safira, como se as pontas fossem tão afiadas que perfuravam o céu e traziam sangue cobalto.

E o vestido...

Fios prateados bordavam o corpete de veludo apertado, as tiras tão estreitas que poderiam muito bem não ter sido nada contra sua pele branca como a lua. O decote mergulhava quase até o umbigo, onde o fio prateado se juntava para segurar uma pequena safira que combinava com as da sua coroa. As saias cheias escovavam o chão escuro, farfalhando no silêncio ondulante.

O queixo de Nestha permaneceu erguido, acentuando seu longo e adorável pescoço. Seus lábios pintados de vermelho se enroscaram em um sorriso felino enquanto seus olhos pintados de preto tomavam a sala, observando-a a cada respiração.

Nestha parecia brilhar com a atenção. A controlava. Comandava.

Feyre e Rhys tomaram seus tronos, e Nestha e Elain vieram para ficar em pé diante do estrado, entre ele e Azriel. Cassian não ousou dizer uma palavra a Nestha, ou mesmo olhar para ela, para o corpo exposto — o corpo que ele havia provado tantas vezes que agora era um milagre que não houvesse nenhuma marca de seus lábios contra o pescoço dela.

Ele também não ousou olhar para Eris. Um olhar e ele entregaria o jogo inteiro. Mesmo o cheiro dela — o cheiro *dele*, Cassian sabia, com bastante satisfação — estava cuidadosamente encantado para esconder qualquer vestígio dele.

Feyre declarou à multidão reunida — Que as bênçãos do Solstício de Inverno estejam sobre vocês.

Keir se inclinou para frente, fazendo uma reverência baixa. — Permita que eu estenda meus parabéns. — Cassian sabia que o bastardo não quis dizer uma palavra.

Eris seguiu a seu lado, seu convidado de honra. — E permita-me estender os meus também, em nome de meu pai e de toda a Corte Outonal. — Ele deu a Feyre um sorriso bonito e cultivado. — Ele ficará entusiasmado com esta notícia.

A boca de Rhys se enrolou em um cruel meio sorriso, as estrelas piscando em seus olhos. — Tenho certeza que ele ficará.

Não houve fingimento esta noite: Rhys era realmente o Grão-Senhor da Corte dos Pesadelos, enquanto Feyre e seu bebê estavam aqui. Ele massacraria qualquer um que os ameaçasse. E iria gostar.

Rhys disse a ninguém em particular — Música.

Uma orquestra escondida em um mezanino com tela começou a tocar.

Feyre levantou sua voz e disse — Vão, comam. — A multidão se ondulou enquanto as pessoas se dirigiam para as mesas.

Apenas Eris e Keir permaneceram diante deles. Nenhum deles deu sequer um olhar para Mor, embora ela tenha sorrido ironicamente para eles, seu vestido vermelho como uma chama na escuridão do salão.

Cassian, em sua armadura preta, sentia-se mais como os animais esculpidos nos imponentes pilares abaixo desta montanha. Ele havia escovado o cabelo e o deixado solto, e essa havia sido a extensão de sua preparação para essa noite. Ele havia passado a maior parte de seu tempo pensando em como gostaria de descascar a pele de Eris em pequenas tiras, em como Rhys e Feyre haviam cruzado uma linha ao pedir isso de Nestha. Ele amava os dois, mas eles poderiam ter encontrado outra maneira de garantir a fidelidade de Eris. Não que Cassian tivesse arranjado uma alternativa melhor.

Pelo menos Briallyn e Koschei ainda não haviam feito mais nada. Embora ele não tivesse dúvidas de que eles iriam dar seu próximo passo em breve.

Feyre comandou a multidão, sua voz como um trovão à meia-noite —
Dancem.

As pessoas se juntaram em pares e caíram na música perfeitamente. Keir foi com eles desta vez.

— Antes de você se juntar à festança, Eris — Rhys disse arrastadamente, uma longa caixa preta aparecendo em suas mãos — Eu gostaria de presenteá-lo com seu presente de Solstício.

Cassian manteve seu rosto em branco. Rhys tinha comprado um *presente* para o bastardo?

Rhys flutuou a caixa até Eris em um vento da noite. Deixou que vento suficiente permanecesse, enrolado atrás de Eris, para Cassian saber que ele havia bloqueado-o de vista. Da vista de Keir, especificamente.

Eris levantou as sobrancelhas, abrindo a tampa esculpida. Ele ficou tenso, a voz baixando. — O que é isso?

— Um presente — disse Rhys, e Cassian teve um vislumbre de um punho familiar na caixa.

A adaga que Nestha tinha Feito. Cassian se absteve de girar para Rhys e Feyre, exigindo saber o que diabos eles estavam pensando.

Eris sugou um fôlego. Feyre disse — Você pode sentir seu poder.

— Há chamas nela — disse Eris, não tocando a adaga. Como se sua própria magia o advertisse. Ele fechou a tampa, com o rosto ligeiramente pálido. — Por que me dar isto?

— Você é nosso aliado — disse Feyre, uma mão descansando sobre sua barriga. — Você enfrenta inimigos que existem fora das regras habituais da magia. Pareceu justo dar-lhe uma arma que opera também fora dessas regras.

— Isso é realmente Feito, então.

Cassian se preparou para que a verdade, a maldita e perigosa verdade fosse revelada sobre Nestha. Mas Rhys disse — Da minha coleção pessoal. Uma herança de família.

— Você possuía um item Feito e o manteve escondido durante todos estes anos? Durante a guerra?

— Não subestime nossa generosidade — Feyre avisou Eris discretamente.

Eris parou, mas acenou com a cabeça. Ele estendeu a caixa de volta para Rhys. — Vou deixá-la em sua guarda enquanto danço, então — Ele acrescentou com o que Cassian poderia ter jurado ser sinceridade — Obrigado.

Feyre acenou com a cabeça enquanto Rhys pegou a caixa e a colocou ao lado de seu trono. — Use-a bem. — Ela sorriu suavemente para Eris. — Normalmente eu o convidaria para dançar, mas minha condição já me deixou indisposta o suficiente para que eu me preocupasse com o que tantos giros fariam ao meu estômago. — Era a verdade. Feyre tinha fugido do jantar três noites atrás para encontrar o banheiro mais próximo. Agora ela fez como se estivesse procurando entre suas duas irmãs. Elain fingiu estar interessada relativamente bem. Nestha parecia apenas aborrecida. Como se eles não tivessem acabado de dar a adaga que ela tinha Feito.

Talvez fosse porque os olhos de Nestha tinham se desviado para a multidão dançante, cintilante. Como se ela não pudesse se conter quando a música cresceu. Ela parecia ouvindo só metade do que era dito. Talvez a música fosse mais importante para ela do que o punhal — mais do que magia e poder.

Feyre observou a direção do olhar fixo de Nestha. — Minha irmã mais velha deve tomar meu lugar.

Nestha mal olhou para Eris, que tirou seu olhar avaliador de Elain para olhar para a irmã Archeron mais velha com uma mistura de cautela e intenção que fizeram a mandíbula de Cassian ranger. Ou teria rangido, se

ele não tivesse se dominado a tempo de manter seu rosto em branco quando Nestha começou a andar em direção a Eris.

Eris ofereceu um braço, e Nestha o tomou, seu rosto neutro, seu queixo alto, cada passo deslizando. Eles pararam na borda da pista de dança, se afastando para se encararem.

Outros observavam de lado enquanto a dança terminava e as linhagens introdutórias da próxima começavam, uma harpa com o palpitar alto e doce. Eris estendeu uma mão, um meio sorriso na boca.

Como se aquelas cordas da harpa envolvessem o braço de Nestha, ela o levantou, e colocou sua mão na dele precisamente quando a última e rápida arrancada da harpa soou.

Percussão e trompas explodiram; instrumentos de corda baixa iniciaram uma batida apressada de música. Uma convocação para a dança em uma contagem regressiva para o movimento. Cassian se lembrou de respirar enquanto Eris deslizava sua larga mão sobre a cintura de Nestha, aconchegando-a perto. Ela levantou o queixo, olhando para o rosto dele enquanto um tambor grave martelava.

E quando os violinos começaram a sua canção arrebatadora, um aceno de alerta, Nestha se moveu como se sua própria respiração estivesse cronometrada à música. Eris foi com ela, e ficou claro que ele conhecia as nuances da dança e as notas exatas, mas Nestha...

Ela juntou suas saias na outra mão, e enquanto Eris a levava para os movimentos de abertura da valsa, seu corpo soltou-se e esticou-se em tantos lugares diferentes que Cassian não sabia onde olhar: ela estava dobrada e moldada e dirigida pelo som.

Até mesmo os olhos de Eris se arregalaram para ela — pura habilidade e graça, cada movimento de seu corpo afinado com precisão a cada nota e vibração de música, da ponta de seus dedos até a extensão de seu pescoço enquanto ela virava, o arco de suas costas em uma nota de retenção. Cassian ousou dar uma olhada em Feyre e Rhys e viu que até mesmo seus rostos normalmente compostos haviam ficado um pouco soltos.

No momento em que Nestha e Eris terminaram sua primeira rotação através da dança, Cassian teve a sensação crescente de que Elain havia subestimado muito as habilidades da irmã.



A música queimou através de Nestha.

Já existiu um som tão perfeito e meio selvagem no mundo? As memórias de Mor na Veritas não eram nada comparadas a isto, ouvindo-a tocada ao vivo, dançando através dela. Ela fluiu e nadou ao redor dela, enchendo seu sangue, e se ela pudesse ter feito isso, ela teria derretido na melodia, tornando-se os tambores rolantes, os violinos que se elevavam, os címbalos que se chocavam com a contra batida, as trompas e as palhetas com seu canto agudo.

Não havia espaço suficiente dentro dela para o som, para tudo o que a fazia sentir — não havia espaço suficiente em sua mente, seu coração, seu corpo; e tudo o que ela podia fazer para honrá-lo, adorá-lo, era dançar.

Eris, para seu crédito, manteve-se de pé.

Ela segurava o olhar dele a cada passo, deixava-o sentir seu corpo flexível, quão maleável foi quando ela se arqueou em um conjunto de notas. Sua mão se apertava sobre ela, dedos escavando no sulco de sua coluna, e ela deixou um pequeno sorriso subir até seus lábios pintados de vermelho.

Ela nunca havia usado tal cor em sua boca. Parecia um pecado personificado. Mas Mor tinha feito isso, junto com o golpe de kohl líquido sobre suas pálpebras superiores. E quando Nestha finalmente se olhou no espelho, ela não se tinha visto olhando de volta.

Ela tinha visto uma Rainha da Noite. Tão impiedosa, fria e bela quanto o deus Lanthys havia querido fazê-la. A Consorte da Morte.

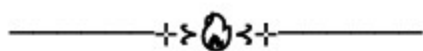
A própria morte.

Eris soltou sua cintura para girá-la, e não foi nenhum esforço para cronometrar sua rotação ao bater das notas, seu olhar travando de volta ao dele exatamente enquanto a música retornava à melodia. Chamas ferveram em seus olhos, e ele a girou novamente — não foi um movimento prescrito na dança, mas ela seguiu em frente, estalando a cabeça para encontrar o olhar dele mais uma vez, as saias dela rodopiando.

Os lábios dele sorriram com aprovação, seu teste passado.

Nestha sorriu afetadamente de volta para ele, deixando os olhos dela brilhar. *Faça-o rastejar*, Mor tinha dito. E ela o faria.

Mas primeiro ela dançaria.



Cassian conhecia a valsa. Tinha-a observado e dançado durante séculos. Sabia que seu último meio minuto era um rápido frenesi de notas e um som grandioso e ascendente. Sabia que a maioria dos dançarinos continuariam a valsar através dela, mas os corajosos, os habilidosos fariam as doze rotações, a fêmea virando cegamente com um braço acima de sua cabeça, girada repetidas vezes por seu parceiro, enquanto eles se moviam através da pista de dança. Girar era arriscar parecer tolo na melhor das hipóteses, comer mármore, na pior das hipóteses.

Nestha foi em busca disso.

E Eris foi com ela, com os olhos brilhando de deleite feroz.

A música chegou em sua grande finale, os tambores batendo, os violinos zumbindo e todo o salão se endireitou, os olhos sobre Nestha.

Sobre Nestha, esta mulher outrora humana que havia conquistado a morte, que agora brilhava como se também tivesse devorado a lua.

Entre uma batida e outra, Eris levantou o braço de Nestha acima de sua cabeça e a girou com tanta força que seus calcanhares se ergueram do chão.

Ela mal terminou a rotação quando ele a girou novamente, a cabeça dela girando com tal precisão que tirou o fôlego de Cassian.

E seus pés...

Um giro atrás do outro, movendo-se através da pista de dança agora vazia como uma tempestade noturna, os pés de Nestha dançavam tão rápido que eram um quase borrão. Ele sabia que Eris girava seu braço, mas seus pés a seguraram, impedindo-a. Era ela quem liderava essa dança. Na sétima volta, ela rodopiou tão rapidamente que se ergueu totalmente sobre seus dedos dos pés.

No nono giro, Eris soltou seus dedos. E Nestha, com o braço ainda esticado acima de sua cabeça, rodou mais três vezes. Cada uma das safiras no topo de sua tiara brilhava como se estivesse acesa com um fogo interior. Alguém arfou nas proximidades. Poderia ter sido Feyre.

E, enquanto Nestha girava sozinha, sobre os dedos dos pés de um pé perfeito, ela sorriu. Não um sorriso manhoso de um cortesão, não um sorriso tímido, mas um de pura e selvagem alegria, trazido pela música e pela dança e sua entrega de todo o coração para elas.

Era como ver alguém nascer. Como ver alguém voltar a vida.

No momento em que Nestha terminou a última rotação, aquele absurdo desafio das leis de movimento e do espaço, Eris teve sua mão novamente, girando-a mais três vezes, seus cabelos vermelhos brilhando como fogo como se ecoando à incontrolável, escura alegria que brotava dela.

A mãe de Nestha tinha querido um príncipe para ela. Cassian agora pensava que ela havia subestimado sua filha. Somente um rei ou um imperador se adequaria a alguém com esse nível de habilidade.

Ela estava seduzindo Eris dentro de um centímetro da sua vida. Os murmúrios na Cidade Escavada confirmaram que Cassian não foi o único a notar isso.

Os olhos de Eris brilhavam de desejo irresponsável enquanto ele bebia o sorriso de Nestha, o brilho dela. Ele sabia o que Nestha poderia se tornar com um pouco de ambição. Com a orientação correta.

Se ele soubesse que os Tesouros da Morte resolveram a ela, que ela tinha Feito sua nova adaga...

Foi um erro, trazê-la aqui. Para balançá-la diante de Eris, do mundo.

Emergindo de seu casulo de luto e raiva, esta nova Nestha poderia muito bem enviar Cortes inteiras a seus joelhos. Reinos.

A música subiu e subiu e subiu, mais rápido e mais rápido e mais rápido, e enquanto suas últimas notas soaram, Eris a soltou novamente. Nestha rodou sozinha mais uma vez, mais três rotações precisas e perfeitas enquanto Eris caía de joelhos diante dela e erguia uma mão.

A nota final soou e segurou, e Nestha parou com facilidade preternatural, pegando a mão de Eris no mesmo movimento que suas costas arquearam e ela atirou para cima o outro braço, o retrato do triunfo.



A próxima dança começou, e Nestha não hesitou quando Eris a levou para dentro dela. Ela era uma dança mais leve e fácil do que a primeira, cuja música tinha sido uma canção no sangue dela.

Seu par podia ser um monstro, mas ele sabia dançar. Tinha visto como seu corpo gritou para fazer aqueles rodopios extras, sozinha, e deixou-a livre não uma mas duas vezes, e mesmo assim não tinha sido suficiente. Se ela não estivesse usando o vestido pesado, ela poderia ter implorado à orquestra para tocar a canção novamente para que ela pudesse apenas executar giro após giro após giro sozinha, sabendo quando executar duplos e triplos por instinto e ouvido apenas.

Ela estava bêbada com a música. Mas a segunda dança não exigia giros selvagens ou excesso de emoção. Como se o maestro da orquestra

escondida neste salão quisesse que ela respirasse. Ou pelo menos falasse com seu par.

Os olhos âmbar de Eris estudaram os dela. — Confie em Rhysand para mantê-la escondida longe.

Certo. Ela deveria bajulá-lo, mantê-lo do lado deles. — Acabei de lhe ver na outra semana.

Eris riu. — E por mais emocionante que tenha sido ver você fazer Tamlin correr com seu rabo entre as pernas, não vi *este* lado de você. O tempo desde a guerra mudou você.

Ela não sorriu, mas encontrou seu olhar diretamente quando disse — Para melhor, espero.

— Certamente para mais interessante. Parece que você veio para jogar o jogo esta noite, afinal de contas. — Eris a girou, e quando ela voltou para ele, ele murmurou no ouvido dela — Não acredite nas mentiras que lhe contam sobre mim.

Ela recuou apenas o suficiente para encontrar o olhar dele. — Ah?

Eris acenou com a cabeça para onde Mor os observava ao lado de Feyre e Rhys, seu rosto neutro e distante. — Ela sabe a verdade, mas nunca a revelou.

— Por quê?

— Porque ela tem medo dela.

— Você não ganha nenhum favor com seu comportamento.

— Não? Eu não me aliei a esta Corte sob constante ameaça de ser descoberto e morto por meu pai? Eu não ofereço ajuda sempre que Rhysand deseja? — Ele a girou novamente. — Eles acreditam numa versão dos eventos que é mais fácil de engolir. Eu sempre achei Rhysand mais sábio do que isso, mas ele tende a ser cego no que diz respeito àqueles que ama.

A boca de Nestha se torceu para um lado. — E você? Quem você ama?

O sorriso dele afiou. — Você está perguntando sobre minha elegibilidade?

— Estou apenas dizendo que é difícil encontrar um bom par de dança hoje em dia.

Eris riu, o som como seda sobre sua pele. Ela tremeu. — De fato, é. Especialmente um que pode tanto dançar quanto arrancar a cabeça do Rei de Hybern de seus ombros.

Ela o deixou ver um pouco dessa pessoa — ver a fúria selvagem e o fogo de prata que ele havia testemunhado perante Tamlin. Depois ela piscou os olhos e desapareceu. O rosto de Eris se torceu, e não por medo.

Ele a rodou de novo, a valsa já estava chegando ao fim. Ele sussurrou no ouvido dela, — Dizem que sua irmã Elain é a beleza, mas você a supera hoje à noite. — Sua mão acariciou a pele nua de suas costas, e ela se arqueou um pouco ao toque.

Nestha fez sua garganta funcionar, deixou uma pitada de cor subir em suas bochechas.

A valsa terminou, e eles caíram perfeitamente na próxima dança, um pouco mais exigente desta vez. Ela se lembrou desta de suas lições com Mor — era adorável e arrebatadora. Era como estar em um sonho, até seu minuto final se tornar tão grande que sempre lhe arrancava o fôlego. Antecipação a atravessou, iluminando seus olhos.

— Você é desperdiçada na Corte Noturna — Eris murmurou enquanto ela rodopiava, saias envolvendo a ambos — Absolutamente desperdiçada.

— Não tenho certeza se isso é um elogio.

Outro risinho. Um movimento espreitava no canto do olho dela, mas ela não tirou seu olhar de Eris, não parou seus passos até...

— Mova-se.

A voz fria de Cassian rachou através do feitiço da música, parando-a. Ele estava diante deles, em meio ao mar de pessoas girando ao redor e ao redor, e mesmo que a maioria usasse preto, sua armadura e suas lâminas o faziam parecer... diferente. Como um verdadeiro pedaço da noite.

Eris olhou de nariz reto para Cassian. — Eu não recebo ordens de brutos.

Nestha sufocou seu rosnado e disse friamente a Cassian — Devo entender que você gostaria de dançar comigo?

— Sim. — Seus olhos de avelã estavam ardendo de violência. Ele realmente acreditava no que ele tinha visto nesta pista de dança?

Eris mostrou seus dentes para Cassian. — Vá sentar-se aos pés de seu mestre, cachorro.

Foi preciso toda a sua concentração, cada momento de Meditação, para se impedir de arrancar a garganta de Eris. Mas Nestha empurrou sua fúria para baixo, para o lugar onde ela reprimia seu poder. — Ninguém gosta de um par egoísta, Eris. — Ela sequer olhou para a Cassian. Não confiava no que ela faria se visse dor em seus olhos com o insulto de Eris. Feyre e Rhysand tinham dado a Eris uma de suas lâminas apenas para garantir sua aliança contínua. Ela não a comprometeria. Portanto, ela acrescentou com um cantarolar — Hora de compartilhar.

Eris a jogou um sorriso zombeteiro. — Vamos brincar mais tarde, Nestha Archeron — Ele ignorou Cassian enquanto apontava para o estrado novamente.

Sozinha com o Cassian, a pista de dança repleta de gente ao seu redor, Nestha exigiu — Você está feliz agora?

Seu rosto era como pedra. — Não. — Um olhar sobre o ombro dele lhe mostrou Rhys e Feyre de rostos duros, que sem dúvida estavam gritando com ele mente a mente. Mas se ela e Cassian ficassem assim por muito tempo, o feitiço que ela teceu ao redor de Eris poderia ser perturbado, e...

Cassian ofereceu sua mão. Engoliu uma vez.

Ele estava *nervoso*. Este macho que tinha enfrentado exércitos inimigos, que tinha lutado até a beira da morte mais vezes do que ela se preocupou em contar, que combateu tantos perigos que era um milagre ele ter vivido... Ele estava nervoso.

Amoleceu um pedaço crucial dela, e Nestha deslizou a mão dela na dele, seus calos se raspando uns contra os outros. Sua mão escorregou em torno da cintura dela, tão grande que se estendeu por quase metade do caminho. Ela juntou suas saias, e levantou o olhar para o dele.

Nestha caiu um passo para trás, guiando ele, eles, para a dança, e Cassian foi com ela.

Ele não era gracioso como Eris. Ele não se moveu instintivamente para cada batida como ela. Mas ele continuou, disposto a acompanhá-la na música, no som e no movimento, e seus olhos não deixavam, não deixariam, o rosto dela.

Seus passos se aceleraram, e Cassian encontrou seu ritmo.

Ele a girou, e ela rodopiou, os braços dele esperando para pegá-la.

Sua mão sobre a cintura dela apertou, seu único aviso ao lançá-las mais longe, mais rápido na música. Cassian sorriu para ela, e o mundo se desvaneceu.

A música já não era a coisa mais bela que existia. Ele era.

Nestha não conseguiu detê-lo, então.

O sorriso de resposta que finalmente floresceu através dela, se esticando em seu rosto, brilhante como o amanhecer.



Cassian só cederia Nestha a Azriel, que a arrebatou para uma valsa tão facilmente como respirar.

Perambulando até a mesa do vinho para servir-se de uma taça, Cassian encontrou os olhos de alguns cortesãos olhando para Nestha e os deixou ver o que aconteceria se eles sequer se aproximassem dela. Eles saíram rapidamente, e ele se encostou a um pilar, contente de ver Nestha dançar com seu irmão.

Mor estava a seu lado um momento depois, seus lábios curvando-se para cima — Parece que nossas lições valeram a pena.

Cassian beijou sua bochecha — Eu lhe devo uma. — Eles estavam treinando em segredo nestas últimas semanas. Mor tinha ficado positivamente feliz quando ele lhe pediu ajuda.

Mas seus olhos estavam escuros agora, seu rosto em declínio.

— Como você está indo? — ele perguntou neutro, bem ciente do povo ao seu redor. O que Mor tinha sido e era agora para eles.

Mor levantou um ombro, depois deixou-o cair. — Bem. — Ela acenou com a cabeça para Nestha. — Eu gostei de ver o que ela fez. — Ela o acotovelou nas costelas. — Embora eu suponha que você não. Você *tinha* que intervir, não é mesmo?

Ele cruzou seus braços. — Rhys pode lidar com isso.

— Parece que Rhys está — disse Mor, e Cassian seguiu seu olhar em direção ao estrado, onde Eris estava parado ao lado dos tronos, falando com Rhys e Feyre.

Sem mesmo Rhys piscar na direção deles, Cassian descobriu que Rhys o tinha deixado entrar na conversa — ele estava dentro da mente de Rhys, vendo e ouvindo a conversa através dos olhos de Rhys. Da quietude súbita de Mor, ele sabia que ela também tinha sido trazida para dentro.

— Muito bem — dizia Eris ao Rhys, deslizando suas mãos para os bolsos. — Você me mostrou o que eu posso ter, Rhysand. Estou intrigado o suficiente para perguntar o que você iria querer em troca.

Feyre falou nos pensamentos de Rhys. *O quê?!*

Cassian queria ecoar o mesmo, seu corpo inteiro apertando. Mas Rhys não se moveu de onde relaxava em seu trono. — O que você quer dizer com isso?

Os olhos de Eris vidraram de luxúria. Luxúria ganaciosa, calculista. Cassian engoliu seu rosnado. — Quero dizer que o que você quiser, eu lhe darei em troca dela. Como minha noiva. — Ele apontou com o queixo em direção a caixa com a adaga aos pés de Rhys. — Eu prefiro ter ela do que isso

Ele dançou três danças com ela! Feyre grasnou. Os lábios de Rhys pareciam estar travando uma batalha perdida para não sorrir.

Cassian só podia encarar a garganta de Eris, ponderando se estrangularia ele ou cortaria a pele bem aberta. Deixá-lo sangrar no chão.

— A decisão não é minha — disse Rhys calmamente a Eris. — E parece tolice você me oferecer o que eu quiser em troca dela, de qualquer forma.

Sua mandíbula apertou. — Eu tenho minhas razões.

Pelas sombras de seus olhos, Cassian sabia que algo mais estava por baixo da oferta apressada. Algo que nem mesmo os espiões de Az haviam percebido na Corte Outonal. Bastava apenas um empurrão do poder de Rhys em sua mente e eles saberiam, mas... ia contra tudo o que eles representavam, pelo menos entre seus aliados. Rhys exigia a confiança deles; ele tinha que dá-la em troca. Cassian não podia culpar seu irmão por isso.

Eris acrescentou — É um bônus, é claro, que ao fazer isso, eu estaria pagando a Cassian por arruinar meu noivado com a Morrigan.

Idiota. As mãos de Cassian se fecharam em punhos, mas os dedos de Morrigan pousaram em seu braço. Suaves e tranquilizadores.

Não podemos jogá-lo para os animais debaixo da cela e acabar com ele?

Feyre lançou a Rhys.

Mais uma vez, os lábios do Rhys se torceram. *Tão sedenta de sangue*, Cassian ouviu seu Grão-Senhor cantarolar para sua parceira. Mas Rhys disse — Tudo o que eu quiser, quer seja exércitos da Corte Outonal ou seu primogênito, você me concederia em troca de Nestha Archeron como sua esposa?

Cassian rosnou baixo em sua garganta. Seu irmão estava deixando isso ir muito longe.

Eris encarou. — Não tão longe quanto o primogênito, mas sim, Rhysand. Você quer exércitos contra Briallyn e meu pai, você os terá. — Seus lábios curvaram para cima. — Eu não poderia deixar a irmã de minha esposa ir para a batalha sem ajuda, poderia?

Você pode devolver todos os presentes de Solstício em troca de me deixar rasgar ele todo, disse Feyre. Cassian fechou sua boca para evitar de gritar sua concordância em direção a eles.

Mas Rhys, o bastardo, riu silenciosamente. Seu rosto permaneceu frio como pedra enquanto ele disse — Vou considerar e falar com Nestha. Fique com a adaga, no entanto. Você pode precisar dela.

Cassian olhou de relance para Azriel e Nestha, ainda valsando belamente.

Não acendeu uma brasa de seu temperamento.

Mas Eris... Aliado ou não, ele se certificaria de que o cretino recebesse o que estava por vir.

Nestha já tinha estado aqui uma vez. Um ano antes, na verdade.

Uma casa diferente, em uma parte diferente desta cidade, mas ela havia ficado do lado de fora enquanto as outras celebravam o Solstício de Inverno por dentro, e se sentia como um fantasma olhando através de uma janela.

O Sidra tinha uma crosta de gelo atrás da casa, o gramado inclinando-se para ela, branco pelo inverno. Mas grinaldas e coroas sempre verdes decoravam a casa do rio — o epítome do calor alegre.

— Pare de ficar carrancuda. — disse Cassian. — É uma festa, não um funeral.

Ela sorriu, mas ele abriu a porta da frente para um tumulto de música e gargalhadas.

Ela não tinha dormido com ele depois do baile, ou desde então. Ele parecia inclinado quando voltaram para a Casa do Vento, mas ela simplesmente disse que estava cansada e tinha ido para seu próprio quarto.

Porque assim que aquela música havia desaparecido e a dança parado, ela tinha percebido o quão estupidamente ela estava sorrindo para ele, o quão baixo aquelas paredes em sua mente tinham caído. Eris tinha dançado com ela mais duas vezes depois de Azriel, e ele havia tanta intensidade em seus olhos que ela sabia que ela tinha tecido bem seu feitiço em torno dele. Ele tinha se ofertado para ela, ela tinha percebido com não pouca presunção.

Nestha deixou para Rhysand e Feyre a decisão de o que fazer com aquela oferta.

Em vez disso, ela havia se concentrado no treinamento. Se entregara a ele. As sessões tinham sido interrompidas durante as férias, mas ela tinha ido ao ringue na manhã seguinte para praticar de qualquer maneira, socando vigorosamente a viga de madeira para resolver os rugidos de seus pensamentos.

Agora, ela seguiu Cassian até a casa do rio, onde ele imediatamente apontou para a sala da família, sacudindo seu manto incrustado de neve e deixando-o cair sobre um banco no grande hall de entrada no caminho. Nestha franziu as sobrancelhas diante da neve sobre o material brocado e pegou-o, ansiosa por qualquer coisa que tivesse a ver com ela mesma para evitar entrar naquela sala. Ela soltou seu próprio manto, procurando no salão por um armário ou bengaleiro, e encontrou o primeiro enfiado sob o arco da escada. Ela pendurou as duas peças de roupa ali e respirou fundo enquanto fechava a porta.

— Você veio — disse Elain atrás dela, e Nestha estacou, sem ter ouvido sua irmã se aproximar. Ela escaneou Elain da cabeça aos pés, se perguntando se ela estava tendo aulas de furtividade com Azriel ou com as duas semi-espectros que ela chamava de amigas. Foi-se o vestido preto inadequado do baile, substituído por uma bata de veludo ametista, seu cabelo meio preso em cima e enrolado até a cintura. Ela brilhava em boa saúde. Exceto...

Seus olhos castanhos estavam cautelosos. Normalmente, esse olhar era reservado para Lucien. O homem *estava* definitivamente na sala da família, pois Nestha sabia que Feyre e Rhys o tinham convidado, mas para que aquele olhar fosse dirigido a ela...

Elas não tinham falado de sua discussão nos poucos minutos que tiveram juntas antes da procissão do baile, e então ela tinha evitado Elain completamente até que o evento chegasse ao fim. Ela não sabia o que diria. Como fazer as coisas direito.

Nestha limpou sua garganta.

— Cassian disse que poderia ser... bom se eu viesse.

Os olhos de Elain tremeluziram.

— Feyre lhe pagou, como no ano passado?

— Não — a vergonha passou por ela.

Elain suspirou, olhando sobre o ombro de Nestha até a porta aberta do outro lado da entrada. A festa dentro dela, apenas para seu pequeno círculo íntimo.

— Por favor, não perturbe Feyre. É o aniversário dela, antes de mais nada. E em seu estado...

— Ah, *vá se foder* — Nestha estalou, e depois engasgou-se.

Elain pestanejou. Nestha pestanejou de volta, horror balançando-se por ela.

E então Elain explodiu em risadas.

Uivando, risadas meio ensurdecedoras que a fizeram inclinar-se, ofegante para respirar. Nestha apenas olhou, dividida entre perguntas e querendo se jogar no Sidra gelado.

— Eu... eu sinto muito...

Elain ergueu uma mão, limpando os olhos com a outra.

— Você *nunca* me disse uma coisa dessas! — ela riu novamente. — Acho que isso é um bom sinal, não é?

Nestha balançou a cabeça lentamente, não compreendendo. Elain apenas cruzou o braço através do de Nestha e a conduziu em direção à sala da família, onde Azriel estava na porta, monitorando-as. Como se ele tivesse ouvido o riso agudo de Elain e tivesse se perguntado o que o havia causado.

— Eu estava apenas verificando a sobremesa — Elain explicou enquanto eles se aproximavam da porta e de Azriel. Nestha encontrou o olhar do encantador de sombras e ele lhe deu um aceno de cabeça. Então seu olhar se deslocou para Elain, e embora fosse totalmente neutro, algo carregado passou por ele. Entre eles. A respiração de Elain falhou um pouco, e ela deu

a ele um aceno de saudação superficial antes de passar, levando Nestha para dentro da sala.

Mor estava sentada em um sofá de veludo verde diante da lareira; Amren sentava-se no colo de Varian no sofá correspondente ao lado dela, Feyre ao lado deles, uma mão na barriga. Rhys se espalhava em uma poltrona, e Cassian ocupou uma segunda poltrona com Lucien encostado a ela, discutindo com eles sobre algo que parecia estar relacionado a um evento esportivo.

Nestha havia tentado convencer Emerie e Gwyn a se juntarem a ela, mas ambas haviam se recusado. Emerie havia dito que era obrigada a visitar sua família horrível, e Gwyn simplesmente disse que não estava pronta para deixar a biblioteca e ir mais longe do que o ringue de treinamento. Assim, aqui estava Nestha, sozinha com o mesmo grupo com o qual tinha lidado no ano passado.

Quando a viram ficar amuada como uma criança no fundo da sala de estar da casa da cidade, e depois sair como uma tempestade.

Feyre sorriu para ela, brilhando de saúde e vida. Mas o olhar de Nestha prendia-se a Amren.

A fêmea nem sequer olhou para o seu lado.

Varian olhou, e ele lhe lançou um olhar cauteloso que disse o suficiente: não, Amren não iria falar com ela.

O peito dela se apertou. Mas Cassian acenou. Ele se levantou de seu assento, oferecendo-o a ela, mesmo que houvesse mais uma dúzia na sala.

— Sente-se — disse ele. — Você quer um chá de menta?

Ela sabia que todos a observavam, odiava que o fizessem e também entendia por quê. Mas ela acenou para Cassian e sentou-se, dizendo a Feyre

— Feliz aniversário.

Feyre sorriu novamente.

— Obrigada.

E foi isso. Nestha ignorou a sensação coletiva de alívio que encheu a sala e se movimentou, encontrando-se olhando para Lucien, que a cumprimentou com um mergulho cuidadoso de seu queixo. Elain, a desgraçada, havia tomado o lugar entre Feyre e Varian, o mais longe possível de Lucien. Azriel permaneceu à porta.

— Como está a Corte da Primavera? — perguntou Nestha. O fogo crepitava alegremente à sua direita, e ela deixou o som passar por ela. Reconheceu a rachadura e o que fez com ela, e a soltou. Mesmo quando ela se concentrou no macho que ela havia abordado.

A mandíbula de Lucien se apertou.

— Como você esperaria.

Tensão ondulou pela sala, confirmação que Tamlin tinha ouvido a notícia da gravidez de Feyre. Pelo rosto sombrio de Lucien, ela sabia que ele não havia reagido bem. Nestha disse — E Jurian e Vassa?

— Na garganta um do outro, como eles gostam de estar — disse ele, um pouco afiado. Ela se perguntava sobre o que aquilo era — e pela vida dela não conseguia lê-lo. Lucien perguntou, bebericando seu chá — Como está o treinamento?

Ela deu a ele um sorriso — um verdadeiro sorriso.

— Bom. Estamos aprendendo a estripar um macho.

Lucien engasgou-se com a bebida, quase vomitando na cabeça dela. Cassian apareceu, uma xícara de chá fumegando em suas mãos, e a passou para ela antes de declarar orgulhosamente a Lucien.

— Como era de se esperar, Nes é excelente nisso.

Mor levantou o copo dela em um brinde de brincadeira.

— Minha parte favorita do treinamento.

Nestha franziu o sobrolho.

— Mas ainda não cortamos a fita.

Mor cravou as sobrancelhas.

— Então você está realmente aprendendo técnicas Valquírias — Nestha acenou com a cabeça. Elas tinham estado tão ocupadas durante suas aulas de dança que os detalhes do treinamento não tinham surgido. Mor sorriu.

— Você se importa se eu começar a me juntar a você uma vez que este negócio com Vallahan tenha terminado? Eu nunca cheguei a treinar com as Valquírias antes da primeira Guerra e, depois disso, todas elas se foram.

— Acho que as sacerdotisas gostariam de ver você — disse Nestha, e olhou para Cassian para ter certeza de que ele não se importava. Ele acenou com uma mão.

O sorriso de Mor virou diabólico.

— Bom. Eu também quero ter certeza de que Cassian realmente vai usar seu presente para praticar.

— Que os deuses me poupem — gemeu Cassian, e Nestha torceu o estômago. Ela não lhes tinha comprado nada — não lhe tinha comprado nada. Ela havia dito o mesmo antes que ele a tivesse trazido voando para cá, e ele não se importou, mas... ela se importou.

Ela embalou seu chá, e a conversa se prolongou à sua volta. Mas ela conseguiu acalmar aquele pavor, pelo menos por enquanto. Conseguiu participar.

Azriel permaneceu perto da porta, quieto o suficiente para que quando Feyre e Mor começaram a falar sobre alguns de seus quadros, Nestha foi até ele.

— Por que você não se senta? — Ela se encostou à porta, ao lado do encantador de sombras.

— Minhas sombras não gostam tanto das chamas — uma bela mentira. Ela tinha visto Azriel diante do fogo. Mas ela olhou para quem se sentava perto dele e soube a resposta.

— Por que você veio se isso o atormenta tanto?

— Porque Rhys me quer aqui. Se eu não viesse, o machucaria.

— Bem, eu acho os feriados estúpidos.

— Eu não acho.

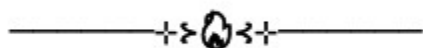
Ela arqueou uma sobrancelha. Ele explicou.

— Eles unem as pessoas. E trazem alegria. São um tempo para pausar, refletir e se reunir, e isso nunca são coisas ruins — as sombras escureciam seus olhos, cheios de dor suficiente para que ela não conseguisse se impedir de lhe tocar o ombro. Deixando-o ver que ela entendia porque ele estava na porta, porque ele não se aproximava do fogo.

Seu segredo para contar, nunca dela.

O rosto de Azriel permaneceu neutro.

Então Nestha deu a ele um pequeno aceno de cabeça e voltou para a luta, sentando-se no braço enrolado do sofá mais próximo.



Uma hora se passou antes de Mor começar a reclamar sobre a abertura de presentes. Rhys estalou seus dedos e um monte deles apareceu.

Cassian se preparou para qualquer presente horrível que Mor lhe havia dado — e olhou de relance para Nestha. Ele tinha guardado o presente dela em seu bolso, guardando-o para dar a ela em particular mais tarde. Ele tinha feito o mesmo no ano passado, e a maldita coisa tinha acabado no fundo do Sidra. Provavelmente foi varrido para o mar.

Ele havia passado meses rastreando o livro, tão pequeno que caberia nas mãos de uma boneca, mas tão precioso que lhe havia custado uma quantia indecente de dinheiro. Um manuscrito iluminado em miniatura, feito pelas mãos habilidosas do menor dos feéricos menores — um dos primeiros livros impressos existentes. Não tinha sido feito para ser lido — mas ele imaginou que alguém que adorava livros tanto quanto Nestha adoraria este pedaço de história. Mesmo que ela se ressentisse de todas as coisas feéricas. Ele se arrependera de jogá-lo no rio no momento em que ele desaparecera sob o gelo, mas... ele havia sido tolo naquela noite.

Este ano, ele rezou para que fosse diferente. Sentiu-se diferente.

Nestha tinha sido melhor hoje à noite do que no ano passado. Completamente outra pessoa. Ela não ria livremente como Mor e Feyre, ou sorria docemente como Elain, mas ela falava, e participava, e às vezes sorria. Ela viu tudo, ouviu tudo. Até mesmo o fogo, que ela parecia ignorar. O orgulho encheu seu peito — e o alívio. Só tinha aumentado quando ele notara que ela se preocupava o suficiente com a indiferença de Az para ir até ele e conversar.

Somente Amren a ignorou, e Nestha ignorou Amren. A tensão entre elas era uma faixa viva de relâmpagos. Mas ninguém disse nada, e elas pareciam contentes em fingir que a outra não existia.

Ninguém ofereceu presentes para o bebê, pois era contra a tradição feérica fazê-lo antes do nascimento, com medo de chamar azar contando as bênçãos de alguém muito cedo. Mas os presentes de aniversário de Feyre eram abundantes — talvez de forma evidente.

Os presentes de Cassian eram o pacote usual: um antigo manuscrito de guerra de Rhys, um saco de carne seca de Azriel — *eu literalmente não conseguia pensar em nada que você mais gostasse*, Az tinha dito quando Cassian tinha rido — e uma camisola verde horivelmente feia de Mor que fazia sua pele parecer ictérica. Amren havia lhe dado um conjunto de especiarias — *para que você não tenha que sofrer sempre que estiver em Illyria* — e Elain lhe deu uma caneca de cerâmica especialmente projetada com uma tampa com a qual ela poderia viajar, encantada para não quebrar, para manter o chá quente por horas.

Feyre lhe deu um quadro, que ela abriu em particular, e teve de lutar contra as lágrimas antes de escondê-lo atrás da cadeira. Um retrato dele, Azriel, e Rhys, em pé no topo do Ramiel após o Rito de Sangue. Rostos sangrentos, machucados e imundos, caras cheias de triunfo sombrio, com as mãos unidas ao monólito no seu topo. Ela devia ter olhado na mente de Rhys pela imagem.

Cassian havia beijado sua bochecha, seu escudo para baixo por um momento, e murmurou seus agradecimentos — como se isso alguma vez fosse ser suficiente. Ele apreciaria o quadro para o resto de sua vida.

Ele e Lucien não trocaram presentes, embora o macho tivesse trazido um presente para Feyre e um para sua parceira, que mal agradeceu depois de abrir os brincos de pérolas. O coração de Cassian se tencionou diante da dor que penetrou profundamente no rosto de Lucien enquanto ele tentava esconder seu desapontamento e desejo. Elain só se encolheu mais dentro de si mesma, nenhum vestígio daquela ousadia recém-descoberta a ser vista.

Cassian podia sentir Nestha observando-o, mas quando ele olhou, seu rosto era ilegível. Ninguém havia lhe dado presentes, exceto Feyre e Elain, que juntas haviam lhe dado um ano de crédito de compra de livros para sua livraria favorita na cidade. Estava limitada a cerca de trezentos livros, que elas pareciam pensar que seria mais do que ela poderia ler em um ano. Quinhentos livros teria sido uma aposta mais segura, ele sabia.

Mas então Azriel se aproximou dela. Nestha piscou os olhos para o presente que o encantador de sombras colocava em seu colo.

— Eu não lhe comprei nada — ela murmurou para Az, suas bochechas ficando rosadas.

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — Eu não me importo.

Cassian tentou se concentrar no presente em suas mãos — o pente de prata e o conjunto de escova que ele tinha conseguido para Mor, gravado com o nome dela — mas o olhar dele se prendeu aos dedos de Nestha quando ela abriu a pequena caixa. Ela espreitou o que estava dentro, depois olhou para Azriel em confusão.

— O que é isso?

Azriel arrancou a pequena varinha de prata dobrada dentro dela e a desenrolou. Uma extremidade segurava um clipe, a outra uma pequena esfera de vidro.

— Você pode prender isto a qualquer livro que estiver lendo, e a pequena bola de luz feérica vai brilhar. Assim, você não tem que se contorcer quando estiver lendo à noite.

Nestha tocou a bola de vidro, não maior do que seu dedo polegar, e a luz feérica cintilou por dentro, lançando um brilho brilhante e fácil sobre seu colo. Ela a tocou novamente e ela se desligou. E então ela saltou para seus pés e jogou seus braços ao redor de Azriel.

A sala ficou em silêncio por uma batida.

Mas Azriel riu e a apertou suavemente. Cassian sorriu ao ver — ao vê-los.

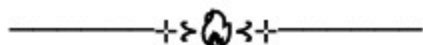
— Obrigada — disse Nestha, se afastando rapidamente para se maravilhar com o aparelho. — É brilhante.

Azriel corou e deu um passo atrás, as sombras rodopiando.

Nestha olhou para Cassian, e aquela luz estava mais uma vez em seus olhos. O suficiente para que ele quase lhe desse seu presente ali e agora.

Mas considerando como a tentativa do ano passado havia sido, considerando que desde o baile ela havia ficado fora da cama dele... ele se conteve.

Para o caso de ela despedaçar o coração dele novamente.



Por volta de uma da manhã, os olhos de Nestha doíam de exaustão. Os outros ainda estavam bebendo, mas como ela não tinha recebido nenhuma

oferta de vinho — ou queria vinho, diga-se de passagem — ela não se juntou a eles para cantar e dançar. Embora ela tivesse servido a si mesma com terços do ridiculamente grande bolo de aniversário cor-de-rosa de Feyre.

Cassian tinha dito que eles iriam ficar aqui esta noite, pois ele estaria bêbado demais para voá-los de volta à Casa do Vento, e Mor e Azriel estariam bêbados demais para atravessá-los de volta, sem mencionar que ele ainda teria que levá-los voando no último pedaço do caminho. Rhys e Feyre provavelmente já estariam se divertindo quando todos estivessem prontos para partir.

A porta para onde Feyre a havia dirigido já estava aberta, com as luzes brilhando no interior do opulento quarto de dormir, com cobertores brancos, cremes e bronzes. As velas cintilavam em frascos de vidro na lareira de mármore. As cortinas já estavam fechadas para a noite, pesadas faixas de veludo azul - o único toque de cor no quarto, junto com algumas bugigangas azuis. Era calmante e cheirava a jasmim, precisamente o tipo de quarto que ela teria projetado para si mesma se lhe tivesse sido dada a oportunidade.

Ela *tinha* tido a oportunidade, ela percebeu. Feyre havia pedido e ela recusou. Aparentemente, Feyre tinha feito isso ela mesma, sabendo de alguma forma o que ela gostaria.

Nestha sentou-se na pequena penteadeira, olhando para seu reflexo em silêncio.

Sua porta se abriu com um rangido, e então Cassian estava lá, encostado à porta, olhando-a no espelho.

— Você não quis dizer boa noite?

Seu coração começou a trovejar.

— Eu estava cansada.

— Você tem estado cansada por algumas noites agora — ele cruzou os braços. — O que está acontecendo?

— Nada — ela se torceu no banco almofadado da penteadeira. — Por que você não está lá embaixo?

— Você nunca perguntou sobre seu presente.

— Presumi que não receberia um de você.

Ele se empurrou da moldura da porta e fechou a porta atrás dele. Ele tomava todo o ar da sala apenas por estar ali parado.

— Por que?

Ela encolheu os ombros.

— Só presumi.

Ele tirou uma pequena caixa de seu casaco e a colocou na cama entre eles.

— Surpresa.

Cassian engoliu em seco quando ela se aproximou, o único sinal de que isto significava algo para ele.

As mãos de Nestha ficaram suadas quando ela pegou a caixa, examinando-a. Ela não a abriu ainda, no entanto.

— Sinto muito pela forma como me comportei no último Solstício. Por quão horrível eu fui.

Ele também lhe havia dado um presente naquela época. E ela não tinha se importado, tinha estado tão miserável que queria magoá-lo por isso. Por se importar.

— Eu sei — disse ele, pesadamente. — Eu lhe perdoei há muito tempo — ela ainda não conseguia olhar para ele, mesmo quando ele dizia — Abra.

Suas mãos tremeram um pouco enquanto ela abria, encontrando uma bola prateada aninhada na caixa de veludo preta. Era do tamanho de um ovo de galinha, redondo, exceto por uma área que tinha sido achatada para que pudesse ser colocado sobre uma superfície e não rolar.

— O que é isso?

— Toque a parte superior. Apenas um toque.

Lançando um olhar intrigado para ele, ela o fez.

A música explodiu na sala.

Nestha saltou para trás, uma mão no peito dela enquanto ele ria.

Mas — *música* estava tocando a partir da esfera prateada. E não apenas qualquer música, mas as valsas do baile na outra noite, puras e livres de qualquer tagarelice da multidão, como se ela estivesse sentada em um teatro para ouvi-las.

— Este não é o globo Veritas — ela conseguiu dizer enquanto a valsa jorrava da esfera, tão clara e perfeita que seu sangue cantava novamente.

— Não, é uma Sinfonia, um dispositivo raro da corte de Helion. Ela pode aprisionar a música dentro de si mesmo e tocá-la para você. Foi originalmente inventado para ajudar a compor música, mas nunca pegou, por alguma razão.

— Como você conseguiu tirar o barulho da multidão quando prendeu o som na outra noite? — ela ficou maravilhada.

Suas bochechas estavam manchadas de cor.

— Voltei no dia seguinte. Pedi aos músicos da Cidade Escavada que tocassem tudo novamente para mim, mais alguns de seus favoritos — ele acenou com a cabeça para a bola. — E então fui a algumas de suas tabernas favoritas e encontrei esses músicos e os mandei tocar...

Ele parou de falar diante da cabeça baixa dela. As lágrimas que ela não conseguia fazer parar. Ela não tentou combatê-las, enquanto a música corria para dentro da sala.

Ele tinha feito tudo isso por ela. Tinha encontrado uma maneira para que ela tivesse música — sempre.

— Nestha — ele respirou.

Ela fechou os olhos contra a realização que se elevava dentro dela como uma onda de maré. Ela varreria tudo em seu caminho, uma vez que ela o admitisse. Iria consumi-la por completo. O pensamento era suficiente para que ela se endireitasse e enxugasse suas lágrimas.

— Eu não posso aceitar isto.

— Foi feito para você — ele sorriu suavemente.

Ela não podia suportar aquele sorriso, a bondade e a alegria dele, enquanto corrigiu — Não vou aceitá-lo. — Ela colocou a esfera de volta em sua caixa e a entregou a ele. — Devolva-o.

Seus olhos se fecharam.

— É um presente, não uma maldita aliança de casamento.

Ela endureceu.

— Não, vou procurar Eris para isso.

Ele ficou quieto.

— Diga isso de novo.

Ela fez seu rosto frio, o único escudo que ela tinha contra ele.

— Rhys diz que Eris me quer como sua noiva. Ele fará tudo o que quisermos em troca da minha mão.

Os Sifões sobre as mãos de Cassian tremeluziram.

— Você não está considerando dizer sim.

Ela não disse nada. Deixe-o acreditar no pior.

— Estou vendo. Chego um pouco perto demais e você me empurra para longe novamente. — Ele rosnou — De volta para onde é seguro. Melhor casar-se com uma víbora como Eris do que estar comigo.

— Eu não estou *com* você — ela estalou. — Eu estou *fodendo* você.

— A única coisa adequada para um bruto nascido bastardo, certo?

— Eu não disse isso.

— Você não precisa. Você já disse isso mil vezes.

— Então por que você se deu ao trabalho de se intrometer no baile?

— Porque eu estava com ciúmes, porra! — ele rugiu, com as asas se movendo. — Você parecia uma *rainha*, e era dolorosamente óbvio que você deveria estar com um príncipe como Eris e não com um nada de baixo nascimento como eu! Porque eu não suportava vê-la, até os meus malditos ossos! Mas vá em frente, Nestha. Vá em frente e *case* com ele e boa porra de sorte para você!

— *Eris* é o bruto — ela atirou de volta. — Ele é um bruto e um pedaço de *merda*. E eu *iria* me casar com ele, porque sou *igual* a ele!

As palavras ecoaram pela sala.

Seu rosto dolorido a estripou.

— Eu mereço Eris. — A voz dela falhou.

Cassian ofegou, seus olhos ainda iluminados com fúria — e agora com choque.

Nestha disse, roucamente — Você é bom, Cassian. E você é *corajoso*, e brilhante, e gentil. Eu poderia matar qualquer um que já lhe fez sentir menos do que isso — menos do que aquilo que você é. E eu sei que faço parte desse grupo, e odeio isso. — Seus olhos queimaram, mas ela lutou além disso. — Você é *tudo* o que eu nunca fui, e nunca serei boa o suficiente para isso. Seus amigos sabem disso, e eu carreguei isso comigo todo esse tempo: que eu não o mereço.

A fúria escorregou de seu rosto.

Nestha não parou as lágrimas que corriam, nem as palavras que caíam para fora.

— Eu não o merecia antes da guerra, ou depois, e certamente não o mereço agora — ela soltou um riso baixo e quebrado. — Por que você acha que eu o afastei? Por que você acha que eu não falava com você? — Ela pôs uma mão em seu peito dolorido. — Depois que meu pai morreu, depois que eu falhei de tantas maneiras — negando a mim mesma de você... — Ela soluçou. — Foi meu castigo. Você não entende isso? — Ela mal conseguia vê-lo através de suas lágrimas. — Desde o momento em que o conheci, eu o queria mais do que a razão. Desde o momento em que o vi em minha casa, você era tudo em que eu podia pensar. E isso me *aterrorizou*. Ninguém jamais havia detido tal poder sobre mim. E eu ainda estou aterrorizada que se eu me deixar ter você... isso será tirado. Alguém o tirará, e se você estiver morto... — Ela enterrou seu rosto em suas mãos. — Não importa — sussurrou ela. — Eu não mereço você, e nunca, jamais merecerei.

Um silêncio total preencheu a sala. Tal silêncio que ela se perguntava se ele havia saído e baixou as mãos para ver se ele estava lá.

Cassian estava diante dela. Lágrimas correndo por seu rosto lindo e perfeito.

Ela não se conteve, deixando-o vê-la assim: seu eu mais bruto, mais básico. Ele sempre a tinha visto toda, de qualquer forma.

Ele abriu sua boca e tentou falar. Teve que engolir e tentar novamente.

Nestha viu todas as palavras em seus olhos, porém. As mesmas que ela sabia que estavam em seus próprios.

Então ele parou de tentar falar, e fechou a distância entre eles. Deslizou uma mão no cabelo dela, a outra contornando a cintura dela e puxando-a contra ele. Ele não disse nada enquanto mergulhava a cabeça, a boca escovando as lágrimas deslizando ao longo de uma das bochechas dela. Depois a outra.

Ela fechou os olhos, deixando-se saborear os lábios dele em sua pele quente, a maneira como seu hálito acariciava a bochecha dela. Cada beijo suave ecoou aquelas palavras que ela havia visto em seus olhos.

Cassian puxou-se para trás, e permaneceu assim tempo suficiente para que ela voltasse a abrir os olhos para encontrá-lo a centímetros de seu rosto.

— Você não vai se casar com Eris — disse ele, de modo grosso.

— Não — ela respirou.

Os olhos dele se abriram.

— Não haverá mais ninguém. Para nenhum de nós.

— Sim — sussurrou ela.

— Para sempre — prometeu ele.

Nestha colocou uma mão em seu peito musculoso, deixando o trovejar do coração dele ecoar sob sua palma. Deixou-a viajar pelo braço dela, até seu próprio peito, seu próprio coração.

— Para sempre — jurou ela.

Era tudo o que ele precisava. Era tudo o que ela precisava.

A boca de Cassian encontrou a dela, e o mundo deixou de existir.

O beijo foi punitivo e exaltante, minucioso e frenético, uma reivindicação e uma rendição. Ela não tinha palavras para isso. Ela atirou seus braços em

torno dele, pressionando o mais perto que pôde, encontrando a língua dele a cada movimento.

Ele rosnou e a empurrou de volta para a cama, sua boca devorando e degustando e dizendo tudo o que ela ainda não conseguia dizer, mas um dia, talvez em breve, ela conseguiria. Por ele, ela lutaria para encontrar a coragem de dizer isso.

As costas das pernas dela bateram no colchão, e ele rompeu o beijo deles para cuidar de suas roupas.

Ela esperava que rasgassem e se dobrassem. Mas ele tirou gentilmente o vestido dela, com os dedos tremendo enquanto eles soltavam cada botão na parte de trás de seu vestido. Ela mesma tremeu ao tirar a camisa dele.

Então eles estavam nus, olhando um para o outro novamente, com aquelas palavras não ditas em seus olhos, e ela deixou que ele a deitasse na cama. Deixou-o subir em cima dela.

Não houve nada de rude ou selvagem no que se seguiu.

Ela não queria a cabeça dele entre as pernas dela. Não queria nem mesmo os dedos dele. Quando ele deslizou um pelo centro dela, ela o deixou sentir que ela estava pronta e então pegou a mão dele, entrelaçando os dedos deles, enquanto a outra mão se enrolava em torno de seu pênis e o guiava em direção a ela.

Ele deu um empurrão na entrada dela, e então parou. Seus olhos encontraram os dela.

E então Cassian a beijou profundamente enquanto ele deslizava para casa.

Ela ofegou. Não com a plenitude de tê-lo dentro dela — mas com aquela coisa no peito dela. A coisa que trovejou e bateu com força quando ele olhou para ela novamente, deslizou para fora quase até a ponta, e empurrou de volta para dentro.

Naquele segundo empurrão, a coisa no peito dela — o coração dela...
Naquele segundo empurrão, se rendeu inteiramente a ele.

No terceiro, ele a beijou novamente.

No quarto, Nestha torceu seus braços em torno de sua cabeça e pescoço e o segurou ali enquanto ela o beijava, beijava e beijava.

No quinto, as paredes daquela fortaleza interior de ferro antigo caíram. Cassian se afastou, como se o sentisse, e seus olhos queimaram quando encontraram os dela.

Mas ele continuou se movendo dentro dela, fazendo amor com ela completamente, sem pressa. Então Nestha deixou tudo o que estava além daquelas paredes de ferro desenrolar em sua direção. Fio após fio de pura luz dourada fluía para dentro dele, e ele os encontrou com os próprios. Onde aqueles fios se teceram juntos, a vida brilhava como fogo estelar, e ela nunca tinha visto nada mais belo, sentido algo mais belo.

Ela chorava, e não sabia por que — só que ela nunca queria que isso acabasse, esta ligação entre eles, a sensação dele se movendo tão profundamente dentro dela que ela queria que ele ficasse gravado sob a sua pele. As lágrimas dele pingavam sobre o rosto dela, e ela se aproximou para afastá-las. Ele inclinou a cabeça na mão dela, aconchegando-se na palma da sua mão.

— Diga — Cassian sussurrou contra a pele dela.

Ela sabia o que ele queria dizer. De alguma forma, ela sabia o que ele queria dizer.

Nestha esperou até que ele empurrasse de novo, dirigindo até ela o mais fundo possível, e sussurrou — Você é meu.

Ele gemeu, empurrando com força.

Ela sussurrou — E eu sou sua. — aqueles fios dourados entre suas próprias almas brilhavam com as palavras, como se formassem uma harpa dedilhada

por uma mão celestial.

Pois era música entre suas almas. Sempre foi. E a voz dele era sua melodia favorita.

— Nestha — ela ouviu a súplica em seu nome. Ele estava perto, e queria que ela fosse com ele. Queria cair no êxtase juntos. Era importante para ele, por alguma razão, que para esta união, este momento, eles fossem como um só.

Cassian baixou a cabeça até o peito dela, os dentes apertando ao redor de seu mamilo enquanto a língua dele se agarrava a ela.

Era tudo o que Nestha precisava para impulsioná-la em direção ao clímax. Ela gemeu, e ele o fez novamente, cronometrando a língua até o empurrão duro de seu pau. Mais uma vez, mais uma vez.

Os fios dourados brilharam e cantaram, e ela não aguentou, a música entre suas almas, a sensação de seu corpo sobre ela e dentro dela, e...

O orgasmo explodiu através dela, destruindo até o último pedaço daquela parede interna, arrasando montanhas e florestas, limpando o mundo com luz e prazer, estrelas que caem dos céus em uma chuva sem fim.

Cassian rugiu ao gozar, e o som era a convocação de uma caçada, uma sinfonia, uma única trombeta clara tocando ao amanhecer do mundo.

Só havia este momento, esta coisa compartilhada entre eles, e durou uma eternidade. O tempo não teve nenhuma consequência. O tempo sempre permaneceu parado ao seu redor, ao redor deles.

Ele derramou e se derramou dentro dela, mais do que nunca, como se estivesse se segurando o tempo todo antes, como se tivesse deixado sua própria parede interna desmoronar.

Para sempre, para sempre, para sempre.

A palavra ecoava em cada respiração, cada batida de seus corações, tão em sincronia que pareciam bater como um só.

Então o silêncio caiu, requintado e sereno, e Cassian permaneceu enterrado nela, olhando para ela com admiração e alegria em seu rosto.

Nestha se aproximou para beijá-lo.

Um beijo levou a outro e outro, e a fome subiu como a maré dentro dela, entre eles. E então Cassian estava se movendo nela novamente, mais rápido e duro, e o tempo deixou de existir mais uma vez.

Horas depois, dias e semanas e meses e milênios depois, quando ambos finalmente estavam exaustos, quando suas almas haviam se conectado completamente, Cassian se afastou dela e caiu contra a cama.

Nestha mal conseguia se lembrar de palavras. Mas ela as encontrou quando sussurrou na escuridão

— Fique comigo.

Um estremecimento sacudiu-o, mas ele apenas sorriu enquanto a aconchegou ao seu lado.

E quente, segura e finalmente em casa nos braços de Cassian, Nestha dormiu.

Nestha abriu os olhos.

Ela sabia que estava aquecida e confortável, embora demorasse um momento para se lembrar do motivo. Para perceber que ela ainda estava nos braços de Cassian. Ela se deleitou com isso. Saboreou cada respiração que roçava sua têmpora, sentia a pressão de seus dedos ao longo de suas costas. Uma calma recaiu sobre ela, surpreendentemente semelhante ao que ela sentia quando fazia sua Mente-Silenciosa diariamente.

Cassian acordou logo depois, dando a ela um sorriso sonolento e saciado. Que se transformou em algo terno, e por longos minutos, eles ficaram ali, olhando um para o outro, Cassian preguiçosamente passando a mão nas costas dela. Carícias que logo se transformaram em toques mais fervorosos, e quando o amanhecer rompeu, eles se enredaram novamente, fazendo amor intensamente e sem pressa.

Quando ela novamente deitou suando e ofegante ao lado dele, correndo um dedo pela ranhura de seu estômago musculoso, Nestha murmurou — Bom dia.

Os dedos de Cassian alisaram ociosamente seu cabelo. — Bom dia para você também. — Ele olhou para a lareira — o pequeno relógio de madeira no centro, então cambaleou para cima. — Merda.

Nestha franziu a testa. — Você tem estar em algum lugar? — Ele já estava pulando em suas calças, examinando o chão em busca do resto de suas roupas. Nestha silenciosamente apontou para o outro lado da cama, onde sua camisa estava sobre seu vestido.

— Guerra de bolas de neve. Eu vou me atrasar.

Nestha teve que processar cada palavra que ele disse. Mas ela só podia perguntar — O quê?

— Tradição anual, com Rhys e Az. Subimos para a cabana na montanha — lembre-me de levá-la lá um dia, e... Bem, é uma longa história, mas temos feito isso praticamente todos os anos durante séculos, e eu não venço há anos. Se eu não ganhar este ano, *nunca* vou ter paz. — Tudo isso foi dito enquanto se enfiava em sua camisa, jaqueta de couro e botas.

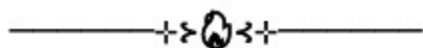
Nestha apenas riu. — Vocês três, os guerreiros mais temidos de toda a terra, têm uma luta anual de *bolas de neve*?

Cassian alcançou a porta, lançando-lhe um sorriso malicioso. — Eu mencionei que vamos pegar um vapor na sauna anexada à cabana depois?

Com aquele sorriso perverso, ela sabia que ele queria dizer *completamente nu*. Nestha se sentou, o cabelo deslizando sobre os seios. Os olhos dele baixaram, um músculo pulsando em seu pescoço. Por um segundo, ela esperou que ele voltasse a atacá-la. Na verdade, suas narinas dilataram-se, sentindo o cheiro da necessidade que fervia nela apenas com a visão de seu olhar vagando livremente sobre seu corpo, a forma como cada parte dele ficou tensa.

Mas Cassian engoliu em seco, o sorriso e a maldade sumindo enquanto ele limpava a garganta. — Depois da guerra, preciso fazer uma inspeção abrangente das legiões na Illyriana por alguns dias. Voltarei depois disso.

Sem nem mesmo um beijo de despedida, ele desapareceu.



Três dias se passaram sem nenhuma palavra de Cassian. Ele foi substituído no treinamento por Azriel de rosto impassível, que estava mais indiferente do que o normal e nem mesmo sorria para ela. Mas ele não se opôs quando ela trouxe sua Sinfonia ao ringue todas as manhãs para alguma motivação extra durante o exercício. As sacerdotisas ficaram maravilhadas com o

presente, algumas delas dançando ao som da música, mas Nestha só foi capaz de pensar em quanto tempo e esforço Cassian havia investido nisso. Como ele sabia o que tal presente significaria para ela.

Seu corpo inteiro doía de necessidade, fazendo seus dentes ficarem tensos. Três dias sem ele poderiam muito bem ser três meses. Ela ficou desesperada o suficiente por ele que sua mão agora deslizava entre as pernas na banheira, na cama, mesmo durante o almoço em seu quarto. Mas a liberação a deixou vazia, como se seu corpo soubesse que precisava dele nela, preenchendo-a. Ela perguntava a Azriel todos os dias quando ele voltaria, e Azriel apenas dizia, *Logo*, antes de ir dar as aulas.

Talvez ela tenha ficado louca. Talvez fosse isso que aquela parede de ferro ao redor de sua mente tinha sido — a única coisa que mantinha sua sanidade sob controle. Certamente não era normal pensar tanto em uma pessoa, precisar *tanto* dela.

Era essa preocupação que a perseguia enquanto terminavam as aulas, ofegando e suando apesar da manhã gelada graças as corridas das Valquírias que estavam praticando: dez segundos em uma corrida completa, trinta segundos em trote, outros dez segundos correndo... Por quinze minutos inteiros. Assim que pudessem passar por isso, elas adicionariam seus escudos. Então espadas. Tudo isso projetado para construir sua resistência e se concentrar em controlar sua respiração entre rajadas de ataque e retirada. Tudo isso era uma completa insanidade que não conseguia entorpecer o limite da preocupação de Nestha quando ela perguntou a Emerie e Gwyn — Vocês querem ficar na casa comigo esta noite? — Ela apontou para o arco. — Para uma noite de leitura ou algo assim?

Gwyn piscou, considerando. Ela não havia colocado os pés fora da biblioteca, exceto para vir às aulas ou para usar o ringue de treinamento para cortar aquela fita. Mas ela disse — Vou perguntar a Clotho.

Emerie sorriu para Nestha, como se soubesse por que ela precisava de companhia. — Claro.

Naquela noite, Nestha e Emerie leram em um silêncio sociável na biblioteca particular, esperando por Gwyn. Emerie estava esparramada na poltrona, as

pernas balançando sobre um braço, as costas contra o outro. Sem tirar os olhos do livro em seu colo, ela disse — Cassian deve ser *muito* bom no sexo, se você está tão agoniada enquanto ele está fora.

Nestha pigarreou, dissipando as memórias de sua boca, seu corpo forte, a forma como seu cabelo preto sedoso caía em cada lado de seu rosto enquanto ele se deitava sobre ela, balançando enquanto ele socava nela. — Ele tem... — Ela fez um ruído baixo com a garganta.

— Eu percebi — disse Emerie, rindo. — Ele tem o Caminhar.

— O Caminhar?

Emerie sorriu afetadamente. — Você sabe, quando um homem sabe como usar seu bem o pênis e se vangloria com aquela arrogância que basicamente declara isso para todo o mundo.

Nestha revirou os olhos. — Eu esperaria que ele saiba como usá-lo bem depois de estar vivo por quinhentos anos. — Ela bufou. — Embora eu tenha conhecido muitos que provaram o contrário.

Emerie arqueou uma sobrancelha para ela continuar, mas uma batida soou na porta da biblioteca. A cabeça de Gwyn apareceu e ela examinou a sala antes de entrar. Ela carregava uma pequena bolsa, provavelmente do que ela precisaria para a noite. Nestha já havia pedido à Casa que preparasse um quarto para todas as três compartilharem, e ela entrou na biblioteca particular para encontrá-la transformada: próximo a janela contra a parede oposta, uma mesa de trabalho e cadeiras foram trocadas por três colchões, cada um carregado com cobertores e travesseiros.

Gwyn sorriu, embora seu pulso batesse descontroladamente contra a sua garganta. — Desculpe estar atrasada. Merrill me fez repassar um parágrafo com ela *dez* vezes. — Gwyn suspirou. — Por favor, diga-me que todo esse chocolate é para nós.

A Casa havia abastecido a mesa entre as poltronas com pilhas de chocolate: trufas e confeitos e barras. Junto com biscoitos e pequenos bolinhos. E uma travessa de queijos e frutas. E jarras de água e vários sucos.

Gwyn examinou a mesa. — Você teve todo esse trabalho?

— Oh, não — disse Emerie, os olhos brilhando. — Nestha tem escondido algo de nós.

Nestha zombou, mas Emerie disse — A Casa vai te dar *qualquer coisa* que você quiser. Basta dizer em voz alta. — Com as sobrancelhas levantadas de Gwyn, Emerie disse — Eu gostaria de uma fatia de bolo de pistache, por favor.

Um prato cheio de bolo apareceu diante dela. Bem como uma tigela de chantilly com cobertura de framboesas.

Gwyn piscou. — Você mora em uma casa mágica.

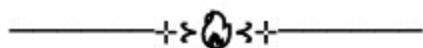
— Que gosta de ler — admitiu Nestha, dando um tapinha em uma pilha de romances. — Nós nos unimos por causa disso.

Gwyn sussurrou para a sala — Qual é o seu livro favorito?

Um bateu na mesa ao lado do bolo de Emerie e Gwyn gritou de surpresa. Mas então esfregou as mãos. — Oh, isso é maravilhoso.

— Esse sorriso significa problemas — disse Emerie.

O sorriso de Gwyn apenas aumentou.



Duas horas depois, Nestha se viu totalmente vestida em uma banheira no meio da biblioteca particular, a coisa inteira cheia de bolhas. Sem água, apenas bolhas. Em banheiras iguais de cada lado dela, Emerie e Gwyn estavam rindo. — Isso é ridículo — disse Nestha, enquanto sua boca se curvava para cima.

Cada um de seus pedidos se tornava cada vez mais absurdo, e Nestha poderia ter se sentido como se estivessem explorando a Casa se ela não

fosse tão... exuberante em atender seus pedidos. Adicionando floreios criativos.

Como o fato de que cada bolha continha um pequeno pássaro voando por dentro.

Fogos de artifício silenciosos ainda explodiam no canto mais distante da sala, e um pégaso em miniatura — o pedido de Nestha, feito apenas quando suas amigas a instigaram a fazer — se alimentava em um pequeno pedaço de grama perto da prateleira, contente em ignorá-las. Um bolo mais alto do que Cassian estava no centro da sala, iluminado por mil velas. Seis sapos dançavam em círculos ao redor de um cogumelo venenoso com manchas vermelhas e brancas, as valsas eram fornecidas pela Sinfonia de Nestha.

Emerie usava uma coroa de diamante e seis correntes de pérolas. Gwyn usava um chapéu de aba larga adequado para qualquer senhora elegante, empoleirado em um ângulo libertino em sua cabeça. Uma sombrinha de renda estava apoiada em seu outro ombro, e ela girava distraidamente enquanto examinava as janelas, o mundo além, e disse em voz baixa: — Às vezes me pergunto se algum dia terei coragem de voltar lá. Eu temo todos os dias que não vou.

O sorriso de Nestha sumiu. Ela considerou suas palavras antes de dizer — Eu sinto o mesmo.

Porque essa existência, morar na Casa, treinar, trabalhar na biblioteca... Não era vida real. Não inteiramente. Quando ela pudesse voltar para a cidade propriamente dita, ela enfrentaria a vida novamente. Veria se ela era digna disso. O pensamento fez seu estômago torcer.

Dissipando a escuridão, Gwyn saltou para fora de sua banheira, bolhas espirrando, enquanto procurava sua bolsa. — Agora, vocês duas não se atrevam a rir de mim, mas eu trouxe algo para nós fazermos. Eu não sabia que teríamos uma casa mágica para nos manter ocupadas. — Ela puxou um pacote de vários fios coloridos. — Minha irmã e eu costumávamos trançar pulseiras e colocar esses amuletos nelas cheios de desejos uma para a outra. — Ela ergueu um saco, jogando algumas moedas de prata na sua palma. Eles não eram maiores do que a unha do dedo mínimo e eram finos como

uma bolacha. Sua voz ficou suave. — Acreditamos que o desejo se tornaria realidade assim que a pulseira caísse.

Emerie perguntou gentilmente — Qual era o nome dela?

— Catrin. — A voz de Gwyn continha tanta dor e saudade. — Éramos gêmeas bivitelinas. Seu cabelo era escuro como ônix, sua pele pálida como a lua. E ela era tão temperamental quanto o mar. — Ela riu baixinho. — Apesar dos defeitos dela, e dos meus, nós nos amávamos ternamente. Éramos tudo que a outra tinha enquanto cresciam. Ela era a única em quem eu realmente podia confiar. Sinto falta dela todos os dias.

Nestha não conseguia parar de pensar em Feyre.

Gwyn disse — Eu gostaria de ter apenas mais um momento com ela. Apenas um, para dizer a ela o quanto a amo e dizer adeus. — Ela enxugou os olhos, levantando a cabeça. Olhou bem para Nestha. — É o que realmente importa no final, sabe. Não nossas brigas mesquinhas ou diferenças. Esqueci tudo isso no momento em que ela... — Gwyn balançou a cabeça. — É tudo o que importa.

Nestha assentiu lentamente. Talvez não fossem apenas ela e Feyre, então. Talvez *todas* as irmãs tivessem dificuldades, brigas, abismos entre elas. Ela não era perfeita, mas... Feyre também não. Ambas cometeram erros. E ambas tinham uma vida bem, bem longa pela frente. O que aconteceu no passado não precisava ditar o futuro.

Então Nestha assentiu novamente, permitindo que Gwyn visse seu entendimento. — É tudo o que importa — concordou Nestha.

Gwyn sorriu e então se endireitou, limpando a garganta. — Consegui encomendar os fios e os encantos antes do Solstício, pensando que os faria para você como pequenos presentes, mas eles demoraram mais para chegar do que pensei que levariam. Então, imaginei que poderíamos fazer as pulseiras esta noite. — Ela cuidadosamente colocou os materiais sobre a mesa mais próxima.

Nestha e Emerie levantaram-se para examinar a variedade de fios: todas as cores e tons, tudo cuidadosamente embrulhado. — Mostre-me como fazer, — disse Emerie suavemente. Nestha se perguntou se as palavras de Gwyn ressoaram nela também — que dor e esperança Emerie poderia estar guardando dentro dela.

Mas Gwyn sorriu, começando sua demonstração selecionando três cores que ela achava que combinavam com o espírito de Emerie, ela afirmou. Verde, roxo e dourado. Nestha se absteve de rir e selecionou cores para Gwyn: azul, branco e verde-azulado. Emerie, por sua vez, selecionou as cores de Nestha: azul marinho, carmesim e prata. Nestha e Emerie cuidadosamente tentaram copiar o passo-a-passo “fácil” de Gwyn: dobrando o fio, dando um nó, cortando os pedaços da laçada e prendendo a parte superior da pulseira sob um livro pesado enquanto separavam cada comprimento por cor. E então começou um processo contínuo de puxar, para frente e para trás. Os nós de Emerie eram perfeitos. Os de Nestha...

— Sua pulseira vai ser uma monstruosidade, Gwyn. — Nestha fez uma careta para a bagunça instável e amontoada que era suas primeiras dez fileiras.

— Continue — disse Gwyn, bem à frente em sua própria pulseira e começando a adicionar padrões dentro das fileiras. — Os nós ficarão mais bonitos com a prática. Apenas me diga quando você chegar ao meio do caminho e então adicionaremos o amuleto.

Elas trabalharam em uma companhia repleta de música, conversas ociosas saltando entre elas, Emerie e Gwyn ocasionalmente rindo da péssima habilidade de Nestha. — Agora — disse Gwyn quando elas estavam na metade — fazemos votos uma para a outra. — Ela pegou uma das minúsculas moedas. — Vou apenas segurar isso na minha mão, pensar em algo para Emerie e...

— Espere — disse Nestha, pegando a mão de Gwyn antes que ela pudesse tocar o amuleto. — Deixe-me.

Suas amigas a olharam com curiosidade e Nestha engoliu em seco. — Deixe-me fazer um desejo para todas nós, — ela explicou, reunindo os três

amuletos. Um pequeno presente - para as amigas que se tornaram como irmãs.

Uma família escolhida. Como aquela que Feyre havia encontrado para si mesma.

Nestha apertou os amuletos na palma da mão, fechando os olhos, e disse — Gostaria que tivéssemos a coragem de sair para o mundo quando estivermos prontas, mas sempre poder encontrar o nosso caminho de volta uma para a outra. Não importa de que maneira.

Gwyn e Emerie aplaudiram isso. E quando Nestha abriu os olhos, a palma da mão se abrindo, ela poderia jurar que as moedas brilhavam fracamente.

60

Cassian esteve longe por cinco dias. Cinco dias, para inspecionar cada uma das legiões illyrianas, e lembrar como se comportar como um homem normal e são ao invés de um cachorrinho apaixonado. Mas de alguma forma, quando ele retornou, uma mudança havia acontecido.

Não só a mudança de transformar o mundo, que aconteceu no Solstício de Inverno entre ele e Nestha. Mas uma mudança entre Nestha, Emerie e Gwyn.

Ele surgiu na manhã gelada encontrando as três já no ringue de treinamento. Elas estavam ao redor da viga, o laço flutuando graciosamente no vento frio. Gwyn segurava uma espada em suas mãos, Emerie e Nestha estavam alguns passos atrás. Todas as três usavam braceletes trançados e coloridos com pingentes prata pendurados lá.

Cassian se demorou na porta enquanto Nestha murmurou para Gwyn — Você consegue.

Azriel apareceu ao lado dele, silencioso como as sombras que se enrolavam em suas asas.

Gwyn encarava o laço como um inimigo em um campo de batalha. Ele enrolava no vento, dançando para longe, seus movimentos tão imprevisíveis quanto os de qualquer inimigo.

— Faça isso pelo pégaso em miniatura. — Emerie disse. Cassian não fazia idéia do significado daquilo mas os lábios de Gwyn se curvaram para cima.

Nestha riu.

O som poderia muito bem ter sido um raio atingindo sua cabeça pela forma que reverberou por ele, aquela risada. Livre, leve e tão diferente de qualquer coisa que ele já ouviu dela que até Azriel piscou. Uma risada verdadeira. — O pégaso em miniatura — Nestha disse — Era uma ilusão. E agora está de volta em seu pasto imaginário.

— Ele gostava mais de Gwyn — Emerie provocou. — Apesar dos seus esforços para galantea-lo

Elas voltaram a ficar em silêncio enquanto Gwyn deslocava os seus pés, posicionando a espada. O vento abanou a fita de novo, como se estivesse a provocando.

Cassian olhou de relance para Az, mas a sua atenção estava na jovem sacerdotisa, admiração e encorajamento silencioso brilhando em seu rosto.

Gwyn sussurrou — Eu sou a rocha contra a qual a onda se quebra — Nestha se endireitou diante das palavras, como se fossem uma oração e uma convocação. Gwyn levantou a lâmina. — Nada pode me quebrar.

A garganta de Cassian se apertou, e mesmo do outro lado do ringue, ele conseguiu ver os olhos de Nestha brilhando de orgulho e dor.

Emerie disse — Nada pode *nos* quebrar.

O mundo parecia pausar a estas palavras. Como se estivesse seguindo um caminho e agora fosse ramificado em outra direção. Em cem anos, mil, este momento ainda estaria gravado em sua mente. Que ele diria aos seus filhos, aos seus netos, *bem aqui e agora. Foi quando tudo mudou.*

Azriel ficou completamente imóvel, como se também ele tivesse sentido a mudança. Como se ele também estivesse consciente de que forças muito maiores entraram nesse ringue de treino quando Gwyn se moveu.

Suave como o Sidra, rápida como o vento das montanhas Illyrianas, seu corpo inteiro trabalhando em harmonia cantada, Gwyn se inclinou em direção à fita, rodopiou, e enquanto girava, o seu braço abriu-se, executando um perfeito golpe de costas que cortou a própria manhã de Inverno.

Metade da fita esvoaçou até à pedra vermelha.

Uma fatia impecável e precisa. Nem um só fio esfarrapado se ondulou ao vento como a fita cortada pendurada na viga em abas.

Nestha se inclinou para baixo, pegou na metade caída da fita, e solenemente amarrou-a à volta da testa de Gwyn. Uma versão improvisada do que as sacerdotisas usavam sobre as cabeças com suas pedras. Mas Cassian nunca tinha visto Gwyn exibir a sua Pedra Invocadora.

Gwyn levantou seus dedos trêmulos até sua testa, tocando a fita com qual Nestha a coroou.

A voz de Nestha estava grossa quando ela declarou — Valquíria.



Tornou-se o ritual: cortar a fita, para ser coroada com a sua metade cortada e Valquíria ungida.

Gwyn foi a primeira. Emerie a segunda. No final do treino da manhã, Nestha tornou-se a terceira.

Tornou a encarar Cassian apenas ligeiramente, mais fácil. Mesmo que a necessidade dentro dela só tivesse piorado, arranhando na parte inferior de sua pele, implorando para sair. Para chegar até ele.

Cada vez que ela encontrava o seu olhar, ou se aproximava a poucos metros dele, parecia rugir a ela para se despir e se oferecer a ele. Ela concentrou-se na fita branca em volta de sua testa, focada no que as três tinham realizado.

A lição terminou, e ela poderia ter arrastado Cassian até seu quarto se ele não tivesse simplesmente seguido para os céus e saído. Ele não voltou até a manhã seguinte.

Ele estava a evitando.

Mas na manhã seguinte, ela compreendeu o porquê — ou pelo menos que ele tinha um motivo pela fuga.

O ringue de treino tinha sido novamente transformado.

Um percurso de obstáculos estava à sua volta, enrolado como uma serpente por todo o lado. Nestha foi uma das últimas a chegar, e juntou-se às fêmeas que demoraram-se à porta, murmurando sobre isso enquanto Cassian e Azriel se voltavam para elas. Cassian disse — As Valquírias eram guerreiras destemidas e brilhantes por si próprias. Mas a sua verdadeira força veio de ser uma unidade altamente treinada — ele se moveu para o percurso de obstáculos. — Sozinhas, nenhuma de vocês vai passar pelo percurso. Mas juntas, podem encontrar um caminho.

Emerie bufou.

Cassian atirou um sorriso a ela. — Parece simples, não é?

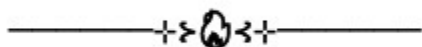
Emerie teve o bom senso de parecer nervosa.

Azriel bateu palmas e todas as fêmeas se endireitaram. — Vocês trabalharão em grupos de três.

Gwyn perguntou a Az, seus olhos verdes brilhantes. — O que nós conseguimos se completarmos o percurso?

As sombras de Az dançaram à sua volta — Como não tem a menor chance que alguma de vocês vá terminar o percurso, nós não nos incomodamos em conseguir um prêmio.

Vaias soaram, Gwyn levantou o queixo em um desafio. — Estamos ansiosas para provar que você está errado.



Parecia que provar que Azriel e Cassian estavam errados iria levar algum tempo.

Gwyn, Emerie e Nestha chegaram o mais longe em três horas, metade do caminho.

Roslin, Deirdre e Ananke chegaram no obstáculo atrás delas antes que o tempo acabasse, e o cabelo dourado de Ananke estava empastado com sangue do golpe que ela levou na cabeça de uma *coisa* de madeira bem armada e girando.

— Monstros sádicos — Gwyn sibilou enquanto as três amigas mancavam até a estação de água, a derrota pesada em seus ombros.

— Nós tentaremos de novo amanhã — Emerie prometeu, ostentando um olho roxo graças ao tronco balançando que a tinha derrubado de bunda antes que Nestha pudesse agarrá-la. — Nós continuaremos tentando até arrancarmos esse ar presunçoso de suas caras lindas.

Realmente, Azriel e Cassian só se encostaram em uma parede, cruzaram os braços e sorriram o tempo todo.

Gwyn lançou a Azriel um olhar fulminante quando passou por ele. — Te vejo amanhã, encantador de sombras — ela lançou sobre um ombro.

Azriel a encarou, sobrancelhas erguidas com diversão. Quando ele se virou de volta, Nestha sorriu. — Você não tem idéia do que acabou de começar. — Ela disse. Az inclinou a cabeça, olhos castanhos se estreitando enquanto Gwyn alcançava o corredor.

— Lembra de como Gwyn era com o laço? — Nestha piscou e deu um tapinha no ombro do encantador de sombras. — Você é o novo laço, Az.



O circuito de obstáculos permaneceu impossível.

Os bastardos mudavam todas as noites. Cada manhã nova era um desafio diferente e mais difícil. Mas cada um tinha um padrão geral: geralmente começava com algum tipo de trabalho de pés, fosse de fazer uma rápida

corrida de joelhos ao peito através de uma escada no chão ou se equilibrando numa viga suspensa. Depois vem os testes mentais — enigmas que exigiam que pensassem em conjunto, e depois confiassem um no outro para passar. E quando estavam completamente esgotados, as proezas de força entraram.

As três chegaram à terceira fase apenas uma vez nas duas semanas seguintes.

Roslin, Ananke, e Deirdre estavam perto, impulsionando Gwyn a empurrar o seu grupo com mais força. Ela queria ser a primeira. Queria que Nestha, Emerie e ela fossem as que limpavam os sorrisos de Azriel e Cassian. Especialmente o de Azriel.

Não importava que, após o primeiro dia, eles só tivessem uma hora para passar o curso. As outras duas horas foram passadas em grupo, em treino militar: marchando em formação — mais difícil e mais estúpido do que parecia — lutando lado a lado — mais perigoso do que parecia — e aprender a mover-se, pensar, respirar como uma unidade.

Mas elas continuaram a fazê-lo. Marcharam em falanges de Valquíria. Lutaram como uma só, com Cassian e Azriel atuando como os seus adversários. Aprenderam a segurar os seus escudos no lugar contra a investida dos Sifões dos Illyrianos, suas imponentes formas masculinas. Cada pedaço de treino de resistência Valquiria valeu a pena: cada agachamento infernal ou investida agora permitia-lhes manter seus escudos com pouco esforço. Para segurar firme contra um ataque inimigo.

Elas exercitavam-se como uma só, em linhas precisas como se fizessem seus movimentos abdominais ao mesmo ritmo. Fizeram flexões de braço juntas. Se uma desmaiasse, todas elas tinham que começar de novo.

Mas elas continuaram. Através do suor, da respiração e do sangue, elas se forjaram inteiras de novo.

E por vezes, quando os serviços noturnos terminavam, as três reuniam-se na biblioteca e liam sobre estratégia militar. Sobre Valquírias. Sobre as técnicas dos antigos.

Mais sacerdotisas cortaram a fita — Roslin. Deirdre. Ananke. Ilana. Lorelei.

Tudo o que Azriel e Cassian atiraram a elas, elas pegaram e atiraram de volta.

E todas as noites, Nestha corria as escadas da Casa. Mais longe e mais longe

e mais longe. Ela não tinha conseguido chegar ao fundo desde aquela briga com Amren, mas ela continuou tentando.

As memórias e as palavras já não a mandavam apressadamente para baixo. Agora ela foi impulsionada por um propósito puro e implacável.

Neshta, Gwyn, e Emerie derrotaram o percurso de obstáculos dois meses depois do dia que ele foi montado. É claro, foi num dia em que todas as sacerdotisas tinham sido convocadas por Clotho para alguma cerimônia especial, por isso não havia ninguém para o testemunhar além de Cassian e Azriel. Apenas Gwyn tinha sido dispensada da cerimônia, aparentemente.

E quando Gwyn chegou à linha de chegada, ensanguentada, ofegante e sorridente de tal forma que os seus olhos verde azulados brilharam como um mar iluminado pelo sol, ela apenas estendeu a mão maltratada a Azriel. — Bem?

— Já tem o seu prêmio — disse Azriel de forma simples. — Acabou de passar pelo Qualificador do Rito de Sangue. Parabéns.

Gwyn ficou boquiaberta. Nestha e Emerie pararam. Mas Gwyn disse-lhe — Foi por *isso* que os convidou?

Nestha não fazia ideia do que a sacerdotisa estava falando, mas seguiu o olhar para cima, para o lábio do poço, onde um Lorde Devlon com rosto de pedra e outro macho espreitou, a olhar para dentro.

Sem dúvida que esta era a razão pela qual as outras sacerdotisas tinham sido ocupadas hoje.

Cassian murmurou para Nestha — Tive um pressentimento de que hoje poderia ser o dia.

Devlon parecia pronto a entrar em erupção, o seu rosto roxo de raiva, mas ele olhou para Cassian e acenou com a cabeça de forma concisa.

— Disse às sacerdotisas para não virem? — Nestha perguntou a Cassian e Azriel.

— Informamos Clotho de que talvez tivéssemos alguns observadores hoje — Azriel respondeu, olhos cheios de gelo e morte enquanto olhava para Devlon. O macho desviou o olhar sombrio antes de grunhir ao seu amigo e voar para leste, em direção a Illyria. Azriel prosseguiu, vendo-os desaparecer — Clotho explicou às outras — e elas escolheram encontrar outras formas de cumprir o seu dia.

Nestha perguntou a Gwyn — Mas parecia que você não sabia o que estávamos fazendo.

— Cassian e Azriel me avisaram de que hoje seríamos vigiadas por homens, mas não especificaram porquê. Não fazia ideia de que era o Qualificador do Rito de Sangue — os olhos dela brilhavam por cima da sujeira grudada em seu rosto.

Emerie tinha se calado no entanto. Ela perguntou a Cassian — Não vamos entrar no Rito de Sangue, vamos?

— Só se vocês quiserem — assegurou-lhe Cassian. Apenas ela de todas as fêmeas aqui compreenderia os verdadeiros horrores do Rito de Sangue, Nestha sabia. — Mas queríamos que Devlon, e a quem ele contar, compreendesse que vocês são tão talentosas como qualquer unidade illyriana. Esta era a única forma de o conseguirem. Ser uma Valquíria não significa nada para eles, e vocês certamente não precisam de aprovação, mas... — ele voltou a olhar para Emerie. — Queria que eles soubessem. O que vocês têm realizado. Que, embora as Valquírias não tenham algo parecido com o Rito de Sangue, são tão treinadas como qualquer guerreiro em Illyria.

— Os percursos? — Perguntou Gwyn.

— Percursos diferentes — disse Azriel — De vários Qualificadores ao longo dos séculos.

Cassian sorriu. — Tirando participar do Rito de Sangue, vocês agora estão o mais próximos de serem guerreiras Illyrianas que se pode chegar.

O silêncio caiu. Então Nestha disse, limpando o sangue do canto de sua boca ferida — Eu prefiro ser uma Valquíria — as fêmeas murmuraram em concordância.

Cassian riu. — Que os deuses nos ajudem.

61

Ainda faltava uma meta.

Não uma que Cassian a tenha dado, ou alguma decretada pelos Illyrianos ou valquíria. Mas uma que ela estabeleceu a si mesma.

Nestha decidiu que hoje era um bom dia para descer aquelas escadas e conseguir descer aqueles últimos cem degraus.

Ela desceu e desceu e desceu.

Voltas e voltas, e voltas.

Eles cortaram a fita das Valquírias e passaram no Qualificatório do Rito de Sangue. Mas eles continuariam treinando. Restava tanto a aprender, tanto que ela ansiava por aprender com todos eles. Com seus amigos.

Com Cassian.

Eles alternavam quartos, dormindo onde quer que fosse mais próximo de fazer amor. Ou trepar. Havia uma diferença, ela percebeu. Fazer amor geralmente acontecia tarde da noite ou nas primeiras horas da manhã, quando ele era preguiçoso, meticoloso e sorridente. A trepada geralmente acontecia na hora do almoço ou em horários aleatórios, contra uma parede ou inclinada sobre uma mesa ou escarranchada em seu colo, empalando-se nele repetidas vezes. Às vezes, começava como uma trepada e se tornava a coisa tenra e intensa que ela chamava de fazer amor. Às vezes, fazer amor se dissolvia em uma trepada frenética. Ela nunca poderia dizer o que aconteceria, o que era parte da razão pela qual ela nunca sentia que era o suficiente.

Ela passou cem degraus. Duzentos. Mil.

Sua cabeça estava clara. Queimava com propósito, com direção e foco. Ela acordava todas as manhãs feliz por estar ali, para se lançar contra o mundo e ver o que ele fazia. Ela tinha música todas as noites nos cultos noturnos, onde ela havia aprendido a maioria das canções e cantado com as sacerdotisas, deixando sua voz soar ao lado de Gwyn. Ela tinha música da Sinfonia de Cassian, que tocava sempre que podia.

E ela tinha música em seu coração. Uma música composta pela voz de Cassian, das risadas de Gwyn e Emerie, de sua própria respiração enquanto descia e descia as escadas.

Dois mil. Três mil.

Os pés de Nestha voaram, seus passos firmes, mesmo enquanto seus músculos queimavam.

Ela lutou contra isso. Cerrou os dentes em um sorriso selvagem.

Ela se entregou ao ardor, à exaustão e à dor. Ela não os deixou consumi-la, mas permitiu que a levassem. Por meio dela. Não permitiu que eles a dobrassem ou a detivessem.

Ela era a rocha contra a qual essas coisas se chocavam. Com cada passo, cada respiração, ela se rendeu a calmaria de sua mente. Era a próxima fase no treinamento da mente das Valquírias: passar da calma sentada para o calmante ativo. Para ser capaz de estabilizar a mente, se concentrar, enquanto está no meio do caos.

Quatro mil. Cinco mil. Seis mil. A calmaria da mente tornou-se tão fácil quanto respirar.

Ela não seria dominada por nada novamente. Ela era dona de si mesma.

Sete mil. Oito mil. Nove mil.

E essa pessoa que ela estava se tornando, emergindo dia a dia...

Ela poderia gostar dela.

As escadas desapareceram. E então havia apenas uma porta diante dela.

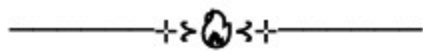
Nestha balançou, o corpo ainda parecendo pensar que tinha que continuar girando e girando, mas ela segurou a maçaneta. Abriu a porta para o crepúsculo e a cidade além.

Todas as luzes tinham sido apagadas, mas vozes alegres encheram as ruas. Ninguém a impediria de se aventurar na cidade, em uma taverna, e beber até ficar boba. Ninguém viria puxá-la de volta. Ela desceu as escadas. A vida estava diante dela.

Apenas, ela se viu olhando para cima. Em direção à Casa onde uma festa da Queda das Estrelas seria realizada em uma hora. O macho que estaria lá, que a encorajou a vir.

Ela encarou a cidade — a cidade adorável e vibrante. Nada disso parecia tão vibrante quanto o que esperava acima. A escalada seria brutal e quase sem fim, mas no topo... Cassian a estaria esperando. Como ele esperava por ela há anos agora.

Nestha sorriu. E começou a subir.



Cassian, vestido com suas roupas elegantes, estava parado na porta para as escadas quando ela voltou.

Ele estava tão requintado que, se Nestha já não estivesse ofegante por causa da escalada, ela teria ficado incapaz de respirar.

Cinco passos levaram Nestha para o outro lado do corredor. Os braços dela em volta do pescoço dele. Sua boca na dele.

Ela o beijou, e ele se abriu para ela, deixando aquelas palavras silenciosas passarem entre eles, segurando-a com tanta força que seus batimentos cardíacos ecoaram um no outro.

Quando ela se afastou, sem fôlego com o beijo e tudo que encheu seu coração, Cassian apenas sorriu. — A festa já começou — Ele disse, beijando sua testa e se afastando. — Mas ainda está chegando ao auge. — De fato, música e risos escorriam dos andares superiores.

Cassian estendeu a mão e Nestha silenciosamente a pegou, deixando ele conduzi-la pelo corredor. Quando ela olhou para os degraus e suas pernas fraquejaram, ele a pegou em seus braços e a carregou. Ela encostou a cabeça no peito dele, fechando os olhos, saboreando o som de seu coração batendo forte. Todo o mundo era uma música, e essa pulsação era sua melodia central.

O ar livre e a música fluíram ao seu redor, as taças tilintando e as roupas farfalhando, e ela abriu os olhos novamente quando Cassian a colocou no chão.

Estrelas fluíram acima. Milhares e milhares de estrelas. Ela mal se lembrava da Queda de Estrelas do ano passado. Estava bêbada demais para se importar.

Mas isso, tão alto...

Nestha não se importou que ela estivesse coberta de suor, vestindo suas roupas de couro no meio de uma multidão enfeitada com jóias. Não quando ela cambaleou para a varanda no topo da casa e ficou boquiaberta com as estrelas que choviam no céu. Elas passaram voando, tão perto que algumas faiscaram contra as pedras, deixando poeira brilhante em seu rastro.

Ela tinha uma vaga sensação de Cassian, Mor e Azriel por perto, de Feyre, Rhys e Lucien, de Elain, Varian e Helion. De Kallias e Viviane, também inchada com a gravidez e brilhando de alegria e força. Nestha sorriu em saudação e os deixou piscando, mas ela os esqueceu em um momento porque as estrelas, as estrelas, as estrelas...

Ela não tinha percebido que tal beleza existia no mundo. Que ela pudesse se sentir tão cheia de admiração que poderia doer, como se seu corpo não pudesse conter tudo isso. E ela não sabia por que chorou então, mas as lágrimas começaram a rolar por seu rosto.

O mundo era lindo e ela estava tão grata por estar nele. Estar viva, estar ali, ver aquilo. Ela estendeu a mão sobre o corrimão, roçando uma estrela enquanto ela passava, e seus dedos voltaram brilhando com poeira azul e verde. Ela ria, um som de pura alegria, e chorou mais, porque aquela alegria era um milagre.

— Esse é um som que nunca pensei ouvir de você, garota. — disse Amren ao lado dela.

A delicada mulher estava régia em um vestido cinza claro, diamantes em sua garganta e pulsos, seu cabelo preto habitual prateado com a luz das estrelas.

Nestha enxugou as lágrimas, espalhando a poeira estelar em suas bochechas e não se importando. Por um longo momento, sua garganta trabalhou, tentando encontrar tudo o que tentava subir de seu peito. Amren apenas sustentou seu olhar, esperando.

Nestha caiu sobre um joelho e abaixou a cabeça. — Eu sinto muito.

Amren fez um som de surpresa e Nestha sabia que outros estavam assistindo, mas ela não se importou. Ela manteve a cabeça baixa e deixou as palavras fluírem de seu coração. — Você me deu gentileza, respeito e seu tempo, e os tratei como lixo. Você me disse a verdade e eu não queria ouvir. Eu estava com ciúme, medo e orgulho demais para admitir. Mas perder sua amizade é uma perda que não posso suportar.

Amren não disse nada, e Nestha ergueu a cabeça para encontrar a fêmea sorrindo, algo como maravilha em seu rosto. Os olhos de Amren ficaram forrados de prata, uma dica de como eles eram antes. — Fui bisbilhotar pela casa quando chegamos há uma hora. Eu vi o que você fez com este lugar.

A sobrancelha de Nestha franziu. Ela não mudou nada.

Amren agarrou Nestha por baixo do ombro, puxando-a para cima. — A Casa canta. Posso ouvir isso na pedra. E quando falei com ela, ela respondeu. Certo, ela me deu uma pilha de livros romances até o fim da conversa, mas... você fez com que esta Casa ganhasse vida, garota.

— Eu não fiz nada.

— Você Fez a Casa. — disse Amren, sorrindo novamente, uma faixa de vermelho e branco na escuridão brilhante. — Quando você chegou aqui, o que mais desejou?

Nestha considerou, observando algumas estrelas passando zunindo. — Um amigo. No fundo, eu queria um amigo.

— Então você fez um. Seu poder trouxe a Casa à vida com um desejo silencioso nascido da solidão e necessidade desesperada.

— Mas meu poder só cria coisas terríveis. A Casa é boa. — Nestha respirou.

— É mesmo?

Nestha considerou. — A escuridão no poço da biblioteca é o coração da Casa.

Amren concordou. — E onde ele está agora?

— Faz semanas que não aparece. Mas ainda está lá. Acho que está apenas... sendo gerenciado. Talvez o conhecimento da Casa de que estou ciente dele e não o julguei, torna-o mais fácil de controlar.

Amren colocou a mão sobre o coração de Nestha. — Essa é a chave, não é? Saber que a escuridão sempre permanecerá, mas como você escolhe enfrentá-la, lidar com ela... essa é a parte importante. Não deixar que te consuma. Focar no que é bom, nas coisas que te encham de admiração. — Ela gesticulou para as estrelas passando rapidamente. — A luta contra essa escuridão vale a pena, só para ver essas coisas.

Mas o olhar de Nestha havia deslizado das estrelas — encontrando um rosto familiar na multidão, dançando com Mor. Rindo, sua cabeça jogada para trás. Tão lindo que ela não tinha palavras para isso.

Amren riu suavemente. — E vale a pena por isso também.

Nestha olhou de volta para sua amiga. Amren sorriu, e seu rosto tornou-se tão adorável quanto o de Cassian, enquanto as estrelas passavam arqueando.
— Bem-vinda de volta à Corte Noturna, Nestha Archeron.

A primavera havia chegado em Velaris. Nestha abraçou o sol em seus ossos, em seu coração, deixando-o aquecê-la.

Eles haviam sobrevivido ao inverno sem nenhum movimento de Briallyn ou Beron, sem desencadeamentos de exércitos. Mas Cassian avisou que muitos exércitos não atacaram no inverno, e Briallyn podia tê-los reunido em segredo. Azriel foi proibido de chegar a poucos quilômetros dela, graças à ameaça da Coroa, e todos os relatórios tiveram que ser verificados por várias fontes. Resumindo: eles não sabiam de nada e a única coisa que poderiam fazer era esperar.

O clima não foi melhorado por uma rara estrela vermelha explodindo no céu um dia — um mau presságio, Nestha ouviu os murmúrios das sacerdotisas. Cassian relatou que até Rhys ficara abalado com isso, parecendo extraordinariamente contemplativo depois. Mas Nestha suspeitou que o presságio não era a única coisa que contribuía para a solenidade de Rhys. Feyre estava a apenas dois meses de dar à luz, e eles ainda não sabiam nada sobre como salvá-la.

Ela canalizou essa preocupação crescente em seu treinamento com as sacerdotisas. Azriel e Cassian criaram mais simulações de treinamento e se moveram através delas como uma unidade, pensaram e lutaram como uma unidade.

Às vezes, Nestha se perguntava se algum dia veriam a batalha. Se um dia essas sacerdotisas estivessem dispostas a sair daqui para lutar, para enfrentar a violência que poderia convocar os terríveis demônios de seus passados. Ela desejava ir além das simulações para o combate real? O que faria com ela, vendo seus amigos matando ou sendo mortos?

Era um teste final, ela supôs. Um que eles podem nunca estar tomando.

Talvez o Rito de Sangue, que Cassian dissera que faltavam apenas alguns dias, tivesse começado exatamente assim: uma maneira de apresentar aos jovens guerreiros illyrianos a matança em um ambiente contido, um degrau para a total impiedade da batalha.

Mas a primeira incursão de Nestha na batalha impiedosa veio na forma de uma carta. Uma carta impaciente e exigente que solicitou sua presença imediata. E de Cassian.

Quando Nestha e Cassian chegaram na clareira da floresta situada no Meio, Eris estava esperando por eles. Mas Nestha não se preocupou em fazer mais do que um rápido relance para o filho do Grão-senhor — não com a olhar se erguendo acima das árvores. A montanha sagrada — a montanha sob a qual Feyre, Rhys e todos os outros Grão-Senhores foram presos por Amarantha. Ela se erguia como uma onda no horizonte, sombrio e árido e de alguma forma vibrando com presença.

— Você nunca a viu? — Eris perguntou como forma de saudação, rastreando seu olhar.

— Não — Ela desviou o olhar do pico enervante. — Por que isso é sagrado para você?

Eris encolheu os ombros, e Nestha sabia que Cassian monitorava cada respiração sua.

— Há três deles, você sabe. Picos irmãos. Esta, a montanha chamada Prisão, e aquela que os brutos Illyrianos chamam de Ramiel. Todas as montanhas carecas e estéreis em conflito com aqueles ao seu redor.

— Não viemos para uma aula de história — murmurou Cassian.

Nestha lançou um olhar cortante para ele.

— Eu perguntei. Eu quero saber.

Cassian bufou e apontou o queixo para Eris em uma ordem silenciosa para continuar.

— Não sabemos por que eles existem, mas você não acha estranho que dois dos três tenham palácios subterrâneos esculpidos neles?

— Eu dificilmente chamaria a prisão de palácio — Cassian interrompeu.

— Basta perguntar aos reclusos.

Eris deu-lhe um sorriso zombeteiro, mas continuou — Sem surpresa, os Illyrianos nunca ficaram curiosos o suficiente para ver quais segredos estavam escondidos por trás de Ramiel. Se ela também foi esculpida por mãos antigas como as outras.

— Eu pensei que Amarantha tivesse feito a corte Sob a Montanha ela mesma. — disse Nestha.

— Oh, ela o decorou e nos fez agir como uma imitação lamentável de sua Corte dos Pesadelos, mas os túneis e corredores foram esculpidos muito antes. Por quem, não sabemos.

— Essa é o máximo de história que posso suportar — disse Cassian, recebendo um olhar fulminante de Eris. Nestha o seguiu. Cassian apenas deu uma piscadela divertida antes de continuar — Sua carta parecia sugerir que seu pai tinha feito um movimento. Desembuche.

— Meu pai voltou ao continente na semana passada. Ele voltou parecendo normal, sem a indiferença com os olhos vidrados que meus soldados exibiam. Ele não me convidou para acompanhá-lo ou para explicar o que ele havia discutido com Briallyn. Eu só posso supor que o estopim está se aproximando, porém, e queria avisá-los. Não era algo que eu pudesse me arriscar a escrever. Mas por agora ... por agora, parece que o mundo está prendendo a respiração.

— Para que? — Nestha perguntou.

— Para você encontrar a Harpa.

Nestha piscou. Ela percebeu tarde demais, fora muito lenta, de que eles não haviam contado a Eris que a haviam encontrado. E seu piscar a tinha denunciado.

Eris perguntou —Você está com ela?

— Isso faz diferença? — Cassian disse casualmente.

— A Corte Noturna possui dois objetos no Tesouro. Eu diria que sim — Eris endireitou. — De que significaria todos esses atrasos? Aguardando seu tempo para que você possa aprender os segredos do Tesouro e usar o poder para seus próprios ganhos?

— Isso é um absurdo — retrucou Nestha. — O que temos a ganhar?

Chama vermelha chiou nos olhos de Eris.

— O que o Rei de Hybern tem a ganhar ao alcançar o Caldeirão e invadir nossas terras?

— Não temos interesse em conquistar, Eris — disse Cassian, cruzando os braços. — Você sabe disso. E não vamos usar os tesouros.

Eris soltou uma risada. Nestha podia ver que ele não acreditava neles — que estava tão acostumado com a política distorcida e as maquinações de sua corte que mesmo quando a verdade simples e fácil foi oferecida, ele não conseguiu ver.

— Não me sinto totalmente confortável com sua corte possuindo dois itens do Tesouro — Seu olhar mudou para Nestha — Especialmente quando você tem tantas outras armas em seu arsenal.

Nestha enrijeceu, mas Cassian nem mesmo se mexeu.

— Rhys tem seus próprios planos, Eris. Você não pode ser tolo o suficiente para pensar que diríamos a você todos eles, mas posso garantir que eles não envolvem o uso do Tesouro.

Nestha tentou não ficar boquiaberta com a voz fria e divertida que saiu de Cassian. A voz de um cortesão. Como se ele tivesse ouvido ela e Rhysand, e tivesse reproduzido perfeitamente essa combinação de tédio e crueldade. Nestha não conseguiu evitar a emoção que desceu por sua espinha. Ela queria que ele usasse aquela voz no quarto. Queria que ele sussurrasse assim em seu ouvido enquanto ele...

— Então você afirma — Eris disse. — Suponho que você está indo atrás da coroa agora. — Seu cabelo brilhava como brasas na luz manchada.

— Avisaremos quando você precisar saber. E vamos tentar não esquecer desta vez. — Cassian sorriu.

Eris tirou um pedaço de fio de sua jaqueta. Ao seu lado estava pendurada a adaga que Rhys e Feyre lhe presentearam, simples e corriqueiro em comparação com as roupas que ele usava. Sua adaga.

— Você seria realmente estúpido se fosse atrás de Briallyn diretamente.

— Deixe o heroísmo para os brutos, Eris — disse Cassian. — Não gostaria de arriscar cortar essas suas mãos bonitinhas.

Os dedos de Eris se curvaram ligeiramente em seus bíceps. Nestha refreou o sorriso. As palavras de Cassian encontraram seu alvo.

— E o que você vai fazer quando tiver todos os três objetos no Tesouro? — As sobrancelhas de Eris se achataram. — Você não pode destruí-los; e duvido que escondê-los funcione. Considerando o perigo que se acumula ao nosso redor, não vejo por que você não os usaria.

Nestha ficou em silêncio, contente por deixar Cassian assumir a liderança.

Cassian soltou uma risada suave, e o sangue de Nestha novamente cantou com o domínio disso. Ele brincaria com Eris um pouco mais. Na verdade, Cassian perguntou friamente — E o que você vai fazer para nos impedir?

Eris apenas disse — Se você falhar em recuperar a Coroa, você corre o risco de Briallyn usá-la contra você. Ela poderia virar um contra o outro.

Faça você fazer coisas indizíveis. Revelar a ela onde estão os outros dois objetos. E você não teria escolha a não ser contar tudo a ela — Ele se preocupava com eles revelando sua aliança; para seu próprio bem. — Você ameaça nos expor. Não persiga a Coroa.

— Veremos — disse Cassian, o retrato de uma calma inabalável. Nestha quase riu quando ele acenou com a cabeça em direção à adaga ao lado de Eris. — Temos nossos próprios meios de nos proteger contra a Coroa. — Nestha escondeu sua surpresa. As armas que ela fez foram protegidas contra o tesouro? Ninguém havia dito isso a ela.

Eris franziu o cenho.

— Esse foi o plano o tempo todo? Para me amarrar, fazer de mim um inimigo de meu pai, então usar o Tesouro contra todos nós?

— Você que se tornou um inimigo de seu pai — disse Cassian, sorrindo fracamente. — Quando ele descobrir, eu me pergunto se ele vai deixar seus cães o rasgarem em pedaços, ou se ele mesmo vai fazer isso.

Eris empalideceu ligeiramente.

— Você não quer dizer se ele descobrir?

Cassian não disse nada. Manteve o rosto neutro. Nestha sufocou, e sua presunção e fez o mesmo.

Eris os observou. Pela primeira vez desde que Nestha conheceria o macho, a incerteza encobriu seu olhar de fogo.

E então ele se voltou para o outro assunto em sua carta, de frente para Nestha antes de perguntar — E minha oferta para você? — Nem um grama de afeto ou desejo atado em suas palavras.

Nestha ergueu o queixo, finalmente sorrindo.

— Suponho que, uma vez que tivermos a Coroa em nossas mãos, a Corte Noturna não precisará de você, afinal. Nem eu. — Ela podia jurar que

Cassian estava reprimindo uma risada, mas ela manteve olhar para Eris, que ficou rígido, ondulando de raiva.

— Eu não gosto de ser usado como brinquedo, Nestha Archeron. Minha oferta foi sincera. Fique com a Corte Noturna e você arrisca sua ruína.

Cassian interrompeu suavemente — Tente nos foder, Eris, e você arrisca a sua.

O lábio superior de Eris se curvou.

— Faça o que você quiser — Ele se endireitou, afastando qualquer emoção, o rosto ficando frio e cruel novamente. — É a sua vida que você aposta, não a minha. — Ele riu, acenando com a cabeça para Cassian. — E daí se o mundo perder outro bruto para a guerra? Já vai tarde.

— Obrigado por seus votos de boa sorte, Eris. — Cassian sorriu lentamente.

E com isso, Cassian pegou Nestha em seus braços e disparou para o céu, fazendo as árvores não passarem de um borrão verde, a montanha sagrada espreitando em suas costas.

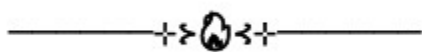
Nestha olhou em seu rosto enquanto voavam para o norte, e encontrou Cassian sorrindo.

— Você foi bem — disse ela, passando a mão pelo pescoço dele.

— Eu fingi ser você — ele admitiu. — Acho que incorporei o olhar de *Vou Destruir os Meus Inimigos* não é?

Nestha riu, encostando a cabeça em seu peito.

— Você incorporou.



Eles voaram por horas, satisfeitos por estarem sozinhos, pairando sobre a terra. Eles voaram e voaram, Cassian incansável e inabalável, e Nestha se permitiu sentir os braços dele. Apenas estar com ele. E embora o frio afundasse em sua pele, quando as luzes de Velaris apareceram ao horizonte que escurecia, ela lamentou vê-las.

Mas ele os trouxe para a cidade propriamente dita, pousando em uma das pontes que cruzam o Sidra.

— Pensei em caminhar um pouco. — Disse ele, entrelaçando os dedos com os dela.

Depois de tanto tempo nos céus vazios, as pessoas ao redor pareciam pressioná-los. Mas Nestha assentiu, caminhando ao lado dele, saboreando seus calos nos dela, o atrito do fio que mantinha seu Sifão no lugar sobre sua mão, o calor que vazou dele.

— O que você acha que Eris vai fazer? — Eles não tinham falado sobre isso durante o vôo.

— Ele vai ficar emburrado, e depois vai achar uma nova maneira de me insultar — disse Cassian, e Nestha riu. Ele deu a ela um olhar de soslaio. — Você gostou de me ver jogar como espião?

A boca de Nestha se curvou para cima.

— Eu não gostaria que você fosse assim para sempre, mas foi ... atraente. Isso me deu algumas ideias.

Seus olhos brilhavam e, embora estivessem dentro da visão de toda a cidade, ele colocou a mão em sua bochecha. E a beijou.

— Também me deu algumas ideias, Nes. — Ele a puxou para mais perto, e ela entendeu inteiramente o significado.

Ela riu e se afastou, apontando para o fim da ponte.

— As pessoas estão assistindo.

— Eu não me importo — ele caminhou para mais perto ainda, colocando um braço sobre seu ombro para dar ênfase. — Não tenho nada a esconder com você. Eu quero que eles saibam que nós compartilhamos uma cama. — Ele beijou sua têmpora, aconchegando-a ao seu lado enquanto caminhavam pela movimentada cidade.

Uma afirmação tão simples e adorável, e ainda... Ela se pegou perguntando — Estar com você destrói a minha imagem de guerreira ?

— Não. A imagem da Feyre é prejudicada quando ela está com o Rhys?

Seu estômago se apertou. Seu batimento cardíaco pulsava em seus braços, seu intestino.

— É diferente para eles. — Ela se obrigou a dizer quando chegaram ao fim da ponte e se viraram para caminhar ao longo do cais que flanqueia o rio.

Cassian perguntou cuidadosamente — Por quê?

Nestha manteve seu foco no rio cintilante, vibrante com os tons do pôr do sol.

— Porque eles são parceiros.

Em seu silêncio absoluto, ela sabia o que ele diria. Parou novamente, preparando-se para isso.

O rosto de Cassian estava vazio. Completamente vazio quando ele disse — E não somos?

Nestha não disse nada.

— Porque eles são parceiros e você não quer que sejamos. — Ele bufou uma risada.

— Essa palavra não significa nada para mim, Cassian — disse ela, a voz grossa enquanto ela tentou impedir que as pessoas que passavam ouvissem. — Isso significa algo para todos vocês, mas durante a maior parte da minha

vida, marido e mulher era o máximo de uma relação. *Parceria* é apenas uma palavra.

— Isso é um monte de merda.

Apenas quando ela começou a caminhar ao longo do rio novamente, ele perguntou — Por que você está com medo?

— Eu não estou com medo.

— O que te assustou? Apenas sendo vista publicamente comigo assim?

Sim. Tê-lo beijado e perceber que logo ela teria de voltar para este mundo zumbindo ao redor deles, e deixar a Casa, e ela não sabia o que faria então. O que isso significaria para eles. Se ela mergulhasse de volta naquele lugar escuro de antes.

Arrastando-o para baixo com ela.

— Nestha. Fale comigo.

Ela encontrou seu olhar, mas não abriu a boca.

Os olhos de Cassian brilharam.

— Fale. — Ela recusou. — Diga, Nestha.

— Não sei do que você está falando.

— Me pergunte por que eu desapareci por quase uma semana após o Solstício. Porque eu de repente tive que fazer uma inspeção logo após o feriado.

Nestha manteve a boca fechada.

— Foi porque eu acordei na manhã seguinte e tudo que eu queria fazer era foder com você por uma semana direto. E eu sabia o que isso significava, o que tinha acontecido, embora você não soubesse, e não queria assustar você. Você não estava pronta para a verdade, ainda não.

Sua boca ficou seca.

— Diga — rosnou Cassian. As pessoas deram-lhes um amplo espaço. Alguns voltaram completamente para a direção de onde vieram.

— Não.

Seu rosto se fechou com raiva, mesmo quando sua voz ficou calma.

— Diga. — Ela não podia. Não antes de ele ordenar, e certamente não agora. Ela não iria deixá-lo vencer assim.

— Diga o que eu adivinhei desde o momento em que nos conhecemos — ele respirou. — O que eu soube desde a primeira vez em que a beijei. O que se tornou inquebrável entre nós na noite do Solstício.

Ela não iria.

— Eu sou seu parceiro, pela Mãe! — Cassian gritou, alto o suficiente para as pessoas do outro lado do rio ouvirem. — Você é minha parceira! Por que você ainda está lutando contra isso?

Ela deixou a verdade, finalmente expressa, lavá-la.

— Você me prometeu para sempre no Solstício — disse ele, a voz falhando. — Porque uma simples palavra está te deixando assim?

— Porque com aquela palavra, meu último pedaço de minha humanidade vai embora! — Ela não se importava com quem os visse, quem ouvisse. — Com essa estúpida palavra, não sou mais humana de forma alguma. Eu sou uma de vocês!

— Achei que você queria ser um de nós. — Ele piscou.

— Eu não sei o que eu quero. Eu não tive escolha.

— Bem, eu também não tive escolha em estar acorrentado a você.

A declaração bateu nela. *Acorrentado*.

Ele prendeu a respiração.

— Essa foi uma escolha de palavras incrivelmente ruim.

— Mas a verdade, certo?

— Não. Eu estava com raiva. Não é verdade.

— Por que? Seus amigos me viram como eu era. O que eu sou. O laço de parceria deixou você estupidamente cego para isso. Quantas vezes eles o avisaram para ficar longe de mim, Cassian? — Ela soltou uma risada fria.

Acorrentado.

Palavras acenavam, afiadas como facas, implorando para ela pegar uma e mergulhar em seu peito. Faça doer tanto quanto aquela palavra a magoou. Faça-o sangrar.

Mas se ela fizesse aquilo, se ela o atacasse... Ela não poderia. Não se permitiria fazer isso.

— Eu não quis dizer como... — Ele implorou.

— Estou chamando a meu favor. — Disse ela.

Ele ficou imóvel, sobrancelhas franzidas. E então seus olhos se arregalaram.

— Qualquer que seja você é...

— Eu quero que você vá embora. E passe a noite na Casa de Vento. Não fale comigo até eu falar com você, ou até que uma semana se passe. O que ocorrer primeiro. Eu não me importo.

Até que ela se controlasse o suficiente para não machucá-lo, para parar de sentir o velho desejo de atacar e mutilar antes que pudesse ser ferida.

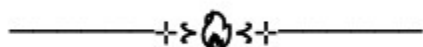
Cassian cambaleou em direção a ela, mas estremeceu, arqueando as costas. Como se a tatuagem de barganha em suas costas o tivesse queimado.

— Vá embora. — Ela ordenou.

Sua garganta oscilou, olhos esbugalhados. Lutando contra o poder da barganha com cada respiração.

Mas então ele girou, as batidas das asas crescendo enquanto ele saltava para o céu acima do rio.

Nestha permaneceu no cais enquanto sua espinha latejava, e ela sabia que sua tatuagem havia sumido.



Emerie estava na mesa da cozinha quando Nestha apareceu na porta dos fundos. Mor a tinha atravessado até lá sem fazer perguntas, sem sequer um olhar de desaprovação. Nestha não estava ligando nenhum pouco para isso, no entanto. Foi somente grata pela presença da fêmea, provavelmente enviada por Cassian. Ela também não se importava com isso.

Nestha deu dois passos na loja de Emerie antes de colapsar e chorar.

Ela mal percebeu o que aconteceu. Como Emerie a ajudou a sentar-se em uma cadeira, como as palavras saíram, explicando o que ela e Cassian disseram, o que ela fez com ele.

Uma batida soou na porta uma hora depois, e Nestha parou de chorar ao ver quem estava ali.

Gwyn jogou os braços em torno de Nestha.

— Ouvi dizer que você pode precisar de nós. — Nestha ficou tão chocada ao ver a sacerdotisa que retribuiu o abraço.

Mor, um passo atrás, acenou com a cabeça preocupada e depois desapareceu. Emerie foi quem disse a Gwyn — Não acredito que você saiu da biblioteca. — Gwyn acariciou a cabeça de Nestha.

— Algumas coisas são mais importantes do que o medo — Ela pigarreou.
— Mas, por favor, não me lembre muito. Estou tão nervosa que vou vomitar.

Até Nestha sorriu para isso.

Suas duas amigas se preocupavam com ela. Sentadas à mesa da cozinha e bebendo chocolate quente — um presente tardio de Nestha para Emerie do Solstício, roubado da despensa da Casa. Elas jantaram, depois comeram a sobremesa e discutiram suas últimas leituras. Elas falaram sobre tudo e nada até tarde da noite.

Somente quando os olhos de Nestha queimaram de exaustão, seu corpo um peso mole, eles subiram as escadas. Havia três quartos acima da loja, todos imaculados e simples, e Nestha mudou para a camisola que Emerie lhe ofereceu sem pensar duas vezes.

Ela falaria com ele amanhã. Dormiria agora, segura com suas amigas ao seu lado, e falaria com ele amanhã.

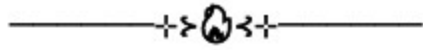
Ela explicaria tudo — por que ela recusou, por que isso a assustou, este próximo passo para o desconhecido. A vida além disso. Ela se desculparia por usar a barganha para mandá-lo embora e não pararia de se desculpar até que ele sorrisse novamente.

Talvez o futuro não precisasse ser tão planejado — ela poderia apenas viver um dia de cada vez. Contanto que ela tivesse Cassian ao seu lado, suas amigas com ela, ela poderia fazer isso. Encarar. Eles não a deixariam cair de volta naquele buraco. Cassian nunca a deixaria cair novamente.

Mas se ela caísse... Ele estaria esperando por ela no topo novamente. Mão estendida. Ela não merecia isso, mas ela se esforçaria para ser digna dele.

Nestha adormeceu com esse pensamento a tocando, um peso tirado de seu peito.

Amanhã, ela contaria tudo a Cassian. Amanhã, sua vida começaria.



Um perfume masculino encheu seu quarto. Não era Cassian. E não era Rhys. Ou Azriel.

Estava cheio de ódio, e Nestha deu uma guinada para cima no momento em que uma risada áspera soou. No final do corredor, Gwyn gritou — depois ficou em silêncio.

No escuro, ela não conseguia distinguir nada, e se atrapalhou com o poder dentro dela, para a faca ao lado da cama...

Algo frio e úmido pressionou seu rosto.

Queimou suas narinas, esfolando sua mente.

A escuridão entrou e ela se foi.

A barganha de Nestha tinha exigido que ele fosse à Casa do Vento para passar a noite.

E que ele só pudesse falar com ela quando ela falasse com ele, ou depois de uma semana.

Regras fáceis o suficiente de serem dobradas. Ele fez uma nota mental para ensiná-la a proclamar suas barganhas de forma um pouco mais inteligente.

Cassian esperou até que a noite exigida tivesse passado e depois encontrou Rhys ao amanhecer, pedindo ao seu irmão que o atravessasse até o Refúgio do Vento. Mor relutantemente informou que tinha levado Nestha para lá no dia anterior. Ele terminaria essa briga com Nestha, de uma maneira ou de outra. Isso nunca o tinha assustado. O laço de parceria, ou o que Nestha era dele, ele tinha adivinhado isso muito antes do Caldeirão a ter transformado.

A única coisa que o assustava era que ela o pudesse rejeitar. Que ela o odiasse por isso. Se irritasse por isso. Ele tinha visto a verdade nos seus olhos no Solstício, quando o laço de parceria tinha sido como fio de ouro entre as suas almas, mas ela ainda hesitara. E ontem o seu temperamento tinha levado o melhor dele, e... Ele começaria a segunda rodada fazendo com que ela lhe dissesse apenas uma palavra, para que ele pudesse falar o resto.

Do pedido de desculpas, à declaração de que ainda precisava fazer — tudo.

Ao bater à porta dos fundos de Emerie, ele cheirou tanto Nestha como Gwyn. Isso o emocionou tremendamente, o fato de Gwyn ter enfrentado o mundo além da biblioteca para confortar Nestha. Mesmo que o envergonhasse o fato dele ter sido a causa disso.

Mas ao seu lado, o rosto de Rhys ficou subitamente pálido. — Elas não estão aqui.

Cassian não esperou antes de avançar para dentro da loja, quebrando a fechadura da porta de Emerie. Se alguém as tivesse ferido, às levado...

Ninguém estava na sala acolhedora dos fundos. Mas — de repente, havia cheiros *masculinos* na sala, como se tivessem atravessado de repente.

Os Illyrianos não tinham magia como essa.

Exceto numa noite, quando os Illyrianos possuíam um poder antigo e selvagem.

—Não. — Ele subiu pelas escadas, os degraus fedendo àqueles cheiros de machos, e o medo das fêmeas. Ele encontrou primeiro o quarto de Nestha.

Ela tinha lutado. A cama fora empurrada pelo quarto, a mesa-de-cabeceira virada, e sangue - sangue de macho, pelo cheiro- fazia uma poça no chão. Mas o odor acre do elixir para dormir, suficiente para derrubar um cavalo, permanecia.

A sua cabeça ficou quieta. Os quartos do Emerie e do Gwyn estavam do mesmo jeito. Sinais de luta, mas não das próprias fêmeas.

Medo floresceu, tão vasto e largo que ele mal conseguia respirar. Era uma mensagem — para as fêmeas, por se pensarem guerreiras, e para ele por ensiná-las, por desafiar as hierarquias e regras arcaicas dos Illyrianos.

Rhys surgiu ao seu lado, o seu rosto branco com esse mesmo pavor. — Devlon acabou de confirmar tudo. O Rito de Sangue começou à meia-noite.

E Gwyn, Emerie, e Nestha tinham sido arrancadas das suas camas. Para participar.

Parte Quatro

ATARAXIA

64

Alguém colocou areia em sua boca. E martelou sua cabeça.

Ainda estava batendo nela, aparentemente.

Nestha tirou a língua dos dentes, engolindo algumas vezes para trazer um pouco de umidade de volta em sua boca. Sua cabeça doendo...

Aromas a atingiram. Machos, vários e tantos...

O chão duro e frio estava sob suas pernas nuas, farpas de pinheiro cutucando o tecido fino de sua camisola. O vento frio e sanguinolento carregava todos aqueles aromas masculinos acima de uma maré de neve, pinheiros e sujeira...

Os olhos de Nestha se abriram. As costas largas do homem encheram sua visão, a maior parte obscurecida por um par de asas. Asas amarradas.

Imagens da noite passada a atingiram: os homens que a agarraram, como ela lutou até que forçaram algo contra seu rosto que a fez desmaiar, ouvindo Gwyn e Emerie gritando...

Nestha sacudiu-se de pé.

A vista era pior do que ela esperava. Muito, muito pior.

Lentamente, silenciosamente, ela girou no lugar. Guerreiros Illyrianos inconscientes estavam espalhados ao redor dela. Em suas costas, em sua cabeça. A seus pés descalços. Mais a cercavam, pelo menos duzentos, estendendo-se entre os pinheiros altíssimos.

O Rito de Sangue.

Ela deve ter acordado antes dos outros porque foi Feita. Era diferente.

Nestha estendeu-se para dentro, em direção ao lugar onde o antigo e terrível poder repousava e não encontrou nada. Como se o poço tivesse sido drenado, como se o mar tivesse baixado.

Os feitiços do Rito de Sangue envolvem magia. Seus poderes se tornaram inúteis.

Ela sabia que seu tremor não era inteiramente de frio. Qualquer tempo que ela tivesse não duraria muito. Os outros logo se mexeriam.

E iriam a encontrar de pé entre eles, em nada além de uma camisola. Sem armas.

Ela teria que se mover. Teria que encontrar Emerie e Gwyn nesta extensão infinita de corpos. A menos que tenham sido despejadas em outro lugar.

Cassian, Rhysand e Azriel haviam sido deixados em lugares diferentes, ela se lembrou. Eles passaram dias matando em seu caminho por entre os guerreiros e feras sedentas de sangue que vagavam por essas terras. Mas eles de alguma forma se encontraram e escalaram Ramiel, a montanha sagrada, e ganharam o Rito.

Ela teria sorte de limpar esta área geral.

Com a respiração presa, Nestha ficou de pé. Longe do escudo dos corpos dos guerreiros, o frio bateu nela, quase roubando seu fôlego. Seu tremor se aprofundou.

Ela precisava de algo mais quente. Precisava de sapatos. Precisava fazer uma arma.

Nestha olhou para o sol aquoso, como se fosse lhe dizer para qual direção ir para encontrar suas amigas. Mas a luz queimou seus olhos, piorando o latejar em sua cabeça. Árvores... ela poderia encontrar o lado coberto de musgo das árvores, Cassian a tinha dito. O Norte ficaria assim.

A árvore mais próxima se erguia a cerca de seis metros e dez corpos de distância. Pelo que ela podia ver, nenhum musgo crescia em qualquer lugar nela.

Então ela iria encontrar um terreno mais alto e inspecionar a terra. Ver onde Ramiel apareceria e se ela poderia localizar os outros lugares de despejo.

Mas ela precisava de roupas e armas e comida para encontrar Gwyn e Emerie, e oh, deuses...

Nestha pressionou a mão sobre a boca para manter sua respiração trêmula em silêncio. Mover. Ela tinha que se *mover*.

Mas alguém já tinha se movido.

O farfalhar de suas asas o denunciou. Nestha girou.

A trinta metros de distância, separado dela pelo mar de corpos adormecidos, estava a besta de um macho.

Ela não o conhecia, mas reconhecia aquele brilho em seus olhos. A intenção predatória e a diversão cruel. Sabia o que significava quando seu olhar se fixou em sua camisola, seus seios se ergueram contra o frio gélido, suas pernas nuas.

O medo queimava como ácido por todo seu corpo.

Nenhum dos outros se mexeu. Pelo menos isso. Mas aquele macho...

Ele olhou para a esquerda... apenas por um piscar de olhos. Nestha seguiu seu olhar e sua respiração ficou presa. Encravada no tronco de uma árvore, brilhando fracamente, havia uma faca.

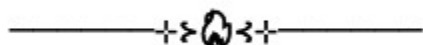
Impossível. Ter armas no Rito de Sangue ia contra as regras. O homem sabia que estaria lá, ou ele apenas o tinha visto antes dela?

Não importava. Só importava que a faca existia. E era a única arma à vista.

Ela poderia correr. O deixar com a faca e fugir na direção oposta e rezar para que ele não a seguisse.

Ou ela poderia ir até a lâmina. Vencê-lo e então... ela não sabia o que faria então. Mas ela estava em um campo de guerreiros adormecidos que logo acordariam, e se eles a encontrassem sem armas, indefesa...

Nestha correu.



Cassian não conseguia respirar.

Não conseguia respirar ou falar por longos minutos agora. Sua família havia chegado e todos eles o cercaram no quarto destruído da casa de Emerie. Eles estavam falando, Azriel com certa urgência, mas Cassian não o ouviu, não ouviu nada além do rugido em sua cabeça antes de dizer a ninguém em particular — Vou atrás delas.

O silêncio caiu e ele se virou para encontrar todos olhando para ele, pálidos e com os olhos arregalados.

Cassian bateu nos Sifões das costas de suas mãos e os Sifões restantes apareceram em seus ombros, joelhos e peito. Ele acenou com a cabeça para Rhys. — Me leve até ela. Az, você encontra Emerie e Gwyn.

Rhys não se moveu um centímetro. — Você conhece as leis, Cass.

— Foda-se as leis.

— Que leis? — Feyre exigiu.

— Diga a ela — Rhys ordenou, a noite girando em torno de suas asas. Cassian se irritou. — *Diga a ela, Cassian.*

O idiota tinha usado esse domínio inerente sobre ele. Cassian rangeu. — Qualquer um que puxar um guerreiro do Rito de Sangue será caçado e

executado. Junto com o guerreiro que é desonrosamente removido do Rito.

Feyre esfregou o rosto. — Então, Nestha, Emerie e Gwyn têm que permanecer no Rito.

— Nem mesmo eu posso quebrar essas regras — disse Rhys um pouco mais suave. — Não importa o quanto eu queira — acrescentou ele, segurando o ombro de Cassian.

O estômago de Cassian revirou. Nestha e as amigas dela — suas amigas — estavam no Rito. E ele não podia fazer nada para interferir, não sem condenar a todos. Suas mãos tremeram. — Então, o quê? Nós apenas sentamos em nossas bundas por uma semana e esperamos? — A ideia era horrível.

Feyre agarrou seus dedos trêmulos, apertando com força. — Você... Cassian, você não estava ouvindo nada quando chegamos aqui?

Não. Ele mal tinha ouvido alguma coisa.

Azriel disse com firmeza — Meus espiões ficaram sabendo que Eris foi capturado por Briallyn. Ela enviou seus soldados restantes atrás dele enquanto ele estava caçando com seus cães. Eles o pegaram e de alguma forma, todos foram atravessados de volta ao palácio dela. Estou supondo que usando o poder de Koschei.

— Eu não me importo — Cassian apontou para a porta. Mesmo se... Foda-se. Não tinha sido ele quem disse a Rhys para não ir atrás daqueles soldados? Para deixá-los em paz? Ele era um idiota. Ele havia deixado um inimigo armado em seu ponto cego e se esquecido disso. Mas Eris poderia apodrecer por tudo o que importava.

Az disse — Temos que tirá-lo de lá.

Cassian parou abruptamente. — Nós?

Rhys se aproximou de Azriel, Feyre ao lado dele. Uma parede formidável. — Não podemos ir — disse Feyre, acenando para Rhys. Não precisava de

explicação: com o bebê a menos de dois meses de distância, Feyre não estaria arriscando nada. Mas Rhys...

Cassian desafiou seu Grão-Senhor. — Você pode entrar e sair em uma hora.

— Eu não posso ir — Tempestades da meia-noite rodopiaram nos olhos de Rhys.

— Sim, você pode, porra — disse Cassian, a raiva crescendo como uma onda que varreria tudo em seu caminho. — Você...

— Não posso.

Foi uma agonia... uma agonia pura e não diluída que encheu o rosto de Rhys. E medo. Feyre deslizou seus dedos tatuados pelos de Rhys.

Amren perguntou bruscamente — Por quê?

Rhys olhou para a tatuagem nos dedos de Feyre, entrelaçada com os dele. Sua garganta balançou. Feyre respondeu por ele. — Fizemos uma barganha. Depois da guerra. Para... deixar este mundo somente se formos juntos.

Amren começou a massagear as têmporas, murmurando uma oração por sanidade.

Azriel perguntou — Vocês fizeram uma barganha para morrer juntos?

— Tolos — Amren sibilou. — *Tolos* românticos e idealistas. — Rhys voltou os olhos sombrios para ela.

Cassian não conseguia acalmar sua respiração. Az ficou parado como uma estátua.

— Se Rhys morrer — disse Feyre com a voz rouca, o medo brilhando em seus próprios olhos — eu morro — Seus dedos roçaram sua barriga inchada. O bebê também morreria.

— E se você morrer, Feyre — disse Azriel baixinho — então Rhys morre.

As palavras soaram vazias e frias como um toque de morte. Se Feyre não sobrevivesse ao parto...

Os joelhos de Cassian ameaçaram ceder. O rosto de Rhys estava tenso de súplica e dor. — Nunca pensei que fosse acabar assim — disse Rhys calmamente.

Amren massageou as têmporas novamente. — Podemos discutir a idiotice dessa barganha mais tarde — Feyre olhou para ela, e Amren olhou de volta antes de dizer a Cassian — Você e Azriel precisam recuperar Eris.

— Porque não você?

Feyre beliscou a ponta do nariz. — Porque Amren está...

— Sem poderes. — Amren rosnou. — Você pode dizer isso, garota.

Feyre estremeceu. — Mor partiu para Vallahan esta manhã e está fora do alcance da nossa magia daemati. Az não pode entrar sozinho. Precisamos de você, Cassian.

Cassian ficou imóvel. Eles apenas esperaram.

Para Nestha participar do Rito de Sangue, para arriscar todo horror e miséria enquanto ele ia salvar a porra do Eris... — Deixe-o morrer.

— Por mais tentador que seja — Disse Feyre — ele representa um grande perigo para nós nas mãos de Briallyn. Se ele estiver sob a influência da Coroa, ele revelará tudo o que sabe — Ela perguntou a Cassian: — O que ele sabe sobre nós, exatamente?

— Demais — Cassian pigarreou. Através de suas próprias brigas, através de sua necessidade de incitar Eris, ele tinha revelado muito. — Ele estava preocupado com o que faríamos com Nestha como um poder para a Corte Noturna, e com todos os três objetos dos Tesouros da Morte à nossa disposição. Ele pensou que a Corte Noturna poderia se virar e tentar algum tipo de tomada de poder.

Feyre disse esperançosa — Talvez a adaga Feita que demos a ele conceda a ele imunidade da Coroa. Se ele estiver carregando a adaga, se eles não o desarmaram, isso pode protegê-lo contra outro objeto feito.

— Mas não sabemos disso. — Rebateu Rhys. — E ele ainda estará nas garras de Briallyn. Ela pode ser capaz de sentir a adaga sozinha... e ela pode responder a ela.

Az acrescentou sombriamente — E existem muitos outros métodos para fazê-lo falar.

Amren interrompeu — Você precisa ir agora. — Ela se virou para Feyre e Rhys. — Voltaremos a Velaris e teremos uma longa e agradável conversa sobre essa sua barganha.

Cassian não se preocupou em ler as expressões de Feyre e Rhys enquanto olhava para a pequena janela, o deserto além. Como se pudesse ver Nestha ali.

Ele convocou sua armadura, as escamas e placas intrincadas, prendendo-se com uma familiaridade reconfortante sobre seu corpo. — Treinei bem Nestha. Treinei todas elas bem — ele disse, sua garganta trabalhando. Ele acrescentou ao silêncio enquanto Az batia em seus Sifões e sua própria armadura aparecia. — Se alguém pode sobreviver ao Rito de Sangue, são elas.

Se elas pudessem se encontrar.



Nestha disparou em uma corrida em direção à árvore com a faca, o macho entrando em movimento apenas um batimento cardíaco depois.

Ele tropeçou nos corpos espalhados, mas Nestha manteve os joelhos erguidos. Um espelho de cada exercício de pé que elas fizeram com a escada no chão, como se esses corpos fossem degraus de corda a evitar. A memória muscular entrou em ação, ela mal olhou para o emaranhado de

galhos enquanto mirava na árvore. Mas o macho encontrou seu equilíbrio e se aproximou rapidamente.

Alguém deve ter plantado a arma, sob a cobertura da escuridão na noite passada ou semanas atrás. O Rito de Sangue era selvagem o suficiente sem armas verdadeiras — apenas as armas que eles faziam — mas com o aço real deixado ali...

O macho tinha uns bons quinze centímetros e cem quilos sobre ela. No combate físico, ele possuía todas as vantagens. Mas se ela pudesse conseguir aquela faca...

Nestha se livrou dos corpos, as pernas voando enquanto corria os últimos metros até o tronco da árvore com a mão estendida. Ela encostou no cabo da faca...

O macho se lançou contra ela com toda a força de um guerreiro Illyriano adulto.

Ela perdeu o fôlego com o impacto enquanto eles caíam... e para a beirada da colina do outro lado da árvore.

Eles caíram em direção ao leito do riacho trinta metros abaixo, cambaleando enquanto desciam a encosta da colina. Pedras e folhas racharam e arranharam contra ela, asas estalaram acima e abaixo dela, seu cabelo chicoteou em seu rosto enquanto suas mãos lutavam...

Nestha bateu no leito do rio com tanta força que sua espinha gemeu, o macho pousando em cima dela, enviando cada fragmento restante de ar explodindo de seus pulmões.

Suas asas estremeceram. Mas ele não se mexeu.

Nestha abriu os olhos e se encontrou olhando em seu olhar cego. Para encontrar a mão dela apertando a adaga que ela enterrou em sua garganta, encharcada de sangue quente.

Grunhindo, Nestha rolou para longe. Deixou a adaga saindo da garganta dele, o sangue ainda vazando do ferimento. A faca perfurou todo o caminho até a nuca.

Nestha cuspiu um bocado de sangue nas pedras secas. Sua camisola estava coberta de sangue e sujeira, sua pele em carne viva e ardendo. Mas ela estava viva. E o macho não.

Nestha se permitiu inspirar lentamente pelo nariz, contando até seis. Ela prendeu a respiração, então lentamente a soltou. Fez o exercício de respiração mais duas vezes. Avaliou o estado de seu corpo, desde a cabeça latejante até os pés dilacerados. Respirou novamente.

Quando sua mente se acalmou, Nestha puxou a faca da garganta do macho. Em seguida, tirou as roupas, peça por peça, incluindo as botas. Ela se vestiu com eficiência fria, tirando a camisola ensanguentada e jogando-a no rosto do macho em uma zombaria de uma mortalha funerária, então enfiou a faca no cinto que ela apertou o mais forte que pôde. As roupas caíam dela, e as botas muito largas poderiam ser um risco, mas era melhor do que a camisola.

E então ela foi encontrar suas amigas.

65

Nestha escalou o outro lado do vale para encontrar a terra adiante sem guerreiros. Atrás dela, através da pequena ravina, os outros ainda dormiam. Nenhum sinal de Emerie ou Gwyn entre eles. E também nenhum sinal de onde elas poderiam estar.

Cassian disse a ela enquanto estava deitado na cama uma noite, suado e exausto, que havia três lugares de despejo para o Rito — um no norte, um no oeste e um no sul. Suas amigas tinham que estar nos outros, juntas ou uma em cada. Elas ficariam apavoradas quando acordassem.

Gwyn...

Nestha recusou-se a considerar isso enquanto corria entre os pinheiros, colocando distância entre ela e os guerreiros adormecidos antes de encontrar uma árvore alta. Ela escalou, a seiva rapidamente cobrindo seus dedos, e quando ela passou pela copa...

Ramiel poderia muito bem estar do outro lado do oceano. Ela apareceu bem à frente, com duas montanhas e um mar de floresta e os deuses sabiam o que mais havia entre ela e suas encostas estéreis. Parecia idêntica à pintura de Feyre. Ela olhou para o sol, depois para o tronco abaixo dela, em busca de musgo. Ali — logo abaixo de seu pé esquerdo.

Ramiel estava a leste. Então ela foi jogada no oeste, e as outras...

Ela tinha que escolher o norte ou o sul. Ou seria melhor ela estar indo para a montanha e torcendo para encontrá-las ao longo do caminho?

Ela vasculhou sua memória em busca de qualquer conselho que Cassian pudesse ter dado a ela descuidadamente. Cassian... Talvez ele já estivesse a caminho para salvá-la.

A bolha de esperança em seu peito se rompeu. Ele não poderia resgatá-la. Ele próprio a informou sobre as leis que proibiam tal coisa. Ele seria executado, e ela também. Até mesmo Rhysand ou Feyre não podiam impedir isso.

Cassian não estava indo salvá-la. Ninguém estava indo salvar ela, ou Emerie, ou Gwyn.

Nestha flexionou os dedos, trabalhando algum movimento de volta para eles depois de ficar parada por tanto tempo. Ela xingou baixinho com o sangue que escorria dos pequenos cortes em suas mãos.

Eles deveriam estar curados agora. Mas a magia que vinculava o Rito também suprimia qualquer magia de cura dentro do sangue de um feérico, aparentemente. Incluindo a dela.

Qualquer ferimento poderia ser fatal. Se curaria em um ritmo humano e mortal. Nestha se permitiu tomar mais algumas respirações lentas e firmes. Ela poderia fazer isso. *Faria* isso.

Ela salvaria suas amigas. E a si mesma.

Gritos ecoaram atrás dela. Os outros estavam acordando. Praguejando, Nestha desceu correndo da árvore, com a casca e as farpas de pinheiro grudando em suas mãos incrustadas de seiva. Ela tinha que escolher uma direção e já estar correndo quando chegasse ao chão.

A comoção atrás dela tornou-se acentuada por gritos.

Ela olhou para trás, certificando-se de que ninguém estava avançando sobre ela. E ao fazer isso, ela pegou um vislumbre de luz da pulseira tecida em seu pulso esquerdo. Do pequeno talismã de prata no meio, brilhando na luz.

Não, estava *cintilando*.

Nestha passou a ponta do dedo sobre o talismã. Ele zumbiu contra sua pele. O pavor percorreu seu corpo — um formigamento em sua nuca, como se uma voz suave sussurrasse: *Depressa*.

Nestha se virou para ver melhor contra o sol, mas a luz dentro do talismã desapareceu. Ela girou para o norte. O talismã brilhou novamente.

Com as sobrancelhas erguidas, ela inclinou o braço para o leste: nada. Sul: apenas um cintilar fraco. Nenhum senso de urgência, de puro pânico. Mas ao norte... O talismã brilhou, e novamente aquele pavor a encheu.

Nestha respirou fundo, lembrando-se daquela noite na Casa quando elas fizeram as pulseiras. Lembrando o desejo dela para elas: *A coragem de sair para o mundo quando estivermos prontas, mas sempre podermos encontrar o caminho de volta uma para a outra. Não importa o que aconteça.*

Ela *Fez* os talismãs. Os tornou guias. E qualquer uma de suas amigas que estivesse ao sul não corria tanto perigo quanto aquela ao norte.

O terreno naquele caminho era íngreme. Uma pequena bênção. Os outros guerreiros provavelmente escolheriam o caminho mais rápido e fácil para Ramiel e evitariam uma rota que envolvesse escalada.

Mas como os talismãs poderiam funcionar ali? O Rito baniu a magia, tanto de um portador quanto de qualquer item. A menos que o poder em torno do Rito não suprimisse os objetos Feitos. Os feitiços de Feéricos tinham que ser proferidos com cuidado, talvez quem quer que tenha composto esse feitiço para os Illyrianos nunca tenha considerado a possibilidade de um objeto Feito acabar no Rito.

No entanto, seu próprio poder estava dormente. Ela se lançou para dentro, procurando por ele, mas apenas o vazio a encontrou.

Sua garganta se apertou. Ela mesma era uma coisa Feita, e ainda assim era uma pessoa também. A magia a reconheceu como uma *pessoa* e não como uma coisa.

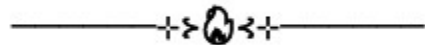
Ela não tinha percebido o quanto precisava ter essa distinção mostrada. Ela inalou o pinheiro e a promessa distante de neve. *Viva*. Mesmo neste lugar dos infernos, ela estava viva.

E ela se certificaria de que suas amigas também estivessem.

Exalando lentamente, controlando sua respiração, Nestha baixou o braço e começou a se mover.

Suas botas folgadas demais atingiram o chão, os dedos dos pés deslocando-se dentro delas.

No momento em que Nestha se endireitou, verificando a faca ao lado do corpo, ela já estava seguindo para o norte.



Ocorreu a Nestha depois de dez minutos correndo colina acima, o amuleto cintilante ainda a impelindo, seus pés naquelas botas infernais escorregando para um lado e para outro, que ela precisava de água. E comida. E precisaria de abrigo antes do pôr do sol. E teria que decidir se arriscaria uma fogueira ou possivelmente morrer de frio apenas para evitar ser encontrada.

As roupas que ela roubou do macho não eram grossas o suficiente para ajudá-la a sobreviver à noite. E se o céu cinza fosse qualquer indicação, neve ou chuva poderiam ser iminentes.

Mas nenhum guerreiro estava em seu encalço. Pelo menos isso. A não ser que eles fossem tão discretos quanto Cassian e Azriel.

O pensamento a fez checar seu ritmo frenético, silenciando seus passos. Colocando a pulseira e o talismã iluminado em sua manga para esconder seu brilho na penumbra. Tentando deixar escassas evidências de sua passagem ao escalar uma colina particularmente íngreme e inspecionar o terreno além.

Mais árvores e pedras e...

Nestha caiu no chão quando uma flecha passou zunindo. A porra de uma flecha — a faca não tinha sido um acaso. Alguém deixou armas no Rito de Sangue. Nestha examinou a terra atrás dela em busca da flecha. Ali — presa na base de uma árvore.

Ela deslizou monte abaixo até chegar lá, arrancou-a e enfiou-a no cinto. Em seguida, subiu a colina novamente, mantendo-se abaixada, enquanto espiava do topo mais uma vez.

E ficou cara a cara com uma ponta de flecha afiada.

— Levante-se. — o guerreiro rosnou.



A cada légua que Cassian voava ao redor do castelo que uma vez fora compartilhado pelas rainhas, ele xingava Eris por ser estúpido o suficiente para ser capturado. Agora esta era a fortaleza de Briallyn, ele supôs. Trilhas de neve ainda criavam crostas na terra aberta e montanhosa, embora os primeiros botões e brotos da primavera tivessem aparecido. Ele se mantinha alto o suficiente para dificultar a respiração, tão alto que não pareceria mais do que um pássaro muito grande para qualquer humano no chão. Mas com sua visão Feérica, ele podia ver claramente o que cruzava a terra.

Ele não viu nada de Eris, no entanto. Nenhum cabelo ruivo, nenhum pingo de fogo, nenhum indício de seus soldados. Azriel, circulando na direção oposta, sinalizou que também não tinha visto nada.

Foi um esforço manter o foco. Continuar voando, circulando como abutres, quando sua mente vagava para o noroeste. Para as montanhas Illyrianas, e o Rito de Sangue, e Nestha.

Ela tinha sobrevivido à adrenalina inicial? Os guerreiros estariam acordando agora.

Eris desgraçado. Como ele poderia ter sido imprudente o suficiente para deixar aqueles soldados se aproximarem?

Cassian novamente examinou o terreno abaixo, lutando para manter a respiração estável no ar. Ele encontraria Eris rapidamente. Chutaria sua bunda, se ele tivesse tempo.

E então? Ele não podia fazer nada para ajudar Nestha. Mas pelo menos ele poderia estar mais perto do Rito. Se o pior acontecesse...

Ele eliminou o pensamento. Nestha sobreviveria. Gwyn e Emerie sobreviveriam.

Ele não permitiria outra alternativa.

66

O guerreiro Illyriano era menor do que o que Nestha matou, mas este macho havia colocado as mãos em um arco e flecha.

— Dê-me suas armas. — Ele ordenou, os olhos lançando-se sobre ela, notando o sangue cobrindo seu rosto, formando crostas em seu queixo e pescoço.

Nestha não se moveu. Nem mesmo abaixou o queixo.

— Dê-me a *porra* das suas armas. — O homem avisou, a voz mais aguda.

— De onde você veio? — Ela exigiu, como se ele não tivesse uma flecha apontada para seu rosto. E então, antes que ele tivesse tempo de responder. — Havia outra fêmea lá?

O macho piscou — e foi a única confirmação de que Nestha precisava antes de entregar a flecha. Lentamente, lentamente, estendeu a mão para a faca.

— Você a matou também? — Sua voz caiu para gelo puro.

— A vadia aleijada? Eu a deixei com os outros. — Ele sorriu. — Você é uma presa melhor de qualquer maneira.

Emerie. Ela não poderia estar muito longe, se este macho já a tivesse visto. Nestha puxou a faca.

O macho manteve a flecha apontada.

— Solte a faca e recue dez passos.

Emerie estava viva. E nas proximidades. E em perigo. E esse filho da puta não iria impedir Nestha de salvá-la. Ela curvou a cabeça, os ombros caídos no que ela esperava que o homem acreditasse ser uma demonstração de resignação. De fato, ele sorriu.

Ele não tinha chance.

Nestha baixou a faca. E sacudiu seu pulso, os dedos abertos enquanto ela deixava-a se elevar em direção ao macho.

Bem em sua virilha.

Ele gritou, e ela avançou quando a mão dele soltou o arco. Ela se chocou contra ele e a arma, a corda bateu em seu rosto com força suficiente para arrancar lágrimas, mas eles caíram, e ele estava gritando...

Ninguém ficaria entre ela e suas amigas.

Sua mente deslizou para um lugar frio e calmo. Ela agarrou o arco, arremessou para longe. Quando o homem se contorceu no chão, tentando arrancar a faca que perfurava suas bolas, ela saltou sobre ele, empurrando-a com mais força. Seu grito fez os pássaros se espalharem pelos pinheiros.

Nestha torceu a lâmina tirando-a do homem, deixando-o deitado ali. Ela agarrou as duas flechas, mas não se incomodou em liberar a aljava presa sob as costas dele. Ela recuperou o arco Illyriano, agarrou sua faca e correu na direção de onde ele tinha vindo.

Seus uivos a seguiram por quilômetros.



Um rio anunciou sua presença bem antes de Nestha alcançá-lo. O mesmo fizeram os guerreiros próximos à margem, tentando falar uns com os outros, analisando o terreno, ela adivinhou — enquanto enchiam o que pareciam ser cantis. Como se alguém tivesse deixado isso também.

Nenhum sinal de Emerie.

Ela se manteve atrás de uma árvore, contra o vento, e ouviu.

Nem um sussurro sobre Emerie ou outra fêmea. Apenas tensas regras sobre as alianças que estavam formando, como chegar até Ramiel, quem havia deixado as armas e cantis para eles...

Ela estava prestes a procurar um local fácil para cruzar o rio, longe dos machos, quando ouviu — Pena que aquela vadia escapou. Ela teria sido um bom entretenimento nas noites frias.

O corpo de Nestha ficou completamente imóvel. Emerie tinha chegado até o rio. Viva.

— Ela provavelmente foi levada pela água no meio da montanha — Outro disse, bebendo da água corrente. — Se ela não morreu pelas correntezas, os animais vão pegá-la antes do amanhecer.

Emerie deve ter pulado no rio para fugir desses homens.

Nestha correu os dedos pelo arco pendurado no ombro. As flechas em seu cinto pendiam como pesos. Ela deveria matá-los por isso. Disparar essas duas flechas em dois deles e *matá-los* por ferir sua amiga...

Mas se Emerie sobreviveu...

Ela se afastou da árvore. Saltou para a próxima. E a próxima. Seguiu o rio, seus passos pouco mais do que o sussurro da água sobre a pedra.

Através dos pinheiros, descendo as colinas. As correntezas aumentaram, as rochas aparecendo como lanças negras. Uma estrada de cachoeira à frente. Se Emerie tivesse alcançado ali...

As correntezas caíram pela borda, chegando ao fundo trinta metros abaixo. Não tinha como sobreviver a isso.

A garganta de Nestha secou.

E secou ainda mais ao ver o que havia do outro lado do rio, presa em uma árvore caída que se projetava da margem rochosa diretamente na borda da cachoeira.

Emerie.

Nestha correu para a beira da água, mas arrancou seu pé de volta de seus dedos gelados. Emerie parecia inconsciente, mas Nestha não se atrevia a gritar seu nome. Um olhar para o céu revelou o sol em seu ponto de meio de tarde, mas ele não ofereceu calor, não ofereceu salvação.

Há quanto tempo Emerie estava na água gelada?

— Pense — Nestha murmurou. — Pense, pense.

Cada minuto na água corria o risco de matar Emerie. Ela estava muito distante para discernir quaisquer ferimentos, mas ela não se agitou contra o ramo. Apenas seus contratempos as asas mostraram qualquer sinal de vida.

Nestha tirou suas roupas. Desejou ter levado a camisola para amarrar a faca e as duas flechas ao redor de sua perna, em vez de deixá-las na margem, mas ela não teve escolha. Ela pegou o arco Illyriano, amarrando-o através de seu peito, o fio escavando sua pele nua.

Nua, ela olhou a distância entre as quedas, as correntezas, as rochas, e Emerie.

— De pedra em pedra — Ela disse a si mesma. Se preparou para o frio.

E saltou para a água.

Nestha ofegou e cuspiu com o choque gelado, as mãos tremendo com tanta força que ela temia perder o apoio sobre as rochas escorregadias e ser atirada sobre as quedas. Mas ela continuava. Apontando para Emerie. Cada vez mais perto, até que finalmente ela nadou freneticamente entre a última rocha e o banco do rio — e Emerie estava atirada sobre a árvore semi-submersa além dela.

Tremendo, dentes batendo, Nestha arrastou Emerie livre dos galhos e mais acima do banco, depois se agachou sobre ela.

O rosto de Emerie estava espancado, seu braço sangrando de um corte em seu bíceps. Mas ela respirava.

Nestha conteve seu soluço de alívio e sacudiu suavemente sua amiga.

— Emerie, acorde.

A fêmea sequer gemeu de dor. Nestha procurou com a mão através do cabelo escuro de Emerie, e seus dedos saíram ensanguentados.

Ela tinha que levá-la para o outro lado do rio. Encontrar abrigo. Fazer uma fogueira e aquecê-las. O arco que ela carregava não era suficiente para protegê-las. Nem de perto.

— Muito bem, Emerie. — Os dentes de Nestha batiam tanto que lhe doíam o rosto. — Desculpe por isto.

Ela agarrou a camisola de sua amiga e a rasgou pelo meio, expondo o corpo fino e tonificado de Emerie para os elementos. Nestha rasgou a camisola e a torceu em uma longa corda, depois soltou o arco.

— Você não vai gostar desta parte — disse Nestha, através de seus dentes batendo, levando Emerie de volta à água. — Nem eu — murmurou ela, água gelida mordendo seus pés dormentes.

Fria como o Caldeirão. Fria como...

Nestha deixou o pensamento passar, fazendo com que ele passe à deriva como uma nuvem. Focada.

Ela conseguiu colocar Emerie na água até a cintura, segurando-a tão apertado quanto seus dedos trêmulos permitiam. Em seguida, ela atirou sua amiga nas suas costas e prendeu o arco illyriano ao redor das duas, deixando o fio quase inquebrável cavar em seu próprio peito para que a madeira descansasse contra a coluna vertebral de Emerie, amarrando-as juntos.

— Melhor do que nada. — Ela laçou os braços frouxos de Emerie ao redor de seus ombros, depois pegou a camisola de dela e a enrolou em torno de seus pulsos, prendendo-os. — Segure firme — ela avisou, mesmo que Emerie seguisse um peso imóvel nas suas costas

Rocha a rocha. Assim como ela havia feito antes. Rocha a rocha e depois de volta a margem.

Rocha a rocha. Passo a passo.

Ela havia descido dez mil degraus na Casa do Vento. Tinha descido mais do que isso ao longo destes meses. Ela podia fazer isso.

Nestha se moveu mais profundamente na água, contendo seu choro ao frio.

Emerie balançou e bateu nela, e o arco Illyriano cravou no peito de Nestha com força suficiente para cortar a pele. Mas ele segurou.

Passo a passo.

Quando Nestha voltou para a margem distante, tremendo, quase soluçando, o fio do arco havia tirado sangue. Mas elas estavam em terra firme, e suas roupas e armas estavam lá, e — e agora para encontrar calor e abrigo.

Nestha colocou Emerie sobre as agulhas de pinheiro, cobrindo sua amiga com as roupas que ela havia deixado para trás, e juntou a madeira que ela podia carregar. Nua, tremendo, ela mal conseguia segurar os bastões de madeira em seus braços enquanto os empilhava perto de Emerie. Seus dedos trêmulos lutaram para esfregar os bastões por tempo suficiente para acender uma faísca, para coaxar o cintilar de uma chama, mas — estava lá. Fogo. Ela invadiu a área, buscando toras caídas, rezando para que não estivessem muito molhadas da névoa das correntezas para pegar fogo.

Quando o fogo crepitava constantemente, Nestha se enfiou debaixo de sua pilha de roupas ao lado de Emerie e envolveu seus braços ao redor de sua amiga, suas peles se pressionando. Ambas estavam geladas, mas o fogo estava quente, e por baixo das roupas grandes do macho, o frio da água começou a desvanecer.

Mas elas estavam totalmente expostas ao mundo. Se alguém aparecesse, elas estariam mortas.

Nestha segurava Emerie, sentindo seu corpo se aquecer por incrementos. Observando sua respiração se acalmar. Sentindo seus próprios dentes batendo se acalmarem.

Em breve seria noite. E o que surgiria no escuro...

Nestha lembrou dos contos de Cassian sobre os monstros que rondavam estes bosques. Ela engoliu, enrolando os braços com mais força ao redor do Emerie. Ela olhou para seu braço, o encanto ainda brilhava fraco, apontando apenas para o sul agora. Um único vislumbre de esperança, de direção. O que tinha acontecido com Gwyn? Será que ela estava suportando seus piores pesadelos novamente? Será que ela...

Nestha se concentrou em sua respiração. Parou sua mente.

Ela sobreviveria à noite. Ajudaria a Emerie. Então encontraria Gwyn.

Ao redor de um rio, ela tinha aprendido em sua caminhada com Cassian, um sistema de cavernas. Foram muitas vezes esculpidas pela água. Mas para encontrar uma, ela teria que deixar Emerie...

Nestha olhou para o sol que desaparecia, depois escorregou para fora de debaixo da pilha de roupas. Ela cobriu Emerie com folhas e galhos, acrescentou outro tronco ao fogo, e arriscou levar o casaco do macho para se embrulhar.

Ela calçou as botas, apesar de seus pés com bolhas terem se oposto, e fez um círculo cuidadoso ao redor do acampamento, ouvindo por qualquer coisa. Qualquer um. Analisando cada rocha e rocha fendida.

Nada.

O céu escureceu. Tinha que haver cavernas em algum lugar por aqui. Onde estavam, *porra*? Onde...

— A entrada é aqui.

Nestha rodopiou, adaga para fora, para encontrar um macho Illyriano de pé a três metros de distância. Como ele surgiu, como ele havia sobrevivido, dado o corte que corria pelo lado de seu rosto...

Ele notou as próprias feridas dela, sua nudez sob o casaco, as pernas nuas e as botas. A faca.

No entanto, nenhuma luxúria ou ódio turvou seus olhos castanhos.

O macho apontou cuidadosamente para o que ela havia confundido com um rochedo coberto de folhas.

— Isso é uma caverna. Suficientemente grande para nos caber dentro.

Nestha se ergueu até a sua altura máxima. Deixou-o ver a violência fria em seus olhos.

— Você não sobreviverá uma hora no chão uma vez que a noite cair. — O macho disse, seu rosto de menino encantador neutro. — E se você ainda não está escalando uma árvore, então eu vou adivinhar que tem alguém ferido com você.

Ela não revelou nada.

Ele levantou as mãos. Sem armas, sem sangue nele, a não ser o corte que vazava na cara dele.

— Eu vim do local de desembarque para o oeste. — De onde ela tinha vindo. — Eu vi o corpo na ravina... Você fez aquilo com Novius, não fez? Ele estava nu. Você está com a roupa de um macho. E essa deve ser a faca que perfurou a garganta dele. Você sabe quem diabos jogou armas aqui?

Nestha manteve seu silêncio. A noite se aprofundou em torno deles.

O homem encolheu os ombros quando ela não respondeu.

— Eu decidi ir para o norte, na esperança de alcançar Ramiel por um caminho menos viajado, evitando conflitos com os outros inteiramente, se eu puder. Eu não tenho nenhuma desavença com você. Mas eu vou entrar

naquela caverna agora, e, se você for esperta, você trará quem quer que esteja com você e virá para dentro, também.

— E deixar você pegar minhas armas e me matar enquanto durmo?

Os olhos castanhos do macho cintilaram.

— Eu sei quem você é. Eu não sou estúpido o suficiente para ir atrás de você.

— É o Rito de Sangue. Você seria perdoado.

— Feyre Quebradora da Maldição não me perdoaria por matar sua irmã.

— Então você faz isso para ganhar o favor dela?

— Isso importa? Eu juro pelo próprio Enalius não matar você ou quem quer que esteja com você. É pegar ou largar.

— Não nos matar ou nos ferir de qualquer forma. E não deixar que ninguém que você conheça o faça, também.

Um leve sorriso.

— Você se adaptou rapidamente às regras dos feéricos. Mas sim. Eu juro isso também.

A garganta de Nestha se moveu enquanto ela pesava a expressão do macho. Olhou de relance para a entrada escondida da caverna atrás dele.

— Preciso de ajuda para carregá-la.



Eles não arriscaram uma fogueira na caverna, mas o macho, cujo nome era Balthazar, ofereceu sua capa de lã espessa para cobrir Emerie. Nestha deslizou Emerie para dentro das roupas do macho morto, deixando-a

vestindo apenas o casaco de couro, e embora fosse contra todos os seus instintos, ela permitiu que Balthazar se sentasse de seu outro lado, o calor dele vazando para seu corpo gelado..

— Quando amanhecer, desapareça — disse Nestha no escuro da gruta mofada e cheia de lama, ao cair da noite.

— Se sobrevivermos à noite, terei prazer em ir — disse Balthazar. — As bestas da floresta podem cheirar o sangue de sua amiga e nos seguir até esta caverna.

Nestha deslizou seu olhar para o jovem guerreiro.

— Por que você não está lá fora matando todo mundo?

— Porque eu quero chegar à montanha e me tornar Oristian. Mas se eu encontrar alguém que gostaria de matar, não hesitarei.

O silêncio caiu, e permaneceu.

Em poucos momentos, galhos se quebraram.

O corpo de Baltazar se apertou, sua respiração ficou impossivelmente quieta. No breu negro da caverna, os únicos sons eram o farfalhar de suas roupas e as folhas sob elas.

Um uivo invadiu a noite, e Nestha recuou, puxando Emerie para mais perto de seu lado.

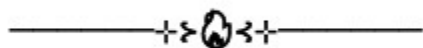
Mas os galhos que estalavam e os uivos se afastaram, e o corpo de Balthazar relaxou.

— É apenas o primeiro — sussurrou ele para a escuridão. — Eles vão rondar até o amanhecer. — Ela não queria saber o que estava lá fora. Não quando a gritaria começou à distância. — Alguns podem subir em árvores — murmurou Balthazar. — Os guerreiros idiotas esquecem disso.

Nestha permaneceu em silêncio.

— Vou fazer a primeira vigília — disse o guerreiro. — Descanse.

— Tudo bem. — Mas ela não se atreveu a fechar os olhos.



Nestha permaneceu acordada a noite inteira. Se Balthazar sabia que ela não tinha dormido durante sua vigília, ele não disse. Ela tinha usado o tempo para fazer seus exercícios de Meditação, que a tranquilizava, mas não completamente.

O crepitar da grama sob as patas e garras das bestas perseguidoras e os gritos dos Illyrianos continuaram por horas.

Quando Balthazar a cutucou com o joelho e ela fingiu estar acordando, ele apenas murmurou que ia dormir e se aconchegou contra ela. Nestha se deixou absorver o calor dele contra o ar gelado da caverna. Se sua respiração profunda era sono verdadeiro ou falso, como o dela tinha sido, ela não se importava.

Nestha manteve os olhos abertos, mesmo quando eles se tornaram insuportavelmente doloridos e pesados. Mesmo quando o calor de seus dois companheiros ameaçava acalmá-la para dormir.

Ela não dormiria. Não baixaria a guarda nem por um momento.

O amanhecer eventualmente apareceu através da grade de galhos, e os gritos e uivos se desvaneceram, desaparecendo em seguida. Uma rápida inspeção sob a luz fraca revelou que, apesar de sua amiga permanecer inconsciente, a ferida na cabeça de Emerie havia parado de sangrar. Mas...

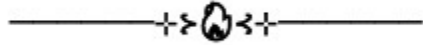
— Você encontrará muitas roupas hoje — disse Balthazar, parecendo ler sua mente. Ele pisou na luz do dia e espreitou, depois xingou soltando seu fôlego. — Muitas roupas.

As palavras mandaram Nestha correndo para fora da caverna.

Corpos com asas estavam por toda parte, muitos meio comidos.

Um vento forte balançou os cabelos escuros de Balthazar enquanto ele se afastava.

— Boa sorte, Archeron.



Eris não se encontrava em nenhum lugar nas terras ao redor do castelo das rainhas. Mas Azriel havia encontrado um comerciante humano de passagem na estrada do palácio, que não hesitou quando lhe perguntaram se um macho feérico havia chegado recentemente. Ele prontamente forneceu que um macho feérico de cabelo ruivo havia sido arrastado para o castelo na noite de anteontem. Ele ouviu na taberna que o macho seria levado em breve para outro local.

— Vamos esperar aqui até que eles deixem o castelo. Depois os seguiremos escondidos nas nuvens — disse Azriel, o rosto obscuro.

Cassian grunhiu seu acordo e arrastou uma mão pelo seu cabelo. Ele mal tinha dormido, pensando em Nestha, e em Feyre e Rhys.

Cassian e Azriel não tinham discutido a barganha de seu irmão, que condenaria Rhys se Feyre não sobrevivesse ao parto. Perdê-la seria insuportável, mas também perder Rhys... Cassian não conseguia pensar nisso sem sentir-se doente. Talvez Amren estivesse trabalhando em alguma forma de desfazer a barganha — se alguém pudesse pensar em alguma maneira, seria ela. Ou Helion, ele supunha.

Cassian e Azriel estavam além do alcance de daemati de Rhys e Feyre, no entanto. Eles não teriam notícias de nada.

Mas ele saberia se Nestha estivesse morta. Em seu coração, em sua alma, ele saberia. Sentiria.

Um parceiro sempre sabia.

Mesmo se ela tivesse rejeitado esse vínculo.



Nestha tinha sobrevivido à noite, graças à sorte idiota e a um Illyriano mais interessado em políticas do que em matar.

A exaustão retardou cada movimento enquanto Nestha escolhia seu caminho através de corpos desmembrados, tirando qualquer roupa que estivesse intacta e não manchada por sangue ou fluídos corporais. Muitos dos guerreiros tinham urinado ou defecado quando as bestas da floresta os encontraram. Encontrar um par limpo de calças era uma ordem alta.

Mas Nestha reuniu o suficiente, incluindo um par de botas menores para si e um conjunto para Emerie, e pegou outra adaga, dois cantis de água, e o que parecia ser o jantar de coelho meio comido de alguém.

Quando ela voltou para a caverna, vestida, hidratada e com meia perna de coelho na mão, Emerie estava acordada. Fraca, mas acordada. Ela não disse nada enquanto Nestha lhe deu a carne e a água, e depois a ajudou a se vestir.

Somente quando Nestha a tirou da caverna e Emerie analisou a carnificina ela falou, rouca — Gwyn?

Nestha, com o braço dela em volta do tronco de Emerie, levantou sua mão livre, aquela com o bracelete no pulso. Ela lentamente apontou seu braço em cada direção.

— Sul — disse ela quando o encanto brilhou. A localização geral de Gwyn não havia mudado desde ontem.

Emerie sugou uma respiração. Levantou seu próprio bracelete para o sul. O encanto brilhava quase freneticamente agora, emitindo um sentimento urgente de necessidade de se mover, agir, ser rápido.

A admiração passou pelos olhos de Emerie antes de se afiarem com um foco sinistro.

— Vamos depressa.

Emerie confirmou que foi atacada e perseguida pelos homens que Nestha espionou no rio. Ela saltou como uma última chance para sobreviver, bateu a cabeça em uma pedra e não se lembrou de nada até a caverna.

Nestha deu a ela um resumo rápido e brutal de seus próprios encontros enquanto elas seguiam para o sul, mantendo-se em silêncio para ouvir qualquer Illyriano que passasse. Alguns guerreiros solitários as ignoraram enquanto elas passavam com dificuldade, cobertas de sangue, todos indo para o leste; algumas matilhas lutaram entre si, e muitos mais corpos jaziam na terra fria.

Elas procuraram por algum brilho de cabelo cobre. Mas elas não viram nem ouviram nenhum sinal de Gwyn. Elas não conversaram sobre a possibilidade de seus amuletos estarem conduzindo-nas em direção a um corpo.

O dia passou e elas encontraram outra caverna ao cair da noite, aconchegando-se para se aquecer. Emerie insistiu em fazer a primeira vigília e Nestha finalmente dormiu. Quando sua amiga a acordou, Nestha teve a sensação de que Emerie a deixara cochilar por mais tempo do que deveria.

De manhã, elas emergiram para encontrar sangue misturado com a neve no chão. As pegadas de animais ao redor da boca da caverna eram grandes o suficiente para revirar o estômago de Nestha.

Logo, a neve começou a cair para valer. O suficiente para velar o mundo à frente e atrás, e quaisquer inimigos com ele. Elas estremeciam a cada passo para o sul, embora tivessem empilhado jaquetas extras de guerreiros caídos,

e à medida que a manhã se aproximava do meio-dia, Nestha flexionou os dedos para evitar que as mãos congelassem.

Se ela sobrevivesse, nunca mais reclamaria do calor do verão, nunca mais subestimaria seu casaco, seu chapéu, as luvas e aquele lenço idiota que Cassian a fizera usar em seu apartamento meses antes.

— Sinto cheiro de fogo — murmurou Emerie. Elas se falaram pela última vez horas atrás, concentrando-se em evitar o frio que era tão profundo que fazia seus dentes doerem.

Elas pararam atrás de dois pinheiros, examinando o terreno, o céu carregado de neve. Nestha consultou seu charme. — Por ali — disse ela, inclinando a cabeça para a esquerda. — O fogo também está nessa direção... O vento está carregando a fumaça daquela crista.

— Pode ser o fogo de Gwyn — sugeriu Emerie, esperançosa.

Nestha assentiu, acalmando seu coração acelerado. Elas avançaram lentamente, disparando de árvore em árvore, ouvindo qualquer perigo ao seu redor, qualquer indício de Gwyn à frente. Elas já estavam se movendo há vários minutos quando as risadas as alcançaram. Riso masculino.

O rosto de Emerie empalideceu enquanto ela segurava sua pulseira em direção à fonte das risadas. Seu amuleto brilhava, cintilando mesmo na fraca luz de inverno do sol.

— Mantenha-se a favor do vento — disse Nestha severamente. — Vamos tomar o cume do lado sul.



Uma camisola estava pendurada em um galho perto da borda do acampamento.

O estômago de Nestha subiu, seu magro café da manhã queimando sua garganta. Uma respiração suave de Emerie foi o único sinal de pavor e dor

de sua amiga enquanto escalavam o último cume em direção aos guerreiros acampados em cima dela. Eles estavam se gabando dos machos que mataram, a jornada restante em direção a Ramiel. Nestha se esforçou para ouvir qualquer indício de uma mulher entre eles. Se a camisola de Gwyn estava pendurada em uma árvore, então Gwyn...

Para o inferno chegar a Ramiel. Ela passaria o resto da semana aqui, matando todos eles lentamente.

A crista do cume ficava três metros acima.

Nestha controlou sua respiração, mantendo-a silenciosa e superficial, como as Valquírias haviam feito. Um olhar para Emerie disse a ela que a mulher estava fazendo o mesmo, mesmo com a raiva acendendo em seus olhos escuros.

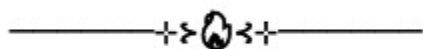
Elas decidiram antes de subir a encosta que, como as asas de Emerie arqueavam muito alto acima de sua cabeça, Nestha iria avaliar o que estava além do cume. Emerie segurava duas facas, Nestha tinha uma adaga e o arco illyriano e duas flechas. Nestha teria que usar sua espreitada para reunir informações sobre quais armas os homens tinham também.

Elas trocaram um olhar final, assim que os machos explodiram em gargalhadas e Nestha se levantou. Apenas alto o suficiente para sua visão limpar a borda da crista.

Dez homens estavam sentados ao redor de uma fogueira, comendo. Alguns tinham machados, alguns tinham espadas, alguns tinham facas. Nestha escolheu o homem do meio, rindo e falando mais alto, como o líder. Seu rosto — ela já tinha visto seu rosto antes. Em algum lugar.

Nenhum sinal de Gwyn. Nestha abaixou-se de volta, girando em direção a Emerie.

Mas Emerie se foi. Arrastada até a metade da encosta e mantida entre dois machos sorridentes.



Ninguém entrou ou saiu do castelo imponente de pedra cinza. Azriel e Cassian se revezaram circulando lá do alto, esperando por qualquer sinal de um grupo saindo, mas os portões não se abriram. Ninguém veio ou saiu da cidade murada ao seu redor. Como se os portões estivessem trancados, seu povo permaneceu lá dentro. Nenhuma aldeia pontilhava as colinas ao seu redor.

O castelo parecia ter surgido da terra e se estabelecido ali, agachado como uma enorme besta sobre a terra.

— Briallyn tem que saber que estamos aqui — disse Cassian enquanto se levantava, seu último levantamento aéreo concluído. — Você acha que ela está esperando que façamos um movimento?

— Acho que a melhor pergunta é se Eris ainda está vivo — Azriel murmurou, as sombras sussurrando em seu ouvido. — Não consigo ter uma visão clara.

— Esperar é inútil. Devíamos entrar. Mantenha-se fora de vista, para que ela nem saiba que estamos lá e fique tentada a usar a coroa conosco.

— Eu te disse o lugar é guardado com tantas proteções quanto a Casa do Vento. Se Briallyn está movendo Eris, será melhor pegá-lo quando ela fizer isso.

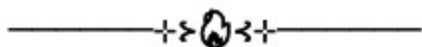
— Talvez o comerciante estivesse errado.

— Pode ser. Continuaremos a vigilância até amanhã. — Azriel cruzou os braços. — Eu sei que você quer ajudar Nestha. Talvez Amren possa encontrar alguma brecha nas leis...

Cassian engoliu em seco. — Não há brecha. Se eu interferir, ambos estaremos mortos. E mesmo se eu fizesse, Nestha me mataria se eu pulasse para salvá-la. Ela nunca me perdoaria por isso.

Ele não tinha mais nada a fazer exceto contemplar nos últimos dias. O destino de Nestha era seu. Ela era forte o suficiente para abrir seu próprio caminho, mesmo através dos horrores do Rito de Sangue. Ele ensinou a ela as habilidades para fazer isso sozinha.

E mesmo que as leis o permitissem, ele nunca tiraria isso dela: a chance de se salvar.



— Não achei que você fosse estúpida o suficiente para cair na armadilha da camisola, mas suponho que essa seja a diferença entre uma mulher pensar que é uma guerreira e a verdadeira — disse o líder de rosto frio enquanto Nestha e Emerie eram lançadas contra seus pés calçados. Ele riu, os olhos vidrados o suficiente para que Nestha se perguntasse se alguém contrabandeara uma caixa de vinho junto com as armas. — Olá, Emerie.

Nestha então reconheceu o homem. Bellius, o primo odioso de Emerie.

Emerie apenas cuspiu — Onde *diabos* ela está?

Bellius encolheu os ombros. — Encontrei a camisola alguns quilômetros atrás. Talvez algum outro guerreiro a tenha fodido e matado. — Seu sorriso continha apenas maldade. — Você não deveria ter vindo aqui, prima.

Emerie retrucou — Fui trazida aqui contra a minha vontade, *primo*. Mas agora vou gostar de provar que você e seu pai estão errados.

Seus dentes brilharam na luz fraca e nevada através da copa da floresta. — Você desgraçou seu pai. Desonrou nossa família.

Nestha olhou suas armas aos pés do homem, todas cedidas após a captura de Emerie.

— Foi você quem sabotou o Rito com essas armas? — Nestha ferveu.

Bellius riu de novo, embora seus olhos permanecessem turvos. Flocos de neve se acumularam em seu cabelo escuro. — Eu não chamaria de sabotagem. E ela também não.

Nestha congelou. Ela tinha visto aquele olhar vidrado antes — nos rostos dos soldados de Eris.

E essa palavra... ela. Briallyn tinha de alguma forma enredado Bellius com a Coroa? Ele parecia com os olhos vidrados quando ela o viu na loja de Emerie meses atrás. Quando ele voltou recentemente de uma viagem de reconhecimento ao continente. Briallyn deve tê-lo interceptado então. Talvez tenha usado a Coroa para influenciar os illyrianos a quebrar suas regras sagradas do Rito, para plantar as armas aqui. Mas por quê?

Bellius disse a Emerie enquanto a fêmea tremia de raiva — Você sabe que não posso deixar você sair daqui viva. Nossa família nunca se recuperaria da vergonha.

— Foda-se — Emerie rosnou. — Foda-se sua família.

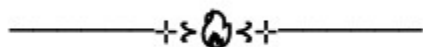
Bellius apenas olhou para Nestha, sorrindo fracamente. Ele limpou a neve dos ombros de sua jaqueta. — Eu tenho a primeira chance com a cadela Grã-Feérica — ele disse a seus guerreiros.

O intestino de Nestha se agitou, ácido queimando por ela. Ela tinha que encontrar alguma maneira de sair disso, mesmo em menor número, desarmada, sem magia...

O puro pânico e raiva no rosto de Emerie disseram a ela que sua amiga também estava sem solução.

Bellius deu um passo na direção delas.

E então o sangue respingou na lateral de seu rosto quando as entranhas de um de seus comparsas espirraram na neve diante dele.



A coisa que rastejou sobre a crista foi criada com pesadelos. Parte gato, parte serpente, todo feito de pelo preto e garras afiadas e dentes em forma de gancho. Ele parou na borda do acampamento. Não olhou para o cadáver destripado do guerreiro cujo abdômen ele havia aberto com um único golpe. O sangue manchava a neve ao redor dele em um amplo círculo.

Os guerreiros, Bellius com eles, se prepararam. Bellius desembainhou a espada.

A criatura saltou. Guerreiros gritaram, armas brilhando na batalha ensanguentada e estridente.

— *Corra* — Nestha ordenou a Emerie, pondo-se de pé. Ela agarrou suas armas, e Emerie se lançou para agarrar uma espada que voou da mão de um guerreiro para a neve.

Uma voz feminina soou do outro lado do cume. — *Aqui!*

Nestha quase soluçou com a voz, com a cabeça de cabelo acobreado que apareceu, a mão acenando enquanto Bellius e seus homens se enfrentavam contra a coisa que os rasgava. Nestha e Emerie alcançaram o topo da colina e escorregaram, espalhando neve. Gwyn esperava do outro lado, ensanguentada e com roupas de guerreiro, o rosto sujo e rasgado, mas os olhos nítidos.

— *Sigam-me* — Gwyn respirou, e elas não perderam nenhum esforço em discutir enquanto caíam pela encosta e correram por entre as árvores, visando o sudeste.

Elas correram até que os gritos dos guerreiros, os rugidos da besta, estivessem distantes. Até que eles desapareceram completamente.

Elas pararam perto de um filete de um riacho na neve, ofegando tanto que Nestha teve que se encostar em uma árvore.

— *Como?* — Emerie engasgou.

— Eu acordei antes dos outros — Gwyn disse entre respirações, uma mão em seu peito.

— Eu também — disse Nestha. — Eu pensei que era porque eu fui Feita, mas talvez seja porque você e eu não somos illyrianos.

Gwyn assentiu. — Comecei a correr e encontrei um esconderijo de armas quase imediatamente — Ela gesticulou para o sangue em seus couros Illyrianos. — Troquei a camisola pelas roupas de outra pessoa. De um corpo, quero dizer. — Ela ergueu o pulso. — Você sabia que essa coisa brilha? Lembrei-me do seu desejo para nós: que sempre possamos encontrar o caminho de volta uma para a outra. Não importa o que. Achei que isso me levaria a você. Deve ser de alguma forma imune à proibição de magia do Rito.

Ela sorriu torto para Nestha. — Fiquei nas árvores nas duas primeiras noites, observando os animais, e vi aquele macho horrível e seus companheiros esta manhã. Vi que eles encontraram minha camisola e a exibiram, e eu sabia que eles estavam caçando você. Pensei em tirá-los antes que pudessem encontrar você.

— Você conduziu a besta direto para eles.

— Aprendi onde os animais dormem durante o dia — disse Gwyn. — E que eles ficam *muito* bravos quando acordados — Ela apontou para os cortes em seu rosto, suas mãos. — Eu mal ultrapassei aquele enquanto o conduzia em direção ao acampamento. Porém, meu tempo foi apenas de boa sorte.

Emerie estremeceu. — A Mãe cuidou de nós.

Nestha poderia ter jurado que os amuletos em suas pulseiras soltaram um zumbido suave e cantante.

Mas Gwyn estremeceu. — Ele é realmente seu primo?

— Espero poder me referir a esse triste fato no passado depois disso — disse Emerie friamente.

Nestha ofereceu-lhe um sorriso selvagem. — Precisamos seguir em frente. Se Bellius ou qualquer um de seus amigos sobreviverem, eles vão querer nos matar ainda mais agora.

Mais quatro dias. Elas tinham que durar mais quatro dias.

Gwyn disse roucamente enquanto elas se moviam para o deserto, a neve misericordiosamente clareando — Vocês duas vieram me procurar.

— Claro que sim — disse Emerie, entrelaçando sua mão com a de Gwyn, depois com a de Nestha, e apertando com força. — É o que as irmãs fazem.

Nestha de longe preferia cavernas a árvores. Mas quando a noite caiu e nenhuma caverna se revelou, ela se viu sem outra opção a não ser escalar uma árvore atrás de Emerie e Gwyn, a última revelando como tinha conseguido descansar enquanto subia uma: um longo trecho de corda. Deve ter sido um dos itens que a Rainha Briallyn mandou os illyrianos levarem, presumivelmente para amarrar nativos ou estrangulá-los, e Gwyn o usava para se amarrar ao tronco de uma árvore todas as noites. Foi longo o suficiente para que as três, sentadas lado a lado em um galho enorme, pudessem se amarrar juntas à própria árvore.

— Como você evitou que as criaturas subissem para comê-la? — Emerie perguntou a Gwyn, que estava entre ela e Nestha. — Eles estavam puxando os illyrianos dos galhos como maçãs.

— Talvez porque eu não cheire como uma Illyriana — disse Gwyn, franzindo a testa para suas roupas. — Apesar disso. — Ela acenou com a cabeça para Nestha. — Você também não. Se tivermos sorte, nossos cheiros vão mascarar o de Emerie.

— Talvez — Nestha disse, a voz se acalmando conforme a noite se aprofundava. A neve finalmente tinha parado horas atrás, e até mesmo o vento forte havia diminuído. Um pequeno milagre. Gwyn olhou para frente para olhar Emerie.

— Quanto você sabe sobre o Rito? — Emerie colocou as mãos sob as axilas para se aquecer.

— Uma boa quantia. Meu pai e meu irmão — e meus primos horríveis — falavam sobre isso sem parar. Em qualquer reunião de família, todos os homens contavam e recontavam suas histórias tão gloriosas de seus

próprios ritos. Quantos eles mataram, os animais dos quais escaparam. Nenhum deles jamais chegou a Ramiel, no entanto. — Emerie acenou com a cabeça para Nestha. — Eles sempre odiaram isso em Cassian. E Rhysand e Azriel. Eles odiaram que os três chegaram ao topo e ganharam a coisa toda.

— A montanha é tão difícil de escalar? — Gwyn perguntou, a voz baixa. Emerie grunhiu.

— Difícil de alcançar; difícil de escalar. É coberta por uma rocha irregular que corta você como um ralador de queijo. — Nestha estremeceu. — E com nossa cura desacelerada para um ritmo humano, graças às regras do Rito — Emerie continuou — teremos sorte se chegarmos inteiras ao Passo de Enalius.

— O que é isso? — Nestha perguntou. Os olhos de Emerie brilharam.

— Há muito tempo — eles nem mesmo têm uma data precisa para isso — uma grande guerra foi travada entre os Grão-Feéricos e os seres antigos que os oprimiam. Uma de suas principais batalhas foi aqui, nestas montanhas. Nossas forças foram agredidas e superadas em número e, por algum motivo, o inimigo estava desesperado para alcançar a pedra no topo de Ramiel. Nunca nos ensinaram o motivo; Acho que foi esquecido. Mas um jovem guerreiro illyriano chamado Enalius manteve a linha contra os soldados inimigos por dias. Ele encontrou um arco natural de pedra entre o emaranhado de pedras e fez dele seu gargalo. Ele morreu no final, mas resistiu ao inimigo por tempo suficiente para que nossos aliados nos alcançassem. Este rito é tudo para honrá-lo. Muito da história se perdeu, mas a memória de sua bravura permanece.

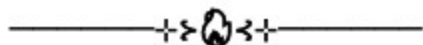
Como o nome de Cassian duraria ao longo da história. Nestha pensou. E o dela? Uma pequena parte dela desejava isso.

— Existem alguns caminhos diferentes para o topo de Ramiel — Emerie continuou. — Mas o mais difícil, o mais infame, é aquele que te leva através do Passo de Enalius. Através do arco de pedra. Eles chamam esse caminho de Ruptura.

— Por que não estou surpreso que seja o que Cassian e seus irmãos levaram? — Nestha resmungou. Emerie e Gwyn riram, mas quando uma besta rugiu ao longe, elas imediatamente ficaram quietas. Nestha murmurou — Devíamos fazer vigias.

Elas as dividiram, Nestha assumindo a primeira vigília, Emerie em segundo e Gwyn em terceiro, e quando isso foi decidido, elas se sentaram em silêncio por um longo momento. Elas comeram uma refeição escassa de um esquilo assado que Gwyn conseguiu roubar de um illyriano desavisado, mas a fome permaneceu um nó vocal em suas barrigas.

Nestha se inclinou para o calor de Gwyn, deixou que ele se infiltrasse em seus ossos. E orou a qualquer deus que pudesse estar ouvindo para que o ronco de seus estômagos não as revelasse às feras abaixo.



O quarto dia trouxe o sol, brilhante o suficiente para tornar a neve cegante, mesmo nas sombras dos pinheiros. Gwyn havia escalado uma árvore até o topo, então estimou que Ramiel estava a dias de distância, a nordeste. Deixando-as, caso sobrevivessem, um dia para escalar sua face árida.

— Não consegui ver se havia mais alguém à frente — anunciou Gwyn. — Mas há uma ravina enorme próxima com uma pequena ponte de madeira. Devemos ser as primeiras a descobri-la — se alguém mais o tivesse feito, eles teriam destruído a ponte para impedir seu uso. Precisamos alcançá-la antes que os outros o façam.

— Quão longe à frente? — Nestha perguntou, verificando a faca ao seu lado, a corda que ela enrolou sobre um ombro e o arco Illyriano ali. Emerie estava com a espada que ela roubou do acampamento de Bellius, e Gwyn carregava um escudo e uma faca.

— Várias horas, se formos correndo. — Disse Gwyn.

— Correr nos arrisca a chamar atenção — alertou Emerie.

— Andando corremos o risco de perder a ponte. — Retrucou Nestha. As três se entreolharam.

— Correndo, então. — Gwyn disse, e elas concordaram.

Elas estabeleceram um ritmo leve, destinado a manter seus passos silenciosos e fáceis mesmo com a neve sob os pés, mas correr após dias de exaustão, membros rígidos de frio e barriga quase vazia, fez a cabeça de Nestha latejar.

— Temos companhia — disse Emerie ofegante, e as três pararam. A menos de quinhentos metros de distância, havia seis machos.

— Você acha que eles sabem sobre a ponte? — Gwyn respirou.

Assim que ela disse isso, os machos começaram a correr. Não em direção a elas, mas em direção à ravina.

Amaldiçoando, Nestha se lançou em movimento com Gwyn e Emerie logo atrás, a neve voando a seus pés.

— Rápido! — Ela gritou.

Através das árvores à frente, o mundo se iluminou - como se a floresta tivesse parado. Sim, ela percebeu. Na beira da ravina, agora equidistante entre elas e os machos. Quem quer que o fizesse primeiro cortaria a ponte atrás deles.

E se os dois alcançassem a ponte ao mesmo tempo...

— Temos que interceptá-los. — Nestha ofegou. — Bem antes de chegarem à ponte. — Ela alterou sua trajetória abruptamente, e Emerie e Gwyn moveram-se com ela como uma só. Os machos que apontavam para a ponte pareceram perceber que seu inimigo estava vindo direto para eles. Eles diminuíram a velocidade, alcançando suas armas.

Nestha encontrou seu alvo, um homem com um pé bom nela, e golpeou com sua adaga enquanto ela se chocava contra ele. Ele estava correndo rápido o suficiente para perder o equilíbrio e cair enquanto se esquivava do

golpe. Precisamente onde ela o queria: bem na frente de Emerie. Nestha girou para o próximo homem enquanto sua amiga enfiava sua espada no peito do primeiro homem.

O próximo macho que Nestha atacou estava pronto, golpeando com uma espada curta. Ela se abaixou, girando para longe, permitindo que ele acertasse o escudo de Gwyn. Assim que Gwyn se abaixou, cortou suas canelas com uma adaga.

Os outros quatro...

Nestha ondulou e balançou contra outro macho, punhal contra punhal. Cada movimento cantou em perfeita harmonia com sua respiração; cada eixo de seu corpo, seus membros, era parte de uma sinfonia.

O macho balançou amplamente em Nestha, e ela vislumbrou sua abertura. Ela deixou seu golpe ir longe antes de bater o cotovelo em seu nariz. Osso encontrou osso com um estalo que ecoou por ela.

Ele caiu com um grunhido e a lâmina de Nestha cortou prata e vermelho em sua garganta. Ela não se permitiu sentir a maciez quente de seu sangue.

Outro macho já avançou para ela, e Gwyn gritou o nome de Nestha — chamando sua atenção antes que a sacerdotisa jogasse um escudo para ela.

Nestha o pegou, girando na neve sobre um joelho enquanto absorvia o impacto de seu peso. Expulsando seu fôlego em uma exalação poderosa, ela ergueu o escudo bem alto enquanto o homem abaixava uma espada destinada a sua cabeça. Nestha recebeu o golpe, empurrando o escudo para cima e desequilibrando o homem. Ela bateu a faca na bota dele.

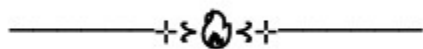
Ele gritou, caindo para trás, e Nestha saltou de pé, balançando o escudo com tanta força que amassou quando bateu em sua cabeça. As reverberações atingiram sua mão e antebraço, mas ela continuou segurando o escudo.

Nestha girou para o próximo oponente, mas suas amigas tinham parado. Os machos ao redor delas estavam caídos.

O silêncio absoluto encheu a floresta nevada. Até mesmo os pássaros nos pinheiros haviam parado de assobiar.

— Valquírias. — Disse Emerie, os olhos brilhando intensamente. Nestha sorriu através do sangue que ela sabia que estava espalhado em seu rosto.

— Sim.



— Quatro malditos dias — Cassian sibilou de onde ele e Azriel monitoravam o castelo. — Estamos sentados em nossas bundas há quatro malditos dias.

Azriel afiou a Reveladora da Verdade. A lâmina negra absorveu a fraca luz do sol que gotejava pela copa da floresta acima.

— Parece que você se esqueceu o quanto da espionagem é esperar o momento certo. As pessoas não se envolvem em suas más ações quando é conveniente para você. — Cassian revirou os olhos.

— Eu parei de espionar porque me entediava até a morte. Não sei como você aguenta isso o tempo todo.

— Combina comigo. — Azriel não parou sua afiação, embora sombras se acumulassem em torno de seus pés. Cassian soltou um suspiro.

— Eu sei que estou sendo impaciente. Eu sei disso. Mas você realmente acha que não devemos ir até aquele maldito castelo e espiar dentro?

— Eu te disse: o castelo deles é muito protegido e cheio de armadilhas mágicas, que fariam até mesmo Helion tropeçar. Além disso, Briallyn tem a coroa. Não tenho interesse em explicar a Rhys e Feyre porque você morreu sob meu turno. E ainda menos interesse em explicar para Nestha. — Cassian olhou em direção ao castelo.

— Você acha que ela está viva? — A pergunta o assombrou a cada respiração nos últimos dias.

— Você saberia se ela tivesse morrido. — Disse Azriel, pausando seu trabalho e olhando para Cassian. Ele bateu no peito de seu irmão com uma mão cheia de cicatrizes. -Bem aqui, você saberia Cass.

— Há muitas outras coisas indescritíveis que poderiam estar acontecendo com ela. — Disse Cassian, a voz engrossando. — Para Emerie e Gwyn.

As sombras se aprofundaram ao redor de Azriel, seus Sifões brilhando como fogo de cobalto.

— Você — nós — as treinamos bem, Cassian. Confie nisso. É tudo o que podemos fazer. — A garganta de Cassian se apertou, mas um movimento desviou o olhar de Azriel. Cassian ficou de pé.

— Alguém está saindo do castelo.

Os dois lançaram-se silenciosamente aos céus, entrando na cobertura das nuvens em instantes. No ar frio e rarefeito, Cassian vislumbrou apenas o que as lacunas das nuvens ofereciam.

Mas foi o suficiente.

Uma pequena caravana havia deixado os portões orientais da cidade, partindo pela estrada nua que passava pelas colinas.

— Eu não vejo uma carroça para prisioneiros. — Cassian disse sobre o vento. O olhar de Azriel permaneceu na terra abaixo.

— Eles não precisam de um. — Disse ele com um veneno silencioso.

Cassian teve que esperar até a próxima lacuna nas nuvens para ver.

Não, eles não precisavam de uma carroça de prisão. Porque cavalgando em um cavalo branco na frente do grupo, lado a lado com uma figura pequena e curvada, estava Eris.

— Idiota estúpido — Cassian rosnou. — Ela o prendeu com a Coroa.

— Não — Az disse

calmamente. — Olhe para a esquerda dele. Ele ainda está com a adaga ao seu lado. Se ele estivesse sob seu domínio, ele já a teria entregado.

— Então, possuir outro objeto Feito protege-o contra a Coroa. — O que significa... — Traidor. — Cassian cuspiu. — Não sei porque estou surpreso. — Suas mãos se fecharam em punhos. — Vamos pegá-lo, arrastá-lo para casa e despedaçá-lo. — Ele foi afastado de Nestha por isso? Para os jogos de Eris? A voz de Azriel cortou o vento uivante.

— Nós o seguimos. Capture Eris agora e talvez não consigamos nada dele. Pelo menos não rapidamente. Nós os rastreamos e descobrimos até onde essa traição vai. Ver com quem eles estão se reunindo. Deve ser algo importante, para eles saírem da segurança do castelo.

Não havia como discutir com a lógica disso, mesmo que o coração de Cassian gritasse com ele a cada bater de asas para voar de volta para casa.



Nestha, Emerie e Gwyn nem haviam chegado à ponte quando um novo grupo de machos se aproximou, armados com arcos e flechas.

— Nós podemos fazer isso — Emerie ofegou, correndo na frente de sua matilha em direção à ponte, agora visível através das árvores com crostas de neve. — Podemos fugir deles.

Setas passaram zunindo.

Emerie chegou a ponte primeiro, a engehoca frágil quicando com seu peso enquanto ela praticamente voava através dela. As flechas atingiram as árvores, o solo, os postes da ponte, e Nestha não hesitou enquanto corria sobre as ripas, sem ousar olhar para o mergulho abaixo em um leito de rio estéril, apenas para Emerie quando ela passou pela ponte...

Um grito de dor explodiu atrás delas, e Nestha girou no final da ponte para encontrar Gwyn ainda do outro lado com uma flecha em sua coxa. Abaixo. Muito perto dos machos se aproximando...

— CORTE! — Gwyn rugiu.

— Levante-se — Nestha gritou. — Levante-se.

A sacerdotisa tentou. Ela ficou de pé, mas nunca cruzaria a ponte a tempo.

Então Nestha tirou o arco illyriano de seu ombro. Tirou o rolo de corda também e entregou-o às cegas a Emerie.

— Amarre uma ponta a essa árvore, e depois em volta de você.

Nestha não esperou para ver se ela era obedecida, ela amarrou a outra ponta na flecha. Encaixando a flecha no arco.

— Nós não aprendemos arco e flecha. — Emerie respirou. Mas Nestha encaixou a flecha no lugar. Mirou. Bem em Gwyn, que olhou para a corda amarrada à flecha, a outra ponta em volta da árvore e Emerie, e entendeu.

— Minha irmã me ensinou. — Os braços de Nestha tremeram quando ela puxou a corda. — A muito tempo atrás.

Dentes cerrados, grunhindo, Nestha tensa em cada centímetro. Visando Gwyn enquanto sua amiga corria em direção à ponte, mancando, o rosto pálido de dor, deixando um rastro de sangue na neve atrás dela.

Nestha deixou a flecha voar quando o primeiro dos machos rompeu as árvores.

Ela voou verdadeiramente. Aterrou na neve aos pés de Gwyn.

A sacerdotisa agarrou a flecha e enrolou a corda em sua cintura, uma e outra vez enquanto corria para a ponte...

Nestha largou o arco. Gwyn havia alcançado o outro lado da ponte e gritava — CORTA, CORTA! CORTA! CORTA!

Os machos limpavam as árvores. Eles correram em direção à ponte e Gwyn mancando, avançando rapidamente. Nestha só precisou estender a mão antes que Emerie jogasse a espada para ela.

Gwyn, mancando no meio da ponte, não parou de se mover. Os machos estavam apenas alguns metros atrás, aglomerando-se na estrutura instável.

Nestha desceu a lâmina sobre as cordas da ponte. Mesmo quando a madeira caiu debaixo dela, Gwyn ainda parecia estar correndo, em seguida, saltando para o ar livre, apenas aquela corda em torno de sua cintura para impedi-la de morrer quando ela começou a mergulhar...

Mas Nestha tinha agarrado a corda, caindo diante do poste da ponte e envolvendo-o com as pernas, segurando com força enquanto centímetro após centímetro de fibra áspera rasgava suas mãos. Atrás dela, apoiado no pinheiro, Emerie se segurou com a mesma força.

Gwyn caiu em direção ao chão da ravina, os machos Illyrianos gritando enquanto caíam, sem amarras, com ela.

Nestha gritou, com as palmas das mãos em chamas. O vermelho revestiu a corda, mas ela apertou as mãos dilaceradas com mais força e respirou pela sensação de rasgar.

Até Gwyn interromper seu mergulho e parar. O mundo inteiro parecia prender a respiração enquanto Nestha esperava o estalar da corda.

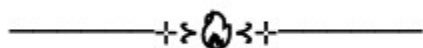
Mas Gwyn apenas se inclinou em direção à face da rocha, grunhindo de dor ao bater.

Os Illyrianos que haviam caído carregavam os únicos arcos, felizmente, e os machos do outro lado praguejaram e cuspiram.

Mas Nestha e Emerie não prestaram atenção enquanto puxavam Gwyn para cima, mãos ensanguentadas tornando a corda ainda mais vermelha. Cada puxão fazia Nestha ofegar de dor até Gwyn passar pela borda do penhasco, fazendo uma careta quando a flecha em sua coxa tocou o chão. Foi um tiro certo, mas o sangue encharcou sua perna. Seu rosto já estava pálido.

— Vadias desgraçadas! — Um dos machos rugiu.

— Oh, cale a boca! — Emerie berrou através da ravina, ajudando Nestha a conduzir Gwyn para as árvores nevadas, suas respirações soprando diante deles. — Encontre algo novo para nos chamar!



Elas conseguiram deslizar a flecha da perna de Gwyn e amarrá-la usando uma camisa extra que haviam tirado de um guerreiro morto, mas a sacerdotisa ainda mancava. Seu rosto tinha ficado pálido e, mesmo apoiada entre Nestha e Emerie, ela manteve o ritmo glacial.

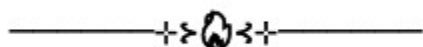
No entanto, elas continuaram em direção a Ramiel, agora visível à frente delas. Elas não encontraram mais ninguém. Começou a nevar novamente por volta do meio-dia, e os passos de Gwyn ficaram cambaleantes. Sua respiração estava muito difícil. Logo, Nestha e Emerie a estavam carregando entre elas.

Quando a noite caiu, apenas colocar Gwyn no alto de uma árvore consumiu todas as forças restantes. Elas se prenderam ao tronco com a corda ensanguentada, e Nestha e Emerie preguiçosamente arrancaram minúsculas fibras de suas mãos rasgadas. Elas não tinham mais comida, apenas água.

O dia seguinte foi o mesmo: caminhada lenta, rajadas de neve, ouvidos atentos para qualquer indício de outros guerreiros, muitas pausas, apenas água para encher suas barrigas e, quando a noite caía, uma nova árvore.

Mas esta árvore foi a última antes que uma encosta árida se erguesse acima delas como uma fera negra.

Elas chegaram ao pé de Ramiel.



Nestha acordou antes do amanhecer, verificou se Gwyn respirava, se sua perna não havia infeccionado, e olhou para a encosta preta e cinza à frente.

Bem no alto, longe demais, ficava seu pico com a pedra negra sagrada. Três estrelas brilhavam acima da montanha: Arktos e Oristes à esquerda e à direita; Carynth os coroando. Sua luz brilhou e diminuiu, como se fosse um convite e um desafio.

— Cassian me disse que apenas doze chegaram até aqui — Nestha murmurou para suas amigas. — Já conquistamos o título de oristianas só por estarmos aqui. — Emerie se mexeu.

— Podemos ficar aqui hoje, esperar durante a noite e terminar ao amanhecer. Para o inferno com quaisquer títulos. — Foi a coisa certa a fazer. A coisa segura a fazer.

— Esse caminho — disse Nestha, apontando para um pequeno ao longo da base de Ramiel. — Também pode nos levar para o sul. Ninguém iria por ali, porque isso levaria você para longe da montanha.

— Então, viemos até aqui e apenas nos escondemos? — Gwyn disse, a voz rouca.

— Você está ferida. — Nestha rebateu. — E essa é uma montanha à nossa frente.

— Então, ao invés de tentar e falhar — Gwyn exigiu — você tomaria o caminho seguro?

— Nós viveríamos. — Emerie disse cuidadosamente. — Eu adoraria nada mais do que limpar os sorrisos dos homens da minha aldeia, mas não a esse custo. Não se isso nos custar você, Gwyn. Precisamos de você para viver.

Gwyn estudou a encosta íngreme e implacável de Ramiel. Não havia muita neve nas laterais. Como se o vento tivesse varrido tudo. Ou as tempestades evitaram totalmente seu pico.

— É viver, no entanto? Para pegar o caminho seguro?

— Você é aquela que está em uma biblioteca há dois anos. — Disse Emerie. Gwyn não vacilou.

— Eu Sei. E estou cansada disso. — Ela examinou o couro encharcado de sangue ao longo de sua coxa. — Não quero seguir o caminho seguro. — Ela apontou para a montanha, para o caminho estreito para cima. — Eu quero seguir por esse caminho. — Sua voz engrossou. — Eu quero pegar a estrada que ninguém ousa viajar, e eu quero viajar com vocês duas. Não importa o que aconteça conosco. Não como Illyrianas, não por seus títulos, mas como algo novo. Para provar a eles, a todos, que algo novo e diferente pode triunfar sobre suas regras e restrições.

Um vento frio soprou nas laterais de Ramiel. Sussurrando, murmurando.

— Eles chamam isso de escalada da Ruptura por uma razão. - Rebateu Emerie gravemente. Nestha acrescentou — Faz dias que não comemos. Estamos chegando ao fim de nossa água. Para escalar aquela montanha...

— Eu já fui quebrada uma vez. — Gwyn disse, sua voz clara. — Eu sobrevivi. E eu não serei quebrada novamente, nem mesmo por esta montanha. — Nestha e Emerie mantiveram-se em silêncio enquanto Gwyn soltava uma respiração aguda. — Um comandante de Hybern me estuprou há dois anos. Ele fez seus soldados me segurarem em uma mesa. Ele ria o tempo todo. — Lágrimas brilharam nos olhos de Gwyn. — Hybern atacou na calada da noite. Estávamos todas dormindo quando eles invadiram o templo e começaram a matança. Eu compartilhava um quarto com minha irmã gêmea, Catrin. Acordamos com os primeiros gritos nas paredes. Ela era... Catrin sempre foi a forte. A inteligente e charmosa. Depois que nossa mãe morreu, ela cuidou de mim. Olhou por mim. E naquela noite, ela ordenou que eu fosse proteger os filhos de Sangravah, enquanto ela corria direto para as paredes do templo. — A voz de Gwyn tremeu. — Quando cheguei ao dormitório das crianças, o massacre estava a apenas alguns corredores de distância. Juntei as crianças e corremos para um dos túneis da catacumba. Elas eram acessíveis através de um alçapão na cozinha, e eu trouxe a última criança quando ouvi os soldados chegando. Eu... Eu sabia que eles nos encontrariam se eu fosse e deixasse a porta descoberta, então joguei um tapete sobre ela e, em seguida, movi a mesa da cozinha para cima dela. Eu tinha acabado de mover a mesa quando os soldados me

encontraram. — Nestha não conseguia respirar. Gwyn olhou para a montanha que se erguia no alto. Até o vento pareceu acalmar ao ouvir suas palavras. — A gritaria havia parado e eles tinham outras sacerdotisas com eles. Incluindo Catrin. Mas o comandante deles entrou e perguntou-me onde estavam os outros. Eles queriam os filhos também. As garotas.

Nestha podia ouvir o coração trovejante de Emerie, sua batida frenética ecoando na dela. Gwyn engoliu em seco.

— Eu disse a ele que as crianças haviam percorrido a estrada da montanha para obter ajuda. Ele não acreditou em mim. Então ele agarrou Catrin, porque nossos cheiros eram quase idênticos, ele me disse que se eu não revelasse onde as crianças estavam, ele a mataria. E quando eu não desisti das crianças... — Sua boca tremeu. — Ele decapitou Catrin ali mesmo, junto com duas outras sacerdotisas. E então ele disse a seus soldados para nos pegarem. Ele me reivindicou. Eu cuspi na cara dele. — As lágrimas deslizaram por suas bochechas. — E então ele... me estuprou.

O coração de Nestha quebrou.

— Eu ainda não tinha participado do Grande Rito e estávamos tão distantes... Nunca tive a chance de deitar com um homem, e ele tirou isso de mim também. E então ele chamou três de seus soldados e disse-lhes para continuarem até que eu revelasse para onde as crianças tinham ido. — A náusea agitou o intestino de Nestha. Ela não poderia ter se movido se quisesse. — O primeiro tinha acabado de desafivelar o cinto quando Azriel chegou. — Lágrimas silenciosas e intermináveis escorreram pelo rosto de Gwyn. — Azriel massacrou todos eles em poucos instantes. Ele não hesitou. Mas eu mal conseguia me mover, e quando tentei me levantar... Ele me deu sua capa e me envolveu nela. Morrigan chegou poucos minutos depois, e então Rhysand apareceu, e ficou claro que alguns dos soldados haviam escapado com o pedaço do Caldeirão, então Azriel foi atrás deles. Mor me curou da melhor maneira que pôde e depois me levou à biblioteca. Eu não conseguia... Não suportava estar no templo, com as outras. Ver o túmulo de Catrin e saber que falhei com ela, ver aquela cozinha todos os dias pelo resto da minha vida.

— Nos primeiros cinco meses que estive na biblioteca, quase não falei. Eu não cantei. Fui até a sacerdotisa que aconselha todas nós, e às vezes simplesmente ficava sentada e chorava, ou gritava, ou não dizia nada. E então comecei a trabalhar com Merrill, a pedido de Clotho, e o trabalho me focou. Me motivou a sair da cama todas as manhãs. Comecei a cantar durante o culto noturno. E então você apareceu, Nestha. — Os olhos de Gwyn deslizaram para os dela, cheios de lágrimas e dor e... esperança. Preciosa e linda esperança.

— E eu poderia dizer que algo ruim aconteceu com você, também. Você estava lutando contra isso, no entanto. Não deixando isso dominar você. Eu sabia que Catrin seria a primeira a se inscrever para o treinamento, então... Eu também o fiz. Mas mesmo o treinamento nestes meses não apagou o fato de que deixei minha irmã morrer. Você me perguntou uma vez por que eu não uso o capuz ou a Pedra de Invocação. Essa pedra é um sinal de santidade. Como alguém como eu poderia usar?

Gwyn parou finalmente, como se esperasse que elas a amaldiçoassem.

Mas as lágrimas escorriam pelo rosto de Emerie. Elas não pararam quando Emerie pegou a mão de Gwyn e disse — Você não está sozinha, Gwyn. Você me ouviu? Você não está sozinha. — Nestha pegou a outra mão de Emerie enquanto sua amiga continuava — Nós sofremos de formas diferentes, mas... Certa vez, meu pai me bateu tanto que quebrou minhas costas. Ele me manteve na cama por semanas enquanto eu me curava, dizendo às pessoas que eu estava doente, mas não estava. Foi... Foi um dos menores de seus males. — Ela fez uma pausa. — Ele bateu na minha mãe antes disso. E ela... Eu acho que ela me protegia dele, porque ele nunca colocou a mão em mim até que ela se foi. Até que ele bateu tanto nela que ela não conseguiu se recuperar. Ele me fez cavar sua sepultura em uma noite de lua nova e disse às pessoas que ela abortou um bebê e morreu de perda de sangue. — Ela com raiva enxugou uma lágrima.

— Todos acreditaram nele. Eles sempre acreditaram nele — ele era tão charmoso com eles, tão inteligente. Sempre que as pessoas me diziam como eu era sortuda por ter um pai tão bom, me perguntava se tinha imaginado todas as partes ruins. Apenas minhas cicatrizes, minhas asas me lembravam da verdade. E quando ele morreu, fiquei tão feliz, mas eles esperavam que

eu chorasse por ele. Eu deveria ter contado a todos que tipo de monstro ele era, mas não contei. Eles fizeram vista grossa para meu corte de asas enquanto ele estava vivo; por que eles deveriam se preocupar em acreditar na verdade agora que ele estava entre os mortos honrados? — O nariz de Emerie enrugou.

— Eu ainda sinto seus punhos em mim. Ainda sinto o impacto dele batendo minha cabeça na parede, ou esmagando meus dedos em uma porta, ou apenas me batendo até eu desmaiar. — Ela estava tremendo e Nestha apertou sua mão com mais força. — Ele nunca me deu dinheiro ou permitiu que eu ganhasse o meu, nunca me deixou comer mais do que ele julgava apropriado e entrou tão profundamente em minha mente que ainda o ouço quando me olho no espelho ou cometo um erro. — Ela engoliu em seco.

— Vim treinar porque sabia que ele teria proibido. Vim para o treinamento para tirar sua voz da minha cabeça. E saber como impedir um homem se algum colocar a outra mão em mim novamente. Mas nada disso trará minha mãe de volta, ou o fato de que eu me escondi enquanto meu pai descarregava sua raiva sobre ela. Nada vai consertar isso. Mas esta montanha... — Emerie apontou para o pequeno caminho de terra na base do pico.

— Eu vou escalar para minha mãe. Por ela, vou enfrentar a Ruptura e ir o mais longe que puder.

As duas olharam para Nestha. Mas seu olhar permaneceu na montanha. Seu pico. Esse caminho que leva a ele. O mais difícil de todos os caminhos. Por fim, Nestha disse — Fui enviada para a Casa do Vento porque me tornei uma desgraçada, bebendo e fodendo tudo que estava à vista. Minha... Família não aguentou. Por mais de um ano, abusei de sua bondade e generosidade, e fiz isso porque... — Ela exalou um suspiro trêmulo. — Meu pai morreu durante a guerra. Diante dos meus olhos, mas não fiz nada para impedir. — E então tudo saiu. Ela contou as duas todas as coisas horríveis que tinha feito, pensado e saboreado. Contou-lhes sobre o Caldeirão e seu terror, dor e poder. Disse a elas o pior dela, de modo que se decidissem se arriscar a escalar aquela montanha com ela, elas iriam para ela com os olhos abertos. Para que elas pudessem escolher recuar agora.

E quando Nestha terminou, ela se preparou para a decepção em seus rostos, o nojo.

A mão de Gwyn deslizou para a dela, no entanto. Emerie apertou ainda mais a outra mão de Nestha também.

— Nenhuma de vocês é culpada pelo que aconteceu — sussurrou Nestha.

— Nenhuma de vocês falhou com ninguém.

— Nem você — disse Emerie suavemente.

Nestha olhou para suas amigas. E viu dor e tristeza em seus rostos marcados por lágrimas, mas também a abertura de deixar uma a outra ver os lugares quebrados bem no fundo. O entendimento de que elas não se afastariam. Os olhos de Nestha ardiam quando Gwyn disse — Então, escalaremos Ramiel. Tomaremos a Ruptura. Venceremos para provar a todos que algo novo pode ser tão poderoso e inquebrável quanto às regras antigas. Aquilo que ninguém nunca viu antes, nem inteiramente Valquíria nem inteiramente Illyriana, pode ganhar o Rito de Sangue.

— Não. — Disse Nestha por fim. — Vencemos para provar a nós mesmas que isso pode ser feito. — Ela mostrou os dentes em um sorriso selvagem para a montanha. — Ganharemos tudo.

69

Eris e a pequena caravana cavalgaram para o leste por três dias, parando apenas para comer e dormir.

O ritmo deles foi tranquilo, e pelos vislumbres que Cassian e Azriel conseguiram através das nuvens, parecia que Eris estava acorrentado. A pequena e curvada figura de Briallyn cavalgava a seu lado a cada dia. Mas eles não viram nenhum sinal da Coroa sobre ela — nenhum brilho de ouro ao sol.

O Rito de Sangue terminaria no dia seguinte. Cassian não ouviu falar de Nestha, não sentiu nada. Mas ele mal tinha dormido. Mal tinha conseguido manter seu foco no grupo à frente, quando entraram numa floresta baixa, além das colinas, antiga e cheia de musgos pendurados.

— Eu nunca tinha estado aqui antes — murmurou Azriel sobre o vento. — Parece um lugar antigo. Me faz lembrar do Meio.

Cassian manteu seu silêncio. Não falou enquanto seguiam sua pedreira até um pequeno lago no centro da mata. Somente quando o grupo parou nas margens escuras é que Azriel e Cassian desembarcaram nas proximidades.

Começaram a seguir em silêncio a pé.

O grupo não devia estar preocupado em ser ouvido, pois Cassian poderia entender suas palavras de muito além do acampamento, ao longo da costa.

Vinte deles tinham se reunido, uma mistura do que parecia ser a nobreza humana e soldados. O cavalo branco de Eris havia sido atrelado a um galho. Mas o macho...

— Aqui, Cassian — Eris cantou.

Cassian girou, e encontrou o filho do Grão-Senhor segurando uma faca em suas costelas.



Ao meio-dia, Nestha mal conseguia respirar.

Gwyn se arrastava, Emerie ofegava e elas tinham começado a racionar a água. Por mais alto que subissem, por mais rochas que limpassem ao longo do caminho estreito, o pico não se aproximava.

Elas não viram mais ninguém. Não ouviram mais ninguém. Uma pequena misericórdia.

A respiração de Nestha queimou em seus pulmões. Suas pernas vacilaram. Havia apenas a dor em seu corpo e o incessante círculo de seus pensamentos, como se fossem abutres que se reuniam para se banquetear.

Ela só queria desligar sua *mente*...

Era possível que a Quebra não fosse meramente físico, mas mental também? Que esta montanha, de alguma forma, tenha desenterrado cada pedaço de seu medo e sugado profundamente sua mente para dentro disso?

Elas pararam para almoçar, se a água pudesse ser chamada de almoço. A perna de Gwyn estava sangrando novamente, seu rosto um branco fantasmagórico.

Nenhuma delas falou.

Mas Nestha observou seus olhos assombrados — sabia que ouviram seus próprios horrores.

Elas descansaram por tanto tempo quanto ousariam, depois se moveram novamente.

Continuar subindo. Essa era a única maneira. Passo por passo.



— Parece que estamos a dois terços do caminho para cima — Emerie raspou à frente.

A noite havia caído, a lua brilhava o suficiente para manter o caminho da Quebra iluminado. Para mostrar aquelas três estrelas acima do pico de Ramiel. Acenando. Esperando.

Se elas chegassem até o amanhecer, seria um milagre.

— Preciso descansar — disse Gwyn fracamente — Só... só mais um minuto — Seu rosto estava cinza, seu cabelo fraco. O couro ao longo de sua perna encharcado de vermelho.

Emerie tinha tropeçado em uma pedra solta duas horas antes e torceu o tornozelo - ela agora também estava mancando.

Elas estavam se movendo muito lentamente.

— O Passe de Enalius não está muito à frente — insistiu Emerie — Se conseguirmos atravessar o arco, então é um tiro claro até o topo.

Gwyn respirou — Não tenho certeza se eu consigo.

— Deixe-a descansar, Emerie — disse Nestha, sentando em uma pequena rocha ao lado de Gwyn.

O amanhecer tinha que ter quatro horas de folga. E então estaria tudo acabado. Importaria se elas já tivessem atingido o topo até lá? Se elas tivessem ganho? Elas já tinham chegado até aqui. Teriam...

— Como eles chegaram aqui? — perguntou Gwyn, praguejando.

Nestha parou. De seu ponto de vista, ela podia ver diretamente para baixo. Para onde um raio de luar iluminava um homem de aparência familiar e

outros seis subindo a montanha atrás delas. Uma boa distância para trás, mas se aproximando.

— Bellius — sussurrou Emerie.

— Temos que ir — disse Nestha, cambaleando.

Gwyn a seguiu, estremecendo.

Nestha avaliou os machos. Emerie e Gwyn estavam muito feridas para lutar, muito exaustas, e...

— Coloque seus braços ao redor do meu pescoço — disse Nestha, oferecendo suas costas à Gwyn.

— O quê?

Nestha fez isso por ela. Ela havia subido as dez mil escadas da Casa do Vento, subido e descido, uma vez e mais outra e mais outra. Talvez para isto. Este exato momento.

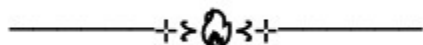
— Estamos ganhando essa porra — disse Nestha, curvando-se para agarrar as pernas de Gwyn. Dentes cerrados, Nestha erguendo Gwyn para as costas.

Os músculos de suas coxas tensionaram, mas se manteram. Os joelhos não cederam.

Seu olhar fixo no terreno à frente. Ela não olhava para trás.

Então Nestha começou a subir, Emerie mancando ao seu lado.

Com o vento como sua canção, Nestha e Emerie encontraram seu ritmo. Elas subiram, apertando e rastejando e carregando seus pesos. E os machos ficaram para trás, como se a montanha estivesse sussurrando silenciosamente, *vão, vão, vão*.



— Eu sabia que você era um bastardo mentiroso — disse Cassian através de seus dentes.

Azriel, a um passo de distância, não podia fazer nada. Não com Eris enfiando aquela faca — o punhal de Nestha — nas costelas de Cassian. Ele poderia ter jurado que chama o queimou onde a faca encontrou seu couro.

— Mas isto é baixo, mesmo para você.

— Honestamente, estou decepcionado com Rhysand — disse Eris, cavando a ponta da faca através dos couros de Cassian o suficiente para que ele sinta sua mordida, e aquela onda de chama ardente.

Se era o poder de Eris através da lâmina ou qualquer outra coisa que Nestha tenha Feito com isso, ele não se importou. Ele só precisava encontrar uma maneira de evitar que ela penetrasse em sua pele.

— Ele se tornou tão brando hoje em dia. Ele nem sequer tentou olhar dentro da minha mente.

— Você não pode vencer isto — advertiu Azriel com uma ameaça silenciosa. — Você é um homem morto caminhando, Eris. Tem sido por muito tempo.

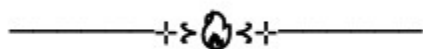
— Sim, sim, todos aqueles negócios antigos com A Morrigan. Que chato da sua parte agarrar-se a eles assim.

Cassian piscou. A Morrigan.

Eris nunca se referiu a ela dessa maneira.

— Deixe-o ir, Briallyn — rosnou Cassian — Venha brincar conosco ao invés disso.

O punhal Feito deslizou para longe de suas costelas, e uma voz seca e esganiçada disse de perto — Eu já estou brincando com você, Senhor dos Bastardos.



As pernas de Nestha tremeram. Seus braços tremeram.

Gwyn era um peso meio-morto nas suas costas. A perda de sangue a deixou tão fraca que parecia que ela mal conseguia se segurar.

A Quebra fluiu através de um arco de pedra negra onde o caminho se tornou mais amplo e mais fácil.

O Passo de Enalius.

Emerie havia parado o tempo suficiente para passar uma mão sangrando sobre a pedra, seu rosto sujo cheio de admiração e orgulho.

— Estou onde nenhum de meus antepassados esteve antes — sussurrou ela, a voz sufocada.

Nestha desejava poder fazer uma pausa ao lado de sua amiga. Poder se maravilhar com ela. Mas parar, mesmo para respirar... Nestha sabia que, uma vez parada, não seria capaz de se mover novamente.

O achatamento do caminho ao redor do arco foi apenas um alívio temporário.

Logo chegaram a um conjunto de pedras — a última da escalada impossível antes que parecesse se tornar um caminho direto para o topo.

O amanhecer permaneceu duas boas horas de folga. A luz da lua cheia começava a desvanecer quando se afundava em direção ao oeste.

O grupo de machos as pegaria antes do topo.

Os dedos de Nestha se espalharam enquanto ela alcançava a mão estendida de Emerie, onde sua amiga se ajoelhava no topo de uma das rochas afiadas. Se eles conseguissem passar por esta seção...

Os joelhos dela se dobraram e Nestha caiu, o rosto bateu em uma pedra tão dura que as estrelas estouraram em sua visão, mas tudo o que ela pôde fazer foi segurar Gwyn enquanto elas caíam e batiam em pedras e cascalho e rolaram e rolaram para baixo, os gritos de Emerie soando em seus ouvidos, e então...

Nestha colidiu com alguém duramente.

Não, não alguém, embora ela pudesse jurar ter sentido calor e fôlego. Ela tinha batido no arco de pedra. Elas tinham caído até o Passo de Enalius, perigosamente perto dos machos que os perseguiram.

— Gwyn...

— Viva — gemeu sua amiga.

Emerie deslizou de joelhos no caminho.

— Você está ferida?

Nestha não conseguiu se mexer enquanto Gwyn se desenrolava. As duas estavam cobertas de sujeira, detritos e sangue.

— Eu não posso... — Nestha arfou — Eu não posso mais carregar você.

O silêncio recaiu.

— Então nós descansamos — Gwyn conseguiu dizer — E então continuamos.

— Nunca conseguiremos chegar a tempo — disse Nestha — Ou pelo menos antes que os machos nos alcancem.

Emerie engoliu.

— Nós tentaremos de qualquer maneira.

Gwyn acenou com a cabeça.

— Descanse um minuto primeiro. Talvez o amanhecer nos alcance antes que eles.

— Não — Nestha espreitou pelo caminho — Eles estão subindo muito rápido.

Mais uma vez, silêncio.

— O que você está dizendo? — Emerie perguntou com cuidado.

Nestha se maravilhou com a esperança e a bravura em seus rostos.

— Eu posso segurá-los.

— Não — disse Gwyn, afiando a voz.

Nestha moldou suas feições a serem extremamente frias.

— Vocês estão ambas feridas. Vocês não vão sobreviver à luta. Mas vocês podem conseguir a escalada. Emerie pode ajudar...

— Não.

— Eu posso usar o obstáculo do caminho bem ali — Nestha arrou adiante, apontando para o espaço além do arco — Para mantê-los afastados o tempo suficiente para que vocês duas cheguem ao topo. Ou para o amanhecer vir. O que acontecer primeiro.

Gwyn mostrou seus dentes.

— Eu me recuso a deixá-la aqui.

O rosto aflito de Emerie disse a Nestha o suficiente: ela entendeu. Viu a lógica.

Nestha disse a Gwyn — É o único jeito.

Gwyn gritou — NÃO É O ÚNICO JEITO! — E então ela estava soluçando — Eu não vou abandonar você com eles. Eles vão te matar.

— Você precisa ir — disse Nestha, mesmo quando suas mãos começaram a tremer — Agora.

— Não — chorou Gwyn — Não, eu não vou. Eu vou encarar isso com você.

Algo profundo no peito de Nestha rachou. Rachou abertamente, e o que estava dentro dele floriu, cheio e brilhante e puro.

Ela envolveu seus braços ao redor de Gwyn. Deixou sua amiga soluçar em seu peito.

— Vou enfrentar isso com você — sussurrou Gwyn, uma e outra vez — Prometa-me que vamos enfrentar isso juntas.

Nessa altura, Nestha não conseguiu parar as lágrimas dela. O vento frio congelou-as em suas bochechas.

— Eu prometo — ela respirava, acariciando o cabelo emaranhado de Gwyn — Eu prometo.

Gwyn soluçou, e Nestha se deixou soluçar com ela, apertando-a com força. Deixou sua mão acariciando descansar sobre o pescoço de Gwyn.

Um beliscão no ponto certo, exatamente naquele ponto de pressão que Cassian havia lhe mostrado, e estava feito.

Gwyn foi ao chão. Inconsciente.

Nestha grunhiu, baixando Gwyn cuidadosamente ao chão enquanto ela espreitava Emerie. O rosto de sua amiga estava grave, mas sem surpresa.

Nestha disse apenas — Você pode carregá-la o resto do caminho? — Isso seria uma proeza em si mesma — Ou pelo menos continuar até o amanhecer?

— Eu continuarei — Nestha sabia que Emerie encontraria essa força. Ela tinha uma alma de aço. Emerie colocou sua espada na frente de Nestha. Sua adaga. O escudo.

— Guarde os cantis — disse Nestha, dando palmadinhas no próprio — Já tenho o suficiente.

Outra mentira.

— Ela nunca lhe perdoará por isto — disse Emerie.

— Eu sei.

Os machos tinham chegado mais alto. Ela não esperou que Emerie falasse antes de ajudar a aliviar Gwyn nas costas de Emerie, esta última sibilando com o peso em suas asas, abrindo-as em ângulos estranhos.

Nestha amarrou a corda ensanguentada ao redor delas, amarrando-as juntas. Emerie fez uma careta, mas conseguiu dar alguns passos.

— Venha conosco — ofereceu Emerie, os olhos cinzentos.

Nestha balançou a cabeça. — Considere isso como o pagamento de uma dívida.

Uma lágrima escorregou pela bochecha de Emerie. — Pelo quê?

— Por serem minhas amigas. Mesmo quando eu não merecia.

O rosto de Emerie desmoronou. — Não há dívida, Nestha.

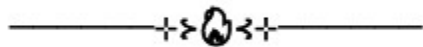
Mas Nestha sorriu suavemente. — Há sim. Deixe-me pagá-la.

Engolindo suas lágrimas, Emerie acenou com a cabeça. Ergueu Gwyn e estremeceu, mas conseguiu coxear através do arco. Em direção às rochas e ao último trecho da Quebra, até o pico.

Nestha não disse adeus.

Ela apenas inalou pelo nariz, prendeu a respiração e depois exalou. Repetiu o Mente-Silenciosa várias vezes, até que sua respiração se tornou o constante bater das ondas e seu coração se tornou uma pedra sólida, e cada centímetro de seu corpo era seu para controlar.

Ela foi a rocha contra a qual a arrebentação quebrou. Estes machos quebrariam contra ela também.



Eles não tinham escolha.

Com Eris nas garras de Briallyn, Cassian e Azriel só podiam seguir a figura curvada e camuflada até o lago.

Cassian não ousava considerar se a Coroa estava sendo usada sobre ele. Se estava sendo usada sobre Azriel.

O grupo com o qual Eris e Briallyn tinham viajado se dispersou, não foram vistos em nenhum lugar ao longo do lago. Teriam eles sequer sido reais? Ou apenas uma ilusão?

Um olhar sobre Az revelou o rosto empedrado do irmão, a fúria fria nos olhos.

A figura curvada e camuflada parou diante das pedras do lago. Eris parou ao seu lado.

— Tire isso, então — disse Cassian.

Briallyn puxou para trás o capuz de seu manto.

Não havia nada ali. O material caiu e se agrupou sobre as pedras. O rosto de Eris permaneceu em branco. Vazio.

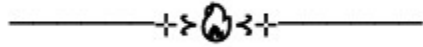
— Apenas um grão animado de magia — uma voz mansa rastejou do lago.

A 30 metros da margem, de pé sobre a superfície, flutuava uma sombra. Ela se deslocou e se distorceu, suas bordas tremulando, mas tinha a forma vaga de um macho alto.

— Quem é você? — exigiu Azriel.

Mas Cassian sabia.

— Koschei — sussurrou ele.



Nestha ficou sob o Passe de Enalius por um longo minuto.

Ela pegou seu cantil. Bebeu o último gole d'água. Atirou-o para o lado.

Ela enfiou a adaga em seu cinto. Pegou a espada. E desenhou uma linha na sujeira em frente ao arco.

Sua posição final. Sua última linha de defesa.

Nestha ergueu o escudo. Espreitou por cima de seu ombro até onde Emerie havia limpado o último conjunto de rochas e agora lutava pelo longo e reto caminho até o pico.

Um pequeno e silencioso sorriso passou pelo rosto de Nestha.

Então ela ergueu seu escudo. Angulou sua espada.

E ultrapassou a linha que ela havia traçado para encontrar seu inimigo.

70

Bellius enviou seus guerreiros pela passagem estreita primeiro. Um movimento sensato, concebido para desgastar Nestha.

Ela não teve outra escolha senão enfrentá-los.

Não havia vozes odiosas na sua cabeça. Apenas o conhecimento de que suas amigas estavam atrás dela, para além da linha que ela tinha traçado na terra, e ela não cederia essa linha a esses machos.

Ela não falharia com suas amigas. Ela não tinha lugar para o medo no seu coração.

Apenas calma. Determinação.

E amor.

Os lábios de Nestha curvaram-se num sorriso enquanto o primeiro dos guerreiros corria para ela, a espada erguida. Ela ainda estava sorrindo quando levantou o seu escudo para aguentar o impacto total do golpe.

Nestha bateu com o seu escudo no primeiro macho, cortou as canelas do segundo, e despachou o terceiro com uma defesa que o mandou em direção ao quarto e fez ambos caírem no chão. Um para cada respiração, um movimento para cada inspirar e exalar. Ela acalmou a sua mente novamente, deixando-a enraizar-se.

Por um momento, ela se perguntou o que poderia ter feito com Ataraxia na mão. O que ela poderia ter feito com esse corpo, essas habilidades treinadas instaladas nos seus ossos. Se ela fosse finalmente digna da espada.

Ela tinha optado por um nome na Língua Antiga, uma língua que ninguém tinha falado em quinze mil anos. Um nome que Lanthys tinha rido para ouvir.

Nestha engajou quatro Illyrianos ao mesmo tempo, depois cinco, depois seis, e os machos começaram a cair, um após o outro. Nestha segurou a linha numa tempestade de concentração e morte, guardando as amigas às suas costas.

Ataraxia, ela tinha nomeado aquela espada mágica.

Paz Interior.

71

A criatura que estava no topo do lago era uma sombra. Deveria ser um reflexo, pensou Cassian. Apenas um truque.

— Onde está Briallyn? — Azriel exigiu, Sifões queimando como chamas de cobalto.

— Passei tantos meses me preparando para você. — cantarolou Koschei — E você nem mesmo deseja falar comigo?

Cassian cruzou os braços. — Deixe Eris ir, e então nós conversaremos — Ele rezou para que Koschei não soubesse da adaga Feita que Eris tinha novamente embainhado ao seu lado, que a aura de poder da Coroa tivesse cegado até Briallyn para a presença dela. Mas se o Senhor da Morte colocasse as mãos nela... Foda-se. Cassian não se permitiu sequer olhar para a lâmina.

— Você caiu nessa com bastante facilidade — continuou Koschei. — Embora tenha demorado muito para fazer contato. Eu pensei que você iria correr para a matança, como bruto que você é. — Eles não conseguiam distingui-lo além das sombras de sua forma. Até as próprias sombras de Azriel se mantinham escondidas atrás de suas asas. Koschei riu e Azriel enrijeceu. Como se suas sombras tivessem murmurado um aviso.

Seus Sifões brilharam novamente. — Corra — Az respirou, e o puro terror no rosto de seu irmão fez Cassian abrir as asas, se preparando para o lançamento...

Mas suas asas pararam. Seu corpo inteiro parou.

Azriel agarrou Eris e disparou para os céus, a adaga Feita foi com eles. Eles tinham que levá-la para bem longe de Koschei. No entanto, Cassian não

conseguia se mover.

Os Sifões de Cassian cintilavam como sangue fresco e então explodiram. Azriel gritou seu nome lá de cima. Koschei se aproximou da margem. — Você pode tê-lo agora, Briallyn. Você tem bastante tempo antes do amanhecer.

Uma figura pequena e curvada surgiu de trás das árvores. Uma velha. Uma coroa de ouro pousada em sua cabeça, logo acima de suas orelhas pontudas. Ódio queimava em seus olhos.

Koschei disse — Diga à minha Vassa que estou esperando. — Suas sombras giraram.

Azriel voou de volta para o solo, seus Sifões criando uma esfera azul de poder que o cercou, mas Briallyn já havia alcançado Cassian.

— Você é necessário para mim, Senhor dos Bastardos. — A rainha de aparência antiga fervilhava. Cassian não conseguia dizer nada. Não conseguia se mover. A Coroa brilhava como ferro fundido. Briallyn ordenou a Koschei — Nos atravesse.

O Senhor da Morte apontou a mão de dedos longos para Briallyn e Cassian. Estalou os dedos uma vez.

E o mundo desapareceu, girando em escuridão e vento.



O escudo de Nestha tinha se tornado uma pedra de afiar. Sua espada, molhada de sangue, pendia de sua mão, um peso como chumbo e escorregadio.

Cada centímetro de seu corpo queimava. Com exaustão, com seus ferimentos, com o conhecimento de que atrás daquela linha que ela havia traçado na poeira utilizando o arco que estava em suas costas, Gwyn e

Emerie ainda estavam respirando, ainda escalando a parte final da Ruptura até o cume.

Então ela matou os machos Illyrianos que se espremeram por entre aquelas rochas irregulares. Que acreditavam que encontrariam uma fêmea destreinada e indefesa, e encontraram a morte esperando por eles diante de um arco.

Restava apenas um.

Uma parte interna dela estremeceu com os rostos golpeados que não viam mais. O sangue escorrendo dos cadáveres.

Valquíria, ela sussurrou para si mesma. *Você é uma Valquíria e, mais uma vez, está deixando o caminho seguro. Se você cair, será para salvar as amigas que a salvaram, mesmo quando elas não sabiam que estavam fazendo isso.*

Um olhar por cima do ombro mostrou Emerie ainda escalando o último cume, tão lenta, mas tão perto. O amanhecer se aproximava, mas... elas poderiam fazer isso. Ganhar aquela coisa.

Nestha novamente olhou para o arco. Sabia quem ela iria encontrar.

Bellius se apoiou contra uma rocha, espada na mão, escudo pendurado na outra. — Trabalho impressionante para uma vadia Grã-Feérica.

O macho empurrou a pedra do arco, sem poupar um olhar para os guerreiros que ele deixou que morressem por ele. — Você sabe, nosso deus, o primeiro dos Illyrianos, defendeu o território contra as hordas de inimigos exatamente onde você está.

Não havia um arranhão nele. Nenhum sinal de exaustão, apesar da escalada.

Bellius deu um sorriso malicioso. — Ele traçou uma linha na terra também — Ele acenou com a cabeça em direção a ela. — Belo pequeno ajuste.

Nestha não conhecia esse pedacinho da história deles. Mas ela não revelou nada. Ela se tornou sangue e sujeira e pura determinação.

— Não acabou bem para Enalius — Continuou Bellius. — Ele morreu após defender este local por três dias. Escalou com as tripas penduradas para a pedra sagrada no topo e morreu lá. É por isso que fazemos essa coisa estúpida. Para honrá-lo.

Ela continuou sem falar. Mas os olhos de Bellius desviaram-se para o pico acima, desprazer os estreitou. — Minha prima puta aleijada e aquela mestiça desgraçam este lugar sagrado.

Uma vibração de luz do cume varreu as feições de Bellius.

Os lábios de Nestha se curvaram. Ampliou-se em um sorriso ao rosnar de Bellius.

Gwyn e Emerie tocaram a pedra sagrada e foram atravessadas por sua magia.

— Parece que você não ganhou. — Por fim, Nestha disse a Bellius.

O ódio escureceu os olhos vidrados de Bellius. Como que em resposta, a neve começou a cair, grandes nuvens se enroscando na montanha. Ressoando. A neve grudou nas rochas desta vez.

— Eu nunca quis ganhar. — A boca de Bellius se contraiu para cima. — Eu só queria isso.

Ele avançou para ela.

Emerie e Gwyn tinham ganhado. Tinham conseguido atravessar a Passagem. Foi o suficiente.

Nestha só tinha de aguentar este imbecil por mais alguns minutos — até ao amanhecer. Depois teria tudo acabado. O seu poder voltaria, e ela poderia... Nestha não sabia o que iria fazer. Mas pelo menos ela teria essa arma.

Bellius avançou, mais rápido e mais seguro do que os outros.

Nestha mal teve tempo de levantar o seu escudo. O impacto sacudiu-a até os ossos, mas ele já estava girando, seu próprio escudo balançando em direção ao rosto dela.

Ela rodou para fora do alcance. Deuses, ela estava cansada. Tão, tão cansada, e...

Ele não parou. Não deu a ela um momento de alívio enquanto ele atacava, aparando e empurrando, levando-a de volta para a linha, o arco. Ódio queimando em seu rosto.

Um ódio tão cego e condutor. Sem razão. Sem fim.

A neve engrossou, o vento uivou, e o céu retumbou. Bellius atacou de novo, e Nestha levantou o seu escudo, encontrando o golpe.

Relâmpagos surgiram, os trovões soando logo em seguida.

Uma tempestade tinha varrido a montanha, velando a lua, as estrelas. Apenas o arco de raios que atravessava o céu forneceu iluminação à investida de Bellius.

Ela estava na defensiva, e se quisesse sobreviver, tinha de encontrar uma forma de mudar isso.

Mas a neve alisou as pedras, a sujeira, e quando um raio atingiu o céu novamente, cegando os dois, ele pensou mais rápido. Agiu mais rápido.

Usou o piscar de Nestha para bater em seu escudo, no seu próprio escudo, arrancando-o do seu aperto.

Ele bateu em uma pedra próxima. O olhar tolo dela em direção a ele o fez bater a espada de sua mão também.

Desarmada como uma novata.

O trovão rachou de novo, e Bellius riu. — Decepcionante. — Ele pausou, observando-a. E sorriu antes de atacar uma vez mais.

Nestha se esquivou ataque após ataque, mas não rápido o suficiente para evitar cortes precisos que Bellius aterrou nos seus braços, pernas e rosto. Ela diminuiu a velocidade, os pés dela deslizando na encosta escorregadia da montanha enquanto a tempestade de neve crescia.

Outro golpe e os seus pés deixaram o chão. Ela perdeu o fôlego quando a sua coluna bateu em algo inabalável. Uma rocha.

O corpo de Nestha recusou-se a mover-se enquanto ela se desviava. Sangue quente gotejava do seu nariz.

Bellius se aproximou, atirando as suas armas para o lado. — Fazer isto com as minhas próprias mãos será muito mais gratificante.

Mexa-se.

A palavra passou por Nestha. Ela tinha de continuar a se mover.

Com as mãos tremendo, à medida que um raio rachava e a neve rodopiava, Nestha se empurrou para longe da rocha. As suas pernas tremeram, implorando-lhe que se sentasse, que parasse, que simplesmente morresse.

Bellius avançou, o seu poderoso corpo se ajeitando numa posição de luta. O ódio selvagem no seu olhar a queimou.

Os seus amigos tinham conseguido... mas ela não queria morrer.

Ela queria viver, e viver bem, e viver feliz.

Queria viver com...

A Nestha separou os seus pés. Acalmou as suas dores, o corpo espancado.

Bellius bufou. — Acha mesmo que pode me vencer em um combate corpo a corpo?

O sangue fluía da boca, do nariz. Mas Nestha sorriu de qualquer maneira, o gosto cobrindo a sua língua. — Acho.

Bellius deu o seu primeiro soco, colocando toda a força do seu poderoso corpo nele. Nestha bloqueou, socando-o no nariz. Ossos se quebraram.

Bellius uivou, recuando um passo.

E Nestha assobiou — Porque o meu parceiro me ensinou bem.

73

Parceiro.

A palavra era uma estrela cadente através de Nestha enquanto ela e Bellius se lançavam um contra o outro, socando, chutando, esquivando-se. Como se dar voz à palavra tivesse dado a ela essa onda final de força...

Bellius bateu com o punho na mandíbula de Nestha, com tanta força que ela recuou alguns passos.

Ela se esquivou de seu próximo movimento, acertando um golpe em suas costelas. Mas ele continuou conduzindo-a em direção ao arco, a linha.

Desgastando-a. Sobrevivendo a ela.

Ela iria continuar. Até o fim, ela lutaria com ele.

O punho de Bellius atingiu sua bochecha esquerda. A dor a atravessou. Os pés de Nestha saíram debaixo dela. Ela voou para trás e o tempo desacelerou.

Ela pousou do outro lado da linha na terra e poderia jurar que a montanha estremeceu.

Nestha rastejou. Ela não se importava com o quão patética isso a fazia parecer. Ela rastejou para longe de Bellius, através do arco, destruindo a linha que ela havia traçado.

— Vou aproveitar isso. — Ele avançou, ensanguentado e zombeteiro.

Ela alegou que seria bom morrer por suas amigas, que estava bem porque elas conseguiram, elas ganharam, mas ser morta por esse *ninguém*...

Nestha rosnou. Ela não tinha mais nada. Seu corpo havia desistido dela. Como tantos outros fizeram.

— Acho que prefiro cortar sua garganta. — Bellius tirou uma faca da bota.

Ela estava sozinha.

Ela nascera sozinha e morreria sozinha, e este homem horrível seria aquele que a mataria...

O trovão estalou e a montanha inteira estremeceu com seu impacto. Bellius deu um passo em sua direção, levantando a faca.

Sangue jorrou.

A princípio, ela pensou que fosse um relâmpago que cruzou sua garganta, abrindo-a tanto que seu sangue jorrou no ar nevado.

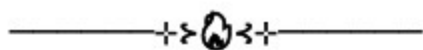
Mas então ela viu as asas. O *outro* conjunto de asas.

E quando Bellius desabou no chão, sufocando com seu sangue vital, revelando Cassian ali parado, dentes arreganhados, lâmina na mão, ela se perguntou se o trovão balançando a montanha teria sido sua raiva.

Cassian passou por cima do corpo moribundo de Bellius e ofereceu-lhe a mão. Não para tomá-la em seus braços, mas para ajudá-la a se levantar. Como ele sempre fizera.

Nestha agarrou sua mão e se levantou, seu corpo rangendo em protesto.

Mas ela esqueceu sua dor, a morte ao redor deles, quando ele a dobrou em seu peito e a segurou com força, sussurrando ternamente em seu cabelo ensanguentado — E agora eu vou cortar sua linda garganta.



As palavras de Cassian não eram dele. Suas mãos não eram suas enquanto Nestha — enquanto sua *parceira* — tentou se afastar e ele a abraçou. Forte o suficiente para que seus ossos se moverem contra as mãos dele.

Ele estava gritando. Silenciosamente, infinitamente. Gritando com ela para lutar com ele, para correr. Gritando consigo mesmo para parar.

Mas ele não conseguiu. Não importava o que ele fizesse, ele não conseguia parar.

— Cassian — disse Nestha, lutando.

Me mate, ele silenciosamente implorou. *Mate-me antes que eu tenha que fazer isso*.

— *Cassian*. — Nestha empurrou o seu peito. Mas seus braços permaneceram firmes. Apertando-a com mais força.

— Ele não pode obedecer a você, Nestha Archeron. — Disse uma voz velha e murcha atrás de Nestha. — Ele é meu agora.

Cassian não conseguiu nem arregalar os olhos em advertência. Seus braços se afrouxaram ao comando silencioso da rainha, permitindo que Nestha se virasse em seu abraço.

Apresentando-a a Briallyn, que usava a Coroa em cima de seu cabelo branco e fino.

Satisfação iluminou os olhos escuros de Briallyn, e as três simples pontas da Coroa dourada brilharam enquanto ela erguia uma mão.

A tempestade parou. Apagada para longe para revelar o céu cinza pálido antes do amanhecer, a última das estrelas piscando.

Até mesmo a natureza podia ser influenciada pela Coroa.

Horror se enrolou através de Nestha enquanto os braços de Cassian se afrouxaram. Ela se forçou alguns passos para longe, cambaleante, mas sabia o que iria encontrar. Cassian estava parado como uma estátua. Como se tivesse sido transformado em pedra. Seus olhos, normalmente tão vivos e brilhantes, haviam se tornado vítreos. Vazios.

Briallyn o quisera dessa forma. Havia movido pessoas como peças de xadrez para garantir que Nestha chegasse ali.

— Por quê? — Nestha perguntou.

Os pelos da capa grossa de Briallyn balançaram com o vento da montanha.

— Seu poder é forte demais; te arrastar para este espetáculo primitivo a esgotou.

— *Você* fez os Illyrianos me trazerem aqui?

— Minha intenção era pegar a mutilada — o sangue de Nestha ferveu à menção de Emerie. — Bellius me forneceu a informação da amizade de vocês e eu vi o quanto ela significava para você quando nós estávamos ligadas através da Harpa e da Coroa. Eu sabia que se a capturasse, a trouxesse aqui, você a seguiria, com ou sem lei. Você é imprudente e

presunçosa o bastante para achar que poderia salvá-la. Mas você tornou as coisas fáceis para mim: você foi direto a casa dela em Refúgio do Vento. Me poupou do problema de atrair você. Eu deixei estes Illyrianos estúpidos ficarem com ela e com este bastardo como divertimento.

Nestha não se atreveu a olhar para Cassian. — Tudo isso para me esgotar?

— Sim. E sem magia...

Nestha a cortou, exigente. — Eu estava esgotada há dias. Por que esperar até agora?

Briallyn fez uma careta diante da interrupção. — Eu estava esperando por *ele* — Ela assentiu na direção de Cassian, que se eriçava com a fúria; algo como repugnância e medo agora empurrando através da névoa em seus olhos— Dia após dia, eu esperei que ele se aproximasse o bastante para usar a Coroa e o capturar. Eu tive de usar aquele principezinho impetuoso, Eris, para contorná-lo — uma risada suave. — Eris tentou ajudar seus soldados quando eles o cercaram durante sua caçada. *Ajudar* aqueles desgraçados. Ele foi atrás deles, ao invés de galopar para longe como qualquer um inteligente faria. Eles o capturaram com alvoroço mínimo. Nem mesmo aqueles cães infernais dele não puderam fazer nada enquanto Koschei o atravessava para longe.

Eris estava morto? Ou era agora escravo dela? O rosto de Cassian não revelava nada.

Mas Briallyn sorriu para ele.

— Eu estava ficando preocupada de que você não fosse se aproximar nunca. O pobre Eris teria encontrado um fim *muito* terrível se fosse o caso. O fogo dele não teria resistido ao lago de Koschei, eu acredito.

Ela espiou o cadáver de Bellius.

— Ele era um bruto detestável; assim como você, Cassian. Arrogante e impetuoso. Ele vagou para longe de sua união de patrulhamento para

procurar por *diversão* em minhas terras. Então eu lhe mostrei a minha ideia de diversão — os lábios finos dela se retorceram num sorriso de escárnio.

Briallyn riu.

— Eu disse a ele para te caçar, não para te matar, mas me parece que não fui precisa o bastante em minhas palavras. E é muito satisfatório assistir alguém matando, ainda mais usando o que você providenciou para ele. Eu sabia que o Rito seria muito mais divertido com armas. Eu suponho que poderia ter ordenado que Bellius parasse, mas eu estava apreciando a vista.

— Por que você está fazendo isso? Por que não quer paz? — Nestha exigiu.

— Paz? — Briallyn riu — Que paz eu posso ter agora? — ela gesticulou com uma mão para si mesma. — O que eu quero é retribuição. O que quero é *poder*. O que quero são os Tesouros. Então eu garanti que você soubesse disso também. Garanti que você se tornasse minha companheira inconsciente em coletar os poderosos itens nesta terra esquecida pelos deuses. E eu sei que só há uma maneira de você rendê-los para mim. Uma pessoa pela qual você o faria — um sorriso na direção de Cassian — O seu parceiro.

— Eu não tenho os Tesouros aqui.

— Você pode invocá-los. Os objetos responderão a você, não importa as proteções neles. E você os entregará para mim.

— E então você matará nós dois?

— E então eu poderei me Fazer *jovem* outra vez. Eu deixarei vocês intocados.

Nestha sentiu a mentira.

Cassian grunhiu — *Não*.

Briallyn lhe dirigiu um olhar surpreso, e sua boca se calou. Ele tremeu, mas continuou parado em pé. Ainda que a sua expressão vítrea tivesse desaparecido.

— Então — Briallyn continuou — você trocará os Tesouros pela vida de seu parceiro. Você é tão completamente Feérica agora, Nestha Archeron. Você permitiria que o mundo se tornasse cinzas e desmoronasse antes de deixar seu parceiro morrer — ela franziu as sobrancelhas em desgosto aos corpos ao redor deles, ao sangue. — Invoque os Tesouros, e nos deixe terminar este negócio sujo.

Nestha não podia parar sua tremedeira. Entregar os Tesouros para Briallyn, se ela sequer pudesse invocá-los...

— Não.

— Então eu precisarei convencê-la.

Briallyn estalou os dedos para Cassian, e Nestha teve meio segundo para se virar antes que ele estivesse em cima dela.

Pânico e fúria brilhavam nos olhos dele, mas Nestha não pôde fazer nada, absolutamente nada, quando ele saltou sobre ela, nocauteando-a no chão. Prendendo-a ali, um braço em sua garganta, o peso dele, uma vez tão íntimo e amoroso, agora a coisa que a segurava ali, a machucava...

A súplica preencheu o rosto dele, em total angústia, enquanto ele lutava contra a Coroa. Lutava e perdia.

— Vai destruí-lo, é claro, matar a própria parceira — Briallyn disse — Você estará morta, e morrerá sabendo que o condenou a uma vida de miséria.

O braço de Cassian estremeceu enquanto ele puxava a faca com a qual ele matara Bellius de seu cinto. Aproximou a faca dela.

— Você me mata — Nestha ofegou — e não consegue os Tesouros. Você nunca os encontrará.

— Há outros em sua corte tão delirantes quanto você. Eles os conseguirão para mim de um jeito ou de outro, com o incentivo certo. Sem dúvidas, vou precisar do seu sangue para desbloquear as proteções nos Tesouros. Eu vi isso, também, sabe. Quando você tão tolamente segurou a Harpa na Prisão.

Mas eu suponho que matá-la vá providenciar sangue o bastante para o que preciso — Briallyn acenou com a cabeça para Cassian. — Coloque-a em pé.

Nestha não lutou quando ele a puxou para colocar em pé. Segurou a faca contra sua garganta. Súplica brilhava em seus olhos. Súplica e medo e — e amor.

Amor que ela não merecia, nunca havia merecido, mas estava lá. Assim como havia estado desde o instante em que eles se conheceram.

Qual era o valor do mundo comparado a ele? A isto?

— Isso está ficando cansativo — Briallyn disse.

Nestha deixou que seu parceiro visse o amor brilhando em seu rosto.

O céu se encheu com luz suave, gentil.

— Mate — Briallyn ordenou a Cassian.

Nestha havia amado Cassian desde que pousara os olhos nele. O havia amado mesmo quando não quisera, mesmo quando estava sendo engolida por desespero e medo e ódio. O havia amado e destruído a si mesma porque não acreditava que o merecesse, porque ele era tudo o que havia de bom, corajoso, e gentil, e ela o amava, ela o amava, ela o amava...

O braço de Cassian tremeu, e Nestha se preparou para o ataque, mostrando a ele seu perdão, seu infinito, inquebrável amor por ele...

Mas Cassian rugiu.

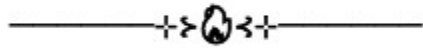
E então a faca se torceu em sua mão, disparando não em direção a ela, mas na direção de seu próprio coração.

Por sua vontade própria.

Contra o controle da Coroa, contra uma Briallyn ofegante, ele escolheu dirigir a faca para seu próprio coração. *Mate*, ela havia dito. Mas não

especificara quem.

E conforme o sol quebrava através do horizonte, conforme a faca de Cassian mergulhava em seu peito, Nestha entrou em erupção com o poder do Caldeirão.



Não havia nada na cabeça de Nestha exceto gritos. Nada em seu coração exceto amor e ódio e fúria enquanto ela se libertou de tudo dentro de si e o mundo explodiu.

O uivo de sua magia era uma besta sem nome. Avalanches em cascata descendo de penhascos em oceanos de branco brilhante. Árvores se curvaram e romperam com o despertar do poder que estilhava dela. Mares distantes se afastaram de suas margens, e então correram em ondas de volta para elas. Vidro estremeceu e se quebrou em Velaris, livros tombaram das prateleiras nas milhares bibliotecas de Helion, e os fragmentos de uma cabana em condição precária nas terras humanas desmoronaram em uma pilha de destroços.

Mas tudo que Nestha via era Briallyn. Tudo que ela via era a velha de queixo caído quando Nestha saltou sobre ela, jogando seu corpo frágil para o chão rochoso. Tudo o que ela sabia era gritar enquanto agarrava o rosto de Briallyn, a Coroa brilhando em branco cegante, e rugia sua fúria para as montanhas, para as estrelas, para os espaços vazios entre elas.

Mãos nodosas se tornaram jovens. Um rosto enrugado se tornou belo e agradável. Cabelos brancos escureceram e se tornaram pretos como um corvo.

Mas Nestha berrou e berrou, deixando sua magia se enfurecer, soltando cada brasa. Apagando a rainha, debaixo dela, da existência.

As mãos jovens se tornaram cinzas. O belo rosto se dissolveu em nada. O cabelo escuro murchou até virar sujeira.

Até que tudo que restava da rainha era a Coroa no chão.

75

Cassian estava deitado de bruços na terra.

Nestha correu até ele, rezando, soluçando, sua magia ainda ecoando pelo mundo.

Ela o virou, procurando pela faca, pela ferida, mas...

A faca estava debaixo dele. Sem sangue.

Ele gemeu, abrindo os olhos.

— Eu pensei — ele disse asperamente. — que deveria me abaixar enquanto você fazia aquilo.

Nestha o olhou boquiaberta. E então explodiu em lágrimas.

Cassian se sentou, sons calmantes na língua, e tomou o rosto dela em suas mãos.

— Você a Desfez.

Nestha olhou para a Coroa na terra — a mancha negra onde Briallyn havia estado.

— Ela mereceu.

Ele riu, encostando sua testa na dela. Nestha fechou os olhos, respirando o cheiro dele.

— Você é o meu parceiro, Cassian. — Ela disse contra os seus lábios, e o beijou suavemente.

— E você é a minha — disse ele, beijando-a de volta.

E então suas mãos deslizaram para o cabelo dela. E o beijo...

Não importava, nem o mundo em volta deles, ou a Coroa aos seus pés, enquanto ele a beijava. O beijo de um parceiro. Um que fazia suas almas brilharem, se entrelaçarem.

Ela se afastou, deixando-o ver a alegria em seus olhos, seu sorriso. O encantamento dele, a própria alegria dele, fez com que sua garganta se apertasse.

— Cassian, eu...

Mas duas figuras aterrissaram ao seu lado, fazendo a montanha estremecer, e eles se viraram para encontrar Mor e Azriel, os rostos sérios.

— Eris? — Cassian perguntou.

— Seguro, e a adaga Feita está em nossa posse novamente — Azriel disse — embora Eris esteja furioso e confuso. Ele está na Cidade Escavada. Mas...

— É Feyre — Mor disse.

76

A casa do rio estava tão silenciosa. Como uma tumba.

— Ela começou a sangrar algumas horas atrás. — Disse Mor enquanto os conduzia pela casa.

— Mas ela está a meses de dar à luz. — Protestou Nestha, seguindo de perto em seu encalço.

O cheiro de sangue encheu a sala em que entraram. Tanto sangue, por toda a cama, manchando as coxas abertas de Feyre. Sem nenhum bebê — e o rosto de Feyre... Estava branco como a morte. Seus olhos estavam fechados, sua respiração muito fraca.

Rhys agachado ao lado dela, segurando sua mão. Pânico, terror e dor guerreavam em seu rosto.

Madja, ajoelhada na cama entre as pernas de Feyre, com sangue até os cotovelos, disse sem olhar para eles — Virei o bebê, mas ele não está descendo. Ele está preso no canal vaginal.

Um pequeno suspiro no canto da sala revelou Amren sentada lá, seu rosto pálido com a cor drenada de seu rosto.

— Ela está perdendo muito sangue, e eu posso sentir o coração do bebê em perigo — Madja anunciou.

— O que nós fazemos? — Mor perguntou enquanto Cassian e Azriel se posicionavam atrás de Rhys, com as mãos em seus ombros.

— Não há nada que possamos fazer. — Disse Madja. — Tirar o bebê para fora vai matá-la.

— Tirar para fora? — Nestha exigiu, ganhando um olhar afiado de Rhys.

Madja ignorou seu tom. — Uma incisão ao longo do abdômen, mesmo que feita com cuidado, é um risco enorme, nunca houve sucesso. E mesmo com as habilidades de cura de Feyre, a perda de sangue já a enfraqueceu...

— Faça isso. — Feyre conseguiu dizer, as palavras cheias de dor.

— Feyre. — Rhys protestou.

— O bebê provavelmente não sobreviverá. — Falou Madja, a voz gentil, mas objetiva. — Ainda é muito pequeno. Arriscamos vocês dois.

— Vocês todos. — Cassian suspirou, os olhos em Rhys.

— *Faça isso.* — disse Feyre, e sua voz era a da Grã-Senhora. Sem medo. Apenas determinação pela vida do bebê dentro dela. Feyre olhou para Rhys. — Temos que fazer isso.

O Grão-Senhor assentiu lentamente, os olhos forrados com prata.

Uma mão deslizou para a de Nestha e ela encontrou Elain ali, tremendo e com os olhos arregalados. Nestha apertou os dedos da irmã. Juntas, elas se aproximaram do outro lado da cama.

E quando Elain começou a orar aos deuses desconhecidos dos Feéricos, à Mãe, Nestha curvou a cabeça também.



Feyre estava morrendo. O bebê estava morrendo.

E Rhys morreria com eles.

Mas Cassian sabia que não era o medo de sua própria morte que fazia seu irmão tremer. A mão de Cassian apertou o ombro de Rhys. O poder salpicado de noite fluía de seu Grão-Senhor, tentando curar Feyre, assim

como o de Madja, mas o sangue continuava jorrando, mais rápido do que qualquer poder pudesse suprimir.

Como tinha chegado a esse ponto? Uma barganha feita por amor entre dois parceiros agora terminaria em três vidas perdidas.

O corpo de Cassian flutuou para algum lugar distante quando Madja saiu da cama e voltou com um conjunto de facas e ferramentas, cobertores e toalhas.

— Entre na mente dela para tirar a dor. — Disse Madja a Rhys, que piscou em confirmação e praguejou, como se repreendendo a si mesmo por não ter pensado naquilo antes. Cassian olhou através da cama, para onde Elain estava segurando a outra mão de Feyre, e Nestha segurava a de Elain.

Rhys disse à parceira — Feyre, querida...

— Sem despedidas. — Feyre ofegou. — Sem despedidas, Rhys.

O que quer que Rhys tenha feito para aliviar a dor, fez os olhos dela se fecharem. E a mente de Cassian ficou totalmente silenciosa e vazia quando Madja puxou a camisola de Feyre, suas facas brilhando.

Não houve nenhum som quando o pequenino bebê alado emergiu. Quando Mor ficou lá, com mantas nas mãos, e tirou o garoto imóvel das mãos ensanguentadas de Madja.

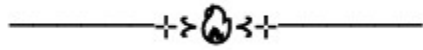
Mas Rhys estava chorando e as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Mor enquanto ela olhava para o bebê silencioso em seus braços.

E então Madja xingou, e Rhys...

Rhys começou a gritar.

Cassian sabia, quando Rhys se lançou sobre Feyre na cama, o que estava para acontecer.

No entanto, nenhuma força no mundo poderia detê-la.



O mundo ficou mais lento. Ficou frio.

Lá estava o bebê silencioso e pequeno demais nos braços de Mor.

Lá estava Feyre, aberta e sangrando na cama.

Rhysand estava gritando, como se sua alma estivesse sendo despedaçada, mas Cassian e Azriel estavam lá, puxando-o para longe da cama enquanto Madja tentava salvar Feyre.

Mas a Morte pairou nas proximidades. Nestha sentiu, viu, uma sombra mais densa e permanente do que qualquer uma das de Azriel. Elain soluçou, apertando a mão de Feyre, implorando para que ela aguentasse firme, e Nestha ficou no meio daquilo, a Morte girando em torno dela, e não havia nada, nada, nada a ser feito enquanto a respiração de Feyre diminuía, enquanto Madja começava a gritar com ela para lutar contra a morte.

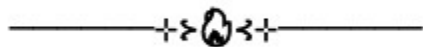
Feyre.

Feyre, que foi para a floresta por elas. Quem as salvou tantas vezes.

Feyre. Sua irmã.

A morte espreitava perto de Feyre e seu parceiro, uma besta esperando para atacar, para devorar os dois. Nestha puxou sua mão livre da de Elain. Recuou.

Ela fechou os olhos e abriu aquele lugar em sua alma que se libertou em Ramiel.



Cassian mal conseguia conter Rhys, mesmo com todos os sete Sifões berrando junto com os de Azriel.

Ele deveria deixar Rhys ir até ela. Se ambos estivessem prestes a morrer, ele deveria deixar Rhys ir para sua parceira. Ficar com ela nestes últimos segundos, últimas respirações.

Uma luz dourada cintilou do outro lado da sala e Amren engoliu em seco. O coração de Cassian congelou de horror.

Nestha não pairava mais ao lado da cama. Ela agora estava a poucos metros de distância.

Ela usava a Máscara. Ela colocou a Coroa no topo da cabeça. E ela embalou a Harpa em seus braços.

Ninguém jamais empunhou os três e sobreviveu. Ninguém poderia conter seus poderes, controlá-los.

Os olhos de Nestha brilharam com fogo prateado por trás da Máscara. E Cassian sabia que o ser que olhava para fora não era nem Feérico, nem humano, nem nada que caminhasse pelas terras daquele mundo.

Ela começou a se mover em direção à cama e Rhys avançou para ela.

Nestha ergueu a mão e Rhys ficou imóvel. Tão imóvel quanto Cassian havia ficado sob o controle da Coroa.

O peito de Feyre se ergueu, um ruído de morte sussurrando de seus lábios brancos, Cassian não pôde fazer nada além de observar enquanto os dedos de Nestha, ainda ensanguentados e imundos do Rito, se voltaram para a corda final da Harpa. A vigésima sexta corda.

E a dedilhou.

Aquilo era Tempo.

A vigésima sexta corda da Harpa era o próprio Tempo, e Nestha o parou quando Feyre deu seu último suspiro.

Lanthys havia dito isso. Que até a Morte se curvava para a corda final. Que o tempo não tinha importância alguma para a Harpa.

A corda não fez nenhum som quando Nestha a dedilhou. Apenas roubou o mundo onde se encontrava.

E a morte que Nestha sentiu em torno de sua irmã, em torno de Rhysand, em torno do bebê nos braços de Mor — ela ordenou que a Máscara a impedisse também. Mantendo-a sob controle.

No início

e no final

havia escuridão

e nada mais.

Uma voz suave e familiar sussurrou as palavras. Como haviam sido sussurradas para ela há muito tempo. Como a advertiu na escuridão de Oorid. Uma adorável e gentil voz feminina, sábia e calorosa, que a aguardava todo esse tempo.

A sala era um quadro de movimento congelado, de rostos chocados e horrorizados virados para ela, para Feyre e todo aquele sangue, e Nestha andou através dela. Através dos gritos e tensão do corpo de Rhys, seu rosto

o retrato do desespero, do terror e da dor; através de Azriel com o rosto sério; através de Cassian, cerrando os dentes enquanto segurava Rhys. Através de Amren, cujos olhos cinzentos estavam fixos onde Nestha estivera, puro pavor e algo como espanto em seu rosto.

Através de Mor e aquele pequeno embrulho em seus braços, Elain ao seu lado, congelada em seu choro.

Nestha caminhou através de tudo aquilo, através do Tempo. Para sua irmã.

Você vê como isso poderia ser? Aquela suave voz feminina sussurrou, vendo através dos olhos dela. O que você poderia fazer?

Não sinto nada. Nestha disse silenciosamente. Apenas a visão de Feyre no limiar da Morte a impedia de esquecer por que ela estava ali, o que ela precisava fazer.

Não é isso que você queria? Não sentir nada?

Achei que era isso o que eu queria. Nestha examinou as pessoas ao seu redor. Suas irmãs. Cassian, que estava disposto a cravar uma adaga em seu coração ao invés de machucá-la. *Mas não mais.* Quando a voz feminina não a pressionou, Nestha continuou: *Eu quero sentir tudo. Eu quero abraçar isso com todo o meu coração.*

Mesmo as coisas que machucam e perseguem você? Apenas a curiosidade envolvia a questão.

Nestha se permitiu dar um suspiro para refletir sobre aquilo, acalmando sua mente mais uma vez. *Precisamos dessas coisas para apreciar o que é bom. Alguns dias podem ser mais difíceis do que outros, mas... eu quero experimentar tudo isso, viver tudo isso. Com eles.*

Aquela voz sábia e suave sussurrou: *Então viva, Nestha Archeron.*

Nestha não precisou de mais nada quando pegou a mão inerte de sua irmã e se ajoelhou no chão. Largou a Harpa ao seu lado, sua nota silenciosa ainda reverberando, segurando o Tempo firmemente em seu agarro.

Ela não sabia o que poderia oferecer, além disso.

Acariciando a mão fria de Feyre, Nestha falou na sala atemporal e congelada — Você me amou quando ninguém mais o teria feito. Você nunca parou. Mesmo quando eu não merecia, você me amou e lutou por mim, e... — Nestha olhou para o rosto de Feyre, a Morte a um fôlego de reivindicá-la. Ela não impediu as lágrimas que escorreram por suas bochechas enquanto apertava a mão esguia de Feyre com mais força. — Eu te amo, Feyre.

Ela nunca disse as palavras em voz alta. Para ninguém.

— Eu te amo. — Nestha sussurrou novamente. — Eu te amo.

E quando a corda final da Harpa oscilou, como um sussurro de trovão no ar, Nestha cobriu o corpo de Feyre com o seu. O Tempo seria retomado em breve. Ela não tinha muito mais tempo.

Ela alcançou seu interior, em direção ao poder que tinha feito monstros imortais tremerem e reis perversos caírem de joelhos, mas... ela não sabia como usá-lo. A Morte corria por suas veias, mas ela não tinha o conhecimento para dominá-la.

Um movimento errado, um erro e Feyre estaria perdida.

Então, Nestha segurou a irmã com força, com o Tempo parado em torno delas, e ela sussurrou — Se você me mostrar como salvá-la, pode tê-lo volta.

O mundo parou. Mundos além de seu próprio pararam.

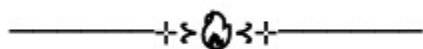
Nestha enterrou o rosto no suor frio do pescoço de Feyre. Ela abriu aquele lugar dentro de si mesma e disse à Mãe, ao Caldeirão — Vou devolver o que tomei de você. Apenas me mostre como salvá-los; ela, Rhysand e o bebê. — Rhysand — seu irmão. Isso é o que ele era, certo? Seu irmão, que lhe oferecera gentileza, mesmo quando ela sabia que ele queria estrangulá-la. E ela a ele. E o bebê... seu sobrinho. Sangue de seu sangue. Ela iria

salvá-lo, salvá-los, mesmo que custasse tudo. — Mostre-me — ela implorou.

Ninguém respondeu. A Harpa parou de ecoar.

Enquanto o Tempo retomava, sons e movimento rugindo na sala, Nestha sussurrou para o Caldeirão, sua promessa se elevando acima do barulho — Eu vou devolver tudo.

E uma mão suave e invisível acariciou sua bochecha em resposta.



Cassian piscou e Nestha foi de um lado do quarto para a cama. Pegou a harpa e agora estava com metade de seu corpo sobre o de Feyre, sussurrando. Nenhum fogo prateado queimava em seus olhos. Nenhuma brasa fria. Nenhum sinal do ser que espiou através de seu olhar também.

Rhys se avançou contra seu aperto, mas Amren deu um passo para o lado deles e sibilou — *Escutem*.

Nestha sussurrou — Eu vou devolver tudo — seus ombros se ergueram enquanto ela chorava.

Rhys começou a sacudir a cabeça, seu poder era uma onda palpável e crescente que poderia destruir todos eles, destruir o mundo se isso significasse que Feyre não estava mais nele, mesmo se ele tivesse apenas alguns segundos para viver além dela, mas Amren agarrou sua nuca. Suas unhas vermelhas cravaram em sua pele dourada.

— *Olhe para a luz*.

Uma luz iridescente começou a fluir do corpo de Nestha. Para o de Feyre.

Nestha continuou segurando a irmã.

— Eu devolvo. Eu devolvo. Eu devolvo.

Até Rhys parou de lutar. Ninguém se moveu.

A luz brilhou nos braços de Feyre. Nas pernas dela. Impregnou seu rosto pálido. Começou a encher a sala.

Os Sifões de Cassian piscaram, como se sentissem um poder muito além do seu, além do poder de qualquer um deles.

Feixes de luz flutuaram entre as irmãs. E um, delicado e amoroso, flutuou em direção a Mor, ao embrulho em seus braços, deixando o bebê silencioso dentro dele brilhando tão forte quanto o sol.

E Nestha não parava de sussurrar — Eu devolvo. Eu devolvo tudo.

A iridescência a preencheu, preencheu Feyre, preencheu o pacote nos braços de Mor, iluminando o rosto de sua amiga de modo que o choque nele ficou gravado em alívio absoluto.

— Eu devolvo — disse Nestha, mais uma vez, e Máscara e Coroa caíram de sua cabeça. A luz explodiu, ofuscante e quente, um vento varrendo por entre eles, como se recolhendo cada fragmento de si mesmo para fora da sala.

E à medida que desaparecia, tinta escura espirrou nas costas de Nestha, visível através de sua camisa meio rasgada, como se fosse uma onda batendo na margem.

Uma barganha. Com o próprio Caldeirão.

E mesmo assim, Cassian poderia ter jurado que uma mão luminescente e gentil evitou que a luz deixasse o corpo dela completamente.

Cassian não lutou para segurar Rhys dessa vez enquanto ele corria para a cama. Para onde Feyre estava, não mais pálida. Não havia mais sangue derramando entre suas pernas. Feyre abriu os olhos.

Ela piscou para Rhys e depois se virou para Nestha.

— Eu também te amo — Feyre sussurrou para a irmã e sorriu. Nestha não conteve seu soluço quando se lançou sobre Feyre e a abraçou.

Mas o gesto foi de curta duração, dificilmente a duração de um piscar de olhos antes que um choro saudável soasse do outro lado da sala, e...

Mor gaguejou, chorando, e o bebê que ela trouxe para a cama não era a coisa pequena e imóvel que ela estivera segurando, mas um menino alado já bem formado. Seu espesso cabelo escuro estava grudado em sua cabeça enquanto ele choramingava por sua mãe.

Feyre também começou a soluçar, tomando seu filho de Mor, mal notando que Madja de repente se inclinou entre suas pernas, inspecionando o que estava ali — a cura.

— Se eu não soubesse do que aconteceu, diria que você desenvolveu uma anatomia Illyriana — murmurou a curandeira, mas ninguém estava ouvindo.

Não quando Rhys colocou o braço em volta de Feyre e juntos olharam para o menino — filho deles. Juntos, eles choraram e riram, e quando Madja disse — Deixe-a amamentar — Feyre obedeceu, admiração em seus olhos quando ela o levou ao seio, agora inchado com leite.

Mas Rhys observou maravilhado por um momento antes de se virar para Nestha, que havia deslizado para fora da cama e agora estava ao lado da Máscara. Atrás dela, a Coroa e a Harpa estavam espalhadas no chão. Cassian prendeu a respiração enquanto os dois se analisavam.

Então Rhys se ajoelhou e pegou as mãos de Nestha, pressionando sua boca nos dedos dela.

— Obrigado — ele soluçou, cabeça abaixada. Cassian sabia que não era em gratidão pela própria vida de Rhys que ele se ajoelhou sobre as tatuagens sagradas pintadas em seus joelhos.

Nestha se agachou no tapete. O rosto de Rhys erguido em suas mãos, ela estudou o que havia nele. Então ela jogou os braços ao redor do Grão-

Senhor da Corte Noturna e o segurou com força.

Gwyn e Emerie estavam esperando em uma das salas com vista para o rio, curadas, mas ainda com suas roupas rasgadas e ensanguentadas. O vapor saiu das xícaras colocadas na mesa baixa diante delas.

Emerie disse em voz baixa enquanto Nestha parava diante do sofá — Duas espectros nos trouxeram um pouco de chá...

Mas Gwyn a interrompeu, o rosto em chamas enquanto ela sibilava para Nestha — Eu não deveria te perdoar *nunca*.

Nestha apenas saltou no sofá, abraçando Gwyn com força. Ela estendeu o braço para Emerie, que se juntou a elas. — Podemos falar sobre perdão outro dia. — Falou Nestha em meio às lágrimas, ajustando-se entre elas. — Vocês ganharam a maldita coisa.

— Graças a você, disse Emerie.

— Eu tenho minha própria coroa, não se preocupe. — Disse Nestha, mesmo sabendo que Mor estava agora levando todos os três objetos dos Tesouros de volta para o lugar de onde Nestha os havia tirado. Ela os convocou, trabalhando em torno dos feitiços de Helion. Nenhum feitiço poderia mantê-los longe dela — Briallyn tinha falado a verdade sobre isso.

— Quem curou vocês? — Nestha se afastou para examiná-las. — Como vocês sequer estão aqui?

— A pedra. — Explicou Emerie, feição suave com admiração. — Ela curou todas as nossas feridas no momento em que nos tirou do Rito. Viemos parar aqui, de todos os lugares.

— Acho que ela sabia onde éramos mais necessárias. — Disse Gwyn em voz baixa, e Nestha sorriu.

Seu sorriso desapareceu, no entanto, quando ela perguntou a Emerie — Sua família vai punir você pelo que aconteceu com Bellius? — Se eles ao menos pensassem em fazer isso, Nestha faria uma visitinha. Com a Máscara, a Harpa e a Coroa.

Razão pela qual os Tesouros deveriam ser mantidos longe dela.

Emerie encolheu os ombros. — Mortes acontecem no Rito. Ele caiu em combate quando um de seus companheiros guerreiros se voltou contra ele durante a caminhada pelas encostas de Ramiel. Isso é tudo que eles precisam saber. — Seus olhos brilharam.

Nestha teve a sensação de que a verdade sobre o que havia ocorrido naquela montanha permaneceria apenas com elas - e com o círculo íntimo da corte de Feyre. Cassian tinha sido claramente levado para o Rito contra sua vontade. Esperançosamente, ninguém questionaria esse fato.

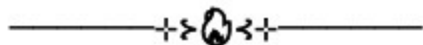
Gwyn riu roucamente. — Os Illyrianos vão ficar furiosos com a nossa vitória, você sabe. Principalmente porque não tenho intenção de ser chamada de Carynthian. Estou contente em ser uma Valquíria.

— Oh, eles ficarão histéricos por décadas. — Emerie concordou, sorrindo.

Nestha sorriu de volta, jogando os braços ao redor de suas amigas novamente e afundando nas almofadas profundas do sofá. — Mal posso esperar para ver isso.

E pela primeira vez, com essas duas amigas ao seu lado, com seu parceiro esperando por ela... era verdade.

Nestha mal podia esperar para ver o futuro que se desenvolveria. Ele todo.



O bebê — a quem Rhys e Feyre chamaram de Nyx — era tão bonito quanto alguém poderia sonhar que um bebê fosse. Cabelo escuro, com olhos azuis que já brilhavam com a luz das estrelas de seu pai e mãe, compensando o bronzeado claro de sua pele.

E então havia as pequenas asas, que Cassian nunca tinha percebido que eram tão delicadas, tão perfeitas, até que ele tocou sua maciez aveludada. As garras sobre elas cresceriam muito mais tarde, junto com a capacidade de usar as próprias asas, mas... Ele olhou para o embrulho em seus braços, com o coração cheio a ponto de explodir, e disse para onde Feyre e Rhys estavam sentados na cama, ordenadamente refeito com lençóis limpos — Você não tem ideia de quantos problemas esse aqui vai se meter.

Feyre deu uma risadinha. — Esses lindos olhos serão os culpados, tenho certeza.

Rhys, ainda agitado e pálido, apenas sorriu.

A porta se abriu, e então Nestha estava lá, ainda com suas roupas rasgadas, ensanguentadas e roubadas. Ela já havia segurado o bebê, e o peito de Cassian se expandiu, doendo, ao vê-la sorrindo para Nyx.

Mas agora os olhos de Nestha se voltaram para Cassian, e ele viu o pedido silencioso neles.

Ele silenciosamente entregou Nyx para Azriel, que estremeceu com a transferência da criaturinha mais delicada para suas mãos com cicatrizes, e seguiu Nestha para fora da porta, para o corredor e descendo as escadas. Eles não se falaram até estarem no gramado dos fundos da casa, olhando para o rio mais uma vez, despertando no sol de primavera

O que ela fez, tanto durante o Rito quanto depois dele... Ela contou a todos eles brevemente. Ele sabia que havia mais. Mas talvez algumas coisas sempre permaneceriam em segredo entre ela e suas amigas. Suas irmãs de brigas.

Então Cassian perguntou — A sua magia... Os poderes realmente se foram?

O vento forte da primavera chicoteava seu cabelo castanho-dourado em seu rosto. — Devolvi-os ao Caldeirão em troca do conhecimento de como salvá-los. — Ela engoliu em seco. — Mas resta um pouco. Acho que outra coisa — outra pessoa — impediu o Caldeirão de levar tudo. E eu mesma fiz algumas alterações.

A Mãe. O único ser que veria o sacrifício de Nestha sendo feito e retribuiria um pouco. Talvez tenha sido ela quem os espiou através da Máscara. — O que você mudou?

Nestha pousou a mão em seu abdômen. — Eu me mudei um pouco também. Assim nenhum de nós terá que passar por isso novamente.

Por um segundo, Cassian não teve palavras. — Você... você está pronta para ter um *bebê*?

Nestha soltou uma risada. — Não. Deuses não. Ainda tomarei meu chá anticoncepcional por um tempo. — Ela riu novamente. — Mas eu me ajustei para corresponder ao que o Caldeirão fez por Feyre. Para quando chegar a hora certa.

Ele não conseguia se livrar da alegria silenciosa que iluminava o rosto dela. Então ele ofereceu a ela um sorriso suave. Sim — quando chegasse a hora certa, eles começariam aquela jornada juntos.

Mas o que Nestha fez hoje, o que ela deu...

— Você poderia ter governado o mundo com seu poder. — Ele disse cuidadosamente.

— Eu não quero dominar o mundo. — Seus olhos estavam desprotegidos de uma maneira que ele nunca tinha visto.

Parceiro, ela o havia chamado assim.

— O que você quer? — Cassian conseguiu perguntar, a voz rouca.

Ela sorriu e, caramba, se não foi a coisa mais linda que ele já tinha visto. — Você.

— Você me teve desde o momento em que me conheceu.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás de uma orelha pontuda. — Eu sei.

Ele deu um beijo em sua boca. Mas Nestha disse — Eu quero uma cerimônia de parceria repugnantemente ornamentada.

Ele riu, se afastando. — Mesmo?

— Por que não?

— Porque Azriel e Mor vão me zombar para sempre sobre isso. — E os Illyrianos.

Nestha considerou. Em seguida, puxou algo do bolso. Um pequeno biscoito, roubado de uma bandeja na sala de parto. — Então aqui. Comida. De mim para você, meu parceiro. Esse é o ritual oficial, não é? A partilha de comida de um parceiro para o outro?

Ele engasgou. — Estas são as minhas duas opções? Uma cerimônia de parceria com babados ou um biscoito murcho?

Seu rosto se encheu de luz tão verdadeira que quase roubou o fôlego dele. — Sim.

Então Cassian riu de novo e cruzou os dedos em torno do biscoito patético, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido — Faremos uma coroação disso, Nes.

— Já tenho uma coroa. — Disse ela. — Eu só quero você.

Sua mandíbula se apertou. Sim, eles teriam que descobrir o que fazer com todo os Tesouros da Morte agora que possuíam todos os três objetos. Como Nestha os convocou, apesar dos feitiços que Helion colocou nos outros dois... Ele pensaria nisso outro dia. Junto com o fato de que ela interrompeu o Tempo com a Harpa. E que ela parecia ter algum tipo de conexão — ou compreensão — com a Mãe.

A Mãe.

Mas Nestha alisou sua testa franzida, como se pudesse ver essas preocupações ali. — Mais tarde. — Ela prometeu. — Vamos lidar com tudo isso mais tarde. — Incluindo as rainhas restantes, Koschei, e uma guerra ainda iminente.

— Mais tarde. — Ele concordou, e ela deslizou os braços em volta de seu pescoço.

Não houve mais palavras depois disso. Apenas os dois, parados na margem do rio sob o sol, deixando o calor entrar em seus ossos.

Nestha se afastou, sussurrando — Eu te amo. — E foi tudo o que Cassian precisou antes de beijá-la novamente, a força daquilo mais poderosa e duradoura do que o próprio Caldeirão.

Encontrar-se com Eris era a última coisa que Cassian queria fazer, mas alguém precisava checar como o macho estava. Dois dias depois do nascimento de Nyx, Cassian saiu apenas para fazer isso. Eris tinha sido visto em uma suíte na Cidade Escavada, e a partir da expressão tempestuosa de Keir após a chegada de Cassian, ele tinha a sensação de que Eris tinha dito ao administrador muito pouco.

Eris estava lendo um livro perto do fogo, o tornozelo cruzado sobre um dos joelhos, como se a presença dele não fosse nada fora do comum. Como se ele não tivesse sido sequestrado, encantado e manipulado por uma rainha vingativa e um lorde da morte.

Eris levantou seus olhos âmbar enquanto Cassian fechava a porta. — Eu não posso ficar por muito tempo.

— Bom.

Eris fechou o livro, observando Cassian se jogar no assento oposto a ele. — Eu suponho que você queira saber o que eu contei para Brianllyn.

— Rhys já olhou na sua mente. Acontece que você não sabia muito — ele deu ao macho um sorriso cortante.

Eris revirou os olhos. — Então por que estou aqui?

Cassian checou o macho. As roupas de Eris estavam imaculadas, mas um músculo se contraiu na sua mandíbula. — Queríamos saber o que você disse a Beron. Já que você está sentado aqui, inteiro, presumo que ele não saiba sobre o nosso envolvimento no seu resgate.

— Oh, ele sabe que vocês... me ajudaram.

Cassian endureceu, asas abrindo.

Eris continuou — Sempre misture a verdade com mentiras, General. Aqueles guerreiros brutos não lhe ensinaram sobre como suportar a tortura de um inimigo?

Cassian sabia. Ele havia sido torturado e interrogado e nenhuma vez quebrado. — Beron te torturou?

Eris corou, guardando seu livro embaixo de seu braço. — Quem se importa com o que meu pai faz comigo? Ele acreditou na história sobre os espiões do encantador de sombras o informando que alguém valioso tinha sido sequestrado por Bryallyn, e que vocês ficaram aborrecidos ao chegar e descobrir que era eu, ao invés de alguém das Cortes Estival ou Invernal ou quem quer que esteja inclinado a se associar a vocês.

Cassian desempacotou cada palavra. Beron torturou seu próprio filho por informação, ao invés de agradecer à Mãe por devolvê-lo. Mas Eris resistiu. Alimentou Beron com outra mentira. E então havia o jeito que Eris falou das outras cortes. Alguma coisa estava errada nas suas palavras, na sua expressão tensa. O macho estava com ciúmes?

Cassian abriu sua boca, mais do que pronto para fazer essa pergunta e lhe acertar com um golpe ardente. Mas ainda assim ele hesitou. Olhou nos olhos de Eris.

O macho tinha sido criado como toda luxúria e privilégio — no papel. Mas quem sabia quais horrores Beron lhe infringiu? Cassian sabia que Beron assassinara a amante de Lucien. Se o Grão-Senhor da Corte Outonal tivera a coragem de fazer isso, o que ele não faria?

— Tire esse olhar de dó do seu rosto — Eris rosnou suavemente. — Eu sei que tipo de criatura meu pai é. Eu não preciso da sua simpatia.

Cassian o estudou novamente. — Por que você deixou Mor na floresta? — era a pergunta que sempre ficaria. — Era apenas para impressionar o seu pai?

Eris latiu uma risada, dura e vazia. — Por que isso importa tanto para vocês?

— Porque ela é minha irmã e eu a amo.

— Eu não sabia que vocês Illyrianos tinham o costume de foder suas irmãs.

Casaian rosnou. — Ainda importa — ele gritou — porque não faz sentido. Você sabe que monstro é seu pai e quer usurpá-lo. Você age contra ele, em favor não só da Corte Outonal, mas de todas as terras feéricas. Você arrisca sua vida para se aliar a nós... mas ainda você a deixou na floresta. É culpa que o motiva fazer tudo isso? Pois você a deixou lá para sofrer e morrer?

Chamas douradas brilharam no olhar de Eris. — Eu não percebi que eu estaria encarando outra interrogação tão cedo.

— Me dê a porra de uma resposta.

Eris cruzou os braços, e se estremeceu. Como se qualquer machucados que houvessem abaixo de suas roupas tivessem doido. — Você não é a pessoa para quem eu quero me explicar.

— Eu duvido que Mor vai querer ouvir.

— Talvez não — Eris se levantou, e tremeu novamente. — Mas você e os seus têm coisas mais importantes para pensar do que história de família. Meu pai está furioso que sua aliada está morta, mas ele não está desencorajado. Koschei continua no jogo, e Beron é estúpido o suficiente para estabelecer uma aliança com ele. Eu espero que o que quer que Morrigan esteja fazendo em

Vallahan vá conter o estrago que meu pai vai fazer.

Cassian tinha ouvido o bastante. Ele queria voltar — para a Casa, para Nestha. Sua feroz, linda parceira, que salvou seu Grão-Senhor e Grão-Senhora e o filho deles. Ele nunca pararia de se admirar por ela, por tudo que ela havia feito. Quão longe ela tinha chegado.

E um dia, quando fosse o tempo certo... Eles dariam o próximo passo. Eles andariam por qualquer estrada que havia na sua frente.

Então Cassian foi em direção à porta, à vida que o esperava em Velaris.

Eris ainda era o aliado deles. Ele estava disposto a ser torturado para manter seus segredos. E Cassian não precisava ser um cortesão para saber que suas próximas palavras cortariam fundo, mas seria uma ferida necessária. Talvez seriam o suficiente para o empurrar na direção certa.

— Sabe, Eris — ele disse, uma mão segurando a maçaneta. — Eu acho que você pode ser um macho decente, lá no fundo, preso em uma situação terrível — ele olhou sobre seu ombro e encontrou o olhar de Eris ardendo novamente. Mas apenas pena apertou seu peito, pena pelo homem que nasceu entre os ricos, mas foi destruído em todos os aspectos que realmente importavam. Em todos os jeitos que Cassian havia sido abençoado — bênçãos que estavam agora crescendo.

Então Cassian disse — Eu cresci entre monstros. Eu passei minha existência lutando contra eles. E eu enxergo você, Eris. Você não é um deles. Nem perto. Eu acho que você pode até ser um macho bom. — Cassian abriu a porta, se afastando do lábio encurvado de Éris. — Você apenas é covarde demais para agir como um.

A Primavera florescia complemente por Velaris, e Feyre e Nyx estavam finalmente bem o suficiente para sair de casa a cada dia, fazendo caminhadas que muitas vezes duravam horas graças aos simpatizantes que desejavam ver a criança. Alguém sempre os acompanhava, geralmente Rhys ou Mor, que era tão protetora quanto os pais do bebê. Cassian e Azriel eram dificilmente melhores.

Mas nenhum dos outros estava presente num dia quente algumas semanas mais tarde, quando Nestha se juntou a Feyre e Elain num passeio fora da cidade. Mesmo um olhar para o céu não revelava qualquer sinal de Cassian, que estava mantendo Nestha acordada até o amanhecer fazendo amor e tinha se tornado extremamente detestável ao chamá-la de *parceira* a cada chance que tivesse, exceto no seu contínuo treino matinal com as sacerdotisas.

O sucesso no rito de sangue não significava que o treino tivesse parado. Não, depois que ela e as amigas contaram a Cassian e Azriel a maior parte dos detalhes da sua provação, os dois comandantes tinham compilado uma longa lista de erros que as três tinham cometido e que precisavam ser corrigidos, e as outras queriam aprender com elas também. Então, elas continuariam treinando, até que todas estivessem bem e fossem verdadeiramente Valquírias. Gwyn, apesar do Rito, tinha voltado a viver na biblioteca.

Gwyn havia dito que *talvez* saísse para a cerimônia de parceria de Nestha e Cassian em três dias, que aconteceria no pequeno templo nos terrenos da casa do rio. Apesar dos desejos de Nestha por uma cerimônia ornamentada, ela não queria uma multidão gigante. O templo já estava sendo decorado com flores de todas as variedades, encantadas para não murchar, assim como as sedas, rendas e velas e guirlandas — tudo pago por Rhys, quem

não conseguia parar de comprar presentes para ela. Vestidos e jóias e almofadas e todo o tipo de besteira tinha chovido sobre ela até que Nestha teve que o ordenar a parar, dizendo que uma cerimônia de parceria extravagante os deixaria quites.

Então, Rhys havia garantido que a cerimônia seria tão espalhafatosa quanto possível. Nestha não tinha dúvidas de que o templo estaria coberto por tantas riquezas que seria risível.

Mas tudo que importava, ela percebeu, era o macho que estaria ao lado dela, primeiro enquanto juravam os seus votos, depois enquanto ofereciam comida um ao outro, e depois enquanto seus amigos e família amarravam as suas mãos com uma fita preta, para permanecer até que a parceria fosse consumada.

Mesmo que a consumação já estivesse acontecendo duas ou três vezes por dia há semanas.

Mas não importava. Nestha mal podia esperar — pela cerimônia, pelo... O que quer que a esperasse além. Nada disso a assustava. Nada disso a deixava com aquele poço de desespero. Não com Cassian ao seu lado, suas amigas às suas costas, a Casa do Vento...

Esse havia sido o último presente de Rhys antes da cerimônia: Era deles. Dela.

Já que a Casa havia decidido que gostava mais de Nestha do que de qualquer outra pessoa, Rhys a havia dado para ela e Cassian, com a condição de que a biblioteca pertencia às sacerdotisas e de que a corte ainda usasse a Casa para ocasiões formais. Era bom o suficiente para Nestha — melhor que bom.

Ela havia se juntado a eles na casa do rio numa noite para encontrar um presente de parceria de Feyre à sua espera. Pendurado na parede, na entrada principal.

Um retrato de Nestha, segurando a linha no Desfiladeiro de Enalius. Ela tinha deixado Rhys ver algumas partes do Rito — mas não fazia ideia de

que ele tinha perguntado não por curiosidade, mas para dar à sua parceira ideias para isso.

Nestha havia olhado e olhado para o seu retrato, pendurado entre um de Feyre e um de Elain, e não tinha percebido que estava chorando até Feyre a ter abraçado com força.

Um lar. A Casa do Vento, Velaris, essa corte... eram seu lar. O pensamento acendeu um grão de luz no seu peito que não havia se extinguido, mesmo nos dias após o Rito.

Esse grão ainda estava cintilando enquanto Nestha enfrentava a tarefa daquele dia. A tarefa que há muito estava atrasada.

Feyre deixou a carruagem preta ornamentada na base da colina gramada, carregando Nyx à medida que as três subiam a inclinação suave. A cidade se estendia diante deles, brilhando ao sol da primavera, mas os olhos de Nestha permaneceram sobre a pedra solitária no topo da colina.

Seu coração trovejou, e ela se manteve um passo atrás enquanto Feyre se ajoelhava diante da sepultura, mostrando Nyx à pedra.

— O seu neto, pai — ela sussurrou, a voz carregada. E então Feyre curvou a cabeça, falando muito baixo para que Nestha ou Elain, de pé ao lado de Nestha, não conseguissem ouvir.

Após alguns minutos, Feyre se levantou, deixando suas lágrimas correrem, pois segurar o bebê mantinha suas mãos ocupadas. Elain foi em frente, sussurrou algumas coisas para o túmulo de seu pai, e então ambas as irmãs olharam para Nestha, sorrindo tentativamente.

Feyre tinha perguntado esta manhã se Nestha queria vir. Para mostrar o bebê ao pai delas.

E não havia resposta no coração de Nestha, exceto uma.

Então ela acenou para suas irmãs prosseguirem, e elas obedeceram, descendo de novo a colina gramada enquanto Nestha permanecia junto à

lápide.

Ela procurou pelas palavras, por qualquer explicação ou pedido de desculpas, mas nada veio.

O sol era uma mão quente em seu ombro, como a que tinha impedido que os resquícios do seu poder desaparecessem, como se lhe dissesse que o pedido de desculpas, que implorar por perdão... Já não era mais necessário.

O seu pai havia morrido por ela com amor no coração, e mesmo que ela não o tivesse merecido antes... Ela faria tudo que pudesse para merecê-lo agora. Para merecer não apenas o amor dele, mas também daqueles à sua volta. De Cassian.

Alguns dias poderiam, de fato, ser difíceis, mas ela conseguiria. Lutaria.

O seu pai havia morrido por ela com amor no coração, e Nestha tinha amor em seu próprio coração enquanto puxava a pequena rosa entalhada do bolso e a colocava sobre a lápide. Um marco permanente da beleza e do bem que ele havia tentado trazer ao mundo.

Nestha levou os dedos aos seus lábios, depositou neles um beijo e então colocou a mão sobre a lápide.

— Obrigada — ela disse, piscando contra a queimação nos olhos. — Obrigada.

Uma sombra ágil passou acima, seguida por um farfalhar de asas, e Nestha não precisou olhar para saber quem pairava no alto, se certificando de que estava tudo seguro. Que ela estava segura.

Xereta. Mas ela soprou um beijo suave para Cassian também.

Seu parceiro. Seu amor. Seu amigo. A luz dentro do seu peito se abrihantou até parecer um sol radiante.

Ela encontrou Feyre e Elain esperando a meio caminho da colina, Nyx agora cochilando pacificamente nos braços de Elain. Suas irmãs sorriram, acenando para ela se juntar.

E Nestha sorriu de volta, seus passos leves enquanto se apressava pela colina para encontrá-las.

Agradecimentos

Chegar ao fim deste livro foi uma viagem que se prolongou por muitos anos, desde as páginas iniciais que escrevi enquanto trabalhava em Corte de Asas e Ruínas até aos anos seguintes, redigindo, revendo, refinando. Mas talvez o mais importante, este livro foi um companheiro durante a minha própria jornada pelos vales e montanhas da saúde mental, viajando ao meu lado enquanto enfrentava todas as partes quebradas dentro de mim. Embora a história de Nestha não seja de modo algum um reflexo direto das minhas próprias experiências, houve momentos nesse livro que eu precisei muito escrever — não apenas pelos personagens, mas por mim mesma. Espero que se identifiquem com alguns desses momentos, e que eles te lembrem, querido leitor, que você que é amado e digno de amor, não importa o que aconteça.

Sou tremendamente grata por estar rodeada de pessoas na minha vida profissional e pessoal que caminharam incansavelmente por aquelas colinas e vales comigo, especialmente durante um tempo tão tumultuoso para todo o nosso mundo.

Ao meu filho, Taran: você me traz alegria, e força, e tanto amor que o meu coração transborda com ele todos os dias. O seu riso é a música mais bela do mundo. (Estou escrevendo isso mesmo depois de você ter acabado de tentar comer amendoins embalados enquanto eu não estava olhando). Sinto-me tão honrada por ser sua mãe, e sou tão orgulhosa de você. Eu te amo, coelhinho.

Para o meu marido, Josh: há tantas peças da nossa história espalhadas por todos os meus livros, mas essa parece ter ficado com a maior delas. Desde o momento em que pus os olhos em você na sala do nosso dormitório compartilhado, há dezesseis anos atrás, sabia que era O Certo. Não me pergunte como, mas você entrou na sala, e eu apenas sabia. Mas eu ainda não fazia ideia do notável e maravilhoso caminho que percorreríamos

juntos — os lugares que veríamos, a vida que construiríamos, e a família que criaríamos. Obrigada por me amar durante tudo isto.

Para Annie, a minha companheira peluda e mais leal: você é a melhor irmã imaginável para Taran, a melhor co-pilota ao escrever esses livros, e o melhor carinho depois de um longo dia de trabalho. Adoro sua cauda encaracolada, suas orelhas de morcego, sua ousadia infalível — e a sua doce e amorosa alma.

À minha amiga e irmã Jenn Kelly: penso que quando finalmente lerem este livro, compreenderão o impacto que a sua amizade teve em mim, e o bem que trouxe à minha vida. Você continuou estendendo seu mão, e eu serei eternamente grata.

Ao meu editor e colega fanático das palavras cruzadas do New York Times, Noa Wheeler: você é um gênio. Um verdadeiro gênio, e um salva-vidas, e o melhor editor com quem já tive o prazer de trabalhar. Obrigada, obrigada, obrigada pelo seu incrível trabalho árduo, pelas suas ideias inteligentes e atenciosas, e por me empurrar para ser uma escritora melhor. Acordo todas as manhãs verdadeiramente entusiasmada por trabalhar contigo e aprender contigo, e não sei por onde começar a dizer como sou grata por isso.

Para a meu agente, Robin Rue: obrigada não parece adequado por tudo o que fez por mim, e o quanto eu adoro trabalhar contigo. Você chegou no exato momento da minha vida em que mais precisava de você e dos seus conhecimentos, e agradeço ao universo todos os dias por ter a honra de te chamar meu agente. Apesar de já termos tido um milhão de chamadas no Zoom, mal posso esperar para um dia abrir uma taça de champanhe (rs) contigo pessoalmente!

À Jill Gillett: é a minha fada madrinha que não aceita merda de ninguém. Obrigada por trabalhar tão incansavelmente para tornar realidade tantos dos meus sonhos — e por ser um ser humano brilhante e encantador.

À Victoria Cook: você é o epítome de uma pessoa fodona, e sou tão grata por te ter ao meu lado.

Para Maura Wogan: obrigada, obrigada, obrigada pela sua sabedoria, trabalho árduo e generosidade.

À Cecilia de la Campa: você é uma das pessoas mais incríveis e trabalhadoras dessa indústria. Obrigada por ter me defendido e aos meus livros!

À Beth Miller: você é um raio de sol real e a pessoa mais organizada que já conheci. Eu me curvo perante a sua capacidade de tomar notas! Sou muito grata por tudo o que faz.

À equipe da Writers House: embora não tenhamos trabalhado juntos durante muito tempo, já ultrapassaram as minhas expectativas mais altas. Não consigo imaginar os meus livros em melhores mãos — ou com pessoas melhores! Estou tão orgulhosa de fazer parte da sua família!

À Laura Keefe: obrigada pelo seu trabalho árduo e pelas dicas sobre brinquedos para ocupar Taran! É tão divertido trabalhar contigo — obrigada por tudo!

À toda a equipe global da Bloomsbury — Nigel Newton, Emma Hopkin, Kathleen Farrar, Rebecca McNally, Cindy Loh, Valentina Rice, Nicola Hill, Amanda Shipp, Marie Coolman, Lucy Mackay-Sim, Nicole Jarvis, Emily Fisher, Emilie Chambeyron, Patti Ratchford, Emma Ewbank, John Candell, Donna Gauthier, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Nick Sweeney, Claire Henry, Nicholas Church, Fabia Ma, Daniel O'Connor, Brigid Nelson, Sarah McLean, Sarah Knight, Liz Bray, Genevieve Nelsson, Adam Kirkman, Jennifer Gonzalez, Laura Pennock, Elizabeth Tzetzso, and Valerie Esposito: Obrigada pelo seu trabalho duro e incrível!

À Kaitlin Severini: muito obrigada pela sua meticulosa edição!

À Christine Ma: muito obrigada pela sua revisão de olhos de águia.

Aos meus editores de todo o mundo: sou profundamente grata por todo o seu apoio e por todo o esforço que colocaram na entrega destes livros nas mãos de leitores de todo o mundo.

À Jillian Stein: você é tão divertida de trabalhar, e uma das pessoas mais fantásticas que eu conheço. Obrigada por todo o trabalho árduo — e por ser você!

À Tamar Rydzinski: muito obrigado pela sua dedicação e gentileza.

A Nick Odorisio, na verdade mestre Jedi. Muito obrigada por me acompanhar em tudo, desde o equilíbrio até à importância dos pés até ao básico da maestria Jedi. Tanta da sua sabedoria entrou neste livro (juntamente com as minhas reclamações sobre os abdominais e as tábuas e a minha falta de equilíbrio!)

A Jason Chen: obrigada pelo seu artigo sobre como dar um murro — e a Aiman Farooq, Keith Horan, Chris Waguespack, e Pete Carvill pela inestimável visão e dicas nele fornecidas. Se alguma vez estiver numa luta de bar, espero poder me lembrar pelo menos de alguns dos seus conselhos! Se me enganei em alguma das informações contidas neste livro, a culpa é inteiramente minha.

Obrigada a Anna Victoria, cuja aplicação de treino (Fit Body) me ajudou a experimentar em primeira mão grande parte da transformação física de Nestha. Nunca percebi o quanto significaria para mim ser capaz de fazer uma única flexão (embora pudesse passar sem aqueles agachamentos búlgaros!). E obrigado ao Headspace, pela calma e descanso que encontrei através da meditação.

Ao Dr. C: há tanta coisa que gostaria de te dizer, e sei que tudo isto ficará aquém da minha gratidão. Mas vou me contentar com um agradecimento pelo quanto me ajudou.

Gostaria de estender os meus mais profundos agradecimentos a Mahu Whenua na Nova Zelândia. Andar pelas trilhas da montanha, ouvir o rugido do rio, ver o sol mudar através da terra — tudo isto inspirou a caminhada de Nestha e Cassian. (Embora tenha quase partido o meu tornozelo algumas vezes enquanto tentava escrever notas e continuar a caminhar!). A sua propriedade é o meu lugar favorito no mundo, onde experimentei um nível de paz e clareza que ainda não consigo explicar bem. Obrigada a você e ao povo Maori pela cura que estas terras trouxeram à minha alma cansada.

Para Lynette Noni: obrigada pela amizade que alegra os meus dias, e por ser a parceira crítica mais esperta do planeta. Não sei o que faria sem você!

Para a minha amiga Steph Brown: eu te amo. E isso. (Está bem, não é tudo, mas sabe o que sinto por você a esse ponto!)

À Louisse Ang e Laura Ashforth: já disse cerca de mil vezes, mas quero que saibam o quanto as adoro e a sorte que tenho em conhecer ambas.

Aos meus maravilhosos pais e família: há tanto tempo que não podemos nos ver pessoalmente, mas senti o seu amor mesmo a centenas de quilômetros de distância. Não sei o que faria sem vocês. E aos meus sogros, Linda e Dennis: obrigada pelo chocolate (mesmo quando eu disse que não queria nenhum!), por serem avós tão carinhosos, e pelo amor incondicional.

E por último, a todos os meus leitores: a bondade, generosidade, e apoio de vocês significam o mundo para mim. Obrigada por levarem estes personagens nos seus corações, e por me permitirem fazer o que mais amo para viver. Sou eternamente grata.

Equipe Silver Flames

Agradecemos a todos que nos acompanharam nessa jornada, lendo capítulos a capítulos conosco e a todos que nos mandaram mensagens de apoio e suporte no twitter e no telegram. Queríamos entregar uma tradução rápida e de qualidade da nossa autora favorita e dessa obra que foi tão aguardado por todos nós.

Obrigada a você que está lendo esse livro por nossa tradução, conseguimos acabar em menos de duas semanas após o lançamento. E obrigada, também, a todas as pessoas da equipe que traduziram e revisaram e doaram seu tempo — que aprenderam e aprimoraram com esse trabalho voluntário.

Agradeço as mais de 15 mil pessoas que viram nossos epub's e espero que esse livro tenha plantado a sementinha da leitura em muitos de vocês — continuem lendo mais livros da Sarah, dessa saga e também de outros autores. Recomendamos que assim que puderem, vocês comprem os livros dos autores que vocês gostam para ajudá-los e prestigiá-los!

Planejamos traduzir mais livros da **Sarah J. Maas**, ainda esse ano como a novela e **Crescent City 2** e talvez, alguns outros escritores, como **From Blood and Ash Series 3** da Jennifer Armentrout. Se quiserem nos acompanhar mais basta ver o nosso:

Twitter: <https://twitter.com/acosfbr> ou @acosfbr

Telegram: <https://t.me/acosfpt>

Extra Azriel

A Casa do Rio finalmente caiu em silêncio após a áspera festa de Solstício de Inverno, as luzes feéricas diminuindo para lançar pequenas poças de ouro em meio à sombra profunda da noite mais longa do ano.

Amren, Mor e Varian finalmente foram dormir, mas Azriel se encontrou vagando na parte de baixo.

Ele sabia que deveria dormir um pouco. Ele precisava disso ao amanhecer, para a batalha de bola de neve na cabana. Cassian havia mencionado nada menos que seis vezes esta noite que ele tinha um plano secreto em relação à sua chamada vitória iminente. Az deixou seu irmão se vangloriar.

Especialmente porque Azriel estava planejando sua própria vitória por um ano.

Cassian não saberia o que o estava aguardando. E Az planejava se aproveitar completamente do fato de que Nestha provavelmente não deixaria Cassian dormir muito essa noite.

Az riu para si mesmo, para as sombras ao redor dele.

Dormir, elas pareciam sussurrar em seu ouvido. *Dormir*.

Eu gostaria de conseguir dormir, ele respondeu silenciosamente.

Muitos pensamentos afiados o cortavam sempre que ele ficava imóvel o suficiente para ser atingido. Muitos desejos e necessidades deixaram sua pele superaquecida e retesando através de seus ossos. Então ele dormia quando seu corpo cedeu, e mesmo assim apenas por algumas horas.

Azriel examinou a sala vazia, presentes e fitas sujando os móveis. Cassian e Nestha não haviam reaparecido no andar de baixo, embora isso não fosse nenhuma surpresa. Ele estava contente pelo irmão, e ainda assim...

Azriel não conseguia controlar. A inveja em seu peito. Inveja de Cassian, de Rhysand.

Ele sabia que seria engolido pelo sentimento se subisse para seu quarto, então permaneceu aqui próximo ao fogo da lareira que estava se apagando.

Mas até mesmo o silêncio pesava muito, e apesar das sombras lhe fazerem companhia, como sempre fizeram e como sempre fariam, ele se encontrou saindo do cômodo. Entrando na sala de estar.

Passos suaves surgiram sob o arco da escada e lá estava ela.

As luzes feéricas pintaram o cabelo solto de Elain com um tom de dourado, fazendo-o brilhar como o sol ao amanhecer. Ela parou, a respiração presa na garganta.

— Eu... — Ele observou ela engolir em seco. Ela segurou um pequeno presente nas mãos. — Eu ia deixar isso na sua pilha de presentes. Eu esqueci de dar a você mais cedo.

Mentira. Bom, a segunda parte era uma mentira. Ele não precisou que suas sombras lessem seu tom, o leve enrijecimento de seu rosto. Ela havia esperado até todos estarem dormindo antes de voltar ao andar de baixo, onde ela deixaria seu presente no meio dos outros presentes abertos, sutil e despercebido.

Elain diminuiu a distância entre eles e sua respiração acelerou quando ela pausou novamente, agora a poucos centímetros de distância. Ela estendeu o presente embrulhado, sua mão trêmula. — Aqui.

Az tentou não olhar para seus dedos com cicatrizes enquanto pegava o presente. Ela não havia comprado um presente para seu parceiro. Mas ela comprou um para Azriel no ano passado — Um pó para dor de cabeça que ele mantinha em sua mesa de cabeceira na Casa do Vento. Não para usar,

apenas para olha-lo. O que ele fazia todas as noites que dormiu lá. Ou que tentou dormir.

Azriel desembulhou a caixa, olhando para o cartão que apenas dizia: *Você talvez considere isso útil na Casa ultimamente*, e então abriu a tampa.

Duas pequenas bolhas de tecido em forma de feijão estavam lá dentro. Elain murmurou — Você os coloca nos ouvidos e eles bloqueiam qualquer som.

Com Nestha e Cassian morando lá com você...

Ele riu, incapaz de suprimir o impulso. — Não me admira que você não quis que eu abrisse na frente de todos.

A boca de Elain contraiu-se em um sorriso. — Nestha não apreciaria a piada.

Ele sorriu de volta para ela. — Eu não tinha certeza se deveria dar-lhe o seu presente.

Ele deixou o resto não mencionado. Porque seu parceiro estava aqui, dormindo um nível acima. Porque seu parceiro estava na sala da família e Azriel teve que ficar próximo da porta o tempo todo porque não suportava aquilo, o cheiro de seu laço de parceria, e precisava ter a opção de deixar o cômodo se aquela situação se tornasse demais.

Os grandes olhos castanhos de Elain piscaram, ciente de tudo isso. Assim como ele sabia que ela estava bem ciente do por que Azriel raramente vinha para jantares de família hoje em dia.

Mas hoje, aqui no escuro e no silencio, sem ninguém para ver.... Ele puxou a pequena caixa de veludo das sombras ao seu redor. Abriu para ela.

Elain prendeu uma respiração suave que sussurrou sobre sua pele. Suas sombras deslizaram de volta com o som. Elas sempre foram propensas a desaparecer quando ela estava por perto.

O colar dourado parecia comum — sua corrente simples, o amuleto pequeno o suficiente que poderia ser descartado como um charme. Era uma

pequena rosa plana em forma de vitral, desenhada de uma forma que, se voltada para a luz, a verdadeira profundidade das cores tornar-se-iam visíveis. Algo com uma beleza encantadora e secreta.

—É lindo. — Ela sussurrou, tirando-o da caixa. A luz feérica brilhou através das pequenas facetas de vidro, definindo seu encanto brilhando com tons de vermelho, rosa e branco. Azriel deixou suas sombras afastarem a caixa enquanto ela dizia suavemente. — Você coloca-o em mim?

Sua mente ficou silenciosa. Mas ele pegou o colar, abrindo o fecho enquanto ela expunha suas costas, puxando seu cabelo para cima com uma mão fazendo-o descobrir seu pescoço longo e macio.

Ele sabia que era errado, mas lá estava ele deslizando o colar ao redor dela. Deixando suas mãos com cicatrizes tocarem a pele imaculada dela. Deixando-as acariciar o lado de sua garganta, saboreando a textura aveludada. Elain estremeceu e ele demorou muito para fechar o fecho.

Os dedos de Azriel permaneceram em sua nuca, acima do primeiro nó de sua coluna. Lentamente, Elain girou em seu toque. Até a palma de sua mão estar plana sobre o pescoço dela.

Nunca foi tão longe assim. Eles trocaram olhares, houve ocasionais roçar de seus dedos, mas nunca isso. Nunca toque irrestrito e descarado.

Errado — Era tão errado.

Ele não se importava.

Ele precisava saber qual era o sabor da pele do pescoço dela. Qual o sabor daqueles lábios perfeitos. De seus seios. Sua boceta. Ele precisava dela gozando em sua língua...

O pau de Azriel endureceu por trás de suas calças, doendo de tal forma que ele mal conseguia pensar. Ele rezou para que ela não olhasse para baixo. Rezou para que ela não entendesse a mudança em seu cheiro.

Ele só se permitia ter esse tipo de pensamento na calada da noite. Só tinha permitido que sua mão pegasse seu pau e pensasse nela quando até mesmo suas sombras adormecessem. Como aquele lindo rosto poderia ficar enquanto ele a penetrava, quais sons ela faria.

Elain mordeu seu lábio inferior e Azriel teve que assumir cada grama de contenção em si mesmo para não colocar seus próprios dentes ali.

— Eu deveria ir. — Elain disse, mas não se moveu.

— Sim. — Ele disse, seu polegar fazendo movimentos extensos ao longo de sua garganta.

A excitação dela subiu até ele e seus olhos quase rolaram para trás de sua cabeça com seu perfume doce. Ele imploraria de joelhos por uma chance de prová-la. Mas Azriel apenas acariciou seu pescoço novamente.

Elain estremeceu, chegando mais perto. Tão perto que uma respiração profunda roçaria os seios dela contra seu peito. Ela olhou para ele, seu rosto tão confiável, esperançoso e franco que ele soube que ela não fazia ideia de que ele tinha feito coisas horríveis que mancharam suas mãos muito além daquelas cicatrizes.

Coisas tão horríveis que era um sacrilégio seus dedos tocarem a pele dela, manchando-a com sua presença.

Mas ele poderia ter aquilo. Esse único momento e talvez uma prova dela, e seria apenas isso.

— Sim. — Elain respirou, como se ela tivesse entendido a decisão. Apenas essa prova na calada da noite mais longa do ano, onde apenas a Mãe poderia testemunhá-los.

A mão de Azriel deslizou pelo pescoço dela, enterrando-se em seus cabelos grossos. Inclinando sua cabeça do modo que ele queria. A boca de Elain se separou ligeiramente, os olhos dela encarando os seus antes de se fechar.

Oferta e permissão.

Ele quase grunhiu de alívio e necessidade enquanto abaixava sua cabeça na direção dela.

Azriel.

A voz de Rhys trovejou através dele, parando-o a poucos centímetros da boca doce de Elain.

Azriel.

Uma ordem implacável preencheu seu nome e Azriel ergueu os olhos.

Rhysand estava no topo da escada. Olhando furiosamente para eles.

Meu escritório. Agora.

Rhys desapareceu e Azriel foi deixado parado na frente de Elain, que ainda esperava o seu beijo. O estômago dele revirou enquanto ele puxou a mão do cabelo dela e recuou. Ele se forçou a dizer. — Isso foi um erro.

Ela abriu os olhos, mágoa e confusão guerreando ali antes dela sussurrar. — Eu sinto muito.

— Você não.... Não se desculpe. — Ele conseguiu dizer — Nunca se desculpe por isso. Eu é que deveria... — Ele balançou a cabeça, incapaz de suportar a desolação que trouxe a expressão dela. — Boa noite.

Azriel atravessou nas sombras antes que ela pudesse falar qualquer coisa, aparecendo nas portas do escritório de Rhysand um segundo depois. Suas sombras sussurraram em seu ouvido que Elain tinha ido para o andar de cima.

Rhys estava sentado em sua mesa, a fúria de uma noite sem lua em seu rosto.

Ele perguntou suavemente. — Você está louco?

Azriel vestiu a máscara congelada que aperfeiçoou enquanto estava na masmorra de seu pai. — Eu não sei do que você está falando.

O poder de Rhys ondulou pela sala como uma nuvem obscura. — Estou falando de *você*, prestes a beijar Elain no meio do corredor *onde qualquer um poderia ver*. — Ele rosnou — *Incluindo o parceiro dela*.

Azriel enrijeceu. Deixou sua raiva fria subir a superfície, a raiva que ele só deixava Rhysand ver, porque sabia que seu irmão era capaz de se igualar. — E se o Caldeirão estava errado?

Rhysand piscou. — E a Mor, Az?

Azriel ignorou a pergunta. — O Caldeirão escolheu três irmãs. Me fale como é possível que meus dois irmãos estão com duas dessas três irmãs, e ainda assim a terceira foi dada a outro. — Ele nunca havia ousado falar essas palavras em voz alta antes.

O rosto de Rhys perdeu toda a cor. — Você acredita que *merece* ser o parceiro dela?

Azriel fez uma careta. — Eu acho que Lucien nunca vai ser bom o suficiente para ela, e de qualquer forma, ela não tem nenhum interesse nele.

— Então você vai fazer o que? — A voz de Rhys era puro gelo. — Seduzir ela para longe dele?

Azriel não disse nada. Ele não havia chegado tão longe com seu planejamento, certamente não além das fantasias nas quais ele se satisfazia.

Rhys rosnou. — Permita-me deixar uma coisa muito clara. Você deve ficar longe dela.

— Você não pode me ordenar a fazer isso.

— Oh, eu posso e eu vou. Se Lucien descobrir que você está atrás dela, ele tem todo o direito de defender o laço deles como preferir. Inclusive invocando o Duelo de Sangue.

— Isso é uma tradição da Corte Outonal. — A batalha até a morte era tão brutal que era promulgada apenas em casos raros. Apesar de ser um estranho, Azriel queria invocá-lo quando encontrou Mor anos atrás. Ele

estava pronto para desafiar tanto Beron quanto Eris para Duelos de Sangue e matar os dois.

Apenas o direito de Mor de reivindicar suas cabeças em vingança o impediu de fazer isso.

— Lucien, como filho de Beron, tem o direito de exigir isso de você.

— Eu acabarei com ele com pouco esforço. — Pura arrogância atada a cada palavra, mas era a verdade.

— Eu sei. — Os olhos de Rhys piscaram. — E fazendo isso, você vai acabar com qualquer paz e aliança frágil que nós temos, não apenas com a Corte Outonal, mas também com a Corte Primavera e Jurian e Vassa. — Rhys mostrou os dentes. — Portanto, você vai deixar Elain em paz. Se você precisar foder alguém, vá em um bordel e pague por isso, mas *mantenha-se longe dela*.

Azriel rosnou baixinho.

— Rosne o quanto quiser. — Rhys se recostou na cadeira. — Mas se eu ver você correndo atrás dela novamente, farei você se arrepender.

Rhys raramente ameaçava punir ou usava de sua posição com Grão-Senhor.

Isso atordoou Azriel o suficiente para acabar com sua raiva.

Rhys apontou com o queixo em direção à porta. — Saia.

Azriel dobrou as asas e saiu sem dizer outra palavra, caminhando pela casa até o gramado da frente para sentar-se à luz das estrelas gélidas. Para deixar o gelo em suas veias combinar com o ar ao seu redor.

Até que ele não sentiu nada. De novo, não sentia nada.

Então ele voou de volta para a Casa do Vento, sabendo que se ele dormisse ali, acabaria fazendo algo que se arrependeria depois. Ele esteve tão vigilante em se manter o mais longe possível de Elain e se manteve aqui

para evita-la e esta noite... Esta noite provou que ele estava certo em fazer isso.

Ele foi direto para a área de treinamento, cedendo à necessidade de livrar-se da tentação, raiva, frustração e da carência contorcida.

Ele encontrou o local já ocupado. Suas sombras não haviam o avisado.

Era tarde demais para voltar sem dar a impressão de que estava correndo.

Azriel pousou no ringue a poucos metros de onde Gwyn praticava na noite fria, sua espada brilhando como gelo ao luar.

Ela parou no meio do corte, girando para encará-lo. — Eu sinto muito. Eu sabia que todos vocês estavam indo para a casa do rio, então não pensei que alguém iria se importar se eu viesse aqui em cima e...

— Está tudo bem. Eu vim para pegar algo que esqueci. — A mentira foi suave e fria, como ele sabia que seu rosto estava. Suas sombras espreitaram por cima de suas asas para vê-la.

A jovem sacerdotisa sorriu — e Azriel achou que poderia ter sido direcionado as suas sombras curiosas. Mas ela apenas prendeu seu cabelo castanho acobreado atrás de uma orelha pontuda. — Eu estava tentando cortar a fita.

— Ela apontou com a espada para a fita branca, que parecia brilhar como prata.

— Você não está com frio? — A respiração dele anuviou em sua frente.

Gwyn encolheu os ombros. — Depois de começar a se mover, você para de perceber isso.

Ele assentiu, o silêncio tomando conta. Por um segundo, os seus olhares se encontraram. Ele bloqueou a memória sangrenta que surgiu na mente, tão em desacordo com a Gwyn que ele via diante dele agora.

A cabeça dela abaixou, como se estivesse lembrando também. Que ele tinha sido aquele que a encontrou naquele dia em Sangravah. — Feliz Solstício. — Ela disse, tanto uma despedida quanto uma bênção de feriado.

Ele bufou. — Você está me expulsando daqui?

Os olhos azuis esverdeados de Gwyn brilharam em alarme. — Não! Quer dizer, eu não me importo de dividir o ringue. Eu só... Eu sei que você gosta de ficar sozinho. — A boca dela se curvou para o lado, enrugando as sardas em seu nariz. — É por isso que veio até aqui?

Mais ou menos.

— Eu esqueci algo. — Ele a lembrou.

— As duas da manhã?

Diversão pura cintilou em seu olhar. Muito melhor do que a dor e luto que ele notou um momento antes. Então ele a ofereceu um sorriso torto. — Não consigo dormir sem minha adaga preferida.

— Um conforto para cada criança em crescimento.

Os lábios de Azriel se contraíram. Ele se absteve de mencionar que realmente dormia com uma adaga. Muitas adagas. Incluindo uma debaixo de seu travesseiro.

— Como foi a festa? — A respiração dela enrolou-se na frente da boca e uma de suas sombras disparou para dançar com ela antes de voltar para ele. Como se tivesse ouvido alguma música silenciosa.

— Boa. — Ele disse, e percebendo um pouco depois que aquela não era uma resposta socialmente aceitável. — Foi ótima.

A resposta não foi muito melhor. Ele então perguntou — Você e as sacerdotisas tiveram alguma celebração?

— Sim, embora o serviço tenha sido o principal destaque.

— Entendo.

Ela inclinou a cabeça, o cabelo brilhando como metal derretido. — Você canta?

Ele piscou. Não era todo dia que alguém o surpreendia, mas... — Por que você pergunta?

— Eles te chamam de encantador de sombras. É porque você canta?

— Eu *sou* um encantador de sombras. Não é um título que alguém simplesmente inventou.

Ela encolheu os ombros novamente. Irreverentemente. Az estreitou os olhos, estudando-a. — Então? — Ela pressionou — Você canta?

Azriel não conseguiu conter sua risada suave. — Sim.

Ela abriu a boca para perguntar mais sobre o assunto, mas ele não estava a fim de se explicar. Ou demonstrar, já que com certeza aquela seria a próxima pergunta dela. Então Az apontou com o queixo para a espada pendurada na mão de Gwyn. — Tente cortar a fita novamente.

— O que... com você assistindo?

Ele assentiu.

Ela considerou, e ele se perguntou se ela diria não, mas Gwyn respirou fundo, firmou os pés, se equilibrou e desferiu o golpe. Um lindo, preciso golpe, mas não cortou a fita.

— De novo. — Ele ordenou esfregando as mãos contra o frio, grato por sua mordida revigorante e pela distração da lição improvisada.

Gwyn desferiu outro golpe, mas a fita permaneceu inflexível.

— Você está girando um pouco a lâmina conforme ela fica paralela ao solo.

— Azriel explicou, puxando a lâmina Illyriana de suas costas. — Assim. — Ele demonstrou lentamente, rodando seu pulso onde ela fez o mesmo. —

Você vê como se abre bem aqui? — Ele corrigiu a posição. — Mantenha o seu pulso dessa forma. A lâmina é uma extensão do seu braço.

Gwyn tentou fazer o movimento tão lentamente quanto ele tinha feito e ele a assistiu se corrigir, lutando contra o desejo de abrir o pulso dela corretamente e girar a lâmina. Ela fez isso três vezes antes de cair na repetição como um mau hábito. — Eu culpo Cassian por isso. Ele está muito ocupado olhando para Nestha para notar esses erros ultimamente.

Azriel riu. — Vou ter que concordar.

Gwyn sorriu amplamente. — Obrigada.

Azriel baixou a cabeça curvando-se levemente, algo inquieto instalando-se nele. Até suas sombras se acalmaram. Como se estivessem contentes em descansar em seus ombros e assistir.

Mas... Dormir. Ele precisava pelo menos tentar conseguir dormir.

— Feliz Solstício. — Azriel disse antes de se direcionar até a entrada da Casa.

— Não fique aqui fora por muito mais tempo. Você vai congelar.

Gwyn acenou em despedida, novamente encarando a fita. Uma guerreira avaliando um oponente, todos os vestígios daquela irreverência encantadora se foram.

Azriel entrou no calor da escada e, enquanto descia, poderia jurar que um canto suave e bonito o seguiu. Poderia jurar também que suas sombras cantaram em resposta.

Ele dormiu tão bem quanto o esperado, mas quando Azriel retornou à casa do rio para recolher seus presentes antes do amanhecer, encontrou o colar de Elain no meio de suas coisas. Ele o guardou. Passou o resto do dia, até durante a maldita batalha de bola de neve, com a intenção de devolvê-lo à loja Palácio de Fios e Jóias.

Mas quando ele retornou da cabana nas montanhas, ele não foi para a praça do mercado. Em vez disso, ele se viu na biblioteca abaixo da Casa do Vento, parado diante de Clotho quando o relógio bateu às sete da noite.

Ele deslizou a pequena caixa em sua mesa. — Se você ver Gwyn, poderia dar isso a ela?

Clotho inclinou sua cabeça encapuzada e sua caneta encantada escreveu em um pedaço de papel. *Um presente de solstício seu?*

Azriel deu de ombros. — Não conte a ela que o presente veio de mim.

Por que?

— Ela precisa saber? Diga somente que foi um presente de Rhys.

Isso seria uma mentira.

Ele evitou a vontade de cruzar os braços, não quero parecer intimidante. Ele bloqueou a memória que cruzou sua mente — de sua mãe encolhendo-se diante de seu pai, o homem parado com os braços cruzados de tal forma que manifestava seu descontentamento antes mesmo de abrir a boca odiosa.

— Olha, eu... — Az procurou as palavras, sua voz tornando-se serena. — Se houver outra sacerdotisa aqui que talvez apreciaria o presente, dê a ela. Mas eu não vou levar esse colar comigo quando sair daqui.

Ele aguardou a caneta de Clotho terminar de escrever. *Seus olhos estão tristes, encantador de sombras.*

Ele lhe deu um sorriso sombrio. — Eu perdi a guerra de bola de neve hoje.

Clotho era inteligente o suficiente para ver através de sua reflexão. Ela escreveu. *Eu vou entregar a Gwyneth, irei dizer que um amigo deixou para ela.*

Ele não iria tão longe ao ponto de chamar Gwyn de amiga, porém... — Certo.

Obrigada.

A caneta de Clotho moveu-se mais uma vez. *Ela merece algo tão bonito quanto isso. Eu lhe agradeço pela alegria que isso trará a ela.*

Algo acendeu no peito de Azriel, mas ele apenas acenou em agradecimento e saiu. Ele poderia imaginar isso, porém, enquanto subia as escadas para a Casa propriamente dita. Como os olhos azuis esverdeados de Gwyn poderiam se iluminar ao ver o colar. Por alguma razão... ele poderia ver isso.

Mas Azriel guardou o pensamento, conscientemente apagando o leve sorriso que trouxe para seu rosto. Enterrou a imagem bem fundo, onde brilhou silenciosamente.

Algo com uma beleza encantadora e secreta.

Extra Feysand

Feyre

Bem, isso correu melhor do que eu pensava. — Rhys admitiu depois que todos tinham partido, encostando sua cabeça para trás contra o braço do grande sofá da sala de estudos. Nestha e Cassian haviam retornado à Casa do Vento, onde minha irmã havia prometido encontrar uma maneira de começar a procurar os Tesouros da Morte. Meu companheiro acrescentou ironicamente.

— Apesar daquele desastre com Elain e Nestha.

Eu havia voltado de conversar com minha irmã sobre o bebê — o menino — para encontrar Rhys deitado no sofá, um braço sob sobre seus olhos, aparentemente precisando de um momento de paz depois de suportar a exuberante euforia de Cassian e Azriel.

Eu mergulhei no sofá ao lado do Rhys, levantando suas pernas musculosas para balançar sob elas. — Elain mostrou alguns dentes. — Eu observei. — Eu não estava esperando isso. — Ou o que ela havia dito sobre seu trauma persistente. Eu quis dizer o que tinha discutido com Nestha. Quantas vezes eu tinha me concentrado apenas no meu terror durante o sofrimento de Elain?

Rhys me observou através de olhos meio fechados, o retrato da graça ociosa.

Mas ele disse com cuidado. — Como você se sente a respeito disso?

Eu encolhi os ombros, encostando minha cabeça para trás contra as almofadas. — Culpada. Ela dirigiu tudo isso a Nestha, mas eu também

mereço.

Elain e eu tínhamos ficado mais próximos desde que a guerra com Hybern havia terminado. É verdade, eu poderia nunca sair para beber com ela do jeito que bebi com Mor, e às vezes com Amren, mas... bem, com um bebê vindo, eu não podia beber de qualquer maneira. E embora eu pudesse nunca correr para Elain primeiro com problemas ou para pedir conselhos, nós tínhamos um entendimento pacífico e amigável. Eu a achei uma companheira agradável.

Fiquei imaginando se ela se ressentiria desse julgamento. Certamente que sim.

Rhys perguntou — Você já viu Elain agir dessa maneira antes?

— Não. — Eu mordi meu lábio inferior. O olhar de Rhys acompanhou o movimento. — Ela tem sido corajosa quando tinha que ser, mas nunca foi conflituosa.

— Talvez ela nunca tenha tido a chance de ser assim.

Eu bati minha cabeça em sua direção. — Você acha que eu a sufoco?

Rhys ergueu suas mãos. — Não só você. — Ele pesquisou o estudo como ele pensava. — Mas eu me pergunto se todos passaram tanto tempo assumindo que Elain é doce e inocente que sentiu que tinha que ser assim ou então ela "desapontaria a todos vocês". — Ele suspirou em direção ao teto. — Com tempo e segurança, talvez venhamos a ver um lado diferente dela emergir.

— Isso soa perigosamente perto do que Nestha disse sobre Elain finalmente se tornar interessante.

— Às vezes, Nestha não está errada.

Eu brilhava no Rhys. — Você acha que Elain é chata?

— Acho que ela é gentil, e eu vou levar a gentileza por cima da grosseria a qualquer dia. Mas também acho que ainda não vimos tudo o que ela tem a

oferecer. — Um canto de sua boca puxado para cima. — Não esqueça que a jardinagem muitas vezes resulta em algo bonito, mas envolve sujar as mãos ao longo do caminho.

— E dilacerado por espinhos. — Lembrei de uma manhã no verão passado, quando Elain entrou em casa, sua palma direita sangrando de vários cortes, graças a uma roseira teimosa que havia perfurado suas luvas.

Os espinhos haviam quebrado em sua pele, deixando luvas com farpas afiadas que eu tinha que puxar livre.

Não ousei mencionar que se ela estivesse usando as luvas encantadas que Lucien tinha conseguido seu último solstício, nada as teria perfurado.

Eu suspirei, sem esfregar o estômago vazio. — Vamos nos concentrar em ajudar uma irmã antes de começarmos pela outra.

— De acordo. — Rhys arrastado.

Eu o preendi com um olhar. — Você realmente precisava dar a Nestha aquele olhar de morte mais cedo?

Ele se sentou, a alma da inocência. — Eu não sei do que você está falando, Feyre querida. — Ele se inclinou, e o ar cintilou brevemente enquanto o escudo ao meu redor caía. Os lábios dele passaram por cima da minha bochecha.

— Eu nunca faria uma coisa dessas. Você deve estar pensando em seu outro companheiro.

— Sim, o cruel, superprotetor, meio-insano. — Eu sorri enquanto ele beijava minha mandíbula, depois meu pescoço. Meus dedos dos pés encaracolados.

— Cruel? — Rhys ronronou a palavra contra a minha pele. — Você me feriu.

Deixei-o me deitar nas almofadas, saboreando o peso dele enquanto se preparava em seus cotovelos. — Você parece feliz. — disse ele, seu sorriso

suave e terno de uma forma tão pouco comum no mundo, além do que Velaris jamais viu.

— Eu estou feliz. — disse eu. — Estou feliz por nossa família poder compartilhar de nossa alegria. — Por mais difícil que meu relacionamento com Nesta tenha se tornado, ela havia iluminado algo em meu peito quando nos parabenizou.

— Se você acha que eu sou superprotetor. — disse Rhys, seu cabelo escuro deslizando sobre seu rosto. — Então é só esperar que Mor chegue de Vallahan em casa. Você nunca sairá de casa sem uma escolta.

— Pensei que Azriel e Cassian seriam os únicos com quem se preocupar.

— Eles serão maus. Mas Mor provavelmente acrescentará um segundo escudo a você e aparecerá seis vezes ao dia para ter certeza de que você está comendo e dormindo o suficiente.

Eu gemi. — A Mãe que me poupe.

— Hmmm — disse Rhys, seus olhos quase chacoalhando enquanto brincava com a ponta da minha trança.

Durante um longo minuto, sorrimos um para o outro. Eu bebi em cada plano elegante de seu rosto, cada brasa de calor e felicidade que irradiava dele. — Cassian disse que você tem estado mal-humorado. Por quê?

Eu acreditava em Cassian, mas Rhys não tinha estado nada mal-humorado ao meu redor. Sempre que meu amigo me olhava ultimamente, só o amor puro brilhava em seus olhos.

Eu nunca esqueceria o momento em que aprendemos que eu estava carregando nosso filho aquele lindo menino que o Trinchador de ossos uma vez me havia mostrado. Eu estava sentada em um cavalete na galeria tarde da noite, pintando um pesadelo que eu tinha tido no dia anterior.

As crianças tinham ido para casa, e eu tinha sido o único lá — o que era incomum hoje em dia — e fiquei com alguma rara energia extra após as

aulas.

As coisas que as crianças pintaram muitas vezes me deixavam em lágrimas, embora eu tivesse sempre o cuidado de escondê-las. Mas apesar das emoções complicadas que este trabalho diário havia despertado em mim, ele se mostrou gratificante de uma maneira que eu nunca havia previsto. De certa forma, toda a minha considerável magia nunca me havia feito sentir.

E a única coisa a fazer com esses sentimentos era pintá-los.

O pesadelo havia me deixado desequilibrado o dia inteiro, permanecendo na minha mente como uma espécie de contusão. Eu tinha voltado para debaixo da montanha, uma vez mais enfrentando minha segunda prova, aqueles picos irregulares descendo para me empalar se eu não pegasse a alavanca correta a tempo. De alguma forma eu me tornaria analfabeto novamente, incapaz de decifrar as marcas na parede, forçado a escolher minha salvação ou desgraça ao acaso. Rhys tinha me salvado na época — mas no sonho, ele não tinha estado lá.

Apenas Amarantha tinha estado presente, o Rei de Hybern uma sombra atrás dela, e de alguma forma ninguém sabia onde eu estava, que eu tinha sido arrastado de volta aqui porque ela tinha aprendido que eu de alguma forma havia me enganado da primeira vez, e que eu nunca escaparia, nunca escaparia, nunca escaparia...

Esse foi o último pensamento que tive antes de me forçar a acordar — úmido de suor, meu coração trovejando em meu peito. Rhys tinha mexido, me aconchegando em seu lado, sua asa varrendo sobre nós dois, e embora eu tivesse me aconchegado em seu calor e força, o sono verdadeiro não tinha me encontrado novamente.

Então eu tinha esperado até que as crianças tivessem saído do estúdio para o dia antes de atravessar sobre uma tela em branco e minha paleta. Fiz uma xícara quente de hortelã-pimenta e chá de raiz de alcaçuz, e peguei meu pincel.

Eu estava pintando aquele pesadelo há quase duas horas, de costas para a porta, quando Rhys entrou. Ele permaneceu em silêncio absoluto. Não era o

silêncio contente em que ele às vezes caía enquanto me observava pintando.

Era um silêncio puro e chocado.

Eu me torcia para olhar para ele bem a tempo de vê-lo bater de joelhos. E então ele estava chorando, e rindo, e tudo o que eu conseguia perceber em seu balbuciar extasiado era uma palavra: *bebê*. Eu tinha saltado do banco. Eu também estava chorando quando me lancei em seus braços, derrubando-nos aos dois no chão, e ele punha uma mão no meu estômago em espanto.

Algo havia mudado em meu cheiro desde que eu me despedi daquela manhã, talvez até mesmo desde que me despedi das crianças. A vida tinha finalmente se enraizado dentro de mim.

Tínhamos nos deitado juntos no chão, nossas risadas e nossas lágrimas se misturando, e só quando nos acalmamos é que eu o tinha beijado. Nossas roupas tinham desaparecido depois disso, e eu o tinha montado no chão do estúdio, deixando a luz dentro de mim brilhar o suficiente para lançar sombras através da sala. Ele tinha começado a chorar novamente enquanto me via em movimento, lágrimas silenciosas correndo através da noite beijada por estrelas derramando dele, e quando eu me inclinei para lambê-las, ele tinha chegado ao clímax com tanta força que me enviou em espiral ao meu próprio pico.

E agora, assim como ele havia feito depois daquele tempo no estúdio, seus dedos começaram a traçar círculos ociosos sobre meu estômago, até meus seios, já pesados e doloridos de uma forma que não tinha nada a ver com a construção do desejo entre minhas pernas. Tinha sido um dos primeiros sinais, além do vômito que ultimamente tinha sido quase 24 horas: meus seios, inchados e *doíam*.

Rhys circulou um dos meus mamilos, e ele endureceu sob seu toque. Ele o observava empinando minha camisa, como um gato observando um rato.

— Rhys — Eu disse quando minha pergunta ficou sem resposta. — Por que Cassian disse que você tem estado mal-humorado?

Ele fechou a boca ao redor do meu peito, com os dentes me pastando pela camisa — Sem razão.

— Mentiroso. — Eu puxei o cabelo dele, forçando-o a levantar a cabeça. — Me diga.

Ele sacudiu minha mão e enfiou seu rosto na lateral do meu pescoço, baixando seu corpo o suficiente para me mostrar precisamente como isso iria acabar. Eu não consegui impedir que meus quadris se levantassem para conhecê-lo. Outro sinal precoce: Eu estava com muita fome. Não só por comida.

Tinha havido noites em que mal tinha esperado que Rhys entrasse no quarto antes de arrancar sua roupa, antes de cair de joelhos e levar seu pinto no fundo da boca, ou de pedir-lhe que me fodesse contra a parede. Houve dias inteiros em que eu me virei, precisando tanto dele dentro de mim que usei meus daemati presentes para pedir que ele me encontrasse na casa da cidade durante o almoço, já que era mais perto do estúdio do que de nossa nova casa.

Esta linda e perfeita casa que tínhamos construído — com um berçário que, se o Caldeirão deixasse, seria ocupado algum tempo mais tarde nesta primavera.

Rhys havia igualado minha fome implacável à sua própria. Às vezes íamos devagar, saboreando cada centímetro um do outro, a encarnação fazendo amor. Outras vezes - geralmente - era uma foda pura e dura. Ainda esta manhã, eu estava tão cheio de necessidades que mal tínhamos passado por um café da manhã particular em nosso quarto antes de subir em seu colo e montá-lo até que ambos ficamos sem sentido com prazer.

Eu tinha perguntado a Madja sobre isso ontem — se era... normal querê-lo *tanto*.

Sim, ela tinha respondido, olhos brilhantes. Muitas mães expectantes não falam sobre isso, mas tem a ver com a essência alteradora de seu corpo. Não posso lhe dizer por que isso acontece, mas é normal. Aproveite cada momento disso.

Rhys disse contra o meu pescoço. — Tenho estado mal-humorado porque não estou dormindo. — Ele lambeu o lado da minha garganta, e a mão dele se enfiou nas minhas calças. Eu não o parei, não quando seus dedos encontraram minha boceta toda molhada esperando por ele. Ele soltou um rosnado de prazer. — Viu?

Eu sabia que ele estava se cobrando, e deixei-o deslizar. Eu tinha aprendido que Rhys me diria o que o estava incomodando quando ele estava bom e pronto. Talvez Cassian tivesse o interpretando mal — talvez tivesse sido dirigido à minha irmã.

Eu sabia que isso era improvável.

Mas enquanto Rhys deslizava seus dedos dentro de mim, estabelecendo um ritmo maliciosamente preguiçoso, eu o deixei cair. Sempre foi parte de nossa amizade: dar um ao outro o espaço para decidirmos quando estávamos prontos para conversar.

E depois houve nossa barganha final, que nos deixou encantados desde que derrotamos Hybern... Eu o beijei profundamente, com a língua emaranhada com a dele. Não passaríamos um momento neste mundo sem um ao outro. Só podia rezar para que nosso filho encontrasse um dia tal amor.

Rhys me levou à beira do clímax, e então sua mão e minhas roupas se foram.

Ele desabotoou suas calças com uma lentidão zombeteira, observando meu rosto enquanto ele se libertava de seu considerável comprimento. Ele observou meu rosto o tempo todo em que escorregou em mim em um único e poderoso empurrão, parecendo saborear cada um dos meus gemidos e apelos sem fôlego enquanto ele se movia profundamente dentro de mim.

Como se ele estivesse memorizando — tudo isso.

Quando estávamos ambos ofegantes, o rosto de Rhys ainda estava enterrado em meu pescoço, meus dedos se entrelaçando ociosamente em sua camisa úmida, eu disse. — Agora que os outros sabem, parece real.

Rhys sabia o que eu queria dizer. — Ainda há uma pessoa para contar.

Eu sorri, puxando o cabelo dele para que ele olhasse para mim. Rhys obedeceu, olhando para o meu rosto. — Você quer dar a notícia a Mor ou eu posso?

Ele a conhecia há mais tempo, mas eu a considerava minha amiga mais querida. Uma irmã, talvez mais do que as minhas.

— Acho que devemos deixá-lo contar a ela. — disse Rhys, acenando com a barriga para baixo.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Como?

Ele sorriu ironicamente. — Da próxima vez que Mor estiver em casa, deixaremos cair o escudo ao seu redor. Veja quanto tempo ela leva para perfumar você. E ele.

Eu sorri de volta. — Eu gosto disso. — Já desejava ter alguma forma de capturar o rosto de Mor naquele momento. Passei a mão pelo cabelo de seda de Rhys. — Você tem algum nome em mente?

Rhys sorriu. — Ah, sim.

— Eu não confio nesse sorriso nem por um momento.

— Por quê? — Ele puxou de mim e, com uma onda de sua magia, fomos ambos limpos. Eu sufoquei a fome crescente em mim ao vê-lo se aconchegando de novo em suas calças. — Eu nunca lhe daria um nome ridículo.

— Eu não acredito em você. — Eu bati no nariz dele. — Seu sobrenome...

— Não vamos falar do meu sobrenome. — disse ele, batendo na ponta dos meus dedos.

Eu ri. — Tudo bem.

Mas os olhos dele se escureceram. — E quanto a nomeá-lo em homenagem a seu pai?

Meu coração estava tenso. — Você ficaria bem com isso?

— Claro que sim.

Tive que engolir o aperto na garganta enquanto me sentava, de frente para ele completamente. — Talvez por um nome secundário, mas... não. Eu quero que nosso filho tenha um nome próprio.

Nosso filho. As palavras eram estrangeiras, mas adoráveis em minha língua.

Rhys acenou com a cabeça, com o rosto amolecido, como se as palavras também o movessem.

Eu já podia ver o pai que ele se tornará — vê-lo rindo enquanto ele jogava nosso filho no céu, vê-lo dormindo com o menino nesse mesmo sofá, livros deixados em aberto no colo. Nosso filho nunca, nem por um momento, duvidaria de que ele fosse amado e acarinhado. E Rhys iria até os confins do mundo para protegê-lo.

Eu sorria para os devaneios, com as mãos já doendo para pintá-los.

Rhys soltava um zumbido de contemplação. — E quanto a Nyx?

Eu pestanejei. — Nyx?

Rhys apontou para uma das paredes dos livros do estudo. Um livro de couro preso flutuou em direção a seus dedos abertos. Ele virou sem palavras para uma página e depois passou para mim.

Eu digitalizei o texto dentro dele. — Uma antiga deusa noturna?

— Por volta da época dos Tesouros da Morte, na verdade. — disse Rhys. — Ela foi quase sempre esquecida agora, mas eu gosto do som do seu nome. Por que não usá-lo para um menino?

— Nyx... — Voltei a pensar, o nome ecoou no estudo silencioso. Pincelei meus dedos tatuados sobre meu estômago. A mão de Rhys veio sobre a minha, e ambos sorrimos para a pequena vida que se formava dentro do meu corpo.

— Nyx. — Eu disse uma última vez, e poderia ter jurado um brilho de poder noturno, em resposta.

Rhys sugou em uma respiração afiada, como se também tivesse sentido aquele grão de poder.

Juntos, olhamos para nossas mãos unidas, meu estômago sob elas.

Juntos, olhamos para nosso filho, e eu ofereci meus silenciosos agradecimentos à Mãe pelo belo futuro que floresceu diante de nós.